ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 84

1 9 6 4

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1971

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 84

1 9 6 4

SUMARIO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1971

CORRESPONDÊNCIA ATIVA

DE ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

NOTA PRELIMINAR

Ao contrário da maioria dos grandes poetas românticos, Gonçalves Dias deixou vasto material de caráter epistolar, indispensável ao conhecimento em profundidade de sua vida e sua obra.

Não obstante, grande parte dêsse material encontrava-se disperso em mãos de particulares, a princípio, e depois em entidades públicas e privadas, tais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Biblioteca Nacional e Museu Imperial. Por outro lado, embora amplamente utilizadas por Lúcia Miguel Pereira em sua excelente biografia, as cartas de Gonçalves Dias, evidentemente, não poderiam figurar nesse estudo dedicado à sua vida, com exceção é claro de breves transcrições ou citações, tal a quantidade dos documentos. Daí porque, atendendo a uma sugestão de Austregésilo de Ataíde, a Biblioteca Nacional, por decisão de Adonias Filho, seu Diretor, tomou a si a tarefa de reunir e publicar a correspondência do grande poeta existente em seus arquivos, executando-a em duas etapas: esta que representa a Correspondência *Ativa, e uma posterior em que se transcreverá a Correspondência* Passiva.

Pareceu-nos, entretanto, que limitando a publicação das Cartas sòmente ao acervo da Biblioteca Nacional, não estaríamos de fato prestando serviço realmente útil a pesquisadores e estudiosos da vida e obra do poeta. Por isso mesmo decidimos ampliar o objetivo inicial, de modo a abranger não só os documentos (cartas) do acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Museu Imperial, como ainda os já transcritos em jornais, revistas e livros que estivessem ao nosso alcance. Isto não significa, entretanto, que tenhamos reunido *tôda* a correspondência de Gonçalves Dias. É possível, ou até provável, que alguma coisa tenha escapado às buscas realizadas, inclusive porque não foi consultado o arquivo do Itamarati. Mas o que não se poderá contestar é que êste volume, dentro do possível, atendeu no *máximo* aos objetivos em vista. O que ainda restar de documentos gonçalvinos esquecidos em algum arquivo, público ou particular, será muito pouco. Cabe-nos advertir, ainda, que em alguns dêsses documentos nosso conceito de «carta» foi bastante elástico, com plena consciência do fato, de modo a acolher páginas que, embora normalmente não se situem com precisão no gênero epistolar íntimo, caracterìsticamente privado, representassem no entanto contribuição importante para o conhecimento de episódios da vida do poeta ou de sua própria psicologia como homem e como escritor.

Tôda a correspondência transcrita vai acompanhada de siglas que indicam sua origem (B.N. — Biblioteca Nacional; I.H.G.B. — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; M.I. — Museu Imperial), e quando não a fonte vai apontada em nota de pé de página. As cartas *autógrafas* não levam nenhuma

indicação dessa característica. As *não autógrafas*, pelo contrário, estão acompanhadas da indicação «Cópia». Parece-nos relevante esclarecer, ainda, que não nos podemos responsabilizar pela fidelidade do texto das cartas indicadas como «cópia», ou daquelas transcritas de jornais, revistas ou livros, na absoluta ausência em que estivemos de apoio comparativo. As primeiras foram encontradas no volumoso arquivo gonçalvino pertencente à Biblioteca Nacional, e contamos com a erudição de pesquisadores e estudiosos, ou com o acaso, para que venham elas a ser devidamente retificadas ou ratificadas no seu texto. Algumas, também, não trazem indicação do destinatário, apresentando inclusive falhas quanto ao dia, mês e ano em que foram escritas, e ainda nesse ponto esperamos a colaboração dos entendidos. As poucas notas de pé de página não pretendem demonstrar erudição. Tiveram por objetivo, tão-sòmente, identificar certos fatos ou nomes pouco familiares aos não iniciados em história ou literatura do período 1823/1864, assim como a colocação de nomes de destinatários entre colchêtes, no início de algumas cartas, visou apenas facilitar, a êsses mesmos leitores, identificação imediata sem recurso ao Índice.

A transcrição do texto da correspondência ativa de Gonçalves Dias, que não obedeceu a objetivos lingüísticos ou filológicos, fêz-se por isso mesmo sem qualquer aparato e dentro dos critérios da ortografia vigente, salvo em alguns casos como por exemplo nas variantes do tipo «despois»/depois, «pertender»/pretender, «vespora»/véspera, que foram conservadas. No caso dos monossílabos pronominais enclíticos, foram êles ligados ao verbo, com traço de união, nos tempos simples. Desdobraram-se as abreviaturas, mantidas apenas as tradicionais de cortesia ou de início e término de cartas. Outras alterações serão identificadas por se encontrarem entre colchêtes, cabendo ainda esclarecer que as concordâncias verbais foram preservadas mesmo quando manifestamente contrárias aos usos normais da língua. Esclareça-se desde logo que boa parte da correspondência autógrafa do poeta encontra-se em péssimo estado de conservação, de tal modo que a leitura tornou-se verdadeiro e penoso exercício de adivinhação, quando não se fêz de todo impossível. Colaboraram neste trabalho, com o melhor de seus esforços e capacidade, os funcionários Cydnéa Bouyer, Bráulio do Nascimento e Nellie Figueira, cabendo à primeira citada a difícil tarefa de transcrição do texto e cotejo acompanhado, responsabilizando-se o segundo pelos critérios de atualização do texto. A Nellie Figueira, finalmente, coube a fiscalização e acompanhamento gráfico, de que se desincumbiu com a habitual eficiência. Não pretendemos, é claro, ter realizado trabalho isento de erros ou falhas, sobretudo em se tratando de lidar com manuscritos tão sacrificados pelo tempo. Além disso, dada a insuficiência de pessoal, a tarefa de preparação dêste volume foi conduzida paralelamente a outras, pela mesma equipe, que se desdobrou e desdobra, hoje com um elemento a menos, entre os muitos e variados cometimentos editoriais que incumbem a esta Divisão. Finalmente, desejamos agradecer ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Museu Imperial a autorização que nos foi concedida para a utilização do seu acervo gonçalvino, e a boa vontade com que foram ali acolhidos os funcionários encarregados dessa tarefa.

WILSON LOUSADA

1 [Adelaide Ramos Gonçalves Dias] *

Nota da ordem que me deve ser dirigida para eu receber do Sr. Ferreira morador na Cidade do Pôrto a quantia de cento e oito mil réis que tomei de empréstimo para minhas despesas desde julho de 1838 até março de 1840.

Ilmo. Sr.

Caxias — 1840

Por esta minha ordem será V.Sª servido mandar entregar ao Sr. Antônio Gonçalves Dias residente em Coimbra a quantia de cento e oito mil réis em prata de moeda corrente nesse reino, de cuja quantia o dito Sr. Antônio Gonçalves Dias lhe passará os recibos que V.Sª lhe exigir — carregando essa soma em meus débitos para ser descontada em nossas contas.

São Rs. 108$000

— Segunda carta para eu receber do dito Sr. a quantia de 200$rs todos os anos — Livros Casas — e matrículas.

Por esta minha ordem será V.Sª servido prestar todos os anos a Sr. Antônio Gonçalves Dias residente em Coimbra a quantia de 200$rs pagos pontualmente por meses principiando do próximo mês em que lhe fôr esta à mão — pagando-lhe V.Sª além disto todos os anos — livros — expositores — casas — e matrículas — recebendo de tudo do dito Sr. Antônio Gonçalves Dias os recibos que lhes forem mister — continuando estas despesas até minha segunda ordem. — Queira dispor

NB

Vm.cê deverá escrever ao Sr. Ferreira outra carta além destas ordens em que lhe dê parte destas 2 letras — assim como para o mandar dispor a respeito do pagamento dessas despesas — ou mandando-lhe vender o algodão que tem em seu poder ou mandando-lhe dinheiro ou como a Vm.cê parecer.

As cartas para mim virão com o sobrescrito para Coimbra — a dêle para o Pôrto = e sobretudo devem vir ambas no mesmo correio e com a mesma data = é preciso que Vm.cê escreva para mim e para êle por que de outra sorte êle não me pagaria nada.

Vm.cê fará favor pedir para emendar essas notas que envio-lhe agora — a alguns dêsses negociantes que costumem sacar letras para Portugal.

(*) Cfr. Lúcia Miguel Pereira, *A Vida de Gonçalves Dias*, Rio, 1943, p. 35.

Ainda rogo a Vm.[ce] que nada se demore com estas ordens. Muito estimarei sua saúde e felicidades — queira dispor de quem eternamente

De Vm.[ce]

Filho obed. e m.to obr°

Antonio Glz. Dias.

B. N.

2

Teófilo

Hospedaria Nacional, 1º de julho de 41.

Já que não tens tempo de me escrever, tenho-o eu, e o terei sempre para te dar notícias minhas; terás santa paciência com minhas cartas, hei-de te escrever — sempre porém não julgues que te quero abafar com cartas — são poucos os meses de férias para eu os consumir em escrever — são poucos os anos da vida para eu os abreviar com dores de peito. Apenas te escreverei uma vez, porém uma vez como esta.

Princípio. Notícias particulares.

Aprendo o italiano — aprendo a dançar e muita saúde e pouco dinheiro: freqüento muito os teatros — S. Carlos in primo loco. O Bravo tem continuado a ir a cena com sucesso, e o merece: — gosto do Drama — e dos principais Atores. O Bravo (Conti) tem uma voz melancólica e suave que penetra e arrebata. Violeta (Gazzeroli) tem uma voz tão natural, tão subida, tão afinada e encantadora, que me fêz exclamar arrebatado = «Nunca harpa celeste d'Arcanjo suspirou melodia mais deliciosa e mais embriagadora; nunca flauta mais afinada pelo silêncio da noite ressoou tão merencória e doce.» Nunca me senti mais entusiasmado que quando a ouvi pela primeira vez — eu não fazia idéia que se pudesse cantar tão bem —: e quem não diria, ouvindo essa criatura tão débil e tão fraca, soltar sons tão subidos, tão prolongados, e maviosos, quem diria — que a não animava um poder mais que natural? Parece-me que a escuto a tôda hora — essa voz tão grata como a brisa embalsamada. Eu tinha um princípio de Melancolia, porém agora tem crescido muito. Gosto de passear sòzinho e desconhecido pelas ruas desertas e silenciosas de Lisboa. Gosto de desfrutar a viração de uma noite de luar depois de um dia abafado. Gosto de contemplar parte da Cidade — do Cais do Sodré. Os edifícios que se encastelam — e que se desenham majestosos pelo mar, pelas casas circunvizinhas figurando objetos estranhos e gigantescos. Gosto de me embarcar em uma falua — correr o mar, contemplar a lua, que se espelha vacilante na superfície polida das águas. Os navios — que jogam

descompassados como o cavalo que escava a terra impaciente de correr — e sobretudo a voz do Nauta que ecoa triste na soidão da noite, que acorda mil outras vozes. Eram vozes estrangeiras; mas que importa? Meu coração os entendia — eu também era proscrito como êles, e, como êles, também suspirava por um trêmulo na terra de meus Pais. Julguei-me em Veneza!... Veneza... Oh! que nunca te verei, Rainha do Adriático! Nunca em ligeira gôndola cortarei tuas ruas de prata; nunca te verei ao reflexo da lua, nunca ao romper do Sol — quando rebuçada em orvalho. O Sol faz aparecer uma ponte, um Palácio, uma Igreja — e enfim uma Cidade criada para encantos. Também criei meus sonhos de infância, também passei longas noites de insônia meditando, traçando planos, e aplanando obstáculos; alguns ainda me restam; porém sem ilusão, e estou quase seguro que nunca se realizarão. Oh! que nunca audacioso encantador ousou tanto com a vara mágica, como eu com a minha imaginação. Lá se foram os encantos, — lá se vão os meus sonhos quais frutos de uma primavera — flôres de um dia — farol enganador que se há sumido. Mas passemos.

Leandro §

O Leandro morreu pouco depois de te ires embora, quero dizer gastou o último 5 réis — e ficou... in albis. Dali a dias apareceu-me contente, alegre, a saltar dizendo-me que já estava vivo. — Como então? Como! respondeu-me êle. Foi meu Pai, que teve a judiciosa lembrança de me mandar 60$réis — porém avia-te, veste-te, salta etc. e fêz tanto barulho que eu estava já à espera que a D. Maria gritasse — Aqui d'el-rei: Fui lhe dizendo contudo — que como êle tinha morrido, e nós já não estávamos no século dos Milagres era de justiça que aquêle dinheiro passasse para o Cofre dos Ausentes — eu — que estava ausente de Càxias, e ausente de Coimbra etc. ou para os Herdeiros, nós, como pertencentes à mesma família. Êle começou por me dizer que ainda estava no Século dos Milagres e provava: O Frederico Soulié apresenta o Diabo em cena, ora dizia êle, não se pode conceber a aparição do Diabo por ordem de um homem sem varinha de Condão, senão por Milagre: logo eu também podia ressuscitar. Além de que, dizia êle, as Ciências fazem hoje o trabalho da Magia. O maior poder dos Feiticeiros era transportar-se nos ares para algum sítio — alguns feiticeiros científicos fazem o mesmo. Estamos na idade do ouro — ou em que o ouro faz tudo. Se êle faz malvado um homem honrado, e vice-versa — se êle faz sábio um ignorante — Se pode matar um avarento, em se sumindo — não havia milagre em que êle fizesse ressuscitar um morto — e depois — eu fui um Cadáver a quem uma descarga galvânica deu movimento; e que tornará ao seu antigo estado logo que cesse a fôrça do Galvanismo. Não tive que replicar — saí com êle — que pagou neve nesse dia milagroso — em que êle tinha os olhos chorosos de se ter rido tanto. Falando-se em ti diz — que os Médicos conhecendo que tinhas a imaginação esquentada ou como diz o Bingri, rubra com o fogo de tuas esquentações mandaram-te para as Caldas para tomares nova têmpera.

Rêgo — Pedro — e Notícias Estrangeiras.

O Rêgo diverte-se muito em Lisboa — nunca sai de casa, vai raras vêzes ao teatro, lê muito pouco e passa horas e horas de beiço caído, todo baboso, namorando uma vizinha do 7º Céo estuporada e feia. O Pedro ri-se muito e vê cada vez menos — sempre *gali*... e quando vou a casa dêle começa sempre a sua frase italiana — Salut — Signore e quando venho diz — a rivedervelo, carregando em cada sílaba como se temesse que lhe escapasse alguma. O Vieira Barradas foi premiado — e levou 2 favas pretas — O Catella está gali... porém anda de calças pretas — por não ter outras. No S. Carlos — foi pateada a Gabriella de Vergi — e ainda foi mais — O Conde de Chalais — Drama — mau — Música pior que o Drama — e atores pior que tudo.

Mortes

De domingo passado até hoje — 8 dias conta-se em Lisboa mais de 16 suicídios e homicídios. Uma francesa que morava na Rua de S. Paulo foi assassinada por um sobrinho — ela, duas filhas, e a criada. O assassino — não quis comer, dizem que estivera quase alienado — e corre que morreu ontem. *Um pai de família matou mulher e filha* — e *suicidou-se depois*. Uma rapariga cravou uma tesoura pelo ouvido da mãe que morreu logo. Um ourives que tomou veneno. Um negociante que se disparou uma pistola ao ouvido — depois de ter jogado o importe de uma letra que se vencera naquele dia ou no antecedente. 2 cadáveres que apareceram no Cais do Tejo — de pernas cortadas para caberem no caixão em que estavam etc. E por remate — nos Condes — anda em cena — A Noite do Homicídio. No primeiro ato há um homicídio. No 2º um envenenamento e um des-*maio*. No 3º *tiros* — *trovões etc*. No 4º — O pregoeiro condena à morte 50 — 60 — 80 — nobres Aristocratas condenados à Guilhotina — há mortes, revolução etc. No 5º o Herói envenena-se com todo o sangue frio e heroicidade — e dá um fanico ao ponto — apagam-se as luzes etc. etc. etc.

Um jornal elogia as cartas de Menelau a Helena — e diz — Oxalá que o Autor de uma obra tão primorosa — nos continue a mimosear com os frutos do seu gênio sublimado — que com seu debute tanto promete. Esta obra vende-se — diz o elogiador — em tal parte. Parece-me que *saiste premiado* — *recebe os sinceros parabéns do teu* Amigo — e obrigado —

Antônio G. Dias

B.N.

3

Teófilo

20 agôsto 42.

Vou te escrever com um pé no *estribo* — *próximo a partir para* o S. Bartolomeu. Não sei o que tenha aquilo de notável — o que alí se

vê — são feirantes com calças de fundo de coiro — tricanas de chapéu desabado com suas fitas, medidas, e ramos, Manéis de cajado todos a cantarem ao desafio — o fado — ou o Sr. da Serra — mas esta gente leva-me a fôrça, vá lá! e queira Deus que eu venha mais contente do que vou. Acabo de escrever ao Matoso e provei-lhe que a sua Cuselhas — era do gênero clássico e do gênero romântico; clássico por causa do seu sítio campestre — o *rus* de Horácio — tricanas e prazeres inocentes — e mesmo por causa do nome — ..... — é clássico puro — clássico da gema ou melhor de Gil Vicente — porém desfrutam o pôr do sol — o alevantar da lua — um pequeno regato a serpejar límpido com suas águas de cristal, por cima de conchas nítidas — e de coloridas pedrinhas — etc. — o que romântico sublime, e do mais apurado. — Viva pois Cuselhas, — bem que se não possa pronunciar seu nome diante de gente civilizada por causa do ..... mais valera dizer ânus — e quanto a elhas — tem muita similhança com uma palavra italiana que diz asas — ora asas com o tal Senhor Anus, forma assim uma espécie de Bispote, que também não se pode pronunciar sem corar as róseas faces pudibundas de uma rapariga gentil.

Estava capaz de te dar uma maçada para vermos a diferença do clássico e romântico — na palavra .... — que o Gil Vicente diz desbocadamente — e que um discípulo de Staël ajuntaria uma longa perífrase de elogio ao tal Sr. Mas passemos.

Tu estás passivo, como se pode estar — não escreves nem que eu mande uma cada correio. — Assim é bom, meu amigo, se todos assim fôssem ninguém ia para o inferno, com que o diabo havia dar um cavaco muito sério.

Adeus — recomenda-me a todos — Pedro, Rêgo, teu Pai — e teu Cunhado — Mãe — Mana — Primas [.] Tias etc. — diz a tua mãe que ainda espero o tal assunto para os versos que lhe eu prometi fazer.

Teu amigo sincero

G. Dias

B.N.

4

Meu amigo [Teófilo]

Figueira, 30 de agôsto de 1842.

Aqui cheguei, voltando de Coimbra onde passei alguns dias bem divertidos, um com especialidade que passei com o Leandro e Matoso em Cuselhas, almas tão eminentemente poéticas que nem pelo S. Bartolomeu quiseram chegar a Coimbra — verdade é que nem um, nem outro tinham fato para se apresentar diante de gente. Então li o artigo do Catela, de que ainda não tinha conhecimento. É vário o juízo que formam deste artigo. Alguns |,| como o Marcelino, acompanham cada palavra de uma

gostosíssima gargalhada. Outros franzem o nariz — e assim fazem todos que eu reputo alguma cousa — quanto a mim penso que poderia ser muito mais forte sem ser tão indecente e mesmo infame. O Forjaz que tem em casa um irmão natural para um fim duplo de incesto — é uma cousa que ninguém pode dizer conscienciosamente dizem-no quatro estudantes maldizentes e malcriados que nada respeitam e para quem nada há de sagrado. Ora, sob a fé de tais homens desacreditar uma família decente e honrada, pública e tão desaforadamente, é uma prova formidável do pouco caso em que o escritor tem a honra e o sossêgo das famílias — de uma alma pequena e vil que se apega aos mais pequenos e inverossímeis boatos por motivos de uma vingança particular e talvez injusta.

Por onde consta dos incestos da irmã do Forjaz? Dizem-no, porém o Catela por experiência própria deveria saber o valor de tais sons sem autor nem fiador. Disseram que êle andava por S. Tiago com o seu instrumento de borracha a dar nas raparigas — o que êle sempre negou. Por que também não nega — ou pelo menos não acredita no que se diz do Forjaz, que tem tantos inimigos quantos são os estudantes de Direito? Qual é a prova? Viram a irmã a penteá-lo a janela! porém se são irmãos que prova há pentear ela — a êle?...

Demais é falso o princípio em que se funda tôda aquela sarabanda. Os atos não servem para avaliar comportamento, portanto nenhuma contradição há em aprovar um estudante 5 anos, e deitar-lhe 6 favas pretas em comportamento, e isto tanto é assim que se os atos também servissem para o moral do estudante, seriam escusadas as informações.

Com tal princípio íamos tirar uma conclusão risível e absurda, que logo que aparecesse um Bacharel formado e sempre premiado seria o mais virtuoso de todos os estudantes.

O Catela parece criticar tais e tais lentes que lhe puseram as favas, e até julgo que vem conta certa, um para cada fava. Porém nem o Padre Carvalho, nem o Ruas, nem o Forjaz assistiram a tais informações; e quanto ao Neiva, se êle soubesse o que são terras pequenas não difamaria uma Senhora, que talvez ficará desacreditada porque lembrou ao Sr. Catela alevantar mais um brado «aos amigos da verdade» e cobrir seu partidismo vergonhoso e egoísta com um artigo para assim se acreditar na mente do Sr. Costa Cabral, e do Juiz de Direito de Coimbra, que não se dão dêle, que o desprezam, e que vão talvez pagar seu artigo difamatório com os 30 dinheiros de Judas.

Que razão tem êle para se queixar de levar um S. em Literatura — o Catela que tinha e tem embirração com tudo quanto é letra redonda? O Aires teve 3 — e se os dêste foram injustos — o do Catela também foi injusto por esta razão, sofrível exprime a existência de alguma cousa —

e a Literatura do Catela é nula, é um pouco do que ouviu ao Vieira Barradas, e dos Romances do Rêgo e Guimarães, e das disputas do Conservatório Dramático.

E em comportamento de que se queixa? O Catela um descarado ..... *que castiga os ..... aprendizes de Barbeiro, na Sexta-feira Santa por que* o ..... — que andava a incitar rapazes a quebrarem a cabeça uns aos outros — a amotinarem um Bairro com promessas de [ilegível], a garotearem com êles atirando pedradas e gloriando-se de suas altas façanhas por tôda a parte? e isto no ano da formatura.

E essa figura da Revolução não era também motivo sofrível para levar suas favas pretas? Não podia êle mostrar «seu entusiasmo de Mancebo» sem que alumiasse a côr de suas faces reluzentes, a luz de dúzias de archotes, no meio de uma multidão — de alfaiates — sapateiros, soldados — pobres, bêbados e lacaios? Como êle quiser; e a sua desculpa está em que êle não foi autor do artigo.

Demais falei sôbre êle, e passemos a Cuselhas, onde o Leandro tem feito uma vasta plantação de mentiras a tôda aquela pobre gente. Tôdas as suas tardes são empregadas na caça — êle, o Matoso, o Manuel quando lá cheguei para o visitar com o Marcelino eram 4 horas da manhã. O Leandro levantou-se em camisa a cantar, e a dançar com a Betthy passou depois em revista quanto se recorda do S. Carlos — e principalmente do Barbeiro de Siviglia que lhe mandaram dizer, tinha ido a cena com o Maggeroti — andou a cantar todo o dia o

Bona (sic) sera, mios signores
Bona (sic) sera a Don Basilio.

Veio com uma invenção de Dança de Prêto que tem bicho com que nos divertimos bastante. Apresentou-me logo que entrei uma pel de coelho, disse-me que assim como Hércules arrancara a pel do Leão que havia morto, êle tinha mandado curtir a pel do Coelho que tinha caçado, para servir de *monumento aos pósteros* — *e para nós* e êle de lembrança dos dias de Cuselhas — gostei da chalaça — elogiei da idéia feliz, e disse-lhe que em verdade a comparação não podia ser mais exata — Hércules para o Leão, como êle para o Coelho. O Marcelino levou o dia [a] rir com o escrito do Catela, e de vez em quando desembuchava a sua chalaça, que êle tem quando não tem pretensões a tê-la.

Um pelotiqueiro que, como êle tinha pedido, lhe tirara uma batata do nariz, de que êle ficou muito espantado e perguntou-lhe se estava bêbado. O Leandro faz sábios comentários às suas mentiras — por exemplo. — Nunca te lembrou da origem das facas de marfim?... e nada há mais simples — foi por darem no costume do Judeu, vendedor de papel aos Cristãos de Évora. Foi um dia bem alegre e em que, segundo a expressão do

Leandro, nos rimos a bandeiras despregadas. E um filho do Vaz com um Barão — do Pátio que lá jantaram um dia! Oh! isso é cousa riquíssima. Mas é preciso ser contado pelo Leandro: — sem os seus acionados nada dêle deveria ser dito ou por outra — suas chalaças são cousas que se não podem furtar, pelo inimitável dos infalíveis acionados.

O Vaz? Desde a sopa que êle comia com o garfo, por ignorar que a colher se põe na cabeceira do prato, de modo que dizia o Leandro era um verdadeiro castigo de Tântalo. A sopa de cevadinha cheirava!! e era tanta... mas o côrno... o côrno do garfo não levava senão um ou outro grãozinho por descuido — desde a sopa até a melancia — que o Leandro corta nas talhadas a parte encarnada por inteiro — depois parte em bocados — e espeta dali para comer. Ora o Vaz que tinha tomado por modêlo — fez o mesmo porém espetar é que era diabo — êle a queria fisgar de lado — e a melancia fugia para o outro. Era o espanhol a espetar a azeitona, porém o meu Vaz não teve tanta paciência agarrou-se à melancia com unhas e dentes, e largou o garfo como uma arma sem fechos.

Êle comentou tudo isto, e sazonou com as suas risadas até lhe arrebentarem as lágrimas. O Barão também é curiosíssimo — na espécie de cavaleiro de indústria porém porco. Ficou reprovado em lógica por não ter falhado a uma só pergunta, sabia daquilo como um homem. O Tôrres reprovou-o com mêdo de que êle se tornasse seu rival, e não se lhe metesse em cabeça levá-lo à parede. O Matoso com tôda a sua seriedade achou um meio muito simples de ficar aprovado. Como o Sr. ficou reprovado por saber muito, dizia êle, é esquecer-se alguma cousa do que sabe, e ir fazer o seu exame!...

O Barão levava só 5 espoletas. O Leandro estranhou que um Barão caçador trouxesse tão poucos fulminantes. — É, respondeu-lhe êle do alto da sua Baronia — é que estas servem para dois tiros. — Donde são? pergunta logo o Leandro. — Da Inglaterra. — Ah!... diz o Leandro. — Ora eu lhe vou contar uma história da Inglaterra, e prega-lhe a mentira a mais grandiosa de que se recorde memoria de homem, e mais ainda se nos lembrarmos que era um lógico a quem pregava — «Na Inglaterra estruma-se terra com miolo de gente. — Ora no princípio era preciso matar gente para lhe tirar o miolo porém depois inventou-se um meio muito simples de se tirar miolo sem quebrar cabeça... aplica-se um canudo devido ao nariz de um ratão, chupa outro pelo lado oposto até que lhe extrai todo o miolo. Daqui é que vem as melancias de miolo — quero dizer os miolos das melancias; ainda não disse bem — acharem-se melancias cheias de miolo de gente quando se partem verdes — como mesmo diz Genuence (o que êle confirmou). Também é daqui que se diz que um ratão tem a cabeça ôca — e como na cabeça ôca e como uma cabaça vazia em cima da água, havia riscos de se elas andarem a quebrar pelas esquinas. Um médico inglês, mandou que pelo mesmo canudo se enchesse a cabeça da água — ora água putrefaz-se e cria cabeças de prego — e vem então as hidropisias

de água sôbre que tanto se tem falado, e escrito». Não sei qual dêles é mais mestre, mais com certeza a origem da hidropisia de água vale bem a invenção de fósforos com 2 tiros.

Agora, meu Amigo, passemos a uma notícia mais séria, e que te diz respeito, bem me custa dar-ta; porém dava-te ainda que mais me custasse. A tua rapariga no dizer de todos tem-se debochado com todo o bicho careta. O Felisberto foi quem próprio mo disse — disseram-me depois os índios — e mais gente, alguns sem que lhe eu preguntasse. Em mau sítio empregaste teus cuidados — e com certeza eu não ficava como uma mulher que me não soubesse agradecer o que lhe eu fizesse — e que por seus maus procedimentos me tornasse fábula de centos de estudantes. Teófilo, andar mais para diante é loucura, eu bem sei que se lhe falares, ela disfará tôdas as tuas tenções com uma choradeira, e que tu julgarás da tua honra agradecer ao agradecimento da mãe, ficando com a filha que dizem se tem prostituído em fétidas pocilgas desde um ínfimo lacaio até um estudante baixo e covarde. — Êsse Bacharel [original inutilizado] vil gatuno que cairá a teus pés se lhe apertares a mão com fôrça |,| capaz até de te pedir perdão de joelhos — e a vista dela, e até de criminar a ela, a mulher de seus deboches, a sua Dulcinéia para se livrar de ti. Mas a falar a verdade ela é quem tem tôda a culpa. Uma mulher que não precisa de nada, que é incapaz de amar, e que se prostitui, é por inclinação, por educação, por vício ou por hábito. Teófilo livra-te dela, por quem és. Tu ainda não tens considerado o desgôsto que vais dar a teu Pai, a tua Mãe, a teus Parentes, e a tua pobre Prima que tanto te ama. Deixa-a entregue ao seu mau fado, mas não desgostes a tôda a tua família a quem tantos prazeres tens dado pelo teu bom proceder em Coimbra. Não queiras que teu Pai se entristeça, vendo que seu filho levou tantas favas pretas, seu filho, que êle julgava de um comportamento exemplar —embora te não importes com isso — nem nós teus amigos te estimamos menos do que te estimamos, é uma cousa que sempre choca — e seria belíssimo que as tuas cartas tivessem 5 prêmios, e tuas informações limpas de uma fava preta.

Tua Prima, consente que te diga, tu não a sabes amar — quem ainda acha vazio no coração depois do amor dela... — é que o teu amor não chegou ainda a um grau elevado; e por quem a trocas?!... Por uma mulher cuja única prenda é ter finura bastante e mais que bastante para enganar o homem que a ama, e de cujo amor e sossêgo ela tão pouco se dá?! Tu dirás para ti que não trocas tua prima por ela, mas por fim que fazes tu a tua Prima que o não faças a ela?! Não vais passar uma noite incomodado com esta carta como se houvesse acontecido o casamento de tua Prima com outro, não vais ter alguma desordem com o tal Bacharel, no que desgostarás a teu Pai, divulgarás todo o teu namôro, o único talvez do seu gênero, para ficares ainda com ela, como um marido enganado, um Mr. George Dandin, um dêsses velhos amigados de Comédia a quem é chalaça ser

enganado pela amiga! — Teófilo, sê homem uma vez. Faz uma pequena comparação dela com tua Prima, ela que te engana, que te é ingrata, que não tem cara, nem corpo, nem coração com tua Prima, tão modesta, tão frágil, que tão imprudentemente se confia em ti, e tão deveras te ama, sem que ao menos tenha uma voz para se queixar de amares outra?! Eu não te digo mais nada, sei que te vou fazer desesperar. Também eu, também eu choro por ti, como tu fizeste por mim, choro, e sinto de todo o meu coração o que sofrerás ao ler desta e o que tens de sofrer se a deixares, ou se ficares com ela. Sinto como tu podes sentir e dava o que eu tivesse de mais caro, de mais precioso, o maior prazer que tenho tido, o maior prazer que pretendo ter para só eu sentir de [original inutilizado] que te deixaste cair. Porém se o amor não depende da vontade — depende ao menos da vontade as nossas ações .Faz sempre por sêres tu mesmo. Entrega-te a sua Prima, e ainda mais ao Estudo, e tu passarás como agora julgas impossível.

Adeus, Teófilo, lembra-te já que lhe não escreves ao teu

Dias

B.N.

5

Teófilo

Recebi a tua carta, escuso dizer-te quanto a estimei — e hoje mesmo parto para Pereira para desfrutar 4 dias das férias.

Li gostosamente os teus juízos — não os posso avaliar devidamente porque sou parte interessada: o que te posso assegurar é que preencheram teus fins bem cabalmente: entusiasmaram-me como poderás julgar — e como o meu entusiasmo não é infrutífero imaginei outra poesia — que não terá menos merecimento de idéias quando não de execução. Contra o meu protesto, lá irão ter, e só duas poesias mais. O Médico que eu quis pintar é o Calisto — porém como êsses caracteres são de todos os médicos em geral — parladores — e pedantes — julguei que devia calar o nome. O Colombo das torturas de Galileu — é o Fernando — o Garôto é o do Luís da Costa, se te parece, não lho digas. Ora não sei se estás lembrado — que depois dos Matemáticos terem tomado as dimensões ao Cometa — observado sua posição etc. etc. etc. — descobriram finalmente que não era cometa — porém que a cauda eram cintas de que o Céu costuma adornar-se pela primavera etc. etc. etc. *Item* — despois de ter morrido não sei quem de Gálico prêto — no Pôrto —, acharam que tal Gálico não existe. Assim também vão já achando que as minhas esponjas são borbulhas originadas pelo calor e etc. etc.

Não fazes idéia da imensidade de produções que aqui deixaste — versos — prosa — cartas etc. — é uma gaveta cheia e calcada —

eu tos levarei para que os não percas. Já me passou da memória a carta do Brasil — unicamente escrevi êste período no meu romance — quando o meu Poeta me principia a contar a história da rapariga que êle tem em casa.

«Talvez já tenhas observado dessas vidas, que desde o seu começo malquistas da sorte, avançam com dificuldade por entre desgostos, e brevemente se findam sem levar daqui saudades, sem ter desejos de viver — só com esperanças no futuro — porque a desgraça imerecida espera e crê.

— Quando é um homem, sobram-lhe as esperanças da juventude, sobra-lhe fôrça, fôrça d'ânimo e de vontade. Alegre e esperançoso se arroja no caminho da vida — luta corajoso com a adversidade — braço a braço — peito a peito, a cada dia — a cada instante, porfia tenazmente; porém cansa-se — esmorece... Então — na areia do deserto — ou na calçada do caminho, na escadaria de um palácio ou no marco da rua — êle se assenta fatigado — sem esperanças como sem temor por que êle deseja a morte. Dor de coração é vê-lo assim resignado sem côr nas faces, sem alegria no coração, sem tentar um esfôrço — deixar-se afundar no vórtice dos seus infortúnios. E o homem que o vê, que o entende, chora e não o pode salvar; e todavia poucos são os que atentam nêle — e menos ainda os que o entendem — Segue-se um parágrafo rico — quanto a mim — mais que não te posso escrever agora.

Escreve ao

Teu do coração

G. Dias

15-8-43.

B.N.

6

Teófilo

27-8-43

O romper d'alva — supõem o cair da tarde — e a tarde supõem a noite — quem teve a primeira devia ter a segunda — e quem a segunda deverá ter a terceira. Eu porém saltei pola segunda — e agora lá vai a terceira. A segunda lá irá quando houver pachorra — e poesia. Esta parece-me boa — tu me darás o teu juízo sôbre ela. São poesias que formaram um corpo separado — das minhas próprias «pièces fugitives» — com o pomposo título — Odes — Hinos e Solaus. Tôdas as minhas poesias são odes — a esta chamo-lhe eu um Hino — ao destêrro de um pobre velho chamo um Solau — seja o que fôr.

Por aqui ando e andarei, enquanto Deus fôr servido — e com boa ocasião de escrever sentimentalmente poesias neste gôsto. Se não

fôsse a preguiça eu te mandaria também — a minha tradução de que já te mandei falar — mandei-a ao Luís da Costa que certamente não deixará de ta mostrar. Não sei se sabes que vou ter um ano de férias. Se eu contasse um pouco mais comigo — por outra se eu soubesse grego e alemão — partia já para o Rio. Assim continuarei a escrever o meu Poema — o meu Romance — e as minhas poesias sôltas — estudarei o alemão — e creio que um ano não será mal empregado — sendo assim. — Adeus.

Teu do coração

G. *Dias*

Escreve — e diz:
o casamento sempre para janeiro?
E tu tens escrito ou estás como o Serra?

B.N.

7

Teófilo

Ha muito tempo que não tenho escrito — e no entanto muita cousa tinha para te dizer, para te contar — do que tenho feito — dito — escrito — alegre — jocoso — triste e grotesco. Porém ando tão aporrinhado — ou talvez tão preguiçoso que nem tenho coragem de escrever mais que 1/2 página destas.

Tenho escrito muito verso — e dirás ao Aires ou que lho digam a êle — que eu lhe escrevi com o sobrescrito Aires Homem Cardoso e Vasconcelos. Agora só te direi que apesar de tudo tens sido mais preguiçoso que eu — e quase que te proponho o negócio de me responderes uma por 10 que eu te escrevo.

Adeus
Teu e sempre teu

G. *Dias*

19-9-43.

I.H.G.B.

8

Teófilo

Coimbra, 28 de setembro de 1843

Aqui estou, meu amigo, nesta terra maldita e aporrinhada — maldita de quanta poesia há no mundo — e aporrinhada quanto aporrinhações podem aporrinhar um cristão. As aulas dizem que se abrem no dia 9, e que estão a espera de SS. MM. — ora parece-me que nem aulas nem suas magestades me farão demorar por aqui muito tempo. Venho ver

se acabo com o meu saldo — e dentro de 4 até 5 dias — estarei ou não decidido a continuar por êste ano com os meus estudos. O que me pesa é ser êste o ano do Bacharel — quando não!! — quando não!! — Brevemente estaria eu no Rio Grande — ou no Rio de Janeiro. Preciso começar a minha carreira — mas que muito haver no mundo mais uma nulidade. O pesar seria só meu — e mal pecado — para os meus amigos. Mas êste Bacharel é um infermo. Mil vêzes, como Job eu tenho amaldiçoado o dia em que me meteram por estudo. Um homem — pobre — e desconhecido — assenta-se nas escadas de um palácio — ou no adro de uma Igreja nu e esfarrapado e ninguém atenta no que ali jaz — talvez alegre — talvez tristonho e pensativo. A mim já isso me não pode acontecer — sem vergonha outra vida quase me é absolutamente impossível — não impunemente nos metemos nesta vida de Literatura — para que me chama — não gênio — que nenhum tenho mas vocação — mas amor — mas consciência!

Uma carta mal escrita — e ainda mais mal interpretada — fêz com que me suspendessem as mesadas — é um desgôsto passageiro — e para mim fôsse-lhe real — seria de alguns meses. Na tempestade como na calmaria — tenho sempre na cabeça pensamentos e na memória para encher um quarto de papel — e dêle só dêle me vem prazer e contentamento.

Não sei se irei passar meu tempo a Braga — os oferecimentos do meu Primo foram espontâneos mas frios. Embora — nunca se arrependerá êle de o ter feito porque receberá em cêntuplo do que a mim queria dar. Na Figueira tenho guarida certa e gostosa mas tanto me têm feito que pedir mais seria descaramento. Terras há ainda onde poderei eu ficar — mas para isto seria preciso pedir. Tive um oferecimento generoso e franco do teu Primo. É uma trindade obsequiadora e grande de amigos que tenho e que mal mereço — ou que no meu coração não sei como o tinha merecido — Tu — Serra — e Pedro. Principiarei um Drama — do meu Herói da Livônia de que já quis fazer um Romance. É a mais fresca notícia que por aqui há. Mandar-te-ei a minha página que pertendo escrever no álbum do Morais.

Adeus teu amigo

G. Dias

Visitas muitas e muitas do Albuquerque.

O Morais?

O Aires morreu?

B.N.

9

Meu amigo [Teófilo]

7 outubro 43

Recebi ontem a tua carta de 4 de outubro: que queres tu que te responda, meu amigo? São favores que se não pagam com palavras — que só a amizade oferece. Obrigadíssimo Teófilo — obrigadíssimo. Olha — eu podia ter quantos trabalhos podem sobrevir a um homem — podia sofrer quantas dores um homem pode sofrer — e dores e trabalhos me achariam quase seguidamente com o rosto alegre e com o coração não desalentado. Porém cartas como as tuas, meu amigo, é que eu não posso ler sem que me venham as lágrimas aos olhos — lágrimas longas e tristes porém que eu dera a minha mão direita para as sentir. Não quisera um dia fazer por ti o que hoje fazes por mim. Não o quisera, não. É bastante que um de nós sofra. — Por vêzes me vem a cabeça que eu sou bem feliz no meio de tudo quanto me cerca. Poucos homens em iguais circunstâncias — teriam um amigo assim. É ainda uma felicidade — é uma grande felicidade — que poucos homens podem compreender. Teus projetos! — livre-me Deus de ter uma idéia fixa e determinada — para o Futuro... Deus e só Deus e apesar de tudo eu quisera que seja como dizes: — quisera de todo o meu coração — por que bem o mereces. Sê feliz — e sempre feliz — por que não encontrarás a cada instante um amigo como tu, e o teu Deus não poderá talvez dar-te mais que uma lágrima — ou um riso — mas lágrima ou riso — do coração. — Sê feliz no teu Casamento e que nada possa arrefecer êsse amor teu e dela. É uma sorte feliz — e a única que eu invejo a todo homem — e por falta dela é que me lanço na Literatura. É preciso que eu ame a qualquer cousa — que eu ame sinceramente, apaixonadamente e idealmente. E contudo é duro, e bem duro — amar com tanto amor, e com tanta vida e dizer-nos friamente dentro da nossa consciência — é impossível. Sentir o amor de uma mulher nos seus olhos — na sua bôca — em tudo — vê-la risonha e alegre porque nos vê sorrindo e gracejando — vê-la chorar — porque nos vê sisudos e tristes —, vê-la triste, porque nos escapou um gracejo que parece dar quebra em nosso amor: — sentir que somos o pensamento de cada dia, de cada instante — suas esperanças as mais lisongeiras — e de hoje saber já que é forçosa a separação — uma separação eterna!!

É mais um pesar de amargura — é mais uma idéia triste que me persegue. — *Mas que importa? — a amizade valerá por meu amor* — valerá por tudo — Adeus Teófilo. Muitas e muitas lembranças a tua prima — muitos e muitos agradecimentos do teu amigo — do teu irmão, do teu e sempre teu

do coração

G. Dias

B.N.

10

Teófilo

Recebi a tua carta, e parece-me que não tens recebido muitas cartas minhas — porque apenas me dás novas de uma de 8 — quando te escrevo todos os correios. Mandar-te-ei as poesias que pedes e se não forem tão cedo como as queres, é por que as terei de copiar e bem vês que em tempo d'aulas não posso empregar muito tempo em as copiar: mesmo porque o meu Drama me toma bastante espaço: Acabei o 3º ato e já ando com o quarto às voltas: gosto dêle, e mais tu o verás. Tenho bastante pesar de não estar agora inteiramente desocupado porque [original rasgado] que não teria preguiça de escrever — prosa — ou verso. O meu romance pouco mais adiantado está do que o deixei pelas férias — porém com certeza que o acabarei antes de maio.

Não me tenho esquecido do que me recomendaste quanto ao Caramuru. O nosso Dr. está doente — muito quizilento, muito incomodado que eu não sei deveras quando o poderei apanhar de jeito: Depois dêle — lembra-me do Nodier Coninbricense — da Biblioteca viva de Coimbra — o Dr. Nunes de Carvalho — é de quem tenho mais esperanças. Sexta-feira te escreverei mais extensamente a êste respeito. — O Rêgo e Pedro vai [sic] bem. Quanto ao Franco — será verdade o que êle diz: — mas com certeza faço pouca idéia de quem anda a espreita da vida alheia — como uma velha cozinheira — e menos ainda de quem toma a seu cargo espalhar boatos — e suspeitas, sem motivo, nem razão. Admito que assim se faça por amizade — porém é doutra maneira — para admoestar e não para ridicularizar: Diz-lhe porém que sou um seu eterno *admirador — e que lhe mando recomendações por mandado da* Mãe Maria.

Recomendações do Manso. — Lembranças a tua prima [,] a teus Manos — quando lhes falares [,] e a teus pais. Adeus.

Teu do coração

G. Dias

15 outubro de 1843

Foi a cena o *Hernani* e ainda êste mês teremos a [ilegível] Gratis | ; | despois teremos o *Pagem* — se o Luís da Costa vencer o Guimarães que está renitente.

B.N.

11

Teófilo

No outro correio ainda te escrevi — em resumo tinha acabado o meu Drama — de que alguém se apaixonou. Vou traduzir o Marino etc.etc.etc.

Agora te remeto esta cautela com a qual receberás do Correio um livro — do Morais que o quer ricamente encadernado em marroquim — o Pedro é quem to manda.

Recomendações do Manso, em casa de quem escrevo esta carta, e não te escrevo mais porque a pena está horrìvelmente má, como poderás ver. Entende esta como quiseres ou como puderes. Dizem que o Brasil manda buscar uns colonos científicos, isto é, Doutores de capelo de Filosófica ou Medicina para o Rio — ganhando 2.000.000 — de rêis por ano — [ilegível] em 10 anos — com o mesmo ordenado em qualquer parte.

Teu do Coração

G. *Dias*

Coimbra — 27 de novembro de 1843

I.H.G.B.

12

Teófilo

Recebi a tua carta de não sei quantos — e [há] muito tempo, isto é, |h|á 3 correios que ando para te escrever — e só agora o faço. Amanhã — eu — Rêgo — Pedro — e Manso partimos para Formoselha para lá passarmos o domingo. A Madre está doente — de uma gastrite — (dizem) — como também dizem que aí está o Lucas para morrer e que agora vai melhor. Quando aos Livros que recebeste — êsses tos mandei eu — ainda que me parece que também te remeti na mesma ocasião o Sgansìn. O Morais pergunta pelo seu livro que o Pedro te mandou para encadernar — e por umas célebres músicas que te mandou pedir. Vi a tua dissertação sôbre a moralidade das ações — bem está. Tenho sòmente a confessar um pequeno pecado: por vêzes me vem a cabeça meter-me por Matemática dentro como tu te meteste por Direito natural — e tirar uma pequena equação que bem que filha do Xavier de Maistre — não é muito conforme com a sua doutrina — isto é = o eu = a bête por outra — que há só no mundo — a bête — e que quem diz *eu* diz — bête — isto sem orgulho — et sans levain de vanité. Como porém esta teoria é de escaldar muito amor próprio — eu desde já declaro que se todos os homens não se quiserem meter nela — eu também me não meto — não quero distinções que é um grande passo para o hamechismo. Quanto a tua veneração pelo Paulo de Koch — nada direi: Ainda que fiquei um pouco com cara de pedaço d'asno quando a li — parafusei um pouco — e concluí que era tão forte a impressão que recentemente te havia deixado — que não podias deixar de a escrever. Contentei-me com a minha explicação — e concluí com o programa da tua dissertação que fizeste e que farias se não houvesse «o promitto tibi etc. etc. etc.» — e foi a conclusão: impressões de uma leitura. — E contudo não te peses de não ter feito sôbre êste ponto a tua dissertação, como a querias.

Estou bem certo que um dia mudarás de opinião. Por exemplo | : | — Lembras-te que amigo o Soulié tinha em mim? — Pois, meu amigo declaro — que sou Soulié — da gema — do âmago da gema — se é possível: Soulié — Soulié... Estava para te fazer também uma dissertação, porém como *tenho mêdo de mudar um dia de opinião* — calo-me. Deixemo-nos porém de Metafísica que me cansa a cabeça. — Como vais tu? — Estudos? — Leituras? — projetos? — e o Casamento?

Quando escreveres ao Manso dá-lhe os pêsames — por que a sua Hero — está para morrer. A propósito! — Sabes tu que o Manso — é um turcozinho — uma fogueira — um vulcão!! Que homem! , meu Deus! Não fazes idéia! Eu por vêzes já lhe tenho dito: meu amigo — não sejas pegadiço; não sejas isca — não sejas tolo. E comparo-o com o tubarão — que é o peixe mais lamecha que eu conheço — êle convence-se e daí a pouco — está novamente caído. Adeus. Já basta de estopada e eu sou

Teu do Coração

G. *Dias*

Coimbra 30 de dezembro de 1843.

B.N.

13

Meu Teófilo

Sentimentos do coração não se estudam — escrevem-se como se sente — diz-se uma cousa que a maior parte das pessoas não entendem — mas que o coração compreende.

Assim foi para mim a tua carta. Eu bem sabia que te dava um prazer — um grande prazer, infinitamente maior do que o que eu tive; mas escrevi por que por desgraça minha, bem poucas ocasiões tenho de alegrar os meus amigos com venturas que me venham. Estimei muito saber que com aquela notícia te alegraras — fui então verdadeiramente feliz. Eras também a única pessoa que sincera — ingênua — cordialmente sentias a minha fortuna, — se êste nome para ser anteposto ao nosso nome de batismo se deve *considerar com uma fortuna.* — *Quanto ao teu convite de ir a Lisboa* — é na verdade a cousa que mais desejo: já muitas vêzes to tenho dito quem sabe se eu tornarei ao Brasil? — por conseqüência, quem sabe quando te tornarei a ver? Tinha muita vontade de ir pelo vapor que no dia 10 parte da Figueira, veremos isso. Ando em arranjos de dinheiro — tanto que o arranje lá irei ter. Sabes tu? aquela tua frase de namorado como nos apelidas a ti e a mim me pareceu justa — justíssima. Verdadeiramente somos dois namorados; — mas [original rasgado] Tenho muito, e muito que te falar — porém se te não puder falar — escrever-te-hei. Espero em [original rasgado] que não será necessário escrever-te por que enfim te quero

ver — talvez pela última vez — que importa? Tenho para mim que a maior fortuna que pode vir a um homem é a morte. Mas deixemo-nos disto — que agora — mais que nunca me está vindo a lembrança.

O Pedro está vendo se arranja fazer ato por êstes dias. É muito, e muito possível que se arranje por quanto o Desembargador André meteu-se nisto.

Diz pois a teu pai — que lhe mande êle dizer — que quanto antes lhe mande o dinheiro para a jornada. Adeus — Lembra-te do
Sempre teu do coração

G. *Dias*

B.N.

14

Teófilo

O Pedro fêz ato — e um atozinho bem bom — como falando sinceramente — nunca julguei que êle o fizesse. O desembargador veio comigo da Universidade, porque despois do ato o Pedro tinha desaparecido — e vinha a rosnar muito aflito — muito inquieto — muito apressado — «o Brejeiro! — o Brejeiro — é bem capaz de não dar doce!! — em?! — que lhe parece | ? |

— Parece-me que sim, Sr. Desembargador.

O que, homem — pois parece-lhe que sim!!! isso é cousa que se diga — isso é querer ridicularizar-se e aos seus companheiros — olhe. Ainda outro dia na Quinta do Cipriano quando o filho fez ato — o Dr. Forjaz foi também da mesma opinião — e disse que um terceiranista já vale bem a pena dar doce — ao menos por si — quando mais não seja — diga-lhe — diga-lhe isto — que siga a opinião do seu mestre — bem vê que êle não está muito forte para ir contra ela — oh! o parecer de um economista!!! Parece-me, Sr. Desembargador, que o Economista também gosta de doce — e então sendo parte interessada... —

— Qual parte interessada!!! é a opinião de um homem que sabe...
— e que gosta — Sr. D.

— O Sr. por mais que me digam não é Brasileiro — o Sr. desonra a sua nação — não tem patriotismo — não tem sentimentos grandes e elevados —: não gostar de doce — um Brasileiro!!! isso é uma cousa incrível, inaudita — estupenda — ... — e foi-se por aí abaixo — ora a dizer — não gostar de doce — homem — ... —

§ Amanhã tiro ponto — e brevemente estarei livre desta maçada. Com mais vagar te escreverei — Adeus.

A minha encomenda? — lembra-te que já que lhe não escreves

do teu

Dias

I.H.G.B.

15

Teófilo

Fiz uma África — vim de Pereira a Coimbra — já noite em 1 hora e 1/4. Carago que foi andar. O Rêgo gastou 3 horas e tanto, e se não está morto — parece. Está a escrever os Estatutos da Filarmônica — por isso não te escreve. Deves desculpar ao teu amigo cujas funções legislativas apenas lhe permitem descerrar os lábios para saber da tua saúde.

O teu casaco, diz o Morais, está no escritório do Vapor [há] um século. O Manso pergunta ainda se já lhe remeteste a carta para a Bahia. Tornemos a Formoselha. Muitas lembranças — saudades — recomendações de tôda aquela boa gente. A Mariana e a Madre — e a Carolina — principalmente a primeira informaram-se de tudo, o que te dizia respeito. Então o Senhor Teófilo? Escreve? está bom? já se casou? fica por cá? dizem que é Estudante? etc., etc., etc. Sim Senhor minhas Senhoras. Está bom — escreve — estuda — casa-se — e vai-se qualquer e recomenda-se muito e muito etc., etc., etc. O Dr. J. Paulo é sempre o mesmo homem — afável — e obsequiador — e cada vez mais franco. O Manso ficou namorado do mundo de Formoselha — e dá palavra d'honra que não! — Por quê? — Lembraste do P.e Joaquim — então podes explicar! — Passamos ali um deliciosíssimo dia — e já nos convidaram para lá passarmos outro. Pena é que esteja doente a Senhora D. Ana. Coimbra — está cada vez mais triste — e eu cada vez mais triste por estar em Coimbra — que vida. Só com quem a viveu já; — é que pode fazer idéia do enjôo que causa esta *Cavalheirosa* Coimbra como a chama o A. H. Porém do que com certeza não fazes idéia — é da posição do quarto ou quintanista — que diz: em saindo daqui terei a minha vida senão pior?! — digo eu, como diria qualquer em meu lugar — que seja breve — o que tem de ser logo. Sim — êstes espinhos que formicam uma creatura — atazanam — aporrinham — e apoquentam uma criatura mais do que uma dor grande — um grande pesar — uma angústia — um diabo. Então — já que me meteste por Fábulas — lembra-me a fábula do Leão e do Moscardo que o desespera — e na minha consciência me parece que um Tigre — ou a Boa constrictor — lhe seriam menos cruéis. Estou hoje filosofando grandemente — e se

me não dessem agora um charuto, terias agora uma rica preleção sôbre aporrinhações que poderias mostrar ao A. H. com título de — Moral e Melancolia —

Como vai a tua família? — teus pais? — irmãos? — e...? O Castro — Lapa — Abreu — Morais — Pedro — Rêgo — Manso — Leandro — os índios — o Holandês — e o meu Mestre de Alemão vão bons — escolhe daqui recomendações que te agradem

Teu do Coração

G. *Dias*

1º de janeiro de 1844 — e 44 — e 4 = a
1000 + 800 + 40 + 4 = a
1844 — quod dictum erat

NB. O Rêgo recomenda-se a tua família.

B.N.

16

Teófilo

Recebi [há] tempos a tua carta. [Há] tempos te respondi. Todos nós vamos bem igual de saúde. As aulas continuam excelentes. Tenho um arrepio — vou a ter reumatismo e talvez já amanhã não possa sair à rua. O Aires está em Lisboa — e o Antônio Albino recomenda-se.

Espero que a isto é que se chama dar notícias. Não tenho feito nada. Estudo a cumprir. O Drama está por copiar — o Romance por acabar e tenho suspendido uma certa ordem de estudos — que tenho de fazer para principiar o Poema de que te mandei falar. Quando te casas tu?

Lembranças a teus Pais e Manos e lembra-te

do teu do Coração

G. *Dias*

Janeiro, 10 de 44.

I.H.G.B.

17

Teófilo

[Há] muito tempo que te não tenho escrito, porém que queres tu? Há dias e dias de nojo e de enfado — que me custa a mim vencê-lo, apesar da imperturbabilidade, que me dão; mesmo os que de perto me conhecem. Custa-me a aplicação — de corpo ou d'alma — não trabalho — não: penso, não, como dantes, no viajar continuo pela terra — esperando um nome no futuro, e um pouco de terra no Brasil para a minha sepultura. — Não — quando penso — e raras vêzes me vai acontecendo — é quando vou fatigado do arruído — ou nas aulas fatigado de palavras; é no futuro,

sim — breve e nublado, sem prazer como sem esperança: não me importa com êle — estou realmente cansado de viver — podes me acreditar: digo-o a ti — a ti sòmente — por que os outros! — que se importam êles comigo — ou que tenho eu com êles? Gravei no pensamento — o Ananqui — sòmente o supus mau — por que meu tem de ser mau. Queria te escrever para te dar parabéns pelo teu casamento — sexta-feira 19 — lembrei-me que te casavas no sábado. Não pude estudar: pensava em ti, no teu futuro que pode ser tão brilhante — e o confrontava com o meu: foi triste o resultado. Ao menos, disse eu, — ao menos êle será feliz — e talvez que desfrute a parte de ventura que Deus me não quis conceder. Saí para casa da Engrácia. Estava só com as irmãs e trabalhava: levantou-se quando me viu, contente e venturosa; lia-se o prazer no seu rosto — a satisfação — o contentamento. Teófilo — tu não sabes o que é amar sem esperanças! — dizermos em nós — um dia eu farei murchar a fé daquele coração tão virgem — farei secar as rosas daquele rosto e a fonte daquela ventura tão fiada no amor e no futuro. Irei eu por êsse mundo — e ela cá fica com o seu amor —que eu levo — desgraçados porque nos conhecemos! Como ela me ama? pobre môça. Eu não choro por mim — sou homem — dispenso grandezas — e quando sofro — sou desmentido por minhas palavras — que nunca denotam sofrimento. Mas ela?! Eu queria sempre vê-la feliz — sem pesares — sem dores — sem lágrimas — sempre cheia de contentamento. Encarou-me — um pouco — e continuou mostrando um vestido que tinha feito — e não mo tinha mostrado para me surpreender. Não sei o que lhe disse — é certo que ela o atirou para cima de uma cadeira — e por alguns instantes não me falou: mostrou-me um anel e não sei que mais e preguntou-me depois: em que cismas hoje tanto? E não me falou mais. Estive a olhar para ela — reparou nisto — e me preguntou: por que me olhas tu assim? — Não queres que eu te veja? —Não — mas não quero que me olhes assim — e Eu estava pensando no que seria dela daqui a mais alguns meses — e não podia falar por que talvez chorasse. — Estêve também triste, como eu; e não se riu mais aquela noite: — qualquer que fôsse a minha pregunta, me dizia — que tens tu? que tinhas tu? E talvez que me não acreditasse se eu lhe dissesse: — tenho amor, minha Engrácia — tenho amor só — só por ti.

Adeus Teófilo — sê feliz — muito feliz — como eu sinceramente to desejo — dá parabéns à tua espôsa da minha parte — muitos parabéns. Não te queria mandar esta carta — porém como é fôrça dar-te parabéns — mando-ta; e se notares que te escrevo menos — certamente que desculparás ao teu amigo

G. Dias

Coimbra 24 de janeiro de 1844.

B.N.

18

Teófilo

1º março — 44

Recebi a tua carta, e gostei dela: quando a escreveste estavas bem contente, bem alegre — fiquei também alegre contigo — eu sou assim — todo do primeiro momento — todo d'impressões — por outra — sou como um espelho — dentro d'alma. Um sorriso que vejo em pessoas que eu amo faz-me sorrir — uma vista soberba de campos engrinaldados — alegra-me, satisfaz-me — um vale visto à claridade da lua — me entristece. Há variantes — numa cousa profundamente triste — de ordinário encontro uma parte de ridículo; — e numa cousa alegre — acho tristeza: nas variantes, entende-se. Assim me foi a tua carta: êsse anjo que encontras sempre — que te fascina, que te exalta — foi quem me fêz pensar tristemente sôbre mim mesmo. Eu também podia ter o meu anjo — sempre comigo — sempre ao meu lado — sempre feliz quando o visse — sempre contente e venturoso; sempre e sempre — e por que o não tenho? Porque num dia se me meteu na cabeça fazer versos; porque alguém gostou dêles; porque escrever — é para mim — hoje — mais do que um desejo — é uma necessidade. As vêzes eu digo em mim mesmo: que me aproveita ser poeta? — E se não desanimo, crê-me, não é por falta de martírios e pesares. Sem transição — Ando a estudar para compor um Poema — é por agora — «a minha obra». Quero fazer uma cousa exclusivamente americana — exclusivamente nossa — eu o farei talvez. Já que todo o mundo hoje se mete a inovar — também eu pertendo inovar — inovarei — criarei alguma cousa que, espero em Deus, os nossos não esquecerão. § Na minha última carta falava do namôro do Rêgo — no Pôrto. Eu te conto. Não lhe fales nisto porque não sei se êle sabe que eu o sei — e talvez não o quisesse.

A Senhora D.I. escrevia-lhe; muito e muito — isso era, um extremo de amor — como não fazes idéia — era a dedicação — o sacrifício personalizado. O Morais manda-lhe dizer a Senhora D... que o Sr. R. rompera as comunicações amatórias — ora isto para quem ama tanto podia ser tomado como uma experiência — como uma traição. Não, Senhor: La bella alma innamorata — pega fogo — como uma regateira descompõe o Rêgo — diz-lhe, que êsse projetado casamento era contra as suas inclinações — contra o seu coração e etc. Creiam lá em mulheres —!!! É uma carta vergonhosa — verdadeiramente infame.

§ Essa carta mandarás quanto antes entregar ao Souza — e manda-me a resposta dêle.

Adeus. Lembranças a tua família — e a tua espôsa —

T. do C.

G. Dias

B.N.

19

Teófilo

Uma carta grande —

Acabei o 1º volume do Alonzo — um Romance do Salvandy. * Deveras — o Salvandy seria o meu homem, se eu pudesse admirar exclusivamente um. Mas uma das cousas que eu sinto mais profundamente é a admiração; assim contento-me com o chamar-lhe um escritor brilhante e profundo.

No que diz respeito a América é de entusiasmar a quem quer que o ler. A América também é para êle um paraíso — uma terra de gigantescas esperanças: ou como diziam os colonos franceses — la terre de l'avenir; isto é|,| que no futuro seremos nós os homens por excelência. A Ásia civilizou a Roma, e Roma tornou-se Senhora da Ásia. Roma civilizou o mundo — a Europa — e a Europa continuou a sua carreira na civilização e Roma retrogradou. A Europa civilizou a América; e quem nos dirá um dia o que será a América? Os Europeus vão hoje visitar as ruínas de Palmira — da Grécia — e de Roma; quando o nosso Prata e Amazonas regar centenares de Amsterdam e Venezas — de Cádiz — talvez que um dia percorramos a Europa — visitando estas e aquelas ruínas de Luís 14 e Leão X com a história nas mãos.

Preguntando as obras das mãos de homens.

Pelo homem que as ergueu.

Assim seja. A respeito de projetos — Tinha muita e muita vontade de ir desembarcar a Patagonia — ir ao Uruguai — Chile — Andes — Peru — México — Nova Inglaterra — E. Unidos — ir dum pulo ao Haiti — a S. Domingos e atravessar o Panamá — o Amazonas — Pará — Maranhão — subir pelo Itapicuru acima — e sacudir o pó dos meus sapatos as barbas de Caxias?! Que tal?! Agora deves notar que estou agora mais positivo — já não digo: farei: digo humilde e resignadamente: Tenho vontade!

Tu já me não respondes. E fazes mal.

Não me mandaste dizer se gostavas do meu Ramalhete do Jacaré — do Espanhol — e ùltimamente do Vate. O Agapito vai de piano a piano. Terá 3 partes — a primeira está concluída — a segunda principiada — a terceira na massa dos possíveis. — Talvez que um dia dêstes principie a minha obra por excelência. Faltam-me livros — e o diabo — mas não importa. Quem sabe o que eu hei de viver? Foi sempre minha convicção que eu viveria pouco porém agora — mais convencido estou. Outras vêzes mete-se-me na cabeça que não verei mais Brasil. Então tenho vontade de agarrar em mim depois do Bacharel, e de me ir com o vento em popa —

(*) Achille Salvandy, escritor francês (1795-1856).

para sofrer alguma coisinha dos que forem invejosos — se eu algum dia fôr gente de ser invejado.

Adeus
T. do C.

G. Dias

Maio 1º de 44

B.N.

20

Teófilo

Alguns dias há que escrevi esta poesia: (*)

Quando ao entrar da vida — fascinado
Com tanta luz e brilho — e pompa e galas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:
Meu Deus disse entre mim, como é fagueira
Como é linda esta vida assim vivida!
Agora — logo — aqui — além — notando
Uma pedra, uma flor — uma lindeza —
Um seixo da corrente — uma conchinha,
À beira-mar colhida!

Foi esta a infância minha — a juventude
Falou-me ao coração: Amemos, disse,
Cifra-se a vida no amar.

E esta era linda como é linda a aurora
No frescor da manhã tingindo as nuvens
De rósea côr fagueira;
Feiticeiro sorrir nos lábios dela
Prendeu-me o coração — julguei-o ao menos:
Mas aquela sorria tristemente

Como um anjo no exílio; como cálix
De flor pendida e murcha
Humilde flor que os ventos amedrontam
no seu deserto perfumada e bela.
«Eu morrera feliz, dizia eu d'alma,
«Se pudesse enxertar uma esperança
«Naquela alma tão pura
«E um alegre sorrir nos lábios dela.»
E outra tinha um que de anelos meigos
Artífice sublime.

(*) Incluída em *Primeiros Cantos*, Rio de Janeiro, 1846, sob o título "Minha Vida e Meus Amores", com epigrafe e numerosas variantes. Cfr. Gonçalves Dias — *Poesias Completas*, Ed. José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1959, p. 130-132.

A fugaz borboleta as flôres tôdas
Elege e liba — e uma e outra — e foge
Sempre em novos amôres enleada.
Neste meu paraíso fui como ela
Inconstante vagando em mar de amôres.

O amor sincero e firme — e fundo e eterno —
Como o mar bonançoso meigo e doce
Do templo como a luz perene e santa
Não, nunca o senti — sòmente o viço
Tão forte de meus anos fui perdendo
Por amôres tão fáceis quanto infames.

Meu Deus! quanto fui louco! Em vez do fruto
Sazonado e saudável que eu podia
Como em Jardim colhêr — mordi no fruto
Pútrido e amargo e rebuçado em cinza
Como infante glutão que se não senta
A mesa de seus Pais.

Dá, meu Deus, que eu possa amar
Dá que eu sinta uma paixão
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração!

E eu sentei-me num dia junta dela
E a sua voz murmurou nos meus ouvidos:
Eu te amo! Ó anjo que não possa eu crer-te
Certo ela não é dessas que vivem
Nas fezes da desonra em cujos lábios
Só Mentira e traição eterno habitam:
Tem uma alma inocente e um rosto belo
E amor nos olhos; mas... não posso crê-la!

Dá, meu Deus, que eu sinta amor
Dá, que eu sinta uma paixão
Torna-me virgem minha alma
E virgem meu coração.

Outra vez que lá fui falei com ela
E ela me disse então: sonhei contigo.
Inefável prazer encheu meu peito
Senti delícias — mas a sós comigo
Pensei: talvez — e já não pude crê-la.

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela,
Amar-me?! Eu que sou? — um peito sem fôrça
Alma — sem vida, extremosa Donzela

Mau grado meu, crer não posso,
Mau grado meu, que assim é
Queres ligar-te comigo
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai juntar teu rosto
Juntar teu seio nevado
Contra o rosto mudo e frio
Contra o seio de um finado

Ou suplica a Deus comigo
Que me dê uma paixão
Que me dê crença a minha alma
E vida ao meu coração.

Gosto imensamente desta Poesia: talvez não sejas da minha opinião. Verdade seja que é uma pálida imitação, bem que muito livre — de uma das melhores Poesias de Sainte-Beuve — talvez melhor — pelo menos — a mais humanamente verdadeira e poética. O Agapito continua — e continuar-se-á. Tem cousas boas — sofríveis — más e péssimas. — Que queres tu que lhe eu faça? Escrevo para me distrair — e a maior parte das vêzes não sei o que escrevo. Depois, quando eu escrever só por tendência — quando me não andarem continuadamente a fornicar a paciência como as môscas de verão — então que me não desculpem. O Manso ficou no teu lugar de ouvinte: quando escrevo uma cousa, é de necessidade que as mostre a alguém, mostro-as a êle, que anda agora em dia com as minhas produções. — E que remédio tem êle senão dar-me atenção? Adeus — queria mandar-te hoje esta carta porém fui ver a descarga — e quando vim passava de meio dia. Adeus pela segunda vez. É o diabo: em eu estando de maré — escrevo — escrevo — escrevo e torno a escrever, e no fim soma tudo zero. É verdade sonhei que me não escrevias por estares mal comigo. Mas bem sabes que eu não creio em sonhos assim espero que me escrevas — mesmo no

caso de me teres preparado alguma emprêsa — como fizeste nestas férias passadas com o teu amigo Castilho. Agora sim, Adeus.

Teu do Coração

8. de maio de 1844 —

A. Gonçalves Dias

NB. Manda-me resposta pelo 1º correio de uma carta que te escrevi a respeito do Fortunato.

B.N.

21

Meu Prezadíssimo Teófilo

Pôrto — Janeiro 5 de 45

Ontem recebi em Braga a tua prezadíssima carta, que me vinha dirigido a mim, e na minha ausência, ao Abreu; Continha ela duas cartas — uma de 19 — e outra de 22 de outubro. Principiarei respondendo à tua última — Dizes-me que tens um filho: — parabéns, meu Teófilo — muitos parabéns — muitíssimos. — Vês tu como é inexpressiva esta nossa linguaguem? — Dizemos mais do que queremos, e não podemos dizer tudo. Não o que eu sinto contigo e por ti, é coisa que não se pode exprimir — apenas se tenta.

Para uma alma como a tua, meu Teófilo — para uma alma cheia de fôrça e de vida, e ao mesmo tempo tão cheia de amor — era preciso uma criatura sôbre que pudesses empregar êsse infinito manancial de brandos afetos — que tens no coração, — já encontraste essa criatura — foi um presente de Deus; pois agradece-lhe. Há muito tempo que me corria pela alma uma dúvida; e eu ta direi, porque me não acostumaste a esconder de ti os meus pensamentos — essa dúvida (não passe de nós) eu a descobri no teu coração, onde leio tanto e mais distintamente do que no meu — «Não és feliz depois de casado» — ou por outra — «Não te casarias se ainda hoje fôsses solteiro». Não é isto verdade?! Ah! escusas de o negar — êste pensamento morrerá comigo. Tu e eu meu amigo sofremos ambos — e sofremos muito, tu por inexperiência quebraste o teu futuro — por fatalidade eu quebrarei o meu — quebrarei sim, é de necessidade que assim o seja! Olha, quando penso sobre nós ambos, que devêramos de ser Irmãos pelo sangue como pela alma o somos — quando penso naqueles nossos tão doidos, mas tão amorosos projetos de Coimbra (que também eu já não sou de Coimbra) quando penso no que podíamos ser de grandes para o futuro; e digo — no que somos hoje de pouco, — e no que seremos de menos para o futuro — dá-me vontade de chorar, e de chorar sempre — até que entre soluços se quebrasse a minha alma do meu corpo. Mas Deus — (sinceramente o digo — porque hoje — sou cristão) Deus secou

as lágrimas dos meus olhos — para que estas caindo gôta a gôta sôbre o meu coração mo calcinassem.

Quando nisto penso — lembro-me tão bem daquela boa e delicada idéia do — Albano — que pintou ao Menino Jesus — sôbre o instrumento, em que êle, muitos anos despois, devia ser crucificado. Tu e eu quase que também meninos, suspendemos corajosamente a nossa cruz, e a levaremos — corajosamente ao Calvário. Temos ambos o nosso martírio não sabido do mundo — o Gênio êsse quê tão fagueiro na meninice — as vêzes na juventude, e tão áspero entre as realidades da vida: êsse marítrio — que tu tens a coragem de esconder, e eu a não menor coragem de publicar. Assim, meu Teófilo — dou-te meus parabéns por teres um filho — é uma vida que precisa da tua vida; uma alma, que precisa da tua alma. Quanto ao que me dizes que lh'ensine — eu lhe *ensinarei* — a *única ciência* da vida — uma ciência difícil — eu lhe ensinarei a sofrer como um Cristão; isto é sem azedume e sem impaciência, com a esperança, e com a fé.

À tua carta de 19 — respondo: Não te tenho deixado de escrever por ser deslembrado — tem a certeza que hoje ou despois — (seja quando fôr) — em qualquer parte que eu esteja — *longe ou perto de ti guardarei* preciosamente a tua lembrança — guarda-lá-ei religiosamente — como de coisa que no mundo estimamos sôbre tôdas as coisas — não te escrevi por que esperava ser eu mesmo o portador dos meus pensamentos — e escrevo agora para te dizer que breve serei contigo — para te dizer o meu último Adeus — no caso de eu morrer embarcado.

Se assim fôr meu Teófilo — não chores por mim — não derrames uma lágrima sequer porém dá um banquete aos teus amigos — em honra de outro que será feliz — longe deste mundo e que morrerá pensando no que o protegeu, e obsequiou tão delicadamente — e tão do íntimo do coração lhe oferecia o título de irmão.

— Quanto aos teus pequenos rendimentos — lembro-te aquêle verso de Ovídio — que tem tantas aplicações — e em tôdas verdadeiro — em que o Poeta *fala do regato que a cada instante adquire novas fôrças*.

Vires acquirit eundo.

Meu irmão — de que me falas — sempre teve temperamento linfático — é paciente, como um boi — já o sei — está bom para estudar direito — para que o querem mandar.

Todavia — não há muito tempo que me fizeram uma brilhante pintura da sua capacidade — bem quisera eu que tal juízo fôsse teu; e o teu, de quem me deu o outro. Estás para êle, como dizes que está meu Irmão para mim. Apesar de tudo não estou descontente com êle — dizem que tem um gênio excelente e boa índole. Isto é muito — porém não é tudo — espero ensinar-lhe mais alguma coisa — o que se chama virtude passiva é ineficaz — a Ativa pode prejudicar — mas fica sempre bela. Já que

eu a não pratico — eu ensinarei a praticá-la — é esta a teoria e a prática do nosso clero.

Quanto ao teu projeto de Academia — muito estimarei que se realize e que prospere. Em verdade — quem cuidará de a fundar se vocês o não fazem? o projeto é belo e útil — mas por isto mesmo — faço como tu — no frontespício dêsse santuário — gravarei também o meu «*dubito*».

A minha certidão de Bacharel — eu a levarei como pedes. Porém desde já to digo — a menor dificuldade — a mais insignificante objeção — a tal respeito — será a sentença de morte para o meu pedido — deixar-te-ás dêle — e a tal respeito não falarás a ninguém. Sabes por que? Quando eu pensava que me estaria mal a mim ter o orgulho que eu tinha — li o — Vicar of Wakefield — e resolvi de ser orgulhoso como dantes, e mais se o puderes ser — o orgulho engrandece — é esta uma verdade mal sentida, mas que é verdade.

Tenho escrito muito — Acabei o Agapito Goiaba — um romance de pêso isto é volumoso. Acabei *Beatriz Cenci* mais Dramático que o *Patkull* — o que não prova nada. Escrevi muitas Poesias — que farão parte do volume que viste — que não sei se se perdeu — nem se não — o Pedro ficou com êle em Lisboa — não sei para que — e até hoje — nem palavra a tal respeito. A vista te direi o que foi feito dos meus papéis. Principiei um novo volume de Poesias — de que já tenho feito um bom par delas — e um prólogo que podia estar pior. Tem por título... As Visões — Caramba! Tenho já feitas — O Satélite — A Mendiga — O Bardo — A Cruz — O Prodígio — O Canto do Espectro adúltero — Fantasmas — A Morte do Índio — A Escrava — e não sei quais mais finalmente — 13.

Viajei pelo Minho — por Trás-os-Montes — por Galiza etc. Tenho dois romances — *dans la tête*. E pesa-me de ter perdido como me parece — os papéis que deixei em Coimbra. Adeus.

Lembranças a tôda a tua família — e conta com o teu

Irmão do Coração.

Antônio Gonçalves Dias.

I.H.G.B.

22

Teófilo

Caxias, 22 de abril de 1845

Cada vez mais vulgarismo — mais tédio — mais aborrecimento desta imundície — cada dia um nôvo protesto de me afazer com a minha nova vida — e em cada dia percebo um nôvo motivo de desgôsto — e de descontentamento. Futuro?! lá se vai com o resto dos meus doidos projetos.

Poesia?! já lhe perdi o amor e nenhum outro tenho para o substituir — Glória?!

«Glória! il mio destino è d'agonarla

E o de morir, senza avere gustata. (Manzoni)

o meu destino é de a cobiçar do mais íntimo d'alma, e de morrer sem a ter provado».

Passemos isto. Nem ao menos tu me escreves! É mal feito. Uma palavra depressa se escreve, e eu queria ter carta tua fôsse sôbre o quer que fôsse.

O portador desta te entregará um papagaio. Não tive tempo para o encarapitar numa gaiola maior, por que agora mesmo me chegou — e amanhã cedo parte o Sr. Bastos que to entregará. Dizem-me que é um belo palrador — é do tempo da Balaiada e manda melhor do que o Tempestade — ou Trovoada ou outro dos Imortais de 39, que morreram debaixo de açoites — ou apunhalados pelos seus. Pobres Bruces Maranhenses! Viriatos Brasileiros! A terra lhes seja leve. Esquecia-me — o papagaio é para a tua Tia D. Lourença. Tu, como vais? Teu pai? mulher e filho? E o Rêgo que me não escreve? Adeus

Teu do Coração

G. *Dias*

I.H.G.B.

23

Teófilo

Caxias, 1 de maio de 1845

Não me tens escrito e tens feito mal; sòzinho em terra que, apesar de minha, eu posso chamar estranha, é-me preciso falar, sequer de longe, com alguém que me fale noutra vida, que não nesta da realidade e do interêsse, é-me preciso falar com alguém que me entenda, e que me responda, é-me necessária a voz do irmão da minha alma — voz de amor e de esperanças — voz de entusiasmo e de poesia — de um gênio e de uma alma irmã do meu gênio e da minha alma — mas que tem acentos mais fortes que os meus — mas que tem modulações mais doces que as minhas — por que a sua vida é serena e doce e tranqüila — enquanto que a minha é rude — espinhosa e cheia de martírios, é a vergôntea donde caiu a rosa fragrante e corada.

Fazes mal. Vês tu, meu Teófilo! A minha imaginação deixou-me — perdeu-se — fugiu. Para onde?! — para onde foge a doce brisa da manhã — para onde foge o espírito do menino que morre — para onde foge o pensamento do Poeta — para o Céu!

E eu, que sou? — Alguém que sofre, e que não pode gemer, e que não *tem sequer um recanto* onde viva — que nem se quer pode fugir para outros climas — entre gente desconhecida, que em o vendo perguntasse a si mesma: Êste quem é, que não chora e parece *sofrer tanto!*

Triste foi a minha vida de Coimbra — que ê triste viver fora da pátria, subir degraus alheios — e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de amigos... embora! o pão era alheio — era o pão da piedade — era a sorte do mendigo. Compaixão! é um têrmo de expressão incompreensível — não a quero.

Mas ser desconhecido — ou mal conhecido, mas sentir dores d'alma, mas viver e morrer sem nome, sonhar de tormentos e viver dêles — é *mais* triste ainda.

Adeus — Aí te envio essa carta — se te parecer darão ao Pedro as *tuas ordens*.

Teu do Coração
Dias

I.H.G.B.

24

Teófilo

Caxias, 18 de junho de 1845

La vai a relação que me mandaste pedir sôbre o estado da Instrução nesta Cidade — Na Instrução Primária — há 3 pontos cardeais que devem ocupar os cuidados dos Professôres — 1º é a religião — incluída a moral, — 2º a Língua pátria — incluída a Gramática filosófica ou a lógica gramatical — 3º *escrituração e contabilidade*. Como acessórios temos — os elementos de civilidade prática, — o asseio — a decência nos gestos — a polidez nas palavras etc. etc.

— Quanto a primeira — todos os sábados papagueia-se um pouco de catecismo — decorado à fôrça de muita palmatoada — e automàticamente repetido. Se lhes perguntares quem fêz o Creio em Deus Padre — não to saberão dizer — e contudo eu creio que lhes seria muito útil saber que a sua profissão de *fé* — é um *resumo histórico e moral* do Nôvo Testamento e que os Apóstolos foram seus autores. — Se lhes pedires explicação de cada uma dessas orações símplices — enérgicas — e expressivas — do catecismo — não ta darão. Professôres há nas mesmas circunstâncias, segundo eu penso. Atentemos neste ponto — eu não quero que os meninos sejam teólogos — mas quero que se lhes diga e repita quanto ser possa — que a sua religião é verdadeira, que os seus dogmas são santos — e que *devem ser observados*. Na *infância é quando as idéias se enraizam* profundamente — e a religião quanto a mim é a base de tudo quanto é útil, grande e venerando. Fazê-los repetir "creio" — sem se lhes *explicar*

o que é | , | acostumá-los a um método vicioso e falsificar-lhes a inteligência igualmente, fazê-los repetir "creio" sem lhes dizerem ao mesmo tempo — como e por que — é levá-los diretamente ao Ceticismo — ou ao Fanatismo. Se êles prosseguirem com estudos mais elevados — serão incrédulos — se não, serão demasiadamente crédulos — porém nunca serão crentes. Isto quanto a religião: de moral que eu saiba não se diz uma palavra; torno a repetir, eu não quero cursos de direito natural nas escolas de ensino primário; não quero filósofos — de 9 — 10 — a 12 anos — porém porque êles são a esperança do futuro é necessário que êles saibam — o que é útil — o que é prejudicial — que o vício é feio — que só por meio da virtude é que o menino se habilita a ser homem — cidadão — e pai de família, — que fora dela não há consideração dos outros homens — nem felicidade possível. — Mas não será o mesmo em todo o Brasil?

Quanto ao 2º quesito [,] a Gramática — é cousa de pouca monta. Não há aqui Professor, que eu saiba, que me explique o fenômeno comum a tôdas as línguas — de não haver verbo sem sujeito — de não haver adjetivo sem substantivo. Assim também — o discípulo habilitado por seus professôres para entrar para uma loja — não escreverá uma carta sem milhões de erros — de ortografia — de pontuação e de sintaxe — erros que bradam aos céus; — não lerá um livro sem novos erros de prosódia e de pouca inteligência do que lê, — não regerá uma oração sem erros crassos — multiplicados — infindos.

Mas por que não vi ao nosso delegado de Instrução Pública — em uma só aula que fôsse? — por que nunca deu uma relaçãozinha dos *talentos* dos Professôres que nós temos? por que se não critica o seu método de ensino?

Quanto ao 3º quesito façamos-lhe justiça, são eminentes — Mestres e discípulos têm um belo talhe de letra — e fazem uma conta de algodão — ou de fumo — pêso bruto — Tara — Líquido — Dízimos — Direitos etc. — Rs $. é em quanto o diabo esfrega um ôlho.

Chegado aqui há pouco tempo, e saindo raras vêzes, não te posso nomear cada um dos Professôres por seu nome — nem dar-tos pelo que êles valem especificamente — todavia seguindo a regra: Ex fructibus eorum... podemos fazer a equação = 0. Sei porém que em uma escola os meninos escrevem de escrita

Se o mundo é *todo d'amôres*

Quem pode deixar *d'amar*

Maus versos — abominandos, cujo ritmo estraga os ouvidos já tão pouco musicais dos nossos comprovincianos — cujo pensamento efemina e desmoraliza a juventude.

Prossigamos. Temos um Mestre de Francês que nos baste a nós Caxienses para as nossas relações comerciais com a França; e não temos

nem um de língua latina que nos ponha em contacto com os antigos Senhores do Mundo!

A causa disto — é óbvia — no meu modo de entender — é o patrocinato — Por que se não escolhem homens que ao menos atamanque[m] a *sua língua* — *que saibam* um *nada* de gramática filosófica — e Geometria? por que se não requer dêles um exame severo — de moral e de Doutrina? por que se não requer dêles um atestado de bom procedimento — quando se não possa consultar a voz pública — mais verdadeira que louvores de Patronos? Queres tu saber? É uma coisa em que também me comprometi — e falarei sem temor de que me dês por suspeito. Havia 4 Examinandas para Mestras de Meninas — destas 4 — duas pertenciam aos 2 partidos — inimigos figadais. Acendeu-se a câmara — alteração entre os dignos Vereadores — Próprios para Maranhão — nova eleição de examinadores — demitidos eu e o Vilhena — eleitos ao princípio para êste encargo. As pessoas eleitas examinadores eram da *panelinha* de uma das Meninas — as outras 3 retiraram-se, porque entenderam que a teima seria inútil — e foi a Menina examinada e aprovada, "Mestra de Meninas" — mestra na extensão da palavra.

De costumes — ... que direi? — nada — por que de nada tenho experiência mas um fato — vê-se e observa-se. Era a deusa — das funções caxienses — e *hoje em nenhuma aparece* — *porque não é convidada*. Boas e más línguas retalham o procedimento da Menina; — e eu tenho para mim que nunca verei as filhas dos seus Protetores na escola da sua feliz Protegida. — Fizeram-lhe no exame meia dúzia de perguntas de caderneta a que ela respondeu frisantemente. Exemplo: Adjetivo é uma voz que exprime coisa certa! Por esta definição — *Boi* é Adjetivo — e *Incerto*, Substantivo — ou como ela o chamar — contanto que lògicamente não será Adjetivo.

Deram-lhe para ler a Constituição do Brasil que ela leu sem fazer pausa senão para tomar respiração — encontrou Dinastia — e leu *Dinástia* — e outras coisas galantes que me esquecem agora. Na sintaxe — mandaram-lhe dizer qual era o verbo das orações — e nada mais e ela disse-o por tal modo que se o diabo houvesse encaixado um verbo no modo infinito no artigo 1. da Constituição do Brasil — teríamos o novíssimo achado de 2 verbos em uma só oração. Ao menos ela sabe cantar, e as discípulas imitando a Professôra poderão cantar ao som da harmoniosa guitarra.

"*Seje*, Jonio, muito embora."

Se precisares de esclarecimentos sôbre êste ponto — fala-me.

A esta hora já terás recebido do José Moreira — uma carta com 50$ m/c — inclusos — e mais 100$ réis prata — para me mandares alguns livros dando uma quota a teu pai para me mandar de Portugal as minhas Cartas.

Escreve-me — manda-me os livros — e diz-me quando vai teu Pai — e se me faz êsse favor. — Diz-me também se êle recebeu uma carta minha.

Lembranças a tua família — e manda-me a Idéia de Deus em letra redonda.

Teu do Coração
A.G. Dias

I.H.G.B.

25

Meu querido Mano e amigo do Coração [Teófilo]

Caxias, 31 de agôsto de 1845

Recebi a tua carta de 13 — em que acusavas o recebimento de uma minha de 1º do corrente — ainda não foi a última, — não sei se te escrevi pelo Correio que lá deve chegar hoje — creio eu — porém é certo que te escrevi — e a teu Pai pelo Cirurgião Pinto que daqui partiu — e com ela foi a relação dos livros que eu peço — bem que seria melhor mandar-te dizer que procurasses a carta que acompanhava o dinheiro que te enviei — por que julgo que escreví a relação dos livros no Verso da Carta — em todo o caso faz a experiência —

Muito estimei saber que já há em Maranhão uma companhia italiana — não sou egoísta — meus amigos que desfrutem por êles e por mim —; bem verdade é que a Música é também daqueles casos que

Melhor é exp'rimentá-los que julgá-los

Mas eu — estou — ao menos por agora — mesmo no centro daqueles que, como diz o Poeta — e como eu digo

Julgam que não posso exp'rimentá-los.

Meu amigo — Aqui estou como o Gulliver quando acordou na terra dos Pigmeus; — uma infinidade de fios subtilíssimos me prendem — e eu não os vejo — sinto sòmente. Vê que fortes que êles são! empregas tôda a fôrça da tua eloqüência tôda a viveza da amizade e do sentimento — a música do Belini — o prestígio de uma Ópera — e não corro para me lançar em teus braços, e não respondo à tua carta com a minha presença. — Mas tempo virá — em que contemos êstes dias de ausência — por horas de prazer e por uma conversação interminável. Não agora.

Que vou lá fazer? — Nada. É o que faço aqui porém aqui ao menos tenho que comer.

Escreve ao Pedro — ou pede a teu Pai — que lhe escreva que êle talvez o atenda mais — que mande por algum Capitão de Navio, teu conhecido — o meu volume de Poesias — o Drama — os meus papéis — bem fechados, que se não percam.

Em êles chegando — diz: vem — e eu serei contigo. Vou ao Rio — represento a Beatriz — Vendo o Patkull — e talvez o corrija para o dar

à cena — vendo o volume de Poesias — e então com um tal ou qual nome — talvez com fortuna por algum tempo — virei para a terra em que estiveres — por que bem o sabes — minha vida está contigo — meu futuro — e família — e sentimentos. — Por ventura tenho eu alguém que me compreenda a não ser tu e o Morais? — Os outros observam apenas a superfície — e dizem; — é um caráter leviano que não sabe sentir! — Muitos me julgam assim — eu o sei — mas que me importa o seu juízo a meu respeito? — Talvez que eu mesmo o estime — minha vida é sofrer — é fantasiar dores e sofrimentos — eu bem sinto que isto tem muito de vago — muito de loucura — mas o que é certo é que eu sofro — Queres mais? — Pois que estamos com esta matéria, bem é que eu te revele tudo. Momentos há na minha vida — não digo de melancolia por que raras vêzes a sinto — agora; — mas de desespêro tão sombrio e intenso, em que até a tua amizade se me torna em tormento — porque então eu queria ser só — queria recoser comigo meus pensamentos — saciar-me de sofrer — mas eu só. Porque esta nossa amizade — tão bela — e de que eu tenho orgulho, principiou com sofrimento — e queira Deus que não acabe em sofrimento, como eu julgo porque há horas durante a noite em que eu me julgo bem fraco — para o meu proposto — e para viver — Viver! Talvez o não saibas, há vidas ignoradas que passam sôbre a terra com mais coragem do que um guerreiro em dia de batalha — há instantes tenebrosos em que é preciso um grande esfôrço de virtude para que se não ceda á vertigem — á atração do Suicídio — Estranhas esta palavra — não é verdade? — Nunca ela te veio ao pensamento, porque tens família, tens filhos, e é mister que tu vivas — também eu tenho Mãe, meu amigo — boa, se as há. Assim nada receies por mim — e demais não tenho eu visto e ouvido — sorriso e palavras de escárnio para o homem que se mata?

Eis-me agora com vontade de rasgar esta carta, e de te não escrever êste correio — porém irá como a escrevi — darás a loucura o que é da loucura — e não te esquecerás da parte da amizade. Escreve ao Pedro — Pede a teu Pai que lhe escreva — instantemente — e manda-me os livros — de que vai a relação —

Adeus

Teu do Coração

Dias

Faze-me o favor de mandar entregar essas cartas.

(No verso da carta)

Lei da Guarda Nacional
Regulamento das Câmaras
Advogado do Povo
Manual do Tabelião por Correia Teles acomodado à Legislação do Brasil

Exemplares dos *Libelos* por Correia Teles
Manual prático do Gomes
Dicionário Comercial — Ferreira Borges
Código Comercial Português
Traité des Nullités des conventions en matière civile — par Solon
Traités des Minorités — *tutelles* — *et curatelles* — par Maguin —
(Havendo boas obras em literatura — suprime esta)
Macarrônea
Romanceiro Português
Parnaso do Brasil
Byron (traduction de Prehot — ou de outro que houver)
Poemas de Ossian (em inglês)
Os mesmos — tradução italiana do Cezarotti

Para preencher a conta — escolhe
Poesias de Hugo — Lamartine — De Vigny — Auguste Barbier — Sainte-Beuve — Béranger — ou o Teatro dos 3 Dramáticos franceses — edições de Charpentier — ou d'*Elite* a que houver.

Arranja-me por fás ou por nefas
O Vocabulário da Língua Geral
E uma Gramática Alemã

Dias

I.H.G.B.

26

Teófilo

Aqui chegamos ao Ceará — com três dias de viagem — muito vento pela proa — porém muito bom tempo — pouco enjôo — tenho lido muito pouco — composto ainda menos — e muitas saudades.

Lembranças a D. Mariquinhas — um beijo ao Ricardinho. Lembranças a D. Lourença, D. Luzia |,| D. Ana — Maria Teodora — e a todos. Aceita o coração

do teu

Dias

17 de junho — 46.
A Bordo do Vapor.

I.H.G.B.

27

Teófilo

Foi maldita a viagem, e tanto que eu já desesperava de chegar a salvamento. Saindo da Paraíba — encontramos um iate pelo meio da noite — houve avaria — a tripulação do iate saltou para o vapor e creio que

o iate foi ao fundo. Em Pernambuco arrebentou-se uma amarra, e quase fazemos espalhafato com os navios ancorados. Na Bahia houve um assassinato a bordo — o Contramestre que matou um marujo. E ao entrar no Rio — faltou-nos o carvão — e uma das caldeiras por estar rachada ou por outro qualquer motivo não podia trabalhar. Entramos pois no dia 6 a noite, e desembarcamos no dia 7. Ao desembarcar os trastes vi que a minha caixa de livros se tinha molhado — estragaram-se os 3 últimos volumes do Byron — alguns do Filinto — todos os meus manuscritos etc. E por fim, como eu não posso mudar de terra sem granjear moléstias, estou com a bôca tôda ferida; não sei de que: talvez seja por causa da creosote (*) de que fiz muito uso durante tôda a viagem — com a dor de dentes — talvez mesmo do charuto — talvez gálico — veremos o que é.

Estive com o Vale todo o tempo que estive em Pernambuco — conversamos ás estopinhas — estive com o Mamede ** — que me deu 2 cartas de recomendação fortíssima para 2 cunhados dêle — Deputados. O Vale arranjou-me outra de um seu Colega — para um Desembargador, dizem-me — de muita representação. Estive com o Pedro na Bahia; tem sofrido muita guerra — espalharam que êle não era formado — e inclusivamente para um ridículo emprêgo de Secretário das Obras Públicas obrigaram-no a fazer exame das 4 operações e de Gramática Portuguêsa.

Como não posso apanhar sol, ainda não acabei de entregar as minhas cartas de recomendação; e nestes 6 dias vou fazer imprimir novos prospectos. O Sousa, meu companheiro de viagem, teu Colega do Colégio do José Pedro — compromete-se a arranjar-me em S. Paulo pelo menos 100 assinaturas para a minha obra.

Tudo o que levo dito foi escrito no dia 9: agora continuo no dia 10.

Asseveram-me que o Holanda estava já indisposto com o Emidio; mesmo antes do negócio do Ferefogo; há tôda a razão para supor que êle terá brevemente a sua demissão.

É também coisa corrente que a [sic] teu amigo Morais de maneira alguma obterá a presidência do Ceará; o seu protetor caiu — e com êle tôdas as suas esperanças. Brevemente pois estarás sem emprêgo. Disse-me o Serra que os Deputados do Maranhão estavam trabalhando para te arranjarem um lugar na legação da Bélgica — que tem mais do que um vago. Fiz-lhe ver que só te convinha o lugar de 1º Adido em Portugal — e que a não ser êsse, era escusado trabalhar por que não irias contra a vontade de teu pai. Nestas circunstâncias pareceu-me melhor trabalhar para te arranjar em 1º lugar o emprêgo do Tesouro que se achará vago dentro em pouco — do que o de Primeiro Adido de Lisboa — que está com dono. São empregos pingues êsses do Tesouro — e há muitos afilha-

(*) Creosoto
(**) José Mamede Alves Ferreira.

dos — e muitos pertendentes em tôdas as Províncias; raras são as vagas — e quem os quer, precisa aproveitar-se de tôdas as circunstâncias ainda das menores. O Serra prometeu falar por ti; êle o fará por que se é preguiçoso em escrever, não é para servir aos seus amigos. Por mim farei o que puder — e tem a certeza que não serei dos que hei de trabalhar menos. Hoje mesmo falarei com o Jansen — Quintanilha — e Moura Magalhães; do que houver te darei parte. Tenho dito por aqui (o que é verdade) que se pedes êsse lugar é porque impreterìvelmente tem de ficar vago. Ora no caso de ser excluído dêle o atual possuidor, tu o pedes porque não prejudicas a ninguém. Eu pela minha parte acrescento, o que também é verdade que difìcilmente se encontrará na Província — que tenha melhores habilitações para o exercer do que tu. Passemos.

O Serra ficou muito contente de me ver no Rio. Espero que êle me servirá no que puder. Algumas palavras sôbre êle.

Pelo que entendi de uma conversa que tive com êle — êle não é feliz com a sua família — a *desilusão* chegou enfim. Estou que nos primeiros tempos da sua estada no Rio, êle se esquecesse dos seus amigos — é coisa muito natural. Deixar de viver como rapaz para viver como casado — de viver como estudante para viver como cortesão — de viver como independente para viver como pretendente, são coisas que roubam muito tempo — que ocupam a imaginação durante o ócio — e que tiram a memória ainda aos mais lembrados. Agora porém que êle é pai de três filhos — quando já o amor se esmoreceu com a posse — e as esperanças afundaram-se na realidade, êle deve sofrer de tudo que noutros tempos lhe foi prazer. Suas esperanças deviam ser alguma coisa mais do que a posse de 3 contos anuais — não há homem nenhum que não tenha esperanças gigantescas — e indefinidas na sua juventude. Como apaixonado — êle quereria talvez que a sua mulher fôsse um anjo — talvez que êle o pensasse; e agora estranha de não ter encontrado senão uma mulher como talvez ela estranhe de não encontrado senão um homem. Isto é de todos os maridos e de tôdas as mulheres. É nesta quadra que a mulher se lança corpo e alma — no amor de mãe — e que o homem começa a amar os filhos como a si próprio — e aos amigos da sua juventude — como partes da sua alma — como os verdadeiros companheiros da vida — como os irmãos do seu pensamento. O Serra está neste caso; podes acreditar-me porque eu compreendo mais coisas do que advinho — e advinho mais do que sei. A prova disto — é que êle fará por mim mais do que ninguém — e por ti, — mais do que pensas: — se algum dia vieres ao Rio — tu me dirás, se não é verdadeira a minha conjectura.

Falou-me muito muito sôbre ti — sôbre Coimbra — e tôda a rapaziada. Adeus. O Correio está a fechar-se.

Pelo outro vapor escreverei ao Fábio — Collin — Quadros — e a teu Tio Vale — Lembranças a todos — dize-lhes que lhes não escrevo agora

— porque ando com a cabeça muito alevantada. Diz ao Quadros — que não me ofereçam *patrona* — e que por conseqüência não farei sentinela. Lembranças as tuas cunhadas e Tia — e a Maria Teodora — um beijo ao Ricardinho.

Muitas e muitas recomendações ao Padre João a quem não escrevo por não saber o nome — manda-mo dizer.

Adeus

Teu Mano e Amigo
Gonçalves Dias

Entrega essas cartas aos seus donos —

[9 de julho]

I.H.G.B.

28

Meu bom Teófilo

27 — agôsto.

Tens sentido muitas saudades minhas — também eu, meu Teófilo: — também eu por que os melhores meses que em minha vida tenho passado, foram êsses que passei contigo, e quem sabe se êles tornarão a voltar? Porém o passo está dado; fiz como César | : |atravessei o Rubicon e já não posso recuar. Queres saber tôda a minha vida — não é assim? Queres ainda de longe continuar a viver comigo; lá vai.

Cheguei como sabes, e não fui morar com o Morais * por boa meia dúzia de razões; — foi a primeira morar êle a 1 légua distante da Cidade — em uma das chácaras do pai; ora como eu tenho de rever provas todos os dias — como tenho de andar todo o dia a *fureter* na Biblioteca, como me será preciso dentro em pouco assistir tôdas as noites aos ensaios da minha *Beatriz* — era-me impossível morar com êle. Assim nem lhe falei nisso.

Estou pois num belo Hotel "L'Univers" de M. Moureau, minha patroa, de seus trinta a quarenta anos com presunção de *coquette*, e ainda fresca como um pé de alface colhido há 3 dias, porém há três dias mergulhado n'água. Gasto o menos que posso — pouco mais ou menos como um Lord; não nasci com gênio de mãe de família que reparte com exatidão matemática o pão que há pelos filhos que tem. Gasto como um doido. Deus é Grande e Misericordioso.

Perguntas-me como fui recebido?! — bem; cartas de recomendação não servem se não de apoquentação; e fazer e receber visitas — nada mais. Ora eu tenho mais que fazer. Como sabes, vim de lá com tenção de imprimir o meu volume de Poesias na Imprensa do Inácio; aqui porém me disseram

(*) José Hermenegildo Xavier de Moraes.

que talvez eu me fôsse criar prevenções contra mim imprimindo a minha primeira obra em uma Imprensa de partido; achei que havia nisto um fundo de razão e desisti do meu proposto. O Serra falou com o Laemmert, e êle prestou-se prontamente — está já no prelo; estamos em pág. 64 — tem sofrido alguma demora porque o Laemmert meteu-se agora em imprimir folhinhas. Dentro dêstes 2 a 3 meses lá o terás.

Refundi tôda a minha *Beatriz* — dei-lhe um sinal de 5 $ demônios — há-de fazer efeito, eu te asseguro. Eu conto com as pateadas. O João Caetano está acabando de construir um Teatro na Côrte, e tinha aberto um concurso para quantos dramas originais aparecessem; o escolhido devia ser mandado imprimir por conta dêle. Quando [d]êste concurso me chegou a notícia, já o prazo se tinha acabado; ainda não sei com que condições o levarei a cena.

A D. Mariquinhas perdeu também comigo, por que os gastos de impressão podem elevar-se a uns 600$rs. que lhe vinham a pertencer. Veremos se ela é *feliz*.

Estou estudando matéria para outro Drama; porque como me parece que a minha vida literária será como os dias dos pólos — isto é — infinitamente pequena, quero fazê-la no pouco tempo que tenho a mais brilhante possível. Todos os dias desde as 9 da manhã as 2 da tarde estou encafuado na Biblioteca revolvendo Crônicas velhas das *primeiras edições*.

Quando recebi a tua carta, em que me davas parte da morte do Velho pai do Serra, compus uma poesia — creio que não é um epicédio — são lágrimas puras — porque entrou ela muito do que eu tenho sofrido. Aí ta remeto — é sòmente para a leres e não para a publicares. Não a dei ao Serra — êle só a verá depois de impressa.

Já tinha feito uma carta para 'ta mandar no Correio passado — por descuido ficou; estava eu então atrapalhado com a reforma da minha *Beatriz*. Para que desta vez me não aconteça outro tanto, escrevo-te já, e acrescentarei depois o que houver de nôvo.

Mandas-me dizer que fale ao Albino e ao Moura para ver se se conclui algum dos teus negócios antes de fechada esta sessão. Hoje mesmo mandei chamar um médico porque estou muito mal dos escrotos; é uma inflamação com dores fortíssimas que já me não deixa sair a rua; creio que brevemente estarei de cama, — agora mesmo (8 da noite) julgo que tenho febre ou é o diabo por ela. Veremos o que diz o médico; se puder ser eu lhes irei falar pessoalmente quando não eu lhes escreverei. Em tempo acabarei com êste artigo.

Quanto a um NB. que acrescentaste a carta que a Srª D. Lourença teve a bondade de me escrever, em que me falavas a respeito do Dr. Fábio,

diz-lhe que antes de vagar êsse lugar já êle estava prometido; porém que não se lhe dê disso. O Albino por tôdas as *vias e condutos* lhe está arranjando o lugar de Secretário do Govêrno no Maranhão é um bom lugar, sobretudo se o Serra para lá fôr como presidente como é muito e muito de supor — 2:600$rs. é bem melhor do que 600$rs. sem os dois contos.

Entre os meus papéis encontrei a relação dos assinantes que o Emidio me arranjou; remeto-te uma cópia para a juntares as outras que lá deixei.

Quanto ao Gregório lê o período que se segue a quem quer que te falar do que entre nós houve.

Quando me vim de Caxias despedi-me de todos — amigos — conhecidos — indiferentes, e o que mais é dos inimigos: sim até de inimigos ou de malquerentes; porque como eu estava intimamente convencido de que me não tinha curvado a nenhum nem ficado de pior partido em as nossas polêmicas — tinha e tenho para mim que assim como me não era desairo contar o que entre mim e êles tinha havido, também me não ficava mal estender a mão para qualquer dêles, como me não ficaria mal abraçar um homem que me houvesse injuriado, quando eu em algum duelo o houvesse desarmado. O Sr. Dr. Gregório abusando muito pouco dignamente do seu emprêgo — ou por vontade ou por sugestões estranhas, bem visíveis se é que existiram, mandou-me pedir as minhas cartas — não tendo o direito para o fazer, negando-me um tratamento que me competia, e querendo por êste meio — bem vil — fazer-me passar por impostor diante dos meus Concidadãos — mostrando aos beleguins e escrivães — seus confidentes — o meu primeiro ofício porque era comedido e respeitoso, e recatando cuidado — sòmente os outros porque êsses já eram de um homem ofendido que pesando as suas palavras sabe contudo — fazer subir o sangue as faces do homem injusto — mesmo daqueles que estão pouco acostumados a corar. Despedi-me de todos, e nem me esqueci de S.Sª — porque me era preciso fazer-lhe ver que se S.Sª pagando visita a todos me não tinha pago a minha — tendo aliás passado pela minha porta; queria a fôrça de delicadeza fazer-lhe ver a sua incivilidade — procurei-o para me despedir dêle — bati à sua porta — esperei-o. (S.Sª que se informe dos seus vizinhos). Creio eu que êle premeditava fazer-me esperar — indefinidamente e por acinte; retirei-me porque era muita grossaria.

Meu bom Teófilo, vejo que me dizes teres escrito para Caxias a meu respeito; não me está bem a mim dizer-te que fizeste(s) mal, porque o fizeste(s) por meu respeito, porém se alguma coisa valho para contigo peço-te que te não malquistes por mim. Não me granjeias amigos — e adquires inimigos para ti. Quando diante de ti se falar mal de mim basta que digas que és meu amigo e êles se calarão por civilidade. De mais, meu caro Teófilo, é uma responsabilidade que tomas sôbre ti vaticinando de mim algu-

ma coisa; e eu quero em qualquer tempo tomar a vida que me parecer. Se eu fôr alguém, não haverá coisa mais natural; e se eu não fôr nada também ninguém nada esperava de mim.

Deixemos isto.

Pedes-me notícias do Mahamede: lá vão. A família dêle é bastante numerosa e creio que bastante influente, está ligada com a política agora dominante em Pernambuco — e dá dois Deputados, para quem me deu êle cartas de recomendação. Creio que êle está encarregado ou diretor das Pontes e Calçadas em Pernambuco — com uns 3 contos por ano — é o que eu suponho, e creio que foi êle que mo disse. Está tão bem com projetos de viagens, que se não hão de realizar — tem em Pernambuco — uma casta diva, ou prima ou parenta, e eu creio que êles rulam como dois pombinhos. Todos êsses projetos ficam embrulhados na estola do sacerdote — quando êle pergunta ao homem: Hanc vis sponsam? — e à mulher: huic te nubis? Êles respondem "equidem" ou sim, conforme a lingua em que a pergunta foi feita; e o Deus amor torna-se homem, de criança que êle era — senta-se na cadeira paternal — tira a venda dos olhos e chama-se daí por diante — Himeneu: — esta palavra creio que vem do hímen — indica a primeira fase da *lune de miel*.

Do Pedro nada mais sei do que te disse: lembra-me o dito de um francês, que repetirei "A necessidade é uma porta baixa; quanto mais altos são os que passam por ela — tanto mais se abaixam".

Quanto as minhas assinaturas — não sei a quantas ando com elas; mandei prospectos ao Pedro — ao Mahamede — ao Sousa de S. Paulo — não tive ainda resposta de nenhum; verdade é que eu os emprazei a todos para mas mandarem no fim de dois meses, que ainda não decorreram, elas virão em tempo.

Do Albino nada te direi; está muito choroso por que nada tem podido conseguir quanto a sua transferência de lugar, maldiz tôda esta câmara óptica e creio que apesar de tudo passos e maldições e empenho será tudo baldado. Não te lembras do que ela indicava em Maranhão que valia para com o Moura —; é aqui a mesma coisa para com os Ministros. Se êle te não servir, não é porque não queira, é porque não pode — estou convencido que êle terá dado alguns passos a teu favor, porém sem resultado. Dentro em pouco ela o terá em Maranhão. Fêz-me magníficos oferecimentos em teu nome; que lhe tinhas escrito algumas palavras a meu respeito, que quando mesmo não escrevesses era bastante que êle soubesse que te empenhavas por mim, — que quando mesmo não te empenhasses, era bastante que êle me conhecesse; — palavras da tarifa.

Não me pude ainda encontrar com êle para lhe falar sôbre a tua última carta; eu sairei qualquer dia antes de fechadas as côrtes — será inútil, mas pode ser que não seja.

Quanto a tal *pessoinha*, advinhaste(s) um bocadinho — gosto dela é verdade, mas bem vês que era asneira ter ciúmes — por que? posso eu tê-los? Ora agora meter ferro é diferente: também gosto disso.

Meu Teófilo, se o Serra * aceitar a Presidência, então mais tarde ou mais cedo — verás realizadas as tuas pretensões. Os Ministros não têm muito para onde se volte[m]. O Passos quer que êle mande um contra Jansenista — O Sá e J. Tomás querem um Jansenista cego — as circunstâncias pedem um homem imparcial — O Odorico indigita o Serra — o Moura apóia a nomeação — creio que o Alves Branco também entra nesta festa, porém o Serra não está muito para aceitar. Se o fizer adquire uma tal ou qual influência sua independente dos seus amigos e já te pode servir. Êle pensa nisto.

29

O Moura estêve ontem cá, falei-lhe das tuas pretensões, conforme com o que na tua carta me dizias; pedi-lhe mil e mil desculpas de tanto quero e não quero — ponderando-lhe que me parecia a mim que a ter de se arranjar alguma coisa devia isso ficar líquido antes de acabada a Sessão. Falei-lhe nisto porque assim o quiseste, e mesmo porque se se arranjar alguns dos empregos que pretendes durante a Sessão — muito que bem; e se se arranjar depois pouca diferença te pode fazer. Acresce porém que muitas cousas há que se não pode fazer enquanto por cá anda essa nuvem de estorninhos devoradores — chamados Deputados. Cada um quer um emprêgo — cada um diz a sua coisa — e o Ministro não sabe o que há de fazer. O Moura é um homem de quem o govêrno precisa em todo o tempo, e creio que lhe será mais fácil arranjar isso fechada a Sessão: — nada me disse senão que pelo primeiro vapor te escreveria.

Asseveram-me que o Inspetor não será demitido; não sei até que ponto *isto será verdade; o que é certo é que por aqui ou por ali alguma coisa se* há de fazer.

Meu Teófilo — não contes com os nossos Deputados — para nada servem senão para fazer mal; de todos quem tem algum valimento é o Moura — os outros! — os outros! Deus me perdoe; creio que êles nem sabem o que são nem o que cá vieram fazer. Disse-me uma vez o J. Tomás que se tinha lembrado de ti e de mim — para os lugares de Secretário do Govêrno e de Inspetor do Liceu, com o Serra Presidente — porém que isso já não podia ter lugar; não sei o que veio nisto de verdade e de mentira: é certo porém que se não aceitar a propriedade do lugar em que estás, porque estás nêle em confiança; também eu o não podia aceitar porque estamos tão ligados — mesmo pùblicamente, que não deixarias de supor haver uma velhacariazinha da nossa parte — em favor um do outro. Foi o que eu lhe

(*) João Duarte Lisboa Serra.

disse. Porém consta-me que êle e o Sá têm feito guerra a nomeação do Serra, e tanto que só fechada a Sessão é que se hão de lavrar os titulos. O Moura favorece o Serra e propôs-me *para Secretário; falou nisto ao* Serra e a mim; como soube que o Dr. Fábio era também candidato, e que o Moura não lhe tem boa vontade — não lhe disse nem que aceitava nem que recusava; falei a favor do Serra — para que êle supusesse que eu cobiçava o lugar e não pusesse obstáculos — o mais se arranjará. Não quero decididamente o lugar de Secretário do Govêrno.

Nada tenho feito — como Solicitador — tenho-me conservado em posição independente; e creio que me não hei de matar muito para conseguir ou não conseguir o miserável lugar de primeiro Adido — tão difícil e tão *precário*.

Disseram-me em Olinda — que o Moura durante a viagem tinha dito maravilhas de mim aos estudantes do Maranhão; continua aqui no mesmo belo gôsto, e já se me ofereceu para me arranjar assinantes entre os seus *pares*. Vês tu? Esta gente é muito feliz! para obsequiar escusa de fazer serviços — basta elogiar ou lisonjear.

Quanto ao segrêdo da tua primeira pretensão; peço-te que tornes a ler a minha carta; — creio eu que *a redigi por tal forma (ao menos era essa* a minha tenção) que ela em todo o tempo te pudesse servir de descarga contra qualquer imputação. E realmente correndo tantos boatos de ser demitido o atual inspetor — conclui que êle o seria mais tarde ou mais cedo, e conjecturei que êsse lugar te podia ser conveniente: dei alguns passos a êsse respeito — dizendo francamente que era uma idéia minha, acrescentando ainda que isto era só para o caso de êle ser demitido pelo livre arbítrio do Govêrno; e que não sabias ainda de nada e que certo não quererias fazer mal a êsse F. que lá está; disse isto muito altamente para que não carregasses *com a responsabilidade das minhas* ações; e os teus amigos te serviriam da mesma forma, e os teus inimigos não se poderão servir dêste fato contra ti sem mentirem como uns negros.

31 de agôsto — noite

São 8 horas da noite; cheguei há pouco de S. Clemente, onde o Morais tem uma chácara: ontem recebi uma carta dêle; tínhamos na véspera conversado sôbre a morte do pai do Serra — tôda a família do Morais estava boa. A carta dizia simplemente: — Vem se puderes; meu pai acaba de morrer! — *Bem que eu não pudesse sair a rua, sai fui ter com êle* — era quase noite quando lá cheguei. — O Pai tinha se deitado bom, — levantou-se as duas horas da noite, ainda bom — tornou-se a deitar e amanheceu morto — de um ataque de apoplexia fulminante. Tinha o rosto sereno — as pálpebras cerradas — os braços cruzados como era o seu costume; não sofreu um instante, não gemeu, não contraiu um só músculo. Fêz-se-lhe a autópsia e achou-se que êle tinha o coração muito desenvolvido, e que os

ventrículos — ou o que é lá — eram muito pequenos e não deixavam o sangue girar livremente. Morreu, é o caso. Compreendes tu que estupor derrama em uma família — uma morte destas?

2 de setembro

Chegou ontem o vapor Pernambucano, recebi cartas suas do Rêgo e de D. Mariquinhas.

À maior parte das tuas perguntas já levo satisfeitas; falei hoje com o Albino — ia para uma festa, e não lhe pude falar longamente, fiquei de lhe ir falar no dia 5 — que é quando êle volta. O Serra leu a tua carta ainda primeiro do que eu (fomos juntos ao Correio) hoje falamos longamente sôbre as tuas pretensões e a noite continuaremos com elas. Veremos — veremos; deixa-me ganhar alguma importância, se eu lá chegar, e verás o que eu faço.

Esta manhã fui com o Serra á casa do Presidente do Conservatório Dramático, impingi-lhe a minha *Beatriz*, submeti-a à censura, e pedi licença para a levar a cena; estou a espera do juízo e das pateadas — o juízo virá por êstes 8 dias — dentro de 1 mês poderei escutar as pateadas. Eu te direi.

Vejo o que me dizes do Boyer — folgo muito que o ladrão metesse a viola no saco: eu estava bem certo que mais tarde ou mais cedo — assim havia de acontecer.

Escrevi ao Padre João — pelo último vapor — com o mesmo nome que agora me dás — escrevi ao Vieira — J. Victo — e Angelo: agora escrevo ao Gomes — e a D. Lourença — aquêle com êste nome = Antônio Gomes Vieira = se o nome não fôr assim diz ao Emídio que a vá tirar; e a esta = D. Lourença Francisca Leal Vale — manda-a tirar.

Recebi o 1º número do *Fileidemon* e o 5º do *Arquivo;* neste vem uma *tradução do De Vigny — menos má — por outra* — boa — porque o De Vigny pela sua pureza é talvez o autor moderno mais difícil de ser traduzido. O Colin * deixou escapar erros bem graves, que não são de impressão — que em si já é bem má. Assim por ex. — êle traduz *clepsidre* que em francês é feminino = *clepsidra,* também feminino em português — nós dizemos clepsidro: diz êle que o clepsidro dá horas — o que também não é exato; o clepsidro não dá horas — marca-as etc. Adeus. Esta carta já vai bem grande. Um beijo no Ricardinho.

Lembranças a todos.

Teu e sempre teu

Mano e amigo do coração

Dias

(*) Augusto Frederico Colin, amigo de Gonçalves Dias.

Nota 1ª

Vejo o que me dizes do Furtado e do Gregório — Deus os ajude — são grandes homens — que nunca hão de ser nada.

Nota 2ª

Dinheiro! — dizes tu que se eu precisar... Ora vamos! isso é fazer muito pouco da minha *Beatriz* que foi no seu tempo uma espécie de rainha. Diabos a levem, se ela não me dá das récitas para 1 ou 2 meses. De mais o meu volume está no prelo; e tenho outro drama na cabeça. Realmente não tenho dinheiro, porém estou a espera de uma *parva quantita*, que me há de mandar o J. Moreira. Amanhã vou-me meter em tratamento rigoroso.

Adeus.

I.H.G.B.

29

Meu bom Teófilo

Pelo vapor passado te escrevi, e longamente, como tu o desejas. Dei-te parte do que fazia e do que não fazia etc. As minhas esperanças vão-se todas malogrando — também não me tenho empenhado porém fazem tantos escarcéus para um miserável lugar de 1º Adido, que nem ao menos me tenho atrevido a falar a tal respeito a quem quer que seja. O Moura Magalhães como já te disse, ficou de te escrever pelo correio passado — a dar-te contas do teu negócio: creio que nada fêz — ao menos nada me consta que se fizesse. Esta gente é larga em promessas, e ridícula no cumprimento delas. Desde que te escrevi até hoje tenho estado continuadamente sem poder sair de casa com uma maldita orquite * — ou como é que se escreve; não tenho visitado a ninguém há coisa de 15 dias, nem poderei falar aos nossos Deputados para que êles verbalmente te dêem notícias minhas; estou bem engaiolado e bem doente. Também não sei onde diabo me darei bem e onde é que poderei viver sem apoquentações. Como vai a D. Mariquinhas — O Ricardinho — e a tua gente; era agora boa ocasião para mandar o fato a polca para o Ricardinho; está pronto — não vai porque não tenho uma de X ou como melhor podemos dizer — porque não tenho uma *branca, encarnada — ou verde*. Deus seja comigo. A Botica tem-me roído até o sabugo das unhas. O meu Drama está no Conservatório — ainda não veio — e nem sei se o aprovarão: tenho a Duquesa de Bragança em bom andamento; é bem moral — bem áspero — bem sêco — tão bem; creio que o Conservatório será cavalheiresco para com a bela Duquesa, e no frontispício lhe impingirá o seu *placet*. Veremos o que êle rende. É certo que por ora vou correndo em árvore sêca, como dizem os homens do mar: — quem sabe se não irei dar à costa.

Numa deserta praia?

* No original: orchites.

As minhas poesias vão-se imprimindo. Lá as terás com tôda a brevidade. No entanto — aproveito-me da tua lembrança. Vê se o João Gualberto te pode abonar para mim — aí coisa de 300$rs. do que tenho uma *indizível* necessidade para os receber com o dinheiro dos meus assinantes — entende-se com juros que não sejam de secar fôlhas de figueira. Talvez que com bastante esfôrço pudesse eu fazer êste arranjo aqui — porém a minha impressão montará a 1:200$rs. — nada menos, e dos meus assinantes da Capital escassamente tirarei essa quantia. Vê se me dás decisão dêste negócio pelo primeiro vapor: — sim ou não.

Não repares na letra porque há muito tempo que não escrevo.

Lembranças ao Rêgo — a D. Lourença — ao Velho Valle — e Reis etc. etc. Notícias do Pedrinho? — de teu pai? Adeus. Não posso estar sentado *muito tempo*.

Teu Mano e amigo do Coração

Glz. Dias

NB.

Com a morte do Pai — o Serra recusou o lugar da Presidência, que lhe ofereciam. Creio que o Fábio perdeu na festa.
Rio 19 de setembro de 46.
Abre-se hoje o Teatro do João Caetano.

I.H.G.B.

30

Minha boa Comadre [Maria Luiza Leal Vale] *

Já estou esquecido? Não se escandalize comigo; bem vê que é uma simples pergunta, e a pergunta não é uma dúvida; é curiosidade — nada mais. Assim repito (ou arrepito) — Já estou esquecido? Eu por mim ainda me não esqueci de umas fôfas — ou fato a Polca lembra-se? Vai já tardando muito; eu creio que quando êle lá chegar (se chegar! dirá a minha Comadre com os seus botões) mas enfim, se lá chegar, já o Ricardinho estará um homenzinho de não carecer de fôfas. Das músicas já eu sei, que lhe não são precisas. Que lhe hei-de eu fazer? Eu grito e clamo a quem me quer ouvir: Fugi de poetas! fugi dêles; são esquecidos! São caprichosos! têm manias! têm coisas que ninguém entende! Meu Deus eu sou o primeiro a desacreditar a confraria, tanto que eu daria um braço — uma perna — um ôlho — para que me não chamassem poeta, ou dissessem pelo menos; é, mas não parece. Não, Senhora; não aconteceu assim. O Capeta da mão furada, como dizem as Velhas na minha terra — minha avó entre outras, — o sobredito capeta torceu as coisas com tal jeito que inverteu

(*) Mulher e prima de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, irmã de Ana Amélia Ferreira Vale.

a frase a ponto de que dizem de mim e a respeito de Poetas: Parece, mas não é; isto é que tenho o pior *of these gentlemen* (Eu pasmo de saber tanto inglês!) sem ter as qualidades boas de *ces Messieurs là*.

O que é porém muito certo — certíssimo — e muito certíssimo é que por tôda a parte do mundo vou deixando pedacinhos de mim mesmo, e as vêzes *pedacinhos* bem grandes. Não me admirarei quando algum dia a minha filosofia me vier dizer ao ouvido: "Já não tens coração; gastaste-o todo e nada te ficou!» Eu hei-de ficar bem assombrado — como quem viu a Cavala Canga ou lobisomem a fazer diabruras, — e não hei-de pasmar tanto de ter gasto o coração, como de me ter êle durado tanto tempo!

Voltemos ao sério, minha boa Comadre. Estou escrevendo sem saber o que, e não é muito que me não entenda.

Digo eu que sou Poeta e Doido, mas doido que não tem manias de meter mêdo, e poeta que não é de todo esquecido; a prova de que sou doido é que sou um *sem cuidados*, e a prova de que sou Poeta é que estou no Rio. Isto quer dizer que um Poeta *sem cuidados* é igual a um doido com *muitos cuidados*.

Eis-me a escrever de nôvo coisas que ninguém entende! Voltemos ao sério.

Encontrei o Dr. Albino e perguntei-lhe: — Sr. Desembargador V.Sª é poeta? — Eu! respondeu-me o homem horrorizado. — Sim, lhe tornei eu, por que se V. Sª não é poeta há-de ter a bondade de me dizer a razão por que... uma célebre favorita... — Ah! esqueci-me — esqueci-me! Vê, minha Comadre! Também êle sem ser poeta... porém isto já é mentira (poesia é que eu devia dizer). Não lhe disse, para que êle se não lembrasse de escrever cartas a *todos* desculpando-se do seu esquecimento. Para massada — basta-lhe isto.

Acredite que eu desejo bem de a ver na Europa, onde a sua zanga pelos meus esquecimentos não possa durar mais de algumas horas. Para rematar esta embrulhada, tenho a pedir-lhe um favor. Não se desculpe para comigo; não se justifique ou então... — ia dizer que ficávamos mal, como se isso fôsse coisa possível. O Ricardinho? — Lembrança a todos, e lembre-se do

Seu pobre Compadre

A. G. Dias

Rio, 1 de outubro de 1846

B.N.

31

Teófilo

Não quero que digas, que perco fàcilmente os bons costumes, e que apenas uma vez me acomodei com a tua vontade. Queres diários em vez

de cartas, — queres a minha vida com todos os seus acidentes, em vez de quatro frases insípidas, que para estranhos serão boas, mas que para amigos não basta: tens razão; eu mesmo estimo que assim seja. Se algum dia me acontecer perder a memória, poderei afoitamente ir ter contigo, e dizer-te: "Meu amigo, conta-me a minha vida em tal tempo." Tu sacarás então de um enorme calhamaço e principiarás com ela, levando-a sem lacunas de cabo a rabo.

Continuarei pois com o meu diário; continuarei com êle, até que me grites lá dêsse recôndito Maranhão: — Basta, Jonatas! — Eu ouvirei a tua voz, quebrarei o bico da minha pena epistolar, e de então por diante começarei a ensacar a minha vida.

Mas não julgues que te escrevo sem prazer; talvez me conheças melhor do que eu mesmo. Escrevo — talvez —, porque se queres que te diga a verdade, nunca me assentei defronte da minha consciência para a analisar com tôda a pachorra e profundidade de um Romancista. É incontestável que hei-de ter defeitos! — mas quais? Eu mesmo não tenho resposta para mim. Creio que os meus defeitos devem ser filhos da índole e não da educação; como os não posso torcer, deixo-me arrastar por êles, que não estou para viver constrangido. O que eu sou não o digo; mostro-o imediatamente, e o mostro sem esfôrço nem arte. É esta a razão por que espero que Deus me conservará os meus amigos até o fim da minha vida.

Como eu ia dizendo, creio que me conheces melhor do que eu mesmo. Saberás pois que eu preciso de contar a minha vida; preciso-o, e tanto que me está parecendo que, se eu não tivesse amigos, seria nisto imprudente como em muitas outras coisas. — Escrever-te um diário, meu Teófilo, é ainda viver contigo, e viver contigo é um prazer — mais do que isso — é felicidade bem alta, que eu não mereci a Deus desfrutar. Escrever-te a minha vida, é também uma necessidade para mim. Neste mar da vida, onde eu vou boiando às tontas, e tão fora do rumo ordinário que outros seguem, quem me sustenta — bem o sabes, é apenas a minha vontade. Eu disse: quero; e tenho querido sempre apesar de ninharias, vexaçãosinhas e mesquinhezas, que há muito teriam subjugado a mais altos do que eu. Para se ter uma vontade destas, é preciso um pouco de orgulho. Careço do orgulho para entrar no círculo em que eu disse que havia de viver e para vencer dificuldades; careço da vontade para não desanimar. Isto que me pode salvar, pode também perder-me bem o sei; então chamar-se-á a minha vontade obstinação, e ao meu orgulho — presunção e soberba. Seja como fôr, em quanto eu me confessar aos meus amigos poderão êles repreender em mim muitos erros e muitos defeitos; — crime ou vícios — creio que não. Concluirás pois que as minhas cartas são para mim — um prazer — uma necessidade — e uma fonte de aperfeiçoamento!

26.

Neste instante acabo de rever umas provas dos meus *Primeiros Cantos*, que me mandou M. Laemmert; isto quer dizer que lhe estou devendo a módica quantia de 552$000 e que continuar-se-á.

Continuarei também a escrever-te, já que estou com a mão na massa.

Não posso responder-te a muitas das questões, que me fazes, porque a umas já te respondi por êstes últimos vapores, e a outras é impossível responder-te. Assim é que nenhuma informação te posso dar a respeito das perguntas que eu devia fazer ao Moura, que há bem tempo partiu para a Bahia, como já te mandei dizer. Já saberás também que o Serra depois da morte do Pai, deixou-se de Presidência: foi então que o Sá lançou-se a essa tabua de salvação como gato a bofes. Já lá deve estar.

Ao Serra podes escrever direitamente para o Rio — bem que êle não esteja nem em Niterói nem aqui na Côrte; alcançou 6 meses de licença para se ir tratar, que êle anda realmente doente, e está agora em Angra dos Reis.

Do Albino te escrevi um pouco extensamente na minha carta última; — tem-me obsequiado muito e por teu respeito feito magníficos oferecimentos.

A minha *Beatriz* teve pena de excomunhão máxima — isto é — está interdita de entrar no Santuário das artes — scil[i])cet — no Teatro. O Bivar * que fulminou aquela tremenda excomunhão, encarregou-se da oração fúnebre: tem invenção, disposição e estilo, disse êle, mas é *imoral!* — Não lhe posso querer mal por isto. Deu-me a entender bem claramente que a publicasse, o que foi sempre a minha intenção, e que é agora mais que nunca.

As minhas relações. É o Odorico Mendes — que é um bom e belo homem ao que parece: o seu fraco é o Antônio Ferreira — o seu forte o Virgílio. É o Alves Branco — homem respeitável que faz versos, mas que os recata, dizem-me, com medo do ridículo. Parece-me um pouco com aquêle Velho Duque, protetor do Chatterton. No meu tempo, dizia o tal Duque, também fiz versos galantes as damas; e asseguro-vos, meu caro, que não havia aí Swift nem Pope que me chegasse aos calcanhares! — É o Desembargador que depois de lhe eu ter papagueado 2 horas *sôbre tudo e muito mais*, com aquela verbosidade que me vem as vêzes — disse-me amigável e protetoramente: Meu caro, V. merece de ser conversado. A minha casa é rua tal nº tantos. — Agradeci; a mulher deste cujo é aqui conhecida com o epiteto de — Estrêla do Norte; é filha do Pará. São os nossos Patrícios do Maranhão — Ewerton e Faria — casados aqui — Albino, com quem me dou muito — Carneiro — Conceições — Donas que Vocês nos mandaram há pouco — Laemmert, Livreiro, — O Cel. Salvador que havias de conhecer em Lisboa, que me relacionou com a *alta aristocracia* do Pôrto e de Braga; e por fim muita rapaziada — e muitos outros.

(*) Diogo Soares da Silva Bivar, presidente do Conservatório Dramático desde 1843.

Passo as manhãs na Biblioteca — as noites em casa com o alemão; de dia faço ou recebo algumas visitas de cerimônia, e quando estou aborrecido — vou passar o *soirée* [sic] com alguma família ou ao Teatro. Hás de saber que temos duas companhias italianas — 2 nacionais — e um francesa, há três récitas por semana, segue-se que a semana vem a ser muito pequena para os divertimentos que há — só no § Teatro. Não falando em bailes particulares — Bailes de Associações (há 2) — bailes campestres (coisa excelente) — bailes mascarados — Tivolis — oragos — fogos de vista — e festas d'igreja e festas nacionais e o diabo.

Agora hás de me dar licença para ir saber notícias da minha *Leonor de Mendonça;* são 4 horas da tarde e ela está em uma casa de cascos de rôlha, em uma rua que com muita razão se chama = Mata-Cavalos. Vê lá o que não será da gente!

27.

São 11 horas da noite; chego neste instante do Teatro, onde fui ver a = *Lucrécia Bórgia* — *escolhida para o debute da nova companhia italiana.* A recita estêve bela — tem excelentes atrizes. Saberás que eu almoço nesta abençoada terra ao meio-dia — janto as 5 das tarde. Hoje as 4 horas fui ter com o Secretário do Conservatório Dramático (não fui ontem por causa de visitas). Disse-me o Secretário que o parecer do primeiro Membro tinha me sido lisongeiro ou coisa que o valha — e que o Sr. Bivar, Digno Presidente, querendo como eu suponho, desfazer um pouco a impressão desagradável que me deixara a reprovação da minha — doce *Beatriz* — tinha-a mandado a um segundo, para que me sobrassem elogios; e para que, tendo sido a primeira reprovada *cum laude,* não fôsse a segunda (feita em 15 dias — e menos má) aprovada sem extraordinário louvor. Vim jantar e para festejar a nova de tão feliz sucesso resolvi beber ao jantar uma garrafa de Bordéus, o que foi dito e feito. Fui ao Teatro, e encontrei lá o Carneiro, que tem aqui na côrte um tio de suposição. Meu Dias, disse-me êle, falei ao meu Velho sôbre as suas pretensões — pulo nos cornos da lua quanto a *lingüística* (id est — filologia) e o Velho disse-me que se fôsse *coisa possível estava S. M.ce servido. — Bravo, lhe tornei eu, em saindo* daqui vamos empinar duas garrafas de cerveja, por que não é de uso terem mancebos duas boas notícias num dia. Acabou-se o Teatro e por cúmulo de felicidade, o Albino pagou a cerveja. Se hoje corresse a loteria, tirava os 20 contos; como não correu, vou-me deitar, que estou hoje vendo o mundo de azul e d'oiro. Vou sonhar com os meus olhos.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros
Assim é que são;
Eu amo êsses olhos, que falam de amôres...
Ti-ri-ti-ti-
Ti-ri-ti-tão!
Que falam de amôres com tanta paixão.

Je m'en vais conclur by cause que esta maldita cerveja m'ha fatto montare al regno della luna. Adios Caballero: (queria acabar esta despedida em latim e alemão — porém vou-me ao Pindo para te dar as boas noites).

O Deus Morfeu te esprema sôbre as cansadas pálpebras o sumo das boas dormideiras; sobrace o sonolento Hymeno e t'arroje no leito nupcial, mande os sonhos velarem a tua cabeceira na hora tão meiga em que a jovem Aurora abre as portas da manhã à luz de Apolo com os dedos de nácar — de rubim — de fogo — que parecem besuntados do *hena*, (*) cosmético precioso em uso lá nas partes do Oriente.

28.

Nada há de nôvo; vamos pois ao velho. O passado é uma mina inesgotável, — não há hi mineiro capaz de acabar com ela.

Estive o sábado em um baile mascarado no Tivoli, — fui verdadeiramente estudante, fiz o diabo. A rapaziada minha conhecida deu-me (nemine discrepante) fora de jeune-homme au bon ton, e patente de gracioso perfeito. São os meus triunfos. Creio que também vão fazendo de mim — Poeta = de lá vai mote = Uma moçoila que eu não conheço, mas que dizem-me que não é mã, quis roer-me a esquineta e namorar a minha custa. Sáfatos!

Uma noite (aqui há tempos), estando eu em um soirée [sic] uma outra esperta como um diabo, e endiabrada, se as há, veio ter comigo — sorrindo-se requebrando-se e seduzindo-me com palavras, com os gestos com os olhos, e com os modos. Senti o fluido elétrico decorrer-me pela medula da coluna vertebral (que entre parêntesis não sei se tem medula; mas como é osso há de ter gordura).

— Senhor Dias (disse-me ela) estou muito de mal com o Sr.!

— Santo Breve da marca! (lhe tornei eu). E por que estupenda infelicidade incorri eu no desagrado de S. Exª?

— Pois o Sr. faz verso, e... e... e... nem dizia nada!

— É porque provàvelmente tenho para mim que os meus versos não merecem a pena de se falar nêles — a homens, quanto mais a senhoras.

— Oh! exclamou ela não é isso o que me disseram!

— Oh! oh! exclamei eu, mentiram-lhe minha senhora.

— Mentiram-me!

— Perdão! — lhe tornei eu vivamente: Como vos havia eu dizer? — Enganaram-vos? Mas quem vos poderia enganar — tão viva — tão esperta!...

(*) Planta da India Portuguêsa cultivada nos jardins.

— Bem, bem: então faz versos ou não faz.

— Ainda que eu os não fizesse, lhe respondi lentamente, bastava que eu ouvisse essa voz — ou que eu sentisse a luz de olhos tão belos cair tão meigamente sôbre o meu rosto, não digo para os fazer, mas para os adivinhar, se alguém antes de mim os não tivesse adivinhado.

— Oh! isso é lisonja!

— Por minha alma, bradei com entusiasmo... Perdoai-me: ia dizer uma grosseria!

— Dizei sempre.

— Mandais?

— Por que não? Estou certa que o Sr. F. não diz grosserias.

— Não sei como lhe chame: julgai-vos mesma, Senhora. Dizia eu que se por qualquer modo acontecesse que montásseis num burro, o pobre animal, de soberbo com carga tão formosa, sentiria tal choque que havia de desandar em fazer versos, como um desalmado que êle é.

— Não monto em burros! — e dizendo isto agastada como uma abelha revoando sôbre uma flor de que a enxotaram, fêz um daqueles *biquinhos*, que as mulheres deixaram de fazer depois da morte da Esmeralda.

— Perdão, minha Senhora. O maldito burro subiu-me a cabeça com tanta violência que me fêz perder o tino. Cair dum burro diante de senhoras! Santo Deus!

A Deusa riu-se e recomeçou:

— Então faz-me uns versos?

— Conforme!

— Conforme?!

— Sim, se V. Exa. me disser quem foi que lhe disse que eu os fazia...

— O Sr. não a conhece.

— Bravo! então é mulher!

— É, mas o Sr. não a conhece.

— Já a vi?

— Não sei; creio que não.

— E ela já me viu?

— Não sei; creio que sim.

— V. Exa. crê?

— Sim — sim. Disse-me que era um Dr. pequeno que vinha a minha casa.

— Pequeno! — pensei eu comigo, — Por que se não há-de lembrar esta canalha que as coisas pequenas servem para rôlha? — A Minha *Bete* respondeu-me então: — Por que, pedaço d'asno? — É porque as coisas pequenas servirão para rôlha, como dizes, porém jamais para botoques.

— Justo! justo! clamei eu.

— Justo, o quê? perguntou-me a Dona.

Que lhe havia eu dizer? — Nada; foi o que eu fiz. Em vez de responder, perguntei:

— Enfim, é ela nova ou velha — bela ou feia — esperta ou?

— É nova, bela, interessante e amiga de versos!

— Bravo! E dos poetas?

— Também.

— E de mim?

— Conforme — disse-me ela sorrindo.

Diabo! pensei eu; eis outra vez a maldita questão de rôlha e de botoque. Ela continuou:

— Se os versos forem bons...

E largou no chão um papel — papelinho — ou papelucho e foi-se: dizia o papel.

Não posso dizer que sim,
Não posso dizer que não.

Eu podia fazer uma glosa ou volta, ou o que me parecesse; preferi a volta para que o tal diabrete incógnito — farfadete — lutin — ou silfide — não andasse namorando a minha custa. Foi esta.

Senhora, pois que podeis
Dizer que não ou que sim,
A ambos não magoeis:
Dizei: sim; mas não a êle,
Dizei: não; mas não a mim!

O *Mediador plástico* visível — recebeu o papelinho e tornou com a resposta.

— Está boa; mas não serve.

Vá outra, disse eu:

Senhora, que amor é êsse,
Ou que nova sem razão,
Que se eu vos pergunto: sim?
Respondeis-me sempre: não.

E acabava assim:

Já não sei que bem vos queira
Nem que mais querer-vos possa;
Sêde antes vossa que dêle,
Sêde antes minha que vossa.

O Mediador plástico feminino foi e veio:

— Está melhor, mas ainda não serve!

Bref! — fiz duas décimas! as primeiras!

Que a *tudo tu*, ó puro amor, obrigas.

Não vão as décimas que era estopada. Tenho pois um comêço de *bonne fortune*. Não te admires: as minhas *bonnes fortunes* não passam do comêço.

Santo Deus! Que mina tão abundante fui eu escavar? Seis fôlhas de papel é o dôbro das cartas que nos escrevemos! Terás tu coragem para ires adiante? Terás!...

É o mesmo; quando receberes cartas pequenas, dá graças a Deus, de não serem todos como eu! Realmente sou terrível! on n'est pas plus assommant! Ponho a pena sôbre o papel e ela corre com tanto desembaraço que a não posso *catrafilar* senão no fim de alguma página. Basta por hoje.

30.

Tratemos de negócios.

Dizes-me que tens quase perdidas as esperanças, e que se nada alcançares — de que te possa chegar pelos 2 próximos vapores, que lá chegassem, dos quais creio que é êste o último, desistirias de tôdas as tuas pretensões, e até pedirias que não mais se tratasse delas! Então creio que, em mal, se realizarão os teus receios. Quem aqui está somos eu e o Albino, êste que nada pode e eu que nada sou — ao menos por [en]quanto; mas quando mesmo algum dia chegar a ser alguma coisa, tem certo que não terei importância nenhuma política. Poderei fazer alguma coisa por tabela, mas por mim... só se eu der em gazeteiro. Um sujeito de alguma representação, a quem em meu nome falaram sôbre o meu negócio, disse — quando lhe *exaltaram* a minha tal ou qual capacidade: — É o que êle tem contra si! — A mesma razão (e com mais razão) se pode aplicar a ti. Estimarei que se efetue o arranjo do Morais, e que te fique essa ajuda de custo de 1.200$rs; porém a falar a verdade não podes ter mais ferro, do que eu tenho de receios de te ver um dia embrulhado em alguma intriga política, que te roube as simpatias, que já tens em boa quantidade. Mas quem pode contar com simpatias? São coisas que ganhamos sem saber como e que perdemos sem as ter desmerecido. Por tudo e por tôda a parte pululam invejosos. Muitos em Maranhão há-de invejar a tua reputação: eu queria ver-te na Europa, bem longe do Maranhão, onde hoje deixarás saudades, e amanhã terás inimigos; — e inimigos tanto mais encarniçados que nunca lhe haverás dado motivos de descontentamento. Não os tenho eu? E que diabo de mal tenho eu feito, senão a mim mesmo? Não penso nêles, mas êles não deixam de pensar em mim. Vê o que não será contigo! Não os conheces...?! —

Embora! Não lhes tens feito mal?! — pior ainda! — Não lhes quererás ou não serás capaz de lhes fazer mal?! = cinqüenta mil vêzes pior. Meu Teófilo, toma por divisa êste lema: Espera e trabalha; eu que nada tenho me esperar, adotei êste em alemão: Bete und arbeite = que quer dizer: ra e trabalha. Trabalha, por que o trabalho é além da necessidade, um passatempo; espera, espera sempre, por que a esperança é o que alimenta a vida. Que é do homem sem esperança? Quando eu assentar firmemente comigo, que esta vida não deve ser tôda esperdiçada em loucura, irei para Caxias, consolar os últimos dias da minha pobre Mãe, visto que longe dela não a poderei socorrer. Irei para lá, e depois... Deus decidirá de *mim como lhe aprouver*.

1 de novembro

Quanto a minha poesia que há pouco tempo te mandei, mandas-me dizer que há 2 versos fracos: — errados eram êles — um dêles era êste (o *antepenúltimo*)

Harpa de Sião prêsa aos salgueiros. etc.

Quando recebi a tua carta, já êles estavam impressos: foi Deus ser o Revisor um literato para me notar o êrro, que do contrário sairia com êle. Tenho outra também já feita aqui, que podia estar pior, mas que não está má — não ta mando — nem te digo sôbre o que versa para te surpreender a ti e a mais alguém. Quanto ao pedido que me fazes de fazer eu uma poesia sôbre os Andradas; — tem sua dificuldade: para ser impressa neste volume é já impossível, por que ficaria inteiramente deslocada na parte da impressão com que estamos: outra dificuldade é que o de que eu menos sei é da nossa Independência — e dela o que menos sei é a vida dos Andradas. Ser-me-á preciso ler a história do Brasil neste ponto — consultar documentos e o diabo;quando eu acabar com isto, já se achará a venda o meu volume de Poesias. Coisas destas devem ser perfeitas — ou então nada se há-de dizer; porque rebaixar assuntos dêstes, que são verdadeiramente nacionais, é descrédito para um Poeta. Em Maranhão já não sei quem me falara nisso. A minha *Leonor de Mendonça* ainda não veio: estou a espera dela para rematar esta carta. Se ela fôr aprovada, como eu espero, tratarei de tirar imediatamente uma cópia para ta mandar pelo Albino, que está aqui agarrado como carrapato a coiro de boi.

4 novembro

O vapor parte impreterìvelmente amanhã, como diz a Gazeta; e é já tempo de acabar com esta maçada. Estava a espera que me fôsse entregue a minha *Leonor de Mendonça* para dar-te as últimas notícias a respeito: ainda não veio e não sei quando virá. Do que houver te darei parte.

Nada tem ocorrido de nôvo a não ser que ontem passei a noite com a Casta Diva que me pediu por segunda via a glosa ao mote que aqui vai nesta carta. Êste *passei a noite* supra é um pouco equívoco; saberás porém que eu estou homem sério, aqui há coisa de 3 dias — e que abomino os equívocos como que dão lugar a perigosas ilações. As *voltas* produziram efeito, se assim fôr, será bem de pasmar, que os piores versos que *até hoje* tenho feito, sejam os que primeiro me rendam alguma coisa. Não falo naquela célebre Lira de Lisboa, nem em outra célebre *quadra*, feita a Mãe do Henrique (O Fibra tesa) que lhe rendeu um ganso e licença para ir ao teatro. Isto aconteceu no Pôrto em janeiro do Ano do Nascimento de 1845 — (Gosto da exatidão mesmo fora da Matemática). Passemos.

Tenho achado na Biblioteca documentos preciosos para o meu nôvo trabalho: agora o que me falta é o mais difícil no Romance — a exatidão topográfica. Informa-te a respeito.

Diz a D. Mariquinhas que ainda me não esqueci dela, que lhe não escrevo para não desmerecer o conceito de gracioso. Realmente é bem gracioso ser eu gracioso: quem souber da minha vida e do meu gênio terá isso como coisa impossível, ou pasmará da coragem ou da leviandade que me é precisa para gracejar de mim ou comigo. Contudo creio que sou pouco leviano com o que diz respeito a outros; por ex. fizeste mal em ler a minha carta aos *meus olhos* se é que nela alguma coisa lhe dizia respeito: não o sei. É certo porém que isso foi uma brincadeira, de que eu me arrependi um quarto d'hora depois de a ter feito. Que eu a não esqueça — pouco importa! — porém convém que ela se persuada que aquilo foi realmente uma brincadeira — e nada mais. Para que ela se persuada disto, é melhor nada dizer-lhe, ainda mesmo quando eu disser alguma coisa. Os Poetas, diz o De Vigny, são todos uns egoístas, são por certo: — egoístas nas suas dores, ou orgulhosos, que pensam que todos que têm uma alma boa e compassiva se interessam por êles, e que têm a inocência ou fatuidade de se imporem sacrifícios ignorados, que ninguém lhes levará em conta. Paciência! — com tudo é sempre certo (ao menos para mim) que se eu soubesse que uma mulher se interessaria por mim a ponto de se esquecer de si, seria todo o meu trabalho convencê-la do axioma ou paradoxo (como quiserem) do De Vigny. Toleima! Estou eu com a minha maré de dizer asneiras! Que sou eu? — Que serei eu? Que vida é a minha para que mulheres se interessem por mim? Até pensar nisso é ridículo.

Ardam teus dias, como o feno, — ou durem
Como o fogo de tocha resinosa
Não cesse o teu cantar, ó triste Bardo!

Assim é: a poesia não é a tradução da linguagem dos astros na placidez da noite — nem do vento gemendo nos leques da palmeira — nem da fonte sussurrando na solidão das matas: a Poesia é a dor, é sofrimento, é o espinho

da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito — a que se chama — Ode ou Poema. Quem sofre pode não ser poeta; mas o poeta duvido que não sofra. Adeus — estou hoje tolo, maníaco e mazombo. Lembranças a todos. Muitos beijos no Ricardinho — de nôvo adeus

Teu do Coração

G. Dias

[*25* de outubro de *1846*]

B.N.

32

Meu bom Teófilo.

Recebi tua carta de 25 de outubro e com ela a ordem de 300$ sôbre a casa de Faria & Irmão que foi paga imediatamente.

Meu bom Teófilo, as tuas cartas as mais extremosas são as que mais me fazem sofrer, por que me tiram o direito de queixar-me: fazes mal em dar tanto pêso as minhas cartas; bem sabes que com o meu gênio as minhas dores hão de ser de pouca duração: não te importes com elas, o que te escrevo como coisas de um momento lembra-te sobretudo que eu tenho mais fôrça do que coragem. Vamos ao caso, tu me fazes presente dos *300$* que te eu mandei pedir, e não atentaste em duas coisas: 1º que já me não são precisas mais provas do teu bom coração, e da tua amizade; e 2º que era isso impossibilitar-me de te eu pedir outro favor da mesma natureza. Assim, pois fico-te devendo essa quantia (de que por certo te não pagarei juros) e tu a cobrarás dos meus Subscritores do Maranhão, que dentro de um mês já lá poderás ter os exemplares do meus *Primeiros Cantos*. Quanto à oferta, tem por certo que ela me deixou tão penhorado como, se eu a houvesse aceitado.

O Serra chegou há 3 dias, de Angra dos Reis e torna a voltar para lá com tôda a brevidade. Achou-me ainda doente de umas febres intermitentes, que me não deixam descansar. Dou-me muito mal com êste clima. O Serra estava a partir para a Angra, eis o motivo por que não fui para casa dêle. O que me êle recomendou antes de partir foi que a ninguém mais pedisse dinheiro do que a êle e ao Morais. Está êle agora muito e muito sentido com o que há entre os irmãos a respeito de partilhas; está tão vexado como se êle lá andasse com essa embrulhada.

Dizes-me que tenha coragem: Meu Deus e que mais coragem queres tu que eu tenha? Esta minha vida literária, seja longa ou breve é o pagamento a uma dívida que contraí com os meus amigos em Coimbra. Hei de segui-la mais por dever do que por gôsto, até que tu e os outros me digam que é bastante. Então lançar-me-ei em outra vida — no positivismo.

O meu [ilegível] de poesias está para acabar; cortei-lhe muitas peças por que o Laemmert entra agora com impressão de teses, e a minha impressão se demoraria indefinidamente. Mesmo assim saem muitas [ilegível] — algumas poesias que ainda não viste e nem verás senão impressas. Não me falas da minha *Leonor de Mendonça*. Dizem por aqui que é um bom drama; já lhe fiz um prólogo, que, diz o Serra, vale tanto como a obra. O 2º Censor ainda não deu o seu parecer; assim não sei o que será dêle; o que é certo, é que acabada a impressão dos *Primeiros Cantos*, principio com a dêle. Creio que sairá bem por um inocente maquiavelismo que usei nestas circunstâncias. Disse ao Presidente do Conservatório, que reconhecendo-o um homem entendido na matéria (horrível calúnia!) lhe pedia o seu parecer em particular. O homem mordeu a isca; asseverou-me que o podia apresentar ao Conservatório.

Nunca me falas em ninguém da tua família, nem da D. Mariquinha, nem do teu filho! — É a reflexão com que acabo tôda esta embrulhada de coisas para amanhã continuar com ela.

19 novembro

Dizes-me na tua carta, que teu pai vem para o Maranhão e não me disseste se êle vem por uma vez ou só de visita. Queira que êle vá e não torne, por que enfim de ambos os lugares que agora pretendes, sendo ambos difíceis de se alcançar, é o da Bélgica o mais difícil. Sabes quantos [truncado]... afora tu e outros que ainda se não apresentaram; entre êsses já há filhos dos primeiros figurões do Rio, e tantos e tais são êles que o Cairu o não dará a nenhum, para não descontentar êste ou aquêle! Já êle clama que não precisamos tais empregados naquele lugar, como se até hoje não tivesse sido a nossa política ter no estrangeiro o mesmo número de empregados diplomáticos que êles têm aqui. Atento às duas colunas, de que falas, não sei se são boas, se más; o que sei é que não há colunas eternas aqui neste nosso Brasil, onde cada legislatura e às vêzes menos espaço de tempo vê sempre uma catástrofe ministerial. Estimarei que o — Progresso — progrida, porém creio que já se fêz mal em marcar tão pequeno período para a subscrição. Se o mínimo delas fôsse 3 meses havia probabilidades de que o jornal durasse três meses; assim a probabilidade tornou-se de um mês: em Maranhão, como em tôda a parte, em que se fazem assinaturas por condescendência, quem assina uma vez tem [ilegível] e adeus. O que nos há de valer é a política. Tinha [falta um trecho e há outro truncado]... como não... quando começarão as férias, demorei... agora, e aí to mando.

Quanto a *Beatriz* já ma tens pedido por muitas vêzes, e não ta mando porque quero em vez dela dar-te a *Leonor de Mendonça;* não é contudo para que a faças representar, é simplesmente para que a vejas. Deixa o mundo andar a seu modo. Qualquer dia princípio com o meu primeiro

romance histórico sôbre o Maranhão; como [truncado] e também um poema que me anda a fazer cócegas, serão as minhas primeiras obras — são tuas de *jure*.

Muitas e muitas recomendações a D. Mariquinhas — muitos beijos ao Ricardinho — muitas lembranças a todos. Adeus

Teu do Coração

Dias.

[18 de novembro de 1846]

B.N.
(Cópia)

33

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Escreveste-me em data de 5 de outubro uma cartinha feita bem à ligeira e bem à pressa. Tinhas tido um bom jantar e fôste logo escrever defronte de uma rêde, que eternamente será os teus amôres. Eu, que aqui não uso de rêde, escreverei longamente, *segundo o meu antigo costume;* dir-te-ei hoje o que houver para te dizer, e o que se seguir, eu to irei escrevendo *cronològicamente* até a partida do vapor, — creio que é o Pernambucano.

Hoje, 30 de novembro

Saberás meu bom Teófilo, que no dia da chegada do Vapor, e apenas recebi a tua carta, principiei com um jornal para to mandar. Eu estava nesse dia diabòlicamente exaltado; tinha muito de Rousseau, muito de Byron, e muitíssimo do choramingas Jeremias. Era a extensa e maravilhosa narração de uns amôres, que agora trago entre mãos, ou por outra, que me trazem debaixo dos pés: amôres de Dândi que já não de Poeta. É negócio muito sério e de comprometimento, e donde só por artes do Porco sujo me verá o santo casório; Deus tal não permita. Se êle der em água de bacalhau, eu to mandarei dizer; senão, têm paciência, eu to contarei à vista, porque em verdade é coisa muito grave, e o que mais é, um segrêdo, que não é meu. Entende-me, como puderes, cartas são cartas, e podem fàcilmente extraviar-se — aqui ou lá. Quando nos virmos pois (E espero que nem eu serei calvo, nem tu terás cabelos brancos) *pergunta-me* notícias de uma célebre *Volta*, com cuja história já de uma vez te massei mais que muito. Por esta história de *volta*, já ficas sabendo que não trato da Judia: quanto a ela estou agora muito bom cristão. Rasguei pois tôda aquela papelada, e em vez dela, mando-te êsses versinhos, compostos hoje mesmo, e compostos *ad rem*. Talvez que êles te possam dar alguma idéia a respeito dêstes amôres, que *nem a ti* me atrevo a escrever.

Hás de dar licença que eu guarde o meu jornal para amanhã; se eu continuo a escrever por agora, creio que não poderei resistir a tentação de escarrapachar tudo, e de vomitar o meu segrêdo até... até a última gôta. *Ainsi donc*, Buona sera.

31 — novembro [sic]

Está um dia chuvoso e péssimo; não saí ontem, e creio que hoje também não poderei sair. Deixa-me pois transcrever-te um período da carta que eu principiei a escrever-te no dia 27 — diz assim:

"Ela é imprudente, como não fazes idéia, imprudente a ponto de fazer loucuras onde quer que estivermos juntos. Bailes, teatros, reuniões — em casa dela ou fora, é sempre a mesma mulher — mulher de vir sentar-se junto comigo e contra mim vinte vêzes em uma noite, se eu mudar de vinte vêzes de lugar; se está com *alguém*, dá-lhe as costas, e estende-me a mão o mais dextramente possível e se eu lha não apertar, ela é bem capaz de ficar em pé tôda a noite, diante de todos, e com a mão estendida, como uma estátua: tudo isto já me aconteceu. É nova, bela, espirituosa, doida — como eu, imprudente como ninguém, romântica exagerada, corajosa, que passa a temeridade, amorosa que passa a frenesi: iremos, longe, se algum anjo se não vem meter entre nós." Isto foi no dia 27 — depois disso já nos vimos em um baile (vemo-nos quase todos os dias). Como eu recusasse dançar com ela duas contra-danças seguidas, porque, lhe dizia eu, parecia mal, sabes o que ela disse? — Tens mêdo de um tiro ou de uma punhalada? — Põem-no em prova, lhe respondi, e dei-lhe o braço. — Então não tenho razão, meu Teófilo, para te dizer que iremos longe? Segrêdo! O Albino, que provàvelmente será o portador desta, sabe de algumas circunstâncias, que lhe não pude ocultar. E ainda... (Aqui fiquei ontem e já não sei o que era êste = ainda!)

2 de novembro [sic]

É verdade; ontem te escrevi em data de 31 de dezembro [sic] — e hoje diz-me a Parada, cuja música estou escutando agora mesmo, que estamos a 2. Vê lá como anda a minha pobre cabeça. Dormi esta noite em casa do Albino, e antes de vir para casa, fui fazer uma visita ao Odorico Mendes, creio que dei no fraco ao Velho, — falei-lhe três quartos de hora a respeito do Antônio Ferreira, e o Velho esqueceu-se do almôço, enquanto eu e êle tagaralevamos [sic] às largas. De todos os chamados Poetas, o Odorico creio que tem gôsto mais apurado e juízo mais seguro e são, de quantos aqui estamos no Rio. Também creio que será o único com quem me darei, a primeira qualidade sua é o entusiasmo — encontramo-nos neste ponto. O seu caráter é nobre e independente — quanto à última parte, sou também como êle, tanto como êle, e até posso dizer, que mais do que êle, atentas as nossas circunstâncias, que nem sofrem comparação. Havemos

de ser amigos por amor da arte; os artistas quebrados pelo estudo, mais do que pela idade, carecem as vêzes de aquecer o sangue, conversando com os principiantes, escutando idéias loucas, que talvez o façam sorrir, mas com as quais certo haverão novas idéias.

Quebrei aqui o fio do meu discurso, porque veio o Juca, e obrigou-me a sair imperiosamente — fomos à parada, assistimos aos vivas e às descargas, e voltamos sem que nada houvesse de notável. Continuo. A respeito dos versos que acharás junto desta, peço-te que os não mandes imprimir, lê-os, e mostra-os a quem quiseres, porém nada mais. O mais breve possível, lerás tu mesmo em alguma obra minha qual é a razão porque te peço isto.

Às 11 horas da noite.

É preciso acabar com esta carta por que não sei se amanhã terei tempo para isso.

Pelo Albino — te remeto 15 volumes de romances para ti — para o Rêgo e para o Antônio Henriques, como verás pelos rótulos, que levam todos êles. Era agora muito boa ocasião para te mandar os exemplares dos meus *Primeiros Cantos*, porém aquêle maldito Laemmert é os meus pecados; está com a última fôlha há bons 8 dias — e té agora nada de nôvo: creio todavia poder asseverar-te que pelo primeiro vapor (coisa que há bem tempo te prometo, se bem que tenho sempre faltado e não por culpa minha creio, digo eu, poder mandar-tos para aí os distribuires ou fazeres distribuir o mais expeditamente possível.

O meu drama (*Leonor de Mendonça*) diz-me o Bivar (Presidente do Conservatório) que há muito tempo que está aprovado — que gostou muito dêle — que vai fazer publicar um elogio ou crítica sôbre êle = auctoritate, qua fungitur, — que me propôs ou proporá (também não estou certo qual destas duas coisas me disse êle) para Membro do Conservatório; *coisa muito honrosa*, que eu rejeitarei modestamente a seu tempo, ainda que me caiam a perna tôda aquela canzinada de Conservadores, que nada conservam. No entanto respondi com um = obrigado = acompanhado de uma zumbaia... Santo Deus! Não sei como não beijei o chão! — Ora bem sabes que esta palavrinha — obrigado — é a mais gíria, a mais cavilosa, que há na santa língua portuguêsa; quem diz obrigado, não diz nada; agradece simplesmente uma coisa, que indiferentemente aceitamos ou recusamos. Se eu soubesse de outra ainda mais ambígua, mais maquiavélica, era essa a que eu teria empregado naquelas circunstâncias. Deixá-los encravilhar; quando êles confessarem pùblicamente que eu sou alguém, quando êles me houverem aplaudido pùblicamente, e que já não possam voltar atrás senão por *rodeios* (deixa o cacófaton, os nossos bons *Maiores* não usavam de cerimônia com êles; nós hoje é que estamos com ouvido diabòlicamente

apurados: — ouvidos harmônicos — ouvidos de Odino, o Deus da Escandinávia) quando pois êles houverem chegado àquele ponto, eu responderei humildemente que não posso aceitar (bem contra a minha vontade) tal honraria, de que me confessarei indigno, além de que as minhas idéias sôbre o Teatro são opostas e bem e mais que opostas as idéias professadas pelo conservatório. A vista do que... etc. Ora êste etc. é o mesmo que dizer que hei-de passar entre êles pelo maior orgulhoso, que o sol cobre, e não haverá poetastro aí dêstes que no Rio aparecem ás meias duzias por ano — com vida de alguns meses — que não seja maior muito maior — *incomparavelmente maior, do que eu — pobre ninguém* do Norte, que quererá dar leis na Côrte! Na Côrte onde só reinam os Negociantes na Praça — os Negreiros ou Negrófilos no Banco — os Jornais nos Botequins — e S. M. I. que Deus Guarde nos dias de gala e de audiência! Verás e verás. O Serra disse tantas coisas ao João Caetano, que eu estou com mêdo de lhe aparecer.

§ — No Vapor que daqui partiu antes dêste, te remeti o 2º capítulo da minha "Meditação" — eu te irei mandando os outros capítulos; cortem sem dó — o que julgarem mau — ou arriscado de se imprimir. Não me importo com isso. *Irei continuando com ela, e quero ver, se escrevo um* capítulo em que trate dessa idéia da separação das Províncias do Norte do todo do Brasil.

§ Vejo o que me dizes a respeito de ti — do Ricardinho e de D. Mariquinhas — a respeito de teu pai etc. — Quando ao teu grande projeto de mudança de lavoura, consulta primeiro os homens entendidos, manda ver se as terras são boas para a plantação da cana — enfim sê prudente como em negócio donde, se saires mal, o menor que tem vem é perderes a colheita de 1 ano. O que todavia te posso dizer é isto: o algodão tem *hoje pouca extração — o preço é muito baixo* — o açúcar pode dar mais interêsses; mas acontece que não há negociante na praça do Maranhão, que te não compre quanto algodão tiveres, dinheiro a vista; e nem um haverá que te não ponha objeções a compra de uma colheita de açúcar ou aguardente.

No entanto pedi ao Odorico, que se informasse das melhores obras que tratam dêsse gênero de Agricultura — e lá a terás com os meus *Primeiros Cantos*.

Bem vês que a pena está péssima — Adeus. Muitas e muitas lembranças a D. Mariquinhas — muitas lembranças a todos — muitos beijos no Ricardinho.

Escreve, mas não para cumprir, ao

Teu Mano e Amigo do Coração

A. G. Dias

NB — 3-12-46

Lendo agora esta carta para a fechar, vejo que te não respondi a muitos pontos; para *outra vez*.

D.

B. N.

34

Meu bom Teófilo

É esta a terceira carta, e a mais pequena, que te escrevo para te mandar por êste vapor. A primeira perdi-a por que era escrita com muita antecedência. A segunda era feita para acompanhar uns 300 exemplares dos meus *Primeiros Cantos*. Os exemplares aqui ficam em meu poder, por que o vapor não recebe carga, e eu não sei que vá pessoa alguma minha conhecida. Infiei soberbamente com a graça.

Não me escreveste por êste vapor — e fizeste mal. Para que vejas que ainda vivo, é que te escrevo; e também por outra razão: por que estou com muito ferro do tal empate e quero ver, se o deito fora. Adeus

Teu do Coração

G. *Dias*

NB.

Lembranças a D. Mariquinhas e a todos: muitos beijos ao Ricardinho — *dá-me notícias dos teus negócios e da tua gente*.

Rio 22 de dezembro de 1846.

I. H. G. B.

35

Mano e Amigo [Teófilo]

Julguei que o vapor partisse no dia 17 e então te escrevi um pouco precipitadamente, porque me parecia que não havia tempo para mais; demorou-se porém a viagem e agora te vou escrever longamente segundo o meu louvável costume.

Na noite do mesmo dia em que te escrevi tão longamente apareceu-me por casa... quem?! Imagina. Era o nosso Amigo Carlos A. dos Santos, a quem os Srs. *Ingrêses* houveram por bem aprisionar pela 2ª vez; lançaram-no em S. Helena — e ei-lo no Rio aprontando-se para de nôvo partir. Temos conversado sôbre tudo e êle fala-me sôbre todos da tua família; é um não acabar de perguntas e respostas; uma admiração contínua. Em eu tendo tempo de meu, hei-de levá-lo a Casa do Desembargador Albino — para conversarem ambos sôbre... bem sabes quem; eu que já enforquei tôdas as

minhas esperanças como falsificadoras de moeda, como diz Camões, eu que já vou deixando de pertencer a esta vida, e que sem ter frutos já me aborreci das flôres — contentar-me-ei com ouvir, como já de ver me contentei; se me rir, não farei pouco. Eu digo como o Vieira: "Não há maior Comédia, que a minha vida: e quando quero ou chorar, ou rir, ou admirar-me ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.» Mal pensaria o bom do Missionário que outros existiriam depois dêle, a quem melhor do que a êle próprio se poderiam aplicar aquelas suas palavras! — Deixemo-nos agora do sombrio. Virão outros depois de mim que pensarão como eu — e outras mulheres haverá noutros tempos que dancem com graça a polca do tempo. Quanto a mim é-me preciso amar grosseira ou platonicamente — seja como fôr; é-me preciso amar a muitas para não doudejar por nenhuma; é-me preciso não o dizer nem a ela, nem a ninguém para não converter a brincadeira em enterramento. Bem te deves lembrar que me foi preciso um copo de champagne de *mais* — para me tornar indiscreto; advinhaste uma coisa que hoje seria para mim como um sonho, se não mo tivesses escrito. É esta a razão porque de *vinho só bebo Bordéus, que uma espécie de água pé-d'água choca — ou* d'água chirla: * do outro só bebo um *quantum*, para satisfazer a alguma exigência; à cerveja mesmo impus uma espécie de excomunhão mínima, que ainda não alevantei *in totum*. Deixemos isto.

A minha Judia! A minha eterna Judia — a nunca assás louvada — a nunca bem amada — a nunca assás apreciada filha dos sem *prepúcios*, como quem dissesse = filha de um = sans coulote = Deus de Abraão, e de Jacó! Eu só te peço uma noite como aquela em que êste último santo patriarca viu uma escada que topetava com os céus, e anjinhos que subiam por ela acima; seja eu um dêsses anjinhos, e venha embora a pateada do Teatro e a crítica dos jornais, que já me acham aparelhado!

Boa Judia! Imagina tu uma rapariga belissima — novíssima — elegantíssima, com uns olhos rasgados prodigiosamente — com umas pálpebras longas — acetinadas — transparentes que se alevantam vagarosamente como o pano de bôca do Teatro do Maranhão, um colo de neve (coisa trivial em poesia) um pescoço torneado, com veios azul, um pescoço flexível — comprido — um pouco arqueado, que sustenta *as obras com que amor mata de amôres* — um rosto!... um garbo!... uma *esbelteza* de palmeira (comparação que só se pode aplicar bem a Velha Inácia, a nossa servente de Coimbra) imagina tudo isto e muito mais do que isto, — e dirás para ti que... il tuo amico é matto, ou che in su la terra han dive.

Deixemos a Judia: não quero que digas que parece estar eu incumbido de falar sempre dela e nunca de mim.

(*) Chilro.

Pedes-me contas da impressão que tenho causado. O Des.or Albino deu um baile — ou soirée ou chá, ou não sei que — há coisa de 8 dias — convidou-me — e eu fui. Lá encontrei o C.el Salvador, 2º ex-Adido à nossa Legação em Portugal, que lá me relacionara com a Condessa da Fonte Nova — e por tabela com a Baronesa do Casal — em Braga. O C.el e o Des.or puseram-me nos cornos da lua! Um estudante! oh! ... um Poeta! oh!... Um talento! Oh... Enfim um portento. Tive uma noite cheia — uma noite maravilhosa! Julgas talvez que fui aplaudido pelo pouco que sei — ou pelo que posso vir a ser?! Não; fui uma curiosidade. Em bailes a que eu tenho ido, tenho passado por um menino, que de vez de quando diz as coisas assim não sei como, que não é ordinário; ali fiz o figurão de... Dr. Pigmeu! Conheço agora o que tenho de esperar. Vou-me apregoar por uma raridade — e mandar por nos jornais:

Atenção!!

Tom Pouce * Americano, dá espetáculo em tais e tais noites: é uma raridade maravilhosa. Tom Pouce faz versos e tem umas cartas de Bacharel. Tom Pouce é um pigmeu gigante, o que é prodigioso; Tom Pouce fala como a gente, o que é estupendo; Tom Pouce namora uma Judia, o que é divertidíssimo! Sabe um pouco de Latim, Espanhol, Francês, Italiano e Alemão: o que é sem exemplo para um pigmeu. Tom Pouce tem 20 e tantos anos e será, pelo que parece, macróbio entre os seus, — pode chegar até aos 30 anos.

Meu Deus, quando eu penso que assombro não seria para o mundo um homem, que tivesse duas varas e meia de altura, sinto infinita comiseração dos nossos grandes homens, que escaparam de nascer no reino dos Micromegas! Entre êles o que diabo seria César ou Napoleão — Newton ou Shakespeare? Em Júpiter mesmo que êles nascessem, onde se é lá conhecida a regra de proporção, os homens devem ter quase uma légua de altura, seriam todos engaiolados como papagaios implumes; e os Lineus Jupiteranos haviam de classificá-los como *saguins palrantes,* — e os Buffons haviam de os estudar e descrever poèticamente. Meu Deus de que escaparam êles?! — Agora imagina tu que eu nascia naquele célebre país de Lilliput (nome maldito que eu nunca hei-de saber escrever) imagina-me entre aquêles pigmeus como o célebre Gulliver, e diz se eu não passaria lá por algum *Iguanodon[te]* ou monstro semelhante que houvesse escapado da *fossilidade?* Meu Deus o que não perdi eu?!

En avant toujours.

(*) Tom Pouce, famoso anão americano (Charles Stratton), por alcunha "O General", 1838-1883.

Estou agora com um trabalho entre mãos que me há-de dar bem que fazer. Um trabalho de gigante no estado em que as coisas estão. E uma coleção de Romances Históricos sôbre o Estado do Maranhão; não é nem um, nem dois — é uma colecção.

A minha vida literária há-de ter a duração de um relâmpago; quero pois ver se a faço reluzir como êle. Para construção da minha Babel é preciso que os meus amigos me atirem com a sua pedrinha no alicerce cavado. É o caso.

Preciso de haver as mãos uma cópia — ou pelo menos um traslado com todos os ff e rr. e assinaturas — de um auto que em 1653 se lavrou em Maranhão — tendente a liberdade dos índios: o autógrafo deve estar nos Arquivos da Câmara ou do Govêrno. *Preciso saber* que jurisdição tinha *de fato* os Capitães-mores — absolutamente e em relação aos governadores. Preciso de saber onde era em 1653 o Convento dos Jesuítas — como estava — e como está hoje. Preciso saber onde era a Matriz — e como estava —, e se o Palácio já estava edificado, e no caso contrário onde era a residência dos Governadores. Quem eram os grandes homens e os grandes proprietários daquele tempo (o que podes saber pelo auto de que te falei) e o que se sabe dêles tradicionalmente.

Adeus — A minha obra vai em página 160 e tantos. Muitas e muitas saudades a D. Mariquinhas, muitos e muitos beijos no Ricardinho — muitas e muitas lembranças a D. Lourença — às tuas primas — e a todos.

Escreve e lembra-te do

Teu Mano e Amigo
G. Dias

[1846]

I. H. G. B.

36

Teófilo

Por causa do vapor que encalhou, e que irá agora da Bahia para diante, e também por tua causa, que deixaste(s) passar dois vapores, sem me escreveres, há muito que não tenho tido cartas tuas — há muito mais de 2 meses — isto é a 6ª parte do ano. Vê lá como emendas isso. Os meus *Primeiros Cantos* sairam a luz, têm me sido gabado em particular, o que de certo nada quer dizer; a gazeta oficial prometeu falar nêles — assim como alguns outros, e até agora nada de nôvo.

Speranza mi sustiene.

O Serra tinha-se encarregado das minhas assinaturas no Rio, — foi para Angra, — e como êle vence-te em preguiça (o que é difícil) estou por saber quem são os meus subscritores na Côrte, e o Laemmert na atitude majestosa de um — *lion quando si posa;* espera impávido a módica de 900$ rs.

— perto de um conto. Mandei 200 exemplares para Maranhão 100 para Caxias — 100 para Pernambuco, 100 para S. Paulo e vou mandar mais 100 para o Rio Grande do Sul, e acabo com as minhas remessas. Como tôdas têm sido feitas por vapor, que pede 500 rs por cada palmo cúbico — despachos — embarques e encadernações ricas para dêles fazer presente a êstes barrabotas de má sina, segue-se que tenho gasto para mais de 100$rs. com esta porcaria: — 100$rs. quer dizer, tudo e mais do que por ora me têm rendido os meus *Primeiros Cantos*. Assim pois tem paciência, vê se me fazes liquidar o montante das minhas subscrições em Maranhão — *presto, presto*, que o Serra está (suponho e é bem de supor) com terríveis cólicas de ter que desembolsar êsse dinheiro.

O meu drama, como creio que já te disse foi aprovado com muita soma de louvores. Levei-o ao João Caetano, que me fêz saber ser bom e belo o cujo sobredito drama; porém que para o levar a cena carece de me falar. Ora aqui é que a porca torce o rabo: o João Caetano é um homem temível — infatigável — invisível se o procuras na Côrte — está em Niterói — se o procuras em Niterói, voltou para a Côrte; se o procuras em casa, está no Teatro, se no Teatro, está no escritório; se no escritório, está rua, e hás de concordar comigo que a rua é lugar bem dificultoso de se topar de propósito com um indivíduo.

O que me parece, é isto. O Homem escriturou a Companhia Francesa para ambos os Teatros, de que êle é Diretor, Empresário, e Proprietário. O Teatro pouco rende — a Companhia dá-lhe perdas, ergo o homem não está agora em maré de comprar dramas.

Vê como se arranjam êstes pauzinhos para me fazer dar ao diabo a cardada, mais a tôla cabeça que eu tenho! Quem te manda a ti, Sapateiro, tocar rebecão? — Nada, isto não tem jeito, — vamo-nos per hi fora de longada, semear justiça e direito nas belas planícies de Caxias —; ali frutifica a ciência do justo; e a vinha do Senhor dá bastante aos segadores. Estou com mania de me meter frade, ou ordenar-me padre, talvez que eu chegue a ser bispo algum dia com biocos de virtude postiça!

Pasmo da estupidez infinita, que aprouve ao Criador, com sua alta misericórdia, encaixar-me nesta cabeça, para tudo o que se diz — vida — e meios de vida — e modos de vida, — e lucro e ganância aquela nunca assaz apreciada prosperidade que os franceses alcançam com gatimanhas e ninherias — os portuguêses com pontapés e bofetões, e nós outros os netos de Tupá, com revoluções sem modos, nem fim; ou, o que é pior, com vergonha, e humilhações sem têrmo, de rôjo aos pés de um ministro, que, por que foi vil e baixo quando era subordinado ou ninguém não quer pretendentes, que olhem fito, com a cabeça erguida, e em voz que nada tem de medrosa. Santo Deus! Porque me não deste uma espinha dorsal de cêra, uns olhos de Jacques Ferrand (quando menos) e uma vozinha de leite e mel — umas

destas vizinhas que me fazem subir a côr [ao] rosto, e comerem-me as unhas com vontade e de desandar um bofetão!

Santo Deus, por que razão?

Não penses com tudo que eu já desanimei! Fica isso para quando eu muito bem quiser, porquanto até *hoje nada tenho encontrado superior* a minha vontade; e seja dito em abono da verdade, — também são poucas as que tenho encontrado inferiores a ela. Estou agora compondo uma coleção de — *rimances* — que hei-de imprimir com o nome de um Santo Padre de S. Domingos, que *Deus tem há bons 300 anos; é obra pequena*, bem que alguma coisa trabalhosa. Já escrevi um bom rimance em português antigo — uma semelhança de Chatterton — tu os verás. Continuo com os meus Estudos para os Romances Históricos, que devendo ser, com os Dramas, as *minhas únicas obras em prosa, quero que saiam bem* escritas. Tenho lido muito alfarrábio velho e muita crônica antiga: se não sairem bons, não será nem por falta de clássicos, nem de estudos sôbre a matéria. É a primeira vez, que me tenho dado ao trabalho de tomar apontamentos; e para a *primeira vez tenho bons cadernos cheios de maçada* indigesta e *terrível!*

Quando me escreveres, manda-me dizer como vai a tua boa Senhora, teu filho, e os teus.

É verdade. Tive cartas de teu pai: manda-me êle dizer se não te poderias arranjar aqui como explicador — ou como engenheiro civil — empregado em obras públicas e particulares. Quanto ao lugar de explicador ou lente, é bastante que saibas que ao Serra com tôdas as suas proteções foi mais fácil obter o lugar de Inspetor do Tesouro do que êsse, que êle requereu por muito tempo: para o outro — é realmente coisa possível, mas é pouco provável que faças fortuna, por que falta-te aquêle grandioso prometer francês. Por exemplo: Mora comigo um sujeito que fala tôdas as linguas, menos a portuguêsa — que tem tôdas as pátrias, menos aquela em que está, — que sabe tôdas as ciências, menos aquela, em que se lhe fala, que correu as 7 partidas do mundo como o Infante D. Pedro, que é enciclopedista e que prima em tudo, mas em Engenharia é um portento! É um velho alto, robusto, grisalho, tem partes de Moisés — no semblante, nariz de Socrates, cabeça de Newton traja tôdas as modas que se usaram desde o princípio do mundo — menos a fôlha de figueira, — tem os costumes de todos os países do mundo: ama as flôres como um holandês — cerveja como um inglês — aguardente como um africano, bebe café como um turco, chá como um chinês enfim se o vires não saberás o que hás-de dizer, se o ouvires ficarás estupefacto, pasmado, assombrado, duvidando de *tudo* e de *todos* — dêle e de *ti mesmo*.

Pois o Cosmopolita, o homem enciclopédico — êste Mefistófeles ou Anticristo — compromete-se a solapar todo o Rio de Janeiro para o escoa-

mento das águas — a dar-lhe uma corrente submarinha, como se diz do rio Alfeu e da fonte Aretusa, a virar as casas com os alicerces para o céu para ficarem mais arejadas, a fazer das ruas uma estrada de prata com ventiladores em tôdas as quinas, e fazer correr por elas além uma aragem suave impregnada daqueles suaves odores e bálsamos que fervem nas caçoilas do Oriente junto ao leito dos Sultões de Constantinopla — Paxás do Egito, e Imperadores da China.

Isto é muito mas não tudo: acrescenta êle:

Mi direbbe, quanto costa,
Quanto vale una bo[t]tiglia?

Supões talvez biliões ou terliões... nada, nada. Porventura quando Deus mandou maná ao seu povo no deserto, pediu por isso moedas d'oiro? Êle que não é Deus, não trabalha de graça; mas tanto dá, e tão pouco pede que há ingratidão em se lhe não aceitar de joelhos os seus prospectos. Um chavo por cabeça, e teremos a 8ª maravilha em tempo, — a primeira em qualidade.

Quando fizeres isto, meu Teófilo, vem para o Rio — qual Rio! — Vai para a China ou Rússia que eu te prometo serás eleito Imperador do Grande Império da Rússia — ou do celeste Império da China, verás o mundo incensar a tua Majestade, e aqui estou eu para cantar os teus louvores em uma Ode sublime, que mandarás estampar em uma teia de sêda e em letras d'oiro de $ cada uma, e colocar de maneira ostensiva em uma das salas do teu Palácio de Tauride — ou no maior que tiveres fabricado em Pequim —, como já aconteceu á ode de Derjavine. Pago-me com isto; ou como dizia o Ferreira:

Eu desta glória só fico contente.

Maldita mania de deixar correr a pena sem reparar no que escrevo, e no que me resta a escrever! Quod imberbes etc. — Fica o mais para outra ocasião. — Tenho muito que dizer a ti, ao Rêgo, ao Pedro. Adeus

Teu Mano e Amigo

A. G. Dias

Janeiro 23 — de 47

N.B. Há pouco mais de um ano que cheguei a tua casa vindo de Caxias, com saudades de quem não quer tornar.

B. N.

37

[Carta incompleta] [Teófilo]

.. ...cia. de que as estou dizendo

NB — Rasguei uma longa página que te havia escrito a respeito do meu namôro. Lembrei-me porém que havia nela um segrêdo terrível, e

rasguei-a; não por ti, mas por que a carta poderia extraviar-se, e seria público um segrêdo que não é só meu. Se algum[a] vez nos encontrarmos pergunta-me o que me aconteceu na manhã do dia *6 de fevereiro*. (Hoje é 7: a data vai errada). Foi uma cena como nunca a tive, como nunca a terás, como nunca a viste escrita em romances. Uma cena de perigo, de risco, e de amôres, que há 30 e tantas horas me traz tonto, pensativo, e embriagado.

O casamento é impossível: nada receies por êsse lado.

Não entendo o que me dizes do Morais: por outra creio que já sabes por quantas provas tem êle passado: é triste.

8 fevereiro. Diz a S. Exª o Sr. Franco de Sá, que é muito esquecimento da parte de S. Exª; quanto à filosofia no sentido em que êle fala, não sei se a tenho: o que sei é que quisera ver a S. Exª chegado de fora [há] 1/2 hora, sem roupa de casa, e sem sapatos, é o que é mais sem esperar por honra tão grande, e veria eu então o que diabo seria êle? Deixemo-lo.

O Serra escreve-me ùltimamente de Angra dos Reis; a mudança de ares tem-lhe sido muito favorável, e êle passa muito melhor do que quando daqui partiu. Dá-me boas esperanças... porém eu já não creio muito, verdade é que também ainda não duvido deveras.

Tenho muito que te escrever, porém agora não pode ser, que ainda me falta escrever muito para não descontentar a muitos.

Lembranças ao Rêgo — Pedro — Capitão: muitas e muitas a tua boa Senhora; — muitos e muitos beijos no Ricardinho, enfim a todos. Adeus — Aceita o coração do

Teu Mano e Amigo

A. G. Dias

Dize ao Colin, Rêgo, Pedro — que os emprazo a todos para ler cada um uma carta minha quando lá chegar outro vapor depois dêste. Isto quer dizer que desta vez lhes não escrevo.
[7 de fevereiro de 1847]

I.H.G.B.

38

Meu bom Teófilo

3 de abril [1847]

Pelo Imperador me escreveste(s) uma carta bem pequena, e nela queixas-te e bem da pequenez das minhas: agora, enquanto tenho ainda seis dias diante de mim para escrever-te, vou maçar-te com o que me diz respeito, pois que é fôrça que sejas maçado.

Dizes que o Albino * foi por aí espalhar que todo o meu tempo é empregado em estudos e namoros: quanto aos últimos só te posso dizer que eu tenho um número áureo na minha vida — 6247. Se houvesse bilhetes de loteria dêsse número, sem dúvida que eu já haveria tirado a sorte grande. — 6247 — quer dizer, 6 de fevereiro de 1847. Ora o dia 6 de fevereiro trouxe-me uma das cenas mais românticas da minha vida, que, como sabes, apesar de ter [sido] muito apoquentadora, tem bem pouco de prosaica. Supões sem dúvida que ta vou narrar: pois enganas-te: creio que já te disse que se não pode escrever, contudo podes conjecturar pouco mais ou menos o que é, pois que é de namoros que se trata. Imagina tu que eu estava já farto de amôres platônicos, e quis ser positivo: fui apanhado com a bôca na botija, mas safei-me daquelas aperturas com todo o cavalheirismo; não foi coisa de brincadeira e bem longe disso. Mas por que hei-de aguçar-te a curiosidade, se nada te posso escrever? Ficará pois para quando nos virmos (*verbo* ver) e queira Deus que seja breve.

Quanto a estudos, é diferente, tudo te posso dizer — tudo, para que não suponhas que estou fazendo artes de me entis[i]car. Estudo como estudava em Maranhão, isto é, desregradamente: ou excessivamente muito, ou excessivamente pouco. Tenho escrito alguma coisa; ontem mesmo, Sexta-feira da Paixão, acabei uns 400 versos para a obra que estou fazendo, e que eu quero ver se publico antes de sair do Rio, é uma obra que eu pretendo atribuir a um frade, que existiu em fins do século 15º e comêço do seguinte: um pouco antiquado no estilo e no pensamento. Há já feitas cousa de quatrocentas sextilhas — de lendas, loas e solaus, e não sei té onde chegarão. São tuas, ja to disse.

Na minha última carta, também te disse que morava presentemente em um dos bairros mais desertos do Rio, e que defronte de mim morava o Serra. Saberás agora que houve uma grande redução nas minhas despesas, porque em casa do Serra tenho mesa, e excelente; o que é extraordinàriamente econômico, e agradável pelo motivo de que eu, morando só, parece-me que sou achacado do *spleen* apesar de não ser inglês.

Falemos agora do *Progresso*. Perguntas-me porque embirro com êle, e quais são as suas idéias com que eu antipatizo. A êste respeito já te escrevi algumas palavras, porém agora continuarei. A *liga* é uma armadilha, uma igrejinha bem arranjada: o que fôr mais esperto será Padre, o que fôr menos será sacristão, outro sineiro etc. e por fim os *devotos* ouvirão missa. A *conciliação* não pode ser duradoura, por que os ódios são antigos, e passaram das idéias às pessoas. Assim pois quando ela acabar, renascerão os mesmos ódios mais envinagrados, por que alguém há-de ser ludibriado, e o amor próprio ofendido, é soberanamente inexecrável: Quem acredita em conciliação de partidos? Se êles vivem, é fôrça que hostilizem e que sejam hostili-

(*) Desembargador Albino José Barbosa de Oliveira. Cf. *Memórias de um Magistrado do Império*, Col. Brasiliana, Cia. Editôra Nacional, 1943.

zados: do contrário perecem, e não só o que é o mais fraco, como também o que é o mais forte, como todos que houverem. Demais qual é o fim da *Liga?* criar deputados: criados êles a Liga se desfará por si mesma, e o Progresso, que a representa, acabará com ela. Mas que candidato apresenta o Progresso? És Tu ou o Fábio? qualquer dos 2 que seja, direi eu que o Progresso tem uma utilidade real e imediata, é a de apresentar homens de merecimento e probidade a homens ignorantes e imorais. Sendo assim, eu direi que o Progresso tem um fim, que êsse fim é útil, e que se deve contender com tôdas as fôrças para o alcançar. Tirante disso, não. Nada de empenhos com o govêrno: nada de obrigações, e de encargos para com êle, porque em último resultado, será uma sociedade leonina. O Leão distribuirá as partes, e escolherá a sua. Ora o *leão*, de que falo, é ao mesmo tempo *rapôsa*. Não convém a nenhum dos redatores do Progresso defendê-lo, senão por ambição política, que não pode ser ignóbil, mas antes será sempre muito honrosa. Basta-nos de deputados como Passos e Cia. e de Senadores como... como os temos. Porém se é fôrça que os tenhamos quejandos, ao menos que não seja com o auxílio dos Redatores do Progresso! Em tais casos serviços sem *arrière pensée*, é tremendíssima asneira .

No entanto pretendo dispor alguns dias em favor do Progresso, que se eu as escrever, mandarei junto a esta.

6 de abril

De três a seis, vão três dias: é uma grande lacuna, porém não pôde deixar de ser por outra maneira. Quanto ao Castro, as notícias que aqui tivemos do seu desastre, foi que êle morrera em Londres de uma constipação que apanhara em Paris. Estou cada vez mais fatalista: não quer isto dizer que eu não sinto a sua morte; — sinto-a pelo contrário e muito, por que era um Moço de muitas esperanças: o pai amava-o muito, estava-lhe aprontando uma casa magnífica para o receber, que agora há de lhe ser tristíssima recordação. Não sei se o túmulo equivale a uma casa: sòmente, como por vêzes te hei dito, me parece que naquele deve de haver mais descanso.

Terás pelo seguinte vapor, quando daqui parte um F. Faria, de Maranhão, que talvez não conheças...: não te direi por agora; só te peço que digas a D. Mariquinhas que eu sou desleixado e não esquecido; e a prova é que dela me lembro com muitas punções de consciência, e zanga de mim mesmo, que nunca deixarei de ser a *very stronck boy*. Dize-lhe também que esta palavra *stronck*, que talvez não haja nos seus dicionários, quer dizer simplesmente = Compadre da pior laia dos compadres. Enfim procurarei fazer as coisas com tal jeito, que espero ter bem cedo longas cartas de ambos para me agradecerem — ela, fita por fita; tu, *página* por *página*.

O Rêgo * escreve-me para me dar parte do seu casamento: em bem: estimo-o por duas boas razões: a primeira, porque a vida de *garçon* era para

(*) Altino Lelis de Moraes Rêgo, amigo de Gonçalves Dias.

o Rêgo canseira e matação; e seria pena ver todo aquêle *embonpoint*, desfeito, e feito esqueleto, tudo por influência malina de uns olhos de diamante, que refletem *luz*, sem absorverem *calórico*. Falo da Senhora de Cardoville — Adriana —. A segunda boa razão que tenho, é por causa daquele pé de chumbo de má sorte, que se não fôsse êle persuadir que os brasileiros só têm olhos para os mimosos pés de estanho — feitura que cheira ao ultramar, como fazendas em fardo, saídas fresquinhas da Alfândega. Faça-se pois a sua vontade, que eu de longe lhes deito a minha bênção.

Meus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Já olhos não são:
São olhos modestos de nôiva formosa,
Pregados no chão;
Um pai de família dos mais acabados,
Do Rêgo farão.
Agora só falam do santo consórcio
Como de um sermão.
Sei ora o que valem, pois fazem milagres.
Mais uma razão
Porque eu assim brado que aquêles meus olhos
Meus olhos não são.
Aqui fixo os meus olhos, para os não abrir mais
à luz do dia: eu amo a escuridão,
Que a noite veda ver mistérios.
De familiar conchego — *Filinto*.

Passemos ao sério. Meu bom Teófilo, tenho agora de fazer um grande sacrifício. O João Caetano, elogia ao meu drama, gosta muito dêle etc. mas a maldita Companhia Lírica Francesa trá-lo tão embeiçado, que êle vai dando de mão à sua companhia. Tenho porém de fazer representar o meu drama, e isto em mim já é teima: vou levá-lo a Diretoria de S. Pedro a ver o que dali sai. Tenho-me convencido, meu Teófilo, que a vida de literato no Brasil, é por ora para quem tem dinheiro, quem o não tiver, faz bem em vender-se a um jornalista: ora eu não me quero vender. Poesias, entre nós não rendem — dramas, vão para o excelente Conservatório, e lá se demoram meses; vêm para o Teatro, e não são representadas; vão para a imprensa, e não dão para as despesas: é um gôsto. Romances, se forem bons, não hão de ter compradores; como os de Paulo de Koch, porém ainda mais imorais, dão; porém é pena que haja quem por tão pouco se queira desacreditar. Entre nós, estamos no tempo de Camões: podeis compor *Lusíadas*, quem vo-lo proibe? O govêrno que é inteligente e esclarecido, dará ao vosso maior poeta no fim da sua vida os 15 mil réis anuais d'El Rei D. Sebastião, e a

Misericórdia franqueará os seus hospitais ao protegido do rei! Não usava assim Luís 14, nem o Duque de Ferrara, conquanto aquêle tivesse a sua Bastilha, e êste masmorras no seu palácio. No entanto vou prosseguindo na minha carreira, não porque eu me tenha pelo maior dos nossos poetas, mas talvez porque sou de todos o mais tolo, ou o mais teimoso.

8 de abril.

Por êste vapor tive *parte oficial* do projetado casamento do Rêgo: creio que já te disse isto. Não te mando por êste vapor a obra que pedes — 1º por que tais Livreiros Poggetti, e não sei qual outro, não vêm no Almanaque do Laemmert: segundo por breve está a sair outro vapor, e nêle como já disse temos pessoas conhecidas para lá. Chegou ao Rio o Chico — do Rio Grande. O Coutinho está para se casar com uma mulher mais impostora do que êle: o galante é que as famílias, dêle e dela, cada uma de per si, rejeitam aquela aliança como um deslustre: vês pois que os noivos saem às famílias. O Morais está uma espécie de agricultor: D. Francisca, mulher do Souto, teve, há meses, um mènino: depois de 27 anos de casada, é coisa admirável! — Adeus. Lembranças a D. Francisca, a tôdas as minhas Comadres, e a quem se lembrar, mil beijos ao Ricardinho, mil saudades para ti.

Teu Mano e Amigo do Coração

A. G. Dias

B.N.

39

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Recebi a carta em que me recomendavas os teus dois amigos para os lugares da Alfândega: desgraçadamente no mesmo dia da chegada do vapor o Holanda pediu a sua demissão: e o Sousa Franco caiu do cocuruto do poder: ergo, veremos se o Alves Branco me quererá tomar sob a sua valiosíssima e prestantíssima proteção. Tem a certeza que não pouparei... as solas dos botins que quase o que posso pôr à disposição dos meus bons amigos.

Meu caro: estou com muita pressa: isto não quer dizer que te escreverei sòmente duas palavras, mas sim para que me agradeças o muito que eu te escrever, sê forte.

Aí te mando um número da *Sentinela*, que me anda namoriscando: lê, não julgues que é descomponenda. Vê o nº 129 do *Jornal do Comércio* — vê as áfricas que o teu amigo anda fazendo. Podes também ler o nº da *Sentinela* e um outro em que extrataram a poesia do Colin. Já um sujeito me perguntou se fui eu quem escrevi o artigo do *Jornal do Comércio*: não me admirou; também ficaste(s) todo inchado com a *suposição* de ter eu escrito um artigo sôbre bigamias. E a propósito, mas sem aplicação, lembrame contar-te um caso. Um amante apanhou *sa maîtresse dans le peché* com um cujo, que pelo nome não perca. Logo exalta-se e lança em rosto à

víbora, a aquela pérfida, desleal, e sempre ingrata Dulcinéa Madalena, os seus extremos, e os perjúrios dela.

Pudesse uma só nau contê-las tôdas,
Raça infame de víboras dolosas!

E sabes o que disse a Dulcinéia? — levantou-se em pé no leito profanado — cabelos soltos ao vento, como tôdas as doidas, cantando tristes endeixas, como a doida do Colin, e assim desgrenhada e carpida, estátua de agastamento e de fúrias abriu o queixo aos ventos, qual outra misérrima e furiosa Dido (ululans) e disse *avec la moue* da Esmeralda: Ah! perfide! ah! monstre! je vois bien que tu ne m'aimes plus! Mon Dieu! Est ce possible! tu crois plus ce que tu vois, que ce que je te dis! va-t-en, monstre exécrable! Tu as succé le lait d'une tigresse de la Nubie! et voilà mes adieux!

Não creias porém que — in principio, estivesse eu para contar contos. Tanto não estive que te não escrevi: disse com os meus botões, demos tempo ao tempo, e não façamos como o Teófilo — escrever como um desesperado, e depois arrependido como um santo pecador. Bem vês que bem me veio da minha feliz lembrança: já fiz as pazes contigo — in corde, e agora faço um apêndice ao meu Diário. É certo, eu confesso o meu pecado, que em cada uma das palavras da tua carta parecia-me ver um bicho de sete cabeças, com sete línguas em cada cabeça, com sete farpas em cada língua, com sete feridas em cada farpa; cujos setes multiplicados cada um pelo produto dos outros, dá a soma matemático-fisiológica dos ferrinhos que tive. Mas *enfim lá vinha um argumento* ad hominem, que me deitou água na fervura: era isto pouco mais ou menos. V. Sª, Sr. Poeta das dúzias, ainda fazendo artiguinhos de pouco mais de nada para estranhos e bichancros, e para mim, nicles! e diz que não escreverá em minha defesa, nem na dos meus amigos, nem das dos teus amigos! ergo [,] és um caturra, e *en consequence* vamos a escrever-lhe uma carta daquelas, que como dizia o Bráulio, que Deus haja, faria secar figueira, e fôlhas, e figos com píncaros, ou sem êles: cartinha essa que eu bem quisera que fôsse como os meus *Primeiros Cantos*: scil[i]cet sem segunda. Mas vamos ao caso. Disse eu que não escrevia em defesa *tua própria*, ou do Rêgo, ou de quem quer que seja, quando tiver razão para o fazer? Se foi isso o que me pediste, digo-vos, Cavaleiro, que mal vos havedes havido! Nem eu creio que precisarás agora ou logo de quem te defenda (falo muito sèriamente) aqui ou em qualquer parte: nem se fôr preciso recomendação para isso: e digo-te na minha consciência que não creio que acredites que tal recomendação me seja precisa. Se tal coisa escrevi — escrevi mal, porém mesmo que a escrevesse, não a devias entender assim. Não o devias, mil e uma vez: porém se assim o entendeste, a melhor coisa que podias fazer, era dizer-mo, como fizeste(s), porém mais abertamente. Não é assim que eu uso contigo? Águas passadas não moem moinho: estou agora como o Leandro ou Sancho Pança, um saco de rifãos, (sic) mas desatado.

Como vai o teu Ricardinho? E a D. Mariquinhas? E tôda essa boa gente, que provàvelmente se esqueceu já de mim? Adeus. Escreve ao

Teu do Coração

G. Dias

NB — O Joaquim Mariano despediu-se de mim, e diz que vai para aí no vapor seguinte: por êle te mandarei uns papéis, cópia do pouco mais de zero que aqui tenho escrito: e então escrever-te-ei longamente sôbre tôdas as coisas e muitas mais.

[abril de 1847]

I.H.G.B.

40

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Muitas notícias boas e más. Primeira: Os nossos Deputados com o Moura, foram à casa do Alves protestar em forma contra as informações do Presidente sôbre os lugares da Alfândega. O Alves não quer perder 3 votos, e está contemporizando mas prometeu já ao Serra e ao Costa Ferreira, que andam de combinação de os atender a ambos. Não sei ainda o que poderei fazer neste negócio — talvez tudo — talvez nada, que é o mais provável.

Os jornais publicaram hoje (12) a morte do Príncipe herdeiro, que faleceu ontem de convulsões.

O José Miguel foi nomeado Médico Vacinador.

Um *Sá* foi nomeado 1ª Vice-Presidente; outro *Sá* Administrador dos Índios: Se falecer algum dos Senadores por Maranhão, virá o Franco para a Senatoria, por (sic) é privilégio de Alcântara dar Senadores à Província, e privilégio dos *Sás* escolher um dos seus. Se o Franco vier para as Câmaras, o Primo Secretário subirá a Presidência, e algum Sàzinho de Tapuitapera virá para Secretário: o primeiro sairá Deputado Geral, porque é Presidente, o 2º Deputado Provincial, e suplente a geral.

Excelente! quem não fôr Sá, não será ninguém na Província: gosto muito do predomínio de família e sobretudo de uma família egoísta e interesseira.

Quanto a mim, nada de nôvo. Senão, que o Alves, * que fora do Ministério mostrou-se muito meu amigo, creio que dentro não perdeu as suas boas tenções a meu respeito: mas quando as veremos realizadas?

Dizem-me daí que a Viúva do Capitão José Inácio vai casar-se com um môço de 25 anos! que a D. Ana, *com saudades do Albino*, quis fazer ablativo de viagem; mas que já mudou de tenção e de saudades: e por fim que o teu Ricardinho estava muito doente. Queira Deus que a estas horas já êle esteja bom e risonho como sempre.

O Carlos chegou da Costa d'África com boa viagem.

(*) Manuel Alves Branco, depois Visconde de Caravelas, havia organizado a 22 de maio (1847) nôvo Ministério liberal, ficando no poder até 8 de março de 1848.

Pelo vapor passado devias ter recebido o fato do Ricardinho. Foi o caso que recebi a tua carta em casa do Serra: falavas-me das roupas do Ricardinho; meti-me a bulha com a magreza da minha bôlsa, e de te não querer mandar dizer que eu andava em guerra com as notas de banco. Rimo-nos com a minha vida de estudante, que ainda continua: e ficamos nisto. Passados dias, aparece-me o Serra todo radiante: 2 polcas of the more London! gritou-me êle. Sabido o caso, eram as polcas do Ricardinho; foram em nome dêle sem que eu por isso me conte por desobrigado de as mandar por minha vez — quando... sei eu quando? Adeus — Escreve ao teu Amigo do Coração

G. Dias

12 de junho 47.

I.H.G.B.

41

Carta incompleta [Teófilo]

... poderá levar os teus livros se a ordem é tal como me dizem, porque seria comprometê-lo no comêço da sua carreira.

Meu bom Teófilo — Isto de Rio de Janeiro vou vendo que não me serve, ou que eu lhe não sirvo. Há perto de um ano que aqui estou e por ora nada de arranjar-me — até disso vou perdendo as esperanças. Os nossos grandes homens recebem-me com a carinha n'água, namoram-me quase como se eu pudesse dispor de alguns votos, e estou certo que se fôr bem recebido pelo Imperador a quem terei a honra de ser apresentado um dêstes dias, ninguém será mais festejado, mais gabado, mais apreciado, e mais acariciado que eu: veremos pois se os bons olhos de S.M. fazem mudar a minha estrêla — de promessas já estou farto, de esperanças me vou fartando: e um ano de espera é muito esperar. Qualquer dia embirro os pés na parede, volto a cabeça como um burro cabeçudo e ponho-me ao fresco: vou plantar batatas, que é melhor que fazer versos.

Estou com a cabeça em fogo a doer-me insuportàvelmente: em apanhando sol neste maldito Rio de Janeiro estou doente por um par de dias. Adeus por hoje.

Agôsto 6.

Notícias do vapor. — A agência também não recebe carga. Agora mesmo venho do escritório: pedi-lhe ao menos a circular para que a imprimisse no Progresso *cum notis*: responderam-me: O nosso fim é fazer entender a aquela gente que prescindimos de lhes levar cargas ou encomendas, sendo estas as mais das vêzes por favor: basta pois que êles sintam os efeitos. Manda-nos dizer o nosso Agente (e leu-me a carta) que o Inspetor da Alfândega daí se fundava em um aviso circular do Ministério que só diz respeito à navegação exterior, e que mesmo aplicado aos barcos de cabotagem, não podia ser assim entendido com os vapores. — Que para maior

expediente se lhes considera o privilégio de navios de guerra, que em nenhuma Alfândega do Império se manda cercar os vapores com os escaleres da Alfândega, que nem os multam, nem lhes aprisionam a tripulação; que isto não é abuso, mas lei. Que se entre as encomendas houvesse alguma que devesse pagar direitos — lá se houvesse a Alfândega com quem as reclamasse, que assim fazem as outras etc. etc. Em suma para Maranhão, nem da Côrte, nem de pôrto algum irá no vapor carga do volume de uma carta, nem encomenda do pêso de uma agulha — «*enquanto não houverem por bem restituir-lhes as multas que de então até hoje fizerem*, declarando-se oficialmente que os vapores que não querem, como o «Fere Fogo», passar 80 contos de réis de contrabando não querem também achar no Maranhão procedimento diverso do que nas outras partes, *sobretudo em coisas que lhes não são de proveito*».

Se te parecer, escreve um artigo no *Progresso* sôbre isto: tem a certeza que os homens não cedem, nem devem ceder: o seu compromisso com o Govêrno é simples levar e trazer malas — dois lugares de estado etc. — não se trata de cargas, nem de encomendas: assim estão no seu direito, e não querem que as outras Alfândegas sigam o exemplo; e com esta lição não hão de seguir por certo: é uma espécie de interdito de 15$ demônios.

Já me esquecia da incumbência de D. Mariquinhas. Ninguém me dá notícias do tratado da Harmonia do Conservatório por Cattel: achei dois outros, um de Henry Lemoine; outro de Reicha. Dizem-me que êste último é o melhor que há: como não tenho tempo para saber se ela quer ou não quer, e querendo ao mesmo tempo mostrar-lhe que eu sou um Compadre menos mau, eu lhe mandarei, quando puder mandar os teus livros, o que me dizem ser melhor = o de Reicha = se sair mau, em todo o tempo será tempo de o mandarmos vir do próprio Conservatório, *si Deus nobis*... o *introuvable Cattel*.

Não sabes? O Lambão deu em Orador! tem falado as estopinhas! tem dito coisas do arco da velha! E a argumentação? Oh! a isso não há que se lhe diga. Lá vai um trecho:

Sr. Presidente, eu digo que o Presidente do Maranhão não segue a política do Ministério: e provo.

A política do Ministério é fazer favores aos amigos, e justiça aos inimigos.

E o que faz o Presidente do Maranhão!! O que faz êle? — favorece aos inimigos e hostiliza aos amigos! — (Lógica fina e bem apanhada).

[5 de agôsto de 1847]

I.H.G.B.

42

[Carta incompleta] [Teófilo]

De quanto tinha para te mandar, desta ocasião, nada te pode ir senão as Minervas que vão pelo Correio. Vão nem só os 3 números de que te falei no comêço desta carta, como também o 4º que me veio ontem, apesar da data que traz. Gosto dêste número porque vem nêle uma cena daqueles celebrados dramas do Raposo.

7 de agôsto

O Serra entabulou ontem uma negociação a meu respeito: Vai criar-se um Liceu em Niterói. As cadeiras estavam tôdas dadas menos a de Inglês, e a dos Substitutos; diz êle que é coisa possível arranjar-se uma Cadeira *substituída* em Idealidades, com a gratificação de Secretário, o que somado tudo junto na ocasião das marés vivas dá exatamente metade do que me é preciso para viver no Rio de Janeiro scil[i]cet — um *conto* ou uma história. É um *moudé*, uma *espéra* enquanto não me vêm as cebolas do Egito. O que é certo é que o tal emprêgo mesmo realizado, é excelente, porque é vitalício, mas precisava também de uma ajuda de custo. Veremos.

Muitas lembranças à minha Comadre, muitos beijos no Ricardinho — Saudades a tôda a tua família, e dá-me notícias tuas.

Adeus.

Teu Mano e Amigo do coração.

A. G. Dias

[6/7 de agôsto de 1847]

I.H.G.B.

43

Meu bom Teófilo

11 setembro 47

Hoje mesmo (já noite) recebi a tua carta de 21 de agôsto: são 11 horas da noite. Tem-se demorado êste vapor porque os Deputados estão com o ôlho nêle para irem tratar das eleições e o Ministério não quer ficar sem lei de orçamento; partirá lá para o dia 14 — no entanto quero desde já principiar a escrever-te, porque há muito que te não dou notícias minhas também há muito que mas não dás tuas; porém mereces desculpa, porque estás tão encravado na política como prego na estôpa. A política não te serve — mil vêzes não te serve. Que diabo esperas tu da política? Se alguma coisa esperas que não seja desgostos e desenganos, esperas muito mal: tens imaginação vivíssima, — tens ainda fé nas cousas e nos homens; pois hás de ficar sem fé e sem imaginação, sem aquela placidez de espírito, aquela suave tranqüilidade que tem o homem de coração, o homem generoso, e feliz como neste mundo se pode ser feliz, que tem em redor de si em quem

empregar a sensibilidade, com que pensar no futuro, cheio de imagens risonhas e de esperanças lisongeiras. Pais, espôsa, filho e amigos todos bons, sensíveis extremosos, — todos vivendo com a tua vida: crês tu, meu Teófilo, que há muita gente assim?

Outra era a política que eu imaginava que te convinha: política alta, grande, beneficente, também cheia de desgostos e desenganos; mas desgostos e desenganos, que a História sabe exarar nos seus fastos como uma das sublimes loucuras — dos que ela chama grandes homens e que eu chamarei benfeitores da humanidade.

Deixemos estas coisas: aquela minha velha mania de esboçar projetos para mim e para os meus amigos.

Come vedi, ancor non m'abandonna!

Amanhã é o dia da instalação do Liceu de Niterói: como sabes, sou *Adjunto* com o cargo de *Secretário* — Rs 1000$rs — *que é pouco menos* de metade que m'é preciso anualmente para viver nesta bendita terra, onde se fala em contos de réis, como quem diz — vou beber um côco d'água. Incumbiram-me o *Discurso de Abertura;* não sei se merecerá as honras da impressão, nem se me estenderei com a sua leitura: desde Coimbra que não leio dissertações em público! Eu te mandarei dizer.

Perguntas-me: Por que razão eu que *tenho* o Alves Branco no Ministério não me esforço por conseguir algum lugar de Adido ou Secretário de Legação. Em circunstância quase idêntica disse o P.e Vieira: A pergunta é boa, mas a resposta ainda será melhor.

1º A ninguém tenho no Ministério, ou, ninguém que de mim se lembre. Querem contudo persuadir-me que êle traz a imaginação tão ocupada comigo, como há tempos a teve com a célebre questão da Presidência dos Ministros. Amém — Bonus, bona, bonum... se assim fôsse.

2º Adido ou Secretário! — Ainda melhor: há trinta cães para um osso magro: trinta elevado ao quadrado para um osso de chupar: trinta na trigésima milésima potência para um osso de tutano: bem vês que nem ao menos posso contar com um osso magro e descarnado, que serve para botões, ou para cabos de canivete. É verdade que S. Exª quando simples particular teve a feliz lembrança de que um lugar na Secretaria de Estrangeiros caia-me a matar. Agora S. Exª é ministro e refletindo maduramente vê bem claro (depois de somar o número de afilhados *qu'il faut placer*) vê *bem claro, digo, que o ar das Secretarias, o tráfego* dos negócios públicos, embotam o gênio, e S. Exª — também poeta, não quer ser *talenticida*. Quanto mais que era bem de supor que a cabeça tonta do poeta encaixasse uma ode safica, uma declaração amorosa, um *êxtase celeste* numa imperial e rochunchuda missiva [às] Rainhas Vitória ou Cristina: o que em sumo grau havia de complicar as relações amigáveis e diplomáticas entre o Império de S. Cruz, e os dos in illo tempore cavaleiros da cruz Jorge e Tiago,

santarrões endiabrados que tanto sangue derramaram por amor de Deus, e do santíssimo Papa e da santíssima Igreja Católica Apostólica Romana. Sou crente, e não quero que por amor de mim haja desaguisado entre os bem-aventurados da côrte celestial.

Dizes-me que não cuido do dia de amanhã! Caramba! Logo em princípio desta carta principiei por dizer-te que estou com verdadeiras cólicas escolásticas, pensamento no respeitável e nada poético estenderete em público e raso, que hei-de dar amanhã com meu discurso. Isto é pensar no dia de amanhã, ou eu ignoro o que é pensar, e o que quer dizer — amanhã.

Falemos sério. Não penso no futuro, não penso e não quero pensar nêle: o presente me corre bem triste e bem carregado, — o futuro será talvez pior: por que hei-de pensar nêle? Julgas porventura, julgas tu, Teófilo, que a minha vida carece de desgostos, de vexames, e destas dores pequeninas, infames, tediosas, que matam a poesia e o sentimento? Julgas tu que algum anjo desfolhou rosas na vida, e das rosas tirou os espinhos por que eu me não magoasse nêles? Oh!... Não sabes?! Dêsses poucos que têm lançado os olhos sôbre o meu volume de poesias, quando chegam a conhecer-me, admiram-se *porque me supunham velho e quebrado pelos anos e pela amargura*. Vêem-me sorrindo, e não pensam não se podem convencer de que eu tenha sofrido: não se lembram que o sofrimento gasta mais depressa o coração do que a vida, nem se lembram nem imaginam que a dor faça envelhecer mais depressa a alma, do que corpo. Se hoje lhes perguntares porque os meus cantos são graves e melancólicos, — êles te responderão que é mania de hoje, que é a melancolia da época; que os poetas de hoje sonham dores e tormentos como Horácio cismava com taças de Falerno, cantando os olhos de Lalage que docemente falava e sorria docemente, — como Filinto sonhava com magustos, ao passo que via a menina falando às ocultas aos bichos do Papa. Deus os fade em bem, e a nós também — Se eu curasse do dia de amanhã!... mas não vês que se isso assim fôsse, estava eu a estas horas a medir côvados de chita, a pesar libras de manteiga, ou então andaria por êsses matos a espremer cocos para fazer jandiroba, ou a cortar árvores para recolher gomas. Chama-me *ratão* quanto quiseres: mas lembra-te sempre que enquanto o teu amigo não se importar com o dia de amanhã, ha-de ser merecedor da tua amizade: não ha-de curvar-se, nem descer a praticar uma baixeza, e será talvez resignar com tôda a dignidade as vantagens de hoje por pouco que lho requeiram as circunstâncias.

Esta gente que se dá comigo não sabe que independência que eu tenho na minha vida, nos meus atos e nas minhas opiniões: não queira Deus que êles o saibam nunca, por que eu exagero tudo — sempre nos extremos ou muito condescendente, ou muito imprudente: odeio ou amo com extremo, — e será terrível o dia em que eu tiver de mostrar, em algum ato solene, entende-se, que por baixo desta máscara de cêra que todos me vêem, há uma vontade inflexível — uma estátua de ferro. Dize-me: Há muita gente tua

conhecida que tenha afrontado mais obstáculos, que tenha começado e progredido na sua carreira com mais paciência, com mais tenacidade do que eu?

— Mas isto é para ti que me conheces; para os outros é tudo muito natural: é muito natural que eu indo a Coimbra seja Bacharel, que eu sendo brasileiro esteja no Rio de Janeiro, e que enfim eu faça versos tendo nascido poeta: ó santa natureza!

13

Foi ontem o grande dia! Não te digo nada! reduziram-me o ordenado a 800$rs e só o começarei a vencer lá para o mês de fevereiro. Onde diabo estarei eu no mês de fevereiro do ano do nascimento de mil oitocentos e quarenta e oito? Tem a bondade de mo dizer para meu govêrno. Bem vês que com tais precedentes era impossível gritar.

Entusiasmo ardente me arrebate,

Elevem-se o meu estro e os meus precalços!

O Odorico partiu ontem para o Havre vai acabar a sua vida em Bruxelas, onde Voltaire só via

Caneaux, Canards et Canaille.

Exclamou na sua zanga com o Maranhão e com tôda a política: Ingrata Pátria! e lá irá dar com os ossos pelas terras de estranja. O que é certo é que os arrufos vêm muito a tempo. Não sei se te lembras daquele apólogo do José Daniel — O Rato dentro do queijo parmesão vivendo vida de Eremita:

«Um rato desenganado
Das falsidades do mundo
Resolveu viver sòzinho
Dentro dum queijo rotundo:
Três contos de réis que tinha
Era quanto lhe convinha
Para viver como um santo
Dentro da sua igrejinha!»

Deixemo-nos de sátira: sátira, não — história. Mando-te os teus livros dirigidos ao Velho Vale por intermédio do José Tomás: importarão em 37$réis com encadernação: recebi-os do Serra, e foi o motivo precisar eu de dinheiro: as minhas finanças estão em baixa mar dos trópicos: não te digo nada se te digo que ao fazer desta não tenho com que lhe pagar o sêlo — Adeus — Escreve ao

Teu mano e amigo do coração

G. Dias

B.N.

44

[Carta incompleta]

Amigo Teófilo

10 — outubro — 47

Lá vai um diário monstro, como há bem tempo o não recebes; mas enfim da minha parte ao menos recebes tu de quando em quando uma daquelas massantíssimas correspondências, que escrevíamos um ao outro, que eu de vez em quando ainda me lembro de escrever para não perder o costume, e que tu não escreves mais nem ao menos como reminiscência.

Muito tenho que te dizer: muito sôbre muitas coisas. — Em primeiro lugar tratemos da política, porque depois me ficará o ânimo mais livre para te falar de mim. Sei que sempre te hás de interessar pelo que me disser respeito, mas isso não obstante agora por êste vapor recebi uma carta, creio que do Henrique, na qual se me dizia que me não escrevias por que tinhas a cabeça um vulcão de zanga, de ferros, e de política. Vê-se pois que preferes a política a mim, e que se eu quero ser atendido devo principiar pelo que te merece mais atenções.

Apenas chegado o vapor recebi uma carta do Collin, dizendo-me: Diz-me o Antônio Henriques que lhe manda sempre os Progressos: leia o Nº .. etc. — tais Progressos não recebi — fui ao Correio, fiz barulho, nada de nôvo. Foi o caso que Vocês Senhores Ligueiros foram mamados como umas criancinhas: caçaram-lhe aí os jornais, e apenas chegaram alguns ainda não sei bem como.

Diziam-me as cartas o que aí se tinha passado na noite do dia 7 de setembro etc. — No *Jornal do Comércio* aparece imediatamente uma correspondência do Paço; e um extrato, creio que do *Estandarte*: "Srs. Ministros! olhai o mal que fizestes! A Província do Maranhão está ardendo em chamas de uma furiosíssima guerra civil. Já há [sic] estas horas deve lá haver mais queixos partidos, mais cabeças quebradas do que Sansão matou de Filisteus com a queixada de um burro etc.» Ótimo! depois disto o Paço agora no precioso Jornal com a preciosa correspondência, marca a margem com a unha o extrato do *Estandarte*, e banhado em lágrimas, coberto de luto e desespêro corre à casa dos Ministros, distribui *gratis* o precioso empréstimo, clama Justiça! Justiça! o Maranhão está dançando em cima de um vulcão. Misericórdia, Senhores Ministros! Os Ministros fraqueam. Um por um, menos o Vergueiro, lhe prometem que tôda a sua atenção voltar-se-á para a voz clamorosa que tão confiadamente se arroja aos pés do Govêrno, com coluna e meia de impressão no Jornal por excelência. Quase estão resolvidos a demitir o Franco de Sá.

— Mas quem será o Presidente pergunta o Cândido Batista.

— Nas circunstâncias atuais, responde-lhe o Dr. — o Sr. Manoel Felisardo, é o homem que nos convém. O Manuel Felisardo, é cunhado ou

coisa semelhante do Cândido Batista. O Ministro decidiu que realmente *era necessário dar as quebras no Sr. Sá, que vai ser chefe de Partido,* em vez de ser Presidente.

O Paço pulou de contente.

— Mas quem deve ser o Presidente da Província, pergunta D. *Satulnino,* hoje digníssimo Senador como as fôlhas já te deverão de ter dito.

— Com permissão de V. Exa. responde-lhe o Dr., creio que o nosso homem, *l'uomo chi ci vá,* é o digno Sr. Coutinho particular protegido de V. Exa. por influência do Sr. Com.dor Andrada, sogro daquele.

D. Satulnino declarou desde logo que a Província do Maranhão, merecia tôda a solicitude do Govêrno paternal de S. M. visto que o Sr. Franco de Sá, sem que seja nenhum Hércules, no físico como nem no moral, brincava, homem-criança, com a Hidra das revoluções.

O Paço já não só pulou, como deu gritos de contente.

— Mas quem há de ser o Presidente? pergunta o Sr. Alves Branco. Êste coxo que como sabes, junto com outro paralítico, são, dizem as más línguas as duas cabeças do Brasil (Não sei onde diabo fica o Franco de Sá!) êste coxo, digo, caiu na esparrela como qualquer dos dois.

— Se V. Exª me consulta, responde-lhe o Dr., só um vejo que na quadra atual melhor ou menos mal se possa tirar do estado verdadeiramente lastimou [sic] miserável e anárquico em que o Sr. Sá — futuro Senador, não por Maranhão, mas por Alcântara (visto que Alcântara é a Bahia do Maranhão, com b grande, como é com b pequeno) colocou aquela amável Província — É êste o particular amigo de V. Exª — o Dr. Serra — está numa posição independente, tem relações na Província, muitas e boas, enfim, como já disse, é o único, se V. Exa. não sabe doutro melhor.

— Está bem, disse o Presidente do Conselho. O Sr. Sá é *um dançarino de corda*: é um aprendiz de relojoeiro a quem se deu para limpar um relógio de parede. O Maldito aprendiz por desenfado quis-lhe dar corda, *tanto aperta com a chave, que por fim estoura* tôda aquela máquina, a mola desanda com uma fôrça de mil demônios, enquanto o Sr. aprendiz, de boca aberta não sabe senão dizer: Não fui eu! não fui eu! E de certo que não foi êle, foi a mola; mas a mola por que quebrou?

— Enfim! bradou o Paço com os seus botões cá da porta da rua! Se eu agora aqui apanhasse aquêle estonteado e multi-parla Senador Costa Ferreira, eu lhe perguntara, (eu, Dr. José Jansen do Paço, que desta feita passo a dar lições a meu Cunhado Isidoro) o que é *diplomacia carônica* senão a verdadeira diplomacia, tão real e verdadeira como está no fundo dos gabinetes e nas pastas ministeriais, e nos planos da oposição.

Digo-te, meu Teófilo à fé de quem sou — scil[i]cet — poeta ou criador de fantasmas, como os ....

B.N.

45

[Carta incompleta]

.... conforme quiserem entender as cousas. Faço o que fazem os teus colegas que se aplicam à astronomia: observo o céu e os astros a ver se descubro algum planeta a que ponha o meu ou o teu nome, ou algum satélite do planeta Lareverier * (ou como quer que se chame êste moderno Pascal). Há dias com uma apoquentadora dor de dentes descobri

«Do céu uma harmonia sussurrante
No fim do dia!»

É uma coleçãozinha de poesias eróticas talvez as mais perfeitas que eu tenho escrito. Hei-de ver se acho os borrões para te mandar, por que é muito de supor que não tenhas tempo de as copiar de nôvo.

Não tenho tempo! — talvez penses contigo que quem tão grandes cartas escreve, deve ter muito e muito tempo de seu: tal não é. O meu segrêdo para te escrever muito [é] simplesmente aproveitar os intervalos de estudos, o fazimento do quilo, enfim o resto da noite = *nas horas do silêncio*.

A minha *Leonor de Mendonça* foi já para Imprensa; sabes como — gratia pro Deo, e o que mais é — favor que me faz o Livreiro. Que bela que é entre nós a vida de um autor dramático! Faz dramas que envelhecem no Conservatório antes que saiam aprovados ou reprovados — Dramas que se não representam, e que se imprimem pelo amor de Deus. Hei-de fazer muitos dramas para divertimento dêste bom povo fluminense.

Impresso o drama, e sem demora, passo a imprimir um 2º volume de Poesias — maior que os *Primeiros Cantos*. Queira Deus que elas me rendam mais dinheiro, ainda com menos louvores.

O meu Poema anda por meio do 3º canto: não sei ainda de quantos cantos constará a tal monstruosidade: também não é tão cedo que o hei-de imprimir, ainda que amanhã o tivesse acabado.

Os meus Romances sôbre o Maranhão estão — *in statu quo* — tenho meia resma de papel em apontamentos, que já não sei decifrar muito bem: hão de sair frescos.

Principiei a estudar matéria para escrever a *História dos Jesuítas no Brasil*, o que equivale a escrever a História do Brasil. Tenho muito que estudar! Creio que o Conservatório propôs um prêmio para esta obra, que lhe deve ser apresentada em setembro: Conservatório, não o Instituto Histórico. Não sei o que se possa fazer em tão pouco tempo: também não é o engôdo de uns mesquinhos 200$rs. ou coisa semelhante que me leva a empreender êste trabalho: e sim, um dos elos que se me faz precisos para o meu círculo literário, um traço na superfície que eu pretendo encher.

(*) Urbano Leverrier, astrônomo francês (1811-1877).

Saí-me bem dos meus ensaios líricos: saí bem do meu trabalho dramático: o meu poema não tem desagradado a quem o tenho mostrado: falta-me pois o Romance e a História. Lá chegaremos, querendo Deus.

13 Setembro — O vapor está a partir — Adeus — Para outra vez te *contarei a minha viagem a S. Cristóvão.*

Teu do Coração.
Dias

B.N.

[1847]

46

Meu bom Teófilo

Uma carta que não deve ser muito longa, para que te não vás persuadindo que uma carta-monstro é para mim tão fácil como para ti nada escrever.

Trouxe-me o Antônio Henriques um Dicionário, uma Gramática e um Catecismo da língua indígena, que disse haver-te furtado, e que eu pretendo furtar-lhe, sem nada lhe dizer. É um belo achado para a confecção do meu poema que te hei de dedicar se fôr como me está parecendo a minha obra prima; por que depois daquela pequeníssima dedicatória que te fiz nos primeiros cantos, é-me preciso muita cautela quando agora te quiser oferecer alguma coisa de nôvo.

O *meu Drama já está no prelo: creio que até meado de novembro* estará pronto. Quero ver se ainda êste ano principio com a publicação de um nôvo volume de Poesias no formato dos *Primeiros Cantos*, e qualquer dêstes dias mando tirar os Prospectos.

O Secundino leva-te um caixão e uma lata para a entregares aí ao Major José Antônio da Silva Guimarães que lhe manda Augusto Dias Carneiro: podes abrir o caixão, e tudo que lá achares, menos 6 volumes de livros, é para ti: isto é, sapatos, meias etc. que te manda o Antônio Henriques como êle te mandará dizer.

O *meu emprêgo em* Niterói *rende-me um conto com esperanças de* ser elevado a um conto e duzentos mas por ora percebo sòmente oitocentos mil réis. Sendo-me preciso para viver decentemente no Rio eu e a minha pessoa 2:400$, calcularás muito bem, se ainda te não esqueceste do teu Francoeur que ganho exatamente o têrço de que careço. É o mesmo que dizer-te que esta gente supõe que o Calendário Gregoriano não foi feito para mim.

Muito gostei do teu artigo financeiro: pedi ao Serra que o mandasse para o *Jornal do Comércio*. Mas como êste jornal é inteiramente alheio às nossas dissensões, foi-lhe preciso cortar algumas frases que te escaparam no teu furor ligueiro. Junto ou talvez dentro do caixão acharás a *Gazeta* oficial de amanhã onde sairá com certeza a autopsia feita pelo Rêgo e outros

em um cadaver que aí desenterraram para êsse fim. Achei-a excelente, ainda que em tais matérias sou quase profano, visto que sôbre envenenamento por arsênico só tenho lido as dissertações e polêmicas do Orfila e Broussais no Processo de M.^{me} Lafarge.

Esta carta já te vai apanhar com a cabeça mais resfriada de política: muito estimarei que tenhas passado incólume a crise das eleições, e que te dês por pago dos teus trabalhos com o resultado que alcançares.

Já me esquecia. Estou de todo o coração reconciliado com a liga por haverem empregado o Campos: dou-te mil e milhares de parabéns pela parte que me diz o Antônio Henriques e eu sei que tomaste neste negócio. Sou pouco mais que conhecido do Campos, mas quando souberes de empregos assim concedidos, que de mais a mais forem favorecidos por ti, escreve-me que me darás incrível satisfação. É um moço que se aproveita, que apesar do seu acanhamento, pode vir a honrar a sua Província e que estava a esmorecer e a estragar-se por falta de estímulos. Assim pois um abraço bem apertado pelo emprêgo do Campos. Tu verás, meu Teófilo como aquela

«Caxias, bela flor, glória dos vales»

há de ter auréola de torrão abençoado.

O *Campos pode dar-lhe nome com a sua* Engenharia; o Correia na política se se quiser meter nêle porque é um digno e nobre sujeito — na literatura, porque é de engenho: o Vilhena com o seu Código, que dizem ser obra de um doido, mas que há muita gente que nunca há de ter daquela doidice. Não falo do Furtado por que é da terra do Cândido Mendes, ou dos domínios do Barão do Piauí; no entanto está naturalizado caxiense por uma patente de «Polícia».

Não sei o que tenho mais para te dizer. Sim, corre por aqui que o Joaquim Mariano tem feito por lá estrepolias, que o Furtado maromba, e que o Isidoro apresenta-se como candidato ou quer apresentar candidato seu. Creio que esta carta foi escrita pelo Joaquim Mariano, não o assevero porque a não li.

Aqui pela Côrte anda tudo fervendo com as eleições hei de ver amanhã quantos jornaisinhos encontro em pequeno formato para tos mandar: Até o nosso Amigo Coutinho meteu-se em comprar a Tipografia e emprêsa do Mercantil: são três os consócios, que se tal negócio se efeituar terão de apresentar para a mesa da política 40 contos de jóia, que tanto lhe custará a brincadeira.

Diz a D. Luzia que as suas Camélias estavam muito lindas, e que têm aqui gostado muito delas; e que a mim só me desgosta no quadro não lhe ver o nome e a data que eu lhe tinha feito. Estava assim tão feia a minha letra gótica?

Meu bom Teófilo, dentro de um ano ou eu me estabeleço definitivamente no Rio ou então vou-me per hi fora de longada. Vão vagar 2 lugares na Secretaria de Estrangeiros: o que me convém é um daqueles Oficialatos (não aceito o lugar de Amanuense). São porém lugares de infinitos pretendentes graúdos, razão por que me parece que dificilmente o poderei conseguir. Se o não conseguir... quem sabe talvez me seja muito melhor aplicar-me a vida positiva do que vagar pelos espaços imaginários.

Esta carta já vai um pouco comprida e é tempo de te dizer adeus — sobretudo quando tenho uma *carta viva* na pessoa do nosso amigo Secundino.

Muitas saudades à tua Senhora, muitos beijos no Ricardinho — muitas lembranças a tôda a tua famílila. — Adeus.

Sempre teu do coração

G. *Dias*

Rio, 27 de outubro de 1847.

N.B.

O Antônio Henriques creio que manda pedir ao Pedro uma coleção da *Revista Acadêmica*: é para mim; se o Pedro a não mandar, manda-me tu pelo Secundino.

No *Jornal do Comércio* de hoje aparece um extrato do Progresso que o Serra mandou publicar — sôbre as vidraças do José Corsino. Creio que vai desmentir a Correspondência sôbre o Maranhão que apareceu na Sentinela de hoje. Adeus.

I.H.G.B.

47

[Carta incompleta] [Teófilo]

12 de dezembro de 1847

....

A respeito do meu Drama: dei-o ao Picot, genro e interessado com o Villeneuve na emprêsa do *Jornal do Comércio*, para êle o publicar na sua coleção do Arquivo. Impresso o Drama, fui agradecer-lhe, visto que êle tinha tido a bondade de mo imprimir grátis — isto é — visto que o imprimia por sua conta e risco, e só por me obsequiar, sem me exigir coisa alguma e também sem me dar uma de X... [sic] disse-lhe, que eu tinha amigos aqui e nas Províncias, e que os queria obsequiar — que me seria preciso pelo menos 50 exemplares, asseverando-lhe que em qualquer obra volumosa que eu publicar nada menos me seria preciso etc. etc. O Homem, — isto é — um borra botas — um outro interessado, com quem falei neste sentido fêz-me uma horrível careta. Mandei-o a fava e tenho mandado comprar exemplares por minha conta. De maneira que a Sra. Duquesa veio por fim de contas a

custar-me 30 dias de estudo — 30 noites de trabalho — 30 provas que revi — 30 comprimentos que fiz — e 30$rs que até esta data tenho gastado em comprar as minhas queridas filhas!

No entanto não me tenho desacoroçoado, vou vendo que me será preciso gastar as noites a compôr e os dias a trabalhar para imprimir as minhas composições. Mandei hoje para a Imprensa um prospecto para um nôvo volume de Poesias, e dado o caso que êle se apronte em tempo, lá os terás por êste mesmo vapor.

Mostrei ao Serra a tua carta, creio que muito o sensibilizou. Corre por aqui que esta Candidatura está um pouco problemática.

O Aires e o Irmão?

O Henrique?

O Rêgo, que depois de casado, já ninguém lhe apanha uma carta? E a minha Comadre, que está doente? E a outra minha Comadre de quem não tenho notícias [há] um século? E a D. Luzia que me dizem que está româticamente apaixonada, pálida com aquela palidez da meditação e dos amôres, enfim uma «doce vítima do cruel vendado» .E a D. Ana Amélia que está, dizem-me — gorda, bonita, risonha e tout-à-fait *sem cuidados?* Dize-lhe que lhe não hei de fazer mais versos, mas sim à D. Luzia, que está tão romântica — D. Inês, que está *mulher,* D. Lourença, a boa D. Lourença, a quem a tanto não digo Adeus — Um adeus bem sincero, bem saudoso, um adeus a D. Lourença — Hei-de fazer-lhe uns versos — tão lindos — mas tão lindos que o Velho Domingos há de gostar dêles.

Havia eu guardado o melhor para o fim; demorei-me porque me haviam dito que haveria transferência no vapor, o que não foi verdade. Vou pois escrever duas linhas à minha Comadre — e sem Adeus.

Teu do coração

Dias.

I.H.G.B.

48

Meu bom amigo [Teófilo]

Por êste vapor remeto-te além desta carta mais duas coisas em separado com sobrescrito para ti.

A primeira é uma longa correspondência para ser impressa no *Progresso,* se te parecer: corta, acrescenta ou emenda o que te parecer; e imprime-a ou deixa de a imprimir. Na última página acharás uma crítica ou como melhor se chame a respeito de uma obra inédita do Magalhães: «História da última rebelião do Maranhão». Se me sobrar tempo acrescentarei um artiguinho sôbre as últimas ocorrências com os Estados Unidos.

A 2ª — é um número da *Sentinela* — mando-ta porque não sei se a tens. Traz uma correspondência sôbre o Maranhão, e um artigo que me diz respeito. No número que se seguiu vem uma um pouco desaforada com que o Rêgo talvez dê o cavaco; e todavia não lhe pude responder: porque quanto ao Govêrno, êle alega fatos, e não sei que se possa responder senão com outros fatos: quanto ao Rêgo, não é coisa que tenho resposta: que diabo se há de dizer à aquilo que se convenha dizer aqui — no Rio?

Quanto a minha vida por ora nenhuma mudança tem havido, é a mesma coisa, salvo pequenas apoquentações, que são companheiras natas da minha vida. Continuo a escrever. *Sextilhas do Pe. Antão* (*) e é a única coisa que ainda por cá me prende. Os dramas vão ser representados [sic] impressos no Arquivo Teatral: se me não dão proveito, ao menos também me não darão prejuízo.

Mas é certo que dentro em pouco terei de tomar última deliberação, por que é impossível que êste estado de coisas possa durar, e nem Deus tal permita.

24

Amanhã sai o vapor, e preciso acabar com isso. Não te queixes da carta ser pequena que também desta vez me não escreveste.

Esperava que o «Faria» de quem te falei na minha última partisse daqui para te mandar as Polcas do Ricardinho e o mais que te prometi. Mas o Faria faz como todos os Provincianos, e como eu também faço — em se apanhando na Côrte — mais hoje, mais amanhã, e não há fôrças que daqui os arranquem. Diz-me êle que parte sem falta no seguinte vapor. Então falaremos.

Vai mais o nº da *Sentinela* de hoje — não te posso dizer se entendi perfeitamente uma poesia que lá vem, e que me foi oferecida por um cujo que eu não conheço — Adeus e lembranças a todos.

Teu Mano e Amigo do Coração.

A. G. Dias

I.H.G.B.

[1847]

49

Minha boa Comadre: [Maria Luisa Leal Vale] **

Aqui chegou o Antônio Henriques, e disse-me com aquêle modo de Antônio Henriques: «Trago-lhe um saco de coisas da parte de sua Coma-

---

(*) Título original.

(**) Ver nota à Carta nº 30.

dre!» — Quando tratei de saber que saco de coisas era êsse, nada me soube dizer: creio que com o enjôo deixou-as ao sair da barra para que a minha boa Comadre visse que nem sempre as *cartas vivas* são as melhores cartas.

Eu, por exemplo, aqui tenho o Secundino, que já não é homem de enjoar com os altos e baixos do navio, nem com fumaça de carvão de pedra, e todavia não mando dizer ao Teófilo, nem a minha Comadre: «Como tenho carta viva etc.» Êste etc. quer dizer simplesmente não escrevo, por que não quero, por que não posso, ou porque não tenho vontade.

Que maldito costume é o meu! Em principiando a escrever-lhe, faço como o Antônio Henriques, digo-lhe *um horror de cousas*, e por fins de conta nada digo. Péssimo costume não é assim? Sem dúvida mas enfim é costume.

A *carta viva* que nesta ocasião tenho para lá, isto é, o Secundino leva para entregar ao Teófilo um caixão muito... — Já cuidava que era muito grandãozão! — Não, Senhora, um caixãozinho muito... muito pequenininho, e uma lata muito pequenininha também. — Não faça caso da lata. Também não faça caso do caixão que é de pinho, e de pinho mau como coisa ruim. — No caixão vão livros! — também não faça caso dêles que são muito rabujentos: livros grandes, pesados, feios, mesmo feios, e cheios de burundangas que ninguém entende. Assim não faça caso dos livros.

Agora antes de irmos adiante, peço-lhe licença para abrir um parêntesis... mestre (O Antônio Henriques manda-lhe meias e sapatos para o Ricardinho: botinas não as achou. O seu Ricardinho tem um pèzinho difícil! — Posso-lhe afirmar que aqui há pés que são pés, e pèzinhos que não são nada. Pois o seu Ricardinho não tem no Rio quem calce botinas que lhe sirvam: e a razão é simples; é porque as não é [sic] feitas dêsse tamanho. — Agora fecho o parêntesis) Vamos a minha história!! Pois no tal caixãozinho mando-lhe eu, abaixo assinado, Poeta de Caxias, onde há muito Tapuia, que o Colin acha muito bonito... É verdade não lhe parece que esta história é bem comprida e bem maçante mesmo? É, sim, Senhora! é e é, e é três mil vêzes maçante! mas tenha paciência, enquanto o caixãozinho lhe não chega às mãos, continue a ler porque enfim sempre lhe hei de dizer o que lhe mando para que a minha Comadre não suponha que lhe caiu do céu um... ai que o ia dizendo. — Era tão bom que eu deixasse isto para o NB? — Era *simples — toca a virar fôlhas, e está lida a carta*. Se eu caía nessa!

O que lhe mando eu? — Adivinhe lá! Já daqui a estou vendo abanar com a cabeça e a dizer com os seus botões (não digo bem; botões é coisa de homem) a dizer com os seus cordões: «Pensa que não sei o que é! ora, mimo de Poeta... pois não são versos; enganou-se. Não é presente, não é coisa de estimação, nem que mereça uma carta dêste comprimento. Não é presente, é mimo, também não é mimo é lembrança, também não é lembrança, é um

esquecimento do Antônio Henriques. Um par de botinas! galante coisa! — e o que é mais galante é que se não servirem ao Ricardinho, pode minha Comadre usar delas; como coisa sua que lhe hão de servir muito bem! Fora a chalaça sou

Seu Obr.mo Comp.e e Cr.o

A. G. Dias

NB.: — Hei de escrever-lhe cartas cada vez maiores enquanto me não responder! Veja lá se é brincadeira ler uma coisa destas.

[1847?]

B.N.

50

[Carta incompleta]

[Teófilo]

15 — à noite

Abri o sêlo desta carta, e continuo a escrever-te: Demorou-se o vapor por causa da questão dos Senadores por Pernambuco. A Província está um pouco agitada, e não convinha que lá chegasse o vapor sem a solução daquele negócio, que o Senado discutia acaloradamente. Os jornais te darão conta dêste debate, só te não dirão êles que o Imperador contra todo o seu interêsse, e quanto a mim, mesmo contra a sua dignidade, tem tomado parte muito ativa neste negócio. Na sua posição de testa coroada, e aqui no Brasil onde tôda a prudência é pouca para o Monarca que se quiser consolidar no poder, e transmitir no fim da vida a coroa a um herdeiro legítimo, devia não importar-se com os homens, que pôsto que os últimos na nossa escada política para quem os vê debaixo, são os primeiros degraus em que êle pisa, quando assentado no trono: devia ter por divisa o «Tros, Tyriusque mihi nullo discrimene»; devia ser superior as ambições políticas, e sempre poupar a todos os partidos, para que qualquer dêles, rebelando-se, pudesse apelar para êle do que se proclamasse como ato ministerial. É esta a letra da nossa constituição: e o Imperador dever-se-ia lembrar que em tôdas as constituições, onde se acha exarado êste princípio da inviolabi[li]dade do monarca com a responsabilidade dos seus ministros e funcionários, tal princípio é antes um pálio que protege ao rei do que uma garantia para os vassalos. E isto é tanto mais indesculpável — que todos nós bem sabemos quando pode fazer o monarca, sem que o seu nome se pronuncie. Se em Pernambuco houver alguma revolução, como eu creio, verás que o seu manifesto há de ser a escolha dos Senadores; verás o Nazareno lançar atrevidamente nas suas colunas: «Convém que o Povo seja livre, quando não é um povo de escravos:

o povo deve ao menos poder eleger os seus representantes; mas o voto arrancado pela fôrça, o candidato apoiado e impôsto pelo Govêrno, o representante cujo mandato só se depreende de atas falsificadas — e de um quero do Monarca... e dizer-se que o voto é livre, que o candidato é popular, e que o representante é legítimo é um escárnio feito por um *homem* a um povo, é um insulto, uma irrisão acintosa e mofadora! E ai do povo que se deixa calcar; e ai do monarca que é o primeiro em rasgar a fôlha do livro sagrado, onde estão escritas as condições da sua existência!"

Amo o Brasil como quem mais o ama, e a perspectiva de uma revolução, ainda empreendida com fôrças e recursos diminutos, aterra-me. Deixemo-nos de política

Adeus — é tarde e eu tenho algumas cartas mais para escrever.

Teu Mano do Coração.

G. Dias.

I.H.G.B.

[1847]

51

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Diz-me o Antônio Henriques que te havia mandado dizer que *cartas vivas,* não são indulgências do Papa, que duram por mil anos e mais: e de fato, depois que êle cá está, ainda me não escreveste(s) uma só carta. Já desesperei de as receber, portanto não falemos mais nisso.

O Inácio (papeleta) mudou o título da *Sentinela* para o de *Correio da Tarde.* Já sabes disso há muito. Muito que bem. O que porém não sabes é que êle me veio pedir com muita instância que escrevesse alguma coisa para o seu jornal: não queria escrever política, e resolvi-me a dar-lhe um artigo literário. Lê nos Correios que te hão de ir por êste vapor, uns artigos de folhetim, com o título: a Independência do Brasil — Crítica Literária. — É coisa feita com todo o segrêdo — ninguém sabe quem é o autor a não ser o Serra, o Antônio Henriques, e o José Vale, que então estava morando comigo: têm dado brados os tais artigos e alguém já me atribuiu a paternidade, o que é certo, mas que ninguém tem o direito de o asseverar. O Teixeira e Sousa está mal comigo, pelo que me afirmam, e os meus *Cantos* e *Sextilhas* virá [sic] provàvelmente a ser um campo de batalha. O que é certo é que o estreei muito bem: a primeira poesia que lá vem, tem agradado geralmente; foi impressa no *Iris,* jornal do Castilho, que por ocasião dela me escreveu uma muito lisongeira carta de cumprimentos, a que fiquei de responder pessoalmente visto que nos não visitamos ainda — foi extratada no Mercantil, e não sei mais onde.

O meu nôvo volume vai ficando muito bonito, como coisa de impressão.

Sem exageração — estou agora com três belíssimos começos de namôro — são largas histórias — fica para outra vez — um dêles já me rendeu talvez a mais delicada das minhas poesias líricas, tem por título Os Suspiros * — tu a verás.

Muitas e muitas lembranças ao Pedro, Rêgo, Colin, Henrique, Aires e Irmão. Lembranças a tua Senhora ao teu Ricardinho, se êle já entende de lembranças, muitos beijos no caso contrário: e pois que me não escreves, não te deves também queixar que eu te não escreva um caderno de papel.

Teu mano e Amigo do coração

Gonçalves Dias.

24 de fevereiro de 1848

NB.: — Houve ontem um furioso incêndio: começou às 9 da noite, — acabou às 2 horas da noite.

I.H.G.B.

52

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

26 de fevereiro

Chego neste instante de Niterói. O vapor transferiu a viagem para o dia 27 — vou pois escrever-te — muito a pressa por que são duas horas da tarde, e o vapor parte amanhã, e só me recebem cartas até às 4 da tarde.

Já te havia escrito, recebo outra carta tua; é maravilha — vou responder-te.

Meu bom Teófilo, se soubesses o grande e profundo prazer que tenho com as tuas cartas, estou certo que nenhum vapor deixarias passar sem que me escrevesses. Sabes tu, que aqui estou sòzinho, por assim dizer isolado, com amigos; bons, é verdade — verdadeiros, também; que se alegram comigo, que se entristecem comigo, mas que me não entendem muito bem, que não me conhecem, que não sabem o caminho do coração? — Preciso das tuas cartas, de ouvir a tua voz, se quer de longe, por que já bem despida, já bem enjoada corre a minha vida, tenho ainda coragem, muita, incrível, mas preciso de alguém que me anime: essas coroas efêmeras, poesias, artigos de jornal, c'roas de um dia, são porventura belas, mas vem nelas, muita flor agreste, muita raiz dependurada, muito barro; e quando mais não fôsse, são coisas que só aos olhos falam, e eu quero mais do que isso. — Escreve-me!

Gostas da minha *Leonor*: estimo e muito; para quem escrevo eu, senão principalmente para os meus amigos? Mas não quererias que o prêto fôsse cozinheiro. Não posso agora averiguar a questão se é ou não da história: — que é dos costumes portuguêses, é — mas que assim fôsse o fato com esta circunstância, não o sei. Os portuguêses em 1500 — os nobres, os grandalhões usavam só dos pretos para cozinheiros, como aqui no Rio é hoje luxo

(*) In *Segundos Cantos* (1848). V. *Obras Poéticas* de Gonçalves Dias, organização de Manuel Bandeira. Cia. Editôra Nacional, 1944. v. I. P. 275.

ter cozinheiro chinês. Creio que é Mariz — nos Diálogos de Vária História que diz: «F. que tinha por cozinheiro um cafre, como então se usava» — Não me lembrei certamente disto no ato da composição; o extrato da U. Genealógica não sei como foi que me confundiu; que me fêz julgar que o *manchil* da cozinha era a arma natural do prêto, ou por outra que o prêto era cozinheiro. Em todo o caso, se não é da História, é dos costumes.

No entanto fácil será a mudança: parece-me que bastará cortar-se uma palavra, e isso farei eu, na próxima edição de *Leonor de Mendonça*, que quero ver se mando imprimir em formato mais cômodo.

Queres um nome para a tua Fazenda — é difícil — vejamos se serve êste = Tenho no meu Poema uma heroína de nome «Candy'ba» que quer dizer Cana de Açúcar; mas «Candyba» é pròpriamente Canavial. A tua Fazenda pois se se chamasse «Candy'ba», seria o mesmo que o Canavial por excelência. — O nome não é feio — mas pode-se tornar ainda mais sonoro. Sabes que o «y» nas palavras da língua geral tem a pronúncia do «u» francês ou de ipsilon grego — letra que não temos, mas que suprimos, como nos parece melhor pelo «i» ou pelo «u»: Eu que quis dar um nome mavioso a minha Americana, chamei-lhe Candiba — tu porém chamarás a tua Fazenda «Canduba» é de melhor pronúncia, e não está tão sujeito às estropiações da raça africana.

Vejo as poucas palavras que me dizes a respeito de política: espero pelas outras. No entanto devo prevenir-te que a próxima eleição de Senadores vai modificar muito as relações político-individuais da província. Pelo próximo vapor me compreenderás melhor. — Mas desde já peço-te muito e muito que não dês o primeiro passo sem muita e muita reflexão. Não te importes com pregações: as tuas circunstâncias são tão particulares, estás tão fora das exigências vulgares da política para com os seus membros, estás ou deves e podes estar tão sôbre ti, tão independente, que um êrro mais que cometeres não só te há de ser larga fonte de desgostos, mas até te haverá de tirar o grande alívio e consolação que temos quando conhecemos que praticamos uma imprudência. = Fui constrangido pela necessidade! — Adeus — O Correio está a fechar-se, e eu estou grandemente cansado. Adeus.

Teu do Coração
G. Dias

27 fevereiro de 1848.

I.H.G.B.

53

[Fragmento]

Amigo Teófilo

. . . .

De mim nada te digo, recitei uma poesia que está a sair à luz, e então a julgarás. Só me distingui em não afogar o Imperador à fôrça de baforadas de lisonjas, verdadeiras nuvens de incenso.

Por quê? — Pois estou convencido de que ninguém crê mais firmemente do que eu na necessidade do govêrno monárquico entre nós, ninguém quer mais ao Imperador do que eu; tem virtudes que o fazem um homem estimável, tem qualidades de um rei literato; mas parece-me que sempre que se fala na presença de um poderoso é preciso cautela e reserva nos louvores para que se não convertam em lisonjas; é preciso ter alguma coragem para se poder afrontar com certeza na opinião do vulgo, quando se acaba de louvar um dêstes — o epíteto de lisonjeiro ou adulador! É cousa que não poderei fazer nunca ainda que me sobrasse vontade para isso: não posso, não sei.

Teu do Coração

G. Dias

Rio, 10 de abril de 1848.

B.N.

(Cópia)

54

Meu Teófilo:

Se eu me fôsse queixar de me não escreveres tornar-me-ia maçante por tal forma, que além de me não escreveres, não poderias também ler as minhas cartas.

Deixemos pois as queixas.

Recebi uma carta do Pedro, muito cheia de ironia, daquela ironia sêca, triste e enfezada, que êle costuma a ter de quando em quando. Falava em Sá, Serra e Amaral, e não sei que diabo vinha eu a fazer ali, a não ser como porta-cauda-emprêgo para que nunca tive inclinação. Como não era coisa que se pudesse responder sèriamente, preferi responder em chalaça, a não lhe responder coisa alguma.

Foi pelo mesmo motivo que me não escreveste? — Não o creio; mas enfim o que não será possível? Estão todos vocês persuadidos que quem chega das Províncias não tem mais do que meter a mão no peito, sacar do peito o coração para fora, e comprar outro em alguma quitanda ou armarinho, ou andar sem êle, contra tôdas as regras da anatomia. Já te chegou a tua vez, de assim pensares a meu respeito? — ou então por que há talvez mais de oito meses, que nem uma carta tua?

Prometem-me mundos e fundos; não sei se deva acreditar... Tantas vêzes tenho sido enganado nas minhas ilusões as mais queridas, que já me custa a *esperar*. A *Gazeta Oficial* vai mudar de proprietário, — por outra vai converter-se em emprêsa particular. Os futuros redatores querem montá-la em ponto grande e rivalizar com o *Jornal do Comércio*. Precisam portanto de um correspondente em Londres ou Paris: perguntaram-me se me convinha aceitar o emprêgo com alguma gratificação, e o lugar de Primeiro Adido para a Capital que me coubesse *policiar*. Se aceitei! mas quid inde?!

Estou agora empregado no *Jornal do Comércio* — durante êstes quatro meses, em quanto dura a Sessão legislativa. Tenho que fazer todos os dias, domingos e dias santos, das 9 da manhã até à meia-noite, e as vêzes depois. Sou redator das discussões do Senado — tenho de assistir às sessões — de corrigir o trabalho dos taquígrafos — de os coordenar com a ata — o diabo enfim!

Nos domingos, como hoje, descanso escrevendo maços de carta, respondendo a uns e fazendo-me lembrado de outros, como contigo me acontece sempre. À noite!... oh! a noite! — torno a ser poeta: vou a um namôro, que me está agora dando água pela barba: é uma viuvinha dos seus trinta anos — fiz-lhe versos, pegaram as bichas, verdadeiras bichas, que hão de algum dia cair. Sòmente esta minha bicha não é sangue-suga; agarra-se por vício, mas não chupa sangue.

Estamos no meio do nosso romance: esgoto de 7 em 7 dias a minha eloqüência, frases de amor, de romance — poesia mesmo, fogo, delírio, beijos, lágrimas e sorrisos, arrependimentos, aperturas de coração — o diabo. — Vês que no fim do serão — estou mais moído, moralmente, que uma alface em mão de criança — mais cansado, mais maçado, que se ouvisse todos os Senadores do mundo — dormindo e palrando, e salvando a pátria.

Anteontem = 5) Acabei mais cedo o meu trabalho: eram 9 horas. Viva a *liberdade*. Viúva da minha alma! Grande coisa é uma viúva! não tem a gente necessidade de lhe explicar as coisas mais comezinhas da vida!

Cheguei, encontrei-a sòzinha — à janela. — Adeus — Adeus — Estás só? Só. Um apertão de mão bem cerrado, um beijo interminável!

— Em que pensavas?

— Em que?! em quem, não?

Outro beijo! deliciosa coisa deve ser um ataque de apoplexia fulminante, quando temos nos braços o corpo elástico e flexível de uma criatura amada, com os olhos sôbre os olhos dela, saboreando um beijo longo, interminável, deliciosíssimo, e que então bebesse ela o nosso derradeiro alento e que se partisse nossa alma, como um suspiro de virgem, que vai para despertar de um sono sem pesadelo? Quem assim morresse, nem que fôsse moiro ou judeu, devia de ir para o céu! A alma fica tão sublime, tão cheia de nobreza, tão capaz de sentimentos grandes, que havia de unir-se à essência divina naturalmente, maciamente, como um girassol dobrando-se em procura do sol.

Alguns momentos depois, sem que algum motivo houvesse, estava uma cabeça debruçada sôbre o meu ombro, e eu contemplava o arfar de uns seios entumecidos!

— Que tens?
— Nada.
— Dize-o!
— Nada.

Forte coisa é a gente ser criança! Tôla e estupidamente os meus olhos se encheram de lágrimas, e eu chorei com ela.

Ela sorriu-se para me não ver chorar; e eu que a vi rir e chorar ao mesmo tempo, comecei também a rir por entre as lágrimas! E nós a rir e as lágrimas a correr, e as lágrimas que corriam cada vez em mais abundância, e nós que ríamos cada vez de melhor vontade! Era uma coisa doce e ao mesmo tempo triste de se ver — tanta loucura e tanta felicidade.

— Quanto tempo durará isto? perguntou-me ela por fim.

— Por tôda a eternidade! — respondi eu com entusiasmo.

— Eternidade de poeta — a duração de um sonho!

— Verdadeira eternidade — é o sonho da vida e o sonho da morte, — a vida do corpo e a vida da alma, — êste mundo e o outro — esta vida e a outra!

— Bastava...

— O que!

— Bastava-me que o teu amor durasse tanto como...

— Como quê?

— Como os teus beijos.

— Ingrata!

E logo outro beijo: descambou-se outra vez a cabeça dela sôbre o meu ombro, e ouvi umas palavrinhas que me sussurrava no ouvido...

Mulher, que monstro horrendo és tu na terra,
Para unir crimes tais com tantas graças?

Quando eu esperava que a minha bela me viesse pùdicamente entornar nos ouvidos alguma frase de amor envergonhada, aquela traidora me dizia simplesmente, mas em voz tão baixa que quase a não ouvi.

— Vai-te embora, é tarde!

Não te digo nada, meu Teófilo! caí dessas alturas, como dizem que outrora caíra o Deus *Ferreiro* do banquete dos Deuses. Caí do sétimo céu com aquela água chilra que me lançaram na fervura.

Mas tomei uma desforra como nunca espero tomar outra. Seriam dez horas quando isto se passou: saí à meia-noite.

— Que horas serão — perguntou ela.

— Meia-noite, respondi eu com impassibilidade holandesa.

— Já! E eis aqui a minha desforra.

Noto que pouco ou nada tenho falado de mim: tem paciência; é uma página de romance como tenho rasgado, ou tem-me rasgado muitas antes que eu acabe de escrever o primeiro capítulo. Adeus.

Muitas lembranças a minha boa comadre. Não há remédio senão escrever-lhe uma carta com muita chalaça a ver se lhe pilho sequer uma palavra.

Teu Mano e Amigo do Coração
G. Dias

TC. 7 de maio de 1848.

NB.

O Fábio te escreverá sôbre política.

B.N.

55

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

26 julho 48

Vamos a ver se te escrevo aqui meia dúzia de fôlhas de papel em quanto o diabo esfrega um ôlho. Já a estas horas saberás que estou agora feito o burro de carga do Senado, que trabalho como um moiro, e que nem ao menos me permitem como ao camelo, dizer: basta! — quando a carga é suficiente: isto do camelo falar não é descoberta minha — falou êle em apólogo, no século de Péricles — em fábulas no de Luís 14 — e fala agora como um verdadeiro camelo, fala não digo bem, poetisa, como quem é, neste século do Sr. D. Pedro 2.º por *bôca do meu homônimo* — *isto é do* A. G. *Teixeira* e Sousa. Já deves ter lido a Independência rimada — Epopéia colossal e monstruoso [sic]

Que não bastam curar três Antyciras.

Vide notas do hyssope.

Assim pois, aproveito tôda a folga que tenho, para te lançar aqui muito a pressa e muito à toa — tudo quanto me vem ocorrendo, sem nexo, sem ligação alguma, o que também pouco importa.

D'abord, encontrarás junto desta, se me não esquecer, *un envoi* de um nôvo amigo meu, espanhol, em resposta a uns versos meus, que não tenho tempo para tos copiar e mandar-tos, mas verás algum dia, *se Deus quiser,* como dizia[m] aquêles teus suados, cansados e trabalhados amôres da filha da velha Fortunata. Sempre é bom ir fazendo destas citações, que servem para dar esmalte e relêvo ao estilo ao mesmo tempo que vão saudosamente despertando nalma idéias... É verdade, que idéias eram as tuas de então?

Creio em Deus que as minhas cartas, mas só as que te escrevo terão de passar a posteridade como o monumento mais caprichoso do seu gênero: vou atrás das notícias, depois vêm as palavras, depois os pontos, as vírgulas, as interrogações, as reticências, tudo exatamente como aquêle imortal Don Quixote, Quixada de La Mancha, choutando por montes e vales atrás de gigantes espantadiços e de malandrinos encantados, em quanto lá — longe, bem longe lhe fica a saudosíssima Dulcinéia. O Maranhão é o meu [Toboso?] e tu serás a minha Dulcinéia: oh! amizade a mais pura que nunca outra maior enfeitou as páginas da cavalaria errante. Lembras-te que aquêle herói,

a flor dos cavaleiros passados e futuros só uma vez se encontrou com a dama dos seus pensamentos — só uma vez — e essa mesma, o digno cavaleiro, no meio da estrada, de joelhos, com o capacete na mão e a calva a mostra, deixou-a passar sem lhe tocar com um dedo, tolo, estático, embasbacado:

À aquela *dura ingrata* erguendo as palmas,
Como quem missa pede pelas almas.

Não queiras saber donde são êstes dois versos, minha Dulcinéia.

A propósito de versos meus, muito naturalmente, passo aos meus *Segundos Cantos.* Devo-te uma comprida história, que já não sei, de nojo, como a conte. Enfim vá lá — *Anno urbis conditos,* isto é, no Ministro [sic] do Sr. Branco, o Sr. Dr. Serra aparece-me radiante, fulgurante, e pulando de contente. Era o caso que S. Ex. o Sr. Presidente do Conselho se dignava conceder, a vista das dificuldades com que luta um pobre autor no Brasil, uma ajuda de custo para a publicação do meu volume. Ora, havia eu prometido ao Sr. Branco, ou antes o Sr. Serra, mais instruído nestas coisas de côrte e de marés políticas, prometeu-lhe em meu nome, e estou certo disto, só por interêsse meu, a dedicação de uma obra que estava compondo. Era o Frei Antão, que já te estava prometido. A notícia daquela dádiva, em que eu tão pouco pensava, pensando em muitos castelos, não me foi coisa tão agradável, como ao Serra parecia que me devia ser. Todavia tive de fazer rosto alegre e de a aceitar com tôda a maior repugnância — mas de aceitar em uma palavra, e vais compreender o por quê.

No firme propósito em que estava, estou e sempre estive de nada aceitar do govêrno, em que muito precisasse, para a publicação das minhas obras: de duas uma — ou eu arranjaria meios de publicá-las independe da mesquinha e quase irrisória coadjuvação do govêrno, ou não as publicava; e muito se perderia com isso! Porém estava devendo ao Serra, e era necessário pagar-lhe, achei que era melhor isso do que furtar, — aceitei: eram 300$rs. — Antes de chegar a casa, um amigo meu pediu-me dinheiro e precisava tanto dêle que julgava ter eu de o ir tomar emprestado: foram-se 100$rs. — 200$rs. que me ficaram, levei-os ao Serra, sob pretexto que, tendo em casa, havia de os gastar sem saber em que, o que era pura verdade; e que assim era melhor que êle os guardasse e que mos restituiria se eu tivesse necessidade dêles, quando eu fôsse ajustar as minhas contas com o livreiro. — Não lhos pedi, nem tinha tenção de lhos tornar a pedir.

Quando o Alves Branco lembrou-se de que a obra lhe devia ser dedicada, pareceu-lhe que não devia aceitar a dedicatória para que se não dissesse que fôra por motivos particulares que êle me tinha auxiliado na sua impressão: que a dedicasse ao Imperador ou a alguma das Princesas.

Então não estive eu pelos autos: não tinha aceitado o dinheiro e não o aceitava com tal condição: fiz-me de pedra e cal, e disse alto e bom som que os mandava bugiar a todos êles. — Serra, Alves Branco, Imperador,

Princesas e os seus 300$rs.; que tenho eu com êles, que me fizeram êles, que relação há entre mim e êles, que lhes fôsse eu dedicar o meu trabalho de tantas noites, os meus pensamentos, os meus estudos de um ano. Demais não sou cortesão, não o quero ser, não o pretendo ser; não queria sobretudo aparecer ao público diverso do que sou.

Compôs-se em fim o negócio: não se dedique a quem V. não quer, — mas também por delicadeza para com o Sr. Branco a ninguém mais se dedique. Então definitivamente aceitei — e a razão é porque espero em Deus que muitos outros volumes hei de ainda publicar, em que dê aos meus amigos ampla e inteira indenização. Tem confiança em Deus além de que se eu algum dia puder fazer uma edição completa das minhas obras, a ninguém posso, a ninguém devo oferecê-las senão a ti: não falando em que estas quatro palavras têm cabimento em qualquer prólogo.

Não te devo porém ocultar que tenho um grande empenho contraído contigo, empenho de que o público há de ser juiz. A vista da dedicatória que te fiz nos meus *Primeiros Cantos*, a obra que eu te oferecer deve ser uma obra duradoura — isto é — uma obra de mão cheia: e aqui fica ao arbítrio do primeiro malévolo gritar-me: é isto o que V. prometeu? — é isto a obra duradoura, o que tem de passar a posteridade? Valham-nos os meus Timbiras, assim me livrem êles destas aperturas.

É tarde e eu tenho. Veremos se posso continuar outra noite.

28

Chegou agora o vapor e recebi cartas de todos: só tuas não: é a razão por que não acrescentarei mais palavra. Muitas e muitas lembranças à minha Comadre, muitos beijos no Ricardinho, muitas saudades a todos e dispõe do

Teu do Coração
G. Dias

I.H.G.B.

56

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Rio, 30-7-48

Recebi uma carta tua de 7 de junho dêste ano — ainda bem: sei que estás bom, tua família boa e só me não dizes que a política te vai roendo os anos da vida; não o dizes, mas eu bem sei quanto terás sofrido com essas porcas e imundas gazetinhas, tu, que és tão cheio de brio e de pundonor: sinto como não imaginas que te houvesses metido em política, ou que fazendo-o não fôsse para ti. Bem o sabes, sou pouco positivo na minha vida, mas muito, muito, duas vêzes positivo quando trato de dar opinião acêrca dos meus amigos; sou franco, dou o conselho que me parece que havia de seguir se estivesse exatamente nas mesmas circunstâncias. Vamos adiante: águas passadas não moem o moinho.

Queres te meter na roça? Fazes mal, algum amor que tens às letras e à tua ciência perde-lo-ias imediatamente: o mato embrutece. Creio contudo que precisas muito de víveres contigo e com a tua família na solidão por algum tempo, que vivesses longe dêsse foco de intrigas, dessas criaturas miseráveis — longe, bem longe dêles até que de todo te *sentisses sem ressentimento*. Tens uma alma muito de fogo — parece que todos os teus afetos são inextingüíveis, violentos e que vão crescendo com os anos: sei como sentes o amor, a amizade — as afeições de bom pai, de bom filho; pois tem cautela com o ódio! Dizia o inglês Johnson, que êle estimava o homem que sabia odiar: — deixa-o falar: o ódio é a planta parasita que cresce de bom grado onde a terra é mais fértil, onde mais abundam as plantas úteis e inocentes; sufoca-as dentro em pouco, e o terreno torna-se duro e rebelde. O ódio é o fogo que mirra, a esponja que absorve e envenena todos os outros sentimentos. Vai pois muito embora, quando puderes, cuidar do teu estabelecimento, vive lá folgado e por quanto tempo quiseres; mas volta, não te mates a ti mesmo: o suicídio da inteligência é o primeiro, o verdadeiro suicídio, o mais bárbaro, e porque o não direi? o mais estúpido de todos êles. A planta nasce, cresce, dá flôres na estação própria — produz segundo a sua natureza, e depois morre: o homem que é uma planta inteligente, deve dirigir as suas fôrças segundo a sua inteligência, produzir como produz tôda a natureza, e *morrer depois, como a planta* a quem a terra já não pode alimentar, que já não pode beber mais vida nem dos raios do sol, nem das gôtas do orvalho. Vai, mas volta.

31 de julho

O meu 2.º volume de poesias já saiu à luz pública; não foi pelo outro vapor, porque já era tarde para os mandar. O *Mercantil* já deu um artigo sôbre êle e continuar-se-á. O Pôrto Alegre é quem o escreve. Na Crônica saiu outro, muito bem escrito — do Morais; quero ver se lhe dou mais publicidade, quando não morre o pobre do artigo, como se o não tivessem publicado. Dê por onde der, — estou resolvido a demorar-me mais dois anos no Rio, publico neste intervalo uns 3 ou quatro volumes, e vou-me para onde me impelir o mais leve sôpro de vento.

Vejo o que me dizes de meu mano José: o maroto nem só se esqueceu de falar o português, como de o escrever; há muito que não tinha carta, nem notícias dêle.

Quanto ao lugar de Secretário da Legação — é coisa de que por aqui se não tem tratado; como agora está o Sousa Franco nos Estrangeiros talvez alguma coisa se faça, mas não é certo. O que eu pretendo, pretendo à minha moda — sem meter empenhos e sem dar um passo por mim mesmo, — é um lugar de Oficial na Secretaria de Estrangeiros — tem uns 2 contos e tanto e é lugar vitalício; depois então iremos à Diplomacia, quando já tiver seguro aquêle meio de vida. Ora isto é difícil como o diabo: *ergo rosas.*

O meu poema estacou no fim do 4.º canto: a minha História dos Jesuítas está em projeto — o meu nôvo Drama *in mente*, isto é — no mundo dos possíveis. Por êsse vapor remeto a José Moreira duzentos exemplares dos meus *Segundos Cantos* que te serão entregues. Pede à rapaziada as listas de assinaturas e manda fazer a distribuição.

Adeus. Lembranças a tua Senhora — muitos beijos no Ricardinho, recomendações a todos.

Teu do Coração

G. *Dias.*

2 de julho de 48

O Parga (Joaquim Victo) diz que me arranjou 14 assinantes — e que êsses 14 exemplares devem ser confiados a J.º Gonçalves Nina. — Entrega-lhos se tos pedirem.

B.N.

57

Meu bom Teófilo

Muito à pressa respondo ao milagre que fizeste, isto é, à carta que me escreveste: muito à pressa, digo, por que o maldito Senado a trôco de uns 200$rs. mensais tem-me tirado os anos de vida, e quanta poesia ainda tinha na cabeça. Estou hoje uma máquina de ouvir e de escrever! É um prazer de que não fazes idéia.

Pedes-me notícias dos nossos Deputados, nada têm feito, nada farão e nada podem fazer; mas ao menos são homens de mérito. Êstes negócios políticos andam muito embrulhados. Deus queira que me engane, mas uma rusga parece-me inevitável. — E havendo uma rusga, onde iremos parar? Haja uma rusga e o resultado provável é o fracionamento do Império — republiquetas de bôrra que em breve se converterão em pão-de-ló de alguns ambiciosos. O Rosas está com os olhos no sul — no Rio Grande, e assim poderá absorver grande parte do Brasil. No entanto que fazemos? As cartas estão bem baralhadas — quem ganhará a partida? Se tiver tempo continuarei esta amanhã. É verdade, hoje 10 de agôsto — dia de S. Lourenço, mártir, fiz os meus 25 anos de idade — estou velho! Caramba, é preciso furtar alguns anos à certidão de batismo.

11 de agôsto

São 10 horas da manhã: o Senado está a minha espera. Ainda não pude ver o Joaquim Franco — o Patriarca ligueiro, como lhe chama o *Correio da Tarde*. Adeus. Lembranças a D. Mariquinhas e a tôda a tua gente.

Como sempre

Teu amigo do Coração

G. Dias.

I.H.G.B.

[10 de agôsto de 1848]

58

7 setembro 1848

Amigo Teófilo

Volta agora para Maranhão o teu recomendado — o Sr. Manta, vai meio contente e meio desgostoso com a côrte, que de fato há-de sempre e em tôda a parte travar fel e triaga a quanto fôr pretendente.

Chegou êle em má ocasião: andava eu todo ocupado com o Senado, e pessoalmente pouco ou nada lhe pude fazer — interessei-me por êle... mais quoi pauvre proete! (sic) — em resultado, não vai bem servido não porque isso não fôsse coisa possível, mas a razão podendo ser, eu te direi pelo vapor que daqui parte no dia 12 — levando o Dr. Fábio, que já se não tem de saudades: chegará lá mais cedo do que esta te pode ir ás mãos — e assim até logo — Adeus. Dispõe sempre do

Teu amigo do Coração

G. Dias.

T. C. Rio — era est supra. — vai data 2 vêzes — para quando fôr sem ela. Lembranças a D. Mariquinhas, e a tôda a tua gente.

I.H.G.B.

59

Teófilo

Estou com mania de não escrever senão cartinhas de sinhá-môça. O vapor está a partir, e eu apenas tenho tempo para te dizer que muito folguei por saber que ainda eras vivo — e que tinhas dado o nome de Candyba à tua fazenda.

Estou sem ter que fazer.

Com projetos de escrever muito.

De tirar a sorte grande na loteria.

Muito namorado de uns olhos verdes, onde pretendo beber muitos volumes de inspirações. Já lhe fiz versos: são contos largos que é melhor deixar para logo.

Com cócegas de dar uma vista de olhos às Províncias do Norte, para escrever a minha *História dos Jesuítas no Brasil* — são os meus Girondinos. Verás que obra-prima. *Tu m'en donneras de nouvelles*. Adeus. Lembranças a sua Senhora, que foi menos tempo minha Comadre do que o Serra Presidente da Bahia. Adeus. Muitos beijos em teu casal de filhinhos — e escreve ao

Teu do Coração
G. Dias

31 de novembro de 48 [sic]

I.H.G.B.

60

Amigo. *

Li o teu livro como se lê as cartas dum viajante, que nos descreve os *lugares por onde um dia passamos na vida*. Os *mais alegres anos de minha* juventude correram-me em Portugal, — lá me ficaram amigos que me pesa de ter deixado talvez para sempre; e não sem saudades me posso agora recordar dos sítios que vi, das pessoas que amei e da terra que me foi como uma segunda pátria.

Em quase tôdas as tuas páginas encontro estas recordações, — e o teu livro também para mim é o livro da minha alma. Simpatizei com êle como simpatizo com todos os sentimentos do poeta, com todos os sofrimentos da humanidade — sejam quais forem.

Triste foi o teu fado, porque é sempre triste o destêrro com a dor de quanto perdemos na pátria, o que ainda mais avulta com a incerteza do que havemos de encontrar por terras desconhecidas. É triste para aquêle a quem uma vaga inquietação e ardor nunca satisfeito leva pelo mundo peregrinando, mais triste para o que irritado contra a ordem de coisas que observa — talvez injusta — se vê depois obrigado a fugir dos seus como de inimigos, e a procurar longe da pátria o asilo que ali se lhe nega; — dolorosamente triste para o poeta que menos devera sentir esta separação, se os sofrimentos que ali passamos não fôsse motivo mais forte para a querermos cada vez mais.

Não creio no azar; — não creio que essa longa e desgraçada família dos poetas tenha sido desgraçada por capricho de uma inexplicável fatalidade: não. Colocados no *auge das grandezas humanas, ou vivendo n'um pobre* e miserável tugúrio, — com todos os bens que para a maioria dos homens constituem o que se chama felicidade, ou esmolando o pão da caridade — seriam sempre e eternamente desgraçados. De uma natureza mais delicada,

---

(*) Carta a João d'Aboim, *in Poesias* de João de Aboim, vol. I, O Hino da Minha Alma. Rio de Janeiro, 1849.

mais sensível, mais profundamente impressionável, são capazes de prazeres que o vulgo não compreende, de alegrias imensas e indefiníveis, de êxtase que parecem loucura comum dos homens, de assomos de cólera imprudente e irresistível, e de dores tão violentas que os outros nem as sentem, nem as podem adivinhar. Precisam de sofrer como outros de gozar; por isso o mundo que os só pragueja e amaldiçoa não faz talvez senão cumprir os desígnios daquele que só para isso parece ter criado: cortam-lhe até a mais íntima das fibras do coração, como com as árvores balsâmicas se pratica, para que deitem resina mais preciosa, — cegam-nos para que cantem com mais doçura, — martirizam-nos para que, resumindo nos seus cantos o que todos juntos padecem, tenham consolação para tôdas as lágrimas e bálsamo para tôdas as chagas.

Assim, amigo, consola-te: a pátria do poeta é o universo e todos os homens são seus irmãos. Onde quer que os arrojem as ondas do seu viver proceloso — hão-te sempre encontrar a natureza, que para ninguém é madrasta, que a todos pertence, mas de que só os poetas sabem gozar. Não sou o primeiro que o digo; a sorte que a muitos dêles negou a sombra de um arbusto onde pudessem refazer os membros fatigados do cansaço, ou uma pedra onde repousassem a cabeça escandecida, deu-lhe em dádiva a amplidão do espaço por onde vagam livres com a imaginação criadora: deu-lhe ainda mais que das raias do possível, onde os heróis baqueiam, levantassem o vôo altaneiro para conquistar e povoar as regiões misteriosas do infinito. Liberdade e solidão — eis as duas únicas condições da sua existência: por isso também não há fôrça que os possa despojar de uma ou de outra. No calabouço, entre ferros, clausurados por tôda a vida são livres, são ainda poetas. No tumulto das cidades, no estrépito das armas, — no deserto ou no povoado, na paz ou na guerra — vivem sós, porque a sua vida é o coração.

Mas se em qualquer parte terias encontrado outra pátria, se em todos os homens terias achado irmãos, nenhuma outra nação te poderia ser menos penoso destêrro do que esta, que está cheia de lembrança dos teus; — nenhuma outra gente que mais ames depois da tua do que esta, que tendo a mesma origem e falando a mesma língua, e apesar dos tempos e das circunstâncias, abrem hospitaleiramente os braços para nêles receber a indústria e a ilustração, donde quer que venham e quaisquer que sejam: por que neste abençoado país em que vivemos, há espaço para todos e ainda para os poetas.

Possas tu progredir na emprêsa que tão felizmente começaste, e receber dos meus compatriotas o bondoso acolhimento que me fizeram os teus irmãos de Portugal.

28 de fevereiro de 1849

A. Gonçalves Dias.

61

Meu bom Teófilo

Maio 9-49

A máquina de que me pedes informações é alguma coisa despendiosa e complicada. O Dr. Maia da Sociedade Auxiliadora da Indústria ficou de me pôr em contacto com o Engenheiro que está por ora em Campos, mas que de quando em quando costuma a vir á Cidade. O que me disse foi que a máquina montada e pronta devia andar em mais talvez de 40 contos. Ora tendo de ser assentada no Mearim haverá o acréscimo do transporte que não será pequeno. Para poder trabalhar é preciso que hajam pessoas habilitadas e essas nem aqui as há.

Em resumo — quem nos poderá dar inteira e plena informação são os fazendeiros, há já uns 3. O primeiro foi pelo que parece mal sucedido: mas como depois dêle já se seguiram dois outros parece que a coisa não é tão ruim como se pinta.

Estou com um princípio de angina — razão por que te digo Adeus

Teu Mano e Amigo do Coração

G. *Dias*

Lembranças a todos.

I.H.G.B.

62

Mano do Coração [Teófilo]

Ainda quando não recebas cartas minhas — acredita que não cesso de falar em ti com os nossos amigos, e de pensar em ti comigo mesmo .— Bem sabes tenho uma cabeça tola, ôca, esquecida, miserável; agora tenho de mais a mais uma vida aborrecida e quisilenta, porém o meu coração, bom ou mau, é sempre teu, todo teu.

O Guanabara sai em outubro, o meu 3º volume em janeiro, — o meu Drama está no Conservatório, o meu Poema, o antigo, está no 4º canto — findo — o nôvo está em comêço.

Vão começar os exames de História e eu tenho de estudar como um diabo, e agora mesmo, fecho esta por que a minha aula de latim me está chamando.

Teu Mano e Amigo do Coração

G. *Dias*

Lembranças a teu pai, mãe, irmãos — parentes, a todos em suma, que de todos me lembro com saudades.

3 de outubro 49.

I.H.G.B.

63

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Recebi a carta em que deploras a crítica literária do nosso Maranhão, em que o Henrique de seu moto próprio elevado á categoria de Aristarco empunha a férula do mestre de escola, revelando altos segredos do advérbio e conjunção. Que lhe havemos nós de fazer? Não sabes que ao passo que o Garrett e Alexandre Herculano apontam para o Brasil como para a terra da promissão, aquela que há de guardar o depósito das glórias e tradições portuguêsas, a canalha literária de Portugal principia a morder-nos porque prometemos alguma coisa mais do que êles fizeram no espaço dos 6 melhores séculos da história moderna, e mesmo da antiga, para a história, literatura, ciências, artes, descobertas e invenções? Persuadem-se estòlidamente que alguma espécie de rivalidade é possível de existir entre uma literatura que acabou e outra que agora começa, entre uma glória que desponta e outra que já teve ocaso, entre um povo que foi e outro que começa a ser. Deixá-los: hão de por fim convencerem-se que a coisa que mais podemos dispensar é a colonização portuguêsa em literatura: basta o tristíssimo papel que fazem tais literatos para que êles próprios se desconceituem para com os seus malungos. O Colin que lhe responda com duas palavras do tal artigo: Ah bacamarte do meu sertão!..... com êste tem respondido cabalmente, em vez de provar a êsse casmurro que = faceiro = conquanto se não possa rimar com = tripeiro, é talvez mais portuguêsa e com certeza mais expressiva que o têrmo catita que do colégio das *meninas* passou aos salões e aos romances.

Vamos ao que mais importa.

As febres amarelas têm rapado por aqui uns 6$. galegos, e benditas sejam elas, se não é pecado folgarmos com os males... ia dizer — do próximo, mas arrependi-me em tempo. Também me chegaram cá por casa e deixou-me em petição de miséria, fraco de corpo e de pensamento a ponto que depois de 15 dias de convalescença ainda me não foi possível escrever duas linhas com jeito, ou dar dois passos sem cambalear. A minha saúde já bastante arruinada piorou consideràvelmente: não tenho ânimo, não me acho com vontade para coisa alguma: uma displicência, um quebranto geral, um fastio de tudo que me cerca, dentro e fora da Câmara, eis o que sou na atualidade. O meu Poema está in statu quo: o meu volume de poesias idem — apenas aumentado com uma poesia à morte do Príncipe, e com uma — [A] Tempestade — que será a última: começa com versos de 3 sílabas — vai a 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 e depois desce na mesma ordem para que faça bom tempo: verei se me resta tempo para copiar-ta quando não, terás santa paciência só pelo próximo vapor. O meu Boabdil está bem remendado, podia ir para a Imprensa, mas a isto opõem-se duas grandes dificuldades: os dramas pouco rendem, e eu teria de perder com a impressão

a não querer dá-lo para o Arquivo, como fiz com a *Leonor de Mendonça* mas verdadeiramente, depois daquela primeira e grande verdade é que não tenho nem tempo nem cabeça para escrever o prólogo, que imagino melhor que o do meu próprio drama. O trabalho que me deu o Imperador está *também na massa dos possíveis*: poucos estudos tenho feito sôbre a Austrália, e parece-me que o mais cordato é ir de passeio ao Pará estudar mais de perto os nossos indígenas lucrando ao mesmo tempo ocasião de completar os outros meus trabalhos na tua companhia, ou nesses poucos meses de folga, que pretendo ter muito breve, se Deus quiser. Não vou já porque os meus negócios no ano de 1849 que Deus tenha e nos não mande outro como êle, foram de mal a pior: a Senhora Bahia — a ladra da mulata velha (ainda lhe não tinha descoberto esta prenda) ficou-se-me com uns 600$ rs. dos *Primeiros e Segundos Cantos*, que me abarrotaram: perdi 200$. Com a revolução de Pernambuco, falta-me só ver quanto me fica no Rio Grande com a festa do sinhô Chico — oficialmente o Barão de Jacuí.

Já que tocamos nesta personagem, falemos um pouco de política, aqui para nós, porque para o público nem pio por agora, ainda que sou tido e havido o mais gratuitamente que é possível (por falta de provas, já se vê) por um luzião dos 4 costados.

Voltando ao Rio Grande. O Govêrno tem feito um papelão ridículo: de duas uma, ou aprova ou desaprova o Chico Pedro; se aprova, confesse-o, declare guerra ao Rosas, apoio ao distinto brasileiro em cujas veias ainda correm algumas gôtas do sangue com que se lavrou o manifesto da nossa independência: se o reprova, diga-o da mesma forma, e neste caso ou tem meios de chamar o Chico Pedro a obediência e deve empregá-los, como os empregou para vencer as eleições; ou não os tem e então diga-o e declare a sua fraqueza o que pode fazer com dignidade chamando o Rosas a defender-se e a defendê-lo.

Mas o govêrno o que faz neste estado de coisas que é indecoroso para uma nação que se diz constituída, independente e soberana. Não se sabe o que êle quer; porque se quer paz por que nomeia Presidente da Província um inimigo pessoal do Rosas? E se quer guerra, por que enfraquece a autoridade dividindo-a, separando as atribuições do Presidente da Província das do Comandante das armas, atribuições que estão sempre reunidas nas províncias limítrofes? E sobretudo por que demite um oficial de patente superior substituindo-o por uma toga, se antevê a guerra? Pergunta-se ainda uma vez: o que quer o govêrno? aprova ou desaprova os movimentos do Barão de Jacuí? Quer, em suma, paz ou guerra com a República Oriental: nem o sabemos, nem êle o sabe.

Ainda mais. O govêrno é impopular; se não declara guerra, se hostiliza o Jacuí, mais impopular se torna; incorre na indignação do país, e arrastá-lo-á a sua total ruína. Se declara guerra, não tem soldados, o norte está exaurido: a peste dizimou a Bahia, a guerra a Pernambuco, o litoral do

Pará vai-se tornando deserto por causa das febres, e o recrutamento no interior é impossível. Hão-de faltar-lhe os recursos pecuniários, por que estamos em vésperas do vencimento da nossa grande dívida — a de honra — a da nossa independência, a agricultura vegeta depois da abolição do tráfico sem que se houvesse tomado providências para alimentá-la, o comércio está paralizado, as rendas minguam e as despesas crescem. Em resumo: o govêrno não conta com o povo, o povo não conta com o govêrno: de tantas vergonhas qual será o paradeiro?

Continuemos. Podia o Brasil declarar guerra ao General Rosas? Podia, tem milhares de motivos legítimos desde 1828, desde que a Província Cisplatina deixou de fazer parte do Brasil.

Mas convinha isso? A questão não é de conveniência, mas de necessidade. Livre dos negócios do Prata, o Rosas não sabendo o que faça dos seus soldados há de trazê-los ao Rio Grande, por que acostumados a uma vida de rapina e devastação não poderão ser contidos fora dos arraiais. São vítimas ou heróis: vêm aqui morrer ou dilatar o âmbito da sua republiqueta ou antes o patrimônio do Ditador Rosas. Ora convém esperarmos que êle se desembarace para o atacarmos? Convém isso quando a agressão é justa, ou pelo menos se pode razoàvelmente sustentar? Não. Mas o govêrno, colocado nas circuntâncias em que está, deveria fazê-lo? Sim, porque já a questão não é de partidos, mas de nacionalidade. Demitam-se, declarando guerra.

Suponhamos que se não demitem nem declaram guerra, é preciso chamar o Jacuí a obediência. Ora o Jacuí * é homem de se bater ao mesmo tempo com o Rosas e com o Império: tem caráter e não recua. Se o govêrno o declara rebelde, se se não aproveita desta circunstância para quebrar essa espécie de simpatia e fraternidade que há entre os Rio-grandenses e republicanos do Prata por meio da guerra e represálias que os separará para sempre; — ou antes se as tropas do Govêrno se encontram com as do Jacuí, que as tem evitado até agora, temos a guerra civil em vez da guerra externa. Nas melhores condições imagináveis poderia o ministério sustentar-se mas o Rio Grande êsse fica perdido para o Império — digo — império por que considero a possibilidade de que o Brasil poderá continuar a subsistir com outra denominação que não a de Império.

Agora suponhamos que a declaração de guerra não evitaria a rebelião do Rio Grande; ainda assim o govêrno lucraria em sofrer uma perda mas com honra e depois de uma luta.

Já agora qualquer que seja o resultado dessas disposições, o que é pelo menos certo é que o seu começo não foi e não tem deixado de ser até agora sem muito desar para o Brasil.

Longas e tristes são estas considerações e eu farei muito bem de voltar-me para outro assunto.

(*) Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí.

4 de abril — 50

Deixei esta carta neste ponto no dia 2 de abril e vejo-me agora obrigado a concluí-la as carreiras.

Dizem que o cólera está na Bahia, de modo que estamos bem arranjados: as febres amarelas atacando os fortes, o cólera aos fracos não teremos esperanças de escapar a ambas: contudo a notícia ainda se não acha bem verificada.

Estou horrìvelmente zangado com o Guanabara, e como não estou para maçadas provàvelmente dou conta da mão no fim do semestre.

Adeus. Muitas lembranças a todos da tua boa família e escreve ao

Teu do Coração
G. *Dias*
I.H.G.B.

[2 de abril de 1850]

64

Mano e Amigo [Teófilo]

Dito e decidido que não é possível receber uma carta tua: preguiça ou esquecimento, o resultado para mim é sempre o mesmo.

Deixei os trabalhos das câmaras, porque as senhoras febres deixaram-me a cabeça em um estado de continuada vertigem: em estando melhor principiarei com os meus imperiais trabalhos, e darei para a Imprensa os meus últimos, antes ou depois do Boabdil, porém com pequeno intervalo. O maldito Drama está prêso na gaveta por causa de um mal-aventurado prólogo que ainda não sei como comece.

Tenho ùltimamente escrito muito para o *Mercantil*, mas coisa *que sirva* nada: estúpido e aborrecido, lastimo mil vêzes o dia infeliz em que me aventurei em uma carreira da qual se não pode retroceder sem desdoiro. Faço mil cálculos por hora porém o mais teimoso de todos, e que me convém sair do Rio por uma temporada, que me vou *brutificando* demasiadamente muito. .Olho para o norte e para o sul e não sei ainda se vá ao Prata ou ao Amazonas, viagens daquelas a que já estou acostumado de longa data; — olhos no céu, mãos nos bolsos vazios, olho para o norte e para o sul, para o poente e para o nascer do sol e posso dizer como o poeta na tristeza do meu coração

Nulle part le bonheur ne m'attend!

Dois dias se passaram depois dêste fragmento de epístola, e já não sei onde queria ir parar. Deixemos isso e passemos adiante.

Tenho lido a controvérsia do Colin com o Henrique, o Norberto fêz côro daqui e por sinal um côro diabólico, mandar-te-ia o número da Rosa,

onde se publicou essa coarctada poética, mas o Antônio Henriques que também é apaixonado das coisas boas levou-o, e ainda não tive notícias dêle.

Dizem-me que saíra em um dos últimos números da Revista — uma poesia de um jovem poeta do Monim, coisa excelente segundo me escrevem. Vê se me mandas êsse maldito número.

Esquecia-me que tendo o Vale chegado ùltimamente ao Maranhão, terás ainda muitas notícias minhas, o que me dispensa de escrever-te mais longamente por agora.

Lembranças a tôda a tua boa família e escreve ao

Teu do Coração

G. Dias

I.H.G.B.

5 de maio de 1850

65

Amigo Teófilo

Criou-se mais um lugar de Senador para o Maranhão, e fervem os candidatos. O nosso comprovinciano Honorato é o único por cuja eleição faço votos. Peço-te que escrevas aos teus amigos e que te empenhes em favor dêle, quanto fôr possível.

Considera esta como simples trecho de uma carta que por êste mesmo vapor te escreverei. Adeus. — do teu

Amigo do Coração

A. Gonçalves Dias

TC no Rio, 9 de setembro de 1850

I.H.G.B.

66

Ilmo. Sr. Dr. Oliveira [J. J. de Oliveira]

Permita-me S.S.ª dirigir-lhe, por meio da imprensa, duas palavras em resposta às que na sua última correspondência me dizem respeito.

Uma explicação em primeiro lugar. Lembra-me que o Sr. Doutor Paranhos me falara sôbre a publicação de seu artigo matemático; é possível que me mostrasse estranho à retificação do Sr. Dr. Sousa, tendo-a recebido meses antes, e havendo-a guardado dentro de outro artigo que do mesmo autor havia recebido, mas que por ora não tem sido possível publicar. Quando, porém, o Sr. Dr. Paranhos nos advertiu de qual tinha sido a

asserção do Sr. Dr. Sousa, da existência da sua retificação no escritório do *Guanabara*, nada mais natural que retorquir eu como quem repara um esquecimento.

Verifiquei o fato, comuniquei-o a um dos diretores do *Guanabara*, a quem S.Sª *remetera o seu artigo*, e dêle soube que S.Sª já se achava informado da existência da retificação, assim como de qual era o seu conteúdo. Por isso o declaramos no *Guanabara*: essas quatro linhas que precedem o artigo do Sr. Dr. Sousa foram escritas por mim, (digo-o para que se não queira ver nisso algum mistério). Era uma verdade, e conquanto os diretores do *Guanabara* soubessem tão bem como S.Sª as leves relações que me prendem ao Sr. Dr. Sousa, como tal a aceitaram. Não obstante êsse artigo, na sua correspondência, a que não julguei dever responder, por me parecer cousa de muito pouca monta, insiste S.Sª em que a retificação foi por mim recebida depois do seu artigo.

Não obstante ainda a carta que escrevi ao Sr. Dr. Sousa (e as não costumamos a escrever oficiosas em detrimento da verdade), argumenta S.Sª que sou amigo e patrício do Sr. Dr. Sousa, e que o fato era que o seu artigo fôra recebido em primeiro lugar, como na imprensa do *Guanabara* lhe haviam dito. Na imprensa do *Guanabara* teriam também dito a S.Sª que nunca receberam matérias senão pela ordem por que se iam seguindo na *impressão, e que mesmo artigos um pouco mais extensos* os receberam truncados; porque de outra forma temia eu que se extraviassem. A recepção corresponde á impressão e, portanto, sempre determinada pela ordem que nos parecia dever dar ás matérias de um número. O artigo de S.Sª por ser mais extenso foi publicado em primeiro lugar, e por isso em primeiro lugar o receberam.

Resta-me o argumento moral, de que S.Sª se dignou aproveitar: sou amigo e patrício do Sr. Dr. Sousa, e daqui parece concluir que não posso, nesta matéria e em outras semelhantes, ser verdadeiro.

Perdoe-me S.Sª. Não sei se poderia dizer pùblicamente uma mentira para salvar um amigo de uma pena infamante; mas para me forçar a avançar uma falsidade, a questão me parece muito insignificante no pé em que está. Em um artigo científico introduz-se um êrro; o autor diz que o retificou antes que ninguém o advertisse, e S.Sª que lho advertiu antes que êle o retificasse; como quer que seja é um êrro que ambos confessam, e a questão agora sem interêsse algum para a ciência, tornou-se uma luta de vaidade ou de vanglória.

Vencedor ou vencido, nem o Sr. Dr. Sousa valeria mais, nem S.Sª menos aos meus olhos. Assim, pois, não me envolveria em tal disputa, se nela não quisesse S.Sª embrulhar uma questão tôda pessoal, uma questão de caráter, ao que parece. A isto responderei de uma vez, e em poucas palavras. Quaisquer que sejam os talentos e merecimentos de que

S.Sª se orne, não creio que tenha mais consciência ou mais veracidade que eu. Não dei a ninguém o direito de duvidar de uma ou de outra, porém, não se me dá de qual seja a opinião que uma ou outra pessoa possa para seus fins ter a meu respeito.

A. Gonçalves Dias

S.C., 24 de dezembro de 1850.

(*Jornal do Comércio*, 25 de dezembro de 1850).

67

Rio de Janeiro,

Sr. Amat. [José Amat] *

Não sei se me será possível ir dizer-lhe adeus antes da sua partida: talvez possamos encontrar-nos ainda esta noite na Filarmônica. Aceite, Sr. Amat, o oferecimento dos dois volumes que hei publicado até hoje; aí poderá buscar o que lhe convier. Há de achar nos *Primeiros Cantos* «*A Canção do Exílio*», «*O pedido*», «*Inocência*», «*Seus olhos*», e outras mais, que se hão tornado populares; dêste modo arriscará menos o seu belo talento.

Seu amigo,

A. Gonçalves Dias.

B.N.

Cópia

[1850]

68

Sr. Redator

Para responder á correspondência do Sr. Menezes, ex-editor do *Guanabara*, impressa no seu número de ontem, com data de 30 de dezembro, preciso de lhe fazer uma advertência e duas perguntas.

É a advertência que, na minha correspondência com o Sr. Dr. Oliveira, em que não falei em seu nome, mas que parece tê-lo escandalizado, usei sempre da primeira pessoa: falava por mim e em meu nome, e não quis envolver os outros Srs. Diretores do *Guanabara* nesta polêmica: assim pois, quando digo *eu temia*, era eu não êles que temiam.

São as perguntas:

Quais são os artigos que tem em seu poder e de quem os recebeu?

E como talvez se não lembre da ordem por que lhe foram mandados (por mim) os artigos que saíram nos números anteriores do *Guanabara*,

(*) Músico espanhol, chegado ao Brasil em 1848.

principalmente tendo havido lapso de meses entre o penúltimo e o último, será a segunda pergunta a respeito dêste número, que é o que nos importa:

Que artigos recebeu o Sr. Meneses para êle; por que ordem, e se quando começou a sua impressão sabia da existência do artigo do Senhor Dr. Oliveira?

Nada mais que isto.

A. Gonçalves Dias.

(Do *Correio Mercantil* de 8-1-51).

B.N.

Cópia

69

Ilmo. Sr. Dr. Oliveira [J. J. de Oliveira]

Como S.Sª terá lido, depois da carta que lhe dirigi fui o alvo de duas correspondências que saíram no *Correio Mercantil*. Sem responder à primeira, contentei-me de dirigir alguma perguntas ao seu autor, porque nela se alegava a existência de artigos e de provas, que só pareciam esperar uma palavra minha para aparecerem fulgurantes á luz do sol: era-me preciso que o público soubesse o que valiam essas provas, essas palavras, êsses artigos, que se dizia existir. A segunda correspondência, bem viu S.Sª, nada significa e a nada satisfaz; eis pois o motivo por que mais uma vez me dirijo a S.Sª e espero merecer-lhe desculpa. S.Sª é um homem inteligente, um homem sincero, as razões o convencem, e não terá dificuldade em confessar que se enganou, quando assim fôr, nem lhe falta capacidade para, no caso contrário, convencer-me de falsidade com argumentos, que eu ouvirei pròpriamente de S.Sª, com a vantagem de os receber em primeira mão. Com S.Sª é honrosa a luta, ao que ainda se deve acrescentar que se algum de nós carecer de mendigar auxílios estranhos para combater o seu adversário, não será S.Sª, mas eu, que terei de importunar os meus amigos.

Comecemos do princípio. A sua correspondência com o Sr. Doutor Sousa, a que tive de responder na parte que me dizia respeito, apareceu no dia 24 de dezembro; li o jornal da tarde, nessa mesma manhã tinha de sair para fora da côrte, carecia de não demorar a minha resposta, e sem tempo para pesar cada uma de suas palavras, respondi ao sentido mais óbvio que elas ofereciam.

Em um lugar notava S.Sª ter sido composto o seu artigo anteriormente ao do Sr. Dr. Sousa, e quis logo concluir que êste tinha sido recebido posteriormente. Era uma conclusão violenta, inadmissível em um espírito matemático, e com que os manes do velho Euclides deviam ter estremecido na poeira em que devem jazer. Confessando o fato, declarei que assim

será a segunda pergunta a respeito dêste número, que é o que nos importa: era, porque nunca mandara artigos para o *Guanabara* senão uns após outros, de modo que a ordem por que foi publicada a retificação do Senhor Dr. Sousa explica o porquê foi êle recebido na imprensa, ou composto, ou impresso depois.

Dizia S.Sª, em segundo lugar, que eu era amigo e comprovinciano do Sr. Dr. Sousa, e portanto averbava de suspeito o meu testemunho. Era uma suspeição estranhável em quem quer que fôsse, mais em um homem da ciência, e mais ainda em um legislador; parecia considerar-se a descoberta de um processo como um crime de tal ordem que nêle não pudessem ser informantes senão os bedéis da faculdade, e os que fôssem inteira e absolutamente estranhos à pessoa do inventor. No entanto, lembrei então, e cumpre-me outra vez lembrar a S.Sª, comprovinciano do Sr. Dr. Sousa, não tenho para com êle senão a consideração que tributo a tôda a inteligência superior, a todo o coração reto, e a simpatia que não posso deixar de dar a todos êsses jovens que lutam, não com a razão, mas com a autoridade, não com a ciência, mas com reputações que o carcoma vai consumindo.

Era isto um incidente, ainda que parecesse o principal da questão. O de que se tratava, o que pelo menos S.Sª havia aceito, era de resolver um problema apresentado pelo Sr. Dr. Sousa. A êste ponto tratava S.Sª de resto; o seu jovem colega havia claudicado, milhares de autores haviam resolvido aquêle problema, nada lhe restava a fazer e, portanto, seguro de si e do que avançava, S.Sª descansava à sombra dos louros colhidos nessa polêmica, embora na mão lhe tremesse ainda a férula com que havia castigado tão descomunal audácia.

Contudo, no mesmo dia em que aparecia a minha resposta, saía também a do Sr. Dr. Sousa, cifrada em poucas palavras, mas terminantes. Os livros apontados por S.Sª nunca trataram de tal problema; os autores citados nem só o não resolvem, como o declaram irresolúvel! Com esta réplica calou-se S.Sª, e não serei eu quem lhe diga que fêz mal; mas quando eu julgava tudo concluído, aparece o ex-editor do *Guanabara* defendendo a prioridade do recebimento do seu artigo na imprensa, que ninguém nega, o crédito do seu estabelecimento, que ninguém ataca, e a valentia das suas razões depois que S.Sª deixou de as fazer valer.

Deixemos de parte o que há de irrespondível nas correspondências dêste senhor, e a que S.Sª, a ser-lhe dirigida, não responderia também. Quer *ùnicamente* (êle é que o diz e sublinha) defender o crédito do seu estabelecimento, que não sei como se chama agora; e para o defender carece de ir procurar algumas palavras escritas por mim, lidas e impressas por êle no último número do *Guanabara*. Acredita-o S.Sª? Pois o ex-editor do *Guanabara* lê um artigo em desabono da sua oficina, e apesar disso o imprime. E quase um mês depois de impresso e publicado, ainda não teve tempo de protestar contra êle? Será crível tal rudeza de inteligência?

E só depois de um mês, só depois da minha carta a S.Sª, quinze dias depois dela, e de ter S.S.ª emudecido na contemplação dos seus louros, que definham, se lembra êle que foi atacado o seu crédito? Acredita-o S.Sª? E essa virulência, essas insinuações lançadas no mesmo molde que as de S.Sª, tudo isso tem por fim estabelecer ou restabelecer o crédito da sua oficina? É isto crível, ou será o caso de o mandarmos receber a espórtula de quem lhe encomendou o sermão? Não parecerá antes que uma tal ou qual solidariedade se tem estabelecido entre êle e S.Sª, de modo que da prioridade do recebimento do seu artigo depende a reputação de um como excelente tipógrafo, e do outro como excelente matemático?

Mas o homem queixa-se que eu procurei, não sei como, desabonar a sua tipografia. Vejamos em quê. Em ter eu dito que nela se não costumava a imprimir artigos matemáticos? Não; S.Sª compreende perfeitamente que se a nossa imprensa (falo da fluminense) não está afeita a imprimir trabalhos matemáticos, não é dela a culpa, mas de que não escrevam sôbre esta ciência aquêles em que se supõe capacidade para o fazer. Em acrescentar que não estando afeito a semelhante trabalho, alguns erros deveriam necessàriamente aparecer? Também não; S.Sª sabe, e acredito que passando por sua bôca serão mais fàcilmente acreditadas as minhas palavras, que nas terras onde a matemática se ensina, onde há academias para ela, onde os professôres se não contentariam de ser expositores, onde os livros não entram para serem consultados sòmente nas ocasiões difíceis, mas delas saem anualmente para glória do país que as alimenta, sabe, digo, que nesses lugares há imprensas especiais para tais matérias.

Não havendo portanto desar em que uma imprensa não esteja prática de trabalhos de que se não ocupa, fica o espírito assombrado da imensa credulidade que devia haver de um lado, e da tenacidade e subtileza de argumentação do outro, para que um persuadisse, e o outro se deixasse persuadir que com palavras tais lá iam pela água abaixo a reputação da sua oficina, a sua vida, a sua glória, os seus deuses e os seus penates!

Dir-se-á, porém, que em outras das minhas palavras a desabono. «Nunca mandei artigos conjuntos para o *Guanabara*, mas sempre uns após outros, e pela ordem por que se iam seguindo na impressão, porque de outra forma temia eu que se extraviassem». Em que pois o desabono? Com o meu temor? Não, porque êsse o que pode provar é que sou naturalmente medroso nessas matérias, e que havendo desde o princípio adotado essa medida, não passava de mera precaução, escusada embora, porém nunca injuriosa. S.Sª estará lembrado da resposta que me deram. Disse-se, ou pareceu-se dizer, que eu não tinha observado essa ordem e que na imprensa do *Guanabara* (apesar de que há dois meses deixou de o ser) ainda existem artigos que provam o contrário. A maneira por que então me portei, S.Sª o viu, foi pelo menos leal; fiz duas perguntas, e dei ampla ocasião a que me convencessem de falsidade. Foram duas

perguntas muito símplices, muito diretas, e todavia acha o autor da correspondência que não vinham ao caso, e que eu pretendia iludir a questão. Ei-las aqui.

Se eu não tive por costume de mandar artigos para o *Guanabara* uns após outros, deixemos de parte os outros números, e vamos ao último, que sendo de mais recente data estará mais presente à memória: por que ordem os recebeu o impressor? S.Sª leu a sua resposta: «Não me lembro». É uma resposta nada leal, nada sincera, nada lógica, e que nem ao menos tem o merecimento de ser um subterfúgio plausível. Que! não se lembra afirma o contrário?! E afirma-o categòricamente sem um fato que me desminta? Acredita-o S.Sª? E se tem um fato, um só que seja, não o alega, não me convence de falsidade? Acredita-o ainda?

Há porém um argumento fortíssimo em favor do ex-editor do *Guanabara*, e é que em seu poder (diz êle) existem artigos, o que prova que para com êle não houve êsse rigor na entrega de matérias que deveriam servir para o *Guanabara*. Não parece a S.Sª bem cabida a pergunta: «que artigos são êsses e de quem os recebeu?» De fato, se tais artigos existem, se lá estão abolorecendo, se fui eu que os entreguei, prova isso que não segui a regra de os subministrar à imprensa uns após outros, como afirmo. E qual foi a resposta? Nenhuma: os seus deveres, e não sei que outras considerações, obstam a que êle responda! Mas não acha S.Sª que é do dever de qualquer não avançar que pode provar uma asserção, e não a provar, quando requerido para isso? Não acha também (apelo para S.Sª, a quem reputo um Catão de austeridade), que nenhum dever obstou a que êle publicasse, não os nomes dos autores, o que se lhe não pediu, mas a simples inscrição de artigos literários, declarando se os recebera de minha mão? Não acha também que se tais artigos existissem, e se fôsse eu que os houvesse entregado, o ex-editor do *Guanabara*, sem escrúpulo algum, e sem que os seus deveres lho impedissem, teria sem demora declarado que tais e tais artigos existiam, e que lhe haviam sido confiados por mim? Parece que sim.

À vista pois de respostas tão prudentes e tão pouco satisfatórias a perguntas tão positivas, e que respondidas sinceramente bastariam para elucidar a questão, não acha S.Sª que a primeira correspondência do *Mercantil* não foi feita senão na suposição de que, nos têrmos em que está escrita, eu lhe não daria resposta alguma; ou que, se a desse, não seria bastante senhor de mim para deixar de parte o que há nelas de impertinente e descomedido, e que, neste caso, ficaria largo campo para que, esquecida inteiramente a questão principal, entrássemos na outra rasteira, pessoal e mesquinha do direi eu e dirás tu, na qual eu, e todos os que se prezam, nos deixaríamos bater completamente? Não fiz bem em adstringir-me aos têrmos mais símplices e mais precisos da questão?

Tenho conseguido arrancar ao seu contraditor respostas tais como estas: «Não me recordo; não me lembro; os meus deveres obstam a que eu responda, e só chamado à polícia direi mais alguma cousa;» S.Sª faria como eu; com o sorriso do desdém daria de mão a essas intermináveis correspondências, certo de que se para um ou outro parecerem provar *alguma cousa, nenhuma impressão má lhe deixam na consciência,* como nenhum pêso fazem na opinião dos sensatos.

Há porém outro ponto que mais cativa a atenção do correspondente do *Mercantil,* a quem respondo: é o que êle mais sublinha, em que êle mais insiste, a que êle chama a questão principal, e do qual também segundo as aparências, depende o crédito de S.Sª, como exímio matemático. E é que a retificação do Sr. Dr. Sousa foi recebida na imprensa muito posteriormente ao seu artigo, muitíssimo posteriormente, se o quiserem. Como êste ponto é o pesadelo de ambos, e não vendo que relação possa ter com o crédito de uma oficina, responderei a S.Sª a quem ùnicamente diz respeito. Vejamos o que importa, o que prova êsse fato.

Para que eu afirmasse ter recebido um artigo primeiro que outro, sendo a verdade o contrário, como S.Sª parece crer, deveria eu estar de má fé. E note S.S.ª, a minha má fé deveria ter começado do momento em que me falaram na impressão do seu artigo e na existência daquela retificação. Suponhamos que assim foi, e que desde êsse momento eu me propus a favorecer por todos os meios uma glória contra uma reputação. Nesta hipótese, note S.Sª que é uma hipótese, o Sr. Dr. Sousa, que ainda não teria feito a sua retificação, mas sabendo que S.Sª ia dar-lhe a honra de corrigir os seus erros, deveria ter vindo trabalhar nela sem demora para não ser prevenido: faça-lhe S.Sª a justiça que faria a todos, de conceder que uma errata, e uma errata como aquela foi, de algumas linhas, não é trabalho de muitos dias, nem de muitas horas. E sendo assim, não poderia ter-me chegado às mãos muito antes que o seu artigo, e com igual antecedência ser remetido á imprensa? Mas, suponhamos que era em verdade um trabalho longo: não haveria tempo de estar concluído antes que o seu artigo fôsse recebido por um dos diretores do *Guanabara,* enquanto estêve em poder daquele senhor, antes que passasse às minhas mãos, e enquanto estêve comigo, antes que fôsse preciso na imprensa? E se veio ao meu poder, se fui eu que o entreguei, não podia demorá-lo, se a demora fôsse precisa, e entregá-los juntos, se isso de algum modo pudesse servir á minha má fé ou inverter a ordem do recebimento na remessa *para a imprensa? O que prova pois o fato de ter a retificação sido composta* depois do seu artigo, senão que por ser uma errata julguei dever separá-la, quanto fôsse possível, do corpo do periódico?

E por outro lado, não vê S.Sª quanto é perigoso, além de falso, êsse modo de argumentar? Que a prioridade de um fato não traz em si a razão do subseqüente? E que se a trouxesse, eu com tão bons fundamentos estava

autorizado a concluir que sem o artigo do Sr. Dr. Sousa S.Sª não se teria lembrado de escrever sôbre as matérias que professa, mesmo em objeto de crítica, e que, a não ser o meu arrôjo em responder às cavalheirosas insinuações de S.Sª, não se lembraria nunca o ex-editor do *Guanabara* de defender o crédito do seu estabelecimento?

Concederei ainda mais. Suponhamos que o artigo do Sr. Dr. Sousa me foi entregue muito depois do seu, que foi S.Sª quem descobriu e mostrou aquele êrro, a menina dos seus olhos, e que com essa descoberta fêz S.Sª o achado da pedra filosofal; suponhamos que o ex-editor do *Guanabara* é o melhor dos tipógrafos conhecidos no orbe e fora dêle, e que ùnicamente pugna pelo crédito, honra e fama de seu estabelecimento, suponhamos tudo isto, e o mais que S.Sª quiser: seguir-se-á daqui que S.Sª combate a parte do artigo que o Sr. Dr. Sousa sustenta, que mostra os defeitos do seu método, e que, porque nem Lagrange, nem S.Sª o descobriu, nenhum outro é capaz de o descobrir? Quando fôsse demonstrado que são precisos êsses milhões de séculos, essa paciente acumulação de cifras, que S.Sª calcula no *Guanabara* que se consumiriam no emprêgo do método do Sr. Dr. Sousa, seguir-se-á daí que S.Sª tenha resolvido o problema do seu jovem colega? Que Lagrange, ou algum outro das grandes luminárias da sua ciência o tenha resolvido? Quando S.Sª ou o ex-editor do *Guanabara* tiverem provado que eu faltei neste ponto à verdade seguir-se-á que êle seja o zelador do crédito do seu estabelecimento e um homem polido, ou que S.Sª tenha lido os autores que citou na sua correspondência do dia 24?

Seria curiosa uma resposta afirmativa a estas perguntas, para que se visse até que ponto a matemática aguça e subtiliza o raciocínio.

Depois de ter lido êste estirado artigo, não creio que S.Sª queira apenas ver nêle uma rêde de insinuações; mas se assim fôr, não deixará de perceber quanto frutificam as suas correspondências e as duas do *Correio Mercantil*, e que eu seria indesculpável de me não ter aproveitado de tão excelentes mestres e de tão úteis lições.

Rio, 13 de janeiro de 1851.

A. Gonçalves Dias

(*Jornal do Comércio*, 14 de janeiro de 1851).

70

Amigo e Sr. Pôrto Alegre

Aqui estou no Maranhão: não direi de saúde, porque apanhei uma tosse no primeiro dia de embarque, que até agora me não tem deixado; contudo não é cousa de cuidado.

A minha passagem pelas Províncias, foi como dizem os franceses, a vôo de pássaro: nada pude ver senão o que já tinha visto, nada pude gozar também a não ser um pouco do meu nome: fui bem recebido em Pernambuco e Bahia como se eu fôsse o grande homem, o herói dos tempos modernos. Valha-nos isso ao menos, nem tudo é ruim neste nosso Brasil, nem são todos indiferentes. Há por todo êste norte uma exuberância de vida e de entusiasmo que na falta do gênio procuram o trabalhador modesto e glorificam a boa vontade: nos rapazes sobretudo, ainda há entre êles quem de boa fé se persuada que o nosso futuro merece algum sacrifício, — e que quando exaltam a algum dos seus muito acima do que são, muito além do que valem, engrandecem a si próprios, e que da sua própria obra se devem ufanar.

Alegrei-me por mim e pelos meus amigos. Há em todos êstes lugares, ainda nos de menos importância, quem saiba os nomes de Macedo e Pôrto Alegre, quem aprecie os trabalhos de ambos — quem os segue com a vista, quem lhes agradece as suas fadigas, e de que tenham uma inteligência tão criadora, como um nome sem nódoa.

O que êles não sabem é que quando se viveu na companhia dêsses dois homens torna-se difícil qualquer outra sociedade, é que longe dêles não se vive sem saudades, e que o triunfo que obtemos (qualquer de nós) quase que nos repugna, como se cometêssemos um furto em prejuízo dos ausentes.

Lembranças a tôda a sua família e ao meu Paulo.

Do seu do coração

A. Gonçalves Dias

B.N.

Maranhão, abril 27 de 1851.

71

Ilmo. Sr.

S. Exª Rev.ma o Sr. Bispo do Pará — D. José Afonso de Morais Tôrres por meu intermédio remete ao Instituto Histórico, de que V.Sª é muito digno Secretário, o manuscrito junto que tem por título — «Roteiro da Viagem do Pará até à última povoação do Rio Negro.»

Talvez não será sem utilidade a cópia de uma carta, dirigida a um amigo, pelo falecido Baena — sôbre o autor dêste trabalho, que o manuscrito não aponta, e época em que foi escrito ou apresentado. Esta carta me foi comunicada pelo Sr. André Curcino Benjamim, em cujo poder pára igualmente uma cópia dêsse Roteiro, da qual foi extraída a

segunda que S. Ex.ª remete agora ao Instituto. Verifiquei depois que, a pedido do Dr. Patroni, foi essa obra impressa no Jornal de Coimbra, compreendendo 193 §§ e cêrca de 60 páginas, — e que oferece notáveis semilhanças com o Diário do Ouvidor Sampaio.

Peço-lhe que comunique diretamente a S. Exª Rev.ma o recebimento dêste Roteiro, visto que a resposta que V.Sª se dignasse dar a esta me encontraria bem longe do Pará.

Assim também desejaria saber quais destas diferentes obras não existem no Arquivo do Instituto.

Relação Geográfica e Histórica do Rio Branco pelo Bacharel Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, sendo Ouvidor da Comarca.

Compêndio histórico do ocorrido na demarcação de limites, do lado da Guiana Francesa, por Manoel José Maria da Costa e Sá.

Do primeiro há um manuscrito, pôsto que truncado na Secretaria do Pará, — e de ambos sei que passaram pelas mãos do Sr. Drummond e de V.Sª quando na nossa legação em Lisboa.

Descrição Corográfica do Estado do Grão Pará, por ordem de Martinho de Sousa e Albuquerque —, pelo Engenheiro João Vasco Manoel de Braun.

Viagem desde à foz do rio Madeira até Vila Bela, extraída das memórias do Dr. Antônio Pires da Silva Pontes — sem nome de autor e *pouco importante*.

Descrição relativa ao Rio Branco e seu território por Manoel da Gama Lobo de Almada em 1787.

Ser-me-á fácil conseguir qualquer dêstes manuscritos, se V.Sª me der *as suas ordens para Paraíba do Norte, sobscritas ao* Dr. Antônio Manoel de Aragão e Melo.

Deus Guarde a V.Sª. Pará, 10 de setembro de 1851.

Ilmo. Sr. Francisco Adolfo Varnhagen

D. Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Antônio Gonçalves Dias

I.H.G.B.

Nota:

Lida em Sessão de 25 de outubro de 1851.

72

A Da. L [ourença Francisca Leal Vale]

— Estou por momentos à espera do vapor, em que hei-de partir para o Ceará: por êste motivo, e por que a minha demora já tem sido bastante longa, não posso ir à Alcântara pedir-lhe as suas ordens, — nem para falar-lhe de um negócio que me interessa, e sôbre o qual me permitirá de a ocupar por alguns momentos. Parecer-lhe-ei importuno e impertinente: por isso também para escrever-lhe esta, preciso de recordar-me da bondade suma com que me tem tratado.

Para lhe falar sem rodeios, a que estou pouco acostumado — eis o de que se trata: peço-lhe Da. A[na] A[mélia] em casamento. Fazendo-lhe semelhante pedido, quero e é do meu dever ser franco. Não tenho nem a ambição de figurar na política do meu país, nem o amor de fazer fortuna, e quando se desse o contrário faltar-me-ia ainda a habilidade, o jeito para alcançar ambas, ou qualquer destas cousas. Assim parece-me que nem chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difícil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que é bem pouco. Não desconheço que outros, e de certo melhores partidos se oferecerão para sua filha: a única compensação que lhe posso oferecer, mas que não sei se a julgará suficiente é que me parece ter conhecido quanto ela por suas qualidades se recomenda, e querer lisonjear-me de que a trataria quanto melhor pudesse, bem que não quanto ela merece. — Rogo-lhe pois que não veja neste meu pedido atrevimento da minha parte; porém o desejo grande que tenho de me ver ligado com uma família, a quem por tantos motivos respeito e sou obrigado, e a uma pessoa a quem desejaria ter por companheira.

Sendo afirmativa a sua resposta, voltarei do Rio, tendo assegurado de alguma forma o meu futuro, e o mais breve que puder para aceitar o seu favor, e beijar-lhe as mãos por êle. No caso contrário posso asseverar-lhe que acostumado de há muito a sofrer reveses na vida, não será êste dos menores. Procurarei persuadir-me que algum motivo mais forte que a sua natural bondade terá obstado ao seu consentimento, e consolar-me-ei com a lembrança de que me esforcei por alcançar a mão de sua filha, se não fui digno de a merecer.

B.N.

[1851]

73 **

Ao V. [ale] [José Joaquim Ferreira Vale]

Pedi Da. A[na] A[mélia] a tua mãe; mas antes de tudo convém dar-te uma explicação. Não te queria envolver neste negócio, por que sei que é

(*) Rascunho autógrafo.
(**) Irmão de Ana Amélia. Rascunho autógrafo.

de si melindroso, não te queria falar dêle senão quando estivesse feito ou desfeito. Então era um dever: um dever de amizade para contigo, — um dever de amizade e cortesia para com a irmã daquela, a quem pretendo. Não queria ter de me queixar de ti, o que é de uma eventualidade tão remota, que apenas é possível, — nem também que agradecer-te, para que no futuro nem ela, nem pessoa *alguma da tua família pudesse queixar-se de ti*.

Sou fatalista no que diz respeito à minha vida, e resolver-se-me sempre a fatalidade em fazer por fim o que não quisera: por isso te escrevo: mas pedindo-te ao mesmo tempo que não tomes neste negócio se não a parte que tomarias, sem que antecedesse pedido algum meu, ou sendo-te eu inteiramente indiferente.

Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser fidalgo de sangue azul, nem ao menos sou filho legítimo: falo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fôsse um homem pobre, é esta uma das ocasiões em que a honra, e o pundonor e a própria dignidade, exigiriam tôda a franqueza da minha parte. Não tenho fortuna, e segundo tôdas as probabilidades não a terei nunca, porque para isso, como para mil outras cousas, não tenho nem jeito, nem paciência, nem cabeça. Não tenho ambição do poder, — talvez mesmo não tivesse possibilidade para a realizar; mas quando as tivesse não imagino que possa haver interêsse nem meu nem de família minha, que me extraviem do trilho, a que eu, talvez erradamente, chame o meu destino. É possível que mude de pensar, — mas tratamos da atualidade.

Assim, pois, o que eu te proponho, será, se o quiseres, não um casamento, mas um sacrifício. A que se quiser ligar com a minha sorte terá de se contentar com o que sou, que é bem pouco, — com o que valho que é pouco menos, — com o que posso vir a ser ou valer, que ainda menos pode ser do que isso, e pode ser mais do que me é dado imaginar. É preciso que ela se aventure: terá uma vida de rosas ou de espinhos, — viverá para o mundo ou para o sofrimento: a incerteza poderá ser um incentivo para que ela o aceite — um motivo para que tua família o rejeite, — eu por franqueza o digo.

Estas e outras reflexões tu as farás contigo, — tu as dirás, se o quiseres. O que te posso asseverar é que em falta de abundância, de luxo ou de riqueza, que lhe não posso dar, terá tua irmã um coração que a ama, e *um homem que a estima*, e que a estima tanto que a pede com a quase certeza de que vai sofrer uma repulsa.

O que espero, meu Vale, — é que tua mãe me responda brevemente; o que te peço é que mostres esta carta a Dª Ana, no caso de que tua mãe se resolva afirmativamente. Sendo negativa, sentirei e muito não por orgulho ofendido, mas porque o desejava deveras. Não me queixarei, nem

teria motivos para isso. Conheço que sem má vontade, mas só por estas razões poderia qualquer pessoa aceitar ou rejeitar sem vexame a minha proposta, e ainda sem desar para mim. Bem o podes crer: não haverá fôrças que me façam esquecer que sou teu amigo e do Teófilo e da família de ambos. Farei votos pela felicidade de todos, e para que em outra parte, e com outra pessoa possa tua irmã achar a ventura que eu lhe desejo e de que é merecedora.

Haverá alguma alteração nas duas cartas que escrevi, porque altero sempre copiando. Creio que a diferença estará sòmente na redação.

B.N.

[1851]

74

Amigo Teófilo

Comprei as ferragens pela relação que me deste(s); não garanto a qualidade porém as dimensões. O papelão não é muito encorpado, porém é o mais forte que achei.

Tua *mãe*, D. *Ana* e D. Inês *estão em* Alcântara: *já* vês que não posso falar, exceto esperando. Tenho já feita a epístola. O Olímpio insta para que eu me demore 15 dias — sub condition de ir morar com êle: do contrário posso ir-me. Vou amanhã jantar com êle e então decide-se o negócio. Creio que partirei.

Teu Tio deu-me 50$. — D. Luzia 170 — e não sei se recebi mais alguma cousa de alguém.

É o diabo, meu Teófilo, esta incerteza em que parto: não tenho cabeça para nada, nem imaginação, nem vontade. Estúpido e burro, vou-me por êsse mundo de meu Deus.

Muitas saudades ao Campos, e dize-lhe que o espero no Rio.

Aceita o coração do teu

Mano e amigo do coração

Glz. Dias

E a minha feiticeira de Inesoca? Uma infinidade de beijos — até que nos tornemos a ver.

[1851?]

I.H.G.B.

75

Meu bom Teófilo

O Comandante Secundino, que me trouxe da Paraíba, deu-me a triste notícia que voltaras do Mearim; porém doente; espero que já estejas bom. Estás com a tua roda montada? Conclui isso de uma vez e prepara-te para deixares êsse mísero Maranhão.

Um pouco da minha vida. D. Mariquinhas já te terá dito alguma cousa sôbre a resposta que obtive de tua Tia. Que se há-de fazer, meu Teófilo? Tinha meditado tantas vêzes, não na probabilidade, mas na possibilidade dêste sucesso, que eu mesmo me admiro da impressão que me causou. Acostumado de há longa data aos desenganos e sofrimentos já era tempo para mim de ser menos criança e mais sofredor. De mais chamava eu a êsse casamento, se se chegasse a realizar um casamento razoável: amava, mas não pensei que amava tanto. Acontecia comigo como com quem pega em algum pêso, e conhece que tem fôrça para muito mais. Amava, mas podia amar mais e muito mais; amava, porém minha alma adormecida com a esperança que interiormente me sorria, não estava tôda ocupada, amava, mas o amor que eu tinha para o amor que eu adivinhava, que eu me conhecia capaz de sentir, — era o espaço em relação a imensidade, — o tempo em relação ao infinito.

Ainda me lembro, e como não seria assim? ainda me lembra o lugar, e o momento, as circunstâncias em que recebi aquela fatal carta. Estava eu no Correio com o Major Lopes: deram-me as cartas que eu lá tinha e me esperavam em Pernambuco. Abri-as tôdas sem as ler, para ver de quem eram; e entre tôdas feriram-me as 4 linhas de tua Tia de que eu só pude ler a assinatura, como se uma luz demasiadamente forte me ofendesse os olhos. Vim para casa, e o Major Lopes, tendo de visitar uma pessoa no Hotel em que estou, me acompanhava. Que momentos aquêles! que ansiedade! que turbilhão de idéias contrárias, confusas, baralhadas, me acudiam ao pensamento! enquanto parecia faltar-me a terra, o ar, a vida.

Tôdas as idéias e cismares que durante o espaço de quase um ano me tinham aparecido, embalado ou entristecido, risonhas como a ventura que eu esperava, ou tristes — como o desespêro; — essas fantasias de todos os tempos, de tôdas as horas, que atrás e dentro de mim me acompanharam por todo o norte do Brasil, do Amazonas até Pernambuco, no mar e nos rios, nas florestas do teu Mearim e nas serras de Maranguape: todo êsse firmamento de amor, de dúvida, e de incertezas, de estrêlas e de trevas desdobrou-se de nôvo por minha alma. Tinha essa carta contra o peito, eu a apertava contra mim, e ela queimava-me, e eu pude conter-me porque essa prolongação do martírio se me assimilhava a um prazer. Ali tinha o meu futuro, as minhas esperanças, a minha condenação, ou o prêmio que

Deus quisesse dar-me de uma juventude trabalhada e infeliz, e de uma vida sem merecimento talvez mas não sem lágrimas, nem sem coragem. Então realmente começaria a vida para mim; e um momento, um sôpro de felicidade celeste me teria feito esquecer todos os meus pesares e aquêles mesmos, a que tu, meu Teófilo, não tens recusado lágrimas.

Narro-te estas cousas assim por extenso porque, recordando o passado — o passado de ontem! — me parece que atraso também alguns dias da minha vida, e que volto de nôvo á aquele estado, que foi ou se me afigurava martírio, e que hoje eu reputaria ventura.

Chegamos á casa: pedi cerveja, que ninguém quis aceitar; e enquanto o Major Lopes se entretinha com o meu comensal, retirei-me ao meu quarto. Como o sentenciado que procura espaçar a leitura da sua sentença; ou porque me adivinhasse o coração ou porque o receio me tirasse a coragem, despi-me lentamente: li primeiro tôdas as mais cartas, e ainda hesitei chegando à aquela.

Li-a enfim: tornei a lê-la quatro e mil vêzes, e daquela leitura só me ficou a idéia da repulsa, a consciência de quanto eu amava pelo que sofria, e da grandeza da perda pelo sentimento dela. Lágrimas e soluços me revelaram tôda a intensidade do meu amor e da minha infelicidade: tive de conter os meus soluços, de abafar a minha dor para que me não sentissem. Estava fora de mim; chorava e delirava e repetia comigo palavras incoerentes e absurdas, expressões amargas ou carinhosas de quanto eu sentia, como se dessa forma pudesse readquirir a mentida seguridade em que vivia e revocar a imagem dos meus sonhos, e colocá-la de nôvo, como d'antes, em frente da minha alma para que continuasse a presidir a todos os atos da minha vida íntima, a elaboração de todos os meus projetos, a tôdas as criações de uma glória, se tal nome lhe cabe, solitária e estéril.

Felizmente não soube nem saberá nunca A[na] A[mélia] com quanto extremo era amada: os acentos da paixão que ela me inspirou, mas que me não ouviu nunca, ficaram em minha alma e eu não terei de os repetir a mulher alguma.

É ou não fatalidade! Com tantas famílias em que eu poderia escolher companheira, fui logo esbarrar com a tua, para quem estou de mãos atadas, não me sendo muito permitido nem mesmo queixar-me. Conheço que eu, casado na atualidade, poderia depois de algumas dificuldades, mas breves, e empenhando-me por cousas que agora me não convidam nem atraem, adquirir uma *posição*. Mas assim de que me servirá? Continuarei com a minha vida improvidente e tratarei de dar razão à aqueles para os quais sou irrefletido e *péssimo partido;* — e mesmo a D. L[ourença], que talvez se aplauda no futuro da sua decisão de hoje, sem lembrar-se que a minha vida terá em grande parte dependido dela. Embora! Se não há fatalidade,

há pelo menos predestinação, e estou-me persuadindo que nos é preciso seguir até o fim a carreira que nos é traçada pelo céu ou pela necessidade. Pensando assim, bem vês que não quero culpar a ninguém; desculpo a todos e queixo-me só de mim.

Mas se desisto das minhas pretensões é com uma condição — única mas imprescriptível — Que D. A[na] A[mélia] não sofra por meu respeito, que não sofra de sua família, que não sofra na sua saúde: estou resignado: o contrário me levaria a algum ato que não seria fácil de atalhar-se por bem e menos por mal. Isso porém é pouco crível que aconteça.

Escrevo a A[na] A[mélia] que se resigne, que me esqueça: no entanto não sabe ela das minhas intenções e reputando-me orgulhoso (como não sei por que motivo, me reputa) acreditará que a resposta que tive deixou-me mais irritado que sentido, e que a não amo, ao menos a ponto de romper por causa dela. Ficará mal comigo, ter-me-á em péssimo conceito; e se assim fôr, tranqüilo de que a minha memória não perturbará mais a tranqüilidade de sua vida, tirarei algum contentamento do único sacrifício que nisto faço, e quase superior às minhas fôrças, deixá-la persuadida que a *requestei por passa-tempo*, e não dizer-lhe jamais como a amo agora e como a amarei sempre.

Se porém ela resiste a esta prova, o que eu não creio, ou antes o que não espero, — se ela padecer por meu respeito, se a sua vida periga, sabendo que eu me retiro para a Europa, o que tenciono fazer dentro em pouco, agradecerei a Deus o momento em que êle me inspirou a idéia de uma viagem ao Maranhão. Dir-lhe-ás, se eu e ela te merecemos êste favor que eu volto, e que me espere: comunica-me que se faz precisa a minha presença, e eu voltarei, — e com a mão na minha consciência reputarei que obro bem, que não falto nem aos deveres da hospitalidade, nem aos da amizade, deixando-me arrastar a algum ato menos amigável. Tenho alma capaz de sofrimento, mas não de remorsos; e êsse sacrifício, se é sacrifício, que eu faria por quem quer que fôsse nas mesmas circunstâncias, com mais diligência e de melhor vontade o farei por amor dela.

Perdoa-me esta carta tão extensa; mas não julgo ter de falar-te mais nisto. Foi como uma dessas jóias que usamos em um dia de festa, de que nos esquecemos em uma gaveta, que mau grado nosso conservamos para nos tornar mais lutuosa a desventura, recordando-nos as ilusões do passado.

Muitas lembranças a D. Mariquinhas, muitos beijos ao Ricardinho, e á minha Inesota e tu adeus meu Teófilo

do sempre teu

Glz. Dias

Pernambuco, 6 fevereiro de 52.

I.H.G.B.

76

Ilmo. e Exmo. Sr.

O Dr. Tomás Pompeu de Souza Brasil oferece ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o exemplar de uma obra sua, que tem por título "Elementos de Geografia oferecidos à mocidade cearense".

Abunda a edição em erros tipográficos, e não obstante, também a mim, que não só ao seu autor, pareceu-me digna de ser oferecida ao Instituto como ensaio de um Compêndio de Geografia Brasileira. Se, — atendendo à dificuldade de reunião em uma província de poucas comunicações os relatórios e peças oficiais que foram precisas para essa produção, e à tarefa de os examinar, — julgasse o Instituto que a obra merecia um parecer favorável, atrever-me-ia a pedir-lhe que uma cópia dêle fôsse diretamente remetida a seu autor como para o animar a progredir nos seus trabalhos, e a persuadir a outros a trilhar o mesmo caminho.

Deus guarde a V. Exª. Pernambuco, 16 de fevereiro de 1852.

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen
D. Secretário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

Antônio Glz Dias

(Lida em sessão)

I.H.G.B.

77

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Recebi a tua carta de 6 de fevereiro em que me comunicas teres passado mal: como, enfim entraste em convalescença espero que continuarás com melhoras até que de todo te restabeleças.

Recomendas-me o Quadros, que partiu já para a Bahia, onde o vou encontrar: o que puder fazer por êle conta que o farei; se o fazes por amizade para com filho, tomarei quanto e o mais que puder, em teu nome, uma vingança sôbre o pai. É uma vingança tão nobre que me constituo cúmplice ou instigador do crime.

Desculpa-me de te não escrever longamente, meu Teófilo: é êsse o meu costume para contigo; mas agora não o poderia ainda que o quisesse.

Estou em Pernambuco bem recebido, benquisto, festejado e tudo o mais — só me falta esquecer-me e ser feliz.

Muitos beijos no Ricardinho e na Inesota. Lembranças a tua família e lembra-te do teu e sempre

teu Mano e Amigo
Glz. Dias

Pernambuco, 20 de fevereiro de 1852.

I.H.G.B.

78

Amigo Teófilo

Aqui estêve o Antônio Henriques, que não me disse outra cousa senão que estavas bom, que a minha Inesota estava cada vez mais galante e faladeira, e tu cada vez mais preguiçoso, e que por isso me não escrevias.

Supõe êle que D [ona] L [ourença] se zangara contigo e D. Mariquinhas a propósito da carta que lhe escrevi, sem se lembrar que não desonra a uma menina o inspirar paixão a alguém, nem se degrada uma família em ser procurada por quem quer que seja para fins que não serão vantajosos, mas que ao menos não humilham. Foi isto assim?

Supõe mais que ela diz ter sido desaprovado o meu pedido pelo pai, irmão, irmã (menos D. Mariquinhas) por tudo quanto em casa havia, o que me custa a crer; mas é, enfim, muito possível.

Pediu-me em teu nome que te mandasse quantas obras achasse na Bahia sôbre o açúcar, e assim farei logo que ali chegar, que deverá ser de 4 a 6 de abril.

Ter-me-ia divertido em Pernambuco, se para mim bastasse o contentamento do amor próprio. Falar-te-ei sôbre Pernambuco logo, mais de espaço.

Lembranças a D. Mariquinhas, muitos beijos no Ricardinho e na Inesota — e até não sei quando

do sempre e todo teu

Glz. Dias

Pernambuco, 20 de março de 1852

21 de março

Quero e preciso consultar-te: porém segrêdo: quando digo — segrêdo — é para todos menos para D. Mariquinhas.

Não me parece difícil obter uma *farda verde* para o Rio Negro; deverei aceitá-la? Não te será embaraçosa a minha passagem pelo Maranhão? ou basta que eu adoeça a bordo? Não ganho com isso, perco: sabes que não quero saber de política, e que me satisfaz mais deixar amigos do que invejosos por onde passo.

Contudo quero e devo favorecer ao meu hóspede do Pará — o Benjamim, e não haverá talvez outro meio. Deverei lançar mão dêle? Pensa e responde-me. Adeus.

do teu

Glz. Dias

I.H.G.B.

79

Amigo Teófilo

Tinha-te escrito a carta junta, que, por esquecimento, não mandei para o Correio: depois uma maldita dor de dentes, agravada com uma inflamação e ar que apanhei nas gengivas depois que o arranquei não me tem deixado pôr pé em ramo verde. As festas para mim passaram-se bem tristemente, — estimarei que as tenhas tido melhores êste ano.

Concluí enfim a minha negra, e negregadíssima «Memória» — não podendo mostrar outra cousa senão que estudei a matéria. Não posso ser juiz muito competente, mas a avaliar pelo que me custou de estudos e enfados, deve ser um demônio bem maçante. Estou a espera que o Instituto comece a trabalhar pois ainda está em férias, e feita que seja a leitura, procurarei distrair-me com trabalhos mais do meu gôsto, de modo que me não suponham morto.

Há bem tempo que me não tens dado notícias tuas; não sei nem o que fazes, nem quais são os teus projetos, nem mesmo como passas tu, D. Mariquinhas e teus filhos. Creio que enterrado no teu Mearim, não pensas senão no cultivo da cana, e no modo de fazer prosperar a tua lavoura. Não me queixo, se os teus trabalhos te ocupam por tal forma: desejo sòmente que êles vão de apressar a tua vinda. Adeus, muitas e muitas saudades do

teu Mano e Amigo

Glz. Dias

25 de março — 53

Tencionava escrever também a D. Mariquinhas; mas os meus dentes estão indignos.

Dá-lhe muitas lembranças e saudades e a teus filhos muitos beijos.

I.H.G.B.

80

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

11 de abril de 1853

Vou bom e minha mulher também: gozamos saúde; e não temos esperança de nenéns. A tua Inesota? e o Ricardinho; — e o cadete? desconfio, não sei por que, que há de ser menina. Quero ver se ainda me resta tempo para escrever a D. Mariquinhas.

Começou o Instituto com os seus trabalhos, e eu na próxima sessão dou a 2ª parte das minhas «Memórias». Já me aborrece o demônio.

Quero ver se dou comêço à História contemporânea; não é cousa para publicar, mas para guardar. O Instituto tem uma arca de sigilo, ou de depósitos desta natureza, que me pode servir para isto.

Já te disse o que era: memória sôbre todos e tudo: homens, cousas e idéias. Pode ser cousa de bastante interêsse para o futuro. No entanto — segrêdo.

Adeus, meu bom amigo apronta-me êsse maldito engenho, e safa-te dêsse mísero Maranhão.

do teu e sempre teu

Glz. Dias

I.H.G.B.

81

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Há muito tempo que não tenho recebido cartas tuas, sei por que desgostos tens passado e te desculpo, no entanto torna-se menor a dor que se comunica, e ao menos de mim o digo que nas minhas horas de tristeza e de pesar, que as tenho e muitas, sinto de te não ver ao meu lado: deixo-me vencer do desânimo, e na idade que é para os ombros a fôrça da vida, a morte se me antolha as vêzes como uma grande, imensa felicidade.

Admiras-te? Que lhe hei de eu fazer se é culpa da minha imaginação? Com ela está-me parecendo que mesmo no céu teria motivos para me reputar infeliz.

Estou cansado, meu Teófilo: declino e creio que bem ràpidamente. Nada tenho feito, a não ser a conclusão da Memória do Instituto, depois que cheguei ao Rio, para nada tenho gôsto, nem mesmo para fazer uma viagem a Europa, por que tenho mêdo de deixar minha mulher em terra estranha e longe dos seus. Sinto-me de dia em dia mais fraco, mais abatido mais incapaz de estudos sérios, de trabalhos aturados. É possível que seja imaginação, já mais de uma vez a tenho tido antes de agora; mas desta vez creio que é deveras.

Mas se assim acontecer, terei feito mal e muito mal em me casar. Não me aterrava, não me impressionava a morte, pelo contrário, havia nela, há talvez ainda agora, alguma cousa que me atrai. Viesse ela quando Deus a mandasse que eu aceitaria agradecido, como lhe agradeço a vida que me deu. Encontrei-te, meu Teófilo, e o teu exemplo me convence de que a felicidade não está em merecê-la. De que pois me poderia eu queixar? Amigo teu (e do Morais também) por que vos separarei eu agora, quando talvez vos não torne a ver mais? — Amigo teu e dêle experimentei em mim que há na vida prazeres que a tornam desejada.

Que me importava pois morrer? Meus parentes? que lhes posso eu *fazer ou que precisam êles de mim?* — Meus *amigos?! sempre* lhes *fui* pesado. Sem cuidados que me amargurassem os últimos momentos, a não

ser a saudade, fantasiei-me muitas vêzes um morrer solitário, mas plácido e tranqüilo, sem lágrimas, sem gritos, sem companhia também. Figurava-me no meu quarto de estudo, com os meus autores ao lado, donde pudesse ver o sol no ocaso, e a natureza e o céu que me sorrissem pela última vez, ao correr da viração da tarde, e sentindo a exalação da terra, o sussurro do mar e o perfume das flôres. Que me fôsse dado dizer um adeus a tudo isto na melhor de tôdas as minhas composições, que vos chegassem orvalhadas com as lágrimas da saudade, — e depois, quando das mãos frouxas me caísse a lira, continuar ainda num fantasiar vago, ouvindo os sons mais fracos, sentindo mais tênues os perfumes, como quem adormece ao som da música que se afasta, e no meio de sombras vaporosas, de imagens radiantes, de uma harmonia longinqua, desfalecer pouco a pouco, até que no último raio que desferisse o sol fugisse minha alma para os pés de Deus, mais cheia de erros que de crimes, mais de lágrimas que remorsos.

Agora já não hás de ver que morro como quem teve um ataque de estupor no meio da rua, — correm, gritam, choram — moleques e crianças, tudo numa balbúrdia e confusão que se o pobre diabo não dá sua alma ao mesmo, é por ser infinita a misericórdia de Deus.

Hás de ver que morro assim; tomando caldos à fôrça, coberto de sinapismos dos pés a cabeça, cercado de uma farmácia em dia de balanço, com caras de chôro, com as lágrimas do estilo e uma vela de cêra amarela na mão! Eis ao que se chama uma boa morte, de que Deus nos livre e guarde.

Decididamente, morrer assim mais vale viver por tôda a eternidade.

Adeus, a imagem da morte que me espera faz-me rir bem contra a minha vontade.

do teu Mano e Amigo

Glz. Dias

Lembranças e beijos à Inesota e ao Ricardinho: as lembranças dá-as a D. Mariquinhas.

Rio — 10 de julho de 1853.

I.H.G.B.

82

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Rio, 5 de novembro de 1853

Acabo de receber a carta que me escreveste do Pixanuçu a 18 de setembro, respondo-te com o intervalo de apenas algumas horas, por que desejo escrever-te muito e longamente.

Sabes? Dou comigo muitas vêzes a pensar nesse tranqüilo e bem-aventurado retiro do Pixanuçu, — nesse Mearim romântico, nas recordações da nossa viagem, — no Igarapé — onde ia remar, nos lagos de ilhas boiantes

do mururu, naquela pesca do peixe-boi, em todos os acontecimentos, ainda os mais insignificantes do nosso viver enquanto aí estive — e tudo isto palpita e vive nas minhas saudades com a imagem risonha e graciosa da tua Inês. Então me parece que nesse Edenzinho se poderá viver não uns quinze ou vinte dias, mas uma eternidade, se com uma família amada, tivéssemos um amigo d'alma! Um amigo d'alma! Já fiz trinta anos, — creio não me ter inteiramente pervertido, e suponho ter experimentado tôdas aquelas paixões, que com mais ou menos intensidade, segundo as diversas naturezas, se sucedem nos anos agitados e tumultuosos da juventude. Pois bém! A única paixão que caminha segura e firme em todos os tempos e circunstâncias por entre os vaivéns e temporais da vida — é a amizade. Nobre, pura, desinteressada, dedicada, sem nuvens que a empanem, sem zelos que a enegreçam, sem vicissitudes e alternativas que a depreciem, descorem e matem, é entre tôdas, e só entre tôdas — a amizade. É a ilusão que se não desdoura, — o sonho que realiza no bem; é a realidade nas aspirações para o gôzo, como Deus é a verdade nas aspirações para o infinito. Só não é imutável porque reverdece, progride e se enraíza cada vez mais com o tempo. O poder tem cortezãos, a riqueza parasitas, a glória aduladores: não são amigos.

Conheci-te quase na infância, e dou graças à Providência. Achei-te como pérola de inestimável preço no mar dos meus infortúnios; mergulhado depois no vórtice das paixões não as encontrei senão com brilho, mas sem preço. Que me importava também? Contigo quisera eu estar nesse teu Pixanuçu — viver e morrer tranqüilamente, devanear perdido nessas matas floridas, e dar ao vento as minhas inspirações do momento, como a flor que nasceu no deserto entrega ao ar o seu perfume. Mas a vaidade ou vã glória vale acaso o sacrifício de uma vida inteira, ainda quando tivéssemos como certos os sufrágios da posteridade? No meu modo de entender o Poeta é a voz animada, que a Providência vai colocando em certos intervalos, entre certos grupos de homens que trabalham para os fortalecer e acoroçoar ao som dessa voz que vem de cima. Quando porém a humanidade a não escuta, nem o Poeta sabe fazer-se ouvir, é porque a humanidade repousa, ou não presta o instrumento.

Dizer-te que é esta a idéia que de mim formo seria mentir-te. Conheço que pouco vale o que tenho feito, — bem pouco; mas conheço também que poderá ser feito, que ainda poderia fazer mais e melhor. Poderia fazê-lo em outras circunstâncias, não o posso agora.

Quando os antigos aconselhavam o celibato para a vida intelectual, faziam bem. A virgindade do pensamento ou antes — da alma — é uma fôrça que se multiplica pelo infinito quando se encontra com o gênio, com o estudo e com a outra virgindade. Foi isto por certo o que pretenderam simbolizar no mito das musas que representam como solteiras, dando a entender que aos filósofos, aos matemáticos, aos astrônomos etc. e

principalmente aos poetas era sobretudo conveniente o celibato. Nem será isto contra a natureza, por que são de ordinário pouco prolíficos os homens que vivem a vida do pensamento; e se têm filhos, não perpetuam a sua geração: é bem raro passarem da terceira. Os descendentes de Homero, *Virgílio, Camões, Tasso, Milton são as* Ilíadas, Eneidas, Lusíadas, Jerusaléns e Paraísos Perdidos — descendência gloriosa e eterna, que é ao mesmo tempo herança e brazão do espírito humano.

Não quero dizer que me abalançaria a embocar a *tuba canora e belicosa,* não; mas mesmo para cantar sabiás e palmeiras!... Ora, se as musas são *mulheres, e ciosas e caprichosas como tôdas! não quereriam bigamos* — quanto mais *decágamos* — que é palavra tão escorregadiça!

Voltemos ao sério — quero dizer — à matéria dos casamentos.

Perguntas-me que desejos são os que eu tenho de morrer? Desejos não são; e se o fôssem, e se se transformassem em vontade, adivinharás pelo teu coração que eu deixaria mulher, emprêgo, literatura e Rio para ir — dar-te um abraço e dizer-te um adeus por pouco tempo, — se é que os nossos séculos são os dias da eternidade, — e eu creio que ainda são menos.

É uma cousa assim como presentimento: não admira: sabes que é e foi sempre a minha cisma que morrerei antes de velho. Agora se não me aflijo com isso, se procuro conformar-me com a vontade de Deus, — se a aceitaria como bênção e não como castigo — não prova isto senão que a minha imaginação tem queda para o triste.

6.

Escrevo-te sempre de noite, — e assim, ainda contra a minha vontade, vem a tristeza derramar negras tintas no que te escrevo.

Acabei agora mesmo de copiar a Poesia que me pediste, — lá ta mando. Parece que já foi impressa na Bahia; mas não sei disso.

A propósito de poesia — creio que lhe tenho dado com o basta, ou ela a mim. A não ser aí uma meia dúzia de poesias como as que te mando, há bons dois anos que não faço versos.

Também a Secretaria e o Instituto quase me roubam todo o tempo.

Tendo apenas concluído a Memória dos Caboclos, com que terei ainda de me ocupar por alguns meses quando tiver de a imprimir (que será breve) para verificar citações, e castigar alguma cousa o estilo que está por demais desleixado, — já o Imperador me arrumou com mais três programas, — de forma que tenho de preparar mais três Memórias para êstes seis meses. Quase nada tenho feito. Apenas no Instituto envolvi-me em uma questão de limites com um dos nossos *diplomatas,* português adotivo, que pelo menos tem tido a habilidade de fazer carreira, e fortuna com a diplomacia.

Versava a questão sôbre o Tratado de 1851 com o Rio da Prata. Um membro do Instituto escreveu uma Memória contra. O diplomata escreveu contra a Memória, e eu contra o diplomata. Não podendo tratar da atualidade, sendo empregado na Secretaria de Estrangeiros, fui aos antigos tratados, e creio ter reduzido a cominhos o tal Sr. Êsses trabalhos vão ser impressos — em um número separado da «Revista» que eu te mandarei. Todavia não farás idéia das discussões que a tal respeito tivemos no Instituto; seria longo contar-te isso. O pobre diplomata, exprimindo-se mal e em têrmos espanholados, sem ter uma voz por si, sem compreender o latim, língua em que eu tinha cuidado de lhe dar apartes, que o homem julgava monstruosos por não os compreender, e isto durante as sessões de quatro a seis meses, fêz uma tristíssima figura.

7 de novembro

Continuo; mas bem pouco te poderei dizer. No entanto é possível que não tenha tempo para continuar, e não queria deixar de te dizer adeus.

Estás só no mato? — E que notícias de D. Mariquinhas? — Teus filhos? a tua lavoura? A D. Inês casa-se ou não?

Muitas saudades do teu do Coração

Glz Dias

I.H.G.B.

83

Ilmo. Amigo e Sr. Lisboa [João Francisco Lisboa]

Não há muitas horas que recebi a sua carta de 3 dêste mês, e a pressa com que lhe respondo, se em parte se deverá atribuir a próxima partida do paquete, eu por outro lado quisera que a tomasse como um documento do empenho que terei em servi-lo, independente do prazer que me prometo de receber de tempos em tempos cartas suas. Estava para lhe escrever todos os dias, — já o devera ter feito há mais tempo, — mas fui-me demorando de dia para dia até que por fim envergonhei-me de escrever-lhe.

Queria dizer-lhe que o havia proposto para Sócio do Instituto: êsse título é hoje alguma cousa cobiçado, ainda que tenha sido, há bem pouco tempo, conferido, e talvez mesmo oferecido sem muito escrúpulo. O seu *Timon* foi a ocasião da proposta. Bem limitado é o nosso mundo literário, e entre o pequeno número dos que se dedicam às letras são bem raros aquêles que a uma grande experiência dos nossos homens e das nossas cousas, ao dom de observar, e de pintar ao vivo o que observam, reúnam como o seu *Timon*, lição tão variada, estilo tão fácil e castigado, e sobretudo uma madureza de pensamento e precisão de idéias como de quem tem vivido no Gabinete com os homens de outrora, e nos conciliábulos e imprensa com os nossos de hoje.

Timon é hoje, e o será ainda mais no futuro um livro raro: raro, digo — no sentido de muito estimável: obra de política mas não de partidos, — ao alcance de tôdas as inteligências e ao mesmo tempo consciencіosa, — profunda sem esfôrço, severa sem azedume, é talhada para todos, para *andar nas mãos de todos, para ser igualmente estimada por todos.*

Não sou invejoso, mas quisera tê-la escrito. Vamos porém ao que mais lhe importará. Já foi entregue a sua carta ao Antônio Henriques, que se encarregou de lhe procurar o André de Barros. Talvez lhe convenha saber que o falecido pai do nosso amigo Teófilo tinha essa obra, em um volume in-folio, de letra garrafal, que não sei se ficou em Maranhão ou se a levou na sua última viagem. A reimpressão da Bahia em dois volumes — 8º — do ano de 1837 (?) sem muita dificuldade creio que se poderá encontrar por aqui.

Quanto às *Vozes Saudosas*, é cousa diferente: são obras póstumas de Vieira, coligidas e impressas pelo seu biógrafo, que depois se uniram à coleção dos *Sermões*, formando os dois últimos volumes — pelo menos é dividida em dois tomos. Serão tão difíceis de acharem-se como os três volumes das Cartas do mesmo Padre, que lhe seriam de utilidade. A informação, de que me fala sôbre as cousas do Maranhão, — não sei se vem nestes volumes, não me recordo; porque tendo-a lido na coleção dos impressos do Barbosa, é de supor que não lhe desse muita atenção encontrando-a posteriormente.

Agora quanto às cópias que pede procurarei satisfazê-lo com tôda a possível brevidade. Corri às pressas os meus apontamentos extraídos, tanto dos livros que trouxe, como dos que ficaram em Maranhão e acho estas notas:

Reg. dos Capitães mores — 10 junho de 1688.
a'dos Sargentos mores — 10 setembro de 1688.
E no Registo da Câmara de 1714 a 1722 — Carta subordinando o Governador da Capitania Luís de Vasconcelos Lôbo ao Governador — Mendonça Furtado.

Tenho também idéia de Cartas régias sôbre os Senadores e Governadores, algumas para que se guardem os privilégios da Câmara, — e da tal outra — para que a Câmara não fizesse peteca dos Governadores.

A sua conjectura sôbre Beckman, ou *Bequimão*, como se lê nesses papéis, e me parece que êle próprio se assinava, parece-me fundada. Arrancaram as últimas fôlhas do volume (não sei qual) em que deveriam achar-se os pormenores de tais acontecimentos. Manoel, banido no tempo de Coelho, segundo diz Southey, parece na sua volta ter recobrado a sua *importância:* seu irmão Tomás era o literato ou o letrado do tempo, como se era então. No Registo de 1639 a 1664, que não sei se veio, nem me

resta tempo para o verificar agora, acho uma carta de 12 de 1681 (sic) sôbre o primeiro, que é pouco importante. Não repare nesta contradição de épocas, que é ordinária nos nossos antigos registos.

Êste que segundo o têrmo de abertura e encerramento vai de 1639 a 1664, contém documentos de 1681.

Outra carta há *depois desta* de 16 de novembro de 681 acêrca da qual dizem as minhas notas.

«Na 2ª parte dêste ofício trata-se de Tomás Bequimão. — Havendo queixas dêle no Senado, mandaram-no chamar os Senadores, pedindo-lhe por favor que — não continuasse com os seus papéis, porque com êles escandalizava os ânimos dêste povo. — T. Beckman recusa, dizendo que os seus papéis a ninguém prejudicavam. Alteou nisto a voz, e como continuasse no mesmo tom, apesar de advertido, formaram-lhe culpa *por desaforo.*

Não sei, nem se diz que papéis eram êsses.

Paremos aqui.

Verei se lhe posso mandar tirar uma cópia do mapa, da planta do Maranhão, quando foi da invasão holandesa, e que vem na obra de Frei José de S. Teresa.

Disponha francamente do

De V. Sª.

am.º comprovinciano obr.º

A. Gonçalves Dias

Esquecia-me a data. Estamos não sei a quantos — entre 24 e 26 de novembro de 1853.

B.N.

84

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Não quero deixar de escrever-te, o que há algum tempo me tem acontecido não por descuido, mas pelas facilidades. Suponho sempre que terei tempo para te escrever no último dia e na última hora; e quando chega o momento crítico, nem para espirrar tenho ocasião. La vai pois.

Sei que estás, ou que deverás estar na Capital: e o teu engenho? e a tua lavoura promete? Ao menos por enquanto creio que já te contentarias com as boas promessas. E D. Mariquinhas como está? O Ricardinho, a Inesota a minha afilhada? Não sei também para que te escrevo se não tens nunca tempo para me dizeres alguma cousa do que te pergunto.

Ora, meu Teófilo — Creio que te arrependerás de não quereres vir para o Rio em 52, como não vieste comigo em 46. A não ser os anos malogrados que aí passam, e já é isso uma grande perda, Deus remediará o resto.

Vamos a um pouco da minha vida. Enfim, suponho que vou a Europa. Será isso em tempo bem mau. Anda por lá o cólera, — o inverno tem sido rigorosíssimo, a 30 de dezembro o termômetro marcou 2 graus abaixo de zero em Madri e em Paris, onde a 20 marcava 12 graus; não admira que descesse abaixo dos 15, nesse dia memorável. Na primeira invasão do cólera observou-se a mesma intensidade do frio. Parece pois que êle não terá de ceder; mas quem viu febre amarela está se ninando para outra qualquer pestilência.

Vês tu como têm feito admiráveis progressos as descobertas dos tempos modernos. Começaram as viagens para África — veio logo a bexiga, que já é uma pestezinha sofrível; veio a América, e logo o gálico, que pela sua parte fêz tropelias dos meus pecados — veio a Oceania — e o cólera ali está. De tôdas estas pestes juntas originou-se certamente o vômito negro. O que nos virá das explorações do pólo? Só se fôr o fim do mundo.

Pois antes que o mundo acabe, — antes que os russos o devorem como os ursos devoraram a Mr Criptógamo, vamos a Europa. Quando? — não sei bem — Como também não sei, — mas lá que vou, isso vou eu. O que me tem embaraçado é minha mulher que me parece sofrer alguma cousa do peito. Creio também que começo a pagar um pouco as minhas estravagâncias, mas de mim não se trata.

Vou a Europa, por que minha mulher pode ganhar com a viagem do alto-mar, com uma mudança pronta, completa e radical de clima.

Já falei ao Imperador, e vou: vou quero dizer que por êle não será a dúvida e que antes será dêle que me virão as facilidades.

Se fôr, é por dous anos ao menos corro a Europa, vejo a exposição de Paris, aprendo grego e se me sobrar tempo — *música!* também escrevo uns dois ou três volumes, e volto, se se me não oferecer outra cousa melhor. Dirás que é muito. Mas realmente tenho tanto que fazer, que me é preciso andar um pouco às carreiras.

É também possível que no fim dêsses dois anos se me proporcione, o que eu desejo, de oportunidade de ficar em algum país do meio-dia da Europa, mesmo em Lisboa que seja, onde até *faça fortuna*. É o homem casado que fala. Não terei filhos, e Deus me livre disso; mas terei muito a quem deixar assim possa eu adquirir muito.

Se ainda algum dia nos vemos e vivemos juntos em Lisboa, ou em qualquer outra parte! Tenho uma companheira para a tua Inesota e minha

afilhada: é uma cunhadinha viva, engraçada, bem criadinha, e da qual com um pouco de cuidado se poderá fazer alguma cousa, — pois [ilegível] Deus um rosto que não é feio, e um coração que não é mau.

Enfim deixemos para o próximo vapor os pormenores da minha viagem.

Se puder continuar, continuarei: no entanto e por cautela.

Muitas saudades do

Teu mano e Amigo do Coração
Glz Dias

8 de fevereiro de 1854

19 de Março

Tive de fazer uma viagem a Serra: demorei-me lá algum tempo; muito pouco para a minha saúde, — demais para a de minha mulher, que em vez de melhorar, peiorou. Voltamos por essa causa, — e também do paquete da Europa, que em chegando ao Rio, dá-me bem que fazer na minha Secretaria.

Nada te posso ainda dizer acêrca da minha viagem, que só poderei decidir nesta próxima 2ª-feira — isto é — no dia da saída do Paquete, — e *ainda assim* é *provável* que *fique alguma* cousa, e *talvez* o *mais* importante para mim por ajustar.

Por êste paquete parte o Antônio Henriques. — Bom e excelente môço, — que aproveitou o seu tempo, e me deixa saudades. Talvez a mais alguém também — a alguma inquieta deidade, — mas só falo de mim — e por mim. Não conheço a todos quantos primos tens, — mas dos que me lembro, daqueles com quem tratei, e sei que são teus primos — êsse é o melhor de todos êles.

Não sei se pensarás sempre assim, nem se o pensarás sempre: talvez não por que as duas famílias — dêle — e de tua mulher — não se dão muito bem. E em tais assados, um homem ou vê-se arrastado pelas saias, — ou sendo tratado como inimigo, não pode ficar franca e cordialmente amigo.

Quisera mandar-te a minha obra do Southey; mas adquiri-a em [ilegível], por me não ter vindo as que mandei buscar à Inglaterra; e como é possível que se desmanche a minha viagem receio de ficar sem êle.

Meu Mano — aqui está: chegou bom, e devo-te agradecimentos pela passagem que me arranjaste para êle. É estudioso e não lhe falta inteligência; mas meu sôgro, médico muito experiente e seguro, desconfia que êle sofre do coração: alguma hipertrofia, como tem a Maria Clara Quintanilha. Pobre môça! Sabes que ela consertou um pouco depois que chegou ao Rio — e deixou de ser a espalha-brasas que era.

Adeus — Muitos beijos no Ricardinho, Inesota e na minha afilhada; muitas e muitas saudades

do teu

Glz Dias

À propósito. É preciso que te resolvas a escrever-me, e que me digas a quem em Pernambuco poderei dirigir as cartas, ou o que eu tiver de te mandar da Europa. Acredita-me, meu Teófilo, por muito divertida que tenha de ser a minha digressão, por muito interêsse que dela me resulte — acredita que — de melhor vontade iria passar contigo um mês ou dois, ou menos do que isso, se o quisessem no teu Pixanuçu. Creio que me faria isso mais bem.

Ainda uma vez — adeus.

I.H.G.B.

85

Amigo Teófilo

Vou para Europa e parto no próximo paquete, qualquer que êle seja, exceto talvez se fôr da linha de Southampton: tenciono visitar Inglaterra e França, Bélgica, Holanda, Áustria e Prússia, Itália e Espanha, e algum tempo me demoro na volta, se voltar, em Portugal, onde agora na minha ida talvez fique um mês ou dois, três quando muito.

Estou muito doente, meu Teófilo! às vêzes me passa pela cabeça a fantasia do que posso fazer, e do que projeto fazer na Europa; mas, refletindo melhor, vejo que me é preciso ir dando de mão a êsses pensamentos. Nada farei talvez! Não importa isso, que só lastimarei o que tenho publicado, senão tinha de ver concluído o que eu meditava. Sinto-me fraco, abatido, sem energia, sem fôrça, e bem cansado já.

Minha mulher vai doente, e bastante; os médicos proibem-lhe entrar em carro; falta-lhe o mênstruo há 3 meses ou 4.

Um outro em quem eu e ela mais confiança temos, me disse que ela estava com tubérculos, e grávida. Grávida, creio que não; mas se estiver, teria ela êsses meses de Oratório, se a bondade de Deus não tivesse tornado mais suportável semilhante moléstia, iludindo a imaginação do enfêrmo. Em todo o caso está mal.

Quem te disser que estas moléstias não são contagiosas, mente. Sabes se sou bem constituído; já passei dos 30 anos, que é a idade crítica para essas enfermidades; a minha estatura mesmo é das que menos se presta ao contágio; pois há bastante tempo sofro do peito, — comecei a sofrer logo depois de casado, e sòmente apelo para a mudança de clima.

Meu sogro me tem iludido de um modo um pouco bárbaro, — e um pouco estupidamente também. Perguntei-lhe se minha mulher sofria do peito; disse-me que não; reiterou-me esta asserção por diferentes vêzes e sem que eu lho tivesse perguntado. No entanto o remédio que hoje lhe vou procurar na Europa, podia-o ter ido buscar mais cedo, e em tempo de porventura lhe poder aproveitar. E tanta confiança tinha nêle, e lhe mostrava que êle não devera abusar da minha boa fé! Dias antes, eu lhe tinha pedido com instância que me deixasse levar para Europa, uma filha *mais nova que êle tem, de seis anos de idade, para a fazer educar lá!* E depois de tudo, em atenção à minha mulher, contra a minha vontade, contra os meus projetos, — só para os ver satisfeitos, — instei com êle como não faria com o meu próprio pai, e consegui à fôrça de rogos e esforços que êle me acompanhasse com a sua família para Portugal ou Itália, fazendo-lhe eu tôdas as despesas de estada, enquanto lá nós demorássemos.

Quero acreditar que quando êle me encobriu o estado da filha, nada sabia; porque o cegava o amor de pai, e o desejo que êle pudesse ter de que ela vivesse; mas porque nenhuma só palavra tem soltado depois que o seu colega a examinou e conferenciou com êle? Queres saber por quê?

Receou o bom do homem que eu não me separasse da convivência da filha, como a prudência me aconselharia; no entanto, sei, há bastantes dias do seu estado, — há bastante meses: — há três ao menos que o desconfio; e vivo com ela sem resguardo algum, durmo na mesma cama, e *nenhuma só palavra tenho* dito que lhe possa dar a suspeitar alguma cousa, do que ela, a pobre môça, não tem culpa. Mas se não me importa morrer, é cousa que em supremo grau me irrita e indigna nas pessoas que comigo vivem, que em vez de atribuirem o meu procedimento para com elas a alguma bondade da minha parte, julguem que o conseguem, e que ùnicamente o devem — a artimanhas, a sagacidades ridículas, a espertezas de pobríssimos espíritos; — teias de aranha que eu romperia com um sôpro, se eu não estivesse tão aborrecido de tudo e de todos êles. Nem isso vale a pena.

Deixa-me escrever-te tudo, — e conversar largamente contigo, porque me transborda o coração.

Às vêzes, quando eu era ainda solteiro, sentia um sentimento de profunda tristeza, quando me via só; e considerava que estava a chegar ao meio-dia da vida — *aos 30 anos — e que morreria talvez sem que tivesse* uma mão amiga que me cerrasse os olhos. Tu estavas longe de mim.

No *Paraiso,* em um baile *campestre,* vi essa môça. Pálida, desfalecida, arrastando-se a custo, sem quase animação, quase sem vida, contrastava com o arruído, com a alegria do baile. Sou triste nessas reuniões: ao vê-la passar senti por ela uma piedade; uma comiseração inexprimíveis:

murmurei, sem o querer, irrefletida, espontâneamente o «Pallida mortis imago» de Horácio; e essas palavras não me puderam mais sair da lembrança em tôda essa noite; e vi-a muitas vêzes, porque ela procurava avistar-se comigo, que a não conhecia.

Ùltimamente me tenho recordado dessas palavras, como de um pressentimento. E não creiam nêles?! — Queres saber mais?

No dia em que me casei, pouco antes de sair de casa do Segundino, onde eu morava, inquieto por falta de um colete de casamento que me tardava de casa do alfaiate, nada podia fazer com o dessossêgo de espírito de quem vai dar um passo tão arriscado, e passeava na minha saleta, até que, enfim, deparei com um volume de Ducis e Chênier, da edição panteônica, de que em Pernambuco me tinha feito presente o nosso comprovinciano Marques Rodrigues. Quis ler para distrair-me, e por *casualidade* abri-o, e foi logo em uns versos feitos a *la Pallière* em que eu nunca dantes tinha reparado. Vê se *nesse acaso*, em que me parece descobrir hoje uma revelação, não há alguma cousa lá de cima. Dizem assim:

Ah! lorsqu'un jeune couple à l'autel se présente
Brillant d'attraits, d'amour, et d'espoir, et de fleurs
Et que l'anneau sacré d'un noeud qui les enchante
Va serrer les deux coeurs;

Pallière, à cet objet (car ce sort fut le nôtre)
Malgré moi je soupire, et je me dis tout bas:
Qui des deux doit survivre, et vêtir avant l'autre
Le linceul du trépas?

Hoje, relendo êsses versos, acho que Ducis fêz bem em acrescentar-lhes:

Oui, le triste avenir, si Dieu le cache au monde
C'est par pitié pour nous.

C'est de lui que nos biens et que nos maux nous viennent
Ses desseins sont couverts d'une profonde nuit.

E por fim remata:

Tout finit ici bas, et tout s'immortalise
Au delà du tombeau!

Ter-me-ia encontrado mais vêzes com ela; mas não reparei nisso. Enfim, apresentaram-ma em um baile. Natureza delicada, constituição frágil, eminentemente nervosa, excessivamente impressionável, — romântica com a leitura de poesias e romances, — com as contemplações de uma vida quase solitária, — com o excessivo abuso do chá, persuadia-se de boa-fé

que era um infortúnio vivo, o resumo de tôdas as dores da humanidade; nem que ela adivinhasse que para com ela o sentimento da comiseração era o que convinha fortalecer em minha alma.

Otelo diz de sua mulher, — que ela o amara a êle pelas suas desgraças; e êle a ela porque dêle se apiedava.

Creio que entre nós se trocaram as partes.

Compadeci-me: todos os esforços que era possível fazer para me agradar, ela os fêz: tôdas as considerações, tôdas as atenções, condescendências e extremos, eu os tive.

Ia para o Norte, e não me tinha despedido dela; o vapor voltou depois de ter largado, e foi preciso isso para que eu lhe fôsse dizer adeus. Fui para o Norte, e tive cartas dela; não lhe respondi, e ela, constante, em escrever-me: voltando, não a visitei, e ela continuou na sua porfia. Acreditarias que era amor? — ou não queria a pobre provinciana senão escrever às suas amigas: «Casei-me com um poeta», como se isso fôsse alguma cousa.

Outras razões, tu as sabes, me aconselharam que casasse: de mais, — era môça de educação, podíamos ser amigos; todos me falavam bem do pai, e eu acreditei que poderíamos ser amigos também. Casei-me resolvido a fazer, no que eu pudesse, a felicidade de minha mulher; — a sacrificar-lhe tudo, até os meus projetos, as minhas aspirações a um nome nas letras, só para vê-la satisfeita; até a minha vida, enfim, se ela não pudesse ser feliz comigo.

Disse-lhe isso, meu Teófilo; e seja-me Deus testemunha em como estava bem decidido a cumprir a minha promessa.

Para viver bem, tudo quanto um homem prudente pode nestes casos prever eu o executei: revelei-me a ela tal qual eu me conhecia: exagerei-lhe os meus defeitos, para que ela os não estranhasse; dei-lhe todos os dados para viver bem comigo, para conseguir tudo de mim, — e era isso bem fácil, quando eu nada lhe queria negar, e nem quero ainda. — Então por vontade, hoje um pouco por aborrecimento.

Sobretudo, disse-lhe eu, preciso de franqueza: aborreço o disfarce e o fingimento: em querendo alguma cousa diga: «Eu quero» — basta-me isso; nada lhe negarei, absolutamente nada.

Preciso também que V. suponha bem de mim; porque sabendo que é êsse o conceito que V. de mim faz, não quererei desmerecer.

Preciso enfim de tôda a sua confiança em tudo e por tudo; nunca abusei da confiança de ninguém (ao menos não me recordo disso) não abusarei também da sua.

Que fêz ela? — Principiou por me supor interesseiro. Julgou que alguma cousa que ela pudesse ter poderia influir na minha resolução: aumentou o número dos escravos do pai, ocultou-me a existência de um outro irmão, além da irmã: e, nota, nunca lhe havia perguntado pelos seus

teres, — não quis ouvir ao pai quando êle me começou a falar nisso, — e não sei o que dêle recebi, a não ser o enxoval da filha. Já não era supor bem de mim; não gostei, mas desculpei-a, atribuindo a desejo de ver seu marido.

Falo-te em bagatelas, porque são elas o que constituem a vida doméstica; e nisso se revela melhor o caráter.

Em agôsto do ano em que me casei, falava-lhe eu com pesar de já nos não podermos casar no dia dos meus anos. Perguntei-lhe, pois, quando fazia anos, a ver se seria possível então. Disse-me já os ter feito, quando ela nasceu em outubro, e lembrou-me o dia dos anos do pai — a 26 de setembro! Se queria casar-se mais cedo, não bastava dize-lo? Não o tomaria eu como uma demonstração de amor? — Era, pois, um hábito, que lhe não pude tirar de querer conseguir as cousas, não francamente, mas por meio de finuras e espertezas.

Depois de casada, alterou-se-lhe o gênio, se é que já não era o comêço da moléstia, que se vai manifestando agora. Julgou-me por si, entendeu que os meus conselhos eram artifícios, que lhe pedia confiança por astúcia; — que a queria fazer tola, quando ela campava de esperta.

Calo-te as ninherias, — um formigueiro de *coisinhas*, não tem outro nome, que me têm atormentado mais do que uma qualidade má, um vício, um defeito, grande, enorme, mas que fôsse um, e franco. Quando se sabe onde alguém tem chaga, não se lhe toca, e não há queixa; mas quando todo o corpo dói, todo o contato ofende.

Minha mulher crê no fundo d'alma, com a melhor boa-fé do mundo, que não tem defeitos. É êsse o pior de todos os defeitos, diz Byron: eu vou além, — êsse é o pai e a mãe de todos êles. Em tese, ela poderá admitir que não há ninguém que os não tenha; mas particulariza, especifica-os a respeito dela, — desaparecem todos! — não digo bem, convertem-se em outras tantas virtudes; por exemplo, a teima chama-se caráter, — a vaidade e o orgulho e um pouco de soberbia, isso é dignidade, — o ânimo suspeitoso e desconfiado é penetração — e a irreflexão e desaforo nas palavras é franqueza!

Trato só do que foi grande infelicidade para ambos.

A minha vida tem sido em casa, — e em casa mesmo é no meu quarto com os meus livros. Minha mulher começou a suspeitar de tudo, a ter ciúmes tolos e ridículos de tôdas as escravas estuporadas de seu pai, quando de fato nem o meu procedimento, nem os meus modos em casa a autorizavam a isso. Aborreço a espionagem e a desconfiança: disse-lhe sério, e contudo dei-lhe um ano para que visse, espreitasse e examinasse, e espiasse à sua vontade; mas que, findo êle, acabasse também; porque nem eu sabia viver com ciúmes, nem queria aprender como passa a vida fora de casa. Assim

passei um ano, tão longo e cheio de tormentos como os não tenho tido em minha vida, nem Deus mo dê mais. Dia ou noite, em cada ato meu, em qualquer teia de aranha que o vento desarranjava descobria minha mulher uma traição.

Disse-lhe que governasse a sua casa como entendesse; despedisse a quem lhe desagradasse, chamasse para a servir a quem lhe conviesse; que a isso eu nada tinha que dizer. Sòmente lhe pus uma condição: — fizesse tudo isso, mas sem me tocar em ninguém com um dedo que fôsse por minha causa; porque isso — e só isso — lhe não tolerava.

Passei êsse ano no meio de uma desconfiança eterna; via a cada hora minha mulher a interromper-me nos meus trabalhos, espiando-me (ao menos nunca pude supor outra cousa) a pretexto de me render serviços, sempre cheia de suspeitas, — e revelando-as nos modos, no olhar, nos gestos e em tudo, — em casa, e fora, diante de Deus e de todos: e além de tudo, contrariando o meu teor de vida, o meu modo de pensar de que não é decente nem de boa educação ocupar a atenção de estranhos com desgostos particulares, e contando, suponho, com a minha discrição — dava a entender, e dá ainda, ao primeiro que a quer ouvir, — homem ou mulher — onde quer que seja — as suas infelicidades, devidas só a ser ela o modêlo das casadas, e eu o pior dos homens. A isso chama ela franqueza! Suportei-o; mas a bem custo. Em todo êsse tempo nada pude escrever de imaginação, — estudar muito pouco, — porque a mim, que sempre antes disso tinha achado uma distração no estudo, um esquecimento de tudo quanto me incomodava, aconteceu-me um sem número de vêzes estar olhando estùpidamente para o papel ou livro, sem me ocorrer idéia alguma, sem compreender o que lia.

Alguma cousa me desagrada: concentro, rumino essa idéia, fica-me uma impressão desagradável por muito tempo; antes que isso passasse vinha logo um nôvo objeto de quizilia, que eu curtia silenciosamente. É misericórdia uma boa punhalada, logo de uma vez, profunda, direta ao coração, em vez do martírio lento de uma carta de alfinêtes, que se sentem por todo o corpo, constantemente, ainda que arranhem só, sem fazer sangue.

Queres saber? Suspeita que os seus incômodos — sou eu que lhos comunico, — que a envenenam, e eu tolero e encubro o crime, — que a quero levar para a Europa para a maltratar por lá! Enfim, como seu pai me deu razão uma vez (tratava-se de uns pós de dentes, que ela chamava veneno) disse: — que eu tinha ganhado fama... querendo sem dúvida acrescentar que era para cometer depois tôda a casta de malvadeza.

Que farias tu?

Alguns motivos de queixa me parece que tenho de meu sogro: graves ou fúteis, —pouco importa isso, quando não há necessidade de que uma pessoa viva constrangida; mas minha mulher, se eu lhos dissesse, entenderia que era isso por vontade de contradizê-la e de afligi-la.

Por fim deixei-me vencer pelo tédio e aborrecimento de tudo quanto me cercava. Esperava sòmente, e esperava como uma grande felicidade, o momento em que os médicos me dissessem: V. não pode mais viver!

Então estava resolvido: metia-me eu só no vapor, ia para o Maranhão, rever o teu Mearim, e acabar ao menos entre amigos, sem maldizer a ninguém.

Isso, porém, demorou-se muito, — demorar-se-ia ainda muito mais; porque nem o bem, nem o mal, nem a morte vêm quando a gente os deseja.

Vamos à Europa, pensei eu: ali talvez possa fazer alguma cousa, — conseguirei talvez que minha mulher aprenda a viver comigo, quando estiver fora dos seus! Para não lhe tornar muito sensível a separação, pretendia, como pretendo, levar-lhe a irmã que ela criou. Não a satisfez isso. Além disso percebi então a sua suspeita de que eu a queria levar para a Europa com a intenção de a maltratar por lá! Instei e muito, com meu sogro, para que êle nos acompanhasse. Meu sogro também não pode ir só: tem em sua companhia, ou antes na nossa, uma rapariga que passa por sua afilhada. Vexo-me de que minha mulher a acompanhe na rua; minha mulher é filha de seu pai, que para ela é tudo, — entende, e entende muito bem, que pai na vida é um, e marido vem um atrás do outro: não o quis desagradar, embora descontente e me escandalize a mim.

Como meu sogro não pode ir sem essa rapariga, — vá a rapariga também! Não o consentiria se achasse mais condescendência em minha mulher; ou antes não o permitiria, se eu a não considerasse hoje como uma mulher com que posso ter relações, mas que no fundo d'alma deixou de pertencer-me.

Assim, pois, não posso viver com ela sem torcê-la: seria cousa fácil, trabalho de um mês quando muito; mas não o quero nem posso, porque para isso seria preciso empregar meios que repugnam ao meu gênio e à minha educação; porque ela está doente; porque, enfim, não vale isso a pena. Se eu não a ofendendo, nada lhe recusando, não a desejando senão ver satisfeita, — não lhe tendo pedido senão que não abandonasse o seu piano (o que de nada serviu) ainda assim acha ela motivos, para, indiretamente, a todos os momentos, na presença de quem quer que seja, e onde estiver, equiparar-me aos que ela reputa maus ou contrapor-me aos que ela julga bons, vê o que seria se eu mudasse de teor para com ela! — Não vale isso a pena.

O pai prometeu ir ter a Lisboa comigo. Espero-o dois ou três meses, — por mais tempo não posso. Em êle lá chegando entrego-lhe a filha, dou-lhes quanto puder, — digo-lhes adeus, — um longo adeus, — e parto. Terei diante de mim dois ou três anos; preciso dêles, — posso fazer alguma cousa, posso morrer também, mas ao menos terei a consolação de os não

ter separado nunca, — e morrerei como devera ter vivido, — solitário, e por ventura tranqüilo. Não fim dêsse tempo voltarão, mas sem mim: sejam felizes, — não lhes desejo mal.

Se êle não fôr, o que farei é levá-la para França ou Itália: hei de envidar todos os esforços e esmerar-me por tratá-la bem; empregarei todos os sacrifícios, todos os meios para vê-la boa. Conseguindo isto, voltará ela sem mim ou eu estarei louco. Restituo a filha a seu pai só com a diferença que a recebi doente e entregar-lha-ei com saúde. Não quero a infelicidade de ninguém: seja feliz; e a nossa sociedade, como está, só oferece um meio de se romper o casamento sem escândalo.

Não deveria escrever esta carta; mas parte disso que aí vai escrito, disse-o há dois dias ao Segundino e D. Vitória, não o quero esconder de ti; depois, com a certeza de que sabes, quanto sofro, talvez me venha o ânimo de continuar a sofrer ainda mais.

Ainda te escreverei talvez antes da minha partida; no entanto aceita um abraço de coração e muitas saudades do sempre e cada vez mais.

Teu mano e amigo do Coração

A. Gonçalves Dias.

Rio, 19 de maio de 1854.

B.N.

86

Meu Senhor [D. Pedro II] *

Acho-me em Portugal desde o dia 10 do mês último, ainda que só desembarcamos no dia 17 à noite por causa da quarentena que nos deram.

Desejoso de entregar imediatamente as cartas de que a benevolência de V.M.I. me fizera portador, tive de confiar uma delas ao Sr. Maciel Monteiro, a da Augusta Mãe de V.M., que passa o verão fora de Lisboa e só dará audiência na sua volta. A outra com o volume que vinha para S.M. El-rei Regente, entreguei-a eu em mão própria. S.M. recebeu-me com a benignidade que era de esperar à vista da carta com que V.M. me havia honrado de modo tão particular. Assim, não antevejo embaraço algum nos trabalhos que tenho de fazer em Portugal.

O Sr. A. Herculano se acha no Pôrto a visitar os arquivos daquela cidade, tendo deixado por despedida o primeiro volume de uma obra histórica, *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*: acho-lhe o estilo claro e fácil, ainda que não tão pomposo como de costume, — e não lânguido, frouxo, como querem alguns.

(*) *In* Anuário do Museu Imperial — 1950.

O Sr. Castilho procurou-me logo na minha chegada, — e como êle não pensa, não vive, nem se sustenta senão da sua «leitura repentina», ficou muito satisfeito com o pedido que lhe fiz, como curioso, de visitar algumas escolas do seu método. Creio que fiquei valendo milhões de vêzes mais no seu conceito. Tenho já visitado algumas destas escolas, — o método parece-me bom; contudo o seu autor quer, à sombra dêle, fazer passar a sua ortografia de pronúncia, a qual, como êle é cego, e não está por tanto habituado à palavra escrita, — representa-se-lhe como a cousa mais simples, natural e corrente dêste mundo.

Pretende, disse-me êle, partir para o Rio em dezembro dêste ano. Aproveitará sem dúvida para o fim a que vai; mas por outro lado o homem é insofrido de objeções, e essas tenha êle certo que as vai encontrar aí — mais ou menos fundadas.

Por ora além das minhas visitas às escolas do método Castilho, tenho estudado a organização da aula de comércio de Lisboa. Vou um pouco lentamente por estar agora aquêle estabelecimento em férias, e não ter eu ainda recebido a autorização que por intermédio do Ministro do Brasil pedi ao dêste Reino dias depois da minha chegada. Para estas delongas, mas em outros casos, me servirá de muito a introdução que V.M.I. se serviu dar-me junto a El-Rei. Costumam a ser mais expeditos aquêles que tendo graves e sérias ocupações diárias, não carecem de parecer mais ocupados do que são.

Meu Senhor, — minha mulher que se acha alguma cousa melhor depois que desembarcou, e que, espero em Deus, deverá a V.M. o seu completo restabelecimento, — e eu — rogamos a Deus a continuação da preciosa saúde da Família Imperial e de V.M., a quem beijamos as Augustas Mãos penetrados do mais profundo reconhecimento.

De V.M.I.

súdito hum.o e obr.mo servo

Antônio Gonçalves Dias.

Lisboa, 2 de agôsto de 1854.

M.I.

5 de setembro de 1854

87

Meu Senhor [D. Pedro II]

O paquete que ùltimamente aqui chegou procedente do Rio trouxe-nos a desagradável notícia de se haver alterado a preciosa saúde de V.M.I. Felizmente já se haviam manifestado melhoras, e confio em Deus que as terá continuado. Muito carece o Brasil de V.M.; e a Providência, que

tão liberal tem sido para conosco, não haverá de cortar em flor as bem fundadas esperanças de todos nós, que amamos de coração a Augusta Pessoa de V.M.I. e a prosperidade do Brasil.

Solicito ainda alguns momentos da Benignidade de V.M.

Dos trabalhos que o Sr. Pedreira de mim exigiu em Lisboa, tenho concluídos os menos importantes, porém os mais urgentes pelas circunstâncias. Acêrca da Aula do Comércio de Lisboa, remeto agora a S. Ex.ª uma breve informação acompanhada dos estatutos da escola, e leis respectivas, mas o estado pouco lisongeiro do estabelecimento não é para que dêle se possa aproveitar muito.

Visitei algumas aulas do Sr. Castilho, estudei mais o seu método, vi-o praticado sob a sua inspeção, e remeto igualmente a S. Ex.ª as 3 edições que tem aparecido do Compêndio, enquanto espero alguns esclarecimentos para poder passar a limpo a minha informação. O método parece-me digno das honras da experiência. Passo também a S. Ex.ª duas amostras de papel-vidro, destinado para os exercícios de escrita, que o Sr. Castilho procura introduzir em Portugal. Talvez haja economia em os admitir nas escolas supridas pelo Govêrno.

A segunda parte da minha comissão em Portugal promete uma colheita abundante além de tôda a expectação. Os Srs. Varnhagen e Amaral pouco fizeram, e quase nada podiam fazer por dois motivos, — não se dedicarem exclusivamente a êstes trabalhos que só se podem vencer com tempo e paciência, — e ambos eram empregados na Legação — e depois porque não tinham recursos à sua disposição. No entanto é isso da maior urgência para o Brasil, porque, além de se irem arruinando êsses papéis, não será nôvo em Portugal passarem papéis da maior importância às mãos dos inglêses, que os pagam bem.

O imenso arquivo do antigo Conselho Ultramarino está depositado no Palácio da Ajuda; e a coleção dos mapas que nos dizem respeito é riquíssima. Desejei visitá-lo, mas dificultava-se-me o exame na ausência do Sr. Herculano.

Os papéis dos Jesuítas foram trasladados da Tôrre do Tombo para a Secretaria do Reino. O Arquivista do Tombo disse-me que são muitos, e muito importantes. É de crer que assim seja; mas não o posso dizer por mim, por não ter ainda recebido a ordem, que espero todos os dias, para entrar nesta Secretaria.

Não tratando da Tôrre do Tombo, a Biblioteca de Évora é um tesouro para o Brasil. O seu Bibliotecário, o deputado Rivara, diz-me que são de boa letra e estão em ótimo estado. O que há neste Arquivo acêrca dos Jesuítas no Maranhão e Pará, me tem animado a prosseguir na minha projetada História da Companhia para o que já tinha tomado largos apontamentos.

Como não desejo perder muito tempo, tencionava começar já com as cópias.

A quantia que me foi arbitrada para êstes e outros trabalhos pelo Sr. Pedreira, é pequena, mas suficiente, enquanto me não ocupo exclusivamente disso. Posso sacar em cada semestre 800$000 rs. da nossa moeda sôbre a Secretaría do Império. Ajustarei amanuense, não por mês, mas um tanto por caderno de papel. O Sr. Rivara promete-me um bom Amanuense em Évora, e tem a bondade de o guiar na minha ausência, segundo as minhas instruções. Em Lisboa tenho outro que não é mau. O Dr. Clemente, que V.M. conhece, presta-se a auxiliar-me nesta parte; e eu tenciono encarregá-lo aqui de fazer bom o pagamento, segundo as cópias que fôr recebendo. Assim, enquanto eu me ocupo na Europa com outros trabalhos, progridem as cópias a cargo de dois amanuenses efetivos. Calculo que poderá cada um dêles preparar 30 cadernos por mês. Em tendo prontos 20 ou 30 volumes, venho a Portugal para os conferir e expedi-los.

A dificuldade que me aparece é que não podendo eu realizar os saques senão de 6 em 6 meses, e não me tendo entendido com o Sr. Ministro do Império, se o podia fazer no princípio de cada semestre, como me parece que devia ser, tenho por mais seguro esperar o fim do semestre para dar ordem ao comêço do trabalho.

Tudo isto porém depende de licença do Govêrno português, que ainda não pude obter. O Sr. Maciel encarregou-se disso, mas se o não puder conseguir com a brevidade que desejo, irei a Sintra falar com El-Rei, que ali se acha atualmente.

Faço votos pelo completo restabelecimento de V.M.I., cujas Augustas Mãos eu e minha Senhora beijamos respeitosos bem como As de S. M. A. I. e S.S. A.A.I.I.

De V.M.I.
humilíssimo súdito
Antônio Glz. Dias.

Lisboa, 5 de setembro de 1854.

M.I.

88

Amigo A. Henriques

Paris R. de la Ferme des Mathurins 25. — 1 de novembro de 1854

Recebi uma tua cartinha em Lisboa, na qual me pedias uma coleção dos jornais que tivessem tratado da minha importante pessoa por ocasião da minha chegada. Sei que todos, mais ou menos disseram alguma cousa a êsse respeito; tu porém conheces-me bastante para me acreditares quando te digo que não li nenhum: por êsse motivo não tos pude remeter.

Estou em Paris — nada tenho visto por ora; porque tenho levado todo o tempo em procurar e arranjar casas para os nossos quartéis de Inverno. Casas-te, mandaste-me dizer. Provàvelmente não tens que fazer, e é isso uma mudança como qualquer outra. Mas se é fôrça que mudes de estado, por que te não vais lançar a afogar no Bacanga. A *Gentleman* faria isso no teu caso, e eu começo a reputar os *batati* fagos bretões como pessoas de muito bom senso. Não conheço a tua noiva, — nem de nome, nem de família; porque mo não disseste: isto me servirá de desculpa.

Vamos adiante. Deixei em Lisboa (o nosso Patrício Dr. Clemente) encarregado de receber e pagar as cópias dos manuscritos importantes para o Brasil, — para o que lá deixei dois amanuenses efetivos, um [em] Évora, outro em Lisboa. Ora sòmente em Évora haverá umas 50 resmas de manuscritos que dizem respeito ao Maranhão. Escreverei, se tiver tempo, para saber se o Presidente quer também que se extraiam cópias para a Província. Se não quiser, pior para ela. — Acresce que o Arquivo do Antigo Conselho Ultramarino é igualmente rico em manuscritos relativos ao Maranhão. — Consegui licença do Govêrno português para essas cópias, que sairão mais baratas tiradas em Lisboa do que em qualquer outra parte — Veremos o que o homem diz.

Aqui tenciono ficar até a exposição, — e depois faço ablativo de viagem para — ... não sei onde.

Adeus muitas saudades do

Teu amigo do Coração

G. *Dias*.

I.H.G.B.

89

Meu Senhor [D. Pedro II]

Tencionava deixar minha senhora durante o inverno em Nápoles, cujo clima lhe seria mais proveitoso; mas constou estar então o cólera nos portos do Mediterrâneo: por outro lado minha senhora não deseja separar-se de mim na sua gravidez, cujo têrmo se aproxima, — e meu sogro mesmo, conhecendo os inconvenientes da sua estada em Paris durante tal estação, atendia aos meios que aqui encontraríamos de os combater, à facilidade de consultarmos bons professôres, e julgava ser isso o que, apesar de tudo, mais convinha.

Parti pois diretamente para França, e cheguei, há 15 dias, a Paris, não tendo podido até agora apresentar a V.M.I. as minhas humildes homenagens, pelos muitos incômodos que perseguem a quem pela primeira vez chega a um país, e viaja com mulher que não goza da melhor saúde.

A parte da comissão que eu em Portugal tinha mais a peito de levar ao cabo — a cópia dos Manuscritos e documentos importantes para o

Brasil — creio que a arranjei satisfatòriamente, graças à Carta de V.M.I., e, por amor dela, à intervenção d'El-Rei Regente de Portugal.

No fim de dois meses de espera, e apenas oito dias antes da minha saída daquele Reino, como até então nada tivesse podido obter definitivamente, fui despedir-me e beijar as mãos a El-Rei, que se achava em Sintra, — e escolhi hora em que Êle estivesse menos ocupado, antes da audiência dos Ministros, que era no mesmo dia. Falei-lhe e despedi-me: Como era de prever, e o que eu esperava, perguntou-me S.M. se os meus afazeres em Portugal estavam concluídos. Respondi o que era verdade, elogiando, pelo que me dizia respeito, os seus ministros, mas enfim El-Rei me via embaraçado por não saber como comunicar a V.M.I. que nada tinha feito, quanto a uma parte da minha comissão, — de sumo interêsse para o Brasil, e mesmo de alguma significação para V.M. — Haveria um meio que me livraria dêsse apuro: era permitir-me El-Rei que eu me dirigisse em pessoa aos seus ministros, e tratasse dêsse negócio particularmente, ao menos tanto-quanto fôsse isso possível com a intervenção de S.M., se se dignasse dar a êsse respeito alguma palavra, que era, no meu entender, quanto bastaria.

Disse-me benèvolamente que faria o que de si dependesse.

No dia seguinte apresentei-me, em Lisboa, aos dois Ministros — o Sr. Gervis — de quem dependia o Arquivo do antigo Conselho Ultramarino, — e o Sr. Rodrigo da Fonseca a cuja repartição pertencia a Biblioteca de Évora, Tôrre do Tombo, Secretaria do Reino etc. — Estava tudo aplanado, — e as ordens foram expedidas no sentido da minha requisição, que foi bem ampla.

A dificuldade estava só na pessoa a quem eu deixaria incumbido êsse trabalho, porque aparecia dúvida em se dar uma ordem tão ampla, como eu a pedia, a pessoa desconhecida. Nisso já tinha eu pensado, pois tinha de retirar-me de Lisboa. Antes de apresentar-me aos Ministros, e logo à minha chegada, tinha procurado os chefes das Repartições com quem eu me acharia em contato nos meus trabalhos, — com êles me tinha entendido, e estávamos na melhor harmonia. O Dr. Clemente, brasileiro, advogado em Lisboa, que V.M. ao menos de nome, conhece, pessoa que tomou a peito auxiliar-me foi a quem eu apresentei, e que particularmente conhecido de alguns dos Ministros daquele Gabinete, não era de supor que fôsse recusado. De fato foi aceito.

O deputado Rivara, autor do catálogo dos Manuscritos da Biblioteca de Évora, com quem eu me tinha procurado relacionar em Lisboa, prometeu-me o seu auxílio, e dar-me um Amanuense em Évora, pessoa de sua confiança, de modo que ainda na sua ausência, êsses trabalhos não sofressem interrupção. Êsse amanuense, com ótima letra e copista de profissão, pedia 40 réis por página de 35 linhas. Aceitei-o.

Tomei outro em Lisboa com o mesmo ajuste de se lhe pagar um tanto por cada caderno escrito, de forma que me facilitasse as minhas contas, e tivesse ao mesmo tempo todo o interêsse em trabalhar muito.

O Dr. Clemente me escreveu de Lisboa que achando conveniente tirarem-se cópias de alguns Manuscritos que se acham temporàriamente na Secretaria do Reino, tomara por enquanto outro amanuense. Deixei-lhe dos meus ordenados com que ir fazendo face a estas despesas enquanto eu não saco, como tenho ordem, sôbre o Ministério do Império pela quantia de que para êsses e outros objetos posso dispor. É pequena a soma para a imensa quantidade de papéis de interêsse para o Brasil que existe em Portugal; contudo não pretendo requerer aumento algum antes de fazer remessas que sirvam para justificar o pedido, — e essas remessas não podem ser feitas antes de serem conferidas por mim.

Na primeira ocasião pretendo remeter a V.M.I. uma relação das cópias que se estão extraindo em Portugal.

Vinha também com projeto de fazer extrair uma cópia da obra do Padre d'Evreux, que existe na Biblioteca de S. Genoveva, mas tendo-me o Sr. Ferdinand Denis asseverado que isso se está fazendo para V.M. — deixei-me dessa idéia pela dificuldade que eu teria de obter idêntica permissão.

Apesar de ter sido por demais extenso, devo ainda acrescentar que existe em Portugal um curioso Manuscrito — a coleção de assinaturas e fac-similes dos Srs. Reis, Rainhas e Infantes de Portugal desde o comêço da Monarquia, — e os dos Ministros e Secretários de Estado desde certa época: obra que segundo atesta o Bibliotecário da Tôrre do Tombo é de uma acabada perfeição. Há outra do Abade Castro (creio eu) mas imperfeita, por ter o seu autor omitido algumas assinaturas, e reduzido as proporções de outras.

O Conselheiro Dique da Fonseca, autor desta obra, tentou imprimi-la e publicou uns prospectos, de que pude alcançar alguns; mas falhou a tentativa por falta de assinaturas suficientes, e a obra se conserva manuscrita em poder do autor, que não sabe o que há de fazer dela, nem a quer vender a particulares, com o receio de que para o futuro se apropriem do seu trabalho.

Permita-me V.M. beijar com todo o maior acatamento as Augustas Mãos de V.M.I.

De V.M.I.

humilíssimo súdito

Antônio Glz. Dias.

Paris, 6 de novembro de 1854.

M.I.

90

Meu Senhor [D. Pedro II]

Meu Senhor
Há algum tempo já, que me não tenho dirigido a V.M.I., sendo essa uma honra que eu devidamente aprecio e da qual me aproveito sempre que o posso sem muito grande receio de ir, sem motivo, distrair a V.M. de sérias e graves ocupações.

Nada porém no desempenho da minha comissão me tem parecido digno de ser levado a Augusta Presença de V.M. — O estado de minha Senhora, que ao princípio aparentou algumas melhoras, vai passando por contínuas alternativas que me não tem deixado o espírito muito livre para trabalhos de espírito, quando também a minha saúde não tem sido das melhores. Contudo, fora do objeto da minha comissão, tenho retocado quase todo o primeiro volume da minha tradução de Southey — copiado e alterado em muitas partes o trabalho apresentado ao Instituto sôbre os indígenas da Oceania e Brasil, que espero remeter dentro em pouco, — e enfim — pôsto por ordem os apontamentos que tomei para uma história dos Jesuítas no Brasil. Creio que vou levar à execução êste projeto.

O Sr. Ministro do Império me tinha ordenado que estudasse o método — Castilho nos seus resultados práticos, e à julgá-lo bom, visse as condições com que algum dos professôres — alunos dêste método se proporia a vir ensaiá-lo no Brasil. Visitei tôdas as escolas destas existentes em Lisboa na companhia do próprio Sr. Castilho, — pareceu-me vantajoso o método; mas não me abri com o Sr. Castilho por ter-lhe ouvido, e lido nos jornais que êle se propunha a ir em pessoa ao Rio para plantar o seu método. Infelizmente, foi desta vez como das outras em que aquêle Sr. parece ter tentado essa viagem; não tendo eu cumprido no todo essa parte das minhas Instruções.

Outras circunstâncias, muito mais urgentes me persuadem ser conveniente a minha volta a Portugal. No que era relativo a coleção de documentos históricos, mandou-me o mesmo Sr. Ministro que tivesse muito em vista os da Biblioteca d'Évora. Depois de ter obtido à custo, e, como a V.M. tive a honra de comunicar, só por intermédio d'El-Rei Regente, a permissão para os fazer extrair, contava de seguro com a coadjuvação do Bibliotecário de Évora, que ma oferecera: tomei ali um amanuense, — fiz uma relação do que se devera ir copiando, — deixei ordens para o pagamento delas e uma pessoa, o Dr. Clemente, para as receber e guardar, mas há mais de três meses que nada sei de Évora, e as notícias que tenho de Lisboa, onde deixei outro amanuense não me satisfazem por pouco circunstanciadas. Lembra-me porém que alguns Ministros de Portugal mostraram tal ou qual dificuldade em me darem a permissão que eu pedia, fundando-se em não

saberem se lhes mereceria confiança a pessoa que eu deixasse encarregado de fazer as minhas vêzes; e ainda que me tenham aceitado o Dr. Clemente, entro em apreensões de que êste Sr. que vive em Lisboa há muitos anos, se não tenha sabido libertar de desafeições políticas, —ou que o Govêrno português dê pouca atenção a êste negócio, julgando-o pouco importante para o Brasil, pois que eu o confio a outro.

Ora, vendo que desta forma não me é possível, como eu me lisongeava, levar de frente as duas comissões de que me acho encarregado, — roubando-me imenso tempo a correspondência que para êste fim sustento com três ou quatro pessoas em Portugal, — respondendo também pela exatidão das cópias, e pelo emprêgo da quantia que o Govêrno de V.M. me confia, (ainda que até agora tenha gasto do meu) parece-me conveniente aproveitar a boa vontade, tanto do Govêrno português, como dos empregados superiores com que já me acho relacionado, e fazer extrair essas cópias quanto antes para acautelar extravios que possam haver; e já tem havido não pequenos. Resolvo-me pois a partir neste mês para ocupar-me dêsse trabalho; pois em sumo grau vexaria ser o terceiro nomeado para isso, e não o deixar por uma vez concluído. É o que nesta ocasião comunico ao Sr. Ministro do Império, pedindo-lhe a sua aprovação.

Não é por prazer, meu Senhor, que aquêle que pode visitar e aprender alguma cousa em outros países da Europa se retira a Portugal, e vai clausurar-se em Évora, como eu pretendo fazer. De certo que a não ser grande desejo de cumprir com esta parte da minha Comissão, — assim como com a outra, se me fôr possível, — não poderia sair de França deixando minha mulher em um estado, que não é isento de cuidados. Ela aqui poderá tratar-se e restabelecer-se, enquanto eu, cumprindo as orden[s] do Govêrno, poderei talvez ir-me ocupando ao mesmo tempo de trabalhos pròpriamente meus, que me descansam dos outros.

Foi sòmente depois que tomei esta resolução, já neste mês, que ousei aproveitar-me da autorização do Govêrno de V.M. para sacar sôbre o Ministério do Império pela soma de 800$ fracos destinados semestralmente para aquêles trabalhos; mas não encontrando aqui quem me aceitasse o saque para o Rio senão muito desfavoràvelmente, acudiu-me o nosso Ministro em Londres, que à vista da ordem de que sou portador, facilitou-me essa transação, aceitando o saque de 85 libras sôbre a sua Legação por conta da Repartição do Império.

Em tudo, meu Senhor, mas nisto em particular desejaria merecer a aprovação de V.M. — Não posso cumprir cabalmente com obrigações que exigem a minha presença em lugares diferentes, — e esta parte da minha comissão me parece a mais importante, ainda que o desejo de ver países que não conheço me poderia levar a visitá-los com preferência a tudo o mais, estudando ali alguns problemas de Instrução Pública. Aquêles

papéis podem desaparecer, e a sua perda é irreparável: a instrução pública, pelo contrário, se não ganha, também não perde em ser estudada mais tarde.

Faço os mais sinceros votos pela saúde da Família Imperial, e pela conservação da Augusta Pessoa de V.M. A Quem beija humildemente as mãos

o súdito dedicado e respeitoso

Antônio Gonçalves Dias.

Paris, 7 de março de 1855.

M.I.

91

Olímpia

Recebi, chegando a Lisboa, a carta que V. me escreveu para Londres: essa era a que eu desejaria ter recebido em Southampton, pela notícia que V. me dá de que a Clotilde se dispensa de acompanhá-la. V. enjoa, não pode vir sem criada; faça pois todo o possível por trazer alguma, quando não seja senão para a viagem. V. não pode andar em caminhos de ferro, em vapores, embarcar, e desembarcar com uma criança ao colo. Talvez a Agostinha queira vir; se não quiser, talvez no Asilo encontre alguma; — como quer que seja, se V. pensar um pouco, verá que não pode eximir-se de trazê-la.

Estimei saber que V. continua a passar sem novidade, que a menina vai boa, e a Mariquinhas também: dê-lhe muitas e muitas lembranças e beijos — e recomende-lhe da minha parte que se porte bem no mar, que venha à cima da tolda com V., ou com a criada, e nunca sòzinha, — ou então que tenha muita cautela, porque, se cair n'água nunca mais me ha de tornar a ver.

Tôda a gente do Dr. Clemente manda-lhe saudades.

Diga ao Odorico que estou tomando informações sôbre os preços de Lisboa, e espero remeter-lhos na primeira ocasião.

Adeus. Muitas lembranças do

S. *Glz. Dias*

Lisboa, 24 de abril de 1855.

Esquecia-me dizer-lhe, ou antes parecia-me ter-lhe dito lá — que no mês de abril não há paquete algum, nem de Nantes, nem de outro pôrto de França para Portugal. O primeiro que haverá será o de Ruão; e quando êsse não possa efetuar a sua viagem no dia 5, como está marcado, ainda valerá a pena esperar-se 4 ou 5 dias mais, para vir nêle.

B.N.

92

Lisboa, 12 de maio de 1855

Olímpia [Coriolana da Costa] *

Parte hoje o *Isabel* para Ruão. Não sei que dias êle terá de demora; não sei se V. poderá vir nêle. Se fôsse possível seria bom. Concebo que seu pai, visto ter ido à França, se queira demorar mais tempo, e tem razão; porque eu faria o mesmo. Mas para V. — mesmo vindo só, é tão cômoda ou parece-me que deverá ser a viagem, que julgo não a deve fazer só no caso de que seu pai mostre alguma dificuldade em a deixar vir sem êle. Assim não teria V. incômodos de procurar casa; porque, segundo me disse a proprietária, essa em que está acha-se alugada para o princípio de junho. Quando seu pai quisesse vir tomava qualquer outro vapor, — o de Inglaterra, por exemplo, — viagem que V. se arrependeria de fazer; e tanto o penso, que para V. a não fazer, estimaria mais, ou antes sentiria menos que se demorasse mais um ou dois meses, à espera do de Nantes, ou que o *Isabel* faça nova viagem.

Mas já lhe digo, — faça V. o que entender, resolva como lhe parecer melhor.

Como porém é bom prevenir, no caso de vir V. só tome o dinheiro que lhe fôr preciso para a passagem, e algumas libras mais de precaução; e o resto dê a seu pai; e cá tomaremos medidas para qu'êle não sofra faltas.

Agora, se seu pai quiser vir sem ver Paris, se a quiser acompanhar por formalidade; se não julgar como estou persuadido que êle ficando só, passa melhor, e vê mais de Paris em oito dias do que em dois meses com família —não careço de lhe dizer que a deixo inteiramente livre de fazer o que lhe parecer melhor.

Abra as cartas que me chegarem do Brasil, — mas ainda que se demore, não é preciso mandá-las. Digo que as abra, para que quando vier não haja na alfândega algum embaraço: Quero ver se mando por êste paquete ao Odorico alguma notícia [sic] das ocorrências da terra; mas faltam-me ainda algumas informações que só posso ter amanhã.

Escrevo a seu pai, que já deverá estar em Paris, quando V. receber esta; mas não lhe falo na sua viagem, porque não sei o que V. resolverá. Se sim, pode mostrar-lhe esta carta. Adeus, mil beijos à nossa filhinha.

A.G.

93

Mano e amigo do Coração [Teófilo]

A última carta que recebi tua, quero dizer, a primeira depois que estou na Europa, foi a que me trouxe o Sá que vai a entrar por êstes dias em

---

(*) *In* Almanaque Brasileiro Garnier, 1910, págs. 170/1. Olímpia Coriolana da Costa, mulher de Gonçalves Dias, com quem se casou, no Rio de Janeiro, a 26-9-1852.

curativo. É provável que vamos juntos para a Espanha, ainda que não sou muito apaixonado da família. A tua carta fará o resto.

Tenho tido notícias tuas pelo Faria; por êle sei que D. Mariquinhas, minha Comadre tem passado bem, — que minha afilhada vai boa; mas a Inesota?! dessa nada me dizem.

Tenho passado bem mal, meu Teófilo; e mais ainda de espírito do que fisicamente — nada tenho feito ou quase nada; minha mulher continua sempre doente, e a tal ponto que ùltimamente veio meu sogro do Brasil para tratar dela; tenho uma filha, não sei se sabes? está boa, parece que há de ser viva, mas imaginas tu o que é ter filhos e saber ou suspeitar que tem um vício hereditário. Minha mulher sofre do peito, — tenho pois uma filha para que amanhã, daqui à alguns meses, aos 7 ou 15 anos dê idade se lhe declare a mesma enfermidade, e lá se vá com Deus para os anjos, depois de lhe termos criado amor, e de acostumados à sua companhia. Se passam dessa idade à fôrça de solicitude e cuidados é talvez ainda pior. Enfim será o que Deus quiser; mas é certo que não posso olhar para essa pobre criatura sem dó, e mesmo sem desgôsto.

Estive em França, quero ver se neste inverno vou a Alemanha, passando por Espanha. Em tôda a parte me aborreço por que estou mal com todos, e principalmente comigo. Se eu pudesse ir agora ao Maranhão, mas eu só, poisar um mês em tua companhia, no teu engenho, talvez isso me fizesses; preciso de coragem, e não a tenho, preciso de me confiar a alguém, e tu estás muito longe.

Verei sempre se em voltando para o Brasil posso dar uma volta pelo Maranhão.

A Amélia casou-se? pobre môça, sei das desgraças do Pôrto, e dela: sei que deve ter sofrido, e muito, e enormemente se se casou por orgulho ofendido. Crês tu que se eu tivesse um milhão já o teria mandado ao Pôrto? Quer-me parecer às vêzes que ao menos a um dos dois devia Deus alguma cousa; e sabe-o êle se lhe pedi que lhe acrescentasse a boa fortuna com a que me podesse estar reservada; e a má de ambos ma deixasse a mim só. Agora não há remédio: seja feita a sua vontade.

Escreve-me, meu Teófilo, — dá-me notícias tuas e de tua família. Como está D. Mariquinhas — dá-lhe muitas e muito sinceras saudades minhas: talvez lhe escreva ainda, se tiver tempo; por que acabando esta é que vou ver quando sai o Urbano. O Ricardinho? A Inesota ainda se lembra de mim? A minha afilhada? Parece que já tens outro ou outra?! É verdade?

Lembranças a D. Luzia, a Teodora, a D. Inês quando ela aparecer de nôvo por Maranhão. E tu aceita o coração do

Teu mano e amigo do Coração

Glz. Dias

Lisboa, 15 de maio de 1855.

B.N.

94

Olímpia *

Esperava-se ontem o paquete inglês: não sei se terá chegado, nem se partirá hoje: por prevenção escrevo-lhe estas duas linhas.

Desejo que V. e as meninas tenham passado bem, — a última carta que recebi sua foi a que me trouxe o Pavano: depois dessa recebi outra, muito anterior, que veio por Inglaterra. Quanto à sua viagem, nada posso resolver; V. está longe, as circunstâncias mudam todos os dias, e eu nada lhe posso aconselhar. Digo-lhe só que V. não imagina quanto é incômoda a vinda por Inglaterra; mas consulte com seu pai e faça como êle entender.

Ainda não conclui o ajuste de que lhe falei ùltimamente, por que o môço, dono da casa, ainda ontem é que voltou de Coimbra. Fiquei de me ir entender com êle um dêstes dias; mas só lá para o mês de junho — (em fins) é que nos poderá passar a casa.

Uma família do Maranhão que está aqui, retirando-se para o Brasil, ia deixar uma criada que tinha muito boa, ao que se diz, a uma amiga. O Faria e Senhora me fazem os maiores elogios dessa criada, e tanto que a queriam tomar: mandei-lhe falar, pedindo ao Faria que ma cedesse, com condição de que não lhe agradando iria para casa dêle. Ainda não tive resposta; por que a família em cuja casa ela está só partirá depois de amanhã.

Escreva-me, para eu saber o que hei de fazer; por que se ficam em França, careço de dar ordem para Inglaterra a fim de que lhe mandem dinheiro no primeiro de julho.

Adeus, lembranças a todos e a Mariquinhas; e muitas saudades do seu amigo

Glz. Dias

Lisboa, 19 maio 1855

B.N.

95

Meu Senhor [*D. Pedro II*]

Não me foi possível escrever a V.M. pelo último paquete por ter daqui saído com extrema brevidade, nem pelo do mês anterior por me ter desencontrado dêle em viagem para Portugal. Vim dali por me não sentir nem com saúde, nem com disposição de espírito para o trabalho, que lá tinha. Instei com meu sogro para que nos viesse fazer companhia, e com as notícias, não boas, que lhe chegaram de minha mulher, condescendeu êle por fim, e não sem custo com o meu pedido, e aqui passou há dias para França, donde virá para Lisboa tanto que minha mulher possa sofrer o incômodo da viagem.

(*) Ver nota à Carta nº 92.

Chegando aqui, achei que os trabalhos das cópias que eu havia indicado tinha parado desde novembro último, não podendo isso ser atribuído à falta de dinheiro; porque do que eu tinha deixado e remetido de França, muito pouco se poderia ter gasto, porque pouco se pagou do que estava feito. Em Évora continua o amanuense que lá tinha; e não parti já para lá, por que o Sr. Rivara, que aqui se acha só partirá depois do encerramento das côrtes. Apenas lá chegue, tenciono tomar dois ou três amanuenses mais.

No Antigo Conselho Ultramarino tomei dois amanuenses; para completar os volumes com que estavam, continuam até o fim dêste mês com os trabalhos que o Dr. Clemente lhes tinha dado, ainda que não sejam os que eu havia recomendado. São cópias das correspondências do Rio Grande do Sul, Maranhão e Pará etc. Julgo-os importantes para uma coleção completa como entendo que a deve ter o Arquivo do Império; mas menos oportunas, em quanto os há de maior momento. Tais reputo os *regimentos, patentes, forais, alvarás* e *Cartas Régias* relativas ao Brasil.

Tenho consultado os catálogos da Tôrre do Tombo e tomado apontamentos do que convém ao Brasil. Há bastantes; mas disse-me o Senhor Herculano que êsses catálogos são muito incompletos, e que revendo os maços, acharei dez vêzes mais do que êles apontam. Quis tomar alguns paleógrafos; mas há poucos, e os melhores dêsses ocupados com trabalhos do Govêrno e com os da Academia de Lisboa. Alguns que achei disponíveis, pediram-me, o que eu achei exorbitante, de 480rs. a 600 rs. por fôlha de papel, conforme estivessem os documentos mais ou menos ilegíveis. Ainda que me digam que por êsse preço os teve o Sr. Varnhagen, recuei diante dessa despesa enquanto espero determinações do Govêrno.

Para obviar quanto posso êsse inconveniente no que respeita aos registos do antigo Conselho Ultramarino de letra de difícil interpretação, tais como os regimentos de Tomé de Sousa, Francisco Giraldes (governadores ambos) e de alguns dos primeiros provedores da fazenda no Brasil, tenho-me convertido em paleógrafo à fôrça de necessidade, e para escreverem o que eu fôr ditando, vou tomar outro amanuense em princípio de junho. Mas não basto para êsse trabalho, por que só na Tôrre do Tombo convirá tomar dois ou 3 paleógrafos; por que ali, como em tôdas as mais repartições públicas, é preciso esperar que se abra a Secretaria.

Informa-me também o Sr. Herculano que a Biblioteca do Pôrto, com a aquisição que fêz dos papéis do Conde de Balsemão, é rica de documentos que interessam o Brasil, e principalmente no tocante a limites. Suponho que serão relativos a Nova Colônia, — e os mais importantes talvez sejam os Manuscritos do Infantado de que a Biblioteca do Rio tem alguns. No entanto tenciono examiná-los.

Outro depósito importante é o do Marquês de Castelo Melhor, onde me dizem que poderei fazer alguns achados felizes.

O Sr. Herculano *com quem desta vez me encontrei, se tem prestado* com suma obsequiosidade a auxiliar-me nestas investigações. Ainda que nos seus exames, tenha dado pouca atenção ao que exclusivamente se refere ao Brasil, calcula aproximadamente o número e importância dêsses documentos, — e as suas indicações me são por isso de muita utilidade.

Vou ver se me é possível organizar os apontamentos que tomei dos catálogos da Tôrre do Tombo para remetê-los a V.M. observando contudo, como disse, que são muito imperfeitos.

Faço os mais sinceros votos pela conservação da preciosa saúde de V.M. e da *Família Imperial, a quem tem a honra de mui respeitosamente* beijar as Mãos, o humilíssimo súdito de V.M.I.

Antônio Gonçalves Dias.

Lisboa, 29 de maio de 1855.

M.I.

96

Meu Senhor [D. Pedro II]

Depois da última carta que tive a honra de dirigir a V.M. nada de nôvo tem ocorrido senão que prosseguem os trabalhos que tenho em Lisboa, ainda que não com aquela rapidez que eu desejara.

Achei no Conselho Ultramarino dois volumes com a correspondência e informações muito circunstanciadas do Governador do Pará — Francisco Xavier de Mendonça, acêrca das demarcações que se intentaram no seu tempo. Pareceram-me interessantes e fí-los copiar; um dos volumes está pronto, e outro quase, mas ficando demorado por ter adoecido o copista.

Neste arquivo apareceu também um volume de registos, que começa com o Regimento dado a Tomé de Sousa, encerrando outros regimentos, *contratos da fazenda, algumas sesmarias, cartas aos primeiros governadores,* e muitos alvarás e provisões sôbre diferentes assuntos, mas tudo escrito em letra de não fácil decifração. Consegui do Sr. Ministro da Marinha que me fôsse confiado êsse volume, tomei dois amanuenses para me irem escrevendo o que eu fôsse ditando, e assim se copiou todo e se escusou tomar-se o paleógrafo que de outra sorte seria necessário.

Em Évora pouco se tem feito com a ausência do Sr. Rivara, as côrtes foram ainda prorrogadas, e eu espero que aquêle senhor parta para o acompanhar. Mas se nisto ainda houver alguma demora, nesse caso depois do dia *15 partirei* para o Pôrto *a* ver os *Manuscritos relativos aos* limites do Império, que me diz o Sr. Herculano existirem ali.

Há copiados perto de duzentos cadernos; mas ainda os não fiz encadernar, por que espero que, reunindo maior número de documentos, fiquem os volumes menos disparatados; no entanto não será possível dar-lhes muita regularidade; porque nem mesmo nos volumes de registos se guarda ordem alguma, nem a cronológica; são ao que parece, cadernos esparsos, que posteriormente se reuniram em um corpo.

Na minha volta d'Évora ou Pôrto tratarei de os fazer encadernar para a primeira remessa que tenho de fazer.

Permita-me a bondade de V.M. beijar-lhe humilde e respeitosamente as Augustas Mãos de V.M.I. de quem tenho a honra de ser

humilíssimo súdito

Antônio Glz. Dias.

Lisboa, 13 de julho de 1855.

M.I.

97

Meu Senhor [D. Pedro II]

O Dr. Capanema, que por aqui passou [h]á alguns dias, entregou-me um Aviso da Secretaria do Império, pelo qual me constou achar-me eu designado para assistir por parte do Império à Exposição Universal da Indústria que tem lugar em Paris. Não me foi possível partir com êle para não deixar em muita desordem os trabalhos de que aqui me estava ocupando. Suspendi todos êsses trabalhos, exceto o de um amanuense em quem tenho mais confiança, que continuará no Conselho Ultramarino, e os da Biblioteca d'Évora, que sendo os mais importantes, não me pareceu que devessem ficar interrompidos.

Apesar do atraso que vão ter essas cópias, beijo humilde e agradecido as Mãos de V.M. por me proporcionar esta ocasião de ver o estado em que se acha minha mulher, a cujo respeito me não acho sem alguma inquietação.

Rogo a Deus a continuação da preciosa saúde de V.M. e da Família Imperial A quem, como a V.M., beija as Augustas Mãos

o súdito humilde

e reconhecido

Antônio Gonçalves Dias.

Lisboa, 12 de agôsto de 1855.

M.I.

98

Meu Senhor [D. Pedro II]

Como já tive a honra de levar ao conhecimento de Vossa Majestade, recebo a ordem do Sr. Ministro do Império para assistir a exposição da França por parte do Brasil, demorei-me apenas o tempo necessário para regular os trabalhos de que me ocupava em Lisboa, de modo que êles não sofressem interrupção durante a minha ausência, ainda que só lentamente possam marchar.

O Bibliotecário d'Évora, o Sr. Rivara, saiu de Portugal em comissão do seu Govêrno para as possessões portuguêsas da Índia; mas apesar da sua e minha retirada devem prosseguir os trabalhos que tinha em Évora. Tenho ali um bom amanuense e debaixo da inspeção dêle — dois outros que tomei com condição de lhes ministrar em papel e nanquim para a escrita, e de lhes pagar na minha volta, e depois de conferidas por mim as cópias que durante êste tempo forem extraindo. Êstes amanuenses fizeram-me ver a dificuldade de decifrar os manuscritos daquela Biblioteca, — o tempo que se lhes vai nisso, as condições com que exijo o trabalho, e reclamaram aumento de salário. Atendendo eu a que muitos daqueles códices são tão pouco inteligíveis como os da Tôrre do Tombo (na parte relativa ao Brasil) pelos quais me pede o Paleógrafo 600 réis por fôlha de quatro laudas, não hesitei muito em aceder a êsse pedido ajustando-nos em lhes pagar 60 réis por lauda ou 1,200 réis por caderno.

No Conselho Ultramarino ficou só um a que pago 800 réis por caderno.

Os trabalhos já feitos, alguns ainda não conferidos, e todos por encadernar ficarão depositados parte no Conselho Ultramarino, e o resto em mão do Adido a Legação do Brasil em Lisboa — o Sr. Serra Gomes.

Quanto a Tôrre do Tombo bem vontade tenho tido de tomar dois ou três paleógrafos, tanto mais que parece que o que êles exigem é o que lhes pagou o Sr. Varnhagen. O Sr. Herculano, a quem consultei sôbre isto não achou despropositado o preço, que aliás se poderá reduzir de 1/5%. Nada porém tenho feito por falta de recursos, marcando-me o Govêrno para isso uma quantia inifinitamente pequena, em relação aos documentos que existem e dos que podem aparecer. Posso despender nisto 800$ rs. fracos por semestre, o que é apenas bastante para os 4 amanuenses que agora trabalham, e se pude acudir às despesas de 3 em Évora, outros tanto no Conselho Ultramarino, dois que eu tinha em casa para os documentos de letra mais difícil, que eu ia decifrando em falta de paleógrafo, que não podia tomar, — foi despendendo em pouco mais de dois meses tôda a importância de um semestre. A conta é fácil de fazer-se, e eu peço licença a V.M. para apresentar aqui algumas parcelas. Cada amanuense escreve regularmente 20 cadernos por mês

3 em Évora — 60 cadernos — 1,200 rs.	72$
3 no Conselho Ultramarino — 60 cad. 800 rs.	48$
2 em casa 40 cad. 800 rs.	32$
Soma cada mês em	152$rs.

Se se tomasse três paleógrafos, e supondo que cada um dêles escreve 10 cadernos por mês a 480 rs. e não a 600 réis por fôlha

Temos 30 cadernos — a 2400	72$ rs.
2 Amanuenses no Pôrto — 60 cad. a 800	48$
Soma	120$

o que daria 270$ fortes por mês, além das pequenas despesas de papel, nanquim, conferências, encadernação etc. — e assim se obteriam cada mês 8 volumes em folho, [sic] incluindo um da Tôrre do Tombo com que avultam estas despesas. Só por êste meio e com despesas de nada menos de 300$. fortes mensais se poderia levar ao cabo êste trabalho sem esperdício de muito tempo.

Além da insuficiência da quantia arbitrada, tenho me visto embaraçado com as dificuldades do saque da dita quantia, porque nem mesmo em Portugal se pode realizar isso sôbre a Secretaria do Império como tenho ordem para o fazer senão com condições tão desfavoráveis, que não ousei aceitá-las, recorrendo por duas vêzes ao Ministro do Brasil em Londres que à vista da ordem que eu tinha e lhe apresentei não duvidou aceitar-me semelhante saque; mas vexaria de recorrer outra vez à mesma Legação sem determinação do Sr. Ministro do Império.

Pretendo dirigir-me a S. Ex.ª apresentando-lhe estas reflexões, e solicitando providências para cumprir esta parte da minha comissão que reputo, como também S. Ex.ª, de interêsse, e que com a demora se irá cada vez mais dificultando.

Beijo as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial com o mais profundo respeito e encarecidas expressões da sua gratidão — Paris, 6 de setembro de 1855 —

o De V. M. I.

humilíssimo súdito

Antônio Gonçalves Dias

M.I.

DOCUMENTOS RELATIVOS AO BRASIL, QUE SEGUNDO OS CATÁLOGOS, EXISTEM NA TÔRRE DO TOMBO

Parte 1ª — Maço 85 documento 51	*Antônio de Albuquerque (capitão da Paraíba)* carta sôbre o assalto dos Holandeses em Pernambuco.
P. 1 — M. 96 doc. 74	Jerônimo de Albuquerque — carta ao Rei de como se achava pobre por causa das guerras com os Índios de Itamaracá — agôsto 1555.
P. 3 — M. 30 doc. 88	Matias de Albuquerque — consulta sôbre a sua ida a Ilha de Fernando de Noronha para desalojar o inimigo — 7 março 1630.
P. 1 — M. 111 doc. 112	Jorge de Ab. Coelho — carta pedindo munições para o socorro de Pernambuco — 12 junho 1584.
P. 2 — M. 208 doc. 69	*Representação ao rei de França pelos roubos* que seus súditos, faziam aos portuguêses — setembro de 1536.
P. 1 — M. 13 doc. 20	Carta de Sebastião Álvares escrita de Sevilha sôbre F. de Magalhães — 18 julho 1519.
P. 2 — M. 6 doc. 4	Tença a P. A. Cabral — 4 abril de 1502.
P. 2 — M. 6 doc. 3	Outra tença ao mesmo — na mesma data importando ambas em 43$.
P. 1 — M. 104 doc. 114	Naus francesas que tentam reedificar Villegaignon — 26 abril 1561.
P. 1 — M. 107 doc. 37	Carta sôbre os pregões lançados em Normandia para que os navios franceses não passassem ao Brasil — 28 agôsto 1531.
P. 1 — M. 112 doc. 3	Fortaleza da Paraíba — diferenças entre João Álvares Sardinha e João Rodrigues Coutinho — 1 outubro 1585.
P. 1 — M. 111 doc. 64	Barros — prejuízos que resultavam da doação dos mil cruzados ao colégio dos Jesuítas de Olinda — Forte da Barra que se mandara fazer — 18 novembro 1578.
P. 1 — M. 86 doc. 65	Bispo da Bahia — carta ao rei sôbre uma visita a Ilha de S. Tiago — 11 abril 1551.
P. 1 — M. 88 doc. 63	— Provimento das dignidades Deão — Chantre etc — 12 julho 1552.

P. 1 — M. 92 doc. 83 Representação contra o Governador — de 11 de abril 1554.

P. 1 — M. 93 doc. 41 Carta do Governador contra o Bispo — 8 abril 1555.

P. 1 — M. 104 doc. 43 Carta do mesmo Governador — 13 setembro 1560.

P. 1 — M. 104 doc. 73 Carta de Lourenço Peres de Tavora, vigário Geral da Bahia — 16 fevereiro 1561.

P. 1 — M. 115 doc. 103 Carta do Governador sôbre as desordens do Vigário — 20 janeiro 1610.

P. 1 — M. 115 doc. 115 Carta do Governador do Brasil sôbre as desordens e ambição do Vigário-Geral — 7 fevereiro 1611.

P. 1 — M. 115 doc. 41 Bispo de Pernambuco — Carta do Governador queixando-se das injúrias com que o tratava, querendo usurpar a jurisdição real — 12 de julho 1608.

P. 1 — M. 106 doc. 104 Carta de Botelho — sôbre requerer o Governador do Brasil o título de V.Rei — 24 de abril 1619.

P. 1 — M. 118 doc. 39 Carnide — Sôbre serem expulsos os Holandeses de Olinda — 1 junho 1630.

P. 2 — M. 315 doc. 180 Provimentos sôbre a arrecadação dos vinhos desembarcados em Pernambuco — 30 setembro 1608.

P. 1 — M. 118 doc. 21 Despachos do contrato do pau-brasil — 16 março 1630.

P. 1 — M. 53 doc. 118 Duarte Coelho — Quita do que havia de pagar dos direitos do ferro, e mais gêneros que mandou vir de fora — 2 outubro 1534.

P. 1 — M. 71 doc. 145 Carta do mesmo a el-Rei de ter mandado fazer engenhos em Olinda, — e não curar das diligências recomendadas acêrca do ouro — 27 abril 1542.

P. 1 — M. 78 doc. 105 Do mesmo — Povoações para dilatar a Nova Lusitânia — inconvenientes dos degradados — 20 dezembro 1566.

P. 1 — M. 80 doc. 60 Carta a el-rei sôbre a estimação em que devia ter o Brasil — 22 março 1548.

P. 1 — M. 82 doc. 88 Prejuizos resultantes das condições com que se ofereciam a ir povoar as capitanias do Brasil — 15 abril 1549.

P. 1 — M. 85 doc. 113 Do mesmo — Agradecendo ao rei guardar-lhe as suas doações — 24 novembro 1550.

P. 2 — M. 18 doc. 43 Gonçalo Coelho — Provisão para 20$. de tença — de 18 julho 1509.

P. 2 — M. 71 doc. 105 Ao mesmo — 6649 rs. de mantimento — 22 setembro 1517.

P. 1 — M. 15 doc. 99 Cerço — prêso e sentenciado a tormento por descobrimento por parte de Castella — 30 julho 1514.

P. 1 — M. 119 doc. 137 Correroa desculpando-se de não poder dar certo dinheiro para o socorro do Brasil — 30 abril 1636.

P. 2 — M. 116 doc. 60 Duarte da Costa — Tença de 20$. com o título de Governador da Bahia — 22 junho 1524.

P. 2 — M. 189 doc. 85 Outra de 21$432 — 6 maio 1534.

P. 2 — M. 190 doc. 28 Outra de 20$. — 9 junho 1534.

P. 2 — M. 202 doc. 40 Outra 60$. — 24 junho 1535.

P. 1 — M. 86 doc. 96 Do mesmo. Carta expondo ao Rei poder-se escusar por três anos provedor-mor da fazenda, servindo êsse lugar o Ouvidor-Geral — 18 julho 1551.

P. 1 — M. 95 doc. 37 Do mesmo. Carta sôbre proceder contra o Provedor-mor por descaminhos da fazenda — 3 abril 1555.

P. 1 — M. 95 doc. 36 Do mesmo — pedindo provisão para que se não pusessem suspeições aos Ministros — 3 abril 1555.

P. 1 — M. 95 doc. 41 Escandaloso procedimento do bispo — Carta de 8 abril 1555.

P. 1 — M. 95 doc. 70 Do mesmo, — que seu filho não era culpado nos crimes, de que o Bispo o acusava — 20 maio 1555.

P. 3 — M. 7 doc. 18 João da Costa Penha — Regimento que se lhe deu quando foi descobrir terras ao Brasil — 6 abril 1519.

P. 1 — M. 86 doc. 111 Luís Dias — sôbre estarem feitos os Baluartes e casa da Câmara da Bahia — 15 agôsto 1551.

P. 1 — M. 102 doc. 129 Carta de Pedro Borges sôbre Paulo Dias — Um dos primeiros povoadores da Bahia — 7 agôsto de 1558.

P. 1 — M. 30 doc. 101 Carta sôbre os comissários do Caya — 8 abril de 1524.

P. 1 — M. 104 doc. 43 Carta do Bispo da Bahia a Rainha sôbre a criação do lugar de Vigário-Geral — 13 setembro 1560.

P. 1 — M. 95 doc. 88 Carta ao rei acêrca das violências e roubos do Governador da Bahia, e seu filho — 1 junho de 1555.

P. 1 — M. 57 doc. 88 Acêrca da proibição do rei de França de irem seus vassalos ao Brasil — 26 agôsto 1536.

P. 1 — M. 58 doc. 14 Roubos e danos cometidos pelos franceses contra os portuguêses — 24 novembro 1536.

P. 1 — M. 60 doc. 30 Aprisionamento de cinco navios portuguêses pelos franceses — ano de 1537.

P. 1 — M. 80 doc. 58 Duarte Coelho — Pede permissão ao rei de poder o almoxarife de Olinda fazer um engenho — 8 março 1548.

P. 1 — M. 91 doc. 23 A Câmara de Angra pede a el-Rei prover-se a um tal Fernandes no ofício de Anadel-mor — 2 outubro 1553.

P. 1 — M. 77 doc. 120 Carta de João de Góis sôbre os prejuízos que Vasco Fernandes Coutinho fizera a sua capitania — 29 de abril 1536.

P. 1 — M. 102 doc. 96 Carta de V. F. Coutinho a Mem de Sá de ficar a sua capitania livre dos inimigos — 22 maio 1558.

P. 1 — M. 53 doc. 29 Alvará para se lhe dar (a V. F. Coutinho) um navio, munições etc. — 27 junho 1554.

P. 1 — M. 80 doc. 110 Luís de Góis — Carta a el-rei representando a precisão que a vila de Santos, e outras capitanias do Brasil tinham de socorro — 12 maio 1548.

P. 1 — M. 92 doc. 113 Pedro de Góis combate com um galeão francês em Cabo Frio — 29 abril 1554.

P. 1 — M. 118 doc. 3 Gomes Quadros — Carta a el-rei — desembarque dos holandeses em Pernambuco etc.

P. 1 — M. 80 doc. 102 Gonçalves — Carta a el-rei sôbre o sucesso do Bergantin do resgate com uma das 7 naus francesas, que iam aos pitiguares — 3 maio 1548.

P. 1 — M. 115 doc. 94 Gonçalves (pilôto da Bahia) carta do governador, expondo os seus serviços — 19 de março 1609.

P. 1 — M. 118 doc. 33 Carta do Governador do Reino ao rei — entrada dos holandeses em Olinda — 23 de abril 1630.

P. 1 — M. 46 doc. 64 Carta ao rei sôbre a prisão de uns franceses e um frade que iam povoar a terra — 1 março 1531.

P. 1 — M. 47 doc. 106 Carta a el-rei sôbre o almirante de França que lhe pediu a soltura de uns franceses, presos no Brasil — 9 de novembro de 1531.

P. 1 — M. 60 doc. 119 Poder marítimo dos franceses; pede-se que sejam acautelados os lugares do Brasil — 17 fevereiro 1538.

P. 1 — M. 41 doc. 98 Guilhem — provedor da fazenda de Pôrto Seguro para ir servir com os seus instrumentos da altura do pólo etc. — 2 de novembro de 1528.

P. 1 — M. 84 doc. 109 Do mesmo — carta sôbre haver em Pôrto Seguro uma serra, em que se presumia haver pedras preciosas — 20 julho 1550.

P. 1 — M. 104 doc. 83 Do mesmo — Mem de Sá desbaratado pelo gentio indo ao sertão descobrir ouro — 12 de março de 1561.

P. 1 — M. 38 doc. 57 Cristóvão Jaques — Cinco naus que os franceses mandavam ao réu que o dito descobrira — 23 dezembro 1527.

P. 1 — M. 112 doc. 3 Carta d'el-Rei sôbre a fatura da fortaleza da Paraíba: diferenças entre João Álvares Sardinha e João Rodrigues Coutinho.

P. 1 — M. 74 doc. 29 Carta a el-rei de Martim Afonso de Sousa expondo-lhe os serviços de um F. Lemos — 1 de dezembro 1543.

P. 1 — M. 84 doc. 99	Lemos — Carta ao rei de ficar servindo em Pôrto Seguro — e de como ali havia ouro — 14 julho 1530.
P. 2 — M. 162 doc. 120	Carta do rei ao seu feitor em Andaluzia para matar Diogo Vaz, pilôto, por assim convir muito ao seu serviço — 26 de abril 1530.
P. 1 — M. 119 doc. 152	Lopes — carta a el-rei de ser entregado 50$. cruzados ao tesoureiro de Guarinais para socorro do Brasil — 19 outubro 1636.
P. 1 — M. 6 doc. 82	Lopes de Siqueira — Regimento que se lhe deu quando o mandaram descobrir terras — 13 de fevereiro de 1508.
P. 1 — M. 120 doc. 14	Capitão-mor do Pará — consulta sôbre se lhe completar o número de 20 soldados para levar para o dito Estado — 6 novembro de 1638.
P. 1 — M. 118 doc. 69	Mauro (pilôto) viagem que fêz a Itamaracá, — assalto em um forte dos Holandeses — 14 agôsto 1540.
P. 1 — M. 76 doc. 93	Melo — Carta a el-rei dos trabalhos que teve quando arribou a Bahia etc. — 8 de setembro de 1545.
P. 1 — M. 47 doc. 68	Mendes de Vasconcelos, embaixador em Castella, — carta ao rei sôbre o que passara a respeito do negócio do rio da Prata — 10 de outubro de 1531.
P. 1 — M. 47 doc. 104	Do mesmo ao mesmo — carta sôbre o mesmo assunto — 18 de novembro 1531.
P. 1 — M. 115 doc. 58	Carta de D. Diogo ao rei sôbre a arribada de D. Constantino a Bahia — 8 de fevereiro de 1608.
P. 1 — M. 115 doc. 41	O Governador da Bahia queixa-se das injúrias que sofre do Bispo — 12 julho de 1608.
P. 1 — M. 115 doc. 47	Carta dando parte da chegada de certas naus etc. formalidades porque se deviam governar as aldeias dos gentios — 23 agôsto 1608.
P. 1 — M. 115 doc. 52	Do mesmo Governador: preço por que foram arrendados os dízimos, fortalezas na Paraíba e Rio Grande — Contrato do pau-brasil — 4 de dezembro de 1608.

P. 1 — M. 115 doc. 94	Do mesmo — Serviços do patrão-mor da Bahia — Mel. Glz. — 19 abril 1609.
P. 1 — M. 115 doc. 95	Entrega de certas fortalezas a D. Francisco de Sousa, — inconvenientes de se lhe dar a intendência dos Muros e fortificação da Bahia — 22 de abril de 1609.
P. 1 — M. 115 doc. 103	Desordens promovidas pelo bispo intrometendo-se no Govêrno secular — 20 janeiro de 1610.
P. 1 — M. 115 doc. 113	Como os senhores de engenho, e lavradores de canaviais pagavam os pretos que compravam — 8 março 1610.
P. 1 — M. 115 doc. 115	Desordens do Bispo, prejuizos de os Jesuitas administrarem aldeias dos Índios — 7 de fevereiro 1611.
P. 1 — M. 11 doc. 19	Obediência do vigário, contumácia do Bispo na execução das ordens régias — 1 de março 1512.
P. 1 — M. 115 doc. 129	Utilidade do Maranhão, sítio por onde se devem dividir as capitanias — 1 de março 1612.
P. 1 — M. 120 doc. 42	Mota — Motivo por que foram isentas estas pessoas de pagar contribuições para a armada do Brasil — 26 de setembro 1639.
P. 1 — M. 115 doc. 8	Moura — Sôbre os navios que fôssem carregar ao Rio, e missão dos Padres da Companhia no Maranhão — 27 janeiro 1607.
P. 1 — M. 86 doc. 125	Nóbrega — carta ao rei, falta de religião em Olinda — 14 setembro 1551.
P. 3 — M. 14 doc. 1	Nunes — Apontamento que mandou a el-rei de tudo o que praticou nas partes do Brasil — Ano de 1538.
P. 1 — M. 117 doc. 159	Oliveira — carta a el-rei dos motivos por que julga falsa a notícia de estarem 30 caravelões nos Ilhéus — 7 de setembro 1628.
P. 1 — M. 46 doc. 84	Pacaldo — chamado a Paris para servir de pilôto — 1 de maio 1531.
P. 1 — M. 47 doc. 62	Documentos de escritura de Portugal com Pacaldo para não navegar, nem fazer cartas de marear — preço de 1600 ducados — de 30 setembro 1531.

P. 1 — M. 29 doc. 113 Pacheco — carta para acompanhar as naus do Imperador até Pôrto Seguro — 5 de agôsto 1523.

P. 1 — M. 78 doc. 45 Carta de Tourinho de se despovoar a sua capitania pela guerra do gentio — 28 de julho 1546.

P. 1 — M. 95 doc. 46 Pôrto Carrero — Tomadias que lhe fizeram os franceses no Brasil — 20 abril 1555.

P. 1 — M. 97 doc. 21 Princesa de Castella — Pede ao rei mandasse que o Governador do Brasil não vexassem os seus vassalos que fôssem ao Rio da Prata — 24 novembro 1555.

P. 1 — M. 111 doc. 100 Correia Rangel — carta a el-rei pedindo o despacho dos negócios sôbre que lhe escrevia a Câmara da Bahia — 4 de março 1583.

P. 1 — M. 49 doc. 32 Rapouso, embaixador de Portugal em França — cópia da ordem do Almirante de França proibindo irem navios a Guiné e ao Brasil — 28 de junho de 1532.

P. 1 — M. 116 doc. 28 Do rei do Congo — carta a el-rei de Portugal de ter expulsado ao Conde D. Miguel Marizonho pela entrada que dera aos Holandeses em Olinda — 24 de outubro 1615.

P. 1 — M. 43 doc. 25 Rei de França (Francisco I°) traslado das patentes para mandar a el-rei — por conta dos navios que mandou ao Brasil, em que lhe mataram muita gente, havendo paz entre as duas coroas — 3 de julho de 1529.

P. 1 — M. 57 doc. 65 Artigos de amizade, aliança e confederação entre os reis de França e Portugal — 14 de junho de 1536.

P. 1 — M. 57 doc. 88 Rei de França — Carta para seus oficiais guardarem os artigos de paz feitos com Portugal — 8 de agôsto 1536.

P. 1 — M. 88 doc. 72 Do mesmo — carta pedindo a el-rei desse liberdade a uns franceses que se achavam presos e condenados como piratas — 27 de julho 1592.

P. 1 — M. 105 doc. 141 Roiz — Caldas — Carta da Câmara da Bahia sôbre os serviços do dito na guerra da capitania — 22 julho de 1562.

P. 1 — M. 111 doc. 95 R. Cardoso, capitão de Pernambuco — carta régia para que desse conta da capitania ao Governador da Bahia — Manoel Teles Barreto — 10 fevereiro 1582.

P. 1 — M. 102 doc. 103 Mem de Sá — Carta referindo ao rei ficar segura a capitania de Pôrto Seguro com o socorro que mandara contra o gentio — conveniência de mandar render V. F. Coutinho — 1 de junho 1558.

P. 1 — M. 104 doc. 13 Do mesmo. Aumento da Bahia, parecer a respeito do Govêrno do Brasil etc. — pede que o mande recolher ao Reino — 31 de março de 1560.

P. 1 — M. 104 doc. 83 Carta de Felippe Guilhem, referindo ter sido Mem de Sá desbaratado por um gentio à traição, indo com 100 homens ao sertão descobriu ouro — 12 de março 1561.

P. 1 — M. 50 doc. 20 Alvará — junta nos Açores para arrecadar o empréstimo do socorro de Pernambuco — 28 junho 1633.

P. 1 — M. 119 doc. 43 Alvará para uma junta na Ilha da Madeira dos 300$. cruzados que o povo emprestara para socorro a Pernambuco — 18 março de 1634.

P. 1 — M. 38 doc. 57 Siqueira — carta dando parte ao Rei mandar o almirante de França 5 naus ao Rio que descobrira Cristóvão Jaques na Capitania do Brasil — 28 dezembro 1527.

P. 1 — M. 118 doc. 92 Soares — Dando parte ao rei ter reduzido muitas nações do Ceará, de que tirara grande socorro para Pernambuco — 8 de janeiro 1631.

P. 1 — M. 115 doc. 7 Sousa — carta de mercê do forte da capitania de Pernambuco — 20 janeiro 1607.

P. 1 — M. 116 doc. 21 Gaspar de Sousa — carta a el-rei sôbre o estado em que se achava a capitania de Pernambuco, e facilitar a conquista do Maranhão — 31 janeiro 1615.

P. 1 — M. 46 doc. 27 M. Af. de Sousa, capitão-mor da Armada do Brasil — alvará para que os corregedores de Cabo Verde e Canárias lhe dessem todo o dinheiro e mantimentos que êle pedisse — 25 novembro 1530.

P. 1 — M. 111 doc. 36 Tavares — Alvará a mercê da capitania de Caparica.

P. 2 — M. 31 doc. 17 Távora. Condestável-mor dos artilheiros da Bahia — desordens da artilharia e milícia — más determinações do Governador D. Diogo de Menezes — 12 maio 1592? (*sic*).

P. 1 — M. 112 doc. 27 Teive — Carta a el-rei do dano que recebia a real fazenda em virem estrangeiros comerciar ao Brasil — 9 de setembro 1587.

P. 1 — M. 31 doc. 48 Teles Barreto — Carta a el-rei — promoção que fizera no Rio — andamentos — despesas — 11 agôsto 1624.

P. 1 — M. 111 doc. 95 Carta d'el-rei para que o licenciado Simão Roiz lhe desse conta da sua capitania (de Pernambuco) — 10 de fevereiro 1582.

P. 1 — M. 115 doc. 93 D'el-rei a D. Cristóvão de Moura para fazer justiça nos holandeses presos etc. — 10 março 1609.

P. 1 — M. 106 doc. 122 Torneiro — carta à rainha sôbre o desamparo dos órfãos do Brasil — 20 fevereiro 1564.

P. 1 — M. 104 doc. 13 V.os de Brito — Carta de Mem de Sá, referindo os serviços do dito na expedição ao rei contra os franceses — 31 março 1530.

P. 1 — M. 49 doc. 61 Navios que se preparavam na Normandia para irem ao Brasil — 6 agôsto 1532.

P. 2 — M. 352 doc. 63 Vaz Betancourt — requerimento para se lhe perdoarem os anos de degrêdo pelos serviços feitos na Bahia — 31 de maio 1630.

P. 1 — M. 106 doc. 45 Villagahão (*sic*) — carta de João Pereira Dantas a el-rei sôbre concordar com o dito cavalheiro a perda que teve no Rio — 10 de janeiro 1563.

Lisboa, 29 de maio de 1855.

de *A. Gonçalves Dias*.

99

Amigo Capanema *

De Bruxelas te escrevi, mas não sei se recebeste a minha carta. Demorei-me ali algum tempo mais do que pretendia para deixar concluído aquêle negócio. O Homem ficou de me mandar a Dresde; há alguns dias recebi uma carta dêle em que me dizia não ter recebido notícias diretas do Rio, mas que eu lhe fizesse saber se precisava aqui de alguma cousa: respondi-lhe que *bien certainement*, e estou ainda à espera de resposta.

Não sei com que livreiro tinhas entabolado relações para a nossa ou antes minha projetada impressão. O Teubner tem uma tipografia em Dresde e provàvelmente será com êle que concluirei o negócio; mas tenho hesitado de fazer ajuste antes de ter o dinheiro depositado em mão de algum banqueiro — é isso mais seguro para êle e para mim tem a vantagem de me livrar de cólicas.

Estou em Dresde, moro com o Dr. Enzeman médico com fumos de matemático sôbre que tem publicado algumas memórias; tem um filho de 18 anos, que bebe cerveja como se tivesse 50, — e a mulher já de alguma idade que me tomou debaixo da sua imediata proteção. É filha do Hannover, e ou por esta razão ou porque a pronunciação não é tão carregada, como me parece ser geralmente em Dresde, é o único alemão que compreendo mais correntemente. Não digo três palavras seguidas sem que ela me corrija alguma delas, e as vêzes tôdas, acrescentando o infernal estribilho — Das ist was die Sagin wolen. No mais não vou mal com o alemão para vinte e tantos dias que tenho da Alemanha — quero dizer da Saxônia.

O Sousa aqui chegou também, vindo não sei donde, 4 ou 5 dias depois de mim; mora em cascos de rôlha com um médico casado de fresco, e parece que vai bem. Creio que êle está em via de descobrir que o seu gênio não é matemático, — a síntese dos grandes princípios filosóficos — a harmonia que á Leibnitz, se poderá também chamar — preestab'lecida — das ciências entre si, eis o para que se acha êle com queda e talento; o estudo das raças e a origem dos costumes assim como as fontes das línguas abriram-lhe novos horizontes históricos... *bref* quando o escuto um quarto d'hora, sinto-me tomado de vertigem, como se me quisessem explicar as teorias de Taylor, ou os infinitésimos de Laplace.

O inverno vai moderado, o Elba não quer prestar-se êste ano aos saudáveis exercícios do *patin;* no mais isto é triste e aborrecido como uma sessão d'Auxiliadora, secretariada pelo Piolho-viajante.

(*) Guilherme Schüch de Capanema (Barão de Capanema). Nasceu em Minas Gerais, a 27 de janeiro de 1824, filho de Roque Schüch e Cecília Bors. Faleceu no Rio a 26 de agôsto de 1908. Inaugurou em 1852 a Repartição Geral dos Telégrafos, de que foi o primeiro diretor. Grande amigo de Gonçalves Dias.

Já me esquecia que estamos em ano nôvo, e eu no fim do meu papel. Aceita, e transmite a minha Comadre, os meus votos de tranqüilidade e bem estar durante o ano que entrou, e os que se seguirem depois.

Que diabo de obra queres tu de Inglaterra? Vê se te resolves a mandar-me dizer. As minhas cartas para Londres, o Virgílio se encarrega de m'as transmitir.

Aceita muitas saudades do

Tue am° m^to^ obr^do^

G. Dias

Dresde, 3 de janeiro de 1856.

Graças a tua carta estou já em relação com o Martius.

B.N.

100

Meu Senhor [D. Pedro II]

Acham-se concluídos os meus relatórios acêrca da exposição faltando-me sòmente dêles copiar algumas fôlhas. Tratei de desempenhar esta parte da minha comissão como me foi possível, ainda que não tendo tido tempo de preparar-me para ela, e chegando aqui nos últimos tempos da exposição, foi-me preciso estudar e tomar notas às carreiras, e redigi-las com precipitação. Contento-me pela minha parte de não parecer, neste ponto, inteiramente pouco merecedor da confiança do Govêrno de Vossa Majestade.

Esperava sair daqui apenas encerrada a exposição, mas não me foi isso possível em parte por não desejar partir, tendo êsses trabalhos entre mãos, mas principalmente por êstes eternos incômodos de família. Minha mulher acha-se alguma cousa melhor, mas o seu estado de saúde, segundo os médicos dizem, reclama que ela se retire de Paris; meu sogro também tem-se dado mal na Europa e volta para o Brasil, de modo que tenho de levar para Lisboa minha mulher doente, com crianças que não são muito sadias, isto durante o inverno, e com recursos que não abundam, quando há moléstias, e eu me vi obrigado a despesas extraordinárias de idas e voltas a Portugal, com o que mal contava. Terei de escolher alguma ocasião que seja menos incômoda a minha família; mas conto estar em Lisboa por este mês ou quando muito até princípios de fevereiro.

O Sr. Ministro do Império escreveu-me que, sendo conveniente que as minhas pesquisas se não limitassem aos documentos da Biblioteca de Évora, desse eu todo o desenvolvimento a êsses trabalhos para os quais me arbitrava a quantia de 1.500$ réis, semestralmente. Não sei se o Tesouro Nacional expediu as ordens necessárias para a Legação de Londres, e só o poderei saber, chegando a Lisboa; por que contando estar ali em janeiro corrente, pedi que para lá me fôssem dirigidas essas comunicações.

S. Ex.ª manda-me também que o informe do tempo necessário para fazerem-se essas coleções, e do que se terá de despender com elas. Não julgo que haja nenhum chefe de repartição em Portugal — do Tombo, Ajuda etc. que possa responder a esta pergunta, se não calculando a esmo, visto que nenhum exame completo se tem feito em relação ao Brasil. Pela minha parte, eu penso que se deveria colecionar absolutamente tudo quanto dissesse respeito ao Brasil, porque, trata-se do seu Arquivo, e convém que êle possua o que lhe pode interessar. Lembra-me que voltando da minha comissão as Províncias do norte, tive a honra de dirigir-me a Vossa Majestade, ponderando o estado miserável dos nossos arquivos provinciais, e calculando que o trabalho de os refazer e completar em Portugal, poderia importar em oitenta contos da nossa moeda. A cifra porém é bastante elevada, e eu não me atrevo a escreve-la com mêdo de que os Ministros de Vossa Majestade se não arrepiem. Contudo não me parece que êsse cálculo vai muito errado. Agora, quantos anos são precisos para se completarem 80 contos, a 3 por ano? — Uma vida, pouco mais ou menos. Os Ministros de V. M. não o desejam, nem eu tampouco.

Tenciono pois coligir o que puder em 6 meses, remeter encadernado o que se fôr aprontando, e o Sr. Ministro do Império decidirá depois se acha conveniente que se prossiga nesse empenho e de que modo.

Fazendo votos pela conservação da preciosa vida de Vossa Majestade e da Família Imperial, beija humildemente as Augustas Mãos de Vossa Majestade o

humilíssimo súdito

Antônio Gonçalves Dias

Paris, 7 de janeiro de 1856.

M.I.

101

Amigo Sr. Varnhagen

Vi o belíssimo volume de sua *História do Brasil;* — comecei a lê-lo, mas o exemplar pertencia ao nosso amigo Joaquim Caetano, que estava então de partida para a Haia, de modo que me foi preciso andar às carreiras, e não consegui mais do que ler uma 3ª parte do volume.

Achei *o estilo ótimo, e a história como quem a lê de cadeira.*

Sôbre o modo de considerar os *Indios* e mais algumas particularidades dos seus costumes, nisso diferimos um pouco, mas reconheço também que muitos lhe darão razão. O Timon, por exemplo, pende muito para o seu lado.

Como quer que seja, tive estas magníficas estréias de ano bom com a leitura do seu livro.

E o segundo — para quando?

E até que época pretende chegar com a sua *História?*

Muitas outras perguntas me acodem ao bico da pena (peña), mas seria isso como que afogar os sinceros parabéns que lhe dirijo por êsse benemérito trabalho.

Lucros, creio que V. os não espera, mas — a moeda dos bons engenhos — louvores, e merecidos êsses, confio que lhe não faltarão.

Um abraço pois do

Seu amigo

Glz. Dias.

Rio, 7 de janeiro de 1856.

B.N.

Cópia

102

Amigo Capanema

Estão dadas as providências acêrca das tuas assinaturas de jornais. Meu sogro te levará, além do mais, o Durat de Lasalle — a tinta Raguneau e o papel de cópias. Os regulamentos das escolas militares ainda não chegaram: deixei-lhe a morada do de Bast para lhos levarem à casa. As ovas ainda não as tenho em meu poder: hoje vou fazer despedidas: só amanhã é que poderei dar um pulo à casa do tal corneta, que as distribui.

A tua bagagem foi por via da agência da rua da Paz. Como temi que êles quisessem carregar excesso de bagagem a ti e a minha gente, forjei um milhão de mentiras, e pedi que tanto a tua bagagem (5 volumes) como a da minha gente (8) ficassem na alfândega de Southampton até à tua chegada: farás bem em lá te achares no sábado pela manhã, ainda que será bom embarcares a bagagem na última hora — mais no mesmo dia. O agente da Companhia em Southampton — chama-se [em branco no original] ....

: escreve-lhe se puderes, no dia 7, para lhe dizeres que por alguns afazeres só no dia 8 pela manhã estarás em Southampton. Em fim, arranja lá isso como entenderes.

Estimaremos que D. Amélia vá indo sem novidade, e aceitem muitas saudades nossas.

do teu do Coração

Glz. Dias

5 — março 56.

B.N.

103

Meu Senhor [D. Pedro II]

Meu sogro e minha mulher partem neste paquete para o Brasil com o Dr. Capanema: para nenhum daqueles dois era muito favorável êste clima, de forma que minha mulher volta quase como veio.

O Dr. Capanema leva também os nossos relatórios acêrca da exposição: os meus não valem grande cousa mas também tive de fazer tudo um pouco às pressas, — estudo, observações, informações e redações.

Acompanharei minha família até ao Havre e dois dias depois parto para cumprir a minha comissão em Portugal, a ver se me resta tempo e meios de fazer imprimir alguma cousa antes da minha volta.

Meu Senhor, escrevo a Vossa Majestade, à última hora para mais uma vez Lhe beijar as Augustas Mãos. Graças a Vossa Majestade fiz por minha mulher o que era possível tentar-se; o mais depende de Deus.

Meu sogro volta a tentar fortuna no Rio de Janeiro: conheço a dificuldade do bom êxito das suas pretensões, mas não posso deixar de lastimar a sua sorte, precisando de fazer pela vida no fim dela, quando o corpo pede descanso e não trabalho: lastimo-a tanto mais quanto lhe não posso valer: tenho um irmão no Rio, estudando, e ainda não o pude mandar vir para a Alemanha, onde tenciono que êle venha completar os seus estudos. Que poderia eu fazer pelos outros?

Fazendo ardentes votos pela conservação da preciosa Saúde de Vossa Majestade e da Família Imperial, pede a permissão de beijar as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial o

súdito submisso e respeitoso

Antônio Gonçalves Dias.

Paris, 6 de março de 1856.

M.I.

104

Ilmo. amº e Sr. F. Denis

Duas palavras só. Acabo de chegar do Havre, onde fui deixar minha família que deve ter hoje partido para o Brasil. Chego às pressas e apenas tenho tempo de tomar a minha pequena bagagem para seguir amanhã para Espanha por Marseille.

Não lhe pude ir dizer adeus; mas não era possível sair de Paris sem ao menos lhe ir pedir por escrito as suas ordens: muitos agradecimentos — e muitas saudades dêste seu amigo.

Talvez lhe interesse ver os discursos pronunciados na Sessão ânua dos trabalhos do Instituto, assim como o relatório do que se passou durante o ano. Vêm publicados no *Jornal do Comércio* e aqui lhos deixo em mão do nosso amigo Odorico Mendes.

Que lhe posso eu fazer, ou em que lhe posso eu servir de Espanha e Portugal?

Aceite muitas saudades do

Seu am° obgd°.

Glz. Dias

Paris, 10 março 1856.

B.N.

105

Meu Senhor [D. Pedro II]

Lisboa, 12 de maio de 1856

Logo depois da partida de minha família para o Brasil, segui para Portugal por Espanha com o fim de estudar naquele país alguns estabelecimentos de educação eclesiástica como me fôra recomendado e de visitar ao mesmo tempo os arquivos que ali se acham. Os mais importantes para a América são o de Simancas, que me ficava muito fora de caminho, vindo eu por mar, e o arquivo das Índias da Sevilha.

Por intermédio do Cônsul Geral do Brasil em Espanha, o Sr. Peixoto de Brito, obtive do Governador da Província permissão para visitar o arquivo de Sevilha; mas disse-me desde logo que não estava em suas mãos facilitar-me nenhum exame, ainda mesmo superficial, dos papéis ou catálogos do Arquivo. Dependia isso de uma autorização do Govêrno central, autorização que êle, para servir ao Sr. Peixoto, se comprometia a obter-me com mais vagar. Não pude aceitar êsse oferecimento, porque o trabalho com que estou em Portugal, reclamava a minha presença para não sofrer mais larga interrupção. Parti pois para Portugal.

Da primeira vez que daqui saí, tinha eu deixado para fazer as minhas vêzes na minha ausência ao Dr. Clemente, hoje falecido, mas voltando daí a alguns meses achei que, independente de outras circunstâncias, pouco se tinha feito, e êsse pouco — mal; de modo que me arrependi de ter deixado procuradores.

Saindo pela segunda vez para assistir à exposição francesa por parte do Brasil, entendi-me com os meus amanuenses, comprometendo-se êles a continuarem com as cópias, segundo as indicações que eu lhes deixava para serem pagos na minha volta depois de conferido o que estivesse feito.

Os do Conselho Ultramarino pouco fizeram por que sendo empregados na Secretaria, ou tiveram outro destino, ou se acharam com o tempo absorvido por trabalhos extraordinários da Repartição. Felizmente em Évora continuaram sem interrupção ainda que com muito descanso.

Tenho-me pois convencido de que para o bom andamento e conclusão dêste negócio, é necessário que não haja distração na pessoa incumbida de o levar ao cabo. Por mim tenho feito mal em querer desempenhar simultâneamente as duas comissões que tenho, por que assim nem só se adianta pouco em qualquer delas, como acarreta despesas de viagens que são pesadas, e seriam de outro modo escusadas.

Encontrei aqui o meu comprovinciano Lisboa, e parece-me que os seus trabalhos se harmonizariam com a comissão de documentos históricos em Portugal, — melhor do que esta com a da Instrução pública no resto da Europa. Como tem sempre de obter permissão para entrar nos arquivos, de os estudar demoradamente, por que de outra sorte o exame não pode ser muito vantajoso, poderia ao mesmo tempo inspecionar os trabalhos de cópias, conferi-las, e servir-se delas para os seus estudos.

Conversamos eu e êle sôbre isto: dentro em pouco terei acabado com os meus apontamentos para a *História dos Jesuítas no Brasil*, — e nenhum interêsse tenho em demorar-me em Portugal, depois da retirada de minha família para o Brasil. Pelo contrário, poderia dar conta dentro em pouco da comissão relativa a Instrução pública, e teria ocasião de fazer alguma impressão na Alemanha, facilidade que me oferecem alguns amigos, e eu tenho interêsse em aproveitar.

Permita-me Vossa Majestade beijar-lhe mui respeitosamente as Augustas Mãos de Vosas Majestade, a quem Deus guarde por longos anos.

De Vossa Majestade
o mais humilde súdito
Antônio Gonçalves Dias.

M.I.

106

Amigo Capanema

Não te pude escrever pelo paquete passado por que não estava então em Lisboa. Chegando aqui recebi a carta que me deixaste de passagem e estimei as notícias que me dás da minha gente e tua Senhora. De meu sogro tive cartas de S. Vicente e sinto o que êle me diz de incômodos que tinha passado, principalmente com a menina que parece não ter passado bem até ali. Senti êsses incômodos, tanto mais que eu nada podia para remediá-los. Julguei que Olímpia não estando no mesmo estado em que veio do Brasil passaria melhor do enjôo, confiava na virtude da Quina, mas parece que foi tudo baldado. Ao menos, como D. Amélia até meio da viagem nada teve,

espero que vá ter o seu bom sucesso no Rio e que estejas a estas horas pai de um rapagão como um turco. Isso te compensará os incômodos da viagem.

Junto encontrei essas cartas que me vieram de França para ti. O Major (Mota) escreveu-me de Bruxelas para saber de uma carta que te havia dirigido com direção ou ausência para mim. Como não me falas disso em tua carta creio que as terás recebido.

Pelo «Maria II» remeterei um baú de minha mulher e nêle irá o linho para a tua mulher. Nessa ocasião te escreverei também.

Quanto à minha impressão pretendo estar na Alemanha em fins de junho-julho o mais tarde, visto que o Rognetto não quer que eu passe inverno, nem lá esteja por êsse tempo na Alemanha. Contudo ainda que isso seja cousa de bastante interêsse para mim, nem por isso faças sacrifício, ou posponhas interêsses teus mais sérios: é só podendo ser, e podendo ser sem muito incômodo teu.

Estou atrapalhado com a multidão de cartas que tenho de escrever antes de partir para Évora, e aqui me demoro sòmente enquanto avio o meu correio. Quando partir o «Maria II» (que será a 24 dêste) estarei mais folgado e poderei ser mais extenso.

Adeus. Muitas e muitas saudades a D. Amélia. Creio que lhe poderei dar as minhas cordiais felicitações pelo seu bom sucesso — e tu, quando te vires mais desembaraçado escreve-me.

Teu Am.º obr.mo

Glz. Dias

Lisboa, maio 10 de 1856.

Abri esta carta depois de fechada para dar-te os parabéns de te veres na extensão da palavra — pai de família. Ora, crês tu que eu estava de pedra e cal em como D. Amélia ia ter menino e não menina? Enfim antes isso que nada.

Meu sogro escreve-me que ela nasceu com um pequeno defeito, cousa fácil de se remediar. Sendo assim não te deves descuidar disso.

Com a tua carta recebi as de recomendação que me dás, e a outra para o fabricante; — sòmente te esqueceste dizer-me o que há a receber, e em que períodos. Isso pouco importa, se é homem capaz.

Pelo «Maria II» irão os teus livros e o linho de minha comadre a quem escreverei nessa ocasião.

Lembranças ao Pôrto Alegre, ao Lagos, e mais cornetas, e aceita muitas saudades do

Teu am.º e m.to obr.º

G. Dias

12 de maio

B.N.

107

Amigo Capanema

Aqui estou em Londres, e escrevo-te em papel grosso por conta do Govêrno.

Recebí pelo último paquete o crédito das 10 lb st., mas não sei se me chegarão, nem mesmo se terei tempo para esperar pela encomenda do Lühme, que como sabes pede um mês para a aprontar. Também tu não me escreveste a tal respeito, nem sei notícias tuas há muito tempo.

A tua carteira de viagem está comprada, e assim também o estojo de Estudante, que mandaste comprar.

Pólvora, papel de Benthal etc. está tudo encomendado. Vês que não durmo em Londres, onde estou há 3 dias, e donde parto amanhã.

Em Paris não sei quem foi que me disse que tinha uma coleção de botins para minha Comadre: lá lhos levarei.

Não sei que mais há. Adeus.

Do teu do coração

G. Dias

Nos caixotes de livros — ùltimamente remetidos pelo Brockhaus vão as amostras de papel — com os preços marcados — o livro do Cunha — interpretação do Apocalipse, — e catálogos para o Lagos — e creio que também para ti.

Londres, 3 de junho de 1856.

B.N.

108

Meu Senhor [D. Pedro II]

Cheguei d'Évora há alguns dias, donde vim para conferir os trabalhos que se tinham aprontado no Conselho Ultramarino. Infelizmente como as diligências portuguêsas não são as cousas mais cômodas, nem as mais seguras que se podem desejar em viagem, cheguei um pouco maltratado de uma contusão, que não terá outra conseqüência se não a de me obrigar a alguns dias de cama, donde me levanto para ter a honra de escrever estas poucas linhas a Vossa Magestade.

Apesar da dificuldade de encontrar copistas suficientes, ainda mesmo que não sejam se não sofríveis, tenho dado todo o desenvolvimento aos trabalhos em Évora para acabar com aquilo de uma vez. Ter-me-ia por enquanto limitado àquela Biblioteca, por que é necessária a presença constante de uma pessoa que dirija semilhantes trabalhos; mas como havia alguns amanuenses no Conselho Ultramarino e receei que, vendo-se desempregados, êles tomassem outro caminho, continuei a dar-lhes que fazer, e foi êsse o motivo por que vim a Lisboa.

Como quer que fôr, espero que em princípios do mês próximo terei concluído com o que há a fazer-se naquele estabelecimento, tendo extraído tudo, ou pelo menos o que ali há de mais importante para o Brasil.

Tenho a honra de beijar mui respeitosamente as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial.

De V.M.

O mais humilde súdito

Antonio Glz. Dias

Lisboa, 14 de junho de 1856.

M.I.

109

Amigo Capanema

Estás desesperado pelos teus livros; pois não me esqueci dêles: espero porém um paquete nosso que se está construindo em Inglaterra, por conta de não sei que companhia, cujo comandante é meu conhecido, que tos levará, e alguns meus, que já me vão incomodando.

O demônio do cólera e o meu ligeiro incômodo atrapalharam-me o capítulo com os meus trabalhos de Évora: dois amanuenses, que eu ali tinha, fugiram-me para Badajos; um volta, por que parece que não quis senão tomar ares, — tive de procurar outro que não é pequena dificuldade n'antiga Côrte Portuguêsa, infamíssima aldeia com previlégio de cidade, onde todos saberão escrever, mas haverá bem poucos que entenda[m] a letra de todos.

Ando numa roda viva para recuperar o tempo perdido — d'Évora para Lisboa e daqui para Évora, — e quando me zango com os meus amanuenses, responde[m]-me êles com uma pachorra evangélica que ainda não descobriram meio de adaptar uma máquina de vapor aos dedos para correrem mais ligeiros com a pena: já respondi a um que a natureza a proporcionava às vêzes da fôrça de um cavalo, mas os outros não se emendaram.

Sempre te digo, que se dou conta da mão, mando pôr com quinze mil diabos, três dedos de tacão nas botas, por que inquestionàvelmente merecerei ser um grande homem. Amém.

A tua ordem para Liège, tenho-a comigo, e nem mesmo tenho tido tempo para escrever àquele francatripas, como tenciono logo que se chegue a Lisboa.

Vou mandar encadernar tudo quanto se acha copiado para remeter no primeiro paquete; mas desejo não sair daqui sem pelo menos deixar esgotada a Biblioteca d'Évora tirando as cópias de tudo o que nos interessa. Tenho aqui cinco diabos que são umas lesmas: nos meus bons tempos já os teria rachado como uma sátira de levar couro e cabelo.

Muitas e muitas saudades a D. Amélia e aceita-as dêste

Teu am.º e obr.º

.. *Glz. Dias*

Évora 10 julho de 1856.

B.N.

110

[Évora, 10 de julho de 1856]

Olímpia *

....

Sinto mais que tudo a escassez dos meios, com que V. vive e tanto mais que o não posso remediar; veremos como nos arranjamos com a minha ida, ainda que com pouco mais do que isso podemos contar de certo; os nossos ordenados regulam a 300$ por mês pouco mais pouco menos, e com isso espero em Deus que havemos de passar, estreitamente sem dúvida mas sem dever muitos favores, — e até me parece que com um pouco de boa vontade da nossa parte ainda nos chegará para fazermos algum bem. Deus é grande, e essas não são as infelicidades nem os desgostos que eu temo.

B.N.

Cópia

111

Meu Senhor [D. Pedro II]

Pela Mordomia da Casa Imperial, recebi de ordem de Vossa Majestade um exemplar do Poema ** do Sr. Magalhães. Beijo agradecido e respeitosamente as Augustas Mãos de V.M.I. por graça tão especial, e vejo que ainda me não deixaram tanto as Musas que lhe não deva ficar sumamente agradecido por isto a elas, assim como a V.M.

Já tinha assistido a uma leitura dêsse poema, que o seu autor, em viagem para o Brasil fizera em Paris, ao Sr. Odorico, estando eu presente: abstive-me de formar juízo sôbre a obra, porque a declamação do Sr. Magalhães, que em verdade é excelente, é artística de mais para por ela se poder aquilatar o merecimento de alguma obra literária. Lembrava-me de um dos meus contemporâneos de Coimbra — João de Lemos — que muitas vêzes e apesar de reiteradas experiências nos enganava: o quer que fôsse que lhe ouvíamos por último, isso nos parecia o melhor, de quanto êle até ali tinha feito; mas quando aparecia o objeto do nosso entusiasmo, então eram as admirações de não termos percebido uma imensidade de pequenas faltas, que desapareciam com a declamação.

Volto ao poema.

Em Portugal não parece ter produzido o menor efeito: independente de outras causas, duas há que bastariam e de sobra para êsse resultado: a primeira é que nem todos estão com o espírito tão livre de preconceitos que possam apreciar a grandeza selvagem da poesia Americana; a outra e prin-

(*) *In* Almanaque Brasileiro Garnier, 1910. *Cartas de Gonçalves Dias,* pág. 171.

(**) *A Confederação dos Tamoios,* poema por Domingos José Gonçalves de Magalhães.

cipal é que o Sr. Magalhães põe na bôca de seus heróis algumas expressões que os filhos do

«Portugal vencedor, nunca vencido»

não podem tolerar, e menos procedentes de um tapuia.

Quanto a mim, se V.M. me permite manifestar a minha opinião tão francamente como a sinto, fá-lo-ei em poucas palavras; mas antes peço muito encarecidamente a V.M. não suponha que a *rivalidade de ofício* é em mim superior à sinceridade que se deve a V.M.

O que me parece é que o autor dos *Suspiros* não tinha dado direito a esperar mais do que êle com o seu poema nos oferece. Foi um xaque; pode porém ganhar ainda a partida, porque para isso sobram-lhe habilitações, talento, boa vontade, além do favor que V.M. tão generosa e liberalmente concede às letras.

Achei a versificação frouxa, de quando em quando imagens pouco felizes, a linguagem por vêzes menos grave, menos própria de tal gênero de composições, e o que entre êsses não é para mim menor defeito, o tamoio não tem muito de real nem de ideal.

Para o provar não será preciso muito, segundo imagino.

Aquêles bons tamoios choram a tão bom chorar que causa lástima: não é um por exceção mas

O pai, o irmão, a irmã, os Índios todos
Enternecidos choram. (Canto 1º) (*)

O que recorda por contraposição o fato dos selvagens de Hans Staden, aplaudindo o europeu que chora, como indício exuberante da sua nacionalidade:

«Venho pôr uma pedra em teu moimento!»

diz outro selvagem; com quanto não seja dêles êsse costume, mas dos nossos sertanejos quando passam junto de uma cruz, na estrada, que lhes assinala o jazigo de alguém.

Não admira pois que outro tamoio se apresente ornado, em sinal de luto

«Com negras plumas, que a tristeza exprimem
Pela morte do filho».
«E quem mais talhas tem dêste áureo vinho,
Mais rico se reputa entre os selvagens».

Diz o poeta: reflexão que se poderia aplicar com justiça aos vinícolas do Pôrto e Xeres. Entre aquêles, os vinhos feitos em comum, eram propriedade de todos e nem se conservavam por muito tempo.

Em outra parte: diz

Do nosso vinho bebereis conosco
No banquete frugal da despedida.

(*) As demais citações referem-se aos Cantos, 1º, 2º e 3º.

Parece *ter sido esquecimento de que êles quando comiam,* não bebiam e vice-versa.

Uma índia alimenta dois filhos, e isto não causa novidades aos selvagens, outro conta os anos pelos cachos dos coqueiros, e não pela frutificação do caju, e como isto muita cousa, de muito pouca importância, sem dúvida, mas necessária para se fazer a quem quer que seja, sentir, pensar, viver e falar nas condições da sua existência própria.

Quanto às imagens, frase portuguêsa e escolha de têrmos indígenas, — citarei alguns versos:

Soou de nôvo o *lúgubre* instrumento

diz-se de um clarim.

«Deu co'a cabeça dum contra a do outro,
Que batendo quebraram-se estalando,
Como estalam batendo as sapucaias»

Não é imagem muito feliz, nem esta:

Cai o colar de dentes arrancados
Por *suas mãos das bôcas dos vencidos,*

Mas fizeram-me ver, oh que prodígio!
Ao través d'um canudo, ...

Diz-se vulgarmente «ver por um óculo» ao *través* de um canudo parece demais.

Êste pó negro, pólvora chamado,
....
Da pólvora que tinha um chifre deu-me.
....
«Tupã que se apresente, então veremos
Qual de nós dois melhor dispara o raio».

Era uma pistola, que não sei se já era daquele tempo. Enfim para carear a vontade do Sobrinho Tibiriçá.

«Começou por mostrar uns avelórios,
Com que adornou o colo do sobrinho;
Deu-lhe uma faca e um lenço de Alcobaça».

A fábrica de Alcobaça também me parece que não existia, então; mas quando existisse — Essa faca, êsse «lenço d'Alcobaça» fazem péssimo efeito:

Os meus colegas não pecam por demasiada modéstia, segundo dizem, — e eu me não quero fazer exceção. — Estávamos uma meia dúzia em casa do

Sr. Herculano, e eu tratava de defender o nosso poeta, que estava ali sendo vítima de exageradas censuras: exageradas, digo, quando se aprecie o seu merecimento em geral. Recitei o comêço daquela ode:

Quando da noite o véu caliginoso
Do mundo me separa,
E da terra os limites encobrindo
Vagar deixa a minha alma no infinito
Como um subtil vapor no aéreo espaço etc.

É belo isto.

O Sr. Herculano, que não entrara na discussão, abriu o volume, leu duas cousas, e achando alguma que lhe não agradava, voltou-se para mim com alguma vivacidade, mandando-me que matasse ao meu colega.

— F. (disse-me êle) mate-me êsse homem; mate-mo.

Era a mesma voz que eu tinha ouvido no comêço da minha carreira, e como da primeira vez, rompendo espontânea da abundância de coração. Vim para casa ler os borrões do meu poema. Estou com mais mêdo, mas também com mais vontade de o acabar.

Passando a outro assunto.

Pelo penúltimo paquete chegado do Rio recebi um bilhete do Sr. Ministro do Império em que me avisa das ordens que se davam para que o Sr. Lisboa ficasse na Comissão em que me acho agora em Portugal. Ainda por êste motivo agradeço e beijo respeitosamente as Augustas Mãos de V.M.I.

Escrevi imediatamente ao Sr. Lisboa, ponderando-lhe a conveniência de transmitir-lhe pessoalmente êsses trabalhos, o que me forraria da obrigação de fazer-lhe um extenso relatório. Esperei por êle até agora, e, em abono da verdade, não tanto por esperar, como por que andava muito vaidoso com o achado de muitos manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira. Há apenas uma semana, descobri com certo sentimento de desprazer que o Sr. Drumond tinha levado consigo grande parte dêsses trabalhos. Todavia o que ficou, foi sonegado por quem dêles estava de posse; e penso que não teriam ocultado o pior. O que achei de A. Rodrigues ou são autógrafos, ou cópias corrigidas por êle, e muitas ao que parece prontas para a impressão.

Os trabalhos estão em andamento, mas à espera do Sr. Lisboa. Por mim estou coordenando, paginando e catalogando o que me resta para o mandar para o Encadernador.

No dia 18, pelo paquete francês, pretendo remeter o que colecionei em Évora, Tombo, Conselho Ultramarino e Biblioteca da Academia Real das Ciências: deve isso andar por perto de 50 volumes; dos quais 20 estão prontos para o embarque, e não vão agora por que quero ver se podem ir todos de uma vez; e para que o Sr. Lisboa os veja, no caso de que chegue neste intervalo.

Roga a Deus pela conservação da preciosa saúde de V.M.I., e de tôda a Família Imperial quem tem a honra de ser

De Vossa Majestade Imperial
o mais humilde súdito

Antônio Gonçalves Dias

Lisboa, 13 de setembro de 1856.

M.I.

112

Amigo Capanema

Tenho que fazer aprontar 50 volumes, encadernar, encaixotar e embarcar, nestes 8 dias pelo paquete francês: estou morto, podes-me rezar pela alma.

Não me esqueço dos teus livros.

Dentro de 20 dias estou na Europa, por que isto aqui é o demônio, onde apanhei umas terçãs, que me atrapalharam o capítulo.

Minha Comadre está outra vez de esperanças? Dá-lhe muitas e muitas lembranças, e parabéns também. E minha afilhada?

Até êstes 8 dias, e por agora adeus.

É verdade, o Herculano diz-me que mate ao Magalhães: Não o digas ao Pôrto Alegre, mas antes dá-lhe lembranças minhas e ao Lagos. Quando nos vamos?

Do teu do coração

13 de setembro de 1856 .

G. Dias

B.N.

113

Il.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de acusar o recebimento do exemplar do poema do Sr. Magalhães, que V. Exª se dignou remeter-me de ordem de S.M.I.

Agradeço sumamente a V. Exª êste obséquio e rogando-lhe ainda mais a mercê de fazer chegar a carta inclusa as Augustas Mãos de Sua Majestade, aproveito-me desta ocasião para reiterar a V. Exª os protestos do mais profundo respeito e consideração.

Lisboa, 13 de setembro de 1856.

Antônio Gonçalves Dias

Il.mo e Ex.mo Sr. Consº
Paulo Barbosa da Silva

M.I.

114

Meu Senhor [D. Pedro II]

Quando escrevi a Vossa Majestade a minha última carta, o Sr. J. F. Lisboa tinha chegado ou nesse mesmo dia ou na véspora. Soube-o, indo levar as minhas cartas a Legação, e por isso não o comuniquei a V.M.

Fiz as necessárias apresentações do Sr. Lisboa, — dei-lhe as relações das pessoas que me têm facilitado êsses trabalhos, — os meus apontamentos para a sua continuação, de forma que não tivesse de encontrar maiores obstáculos e pudessem continuar as cópias sem interrupção.

Parto amanhã ou depois para Bélgica e dali para Holanda, e examinados os principais estabelecimentos de instrução, e tomados os apontamentos de que careço, no que não conto demorar-me muito, passo à Alemanha para ver se posso mandar fazer ao menos alguma reimpressão, enquanto por outro lado preparo os meus relatórios acêrca da Instrução Pública na Bélgica, Holanda e Alemanha.

Antes porém de partir tenho obrigação de dar conta a V.M. do que se tem feito acêrca de Manuscritos. Julguei que a minha coleção poderia estender-se a 50 volumes; mas como os primeiros que mandei para o encadernador, me pareceram baixos depois de encadernados, resolvi tornar mais grossos os últimos volumes, porque nisso não vi inconveniente, sendo que em último resultado a quantidade de matérias nêle compreendida era absolutamente a mesma.

A remessa que agora faço é pois de 40 volumes, e talvez de algum mais. Para facilitar o seu exame organizei um volume de catálogo dos demais, e êste peço ao Exmo. Sr. Ministro do Império que o leve à Augusta Presença de Vossa Majestade.

Não me detive com belezas caligráficas, nem exigi dos copistas senao que me escrevessem inteligível e certo. Algumas vêzes se verá a tinta desbotada, porque a que aqui se vende é de má qualidade, ou também porque sendo escrita a nanquim os amanuenses nem sempre se queriam dar ao trabalho de o desfazer em maior quantidade.

Quanto às cópias em si — parecem-me curiosas as Crônicas de que trata o Catálogo d'Évora e essas vão tôdas, o volume da Tôrre do Tombo, — a *História dos Tumultos do Maranhão*, os próprios de registos, além das obras de Alexandre Roiz Ferreira etc.

Devo porém observar que muitos dêstes códices são cópias, e cópias mal tiradas ou borrões cheios de lacunas, interlinhas — em suma mais ou menos defeituosos, e contudo utilíssimos porque ou são únicos ou podem prestar-se a completar algum outro que apareça menos imperfeito.

As participações de Alexandre Rodrigues Ferreira cujo achado me tinha dado grande prazer sei que lá existem ou deveriam existir. Quando as mandei copiar, é certo que eu não sabia da entrega que se havia feito dêsses

manuscritos ao Sr. Drumond: notei todavia que devendo ter sido cabal a entrega, êstes que eu encontrara se me antolhavam como sonegados, tanto mais que ou eram os autógrafos ou cópias acuradas que parecem preparadas para a impressão e emendadas por letra do autor.

Dois dos papéis que remeto estão impressos: é o Regimento dado ao Provedor Antônio Cardoso de Barros, que V.M. dignou-se oferecer ao Instituto, quando já eu me achava nesta comissão, segundo me parece; e a «Visita ao sertão do Pará» do Bispo Montenegro. Como não soubesse donde saíra a cópia que serviu para a impressão do Instituto, julguei que se não houvesse vantagem pouco se perdia em haver outra extraída do próprio autógrafo.

Dos trabalhos que deixei apontados ou em andamento são os mais importantes a «Visita ao Sertão de D. Fr. Caetano Brandão» — um volume de ordens régias relativas a Pernambuco, — ambos êstes da Academia das Ciências. No Conselho Ultramarino cópias dos ofícios do Governador das Armas da Bahia por ocasião da nossa independência; e quase concluída na Tôrre do Tombo o manuscrito «Calamidades de Pernambuco» (1717).

Se bem me lembro, já tive a honra de falar a V.M. de um manuscrito semilhante por motivo de uma cópia que vi dêle em Pernambuco. Essa cópia não me agradou, nem existe no Rio; por êsse motivo mandei aqui tirar outra.

Se os trabalhos da minha coleção tivessem de ser impressos já e já, — eu pediria ao Instituto, ou a quem fôsse encarregado disso de dar tôda a atenção às citações e referências de autores, que será preciso retificar-se, a pontuação que será preciso fazer ou emendar alguma palavra evidentemente errada, que deixei ir tal qual, algumas vêzes, por ser a que se lia no original.

Se porém o Instituto tem falta de matéria poderá imprimir a Crônica do Pe. Morais (Évora) a do Pe. Jacinto, quase tudo o que é da Academia Real das Ciências, e o volume da Tôrre do Tombo porém a êste último será necessário dar-se uma ordem qualquer ou cronológica ou de matérias, por que consta de um cento de documentos que se iam copiando à medida que se iam descobrindo.

Conto deixar as coisas arranjadas por tal forma que, apesar da minha partida, se faça a remessa dêsses volumes pelo paquete que levará esta carta, que tenho a honra de dirigir a V.M.

Por um barco de vela que está a partir, remeto a meu sogro alguns livros do meu uso, e entre êles um volume manuscrito — Oceania e Brasil, para que a entregue ao Instituto; retoquei-a em parte, mas o estilo ficou ainda muito desigual; e além disto, como por falta de livros, não me foi possível aqui anotá-la como desejo que seja, mando pedir ao Instituto se sirva por enquanto de lhe não dar publicidade.

Se V.M. m'o permite passarei a outros assuntos.

Na minha última carta, tratei do poema do Sr. Magalhães, talvez com demasiada severidade. Não sabia eu então a guerra que tinha sofrido no Rio, e como alguma vez era atacada a pessoa do Autor.

Concebo que se diga quanto se queira e mais do que disse o *Mercantil*, contra quem quer que seja; porém achei mal feito que se mandasse pedir a Portugal a reprodução dos tais artigos. Foi isso que me asseveraram Túlio e Latino Coelho, redatores do Jornal em que aqui apareceram.

Há aqui um tal qual pendor natural para achar mal feito quanto fazemos, nem é preciso que lho roguemos por favor, e pela vã glória de ficarmos de melhor partido em uma polêmica literária.

Quanto a mim acho que ainda quando o poema do Sr. Magalhães fôsse uma maravilha no seu gênero, bem poucos aqui seriam capazes de o apreciar sem os prejuízos da rotina e sem que se ofendessem com a novidade do assunto. Têm inquestionàvelmente talento, estudo da sua literatura, que nós sem razão menosprezamos alguma cousa, e principalmente da literatura francesa: poucos passam além disso. Parece exageração dizer-se, mas não tenho motivos para o confessar além do amor à verdade. A Eneida Brasileira não achou simpatias em Lisboa; há dois contudo que a apreciarão, A. Herculano e Rabelo da Silva; os mais não podem avaliar a tradução, porque já se esqueceram das suas humanidades.

Um fato há para o provar. O Sr. Herculano retira-se da Academia das Ciências, e terá de cessar a publicação dos *Monumentos Históricos de Portugal*, obra que de certo honraria a qualquer corporação. Quanto a mim uma das dificuldades que há em o substituir está em achar-se um homem que saiba tanto latim, como paleografia e diplomática, além dos estudos históricos.

Longa demais vai esta carta, e eu pararei aqui.

Faço os mais sinceros votos pela conservação da Família Imperial, e em especial pela saúde preciosa de Vossa Majestade, cujas Augustas Mãos beijo respeitosa e humildemente.

Antônio Glz. Dias

Lisboa, 6 de outubro de 1856.

M.I.

115

Olímpia

Paris, 15 de outubro de 1856.

Muito tenho para lhe escrever minha Olímpia, e mais depois da perda que ambos acabamos de sofrer; nisso acharia eu uma triste consolação, que debalde se procura entre pessoas indiferentes.

Depois de tantos cuidados, quando tinha tôdas as esperanças de que a nossa pobre filha vingaria, quando tôdas as cartas que recebia mais me confirmavam nessas esperanças, — de repente, sem o esperar, sem o poder supor, recebo essa triste notícia.

A sua dor é justa, Olímpia; mas receio que seja demais. Não andamos neste mundo senão para que se faça a vontade de Deus. Êle nos tinha dado uma filha, e tornou a tomá-la para si. E quantos e quantas morrem sem terem provado êsse amor de pai e mãe? O que ninguém nos pode tirar é a lembrança de que a possuímos, — é a consolação de que temos um anjo no céu, que vela e roga por nós. Pois quando nos chegar a nossa hora, teremos uma prisão de menos, — e a alma se nos soltará do corpo com mais facilidade com a esperança de a vermos entre os escolhidos do Senhor. Chegue essa hora quando Deus a mandar, — mas não nos precipitemos para ela, esquecidos de outros deveres, que ainda nos prendem à terra.

Conformo-me com a vontade de Deus. Sei que há dores que só o tempo gasta, quando as não cure; mas desejaria e peço a Deus que lhe lembre que V. além de ter sido mãe também é filha. Seu pai me escreveu de modo que me inspira receios por V. e por êle; lembre-se dêle e tenha coragem para viver.

Tive filha para os cuidados que me deu enquanto foi viva, para a chorar depois de morta. Essas mil meiguices e gentilezas da infância, não lhas desfrutei eu, senão pouco, bem pouco tempo. Se a amava, V. o sabe; se eu lha podesse restituir a trôco da minha vida, a trôco de braços e pernas, de modo que ficasse reduzido a um cepo bruto e inerte, é o que penso algumas vêzes quando no meio de trabalhos ou de estudos para que não tenho já cabeça, ou de indiferentes e estranhos me surpreendo com os olhos arrazados de lágrimas, e caio em mim de que o que foi já não tem remédio. Mas por isso mesmo me lembro de seu pai e por experiência conheço quando custa esta inversão na ordem da natureza, que nos obriga a chorar a morte de uma filha.

Não lhe escrevi de Lisboa, Olímpia, porque parti atabalhoadamente. Foi no momento de partir que recebi cartas do Rio. Não sei que pressentimento tive que não pude acabar comigo de as abrir em terra; embarquei daí a uma hora e foi a bordo que as li. Isto é, a sua carta não tive ainda coragem para a ler: esperarei outras notícias suas, e ansiosamente as espero.

Escreva-me para Londres.

Tenha coragem e adeus. Aceite muitas saudades do

Seu do coração

Gonçalves Dias

B.N.
Cópia

116

Amigo Capanema

No meio de confusões de viagem e com a notícia da morte da tua afilhada não soube parte de mim, e nisto não sei o que fiz da carta em que me dizias que precisavas não sei de que obra da Inglaterra.

Tem paciência e dize-me 2ª vez o que queres. — O Lemith está em Paris e só voltará por êstes três dias; por isso não lhe falei ainda; mas também não queria perder o paquete do Havre e por isso te escrevo.

A minha demora aqui será muito pequena; mas não te importes com isso e escreve-me para Londres.

Lebranças ao nosso bom Pôrto Alegre, Lag[r]os e mais Cornetas.

A nossa comissão?

O Gabaglia não sei por onde anda; espero receber notícias dêle.

Adeus. Muitas saudades a minha Comadre, e aceita-as do

Teu Amigo

Glz. Dias

Bruxelas, 19 de outubro 56

B.N.

117

Amigo Capanema

Tenho andado tão atrapalhado com pressa de concluir, o mais cedo possível, os meus trabalhos na Bélgica, e com a cabeça tão pouco para o trabalho, que deixei tôda a minha correspondência para o fim, e em vésporas de partida do correio, último que chegará a tempo a Southampton para ir a sua correspondência incluída na mala, que não tenho tempo para escrever a ninguém senão às carreiras. O que aqui tenho a fazer estará concluído em 4 ou 5 dias, falta-me sòmente ir ver um Colégio de Gand, e um outro de órfãos, não sei da onde. Depois resta-me o trabalho da redação, mas isso poderei fazer em qualquer parte, tendo já tomado os necessários apontamentos.

Vamos aos teus, ou antes aos meus negócios.

Chegando a Bélgica, fui logo a Liège a falar com o homem. Não o achei na terra, e disseram-me que então se achava em Paris. Deixei-lhe dito ao que ia, e pedi-lhe que me escrevesse. Passaram-se dias e nada de notícias.. Escrevi-lhe, reiterando o meu pedido, e então respondeu-me que viria a Bruxelas em algum dia de novembro. Era muito tempo, e sobretudo o homem não me dizia nada, e só, apenas que vinha.

Voltei a Liège e não o achei outra vez. Pareceu-me entender, pelo que me disse o Cunhado, que êle esperava resposta em novembro da chegada das armas ao Brasil, e será talvez então que êle quererá ajustar as suas contas.

Não sei, está me parecendo que o tal sujeito quer fazer tratantada. Digo-o pelo que me pareceu perceber conversando com o Ilmo. Cunhado.

Se não é — algum apêrto pecuniário, e que o homem espere receber dinheiro para então poder saldar as suas contas, não lhe vejo outro jeito, senão ficares, ou antes ficarmos mamados.

Com tudo espera sempre, antes de pegares fogo, nova carta minha.

Manda-me dizer que obra queres de Londres — e ao mesmo tempo como vai a minha afilhada — do pé e de saúde, e de coração peço a Deus que sejas mais feliz com a tua do que não fui com a minha.

A minha vida de rapaz e de homem, tenho vivido sem família, e creio que morrerei sem ela: é triste; mas seja o que Deus quiser.

Minha Comadre como está? Dá-lhe muitas e muitas saudades minhas e aceita o coração do

Teu amigo

G. Dias

Bruxelas, 7 de novembro de 1856.

B.N.

118

Amigo Capanema

Saí para fazer as minhas despedidas para Alemanha, e volto para casa as carreiras, por que me dizem que há um paquete para o Brasil de Southampton, que não saiu hoje por ser domingo.

Dêste paquete não tive cartas tuas nem da minha família.

O Lemith parece que se quer portar como gente; mas há a dificuldade de que êle carece do Ministro para receber dinheiro e o ministro anda não sei por onde, com licença ou sem ela.

Há aí uma patifaria dêste tratante do Carvalho Morais, que tomou não sei quais compromissos com a casa Ancion, que lhe mandou dar aí dinheiro a um filho, sem dúvida por conta de novas encomendas. Eu te contarei essa história mas longamente pelo próximo correio.

O L. — acha-se sentido de que tendo êle servido bem, e com condições que outros fabricantes teriam dificuldades de aceitar, seja êle pôsto de parte, quando se tenha de fazer novas encomendas.

Diz êle e te terá escrito a êste respeito, que com a cessação da guerra êle pode fazer êsses fornecimentos por preços mais moderados —

ex. — fusil — 45 fr.
mousqueton avec yatagan — 50
" sans " — 35

E se o Govêrno lhe quer aceitar a mercadoria na fábrica e encarregar-se do transporte etc. um abatimento de 2 fr. por arma.

Adiante — Quando partimos?

E antes de concluir, — esquecia-me dizer-te que esperamos a volta do M°, que se espera por êstes dias. Êle disse-me que lhe causaria transtôrno *desembolsos*, tendo de receber dinheiro agora, — e eu entendi também que o não devia vexar por isso.

Adeus. Muitas lembranças a minha Comadre, ao Lagos ao nosso P. Alegre — a todos — e até a vista

Do teu do Coração

G. Dias

Bruxelas, 23 de novembro 1856

B.N.

119

Minha boa Olímpia

Colônia, 8 de dezembro de 1856

V. tem sofrido muito, eu o sei, — de todo o meu coração desejo que as saudades que V. tem e com razão, da nossa pobre filha que está no céu, se vão pouco a pouco desvanecendo. Crê V. que essa morte não me fêz falta, nem me deixou saudades? Todavia V. bem sabe quanto eu a estimava. Recordo-me dela com lágrimas e muitas vêzes, encontrando nas ruas, alguma mulher a pedir esmolas com a filha nos braços, dava-lhe por amor da nossa filha; e se muitas vêzes o não fazia por impaciência, voltava para trás arrependido, e dava-lhe mais talvez do que o faria da primeira vez.

Deus não quis que ela vivesse, tenhamos paciência: para nós, não; mas para ela talvez foi melhor assim. Se ela havia de ser tão infeliz mãe como V. tem sido, não foi grande misericórdia que Deus a chamasse para si?

A sua carta que acabo de receber me deixou triste, e profundamente comovido. V. tem a fortuna de ter pai, e já sabe o que é perder uma filha; não lhe queira dar êsse desgosto.

Escrevo-lhe às pressas, em cima de uma mesa de hospedaria, para ver se esta carta poderá partir por êste paquete, do que tenho receio. Felizmente dentro em 15 dias haverá outro paquete, e eu vou escrever-lhe mais longamente por êle.

Mariquinhas como vai? Com ela e com seu mano poderemos recompor a nossa família, e é possível que ainda sejamos felizes.

Adeus, tenha coragem e creia-me

Seu do Coração

G. Dias

B.N.
Cópia

120

Meu Senhor [D. Pedro II]

Com a entrada do ano que agora começa é do meu dever levar a Augusta Presença de Vossa Majestade os sinceros votos que faço pela prosperidade da Família Imperial, assim como pela continuação do feliz reinado de Vossa Majestade.

Êste dever que será sempre sagrado para mim, confunde-se em parte com o reconhecimento profundo de quanto devo a Augusta Bondade de Vossa Majestade. Ainda nesta ocasião beijo respeitosamente as Mãos de Vossa Majestade pela nomeação que Se Dignou fazer de meu sogro para Diretor do Instituto dos meninos cegos.

Tive a honra de levar ao Alto Conhecimento de Vossa Majestade que eu havia concluído os meus trabalhos na Bélgica, e estava em vesporas de partida para Alemanha, onde estou presentemente.

Preferi Dresde como cidade mais tranqüila durante o inverno, onde poderia coordenar os apontamentos que tomei na Bélgica sôbre a instrução primária e secundária, que em verdade ali floresce. Aqui também poderei com mais facilidade exercitar-me na língua alemã, que me será necessária para a continuação dêsses estudos na Alemanha, e fazer ao mesmo tempo a reimpressão que pretendo. Teubner, tipógrafo de Leipzig com uma filial em Dresde, prontifica-se a fazer-me essa edição em português, de cuja língua se tem alguma prática em suas oficinas. Estamos ainda em ajustes mas a impressão irá depressa — ao menos com quanta brevidade fôr possível para que eu possa concluir os meus estudos na Alemanha, e esteja em posição de obedecer sem demora às ordens do Govêrno de Vossa Majestade, quando se tratar da Comissão do Instituto Histórico para que tive a honra de ser indigitado. Não me iludo sôbre os incômodos que teremos de passar nessa excursão: não serão poucos nem de pouca monta; mas nela descortino tanta vantagem para a minha carreira literária, que

essa escolha ao passo que sobremodo me honra, vem a ser também a realização dos meus melhores desejos. Ainda uma vez, Meu Senhor, beija as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial

o mais humilde súdito

Antônio Gonçalves Dias

Dresde, 4 de janeiro de 1857.

M.I.

121

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tive a honra de receber o ofício datado de 12 de outubro passado, que V. Ex^{a} se dignou dirigir-me para comunicar-me a honra que me fêz êsse Instituto de indigitar-me e o Govêrno Imperial de aprovar-me para membro da Comissão científica que tem de explorar o interior de algumas das Províncias menos conhecidas do Brasil.

Não respondi imediatamente a êsse ofício de V. Ex^{a}, como era dever meu; porque em contínuas mudanças de uns para outros países, ficou êle por algum tempo retardado na Legação Imperial em Londres, até que o recebi em Dresde, donde me apresso a escrever a V.Ex^{a} para reparar esta falta involuntária, agradecendo a V.Ex^{a} o obséquio de tal comunicação, e rogando-lhe ao mesmo tempo de fazer presente ao Instituto Histórico Brasileiro, a que V. Ex^{a} tão dignamente preside, quanto com semilhante escolha me confesso penhorado.

Para cabal desempenho dessa comissão sobra-me boa vontade, mas desconfio das minhas fôrças. Felizmente os ilustres Membros dêsse Instituto a que coube igual honra, mas mais merecidamente que a mim, saberão dar as matérias de que se encarregam brilho tal, como de seus conhecidos talentos se espera.

Digne-se V. Ex^{a} de aceitar pela sua parte os meus agradecimentos e os protestos da mais subida consideração e respeito. Dresde, 4 de janeiro de 1857.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Visconde de Sapucaí

D. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Antônio Gonçalves Dias

I.H.G.B.

122

Amigo Capanema

2 de fevereiro [1857]

Parto para Berlim nestes dois dias, e dali posso continuar a corrigir a nossa impressão, que não está pintando mal. O Brockhaus mangou comigo nos primeiros tempos; mas eu meti-lhe mêdo de que me ia embora, e que assim a sua primeira edição para o Brasil, sairia uma porcaria, e outras cousas por êste teor, de forma que o corneta criou vergonha e ao menos á uma semana a esta parte tem-me andado como um sargento — uma fôlha por dia — e diz-me que se eu quiser mais pressa é só pedir por bôca.

Achei em casa dêle um Lindley — o Sertum — em perfeito estado, pelo qual pede-me êle 45 th. cousa de 170$rs. Não lhe dei ainda decisão porque espero resposta de Londres para saber se lá se acha algum exemplar da mesma obra mais barato, assim como das outras duas que pedi, e que o Brockhaus não me pôde ainda desencantar na Alemanha.

Não sei o que há lá por Bruxelas, que apesar de me dizeres terem se expedido as ordens, o homem me manda dizer de Liège, que não sabe de nada, com uma cantilena muito comprida das intrigas dos seus inimigos.

E a nossa expedição! Peço-te que me escrevas mandando-me dizer ao certo quando nos pomos em marcha; mas não te deixes iludir com as facilidades da nossa terra, de hoje, amanhã, que na linguagem das secretarias quer dizer 2 e 3 meses.

Quando V. tiverem de pedra e cal assentado de quando se deve partir, e o Ministro apoiado a cousa, então escreve-me. Interromper trabalhos aqui, e chegar ao Rio e ficar de braços cruzados sem poder fazer nada, na incerteza da partida, é cousa que se pode tolerar um mês; porém mais não.

Traduziu-se em alemão um dos meus dramas o *Boabdil*, e creio que vai ser representado em Dresde e talvez também em Leipzig — Infelizmente não poderei assistir a representação; infelizmente, digo, porque a minha modéstia de autor não me permite supor que a cousa seja pateada. Amém.

Muitas lembranças a minha Comadre, muitos beijos a minha afilhadinha. Está ainda pagã? Adeus

do teu do Coração

G. Dias

Amigo Capanema

Abri esta interminável epístola para dizer-te que me é cá precisa a carta do Manke que me parece ser um tratante de conta, pêso e medida, mas

principalmente para remeter-te o conhecimento junto das encomendas do Gabaglia. Houve não sei que *quiproquo* com o carregador, de forma que a carga partiu, ficando o conhecimento. Manda-o entregar na Secretaria.

Ainda uma vez, Adeus

do Teu do Coração

G. Dias

57 fevereiro

B.N.

123

Amigo Capanema

Esqueci-me de que estava na Alemanha e que portanto carecia de escrever com antecedência para apanhar os paquetes de Southampton.

Já recebi as primeiras fôlhas da minha obra. O Brockhaus tem empenho diz êle, de fazer uma cousa bonita, porque espera assim fazer-se conhecido no Brasil. Parece que o Sousa se deixa tentar e tenciona lá publicar não sei o que de Matemática.

O alemão vai indo — começo a dizer barbaridades de fazer tremer o céu, mas como esta gente é muito inteligente adivinha o que *eu quero* dizer, em quanto pela minha parte, nem sempre compreendo muito bem o que êles me dizem. Não estou muito zangado com a minha rudeza, porque há 6 semanas que estou na Alemanha.

Mandei o teu recado ao Gabaglia. Não sei o que êle terá malucado com as suas instruções. Há tempos que não sei dêle.

Quanto aos teus livros, mandei com antecedência saber disso em Inglaterra para informações. Um dêstes dias vou a Leipzig: estou persuadido que o Brockhaus — a pérola dos livreiros para descobrir cousas velhas e raras, nos fará isso, também ou melhor que qualquer outro. Esquecia-me dizer-te que êle me prometeu dar a obra pronta em 6 semanas — 2 já lá vão.

O Lemith tem-se portado regularmente, como já te mandei dizer. Não lhe mandei, mas queimei a tua carta. Escrevi-lhe, dando-lhe essa notícia, como de pessoa conhecida — que vinhas para novos arranjos etc.

A minha impressão tem-me dado que fazer como mil pipas.

Adeus muitas saudades a minha Comadre, notícias da minha afilhada, e do 2º que esperas, lembranças ao P. Alegre, e meus agradecimentos, em quanto lhe não escrevo, pelo trabalho que teve com as minhas instruções e aceita-as (isto é) saudades do

Teu amigo do Coração

G. Dias

Quando partimos.

Dresde, 5 de fevereiro [1857]

Esquecia-me dizer-te que é preciso para a minha Comissão um(a) Fotógrafo — um amanuense, e que um dos pintores que devem acompanhar o Freire, saiba moldar em gêsso, se os caboclos não desconfiarem que se lhes ponham cataplasmas — do que eu duvido. Essa gente, que tem mais juízo que nós, empresta com mais facilidade a filha, e mulher, do que a cabeça para experiências — ou do que confiam o pescoço à navalha de barbeiros. É por isso, e outras que tais razões que os chamam — *Selvagens*.

B.N.

124

Meu Senhor [D. Pedro II]

A bondade suma de Vossa Majestade, dignando-se permitir-me que alguma vez ouse dirigir minhas cartas a V.M. faz com que eu abuse dessa tão honrosa, quanto, na minha humildade o confesso, pouco merecida distinção.

Demorei-me em Dresde êstes dois meses para me familiarizar com a língua alemã, e também porque na proximidade em que estava de Leipzig podia mais fàcilmente vigiar a minha reimpressão. O trabalho de retocar cousas de que eu me julgava livre de uma boa vez por tôdas, sendo, além do mais, aquilo para que me sinto com mais repugnância me tem levado bastante tempo principalmente quando os compositores sabem pouco português, e o revisor da Tipografia é homem por demais versado no espanhol, em cuja língua se tem dado ao trabalho de corrigir-me.

Alguns anos não passam inùtilmente na vida do homem, conheci-o por experiência, quando agora, revendo os meus volumes, vi quanto nêles tinha de emendar, substituir e cortar. Bem conheço que podia ser mais rigoroso comigo mesmo, que o devia ser para me não mostrar inteiramente indigno da alta proteção de V.M., mas faltou-me a coragem para sacrificar mais que o dízimo do que já estava publicado. Cumprindo êste preceito da Igreja, julgo ficar em paz com a minha consciência de autor.

O Brockhaus, que se encarregou desta edição, e que mostra fazê-la com prazer por ser a primeira vez que trabalha para o Brasil, prometeu-me dá-la concluída até o fim dêste mês. Assim, ainda mesmo em Berlim para onde parto apenas tenha lançado esta no correio, poderei continuar a dirigir a impressão.

A facilidade com que se fazem êsses trabalhos em Leipzig, e principalmente naquela oficina, me levará talvez a imprimir o meu Drama — *Boabdil* — e um dicionário tupi-português, que tenciono oferecer ao Instituto.

O dicionário me parece oferecer alguma vantagem sôbre o de Anchieta, e do Anônimo, só com a simples inversão das línguas; mas independente disso haverá porventura nêle alguma novidade, que não será puramente poesia. Trabalhos eram êsses que eu tinha feito há bem tempo, mas não coordenado. Veio-me essa idéia, lendo um catálogo de Brockhaus, sôbre filologia, em que êle dá como meus os apontamentos sôbre a língua indígena, hoje em uso no Alto-Amazonas, que eu apresentei ao Instituto, declarando que os devia à bondade do atual Sr. Bispo do Pará. Pareceu-me que poderia emendar êsse êrro, para o qual não concorri, nem mesmo involuntàriamente, publicando o que a tal respeito havia anteriormente escrito; e julgo tanto mais oportuno êsse trabalho, quando devendo-se ao Instituto a idéia da conveniência dêsse estudo, e tendo-se ùltimamente publicado alguma cousa a êste respeito, era razoável que algum dentre os seus membros acompanhasse o movimento, que a êle se deve.

A minha intenção era publicá-lo em tupi, português e francês ou latim; mas quando principiei com o trabalho de coordenação, vi que isso me levaria muito mais tempo do que aquêle de que posso dispor; e reservando para depois fazer êsse negócio com o Brockhaus, restringi-me por agora ao português.

Tenho pronta para a impressão, justamente metade do trabalho; e para dar comêço a ela espero receber umas ordens, que ainda me não chegaram. Se vierem nestas duas semanas, tudo estará pronto nos primeiros dias de abril.

Quanto ao Drama, aconteceu que eu o lesse aos Drs. França e Sousa, que aqui se acham. Não desgostaram dêle. O França traduziu-o para o alemão e parece que não ficou mal. Ainda assim vai ser novamente revisto, e supõe o Tradutor que êle irá à cena aqui em Dresde e talvez também em Leipzig. Representado êle, aparecerão livreiros que o queiram imprimir, quando não fôr senão pela curiosidade de ser um drama brasileiro. Neste caso, eu não quereria que a tradução aparecesse impressa antes do original. Infelizmente depende esta impressão das mesmas ordens, que tanto cuidado me tem dado.

Visto que falei de brasileiros que nos achamos em Dresde, aconteceu por casualidade que nos encontramos aqui os Drs. Sousa e França, o Stockmayer e eu. O França tem dado umas preleções em língua francesa sôbre a constituição, código comercial e literatura do Brasil. O Sousa vai publicar as suas memórias ou pelo mesmo dar comêço a isso. Se o Stockmayer é o nosso Maestro dêsse nome (creio que será, mas não tive ocasião de lhe falar) — o Brasil, quanto à artes, letras e ciências, poderia inquestionàvelmente estar melhor representado; mas, ainda assim, não ficou de todo sem representação em Dresde.

Meu Senhor, fazendo os mais sinceros votos pela continuação da preciosa saúde de Vossa Majestade e da Família Imperial, permita-me V.M. beijar-lhe humilde e respeitosamente as suas Augustas Mãos.

De Vossa Majestade
o mais humilde e dedicado súdito

Antônio Gonçalves Dias

Dresde, 4 de fevereiro, digo, março, de 1857.

M.I.

125

Amigo Capanema

A cousa marcha. Estamos em perto de pág. 400. E para que não digas que a minha importante personagem não tem feito impressão neste pacatíssimo país, aí te mando duas fôlhas, que entre parêntesis foram impressas em Dresde, depois que dali saí. Depois que me chamaram personalität em caracteres alemães, fiquei outra casta de gente.

O Superintendente do Brockhaus em Leipzig escreveu-me uma cartinha, que quero ver se acho para ta mandar. É ótimo sujeito, como verás pelo conteúdo da sobredita cartinha, e tanto que a ser eu menino bonito, tratava de me ir pondo ainda em maior distância de Leipzig. Pede-me êle uns apontamentos bio, e bibliográficos sôbre a minha personalität, a fim de fazer gemer os seus prelos e revistas. Não lhos mandei ainda, porque não sei escrever a meu respeito senão em verso.

Nos tais jornais que te mando, trata-se de uma tradução que o França fêz de um drama meu, *Boabdil*, e que supõe êle será representado em Dresde nas barbas do rei Saxônio, entre os bustos dos grandes e somenos dramaturgos alemães. Não há gôsto perfeito nesta vida! dizia a outra! Assim, não verei aquêle pagode; mas também consolo-me com a idéia, que se patearem o descendente dos Omyadas, será a culpa, no meu modo de entender de lhe não terem ensinado a falar alemão direito.

Pelo que me diz respeito, estou horrìvelmente maçado! Como diabos viveste em Berlim. Estou aqui há duas semanas, e morro de saudades por Dresde, em falta de cousa melhor.

A não ser o correio que me traz todos os dias uma fôlha do Brockhaus para última prova, a não ser duas ou 3 horas de maçada em visita de escolas, a não ser a esperança de apanhar cutias à unha, enquanto tu ajuntarás pedras, e o Lago embalsamará cobras, — vinha-me algum acesso de spleen, que me rapava.

A propósito, minha Comadre deve de estar furiosa com a tal impertinente exploração.

Da minha gente não falo, que os entendo mal, e me entendem pior.

Minha mulher parece ter uma constituição para uso do sexo, onde se lê — que a vontade da cidadôa é livre, e elimina-se o cidadão, com a só mudança de um gênero, do número das cousas. Por isso não te visitou, por isso também nada lhe disse a tal respeito. A vontade da cidadôa etc. Faço-me selvagem por causa de semilhante declaração dos direitos da mulher.

Agora porém tem desculpa. Ela amava a filha, e eu sei quanto ela terá sofrido, quando me recordo dolorosamente, que uma vez lhe bati, como se pode bater em uma criança que não tem dois anos. A minha desgraça está em que não tenho filhos, nem posso desejar de os ter; porém acabou-se o papel, e eu te poupo uma lamentação que me ia a escapulir.

G. *Dias*

Berlim — 17 março. [1857]

B.N.

126

Olímpia

Dresde, 22 de abril de 1857.

Acabo de receber a carta que V. me escreveu a 23 de fevereiro e sinto pelo que V. e seu pai me dizem, que os seus incômodos se tenham prolongado mais do que era de recear.

Concebo como a morte de nossa filha lhe seja ainda motivo de tristeza; eu mesmo que por qual ligeira dor fazia versos, não os tenha podido fazer agora porque não tenho fôrças para isso. A vida é bem cheia de amarguras para não nos cansarmos muito com o que já não tem remédio; a dor purifica também, e de tôdas as dores, são de certo as mais insofríveis, mas também as mais meritórias na presença de Deus, aquelas que nos arrancam lágrimas desacompanhadas de remorso.

V. me fala de palavras indiscretas, seja; mas não falemos mais nisso. Creia que quando há culpa, qualquer que ela seja, não é tão feliz quem alcança o perdão como quem pode perdoar muito. Palavras são indiscrições, mas não culpas; por isso não temos de que nos pedir perdão um ao outro.

Estimaria saber que V. se acha mais tranqüila, menos incomodada, e menos amiga também de se deixar impressionar por idéias tristes. Bem basta o que tem de vir, sem nos inquietarmos muito com o mal, que talvez não virá nunca.

Demoro-me ainda e vejo-me forçado a isso porque a minha impressão ainda reclama a minha presença. As relações com êste livreiro me podem servir, quando eu estiver no Brasil. Assim vejo forçado a demorar-me, ainda que faço todo o esfôrço possível para me ver desembaraçado daqui. Fui à Prússia, onde estive três semanas, e voltei o mais depressa que pude, porque não obstante as facilidades da Europa, essa demora me causou algum transtôrno.

Quanto à viagem ao interior do Brasil não me falam nela há muito tempo. Suponho que algum inconveniente terá sobrevindo nesse projeto. Veremos isso.

Peço-lhe que cuide de si, e que aceite muitas lembranças do seu amigo

G. Dias

B.N.

Cópia

127

Amigo Capanema

Recebo ainda agora a tua carta de 23 de fevereiro, com as que minha gente me escreveu em março. Ficou-me ainda um enorme paquete em Londres — tão despropositado, que o Vergílio teve mêdo dêle, por causa do porte que me faria pagar. O Diretor de Kew escreveu-me em abril, dizendo-me que a coleção de plantas sêcas (algas) estava pronta. Mandei-lhe pedir que me dissesse o custo, para lhe mandar satisfazer, e ainda não tive resposta. Logo que êle me escreva, procurarei satisfazê-lo, para que êle tenha gôsto em continuar a servir-te. A cousa oferece suas dificuldades, porque, na confiança do nosso homem de L., tinha-me um pouco metido em camisa de onze varas. Isto é, feito a minha edição de poesias, alguns dêstes alemães fanáticos com os estudos filológicos, puseram-me cêrco para a publicação do meu dicionário tupi, e que na minha vaidade de compilador, me não parece cousa inteiramente desprezível. Por outro lado, tinha há tanto tempo oferecido o meu poema ao Imperador, que me envergonho de o ter na gaveta há tanto tempo. Quatro cantos dêles estavam prontos para a impressão, — ora se a cousa não tem de merecer aceitação, não vale a pena gastar a minha vida preocupado com essa idéia: assim publico em folheto para dar a continuação depois. Se fôr aceita, cobrarei alma nova para a continuação; se não, tomo naturalmente outro caminho.

As poesias custaram-me cousa de mil e tantos th. O livreiro me disse que os não fizesse encadernar antes de estarem bem secos, pois do contrário arriscaria a tê-los manchado com o tempo. Instei para que me aprontasse uns 20 exemplares, que tenho de dar na Alemanha e na Europa, e

para te remeter dois dêles por êste paquete — para ti e para o Imperador. A feira de livros veio atrapalhar-nos e creio que não poderão ir senão pelo paquete de Hamburgo.

Todos êstes trabalhos e impressões me vão tomando muito tempo e custando bastante dinheiro. O L., a pretexto de estar ainda no desembôlso de 19$fr., e de que não vinham ordens para o saldo da sua conta, tem-me andado a fugir com o rabo a seringa, e no entanto o cachorro tinha-me cara de homem de bem. Apesar dos pesares, procurarei arranjar as cousas de forma que o teu Sir W. Hooker não tenha razão de queixa.

O Gabaglia escreve-me que para cumprimento das ordens do Govêrno precisa de me falar. O Govêrno diz-me que estou encarregado de conjuntamente com êle, comprar, embalar etc. o necessário. Pedi-lhe que escolhesse o lugar que lhe fôsse mais conveniente para nos encontrarmos. Se fôr possível, pretendo propor-lhe que me deixe a compra do que me diz respeito, e daquilo de que me encarregares, e faça êle o mais como bem e melhor entender. Depende isso das cartas e comunicações que estão em Londres e de que êle há de ser portador.

Mas em suma, quando deveremos partir?

Não me esquecerei do teu amigo Stevens, indo a Münsch. Quanto ao Martius estamos na melhor inteligência. Infelizmente, creio que poderia dizer — estávamos. Aqui há tempos, recebi uma carta em que êle me fazia algumas perguntas acêrca do verdadeiro sentido de algumas frases portuguêsas, e me propunha uma questão sôbre a língua tupi. Quanto ao português, nada havia que admirar, ainda que êle contivesse as gentilezas que admiras no meu alemão. Estava no meu direito em desfazer-lhe as suas dúvidas. Mas quanto ao tupi, parece que o homem queria que eu lhe dissesse: — são questões essas tão profundas, que só à alta inteligência de V. Sª é dado resolver! — Respondi-lhe pelo contrário que ainda que S.Sª pudesse ter razão e nessa matéria fôsse juiz com conhecimento de causa, todavia me parecia a mim que a cousa era outra, e no meu modo de entender — muito simples. Ainda me não respondeu. Apre! parece que se a ciência é difícil, os homens da ciência se mostram muitas vêzes mais difíceis ainda.

A propósito do meu alemão, não estranhes os meus poucos progressos. Em primeiro lugar os meus trabalhos em Leipzig me levam grande parte do tempo, — e depois falo constantemente português ou francês, e só ao criado (hoje que não moro mais em família) ou a alguém a que por acaso me dirijo, falo alemão. Depois, como quero abarcar o mundo com as pernas, revejo matérias de direito para passar exames na Bélgica, e haver carta de Dr., que me será inútil, talvez, mas que em suma não me pode prejudicar. Não sei se sabes que na Bélgica não se compram cartas. Em último lugar, o gostinho de te dar quinaus em holandês. Não tomei mestres, mas é o

mesmo — a cousa há-de ir ou estouro o diabo. Mistura-me tudo isto com preocupações de todos os instantes, com desgostos talvez bem sérios, com recordações que deixam n'alma como uma atmosfera de pesares, e concluirás que a essa superabundância de estudos e de trabalhos não me leva nem o amor da ciência, nem o amor da glória, nem o amor de alcançar um fim que já não tenho; mas que os tomo simplesmente como um meio de matar ou de subjugar a todo o custo o pensamento. A nossa viagem pelo interior do Brasil terá, espero em Deus, êsse resultado.

4 de maio. Ontem escrevi o que fica acima. No entretanto recebi alguns exemplares do meu volume que me remeteu o Brockhaus. Remeti-os imediatamente para Londres (dois) — um a S.M. — outro ao Lagos para ti.

Amanheci hoje infamemente doente, e por isso não posso continuar. Só te devo dizer que o Sturtz com o seu costumado abelhudismo, pediu uns apontamentos, relativos a tua comissão, ao Dr. *Gustav Ienzsch*, de Dresde, que neste momento acabo de ler. Não sei que valor tem isso, mas o môço fêz o que lhe pediu o Sturtz, e um pouco vexado de semilhante incumbência.

Quem são os pintores que acompanham a nossa Comissão? Há um fulano Lima, prêmio da nossa Academia de B. A. — que estêve em Roma, e trabalha hoje em Paris. Pergunta ao Pôrto Alegre que tal é êle como pintor, e se o número ainda não está completo, tomem-no. Eu por minha parte preciso de um diabo que me ajude — mas também não sei se êste quererá ou poderá ir.

O Govêrno não nos dá ajuda de custo. Neste caso me conviria fazer os meus pequenos preparativos aqui, e pediria que me mandassem abonar a metade dela.

Adeus, muitas saudades a minha Comadre, muitos beijos a minha afilhadinha, — e lembranças do

Teu am° obr°

G. Dias

[3 de maio de 1857]

B.N.

128

Meu Senhor [D. Pedro II]

Há dois [?] remeti a Legação de Vossa Majestade em Inglaterra um exemplar do meu volume de poesias com o pedido de o enviarem por êste paquete para o Rio, a fim de chegar conjuntamente com esta as Augustas Mãos de V.M.

Ficam no prelo o meu Dicionário-tupi já pronto de todo para a impressão, e o meu poema, do qual não sei ainda quantos cantos poderei imprimir agora, porque não escolhi a ocasião mais favorável para continuá-lo, aqui na Europa, e ocupado como tenho estado com outros trabalhos.

Quanto ao meu Drama — *Boabdil*, a tradução alemã está ainda nas mãos de Gutzkouv, poeta dramático, que se mostra empenhado em o fazer representar no Teatro de Dresde, não tanto pelo merecimento do trabalho, como pela curiosidade de ser drama de um brasileiro. Há na franqueza alemã tanta ingenuidade, que não é preciso muita penetração para se ver que é para êles objeto de maior surprêsa haver entre nós quem escreva, do que se ouvissem falar do descobrimento de um poema antediluviano.

Recebi por êste paquete ordem do Sr. Ministro do Império para comprar os livros e objetos constantes de uma relação que me enviou, com recomendação de dar tôda a pressa a compra e remessa dêsses artigos. O Sr. Gabaglia e eu esperamos apenas a partida dêste paquete para nos reunirmos e calcularmos se é bastante a quantia arbitrada para essas despesas; no entanto já demos princípio a esta comissão, fazendo algumas encomendas.

Fazendo os mais ardentes votos pela continuação da saúde e prosperidade do reinado e Família de Vossa Majestade Imperial, beija muito respeitosamente as Augustas Mãos de Vossa Majestade.

o mais humilde súdito
Antônio Gonçalves Dias

Dresde, 5 de maio de 1857.

M.I.

129

Amigo Capanema

Escrevo-te por fora da mala para te dizer que as tuas cartas tem sido abertas, mesmo aquelas que acompanham ofícios, os quais apesar das armas do Império não escapam dessa indignidade. Talvez te devesse ter feito essa comunicação há mais tempo, porque o lacre das tuas cartas me vem ordinàriamente em forma de pastel; mas não supondo haver nem em Secretarias nem em Legação bandalhos de tal calibre, atribuia isso à pressa com que sempre me escreves. Últimamente porém com os maços que acompanhavam os ofícios de encomendas, houve menos cuidado: não era possível deixar de reparar nisso. Encontrando-me aqui com o Gabaglia e sabendo que o mesmo lhe tinha acontecido, concluimos que há nisso um plano, e não um fato isolado.

Donde parte isso? De Londres não creio, porque quem me toma as cartas, é um môço da Legação, o Virgílio, que está muito longe de ser capaz

disso. Por outro lado, o Gabaglia as recebeu segundo suponho, à chegada do correio, ou cousa semilhante, donde concluimos ser pouco provável que o fato tenha lugar em Londres. Se é na minha Secretaria ou na do Império, é fácil ver isso, continuando tu e o Lagos a escreverem como de costume, deixando os ofícios rolarem dois ou três dias na Secretaria, e verificando o estado dos selos, quando se fechar a mala.

Quem quer [que] seja é um grande tratante, incapaz de servir ofícios públicos, salvo meliori juditio.

A isto acresci outras circunstâncias. O Ministro me diz em um dos ofícios que me tinha remetido uma das vias — pelo paquete de Gênova. Recebo todos êsses papéis conjuntamente — isto é — um ofício de *27 de fevereiro*, outro de 15 de março, assim como as tuas cartas que são de 24 de fevereiro — a tantos de *maio*. Onde estiveram êles? É certo que vieram pelo último paquete de Southampton.

Essa bandalheira me tem incomodado tanto, que a serem outros os nossos colegas, mandava tudo à fava. Essa canalha insigne creio que se persuade que essa viagem é um pagode, — que para termos 6 contos de réis por ano, precisamos de sujeitar-nos a privações por que muitos escravos não passam, a incômodos de todo o instante e a perda de saúde e talvez de vida. Felicíssima canalha! e o que não hão de êles gritar com as despesas, porque serão enormes! nem se lembram que um dia que tenhamos de fortuna é o que basta para mudar a face do Brasil. Mas não; lutamos por um lado contra os preconceitos e as pequeninas invejas da nossa pobre gente, que se esquece de que é brasileira, quando julga, ou quer fazer crer que julga, que um brasileiro é incapaz de cousa alguma; e por outro lado — eis aí começam a pôr em ação os pequenos meios, as vergonhazinhas dos pequeninos d'alma — as *pedras na turbina*, em uma palavra. Indigna semilhante cousa! Que! Tu dizes aqui na Europa: O Govêrno do Brasil vai mandar uma comissão científica para explorar o interior do Brasil! E êstes homens entusiasmam-se ou pelo menos conservam-se curiosos à espera do resultado. Diz-se isso aos nossos grandes homens diplomatas! é indizível o sorriso de compaixão com que êles acolhem idéias e pessoas! Para êsses pobres, muito dos quais nem terão a fortuna de deixar o nome num ofício redigido, como são todos êles, o não ter feito cousa nenhuma, é o diploma de capacidade para fazer tudo! Pobre da nação, onde tal gente predomina!

Digo que as despesas serão enormes, porque calculo no que vai por cá. Com o fito puramente científico — a companhia ocidental não sei se de Hamburgo envia uma comissão ao Himalaia, composta de duas pessoas — dois irmãos, Wagner, creio que se chamam. O que podem fazer dois homens?! Êsses homens levam mil *libras* de instrumentos, (libras, dinheiro) ordenado de 6$ libr. cada um, um auxílio anual de 6$ thal. que lhe dá o

Rei da Prússia. A Comissão dura 4 anos; e supondo que não haja extraordinários — aí tens coisa de 450 contos sacrificados a ciência por uma companhia de comércio!

Êsses instrumentos estiveram expostos em Berlim, e aqui mesmo foi objeto de admiração que dois homens carecessem de tantos instrumentos. Mais atualmente a Áustria organiza uma comissão semilhante para a volta do globo, suponho: — 4 pessoas — sabes tu quanto gastaram em instrumentos — Não adivinhas: 70.000 thal. — um pouco mais que *90* contos!

Verás como há-de gritar tôda essa câmara óptica com o que se tem de gastar. Sabes tu em quanto me orçam os livros? — Edições perfeitas ou das melhores, exemplares escolhidos, — garantindo o livreiro a beleza das estampas e o número delas, encadernadas convenientemente e com preservativo, como nos livros que são destinados para as Índias? — O *maximo* diz êle, são 6 mil thalers, mas apesar de ser o máximo, são 6$ th. ou antes 6.100. Falando com o Martius, mas não é caro, diz êle. Mas diz o Martius que sabe o que são essas obras, e que as suas próprias, sòmente as suas custam talvez 5.000 francos.

Agora para o que me resta a comprar, não sei nem posso fazer orçamento. São objetos miúdos, mas muitos, e no fim isso avulta. Macacos me mordam se sei como me hei-de haver neste negócio.

Antes de passarmos adiante. Eu te havia mandado dizer que as minhas impressões (e a propósito recebeste o teu exemplar, e chegou o de S.M.) acabadas e por acabar me tinham levado os olhos da cara, — que me era preciso preparar para a viagem, e que havendo economia em fazer aqui os meus pequenos arranjos, eu mandaria pedir, que me dessem a metade da ajuda de custo, que nos fôsse destinada. — Não é bom cansar o govêrno com essas cousas; não fales nisso, e se já falaste, não lembres mais. Eu me arranjarei no Rio, como puder ser, — tanto mais que quem vai lidar com os gentios parece não precisar de mais do que arcos e frechas, o Burlamaqui nos dará isso do Museu, e não haverá mais que dizer.

Isto não significa que as minhas finanças estão muito prósperas, pelo contrário, espicho os kreuzers, como se eu tivesse grude nos dedos, mas é o mesmo que nada; êles vão-se como contas de um rosário que se desenfia. Mas como talvez tenha de falar alto, fiquemos aí com os favores do govêrno.

Estas fábricas de papel, fazem agora uns papelinhos como para cartas de namôro. Tenho tanto que te dizer, e já estou no fim da 4ª lauda. Fica o resto para a mala. Encontrei aqui o pobre Gabaglia coçando a cabeça e o homem mais infeliz do mundo, porque o Ertel não lhe queria aprontar os instrumentos antes de 15 de fevereiro — Que pulos que vais dar tu e o Lagos?! Consolei o homem, que por cautela agarrou uma carta do Ertel, em que lhe declarava umas cousas, que na concisão latina se

traduz — pelo ad impossibilia nemo tenetur, nem mesmo todos os Gabaglias juntos, e todos os Dias dazũ. [Sic] Caramba! Iam-me esquecendo as saudades a minha Comadre — e a minha afilhada, — enfim adeus.

G. Dias

Munich 25 maio 57. Se me escreveres por fora da mala, dirige a carta — Paris — 2 Miromesnil — mora lá o Sampaio.

B.N.

130

Meu Senhor [D. Pedro II]

O Sr. Ministro do Império encarregou ao Sr. Gabaglia e a mim de fazer algumas compras de objetos para uso da Comissão científica, que V.M. manda para explorar o interior de algumas das Províncias menos conhecidas do seu Império. Essas ordens ficaram retardadas não sei aonde, porque sendo alguns dêsses ofícios de fevereiro, recebi-os a todos de uma vez, depois de meados de maio: foi isso um triste acaso, porque muitas dessas compras precisam de tempo que assim se tornou mais espaçado.

O máximo do prazo necessário para isso é até fevereiro do ano próximo; mas êsse máximo também se não pode encurtar, porque o fabricante de Munich a quem o Sr. Gabaglia encomendou os seus instrumentos, não os pode aprontar antes de 15 de fevereiro. Quando cheguei a Munich, o contrato já estava feito; mas que o não estivesse, eu não poderia aconselhar outra cousa, por entender que, quando se trata de observações científicas, e seu merecimento se aquilata pela qualidade dos instrumentos, de que elas resultarão, assim como pelo número e importância das experiências a que foram sujeitos antes de serem empregados. O fabricante de Munich é o primeiro da Europa, e as condições impostas pelo Sr. Gagablia creio que satisfarão os mais exigentes.

Pela minha parte também isso não se poderia fazer sem tempo, ainda que em verdade o prazo seria então incomparàvelmente mais curto. Dirigi-me ao Brockhaus de Leipzig para a encomenda dos livros. Ora êsses livros só se encontram à venda na mão dos livreiros antiquários, e leva tempo procurá-los, escolhê-los e fazê-los encadernar. Brockaus pede para isso três meses, não só para bem escolher, como para os poder comprar sem precipitação onde aparecerem mais baratos, o que lhe será fácil com as suas relações em tôda a Europa. Ainda assim, esta despesa há de ser avultada. Êsses livros empregados, digo, impressos por conta de sociedades científicas ou de Governos — em não grande número de exemplares, — contendo grande número de estampas e de estampas coloridas, custam

caro, principalmente quando se tem de escolher as melhores edições e das melhores edições os exemplares mais perfeitos. O livreiro responde pela bondade das obras, tem interêsse em bem servir, porque deseja ser livreiro do Instituto, na Europa, como há tempos comuniquei ao Sr. Secretário; mas contudo a despesa será grande, e parecerá ainda maior com a idéia que se tem no Brasil da barateza dos livros na Europa, o que é verdade, quando se trata de literatura.

V.M. me permitirá duas palavras pelo que particularmente me diz respeito.

O meu poema está já impresso até ao fim do 4º canto, — não sei se haverá tempo para continuar por agora com essa impressão, ainda que com mais algum trabalho poderia fazer imprimir também o 5º e 6º cantos.

O dicionário caboclo está pronto, e na mão do livreiro: em dois meses ficará pronto. Digo — dois meses — porque os portes de correio são caros n'Áustria, e eu preciso de sair daqui para continuar a rever provas.

Fazendo votos pela continuação da saúde de Vossa Majestade e prosperidade da Família Imperial, peço licença para beijar as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial

humilíssimo súdito
Antônio Gonçalves Dias

Viena, 3 de junho de 1857.

M.I.

131

Amigo Capanema

Se ainda desta vez te queixares de faltas de cartas, é porque não tens que fazer.

O Brockhaus te remeterá os exemplares do meu volume — 1700, ou — 1800 ficam 200 na *Europa* e 100 mando para *Portugal* (!) Manda dos que te chegarem 4 para minha casa, tira os que quiseres, e dos restantes faz o que quiseres.

Estou em Viena como verás pela data. Não pude ainda desencantar o Sr. Glasl; de resto a tua carta já lhe deve ter sido entregue [há] muito, porque lha remeti pelo correio; mas no caso contrário queria dar-lhe a duplicata com *correções e aumentos*.

Sabes tu que a gente de saia em V. não é nenhuma asneira!! Se caso é por que a asneira está feita, e S. Pedro diz que uma vez pode ser infelicidade, mas duas é pecado que não tem absolvição, no reino dos céus. Amém.

Muitas saudades a minha Comadre, e manda-me dizer se estás muito babão com os pequerruchos. Adeus

do teu do Coração

G. *Dias*

Viena, 3 junho 57.

B.N.

132

[2 de agôsto de 1857] *

....

"Grande parte das encomendas que o Govêrno me mandou comprar estão já prontas e as mais estarão no fim do mês; mas faltam ainda algumas outras, não poucas, para cuja compra me falta dinheiro; mas o pior é que não sei quanto hei de pedir. Não sei os preços: mandei-os perguntar a Londres e a Paris, mas como até agora não me dão notícias dêle, não tenho remédio senão passar-me a Paris e a Londres por êstes dias, donde lhe escreverei com mais vagar.

Não tenho há bastante tempo notícia sua, nem da nossa família, porque andando nestes últimos tempos como uma ave de arribação, e desconfiando, como vai acontecer, que tivesses de ir a Londres, pedi que me não remetessem carta que me viesse dirigida, temendo algum desencontro.

Assim, pois, se por infelicidade V. me escreve de alguma cousa que devesse ter pronta resposta, tenha paciência por mais alguns dias.

É provável que entre os meus livros se encontrasse uma lata (canudo) a que V. não terá dado muita atenção. Dentro dela está a minha Carta de Bacharel assim como os papéis de Odorico.

Se essa lata não se encontrou, pergunte por ela ao Macedo, a quem eu talvez a confiasse.

De resto é bem possivel que o João tenha melhor memória do que eu. Lembra-me que arrumando os meus papéis na minha partida eu lhe fiz observar essa lata, e lhe disse que dentro dela estavam os papéis de Odorico com a minha carta. Talvez mesmo eu lha desse para guardar. Se êle não a tem, veja nos meus papéis que ficaram no Rio. Se não está entre os meus papéis, pergunte ao Macedo. Não sei se os meus livros já terão chegado ao Rio. Os outros irão breve» ....

133

Amigo Capanema

Basel, 2 de agôsto. [1857]

Ultimamente te escrevi de Viena, mas não sei se já então havia dado com a casa do teu amigo Dr. Glasl, que mora em cascos de rôlha, em um

(*) *In* Almanaque Brasileiro Garnier, 1910, "Cartas de Gonçalves Dias", págs. 171/72. Sem destinatário.

dos arrabaldes de Viena. Estive com êle, pareceu-me um excelente sujeito, e por sinal que te manda muitas lembranças.

Não te admires da minha letra, que te escrevo à horas mortas da noite e êste infame papel não me deixa ver a pauta. Vamos a negócio.

O Glasl me escreveu ùltimamente, mas não te posso mandar a carta, por que poderei ter necessidade dela. Uma parte das encomendas de que está encarregado estará pronta a estas horas — o resto em fins do corrente. A despesa é avultada — porque vidros, instrumentos, incluído o microscópio — andará por 2.670 florins, pouco mais ou menos ou antes — um pouco mais por que é preciso contar com as despesas de transporte, seguro e embarque. Aí temos pois cousa de 2.400$ porque se trata de florins de Viena, que andam em 900 rs. cada um, como sabes.

Quanto aos bocais de vidro, a encomenda já estava feita quando eu cheguei, e feita provàvelmente seguindo as tuas indicações; por isso não tive nada que dizer — mas parece-me que os vidros maiores que foram encomendados são excessivamente grandes: de pouco poderão servir ao Lagos, porque nem são muitos os objetos que se tenham de engarrafar em monstros tais, onde me podem meter a mim, nem mais nem menos do que se fôsse um caju-monstro. Dos menores, e sobretudo dos pequeníssimos, parece não haver quantidade bastante. O Lagos me diz que precisa de 10.000, e a tua encomenda não foi senão da 5ª parte — isto é — de dois mil. Vendo eu as coleções de história natural de Viena, compreendi como é possível que sejam necessários êsses dez mil bocais, que ao princípio me pareceram excessivos. Entendo com o Lagos, a quem desta vez talvez não poderei escrever, mas não quero que êle se queixe de mim, e há muito tempo de se encomendar o resto, se forem precisos.

Não te posso dizer circunstanciadamente quais são os preços dos objetos encomendados por Glasl, que também não sei senão por alto. É, segundo êle diz, isto.

Bocais de vidro — 1.100 fl.
Plösil (Microscópio?) 1.250.
Os outros instrumentos 320 — 2.670.

Das três mil libras que o Govêrno mandou para estas compras deixei duas mil ao Gabaglia, e pedi-lhe que deixasse ficar mil à minha disposição. Destas mil libras — ficam reservadas 500 para os livros que é mais da metade do total da encomenda — um pouco mais que 250 para Glasl — ficam de resto 250, que não é lá grande cousa, para o que me resta a comprar, sem sair da relação do Govêrno. Mandei pedir a Londres e a Paris uns preços, que até hoje não recebi, e que me seriam precisos para pedir dinheiro ao Govêrno. De resto, isso não seria, ainda assim, cálculo muito seguro, porque

não sei se entendes que devam ir as duas máquinas fotográficas, nem quais os objetos que devo comprar para os selvagens.

O mais simples é ir a Paris e a Londres, porque diz o ditado que quem quer vai, quem não quer manda. Então poderei mandar ao Govêrno o meu orçamento, e querendo Deus não passará dêstes quinze dias.

Já chegaram os meus livros ao Rio? E que te parecem? — Manda ao Castro Rabelo (José Justiniano de) da Bahia cem exemplares, para que veja se os passa pelo mesmo preço que os do Rio — isto é — a 5$rs. Manda-os em meu nome e ajunta-lhe para êle e senhora quantas saudades e cumprimentos possam caber numa fôlha de papel.

O poema, isto é, a parte que está feita deve estar pronta a esta hora; o meu Dicionário vai adiantado, e tanto que para sair da Alemanha não espero mais que acabar de o rever. Terás tudo isso lá quanto antes.

O holandês vai menos mal. 15 dias na Holanda poderei também repetir o — *kann it verstaan* — Não sei se sabes a anedota do alemão na Holanda. Se a não sabes, eu ta repetirei, outra vez, que agora estou com muita pressa.

Muitas saudades a minha Comadre, a minha afilhada muitos beijos — e a ti um abraço do

Teu do Coração

G. Dias

PS. Esquecia-me dizer-te. Os selos dos últimos ofícios chegaram perfeitos.

B.N.

134

Amigo Capanema

Paris, 3 de setembro 57.

Escrevo-te com muita antecedência, e ainda assim te escrevo às carreiras. Em primeiro lugar, negócios.

O Glasl tem prontas ou quase tôdas as encomendas. Havia-lhe eu mandado perguntar se não era possível entender-se êle com alguma casa de expeditor que mandasse embarcar em Hamburgo para o Brasil, as encomendas de Viena. O bom do homem, a pretexto de que os caixotes o estavam incomodando, apenas recebeu a minha carta, não esperou por mais indicação, e remeteu os caixotes dos vidros da Boêmia, não sei ainda quantos, — a ti. Quando chegarem, comunica ao Govêrno para que os mande receber na Alfândega, e pagar o frete. Numera-os lá e marca-os com a letra (A) para se saber o que contém isto é — bocais de vidro. O mais irá agora, e já o avisei que devia ser remetido à Secretária do Império. Ainda não recebi as contas, pois que ao custo se deve ajuntar

despesas de transporte até Hamburgo, e seguro marítimo. No entanto êle já lá tem 250 libras ou fl. 2.500, pouco mais ou menos, com o que lhe venho a ficar restando muito pouco.

Remeti para Berlim a tua carta com a encomenda das cápsulas; porém mandaste por uma só via e como o corneta me não responde, estou com receio de algum extravio. Pelo seguro manda outra.

Benzina, carbono, e quinino estão encomendados, amanhã os mando receber para os embarcar pelo Havre. Não fui a Mr. não sei quem, que me recomendavas para o sulfureto de carbono, por que o Rousseau me arranja isso magnìficamente bem e barato, cousa de 30 sous o quilo.

O Quinino é que é pesado como diabo — 280 fr. o K. — foi o mais barato que achei; e como há receio que êle aumente de preço fui fazendo a encomenda, sob garantia de R., que prometeu acondicioná-lo por tal forma, que no fim de 3 séculos, esteja como ao sair da fábrica.

As encomendas de Londres — pólvora, papel de plantas e guta, anda[m] em cousa de 125 l. sem contar com embalagens, transporte e seguro — mas preciso de um esclarecimento. Pedes guta-percha bruta, e na tal companhia só se vende *purificada* e reduzida a rolos como chumbo laminado, lona etc. — Convém-te essa guta-percha com matérias heterogêneas? Será então preciso ir procurá-la em casa de algum importador. A purificada custa 2 sh. a lb.

Encomendei dois aparelhos fotográficos — de 3 e 5 polegadas: verás que êste último já é grande demais para as nossas viagens do interior. Não imaginas com que mêdo estou dos transportes. Quanto aos ingredientes, eu perguntava a tua opinião sôbre a quantidade e qualidade dêles, por que afora eu e tu, podem haver outros que queiram meter o bedelho em fotografia. Parecem-te que serão bastantes 3 K. de nitrato? tomando-se o nitrato como base para saber-se o que deve ir dos outros produtos. Quanto ao colódio, creio que teremos de o deixar de parte muitas vêzes para trabalhar com a albumina; porque, como qualquer acaso, ficamos sem êle, ou, o que vale o mesmo, ficamos com o diabo inutilizado.

Falas-me dos progressos do Le Gray. Sem dúvida, seria muito vantajoso apanhar-lhe os processos; mas quem me garante a boa-fé dêsse tratante? Os nossos colegas fotógrafos, e principalmente os franceses são enormíssimos troca tintas em quem não há que fiar. O que é certo é que os seus escritos prometem pouco, — e os seus trabalhos, que não são maus, em verdade, não podem ser devidos senão a algum dos meios conhecidos para tornar mais rápido o colódio. Infelizmente não tenho *atelier;* estou com vistas num, — e ainda que não possa trabalhar senão no inverno, por que agora tenho mais que fazer, será isso bastante para pôr os aparelhos em estado de trabalhar, e de experimentar eu os processos de Monkoven, que me parecem ótimos, assim como os de Martin, Walleur, Bareswill, Löcherer, Weingartshofer — (vês que abundam).

A compra dos ingredientes fotográficos fica para mais tarde. Isso e a pólvora serão as minhas últimas compras.

Recebi a relação dos livros (aditamento a primeira). Dirigi-me logo ao Perthes e Brockhaus para ver quem me faz a cousa mais barato. Perthes calcula-os em 7,500 fr. — Br. — não respondeu ainda. Espero resposta para saber a quem hei de fazer a encomenda.

Um cefalômetro, que vem na relação das compras, é para a minha comissão? Comprei um Craniômetro e creio que tudo vem a dar no mesmo pois que se nada pode *medir* o cérebro senão por dedução. A capacidade do crânio deve estar em relação com a quantidade de matéria cerebral, nos indivíduos da mesma espécie, — ainda que há nisso muito que se lhe diga.

Não tenho achado um diabo de goniômetro facial, que Lagos me indicou: também se o não achar, não é grande a perda, pois que não creio muito no sistema. Seria preferível um *dinamômetro* para ver que o caboclo tem mais *guzo*.

Os teus livros estão comprados — Decandolle, Monkoven, Payer. Estou engenhando um meio para tos remeter. Lençóis etc. — Será melhor que tos leve eu — que a nossa Alfândega é intolerável quando se trata de bacatelas.

Já recebeste as plantas de Kew. Não fiz nova encomenda das plantas (algas) trazidas pelo Dr. Harvey; porque, como verás do recibo junto, devo supor que te mandarão as coleções dêste assim como as de Sprua — Custam £ 26,9,6.

Não me esquecerei do teu Nopaleiro.

Esquecia-me dizer-te que a barraca fotográfica pode importar em 250 fr. e portanto vai. São barracas para inverno — isto é hermèticamente fechadas ou quase e que podem servir para o caso, pondo-se-lhe um vidro apropriado, e engenhando-se uma mesa assim como uma borracha para água.

Para tanta cousa, não tenho dinheiro. Apresentar um orçamento, seria pouco razoável, por que o cálculo não seria muito justo, devendo-se contar com transportes, *embalagens* e seguro, cousas com que me não entendo.

O que faço é aproveitar-me do crédito que me dá Brockhaus — compro o que fôr preciso, e fico-lhe devendo o que não puder pagar até que o Govêrno dê providência no caso. Das 4,000 1. — tomei 1,300 — e deixei o resto ao Gabaglia. Quando digo tomei quero dizer que estão à minha disposição.

Vamos ao que me diz respeito.

O meu poema saiu já, mas não to remeto ainda, porque não poderei receber a tempo o exemplar de S.M. que se está encadernando. O Dicionário sofreu uma interrupção, por que o fac-totum do Brockhaus com quem me entendo anda em viagens, não sei por onde. Espero que êle volte.

Da Alemanha, tenho lido poucas notícias. Dizem-me que sairam não sei que artigos a meu respeito, não sei em que jornais: pedi que mos mandassem para tos remeter. Do meu Drama, silêncio! estou escandalizado. O meu holandês empacou em Paris, porque encontrei um cachorro batavo, que tem o descoco de me pedir 100 fr. por mês — para lições de pronúncia. Enfim, se não houver outro remédio, creio que lá caio.

Acabo neste momento de receber uma carta do Brockhaus. Decididamente creio que fiz bem em me dirigir a êle para a compra dos livros, e o Instituto ainda melhor em o nomear seu livreiro. O Perthes calcula a 2ª relação de livros em 1,500 fr., como acima te digo: o B. em metade!... e *provàvelmente* menos. Remeto-te a carta do Perthes, mas não a percas.

Com os meus livros foram 6 exemplares dos 4 primeiros cantos do meu Poema: *leva um a S.M. Se êles já lá chegaram provàvelmente o* terás feito — um a meu Sôgro, um ao Lagos, um ao Pôrto Alegre e outro dá-o a quem quiseres: os mais são para vender. Os mais — digo — dos que te haverão ainda de ser remetidos.

Como vão a minha afilhada e Comadre? A última sem dúvida satisfeita em ir até ao Ceará.

O nosso infeliz colega anda pela Holanda, segundo as últimas notícias que tive dêle.

O homem de L. — parece que se quer portar como gente. Escreveu-me para Alemanha em fevereiro para dizer-me que as ordens tinham chegado. A carta só a recebi agora, por que andava a dar cabeçadas atrás de mim por tôda a Alemanha: um dia dêstes, com a *mobilidade* que tenho adquirido, vou-lhe fazer uma visita. No entanto, êle diz-me que lhe falta receber 1,300 ou 1,350 fr. — não sei quanto, nem também porque motivo.

Perguntas-me o que quero que eu faça com o produto dos meus livros. Verás como isso anda lentamente entre nós. Para que fiques tendo sempre razão de queixa dos teus compradores, e Deus te dê uma dúzia dêles, estás condenado a receber aos poucos o que deste de pancada.

Adeus. Falta-me papel, e não sei como tive cabeça para tanta miudeza.

Do teu amº obrº

G. Dias

B.N.

135

Meu Senhor [D. Pedro II]

A coleção das minhas poesias teve alguma demora em chegar as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial, porque foram recebidas em Londres, como depois me comunicaram, horas depois de se ter expedido a mala da Legação.

Os primeiros Cantos do meu Poema estão igualmente impressos, e o livreiro escreveu-me que, com os volumes das poesias, havia também remetido alguns exemplares do poema, que se puderam aprontar às pressas. Eu teria preferido não mandá-los, a não irem acompanhados do volume, que V.M.I. me permitirá oferecer-lhe, o qual não poderá partir senão com o primeiro paquete; mas dos que já foram, não se terá esquecido o Dr. Capanema, a quem foram dirigidos, de levar, sem demora, algum exemplar a Augusta Presença de V.M.I., em quanto se fica aprontando o outro.

Oferecê-lo a V.M.I. era rigoroso dever meu: dever tanto mais fácil e grato, que a manifestação do meu reconhecimento não pode ser considerada senão como um nôvo obséquio da Sua Augusta Bondade.

O meu dicionário tupi terá alguma demora; porque os portes de correio entre França e Alemanha, não são baratos; e como um mês de mais ou de menos, nada influi na sua publicação, espero concluir aqui as encomendas dos objetos de cuja compra o Govêrno de V.M. se servio incumbir-me e enquanto elas se aprontam, tratarei de concluir essa publicação. Essas encomendas estão tôdas feitas, à exceção da de alguns produtos, que se poderiam arruinar com a demora — tais como os fotográficos: dentro de quinze dias conto de estar de volta na Alemanha, tanto para aquêle fim, como para concluir o meu estudo d'holandês, pois que os Mestres aqui, nem são dos melhores, nem dos mais fáceis de acomodar.

Encontrei o Lopes de Moura como que desanimado ou aborrecido com a sua tradução de Barleus: eu o influí, quanto pude para que continuasse com ela. É bem possível que o Instituto queira, mais tarde, publicar a par da sua Revista, uma Biblioteca própria, constando da tradução dos viajantes e historiadores, que se ocuparam do Brasil até fins do século passado, e mesmo dos modernos, a quem o Instituto quisesse conceder tal honra: Lery, Staden, Barleus, Fr. José de S. Teresa e outros teriam todo o cabimento em tal biblioteca, a qual se poderia completar depois com a reimpressão das obras raras sôbre o Brasil, escritas em português. Assim ficam bem discriminadas as duas séries de publicações, de que, nesta hipótese, se ocuparia o Instituto: — Memórias e Manuscritos da Revista, — Reimpressões e Traduções na Biblioteca.

Fazendo os mais sinceros votos pela saúde de V.M. e conservação da Família Imperial, permita-me V.M. beijar-Lhe humildemente as suas Augustas Mãos.

de Vossa Majestade Imperial o mais
humilde súdito.

Antônio Gonçalves Dias.

Paris, 5 setembro 1857.

M.I.

136

Amigo Capanema

Na minha última eu te falava da tratantada de Perthes Besses & C. de Hamburgo: desconfio que anda metido nisso o teu compadre J. Lúcio, que aqui para nós está muito longe de ser boa firma.

O negócio em duas palavras é êste: Com a tua recomendação acêrca dos livros para a nossa comissão, e sabendo que os tais Srs. eram livreiros do Instituto, fiquei com escrúpulos de me ter dirigido ao Brockhaus, ainda que o tenho por homem honestíssimo, sem saber dos cálculos do livreiro do Instituto. Chega-me a relação suplementar dos livros, e eu mando-a ao Brockhaus e a Perthes para que me digam em quanto orçava a encomenda. Êste responde-me logo que a cousa me andaria por 6.000 francos, ou para melhor dizer em 7,500 para não haver falta e ao mesmo tempo me diz que a encomenda estava feita. Respondi-lhe logo logo que não tinha dinheiro para isso e que assim puséssemos por enquanto uma pedra sôbre o negócio, tanto mais, que na minha carta eu lhe não havia feito encomenda. O tratante teima em que a encomenda está feita, que teve prejuízo de alguns centos de francos, e o meu amigo J. Lúcio vem-me com pés de lã a falar-me nos tais Srs.

O enigma foi-me explicado algum tempo depois. O Brockhaus responde-me. V. sabe que neste negócio não ganho, e pode ter a certeza que farei ao teu Instituto tôdas as concessões possíveis. A encomenda última andará (máximo) em cousa de *2,700* fr. (pouco mais ou menos). Não digo menos, por que há entre êsses, alguns livros muitíssimo raros, mas tenho para mim que lhos poderei alcançar por preço inferior ao orça*mento?*

Que dizes tu desta diferença de 7.500 para 2.700 fr.? Não é o Brockhaus um benemérito?

Veremos como me safo do José Lúcio e Consócios, que é o desgôsto que tenho tido com tais compras.

Junto acharás uma carta do Glasl de Viena: aí vem cousas que te interessam e ao Lagos, e creio que ainda terás tempo para me responderes sôbre a quantidade dos livros. Avaliando a cousa pelo uso que fazem dêles no Museu de Viena, como vi, são poucos, e demasiadamente poucos, se se quer fazer 6 coleções como o Lagos me escreve.

Das cápsulas mineralógicas não me escrevem de Berlim. Também *tu escreves os nomes próprios por tal forma que nem o diabo os adivinha.* Chama-se a casa — Leihme & C.?

Recebeste os quatro primeiros cantos do meu Poema?

Aí te mando dous artiguinhos a meu respeito. Outros tem saído, mas não sei dêles senão por alto. Dizem-me (isto é) diz-me o nosso Patrício França que já ando por Estocolmo e Upsala: não sei até que ponto isso seja verdade. Sei dêsses dois artigos, por que parece que foi êle quem

influiu para a sua publicação, assim como quem deu apontamentos para êles.

Koch e Jamin são uns mandriões da primeira ordem: há um mês que espero as máquinas. Nesse intervalo estive na Bélgica e dei o recado ao teu homem. As tuas contas estão saldas; porém êle pretende que deverias cobrar no Rio mil e não sei quantos francos, e além disso como êle estava muito impressionado com a chegada do Ag. — e receoso que os seus modelos servissem para outros, não lhe pude fazer mais do que concordar em que se abatessem, para que êle mas reembolsasse, tendo ordem para os receber, ou que eu os pudesse reclamar para mim, ou para a nossa Comissão. — Pensa nisso, e faz o que entenderes na certeza de que os tais modelos te pertencem ou podem pertencer. Podes dizer que o Homem sabendo da nossa Comissão, nos faz presente dêles, ou então será melhor não falar nisso.

Verás a conta dêle no papel jùnto.

Devia-te		8.795
A coleção do Rio	1.535	
«Bélgica	200	1.735
		7.060 x 350= 2:471$

que recebi.

Os teus livros e lençóis etc. estão comprados; mas é o diabo, os livros fazem tão pouco volume, que não sei como tos mande, êstes troca-tintas que partem não prestam para cousa nenhuma. O que é de linho é melhor que eu mesmo tos leve. O Gabaglia está pago.

Continuarei esta carta, se antes da partida do paquete houver alguma cousa mais para te dizer.

É verdade: pelo paquete do Havre de 15 de setembro foram remetidos a Secretaria do Império três caixotes — Maria C-1-2-3. Nº 1 com benzina, Nº 2 — Sulfureto de Carbono. 3 — Quinino, tudo acondicionado como o Rousseau costuma a fazer isso.

Fecho esta às carreiras. Não há nada de nôvo. Adeus. Muitas saudades a minha Comadre.

do teu do Coração

G. Dias

Recebeste o Poema? Deste um exemplar a S. Majestade?
[setembro de 1857]

B.N.

Cópia

137

Meu Senhor [D. Pedro II]

A Legação Imperial de Vossa Majestade, em Londres, deverá remeter por êste paquete o volume do poema «Os Timbiras» em cuja frente a bondade de Vossa Majestade Imperial me permitiu mandar estampar o Seo Augusto Nome. Nem admira que procuremos todos escudar por essa forma as nossas produções. O Trono Imperial é amplo bastante para que as letras pátrias possam também, com os interêsses do Brasil, vingar e prosperar à sombra dêle.

Conquanto êsse volume não parta com tempo de sobra para ser enviado pelo paquete dêste mês, todavia com a pressa que dei ao Sr. Brockhaus, e que não era preciso recomendar-lhe muito em negócio que ainda de longe diz respeito ao serviço de Vossa Majestade, e com o pedido que faço nesta ocasião à Legação Imperial, em Londres, confio que êle poderá chegar com esta às Augustas Mãos de Vossa Majestade.

O dicionário tupi está em meio.

Quanto à Comissão de exploração, não esperamos, como Vossa Majestade sabe senão pelos instrumentos da Comissão, digo, Seção Astronômica, que se fabricam em Munich, onde hoje se acha o Dr. Gabaglia. O mais que falta são pequenas cousas que incomodam pela multiplicidade, mas de fácil arranjo em pouco tempo. Para não nos embaraçarmos reciprocamente nessas compras, concordei com o Dr. Gabaglia em tomar à minha parte 1,300 libras, das 4,000 que o Govêrno Imperial pôs à nossa disposição, para reclamarmos no fim o que nos viesse a faltar. Ora só os livros, de que uma parte se expediu já, importam em perto de mil libras, não obstante serem as contas do livreiro inferiores ao seu próprio orçamento, o qual, de mais disso, já era muito e muito mais favorável que os dos outros seus colegas. Assim, por exemplo, a relação suplementar dos livros que Perthes & Besser, ex-livreiros do Instituto calculavam em 7,500 francos, Brockhaus os dará pelo têrço dessa quantia — isto é — 2,600 francos.

Deduzidas pois essas mil libras, e as encomendas de vidros da Boêmia e instrumentos de Viena, acho-me com cem libras *apenas* que apenas bastam para as encomendas que estão feitas; nem ouso por agora dizer ao Govêrno de quanto careço ainda para não ter de repetir o pedido. Para isso, espero saber os preços de umas cápsulas mineralógicas, de Berlim, de vidros, pólvora, produtos químicos de fotografia e outros.

Creio que já tive a honra de dizer a Vossa Majestade que os jornais alemães se tem ocupado da nossa Comissão, e que eu pretendo deixar as cousas arranjadas de forma, que possamos dar notícias dos seus trabalhos nas publicações alemães, inglesas e francesas.

Rogando a Deus a continuação da saúde e prosperidade de Vossa Majestade e da Família Imperial, beijo com o mais profundo respeito as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial. Dresde, 4 de novembro de 1857.

de Vossa Majestade o mais
humilde súdito

Antônio Gonçalves Dias.

M.I.

138

D. Maria

Em véspera de me ir meter de gôrra com os selvagens, vou-me asselvajando também: a Excelência fica no tinteiro, mas em compensação lá vai papel bonito, para que a Sra. veja que êste Dresde não é lá qualquer vilota.

Escrevo-lhe, pois, em primeiro lugar para mostrar-lhe esta côrte da Saxônia, depois para que não complete a frase com que começou a sua amável cartinha e por fim para acudir pelo crédito do meu alemão que está em risco de se perder no seu conceito. Entro pois em assunto, estendendo a mão caridosa àquele engelhado filho do norte.

Quando se trata de fotografia (teoria ou prática) precisamos de nos recordarmos um pouco da divisa da jarreteira — Amém.

Dito isto, e aceitando o seu desenho, que está como de quem veio, isto é, com todos os *ff* e *rr*, digo, para desforra do meu alemão, que si a tal figura bicuda (A) chegou inteira, (e Deus assim a conserve), por fôrça se há de descobrir dentro o F, uma das condições de beleza perfeita, como ouvi dizer em Portugal. Digam-no os entendedores da matéria, que eu por mim sou um ignorantão nessas coisas; a ponto que tendo visto uma dúzia de vêzes o belo quadro de Rafael (a Madona de S. Sixto) nunca lhe notei pecha nem que lhe faltasse *f* algum.

Antes de passar adiante — lá vai uma historieta que não é inteiramente fora de propósito. Há no palácio real, em Dresde, uma série de aposentos chamados *abóbadas verdes*, como eu me chamo Antônio, e outros se chamam Manuel. Há ali, é certo, uma magnífica coleção de esmeraldas, como ainda não vi outra, mas além delas, há diamantes, rubins, pérolas, corais, jóias da côrte, armas antigas, esmaltes finíssimos, vasos, antiguidades, e outras bagatelas, que se fôssem minhas estavam logo reduzidas a dinheiro: por tudo isso passa o guia como cão por vinha vindimada. Eis que num recanto faz o homem, ou torna-se um ponto de admiração, diante de um estojo semelhante ao herói da Mancha, isto é, de fraca figura. Do estojo saca êle primeiramente um ôvo; abre-se o ôvo e vê-se naturalmente a gema; parte-se a gema e eis, mais naturalmente ainda, um pinto: abre-se o pinto

e aparece de maravilha uma coroa. Daqui veio dizer-se soberbo como quem tem o rei na barriga, pois que o tal pinto tem uma coroa de rei no papo, e não parece. Não acaba aqui. Abre-se a coroa aparece um sinete, — abre-se o sinete, aparece um anel, por fim. Depois entra o anel no sinete, o sinete na coroa, a coroa no pinto, o pinto na gema, a gema na clara, e fica um ôvo tão perfeito que uma galinha, ainda que não seja das mais pintadas, só de o ver, põe-se a cacarejar e fica choca. Dizem que é fato: eu não o creio, porque no século de progresso em que vivemos, as galinhas devem ser tão bem ensinadas que vão depositar os seus produtos numa máquina de criar pintainhos.

No fim desta história estou certo que a minha amável discípula já deu com a letra encantada. Pois ainda não?! — Vou falar como um mestre de escola. — Predisposta a máquina para paisagem, comece por destacar a cabeça de metal amarelo. Está feito? — bem. Observe agora que na parte superior do cone, fica um vidro protegido por um círculo de ferro ou aço, cuja circunferência tem uns dentinhos que parecem de lima, mas são de coelho. Êsse semi-círculo que não é senão um diafragma destaca-se igualmente: torça-o para a esquerda, e fora com êle. Fica-lhe na mão uma coisa similhante a um botoque. Bem-aventurado botoque! — Volte-o de cabeça para baixo, e nessa posição observe os tais dentinhos de coelho. Estão lá? *Ia?* — restitua-se o crédito ao meu alemão. Desande-o para a esquerda, e não se arrependa: dentro, encontrará a tal letrinha, que tanto lhe tem dado que fazer.

Como essa lente deve ficar de fora, quando se prepara a máquina para retratos, será êsse o motivo porque os seus ensaios lhe não têm saído bons.

Agora noto que a tal papel de vistas é uma ladroeira; tinha tanto para lhe dizer, e sou forçado a ficar aqui.

Muitas saudades a sua Mana, ao Sr. Brito e aceite-as do seu — não sei que diga

Gonçalves Dias

B.N.

Cópia

Dresde, dezembro 28 — 57.

139

Amigo Pôrto Alegre

Depois de lhe ter escrito e mandado para o correio a sua carta, recebo essa de Brockhaus para o Instituto. Êle deseja ser na Europa o Livreiro do Instituto, bem entendido que Portugal fica de parte. O que êle oferece, me parece não só aceitável, mas vantajoso para o Instituto, cujas publicações são tão difíceis de encontrar na Europa, que em Portugal tive de dar a

minha coleção à Academia das Ciências, que não a tinha completa; em França um volume a Ferdinand Denis, e aqui achei Martius embaraçado com a falta do que o Instituto tem publicado depois do 6º volume. Se isto acontece com Martius, F. Denis, e Academia das Ciências de Lisboa, veja o que não será com os outros correspondentes do Instituto.

O Paquete de Hamburgo oferece oportunidade para estas relações.

V. conhece Brockhaus; o que devo acrescentar é que é um homem consciencioso, e diligente, e entendido no seu ramo, mesmo na Alemanha, onde o somenos dos livreiros conhece e sabe mais do seu ofício do que os mais pintados de França.

Não sei se sonhei que V. estava Secretário do I., ou se mo disseram. Como quer que seja, faça-me chegar essa carta ao seu destino, e dê-lhe andamento.

A propósito, remeto-lhe os números de janeiro e fevereiro da Bibliografia de Brockhaus.

Em todo o caso, sim ou não, é justo que se responda ao homem.

Muitas saudades a sua gente; e a Capanema que lhe escreverei pelo paquete de Hamburgo.

do seu amigo

G. Dias

I.H.G.B.

[1857]

140

Meu Senhor [D. Pedro II]

Acabo de receber neste momento um exemplar do meu dicionário tupi, que expeço para Londres a fim de ser transmitido às Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial. Vai pelo correio como impresso, dirigido a um amigo em Londres, que o mandará pôr na Legação.

Peço perdão a V.M. de ousar remeter-Lhe êsse opúsculo em fôlhas soltas, enquanto espero os que se estão encadernando para V.M. e para o Instituto; mas tais remessas sofrem, ao que parece, tanta demora em caminho, que, apesar de tôda a diligência, sempre chegam tarde e a mais horas, como ainda ultimamente acontece com o meu poema.

Nos últimos caixotes, contendo objetos para uso da Comissão de Exploração, remetidos de Viena, vão alguns instrumentos de que o Instituto Geológico de Áustria faz presente à Comissão Brasileira. Em um dêsses caixotes se incluiu uma caixinha, contendo livros para V.M. — e outros para alguns dos Membros da expedição. Não sei quem os manda, e só que a remessa é feita pelo Dr. Glasl, condiscípulo do Dr. Capanema. Êsses caixotes estão em Hamburgo, donde, por causa do tempo não tem podido partir.

O Sr. Odorico concluiu a tradução das obras de Virgílio; o Sr. Magalhães tem no prelo ou para o prelo um volume de poesias, e outro de locubrações filosóficas, cousa de muito valor, segundo me informam.

Não sei se terão extraviado o exemplar do «Tesouro de la lengua Guarany», que pertencia a V.M. — o único que por ventura possuia o Brasil. Havia nos despojos do falecido d'Orbigny dois exemplares dessa obra, — um defeituoso, que não sei a quem tocou, e outro completo arrematado por Brockhaus por 100 francos. Talvez êle o reimprima.

Entre outras obras arrematou êle também os dois seguintes Manuscritos citados no Catálogo das línguas Americanas de Trübner — pág. 46.

> 538. Vocabulário Hespagnol-Chiquito. *Manuscrit* de 940 pages in-4, *demi-rel.* (Les 100 premières pages sont mouillées.) — Vocabulário Chiquito-Hespagnol. *Manuscrit* in-folio de 990 pages. *demi rel.* (*)

essas importaram em cousa de 500 francos, e farão parte, diz-me êle, da sua grande Biblioteca Americana.

A bondade de V.M. me permitirá também incluir dentro desta um pequeno artigo sôbre os *Timbiras*, que apareceu no *Literarisches Centralblatt.* São duas palavras só, porém com mais benevolência que as da *Saturday Review* — agastada comigo não sei porque, e da qual apesar de tudo não devo ter muita razão de queixa.

Com o mais profundo acatamento e respeito beijo as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial.

Antônio Gonçalves Dias.

Dresde, 3 de fevereiro de 1858.

M.I.

141

Meu Senhor [D. Pedro II]

Pelo último paquete tive a honra de remeter a Vossa Majestade, por via da Legação de Londres, um exemplar, mas ainda em fôlhas sôltas, do meu pequeno dicionário Tupi. O volume que está reservado para Vossa Majestade ainda se encaderna: o livreiro pondera que a encadernação feita, em quanto as fôlhas estão úmidas, mancha no futuro, idéia que o incomoda não tanto, ao que parece, em relação à obra, como pela encadernação.

(*) Recorte de jornal colado na carta.

O que tenho feito ùltimamente é adiantar a tradução da *Noiva de Messina*, de Schiller, tragédia, que sempre tive por cousa excelente no seu gênero, e ocúpar-me com estudos sôbre Reinke Fuchs, que também pretendo traduzir. Ao princípio era minha intenção traduzir simplesmente o de Goethe; mas Goethe fêz um poema seu, que tem valor por ter vulgarizado uma obra que merece ser lida; mas o original, simples e singelo como é, se acha muito modificado nesta última composição. Em vez do modo de dizer corrente e natural do poeta antigo, quem quer que êle fôsse, Goethe adotou o estilo épico, de modo que surpreende mais o contraste, quando êle cai no cômico: é exatamente como se num jôgo de disparates, um lesse os *Lusíadas* ou outro poema sério, respondendo outro em versos do *Hissope* ou das sátiras do Tolentino.

Um diz, por exemplo:
Estavas linda Inês, posta em sossêgo
E o outro:
Condenado a torcer duras presilhas,

Ameaçando a terra, o mar, e o mundo,
— A tocar mal rebeca na sé d'Elvas!
D. Nun-Álvares, o forte capitão
— À porta lho trarei, como um macaco.

Nisto há alguma cousa no poema de Goethe, mas a naturalidade me parece preferível.

Caiu-me ùltimamente nas mãos o antigo poema de que falo, que entendo, bem que com alguma dificuldade, e que eu chamo Saxônio, ainda que êsses sábios o batizam de baixo alemão, ou plattdeutsch. Não admira. *Le Roman du Renard*, que eu suponho escrito em provençal, êles — ou antes alguns — suponho que por espírito de contradição, pretendem que esteja escrito em antigo francês do norte. À vista disto, vou me contentando de os entender, sem por ora procurar saber o que são, nem donde vieram.

Quanto a notícia[s] da Alemanha que podem interessar a Vossa Majestade, nada há de nôvo a não ser a recrudescência da mania de se dizer mal do Brasil. Ainda isso é vantagem; porque, quando êles acabarem de dizer o que podem fantasiar, começarão a se informar melhor do que por lá se passa.

O mal depende de muitas causas:

Depende que não há na Alemanha jornais a nosso favor, apesar de quanto com isso se despende. Hamburgo é uma cidade comercial e não literária, os seus jornais podem ir morrer nas Secretarias do Império, mas nenhuma influência aqui exercem, porque não são lidos.

Depende do nenhum escrúpulo na escolha dos colonos que se tem mandado; são vadios, isso basta para que em parte alguma possam estar contentes; se o não são, ainda assim fazem-lhes conceber esperanças exageradas, que não é possível que se realizem. Daí os descontentamentos e as queixas.

Por outro lado, o não haver terras a venda em sítios favoráveis à cultura e exportação dos produtos, como à margem dos rios ou nas proximidades das vias férreas — em projeto ou já em via de execução, arreda do Brasil os melhores colonos, aquêles que partiriam espontâneamente com família, e alguns meios, mas que desejam empregar-se a si e aos seus pequenos capitais apenas chegam e não querem saber de parcerias.

Estes estou certo que se queixariam menos do que outros, e não custariam nada ao Brasil.

Haja terras à venda, e então se poderia ensaiar o projeto de nosso Cônsul na Bélgica — a emigração gratuita ou espontânea. Os colonos que assim partirem, e da Bélgica não serão os primeiros, são os verdadeiros colonos; porque o homem que precisa de ser pago ou seduzido para emigrar, é por via de regra um mau colono; são muitas vêzes os inquilinos das casas penitenciárias, a quem os agentes da emigração concedem para assim dizer um passaporte para o Brasil, na esperança, ou sincera ou fingida, de que o clima os corrigirá.

Sem dúvida, o clima, quero dizer, o exemplo os corrigiria, se êsses que tais se fôssem achar no meio de uma grande multidão de compatriotas, trabalhadores e morigerados; mas se todos ou a maior parte dêles orçam pela mesma bitola, é mais para temer que os bons se percam, de que os maus se emendem.

Quaisquer porém que sejam as medidas que o Brasil adotar neste sentido, é preciso supor que a corrente de emigração não se poderá estabelecer senão por causa de algum movimento da Europa. A Europa pode conservar-se em paz durante estes cinqüenta anos próximos, ou achar-se em guerra amanhã: para êste caso é que convém que o Brasil esteja preparado, que seja conhecido na Europa, que tenha um núcleo assás extenso de colonos bons que possam servir d'incentivo a outros para emigrarem também. Êsse serviço não nos pode ser prestado pelos tais chamados Agentes de colonização, assim como para sermos conhecidos são insuficientes, ou antes podem escusados tanto os jornais d'Hamburgo, como os folhetos de Reyband. A *Allgemeine Zeitung*, a *Independência Belga*, e outro jornal verdadeiramente europeu custariam menos e seriam mais proveitosos.

Peço perdão a Vossa Majestade de me ter demorado com êste assunto; mas são matérias em que é fôrça pensar depois de algum conhecimento da Alemanha.

Estou em véspera de partir para Bélgica e daí para Londres, onde vou esperar as ordens do Govêrno de Vossa Majestade, para poder liquidar as contas de encomenda já feitas, e fazer as compras que ainda faltam para a Comissão de exploração.

Os instrumentos de Munich devem estar prontos desde 15 do mês passado, porém o tempo não tem estado muito favorável para os ensaios, que com êles se tem de fazer.

Como quer que seja contamos poder partir um mês depois de havermos recebido as últimas ordens do Govêrno.

Faço os mais sinceros votos pela saúde e prosperidade da Família Imperial e de Vossa Majestade, cujas Augustas Mãos beijo respeitoso.

De Vossa Majestade Imperial

o mais humilde súdito

Antônio Gonçalves Dias.

Dresde, 2 de março de 1858.

B.N.

Cópia

142

Amigo Capanema

Pelo último paquete te remeti uma carta do Luhme, na qual êle me dizia que além das 6 caixas, que já estão em caminho ou esperam navio em Hamburgo, restava ainda preparar uma encomenda tua que importaria de 400 a 500 th. e que em 4 semanas se poderia aprontar. Respondi-lhe que sobreestivéssemos um pouco no negócio, até que me chegasse dinheiro.

As encomendas de Viena estão prontas: são 17 caixas ao todo, que importaram em 3 mil cento e tantos florins C/M. A do Brockhaus espera navio. Dentro de uma dessas caixas, eu te mandarei dizer em qual delas, vão as amostras do papel: êle diz-me que uma coleção tão completa como êle a pôde fazer. Julgo que te contentarás com isso.

A Gelatina que me pedes para a fotografia — é simplesmente a Gelatina que se encontra por tôda a parte? Estava capaz de a comprar em Londres, porque em França não a empregam muito em fotografia, e receio que não seja muito pura. No entanto ensaiarei a francesa, pois há vantagem em remeter conjuntamente todos os produtos químicos-fotográficos.

Parecia-me que te havia mandado a *livraison* 10 da Organogenia Vegetal; mas como dizes que te falta, lá terás isso, assim como o colódio de Bertsh etc.

O meu *Dicionário* apareceu à luz; êsse é que provàvelmente não terá extração mas suponho que n'Alemanha farão algum caso dêle, porque aqui estuda-se tudo — até língua dos caboclos do Brasil.

Quanto a dinheiro, não obstante o Lagos escrever-me, dizendo que tinha metido uma lança em África, e que na mesma ocasião, graças a sua diligência, receberíamos mundos e fundos, não recebemos nada — pelo menos oficialmente. Vejamos se nos será mais favorável o próximo paquete.

Os instrumentos de Munich devem estar prontos, mas o tempo não se tem mostrado muito favorável para experiências. Contudo o Gabaglia deve estar em caminho para lá. Eu espero a saída do paquete, já de mala feita para me pôr daqui para fora. Um mês depois de receber dinheiro estou desembaraçado de tudo, e pronto a partir. Mas do Rio quando partiremos nós?

Que as estradas de ferro te dão mais glória e proveito, é inquestionável; mas receio bem que te compliques tanto e tanto com êsses negócios, que depois não possas partir. O que há de certo para nós nessa Comissão, são os incômodos por que vamos passar: êsses se toleram em companhia de amigos, mas se fôr preciso introduzir um casmurro no negócio, além dos incômodos, é preciso contar com desgostos, e aborrecimentos que são mais intoleráveis. Faz lá quantos cálculos de combinações quiseres, mas é preciso que venhas. Os que lá ficarem pelas custas, são tolos, mas por amor de camaradagem, sempre lhes rezaremos pela alma.

O que não pensas, é que eu em chegando no Rio, fico completamente no ar, todo o tempo que lá nos demorarmos. Um mês — passe, é razoável, e eu preciso dêle; porém mais tempo do que isso é intolerável, por que não me poderei aplicar a nenhum trabalho sério, nem tenho estradas de ferro que dirigir. Porcarias oficiais e rotineiras há muitas que as escrevem melhor do que eu, modestia à parte.

A minha *Noiva de Messina* me vai agradando. Estou estudando o Reinek, isto é — os mil e um poemas da Raposa, que se conhecem, e é possível que o traduza no mato para o mandar imprimir na Alemanha ilustrado e bonito, como provàvelmente não teremos edição nenhuma neste século próximo. Se me enganar, tanto melhor.

Se eu levar isto a efeito, no que não há impossibilidade absoluta, se além disso traduzo uma meia dúzia de poesias alemãs, de mistura com outras de outras línguas, tu verás como se vai à glória *a bon marché;* sem balões, nem caminhos de ferro. Entre outras cousas tem de bom êstes alemães o serem agradecidos: traduzir Schiller ou Goethe ou qualquer dos seus bons poetas, é a melhor carta de recomendação para com êles. Aqui em Dresde, onde se reúnem os machacazes da literatura e arte alemã, cresci de algumas polegadas, desde que souberam que passo as minhas doutas vigílias na companhia da *Noiva de Messina*.

Não admira que a minha afilhada esteja uma tagarela; mas dizer ao Lagos — V. está tolo, é que é verdadeiramente admirável por lhe dar logo em balda certa. Se o Lagos se lembrou de que as crianças são os melhores Juízes da parecença dos retratos, devia ter ficado furioso. Que se console. Há outros que tem a fama sem o proveito.

Adeus. Esta vai já comprida. Muitas e muitas saudades a minha Comadre, afilhada, Pôrto Alegre — lembranças aos conhecidos e até breve

do teu do Coração

G. Dias

Dresde, 4 de março 58.

B.N.

143 *

[4 de março de 1858 — Dresde]

....

Quanto à remessa do meu Poema, peço-lhe desculpa: mas eu nada lhe podia comunicar. Eu tinha deixado essa ordem em Leipzig, e me achava então em Paris.

Aprontou-se o volume, foi expedido, e eu de nada soube. A saber disso, teria eu feito demorar a remessa até se concluir o volume de S.M. que se estava encadernando, e só foi remetido pelo paquete de dezembro, creio eu.

Quanto à venda dêsse folheto, não conto muito com ela. Conheço a nossa gente e sei que êles andam procurando pretextos para não lerem. O não estar a cousa completa, será para êles boa desculpa. Como êles quiserem, que também não se me dá muito disso. Que me dê para a impressão é o que basta, pois bem sei que a literatura no Brasil está longe de grangear meios de vida: é um vício e quando Deus quer um vício caro.

O meu Dicionário acabou de sair há uma semana do encadernador. É oferecido ao Instituto. Assim, quando estiverem encadernados os dous exemplares para S.M. e o Instituto, eu lhos remeterei, por via de Londres, para que V.cê, me faça o favor de entregar. Convém porém notar que pelo último paquete remeti a S.M., mas ainda em fôlhas sôltas, tais quais me vinham chegando da tipografia.

Nos dois meses em que lhe não escrevi, passei mal, do estômago complicado de não sei que mais. Curei-me pela minha cabeça...; hoje mesmo ainda me sinto fraco, ainda que restabelecido. Um mês mais de convalescença e estou pronto.

Quanto à minha partida, saio de Dresde apenas tiver expedido estas cartas; pretendia-o fazer, já do mês passado, mas sentia-me tão fraco e tão sensível ao frio, que tive mêdo de 24 horas em caminho de ferro.

(*) *In* Almanaque Brasileiro Garnier, 1910. "Cartas de Gonçalves Dias", págs. 172/73. Sem destinatário.

Daqui se não vier o Segundino, sigo para Bélgica, onde estarei uma semana, depois para Londres, onde vou esperar as ordens do Govêrno, relativamente à crédito para as compras que faltam; e só depois delas feitas poderei partir; mas tenho todo o empenho em fazer embarcar tudo antes de mim para não têrmos faltas, que se não poderão reparar depois senão com muito tempo de demora, e cartas. ...

144

Amigo Capanema

O infeliz colega foi desta vez mais feliz do que eu, porque recebeu *alguma cousa* (expressões dêle) enquanto eu fiquei chuchando no dedo, e assim também o teu amigo de Berlim, que está com o ôlho na segunda encomenda, que lhe fizeste. Que tenha paciência, ainda que seja fruta vasqueira.

Então quando me querem mandar dinheiro? Suponho que a inauguração da estrada férrea, de que estás incumbido, se fará sem mim, no que não perdes senão meia dúzia de linhas curtas e compridas.

Vim aqui para sovar e expedir as máquinas fotográficas, e acabar com as compras de Paris; porém na falta de dinheiro, quase que estou olhando para tudo isso como boi para palácio.

O Gabaglia lá está em Munich a ensaiar os seus instrumentos. Agora de certo seria impagável vê-lo e ouvi-lo — o homem mais infeliz que o sol tem visto desde o *fiat lux*.

Por que não escreveste pelo último paquete? Preguiça. Faço outro tanto e adeus.

Lembranças a minha Comadre, ao nosso Pôrto Alegre e a todos. E a minha afilhada como vai? e quantos depois?

Para um matemático, vais perfeitamente bem.

Muitas e sinceras saudades

do teu Amigo do Coração

G. *Dias*

Paris. Abril 5. 58.

O Glasl me escreve que os caixotes de Hamburgo não poderão partir sem se pagar com antecedência o frete. Diz-me também que dos 14 últimos caixotes enviados, reclamara o comandante de um dêsses paquetes de nosso Govêrno o pagamento, que ùltimamente foi pago, mas com suma

demora, e diferença de 7 táleres, que êle teve de desembolsar. Mandei pagar o frete de que tem agora de partir, e dizer ao Glasl que metesse nessa conta os 7 táleres, que o Govêrno não quis pagar.

Creio que é tudo desta vez.

B.N.

145

Meu Senhor [D. Pedro II]

Peço perdão a Vossa Majestade Imperial de me ter por tantas vêzes dirigido a V.M. sôbre o mesmo assunto a Comissão de Exploração.

O Dr. Gabaglia se acha atualmente em Munich, examinando, antes de os receber, os instrumentos que ali se preparavam, e findo que seja êsse exame, terá êle concluído a sua comissão, por que o Govêrno de V.M.I. habilitou-o com meios suficientes para liquidar as suas contas e regressar ao Brasil.

Quanto à parte que me foi confiada, resta-me fazer algumas compras em Paris e Londres, mas para isso contava com um suplemento de crédito de mil libras, que desde novembro último requeri ao Senhor Ministro do Império e sôbre o que ainda espero resposta.

Notícias que de algum modo possam interessar a V.M., não sei senão de uma chamada História do Brasil, dedicada a V.M., e impressa na Revista Espanhola, Portuguêsa e Brasileira (de fevereiro passado).

O autor, homem de suma coragem, tem para si, entre outras cousas, que os monumentos primitivos do Brasil, são de muito mais alto valor de significação que tudo quanto até agora se tem descoberto na América, coloca não sei que Incas no México; e vai ao Brasil (diz êle) para lá inteirar-se do que convém que cá se escreva para aumento, prosperidade e glória do Império, o que se não poderá deixar de conseguir, confiada a causa a mãos tão hábeis.

Enquanto êstes fazedores de história acabrunham o Brasil com as suas locubrações, outros, e brasileiros sem tanto aparato, vão publicando cousas úteis e dignas de aprêço. O Sr. França publicou ùltimamente em Leipzig um folheto — *Brazilien und Deutschland* — que mereceu o favorável acolhimento na Imprensa alemã. O Varnhagen brilhou respondendo à crítica de D'Avezac sôbre a sua *História do Brasil*. O Sr. Joaquim Caetano da Silva continua com a leitura de sua longa Memória sôbre os limites do Brasil com a França, trabalho de ciência e consciência, que tem duplicado valor, sendo impresso, como já principiou a ser, no Jornal da Sociedade Geográfica, de Paris. O Odorico está publicando, a tradução das obras de Virgílio, e já começou a tradução da *Ilíada*. O Magalhães está com os seus ensaios filosóficos, e o Lisboa aparecia com mais um volume de *Timon*. Isto que se passa na Europa, que atesta o movimento

literário do Brasil, e que em grandiosíssima parte agradecemos a V.M., devera tornar mais circunspectos os estranhos que se intrometessem a discorrer sôbre o Brasil. O Sr. Avezac, que aliás é inteligência de outra ordem, creio que se vai convencendo desta verdade.

Fazendo votos pela conservação e prosperidade de V.M. e da Família Imperial, Digne-se V.M. permitir-me beijar-lhe respeitosamente as Augustas Mãos.

De Vossa Majestade Imperial

o mais humilde súdito

Antônio Gonçalves Dias.

Paris, 5 de maio de 1858.

B.N.

Cópia

146

Meu Senhor [D. Pedro II]

Pelo último paquete de Southampton recebi as últimas ordens do Govêrno de Vossa Majestade Imperial; — parti sem demora para Londres a fim de ali efetuar algumas compras de objetos para uso da Comissão; mandei embarcar os dois últimos caixotes de livros que estavam em Leipzig, e espero poder expedir a 15 do corrente por um dos navios da linha do Havre, as últimas encomendas, que pelo menos já estão tôdas feitas.

Assim que partirei daqui em julho por algum dos dois navios que o Govêrno de V.M. mandou construir no Havre, e calculo ter tempo bastante para não deixar atrás de mim nenhuma dessas encomendas, ainda quando me seja preciso ir a Hamburgo e talvez mesmo à Viena. O Dr. Gabaglia estará igualmente pronto a partir nessa ocasião.

Dentro pois de um mês, ou pouco mais, terei a honra de beijar as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial, de Quem sou com o mais profundo respeito e reconhecimento.

humilíssimo súdito

Antônio Gonçalves Dias.

Paris, 6 de junho de 1858.

M.I.

147

Amigo Capanema

Quero ver se me encontro com o Gabaglia hoje na Alfândega — para lhe dar o teu recado.

Estaremos na Damiani amanhã às 3 horas. Quanto a excursão a S. Cruz, tenho muita pena de não poder ir, porque estou comprometido para 6ª. e sábado. De outra vez será, e com muito prazer, ainda que não haja condução imperial.

Saudades a tua gente, e muitas do

Teu amigo do Coração

G. Dias

6 de outubro [1858]

B.N.

Cópia

148

Mano e Amigo do Coração [*Teófilo*]

Aqui estou em fim para te pedir desculpa de todo êste tempo atrás, em que te não tenho escrito, em parte por distrações de quem viaja, porém mais ainda para castigo de me não teres respondido a algumas cartas que de Lisboa te escrevi.

Contar-te a minha vida nestes últimos 4 anos seria trabalho de muito tempo e de encher muitos cadernos de papel: assim melhor é que fique para a vista, se os caboclos o permitirem. Sabes que estou nomeado para a Comissão científica de exploração e que estamos à partir. Na volta pretendo ir dar-te um abraço.

O teu Ricardinho sei que por aqui andou, e que se acha agora não sei por onde. Pena é aquêle defeito com que mal se pode aplicar a estudos sérios, se não achar remédio para isso. E a tua bela Inesota? E a minha afilhada? e a minha Comadre? Lembranças a todos, e que não avaliem a minha amizade por cartas de mais ou de menos. Chegado de pouco, e em vésporas de partida, tenho necessidade de receber e fazer tantas visitas, de pensar e cuidar em tantos arranjos, que não me resta tempo nem cabeça para mais nada.

Antes de me meter pelo mato dentro, desejaria ter notícias tuas e dos teus negócios; mas sendo bem possível que a tua carta me não encontre mais no Rio, donde partiremos no dia 1º de janeiro, escreve-me, se tiveres tempo para o Ceará.

Minha boa Comadre, que me desculpe se lhe não escrevo especialmente a ela: tenciono fazê-lo antes da minha partida. Lembranças a Inesota a minha afilhada, às tuas Cunhadas e lembra-te do

Sempre todo teu do Coração

Gonçalves Dias

Rio — novembro de 58.

I.H.G.B.

149

Amigo Capanema

Há dois paquetes que não tenho cartas tuas nem de ninguém. Pois ainda não morri, como verás do papelinho junto (*) cortado da *Litterarisches Centralblatt* — de 16 de janeiro — nº 3, 1858.

Estou aqui metido numa súcia de Judeus, mas Judeus sem onzena. Auerbach, Wolffsohn e outros de igual farelo. O último acaba de dar a cena uma tragédia «A noite de Pascoa» em que, à propósito da inquisição de Espanha, escangalha a Cristandade. Foi muito aplaudido, porque mesmo na sábia Alemanha, falando-se de Espanha e S. Ofício representa-se logo a esta Gente o Bey de Argel ou Túnis, para mais horror, com uma dúzia de caudas, sandálias de marroquim vermelho, e um *chibouque* de Micromegas.

Pela carta junto verás o que diz o nosso amigo Glasl, que entre parêntesis, é um excelente sujeito. Vai por fora a do *Conselheiro das Minas Diretor do Imperial e Real Instituto Geológico do Império*. Está-me palpitando, que apesar do rabo-leva do título, o tal sujeito há de orçar pelo meu talão. Pedem pronta resposta, e homens que fazem presentes, êsses sim que são homens às direitas.

O Luhme escreve-me também o que verás da inclusa amável epístola. Não havia mais dinheiro, por que, como te disse até da minha ajuda de custo fiz crédito ao Sr. Marquês d'Olinda, não obstante o nenhum conceito que me merece a nossa fidalguia.

Veremos se há tempo para mandar aprontar isso, quando vier mais dinheiro. Amém. As contas de Berlim, andam em cousa de 660 e tantos táleres. Guarda-me essa carta, que é o recibo da última remessa de dinheiro.

O meu dicionário caboclo está impresso. Vai um volume a S.M. ainda em fôlhas sôltas, porque ainda neste momento o recebi. O teu lá o terás breve.

(*) Não encontrado.

Por que diabo não escreves?
Como vai minha Comadre e Afilhada, e quantas mais já contas?

do teu do Coração

G. Dias

Lembranças ao nosso Pôrto Alegre.

B.N.

[1858]

150

Amigo Capanema

Não mando fazer caixa para as latas grandes. Acho melhor caixões transportáveis, quando fôr preciso. Portanto será preciso cedro, se a diferença do preço não fôr muito grande. Neste caso o dito por não dito. No mesmo pinho.

Creio que ficarão bons com estas dimensões 70 comprimento— 40 largo — 35 altura: fortes em todo o caso.

Vai a trena. Quando digo *vai*, quero dizer que *fica* entregue ao nosso Amigo Porteiro.

Recado do

Teu do Coração

G. Dias.

B.N.

[1858?]

151

Mano e Amigo [Teófilo]

Ceará — 15-2-59

Em chegando ao Rio, recebi logo uma cartinha tua a que não respondi logo, por andar com cócegas de dar um salto até o Maranhão para ali vir esperar que chegassem ao Ceará os meus companheiros de aventuras. Infelizmente a Comissão em que estou exigia tantos preparativos que julguei melhor demorar-me até que tudo estivesse concluído para não ter depois de que me queixar.

Aqui estamos em fim, e chegamos como aves de bom agouro. Ao partir do Rio, muitos cuidados e apreensões que nos não pudéssemos embrenhar por causa da sêca, mas ao avistarmos terras do Ceará, começou a

cair a chuva, e entramos com ela na Capital, onde era a primeira vez que chovia. Tem continuado depois disso, e agora mesmo te escrevo sob a influência de uma forte pancada d'água, que me fêz ouvir distintamente o sinal do vapor. O que faremos nesta Comissão, não sei: depende isso *muito da fortuna. Um momento de felicidade,* e podemos até mudar a face do Brasil.

O que é certo é que os meus companheiros são homens distintos, alguns mesmo na Europa, — os ajudantes rapazes muito aproveitados, e muito cheios de esperanças — e todos com amor ao trabalho.

Eu te escreverei sempre, apesar de que desde o momento em que nos entranharmos as nossas cartas não andarão com muita regularidade. Como quer que seja, antes de me recolher ao Rio, — quero dizer — por êstes dois ou três anos, se os caboclos me não derem cabo da pele, lá vou ao Maranhão.

Para te contar o meu viver na Europa precisaria de uma resma de papel — alguma cousa te direi sempre, mas com mais vagar. Alguns desgostos dêstes que se não esquecem na vida e algum estudo para matar o pensamento de cousas em que não desejo pensar.

Sei que vais bem, mas não tenho tido notícias circunstanciadas nem da minha Comadre, nem da Inesota, que já deve estar uma senhorinha nem de minha afilhada, que me dizem promete ser muito galante. Fala-me de todos êles e de ti.

O que há acêrca dos negócios de partilhas por falecimento do pobre Domingos Vale? Consta-me que tem havido algumas pequenas misérias pelo que diz respeito ao Pôrto. Sinto que por fôrça das cousas te vejas metido nisso com o Raimundo Vale, que no fundo me pareceu sempre boa criatura. Vê se podes concorrer para que isso se conclua de modo amigável, e sem mais mesquinhezas. O motivo do interêsse creio que não basta para tanto, e tirado êste, tudo o mais me parece fácil, ainda mesmo com gente cabeçuda.

Muitas saudades a D. Mariquinhas, muitos beijos em tuas filhinhas e aceita como sempre o coração do

teu Mano e Amigo

G. *Dias*

Meu irmão João que está no Rio não vai mal. Se não é nenhum fura-paredes, tem ao menos cousa que vale mais do que isso — ótimas qualidades. Estou contente com êle. O Domingos que partiu para

Portugal a fim de ali tratar-se, dizem-me que está muito mal. Também o pateta foi-se meter no Pôrto, e por mais diligências que fiz, estando em França, não pude saber notícias dêle.

G. Dias

I.H.G.B.

152

Ilmo e Exmo Sr. Cons.º José Maria da Silva Paranhos.

A benignidade que sempre encontrei em V. Ex.ª me anima a pedir-lhe que, esquecendo-se por alguns momentos da elevada posição em que se acha, se digne escutar-me como particular, no que me interessa da reforma da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, que acaba de ser publicada nos Jornais da Côrte.

É êste o fato, somenos para todos e só de alguma importância para mim, mas com a vantagem de se poder definir em poucas palavras. Os oficiais da Secretaria de Estado antes da reforma percebiam vencimentos equivalentes aos Diretores das Seções de hoje, e dentro da Repartição tinham apenas acima de si o oficial maior; por conseqüência o antigo oficial que passa a ser primeiro nem só perde uma parte dos seus vencimentos, como é rebaixado em categoria. — Ora a reforma do pessoal administrativo tem sempre em vista a admissão de pessoas mais habilitadas para o serviço, a inutilização dos que nêle se gastaram, e o aproveitamento dos que ficam na escala ascendente ou descendente, e no grau em que podem ser úteis, sem que se ofendam os debaixo sem que os de cima reparem. Se houve êrro, ou, como quase sempre acontece, se o empregado supõe que lhe faltaram com a justiça, ainda assim no meu entender, não tem motivo algum de queixa. Os poderes administrativos manifestaram, como convinha, a sua opinião: não resta ao preterido senão um de dois recursos — aquiescer, calando-se, ou protestar, demitindo-se.

Não é pois para me queixar que me dirijo a V. Ex.ª, pois que, além de extemporânea, a queixa seria infrutífera. O govêrno consultou os dados que tinha, aquilatou-os, escolheu; à sua escolha presidiu a consideração do mérito relativo, ou se o quiserem, a conveniência do serviço: pode o amor próprio de cada um ofender-se; mas nada tem com isso o Govêrno cuja norma é a imparcialidade: quisera sim, e mais que tudo que se não enxergasse na resolução, que neste caso deverei tomar nenhum motivo de indisposição pessoal para com V. Ex.ª, a quem não devo, senão favores; para isto peço permissão para o fazer juiz no meu caso, e vênia para começar de mais alto a sucinta história das Comissões em que tenho sido empregado.

Em 1850 (cito aproximadamente as datas) era eu professor no Imperial Colégio de Pedro 2º, e tendo necessidade de vir à minha Província, pedi uma licença que aceitaria sem vencimentos, e uma passagem de Estado nos paquetes da Companhia Brasileira. O negócio apesar de simples ofereceu dificuldades: deram-me em vez de licença, uma Comissão com os meus ordenados, ficando eu incumbido de estudar a instrução pública nas Províncias do norte, e de colhêr documentos históricos nos Arquivos provinciais; e executado satisfatòriamente êsse trabalho teria eu uma gratificação na minha volta. Qualquer que fôsse a maneira porque desempenhei aquela comissão parece não ter desagradado ao Govêrno, pois que a elogiou em três relatórios diferentes, prometendo a impressão de uma parte dos meus; mas essa impressão, mesmo parcial, nunca teve lugar; e para que eu recebesse a gratificação prometida e caprichosamente negada, tive de esgotar todos os recursos e de reduzir-me a condição de pretendente.

Nomeado oficial da Secretaria de Estrangeiros, deram-me para a Europa, passados tempos, as mesmas Comissões, em que eu já tinha estado nas províncias do Norte. Comecei com os documentos históricos em Portugal; mas estava a coleção ainda em princípio quando recebi nova ordem do Govêrno para assistir à exposição universal de Paris, como Comissário por parte do Brasil, em companhia dos Drs. Capanema e Gabaglia.

A exposição tinha já começado [h]á meses, o Brasil não tinha concorrido, — a nossa bandeira mesmo tinha sido arriada do palácio da exposição, e nós os Comissários brasileiros nos achávamos em uma posição singular. Assim mesmo a aceitamos e começamos com os nossos trabalho, enquanto esperávamos as prometidas ordens do Govêrno para as despesas necessárias; essas ordens nunca chegaram, ou só quando já não eram precisas; os nossos relatórios, que teriam sido impressos em Paris com mais economia, com maior desenvolvimento, em tempo em que nenhum outro havia aparecido, vieram morrer nas Secretarias do Império e da Marinha, onde boa parte dêles se extraviaram.

O Govêrno não se dignou nem mesmo a acusar-nos o recebimento dêsses trabalhos, — e não só isso — não respondeu ao Sr. deputado Ferraz, quando o interpelava sôbre esta Comissão designadamente, perguntando-lhe o que tinhamos feito, — e mais que tudo —deixou pairar sôbre nós a suspeita de que tínhamos consumido não sei que porção de contos de réis, quando a verdade era que, nem a mim, nem ao Dr. Gabaglia, nos pagaram as *ridículas passagens* de Lisboa e Londres até Paris. Quanto ao Doutor Capanema, conjecturo que teria ajuda de custo para ida e volta.

Para concluir a coleção dos documentos históricos, regressei a Lisboa, onde encontrei o Comendador João Francisco Lisboa, do qual se dizia a meia voz que ali estava encarregado de trabalhos idênticos aos meus, ainda que o não constasse. Não sei se fiz o que devia. — Remeti para a Secretaria do Império perto de 50 volumes manuscritos in-folio, e pedi que, em

favor do Sr. Lisboa, me exonerassem daquela parte da minha Comissão. O Govêrno acedeu afavelmente ao meu pedido calando a remessa, que eu lhe havia feito.

Quer V. Ex.ª saber o que foi feito dêsses trabalhos? Precisei de alguns dêsses manuscritos para uma notícia que tencionava apresentar ao Instituto, e não os encontrei. Tinham saído da Secretaria do Império para as mãos de um homem, a quem só conheço pela carência absoluta de boa-fé e honestidade literária.

Precisei de uma parte dos relatórios, que [h]á alguns anos havia apresentado acêrca da Instrução nas províncias do Norte, o que me iria servir de base a trabalhos idênticos, feitos na Europa, por que tencionava mandá-los imprimir na *Revista Brasileira*, — e não os achei também.

Os nossos relatórios sôbre a exposição foram aproveitados por um amigo, que se doeu de os ver em mortuório, e de que se perdesse tudo, como já uma parte se havia perdido.

Eu pela minha parte ainda que o Govêrno me tivesse prometido como uma gratificação na minha volta, não julguei que a devia pedir quando êsses trabalhos não mereciam a pena da comunicação usual de recebimento, de que aliás são tão pródigas as nossas Secretarias.

De parte dos fatos que deixo mencionados, só tive conhecimento em chegando ao Rio; já então se achava organizada a Comissão científica de que me honro de ser membro, mas que talvez aceitei por me persuadir que se podiam prestar serviços tão valiosos em comissões de tal natureza, como nos rotineiros das Repartições públicas. Parece que me enganei, e que tais encargos, em relação a quem os aceita, devem ser considerados, antes como favor que recebem, do que como direitos que adquirem.

À vista do exposto, figura-se-me que sou como o negociante em más circunstâncias que em vésporas de abrir falência procura o amigo, julgando que ainda lhe pode ser útil em alguma cousa. Digo pois ao Sr. Conselheiro Paranhos para que o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros se lembre, quando lhe parecer conveniente, que o meu lugar na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros está vago desde hoje.

Nesta Comissão continuo, porque a isso me força o que devo a Sua Majestade, ao Instituto e aos meus atuais Companheiros. Todavia; dentro e fora do Instituto não há falta de quem melhor do que eu desempenhe as minhas vêzes, e que não desdenhe associar-se à Comissão científica, entrando para o meu lugar. Sendo assim, eu empenharia todo o valimento que posso ter para com V. Ex.ª a fim de que se realize, o mais breve possível, alguma pretensão que apareça neste sentido, asseverando-lhe que

eu considerarei como a coroa dos seus obséquios a notícia dessa demissão, que não seria a primeira, se eu a desse, sendo a última, como espero, que carecerei de pedir.

Tenho a honra de assinar-me, como sempre

De V. Ex.ª

Am.º at.º e obr.mo Cr.º

Antônio Gonçalves Dias

Ceará, 17 de março de 1859.

B.N.

153

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

1º de abril 59

Acabo de receber a tua carta dêste mês de volta de um longo passeio pela Serra da Aratanha, onde me demorei uma semana, a estudar a montanha e seus produtos, enquanto os meus companheiros se entretinham com as suas coleções. Lá ficaram, e eu, voltando, encontrei a tua carta, com notícias tuas que me deu o Mendes.

Parece, segundo se diz, que vieste a cidade sòmente para pleitear a eleição do Furtado, porque ainda não acabaste de te convencer que para te meteres em negócios políticos, careces de te convenceres primeiro que te convém trabalhar para ti.

Deixemos porém isso de parte, visto que nada me dizes do que te interessa: tratemos de mim.

A demissão, ou antes as demissões de que sem muita razão te assustas, pedi-as: partiu essa carta há dois paquetes.

Entendí que com a reforma da minha Secretaria tinha sofrido uma perda insignificante em meus ordenados, o que não importa muito, — e um rebaixamento de categoria, a pretexto da Comissão em que estou, ou sem pretexto algum, por que ainda estou para saber como isso foi.

Escrevi uma carta ao Ministro, dirigida ao Capanema para que a lesse, e obrasse como se o negócio fôsse dêle. O fato é que parece que já contavam com a minha resolução neste caso, e eu pensei pouco mais ou menos como o Carmagnola de Manzoni — Deus me livre de que os meus inimigos pensem melhor de mim do que eu próprio.

Escrevi ao Ministro «Os oficiais da Secretaria de Estrangeiros, antes da reforma percebiam vencimentos iguais aos dos Diretores das Seções de

hoje, e dentro da repartição tinham apenas acima de si o oficial maior: por conseqüência o antigo oficial, que passa a ser primeiro, nem só perde uma parte dos seus vencimentos como é rebaixado em categoria. Ora a reforma do pessoal administrativo tem sempre em vista a admissão de pessoas mais habilitadas para o serviço — a inutilização dos que nêle se gastaram, e o aproveitamento dos que ficam, na escala ascendente ou descendente e no grau em que podem ser úteis, sem que se ofendam os debaixo sem que os de cima reparem. Se houve êrro, ou, como quase sempre acontece, se o empregado supõe que lhe faltaram com a justiça, ainda assim não tem, no meu entender, motivo algum de queixa. Os podêres administrativos manifestaram, como convinha, a sua opinião: não resta ao preterido senão um de dois recursos — aquiescer, calando-se — ou protestar, demitindo-se.»

Por conseqüência, ou antes — êle que tire a conseqüência.

Quanto a comissão em que estou, acrescentei — que continuava nela por diferentes motivos, mas não havendo falta de pessoas para o lugar que exerço — seria favor se me quisessem mandar suplente.

Veremos o que faz o Capanema: quanto a mim, não é isso o que me incomoda: romper com o Govêrno seria talvez um meio de pensar nêle, e de por esta forma distrair-me de outros pensamentos.

Acaba de chegar o paquete e vou mandar a tôda a pressa dois exemplares do meu «Tupi» ao Jorge Sobrinho para que tos leve — um é para ti — outro para o Antônio Henriques. — Quer isto dizer que estamos a 2 de abril.

Quanto aos meus estudos na Europa, aprendi a falar as línguas, que sabia — (o inglês ainda falo mal) — aprendi além delas — o flamengo e holandês, o dinamarquês e estava com o sueco quando me retirei.

Dei-me a fotografia em todos os seus ramos, a moldagem em gêsso, um pouco de galvanoplástica.

Estou traduzindo a *Noiva de Messina* de Schiller — o poema do Raposo, de Goethe etc. — Os meus Jesuítas precisam que eu tenha algum tempo de repouso para os limar.

Projetos não me faltam.

Mas para concluir, visto que o vapor não tem civilidade com pessoa alguma, vê se me encontras por aí — a obra de Goethe — *Hermann e Dorotéa*, que prometi, julgando encontrá-lo, e não o acho no Ceará. Se o não achares, não te dê isso cuidado que o mando vir de Pernambuco ou do Rio.

Manda-me notícias muito pelo miúdo de D. Mariquinhas, da Inesota, da Lourença. O Ricardinho diz que anda por Lisboa. Lembranças a todos — a D. Inês, D. Luzia etc. e crê-me como sempre

Teu do Coração

G. *Dias*

I.H.G.B.

154

Ilmo. Sr. João Brígido dos Santos

De volta de uma excursão pela sua bela Província, tenho o prazer de receber a sua carta de 28 de fevereiro, acompanhada de 2 números do «Araripe», jornal em que V.S. imprime os seus apontamentos para a história do Cariri.

Como pela minha parte alguma cousa me tenho ocupado com assuntos da nossa história, sinto-me impelido da simpatia por com aquêles que se ocupam de iguais trabalhos, tanto mais no seu caso, quando sei com quantas dificuldades terá de lidar para levar ao cabo a sua emprêsa, com falta de esclarecimentos, e sem a animação, que em terras pequenas tem o autor necessidade de beber na sua própria consciência, considerando que faz um trabalho útil.

Continue a obsequiar-me e a sua Província com os seus apontamentos, e permita-me assinar com tôda a simpatia

De V. S.

Patrício atº

A. Gonçalves Dias.

S/C. Fortaleza, 2 de abril de 59.

B.N.
Cópia

155 (*)

Ceará, 20 abril 1859

Meu bom pai e amigo [Cláudio Luís da Costa]

Escrevi-lhe por êste paquete, mas com data bem atrasada porque as mandei lançar no correio na véspera da minha partida para Aratanha, onde fui agradecer à família Costa o obséquio que por nossa conta prestou ao pobre Assis. Agora, isto é, neste mesmo momento recebo a sua de 6 de abril, a que respondo, um pouco às carreiras.

(*) No Almanaque Brasileiro Garnier, 1910, "Cartas de Gonçalves Dias", pág. 177, esta carta aparece como sendo de 20-4-1861.

O negócio dos Camelos não o soube sòmente pela sua carta, meia dúzia de pessoas me escreveram a êsse respeito, prova de que realmente êles entendem que o negócio me diz respeito. Ainda mais. Êsse ofício foi publicado, mas truncado, calando-se a parte que se referia a morte do animal, prova de que o Sr. Ministro entendeu êle próprio que havia desafôro, pois que não consentiu na sua publicação. Ainda mais. — Alega-se como um serviço prestado a mim o ter-se abafado êsse negócio. Vê Vm. que há nisso tanto desafôro como cobardia.

O Cap. os requisitou para os estudar, ver as matérias mais próprias de seu sustento, meio de os tratar nas enfermidades, etc. Nada tive com isso; enquanto êle, podia e devia tomar a parte que tomou. Fomos nêles daqui a Paratuba (5 léguas), mas têm o andar incômodo — deixei-os. Êles com os guias chegaram a Baturité e voltaram, sem novidade. Meses depois foram enviados de nôvo com carga e foi então que se quebrou a perna a um. O Presidente defendeu o seu ato perante o Ministro e eis tudo. *Dá o cavaco porque seria leviandade do Ministro falar em mim,* quando não tinha que ver com isso.

Agora nova complicação. O Presidente com quem parecia que podíamos viver na melhor inteligência, fêz-me um desafôro, quando eu menos esperava. Era uma tolice dêle, nem eu me teria importado com isso, se êle *tivesse ao menos o maquiavelismo do Ferraz, não falar em mim.* em causa em que eu nada tinha que ver.

Escrevi-lhe um ofício, que o deve ter consolado, e o negócio foi afeto ao Govêrno.

Decidam êles como quiserem, que eu suporto tudo, exceto que me cheire a *desafôro.*

Quanto ao meu lugar da Secretaria, eu tinha-me procurado entender com S.M. antes da minha vinda.

Não dei demissão, por que se entendeu não ser então conveniente. Sou obrigado ao Imperador, e não queria que êle se persuadisse que há nesse negócio mais *despeito do que sentimento de dignidade; mas o que é* fato, é que eu considero vago êsse lugar, e não vejo possibilidade, ou antes não me persuado que haja consideração alguma de interêsse, posição, futuro, ou quer que seja, que me obrigue a servir debaixo das ordens de um Peçanha.

S.M. não terá de se zangar com isso, por que tão longe está da minha intenção queixar-me, como pedir. *Quanto a êsses meus pequenos interêsses* faça Vm.[cê] o que entender melhor, que tudo será bom.

O livreiro da Europa diz-me que eu tenho por lá uns 700$000 da venda de livros e pede-me para fazer uma edição européia das minhas obras, correndo êle com as despesas, e repartindo comigo os lucros.

Disse-lhe que sim.

Lembranças à Olímpia, a quem não posso escrever outra vez. Vou bom dos olhos, e no mais sem novidades. O Gabaglia chegou da Serra Grande e aqui se demora apenas 4 dias.

Pode ajustar contas com o César — do tempo do Capanema — isto é — receber a conta antiga que haja em ser. Não sei se lhe respondi também pelo Laemmert, nem se êste me está devendo ainda.

B.N.

Cópia

156

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Por aqui nos vamos conservando nesta maçada do Ceará, felizmente entremeada de alguns trabalhos, que nos não deixam sentir muito o fastio do tempo. Agora mesmo nos acaba de chegar um padecente (um ajudante da Seção Astronômica) que nos vem fazer companhia, enquanto esperamos uns 3 mais, com os quais se completa o quadro do nosso pessoal.

Quer creias, quer não, não tenho tido tempo para passar a limpo algumas asneiras que tenho feitas, e que segundo o meu antigo costume desejava mandar-te. Não é falta de vontade, bem podes crê-lo, mas embaraços desta Comissão, que ainda não entrou perfeitamente nos seus eixos. A isso acresce que já alguns vão dando parte de fraco com maleitas. Por minha parte vou bem.

O Mendes parte nesta ocasião para lá; ofereceu-me o seu préstimo, que eu tencionava aproveitar para uma remessa de livros, que eu te queria mandar para que mos guardasses até melhor ocasião. Como porém ainda temos alguma demora por aqui (coisa de dois meses) resolvi-me antes a retê-los até proximidades da minha partida.

Como vais? e D. Mariquinhas? e Inesota? e a minha afilhada? Que notícias do Ricardinho?

Da minha gente do Rio, nada sei: nem o João, nem minha mulher me escrevem — ao menos até agora no momento, em que te escrevo nada de cartas.

E o Hermann?

Adeus. Muitas Saudades a ti e a todos os teus

do teu Mano e Amigo do Coração

Glz. Dias

Ceará (Fortaleza) 4 de maio de 59.

I.H.G.B.

157

Ex.^{mo} Am.º e Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Ceará, 12 de junho 59.

À vista das reflexões que fiz ao Inspetor sôbre a dificuldade que teríamos no interior em haver trocos, êle declina da responsabilidade das miuçalhas, e manda-me a cópia inclusa do ofício que êle pretende escrever para o Rio por êste paquete.

Nesse sentido escrevi o ofício junto para V. Ex.ª assinar, se lhe merecer a sua aprovação: falta a quantia, por que ainda não combinei com o Lagos, que anda não sei por onde, e tenho pressa em expedir êsse portador, com ordem para estar de volta amanhã pelas 8 horas: peço a V. Exª que o não demore.

A cópia tem diferença do ofício. Veja-a V. Ex.ª. Talvez fôsse melhor *mandar ao Ministro o orçamento. O que foi, pode servir, mandando-o* V. Ex.ª copiar, acrescentando nas despesas gerais o ordenado do Oliveira, além dos orçamentos da Botânica e Zoologia. O papel é indiferente: qualquer de Quitanda serve; porque êste mesmo em que escrevo a V. Exª, mandei-o comprar, tendo-me dito o Oliveira que nada recebeu dêsse gênero e semilhantes.

Acêrca do meu Ajudante, escrevo outro ofício, que V. Ex.ª verá, rasgando-o sem cerimônia se lhe parecer *inconveniente,* visto que tem meia parte nêle. É um epigrama do Govêrno que nos manda aquela — *a metade* para os dois.

Como o Lagos está cá, escreva-lhe V. Ex.ª para que nos dê conhecimento a mim e ao Gabaglia, das comunicações do Govêrno, que nos dizem respeito.

O Bilhete incluso é para o Dr. Freire. Disponha V. Ex.ª de quem é com tôda a consideração

Seu am.º e Colega obr.º

G. Dias.

NB.

Deu V. Ex.ª as suas ordens ao Oliveira para a escrituração do Registro, e das contas de V. Ex.ª? Se V. Ex.ª não trata de pôr em dia os seus papéis, *receio que se veja depois em dificuldades.*

Esquecia-me.

Quer V. Ex.ª que parta o Artífice para a côrte? Nesse caso confie-me duas fôlhas de papel com a sua assinatura na qualidade de Presidente da Comissão — um ofício para o Presidente aqui, outro para a côrte. — E, *neste caso, quer V. Ex.ª que lhe paguemos os atrasados?*

Outro pedido.

Confia-nos V. Ex.ª as instruções da Comissão, e a circular do Govêrno para tôda a casta de ajuda e proteção, de que carecermos? — Precisamos cópias delas, que V. Ex.ª legalizará quando voltar.

Do mesmo

G. Dias

B.N.

158

Amigo Antônio Henriques.

Queixas-te de que eu te não tenho escrito e tens razão. Em parte ando tão atrapalhado da minha vida, como não me recordo de o ter andado jamais; em parte também provém isso de que eu já não presto para nada, e creio mesmo que nem para fazer versos.

A minha Comissão, e principalmente o que é do expediente dela rouba-me um tempo infinito, e à chegada dos paquetes, principalmente nem tempo tenho de me coçar. Há tempos me escreveste um P.S. sôbre a tal Comissão, mas as informações que tiveste, foram de pessoa que parecendo muito sisuda, costuma a ser, por hábito e por índole, horrìvelmente irrefletida, para não dar as cousas o seu nome próprio. Efetivamente um ou outro se pode portar mal, entre 15; mas o epíteto de desfloradora é duas vêzes gratuito — em primeiro lugar porque aqui como lá como em muita parte há pouco que desflorar, — e depois porque, na sua origem, êsse epíteto era filho da ignorância, e não da malidicência.

Temos conosco um trabalhador de metais para consertar os instrumentos astronômicos. Êsse homem tem um pai, que é o tipo do amor paterno, e que ignorando o que significa — exploradora, — ou tendo lido mal essa palavra em alguma parte — escreve para o filho, como artista na Comissão desfloradora. Foi isso motivo de riso entre nós. E eis o que há a êsse respeito.

Eu o Capanema e um ajudante partimos para o centro por êstes quatro ou cinco dias, segundo as notícias dêste vapor, que ainda não sei quais sejam.

Agora um pedido. Quero imprimir uma coleção de poesias traduzidas por brasileiros. Se te constar de alguma que tenha algum jeito, vai pondo-as de parte para mas dar algum dia.

Muitas lembranças aos nossos amigos, e tua família.

do teu do Coração

G. Dias

Ceará, 17 de julho de 1859.

I.H.G.B.

159

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Só depois de ter aviado a minha correspondência é que pude ocupar-me com o Sr. Assis.

Eu sinto que V. Ex.ª lhe tenha manifestado a sua opinião, antes de ter avocado a si a correspondência que tem havido entre nós. Leia V. Ex.ª o meu ofício de 8 do corrente e peça a resposta do Sr. Dr. Assis, e note-lhe bem as expressões.

Se por atenção para com o Sr. Assis, porque fui eu que o reclamou porque a pedido meu, o Capanema interveio nesse negócio, por não querer de alguma forma embarulhar os negócios da Comisão, não reclamei contra essas instruções do Govêrno, que me são desairosas, não estou muito de humor de tolerar-lhe susceptibilidades quando êle até agora tem usado de bem pouca delicadeza para comigo e para com a Comissão; não comunicando a sua nomeação, não pedindo desculpa de demora além do prazo que lhe deu o Govêrno, e chegando aqui, com o seu decreto, sem saber a que Comissão pertencia, como publicou o *Cearense*.

Se, como me parece pela resposta que êle deu a um ofício que nada tem de desagradável e menos atencioso, êle supõe que ficou sendo alguma cousa na ordem das cousas, e não que se lhe faculta um meio de vir a ser alguém, com o seu decreto para servir nesta Comissão, eu entendo que V. Ex.ª fará bem em deixar êste negócio correr os seus trâmites pondo-se de fora dêle: dessa forma ou o Sr. Assis vai curar bicheiras nas Alagoas, ou eu vou plantar batatas no Maranhão no fim de contas, ganhamos todos com isso.

A resposta que tenho a dar ao Govêrno, e ao Sr. Assis, — ou a Comissão, se ela quiser intervir nesse negócio, no que entendo que não fará bem, por isso mesmo que nada tenho a temer da sua deliberação neste caso, segundo estou convencido, — ou V. Ex.ª como Presidente da Comissão, é a que vai inclusa em borrão — menos nada — mais talvez.

Disponha V. Ex.ª de quem é com tôda a maior consideração e respeito.

De V. Exª

amº e obrº Cr.º

Gonçalves Dias

S.C. 12 de agôsto de 1859.

B.N.

160

Amigo Antônio Henriques

Pelas cartas que acabo de receber do Ceará sei que o Dr. Fábio e o Jorge passarão para o norte; êste por motivo de moléstia, aquêle não sei

se melhor dos seus incômodos, porque o Pompeu nada me diz a respeito. Em todo o caso estimarei que a volta seja sinal de completo restabelecimento. Escrevo-lhe para o Pará, mas se êle por aí se demora, dá-lhe lembranças minhas.

A nossa Comissão, como sabes, anda tôda tresmalhada — uns — o Freire e Lagos, com os seus ajudantes et comitante caterva lá se vão Jaguaribe acima, — Gabaglia segue para o norte. Eu e Capanema aqui nos achamos nestas soberbas serras de Baturité, hoje o celeiro da província, e que algum dia se tornará tão pouco fertil como as planícies da província, se Deus lhes não dá água. Daqui, dentro em pouco seguiremos para Quixeramobim, Icó e Crato, voltando à capital pelas serras do Araripe e serra Grande. Apesar dos praguentos, conto que faremos alguma cousa.

No fim do ano, ou princípios de 60 estaremos no Ceará, para daí cortarmos a Província passando para alguma limítrofe, do Sertão. Com tudo, sempre teremos alguma demora no Ceará, por causa da estação chuvosa, e porque algumas das Seções precisam de tempo para prepararem as suas coleções. Neste caso não estamos nem eu, nem o Capanema, cujos trabalhos ficaram em grande parte interrompidos com as chuvas. Como êle está um pouco despeitado com o nosso Govêrno é provável que não volte à côrte no intervalo, apesar da licença que para isso trouxe. Lembro-me dêsse celebérrimo *furo*, que não sei em que estado se acha, nem em que mãos, —do pôrto que se terá entulhado de mais a mais, — do Cais dos Remédios, que será uma bela obra se a acabarem — da lajem no rio Mearim, e do baixo no Itapicuru, que obstam a navegação franca dêstes dois rios, e parece-me de tôda a conveniência que V. aproveitem as férias do Capanema. Se a Presidência o convida a ir examinar êsses trabalhos, ou projetos dêles, creio que a nossa Província ganhará muito com isso.

Escrevo nesse sentido ao Presidente, e tu fala[s] ao Fábio e Teófilo, e a quem te parecer sôbre esta idéia, fàcilmente realizável.

Quanto ao Presidente, eu to recomendo e aos teus amigos; é môço talvez muito susceptível, mas em todo o caso bem intencionado. Sinto sòmente que êle para aí vá em época de traficância eleitoral. Ainda assim Vocês o tratarão melhor do que os Cearenses.

Por mim não sei o que farei nesse intervalo, no entanto mais hoje, mais amanhã, nos havemos de ver.

Adeus do

Teu do Coração

G. Dias

Baturité, 1º de outubro de 1859.

I.H.G.B.

161 *

[Baturité, 23 de novembro de 1859]

[Cláudio Luiz da Costa]

....

«Recebi a carta em que Vm.^{cê} comunica o vexame em que estava por ocasião dos exames do seu Instituto, na esperança em que estava de que as Princesas assistissem a êsse ato. Isso já estará concluído, quando V. receber esta e felizmente estará Vm^{cê} em férias, gozando do descanso, de que já vai precisando, principalmente depois de alguns meses de maçadas, como V. as tem.

Da Comissão não lhe posso dizer nada; os meus companheiros estão todos desgarrados, e nem sei mesmo o que consta oficialmente acêrca da comissão. Corre por aqui que ela terá de cessar em fins dêste ano ou começo do próximo. Se assim fôr, melhor. Aquêles que se persuadem que andamos por aqui em vida de rosas, desejam que se acabe a *sinecura* e eu de acôrdo com êles nessa parte, meteria empenhos podendo ou sabendo como, para que tais desejos se realizassem.

Em fevereiro estaremos de volta no Ceará para arranjar as coleções e preparar os nossos trabalhos. Então saberemos o que se pode fazer para continuar ou acabar com ela.» ....

....

162

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

O «Oyapock» trouxe-me a tua carta de 12 dêste mês; êste paquête porém apanha-me com uma ferida em um dedo que me não deixa assentar a mão no papel. Lá vai o que sair. Quanto a Comissão não sei o que se terá decidido no Rio, por que ainda não recebi cartas, — o Capanema deve ter ficado na Bahia — e o que quer que foi, deve estar feito: só falando com êle te poderei dizer definitivamente em que ficamos. Com tudo parece-me que me entendeste mal; disse-te que havia pedido demissão do meu lugar da Secretaria, acrescentando que se me mandassem substituto para o lugar, em que estou, me fariam muito favor: o que quer dizer que não pedi, mas que aceito com prazer esta última demissão, se ma derem. Por uma triste experiência, já sei o que são Comissões do Govêrno, e o que elas rendem tomarei outro caminho, e se me não der bem com isso, quero persuadir-me que me não darei pior. Aceitei esta, por amor de amigos, que nela servem, — e sobretudo por convir aos meus estudos e ao meu

---

(*) *In* Almanaque Brasileiro Garnier, 1910. "Cartas de Gonçalves Dias", pág. 175. Cláudio Luiz da Costa, sôgro de Gonçalves Dias.

poema — talvez também por alguma razão muito particular; mas aturar desaforos a pretexto de que possa fazer alguma cousa útil a nossa terra — isso não: o pouco que posso, posso-o em tôda a parte.

Perguntas-me se recebi documentos importantes do Alexandre Herculano acêrca do Brasil. Não: dei-me muito com o Herculano e tive muito prazer com esta relação, vendo como nêle se harmonizam os nobres sentimentos com uma altíssima inteligência. O que êle fêz, e foi tudo o que lhe pedi foi franquear-me a Biblioteca da Academia Real das Ciências

Todavia a minha coleção é riquíssima: sòmente desconfio que quando voltar ao Rio, nada acharei dela, a não ser o volume de Índice que mandei ao Imperador.

Quanto a trabalhos — estou com a tradução da *Noiva de Messina* de Schiller, de um poema de Goethe — *Reineke Fuchs*: o meu poema dorme — a minha *História dos Jesuítas* precisa de ser completada e retocada — algumas poesias etc. mas as recordações da Europa, essas virão melhor no meio dos nossos matos. Para tudo isto, e o mais que pretendo fazer preciso de tempo: preciso principalmente de ócio — por que sem isso nada se faz em poesia, que valha a pena de chamar-se a gente poeta.

Vou ver o que me trouxe o paquête do Rio para concluir esta carta.

Notícias do Rio — O Capanema não entregou a carta.

Adeus muitas lembranças a D. Mariquinhas e aos teus e muitas saudades do

Teu do Coração

Gls. Dias

Ceará, 17 [1859]

I.H.G.B.

163

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Vão as relações das contas nos meses de maio e junho para V.Ex.ª ver, e devolver-mas, quando as tiver percorrido a fim de se começar com o lançamento delas.

Como V. Ex.ª nos havia dito que era melhor fazer o pedido de dinheiro neste mês para as despesas de preparativos de viagem, previno-o de que a Seção do Capanema e a minha precisarão de uns quatrocentos mil réis

— talvez menos; mas calculo por alto para não andar com pequenas quantias. Se fôsse possível haver essa quantia hoje ou amanhã, seria muito bom para nos aprontarmos, e arranjar as nossas contas nestes dois ou três dias.

De V. Ex.ª

am.º e obr.mo Cr.º

Gonz. Dias.

B.N.
Cópia

[1859]

164

Il.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Nos ofícios juntos, assim como nas minutas, faltam as datas: falta igualmente o ofício autorizando os Chefes de Seção a receberem as quantias necessárias para as despesas das suas Seções, mas parece melhor esperar, para se mandar êste, que o Presidente nos tenha informado das quantias em ser.

Para evitar contingências, e dar mais tempo à resposta e exame a que deve proceder a Tesouraria apareceremos para a reunião amanhã as 5 horas da tarde.

Recado do

De V. Ex.ª

am.o e m.to at.o Cr.o

A. Gonçalves Dias

B.N.
Cópia

[1859]

165

Amigo Antônio Henriques

Crato, 28 de janeiro de 1860

Creio que já me consideras morto e enterrado visto que há três séculos me não escreves. A que é devido isso? À tua clínica, preocupações políticas, desgostos de família — a quê? Dize isso ao menos, para que eu saiba se ainda vives.

Como vai o teu Presidente? O Abílio?

Por outro lado, Teófilo, D. Mariquinhas, Rêgo e Senhora, Janffrit idem, todos êsses nossos amigos, que fazem? Teu mano? Nestas paragens essas notícias caem como do céu; mas seriam recebidas com prazer, mesmo no Ceará, para onde voltam nossos companheiros e voltaremos eu e Capanema dentro em pouco, êles para arranjarem as suas coleções — eu para coordenar as minhas notas.

Que decidiram V. acêrca da ida do Capanema? Escreve-me para a Fortaleza — ou irei lá eu mesmo buscar notícias tuas

Do teu do Coração

G. *Dias*

I.H.G.B.

166

Amigo Brígido [João Brígido dos Santos]

Tinha intenção de lhe mandar por êste portador dois volumes das minhas *Poesias* para V. e para o nosso vate de Missão Velha. Infelizmente aconteceu ser hoje domingo, e estarem fechadas tôdas as lojas inclusive a do meu correspondente.

Escrevo-lhe pois tão-sòmente para lhe dar parte de como aqui nos achamos desde ontem, e que se não esqueça nem das minhas cópias, nem de uns folhetos que V. como que me prometeu.

Adeus. Disponha do

Seu amo obro

G. *Dias*.

Ceará, 11 de março de 60.

B.N.
Cópia

167

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Terás reparado que [há] bem tempo te não escrevo senão horrìvelmente atarefado — de modo que mais parecem cartas de marido a mulher do que expansões de boa amizade.

Que queres tu? Desde que me meti nesta vida de vaqueiro, fiquei como êles — com sestro de andar às carreiras, — nem posso fazer outra cousa.

Cheguei de volta da minha excursão em que tocamos nas Províncias limítrofes do Rio Grande, Paraíba, e Pernambuco. Estou um pouco doente dos olhos, cousa que em soberano grau me tem maçado.

As minhas poesias etc. tem tido bastante aceitação lá por fora — Alemanha! França, Hespanha e Portugal — O Livreiro mandou me propor ùltimamente fazer uma edição européia — por conta própria, repartindo comigo os lucros. — Manda-me dizer também que da outra tem lá um par de cobres à minha disposição.

Quando me lembrar de mandar à fava os grandalhões da nossa terra, já começo a antever a possibilidade de fazer alguma cousa com a literatura. Será um exemplo excelente; porque enquanto o literato carece de empregos públicos — não pode haver literatura que mereça tal nome.

Dá-me notícias tuas. Lembranças a minha boa comadre, a Inesota, a minha afilhada — e crê-me, como sempre — usque in eternum

Teu do Coração

G. Dias

Ceará, 18 de março de 60.

I.H.G.B.

168

Cópia. Para o Sr. Presidente do Ceará

Ilmo e Exmo Sr.

Acabo de ler no *Cearense* de hoje dois ofícios por V. Ex.ª dirigidos — um ao delegado de Polícia, outro ao Comandante do destacamento do Icó, acêrca de um Abel Rodrigues Pimentel. Um dêsses ofícios é conseqüência do outro, e pois que em um dêles V. Ex.ª se digna de falar em meu nome de modo muito especial, permita-me que lhe exponha o fato tal qual êle se deu, acrescentando-lhe as reflexões, que me sugere o conteúdo daquele documento, hoje menos oficiais, do que públicos.

Antes porém de entrar em matéria, devo declarar a V. Ex.ª quanto me pesa que semilhante ocorrência se tenha dado na sua Presidência, e que o meu nome, que mal procura a publicidade, tenha sido pronunciado de forma que me não é licito recuar, e menos, quando me parece que, a ser eu parte ou principal ou única, ou alguma cousa nesse negócio, não há muito fundamento de justiça na causa que V. Ex.ª como primeiro Magistrado aprecia, e prèviamente condena. Lastimo tanto mais semilhante fato, quando tão pouco tenho que ver com o Sr. Abel, — como com o Sr. Alferes, comandante do destacamento que o não prendeu, quando legalmente já o não podia fazer, ou com o Sr. delegado de Polícia, a quem V. Ex.ª agora recomenda a rigorosa punição do crime!

O zêlo do bem público, a imparcialidade da justiça, o temor saudável que inspira uma administração, que não contemporiza com potentados — nem que sejam eleitorais, — são para mim cousas tão respeitáveis, — e para muitos lugares tão novas, tão desconhecidas, tão incríveis, — que eu me congratulo com V. Ex.ª pelo nôvo aspecto, que sem dúvida vão tomar as cousas da Província, e encho-me de nobre orgulho considerando-o meu comprovinciano. Todavia, a severidade de V. Exª (permita-me dizer-lho) podia ser melhor empregada.

Nos extratos dos ofícios de V. Ex.ª se diz — que no dia 19 de *janeiro último, entrara no Icó, encourado, e trazendo uma grande faca de* ponta um Abel Rodrigues Pimentel, que se refugiou (ou como melhor disse o Comandante) que entrou na casa, em que residiam alguns membros da Comissão — que o Comandante do destacamento para ali se dirigira acompanhado de soldados, a fim de o prender, — e que se não efetuara a prisão, por que eu lhe disse que a arma era do Dr. Coutinho etc.

Que Abel de tal entrou na cidade do Icó encourado, não me recordo, mas admito-o e mais — que isso seja circunstância agravante.

Que trazia uma grande faca de ponta, deixo passar a expressão como judiciosa; — desde um trinchante até uma espada, tudo pode ser do mesmo modo qualificado = uma grande faca de ponta. Essa, de que se trata, foi-nos dada como uma faca de mato, e nem com facilidade se presta a outros usos. Curta e pesada, é insuficiente para espada, e como instrumento perfurante, incômoda.

Quanto às outras alegações, que se dizem minhas, uma autoridade zelosa em vez de ater-se a elas, como símplices alegações, podia ter informado a V. Ex.ª «É verdade que com êsse Abel e adiante dêles caminhava o Dr. Coutinho — o que eu vi; e mais uma carga, que parecia pertencer-lhe; mas não vem ao caso tal circunstância».

Restabeleçamos os fatos.

O Sr. Dr. Capanema mandou o seu Ajudante examinar a serra do Pereira. O Dr. Coutinho, que é êsse mesmo Ajudante, precisou de um

guia e não se informou se êle chamava Caim ou Abel. Para examinar a serra, onde melhor lhe conviesse, precisava de uma faca de mato: pareceu-lhe mais simples isso do que levar gastadores ou porta-machados. Na volta, como já não precisava da arma, deu-a a pessoa, que o acompanhava, e assim entraram na cidade e em casa. Pouco depois chegou um Sr. de sobrecasaca e bengalinha, acompanhado de um biliguim ou o quer que fôsse, e, diz êle que também de soldados. Nem me custa a crer que se tenha desenvolvido todo êsse aparato de fôrça, de que somos tão pródigos, quando se não precisa dela. Estávamos presentes o Sr. Dr. Capanema e eu, e pouco depois compareceu também o Dr. Coutinho, vestido ainda como havia chegado da jornada, e trazendo ainda nas mãos o formidável corpo de *delito* — a grande faca de ponta.

É certo que o Sr. Alferes comandante do destacamento perguntou por mim e foi a mim que se dirigiu, nem tive dificuldade em lhe responder atribuindo o fato a alguma leve reminiscência, que o Sr. Alferes tivesse tido dos seus *regulamentos militares, apresentando-se à paisana,* em *serviço,* e comandando fôrça (diz êle) em casa onde haviam superiores seus — o Major Capanema e o Capitão Coutinho.

O que lhe eu disse foi — que êsse desgraçado Abel acompanhava o Dr. Coutinho; nem era preciso dizê-lo. S.S. donde estava os teria visto passar a ambos, — que a arma pertencia ao Dr. Coutinho, o que êste confirmou: — disse-lhe o que entendia, e o que fico entendendo ainda, apesar das ordens de V. Ex.ª — que tendo-nos sido dada pelo Govêrno aquela arma e outras semilhantes, julgávamos que nos era lícito trazê-las, e que o devíamos sempre que nos fôssem necessárias.

Com isto se retirou o Sr. Alferes: V. Ex.ª entende que êle fêz muito mal, enquanto por minha parte me persuadia haver bem merecido de V. Ex.ª, livrando a sua administração de uma violência imerecida contra nós, e de um escândalo como tantos que no centro da Província se dão contra os pequenos, e que não chegam aos ouvidos do poder.

Digo — escândalo; — por que a lei que V. Ex.ª se compraz em citar e as próprias ordens de V. Ex.ª não podem mandar que se prenda a Abel de tal ou a qualquer outro filho de Adão, senão em flagrante, ou, fora disso — por meio de processo.

Grandíssimo escândalo, desde que o Sr. Dr. Coutinho confessa na presença da autoridade (o que êle repetirá a V. Ex.ª) que a arma era sua, *e que a entregara a outro para a trazer. Pois que as ordens de* V. *Ex.ª não* fazem exceção de pessoa alguma para deixar de sofrer as conseqüências do crime (o que aliás era escusado dizer); pois que o Sr. Dr. Coutinho se declara culpado à própria autoridade, e no nosso direito criminal a confissão condena, — pede a justiça que se não prescinda da Lógica. Há crime, diz V. Ex.ª! — então há mandante e mandatário, — há dois réus; e a ordem de V. Ex.ª, ainda neste caso é injusta, porque é parcial.

Mas haverá crime naquele fato, e noutros semilhantes?

Julgo que há não sei que disposição legislativa que permite o uso de armas proibidas, sem licença, àqueles que andam ocupados em trabalhos para que elas são necessárias. O trabalho privado tem êsse direito; o público deve estar fora dêle; isso prova-se que é por isso mesmo que não deve ser. Concedo também que uma faca de mato, desde que é chamada uma faca grande de ponta, é uma arma proibida; todavia ignoro que essas máquinas eleitorais, chamadas Câmaras Municipais, que só dão sinal de vida quando acordam algum arranjo de compadres — ignoro, digo — que elas se tenham em tempo algum ocupado em fazer a declaração recomendada pela lei. Se existe no Icó, não é de crer que ela tenha levado a proibição as facas de mato, a quem em virtude de ofício tem de andar por meio dêles. Se não existe, é justo que caia tôda a indignação de V. Ex.ª sôbre esses maus guardadores da lei, que pela inércia põe tropeços ao andamento do serviço público.

Suponhamos porém que as Câmaras declaram isso de modo a não deixar dúvida alguma: sejam proibidas aquelas armas em tôdas as circunstâncias.

Pergunto:

Quando tantas autoridades a trôco de 20$ réis podem conceder uma licença para o uso de tais armas, não julga V. Ex.ª que cabe a mesma faculdade ao Govêrno Imperial? E a concessão de armas feita pelo próprio Govêrno, não equivale, e de sobra, a qualquer outra autorização para as trazer? Foi isto o que eu disse ao Sr. Alferes comandante do destacamento do Icó, e não admira que o argumento o impressionasse, porque sendo êle militar, ser-lhe-ia difícil compreender que o Govêrno do Brasil dê armas, a quem as não possa trazer no Brasil. — Não teria muita razão o Sr. Alferes; por que mais parece que com isso o Govêrno apenas teve em vista uma experiência científica — ver o grau de oxidação de que elas são susceptíveis. Se porém o Govêrno as deu entendendo que elas nos seriam necessárias, resulta daí inexplicável incoerência, se a Polícia se julga autorizada a tomá-las de quem quer que seja, que assim rezam as ordens terminantes de V. Ex.ª.

Segundo o sentido e o próprio conteúdo dêsses ofícios, que com tudo mais parecem destinados a elucidação dêste ponto do que se referem ao encourado do Icó, fica bem claro que não é permitido aos membros da Comissão Científica, ou pessoas que os acompanham, usar de armas, que se chamem proibidas, mesmo em serviço e para objeto do serviço, como no caso de que se trata.

Sinto que tais ordens vão encontrar a meus companheiros desprevinidos por êsses centros; sinto que em virtude delas, êles tenham e devam de ser arrastados como facinorosos perante qualquer cabo ou sargento arvorado em autoridade policial, ou outro dêsses que V. Ex.ª achou, e, segundo os jornais

dizem-se recomendam por serviços relevantes de eleições e de extermínio. Por mim, não; que estou suficientemente prevenido: demasiado respeitador da autoridade e da pessoa de V. Ex.ª não quererei dar-lhe o desgôsto de mandar-me instaurar um processo.

Como porém essas ordens são contrárias ao que até aqui se praticou com a Comissão, — do que se viu — aqui e no Icó e em tôda a parte por onde ela tem andado, — eu pediria permissão a V. Ex.ª se êste ofício já não fôsse tão longo para mostrar que aquela faculdade foi não só justa, mas de tôda a conveniência — menos favor pessoal, do que medida reclamada pela necessidade, ainda que permitida por benevolência.

Farei sòmente uma reflexão.

Se h[á] mais de ano que a Comissão Científica se acha no Ceará, se entre tantos que durante todo êsse tempo e por todos os lugares da Província trouxeram armas dessas, se tivesse dado o menor incidente que descontentasse a autoridade, compreende-se bem que a medida de V. Ex.ª *seria até certo ponto justificável*, e que mesmo era do dever de V. Ex.ª procurar por côbro a desmandos perigosos, ou evitar queixas por leves que fôssem. Isso porém não se tem dado; *pelo contrário temos sofrido* alguns incômodos da autoridade, como êsse do Icó, e pequenhezas de igual natureza aqui mesmo na Capital. De modo que a recomendação do Govêrno para que a Comissão não procurasse dar motivos de queixa nos lugares onde se demorasse ou pelos quais transitasse, pareceria mais acertada quando investida, com referência a seus Delegados.

Por fim, é do meu dever declarar a V. Ex.ª, o que mais tarde a Comissão não poderá deixar de fazer, que essas ordens acabam com a Comissão Científica na Província; por que a impossibilita de continuar nos seus trabalhos, para os quais se carecem das armas proibidas. Se alguém se estomagar com isso, eu pela minha parte, conquanto lastime o modo, não poderei deixar de agradecer o resultado a V. Ex.ª.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Ceará, 24 de março de 1860

Il.mo e Ex.mo Sr. Dr. Antônio Marcelino Nunes Gonçalves

Muito digno Presidente da Província

Antônio Gonçalves Dias

M.I.

Cópia

169

Meu Senhor [D. Pedro II]

Um caso grave, e menos pelo que é do que pelas proporções que vai tomando, faz com que eu vá roubar a Vossa Majestade Imperial alguns momentos do seu precioso tempo, ainda que a chegada do Vapor, que a cada instante se espera, e com que eu mal contava por enquanto, me obriga a ser breve mais talvez do que conviria.

O fato que tenho a honra de levar a Augusta Presença de Vossa Majestade — é êste: O Sr. Presidente da Província mandou processar a um pobre homem do Icó, a quem o Adjunto da Seção Geológica, o Sr. Coutinho, tomara por guia para ir examinar a serra do Pereira, e a quem, de volta, dera uma faca de mato que levara para aquela excursão. Entrando na cidade, um Alferes à paisana o quis prender; o homem seguiu o seu caminho e entrou em casa com o Capitão Coutinho: algum tempo depois apareceu o Alferes acompanhado de beliguim e soldados e de muitos da terra, convidados pela novidade, ou antes, pela estranheza do caso. Não nos queixamos dessa violência, nem lá, nem cá, entendendo que isso não fora senão fanfarronada de militar novato, que pela primeira vez como é provável, se via à frente do comando de uma fôrça. No entanto acaba de ser repreendido por não ter feito mais.

Estou ainda para saber como se envolveu o meu nome em negócio em que eu nada tinha que ver, se não pelo só fato de morar com meus companheiros na mesma casa; mas não me queixo. Assim ao menos posso falar com mais desembaraço, sentindo a injustiça que se cometeu contra um homem pobre, metido em processo por se ter alugado por três dias para serviço que nada tinha de particular. Digo — injustiça que se cometeu, porque a ordem foi expedida a 21 de fevereiro, e quando Vossa Majestade lhe queira acudir com o remédio, já o mal estará feito em grande parte.

Se por ventura eu tivesse podido saber que se tratava de dar tal ordem, é bem provável que na ausência dos outros Membros da Comissão, eu me tivesse procurado entender com o Sr. Presidente da Província, mostrando-lhe os inconvenientes dela, — se a má vontade que a motivou e o sentimento pouco amigável que o induziu a mandá-la publicar não prevalecessem contra quaisquer motivos de justiça e de conveniência, que para o caso se pudessem alegar. O mal porém estava feito, e isso apesar de supor-se que ao menos neste caso a opressão de que é vítima um súdito de Vossa Majestade nos sertões da Província, iria bater aos pés do trono Imperial, e acordaria porventura um eco no coração magnânimo que sôbre êle está colocado .

Quando eu soube do fato e isso no mesmo dia da publicação do *Cearense* (a 24 do corrente) fiz chegar ao Sr. Presidente o ofício que vai por cópia, — ofício que podia ser mais grave se o negócio fôsse mais sério,

e se não estivesse convencido de que uma pequena mortificação de vaidade não basta para compensação de três meses ou mais de sofrimentos, quem quer que seja a vítima dêles.

Se houve crime, foi o Capitão Coutinho, foi a Seção Geológica, fomos nós os culpados; e não se dirá, creio eu, que uma advertência, uma repreensão, uma acusação ao Govêrno dirigida contra a Seção Geológica ou contra a Comissão em geral, não seria satisfação bastante para uma ordem da Presidência, que só nos ficou abrangendo depois do *Cearense* de 23 de março. Porque, digne-se Vossa Majestade de notar: No extracto dos ofícios do Icó que se acham publicados, não se diz que o homem acompanhava a Coutinho; não se diz que a arma lhe pertencia a êste, pois que lha poderiam ter visto muitas vêzes, indo ou voltando de suas excursões; não se diz que êle e o Dr. Capanema, que se achavam presentes, confirmaram as minhas asserções: não, dizem que viram passar um homem encourado, e a cavalo trazendo uma faca de ponta: é o que há de oficial. O mais são meras alegações da minha parte, porque, suponho, foi necessário pôr essas cousas em dúvida para que parecesse haver algum fundamento na representação.

Mas dar-se-á acaso que a Comissão tenha de algum modo desrespeitado as ordens da Presidência. Não, que não tinha poder, nem vontade para isso, sendo antes certo que aqui na capital, e em tôda a Província, ainda depois de dadas essas ordens, de que eu e meus companheiros não tivemos conhecimento senão agora, se entendeu sempre que a Comissão, como qualquer operário, como se permite uma sovela a um sapateiro, tinha a faculdade de trazer as armas necessárias para os seus trabalhos. Assim o entendeu o Govêrno, dando-as; e o ex-Presidente e ex-Chefe de Polícias consentindo-as. Tôda esta cidade é testemunha disso. Nem é preciso grande esfôrço de inteligência para compreender que essas chamadas armas proibidas nos são necessárias. A Seção Zoológica carece de aves e de animais — isto é — de armas de fogo e de mato. A Botânica anda igualmente pelas brenhas, carece de deitar abaixo flôres de árvores elevadas, de cortar raízes, ramos ou cascas, e portanto das mesmas armas. As Seções Geológica e Geográfica, aquela nas suas excursões, esta nos seus trabalhos de nivelamento, e levantamento de plantas por sítios ínvios, estão no mesmo caso. Compreendeu-se isso em quanto aqui estêve a Comissão, nem era cousa em que se fizesse reparo.

Saimos de Baturité depois da chegada do atual Presidente, e provàvelmente depois dessas ordens, mas em parte alguma nos fêz a autoridade a mínima reflexão, por que usávamos de armas, saindo a alguma excursão. No Icó mesmo, pouco antes de nós, estiveram o Conselheiro Freire e o Dr. Lagos com os seus adjuntos, e não lhes contestaram nunca êsse direito, de que fizeram uso constante e diário. Em Pernambuco, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, onde estivemos, nos aconteceu o mesmo; e em parte alguma se deu a mínima circunstância com que se pudesse fazer crer ao

público ou ao Govêrno de Vossa Majestade que havia inconveniente em que os Membros da Comissão ou seus trabalhadores usassem de armas que lhes eram necessárias, sempre que andassem conosco ou acompanhassem comboi, em cujo caso, segundo os estilos da terra, era permitido trazê-las.

Há outras circunstâncias que por brevidade omito: sòmente se me perguntassem pela causal destas mesquinhezas, sentir-me-ia obrigado a declarar que não me seria de grande admiração haver da parte de algum Ministro de Vossa Majestade alguma palavra, em virtude da qual se julgasse aqui na Província que lhe tomariam como bom serviço qualquer ato tendente a desgostar ou a aniquilar a Comissão. Há alguma cousa que pareceria prová-lo; mas espero argumento mais concludente do Rio, donde o mandei vir.

Respondi pois ao Sr. Presidente, agastado por certo de que essas aparências de severidade só servissem para se ordenar um ato pouco justo, e encobrir o quer que é de má vontade com o véu da imparcialidade. Prevejo, meu Senhor, que em falta de argumento à (sic) opor às minhas razões, a Presidência, assim como o Ministério de V. Majestade, acharam incoveniente a minha resposta, e por isso, repreensível: julgaram mesmo que tanto é cousa de pouca monta faltar a autoridade a justiça, como é digno de censura faltar eu às conveniências, e não saber mostrar a prudência, a cortesia, a moderação, de que não me deram o exemplo.

Sei também que considerações de política ou de interêsse público podem e devem pesar no ânimo de Vossa Majestade a ponto de lhe não permitir escolher o bem absoluto, que nunca se pode realizar; mas de preferir, como quase sempre acontece nas cousas humanas, entre dois males o menor.

Desejaria sòmente qualquer que fôsse o resultado dêste negócio, pois que êle pouco tem com a Comissão, que eu não represento, em nada a possa afetar. É possível que se considere incompatível a minha estada na Província, durante a atual Presidência, principalmente depois de publicado o ofício que lhe dirigi, e que reservo para a imprensa. Pois, fora da Província, e independente da Comissão, talvez eu possa melhor desempenhar a minha tarefa e satisfazer as vistas de Vossa Majestade, empregando sòmente para isso um pouco de boa vontade. Os meus companheiros lucrarão ao menos com isso as atenções de que são dignos, e que se lhes não nega fora daqui.

Deixe-os pois Vossa Majestade, que sempre farão muito mais do que dêles se espera, tão pequeno é o aprêço em que nós os Brasileiros nos temos uns aos outros! — Malgrado alguma cousa que efectivamente há, — agastamentos que a idade tolera e talvez desculpa — má vontade acima dêles, e muita inveja, mesquinha abaixo — vão indo, e vão bem; continuarão assim, sustentados por Vossa Majestade a quem se deve o bem que no país se faz, apesar de contrariado por muitos, que se esquecem donde vieram, e ignoram para onde caminham.

Guarde Deus por muitos anos a Pessoa e Família de Vossa Majestade Imperial, A quem respeitosamente beija as Augustas Mãos

o mais humilde e fiel súdito

Antônio Gonçalves Dias

Ceará, 25 de março de 1860.

M.I.

170

Ilmo Sr. J. B. dos Santos

Amigo

Recebi a sua carta de 27 do mês passado acompanhada dos processos que devo a sua benevolência, os quais remeterei para a Côrte pelo primeiro *portador seguro, ao Instituto, com menção honrosa do seu nome.*

Não sei se o portador se poderá encarregar de um pequeno volume com 3 exemplares um para V. — outro para o vigário de Milagres — outro enfim para o Bernardino.

Vão também uns folhetos, dos quais V. verá em que estado estão as minhas relações com a Presidência. Todavia o seu pedido não fica no esquecimento, nem prejudicado por isso. Ou daqui, ou da Côrte, por ordem do Ministro da Justiça, me parece cousa fácil, e para V. tanto mais vantajosa quanto ficam estabelecidas as suas relações com o nosso Instituto, e portanto seu correspondente de fato.

No próximo paquete escreverei nesse sentido. Haverá nisso de vantagem a ordem em nome do Govêrno, com recomendação aos juízes para as tornar efetivas, quando se precisar da sua intervenção, e em todo o caso, cousa mais terminante do que partindo da Presidência, que não sei bem se poderia ordenar a remessa para o Rio de papéis existentes em Cartórios.

Eu lhe escreverei a êste respeito.

O Coutinho, como lhe escreverá, chegou ainda ressentido do seu reumatismo. O Ratis parece estar com infinitas saudades de Sousa, e principalmente do Riacho dos Porcos.

Adeus. Dê-me sempre notícias suas, e creia-me

S. *amº muito obrº*

G. *Dias.*

S/C. na Fortaleza, 30 de abril de 1860.

B.N.

Cópia

171

Minha boa Comadre [Maria Luiza Leal Vale]

Escrevo-lhe às carreiras e por assim dizer com o pé no estribo. Em agôsto, o mais tardar, estou em Pixanuçu. Escuso dizer-lhe que se V. não está lá, e a Inesota, e Loló, e tôdas, fica-me um pouco aguada a festa. Se a minha Comadrinha não fôr, olhe que lhe fica o remorso de me não ver mais em sua vida — o que é possível.

Dê lembranças a D. Luzia, a D. Inês, a sua mãe, a seu mano, a todos. Sinto não poder também mandar lembranças a uma outra pobre que vocês abandonaram.

Até a vista. Muitas, infinitas e sinceras saudades do

Seu compadre e Amigo do Coração

G. Dias

19 de maio de 1860

B.N.

172

Amigo Antônio Henriques

Sabes tu que mais? Creio que me vou propor candidato pelo meu círculo? Como dizia o irmão do Ângelo Moniz, o Cândido Mendes não é mais burro do que eu, ainda que provàvelmente é muito mais recomendado da Côrte. Conto pouco com êsses meus Senhores.

Tenho algumas relações que não são más em Caxias. Crês tu que eu possa fazer alguma cousa?

Escrevi àqueles amigos hipotèticamente. Se a cousa é provável, disse-lhes eu, então apresento-me, ou antes, façam de conta que me apresentei. Do contrário — nem passo nem palavra.

Ainda que longe de Caxias, estás aí em circunstâncias de poder apreciar melhor do que eu as circunstâncias políticas do círculo, e ver se tenho ou não probabilidade de entrar em chapa.

No caso afirmativo, é provável que eu dê um pulo da Teresina a Caxias.

Para partir para o Piauí, se não houver ocorrência que me dissuada disso, espero apenas algumas ordens do Govêrno, que talvez cheguem pelo Paquete, que se espera. Se assim fôr, poderei embarcar a minha bagagem e a da minha Seção na primeira viagem do Paquete do Maranhão.

Informa-me pois do tempo provável da sua chegada aqui, e se estão em comunicações as suas viagens com as do Vapor da Parnaíba.

Pensa um pouco no meu negócio e escreve-me.

do teu do Coração

Glz. Dias

Ceará, maio 31 de 1860

Pedem-me aqui um vestido de Grós de Naples — prêto, de boa qualidade — três babados — preço até 50$ rs. Há disso por lá.

Se houver manda-me por êste mesmo Paquete, ou pelo Camoci. Do contrário, dize-me qualquer cousa a respeito, para que eu possa mostrar que não me fiz esquecido.
2 de junho —

do teu do Coração

G. Dias

I.H.G.B.

173

Amigo João Brígido [dos Santos]

Recebi hoje a sua boa cartinha de 8 do corrente e ainda que venho passando mal nestes últimos dias e a tal ponto que vim ocupar em casa do Ratis o lugar que Capanema deixara vago com o restabelecimento de sua saúde, não quero deixar de lhe dirigir estas duas linhas, tanto mais quando não sei se terei ocasião tão oportuna para o fazer antes da minha partida.

A não ser êste negregado incômodo — de febres, tosse, mau estômago, cinqüenta cousas miúdas e graúdas, acompanhadas de uma pancada nos escrotos, eu teria pelo menos embarcado a minha bagagem no Camoci — vapor do Maranhão com escala pelo Parnaíba. Infelizmente isso não pôde ter lugar, de modo que talvez me veja obrigado a fazer a viagem por terra, cousa bem triste para quem receia uma recaída.

O Conselheiro obteve licença por dois meses para ir à Côrte, e provàvelmente embarcará no primeiro vapor que se espera do Norte, e que passará por aqui no dia 27. Entre outras cousas lhe recomendo a êle. Lembro o nosso pedido ao Ministro do Império.

Por êle também irão os processos e mais alguma miuçalha de pouca importância que apanhei aqui e ali.

O Capanema tenciona voltar ao Crato, o que eu faria de boa vontade, si lá tivesse trabalho.

O Freirinho está em Baturité. O Lagos anda não sei por onde, juntamente com a minha cabeça ao escrever-lhe estas linhas.

Para que ela não desande, fico aqui até outra vez.

Do seu am.º obr.º

A. Gonçalves Dias.

Fortaleza, 20 de junho de 60.

B.N.

Cópia

174

Ex.mo Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Para não apanhar muito sol, resolvo-me a partir de manhã para a Lagoa Funda. O negócio com o Tesoureiro fica para segunda-feira. Ratis, Pompeu etc. devem ir para a Lagoa à tarde — aí por volta das 3 ou 4 horas. Deixo dito ao Ratis que mande dizer a V. Ex.ª a que horas querem partir a fim de irem em sua companhia, se V. Ex.ª se resolver a afrontar também as exalações da Lagoa.

Quanto ao dinheiro pode V. Ex.ª mandá-lo para a Provincial. Supondo que o Govêrno não andará muito demorado em suprir-nos as quantias requisitadas, não precisarei por enquanto senão das minhas comedorias de maio a julho (3 meses) incluídas ou não as eventuais — isto é — de 600 a 710$rs.

Até logo ou até 2.ª feira.

Recado do

De V. Ex.ª

am.º e obr.º Cr.º

Ant.º Glz. Dias

S/C — 23 de junho 1860

B.N.

175

Am° e Sr. Alencar [José Martiniano de Alencar]

Desculpe-me de lhe escrever apenas duas linhas: levantei-me de uma enfermidade, que me deixou prostrado, e ainda me sinto mal convalescido.

Remeto-lhe a poesia que me pede, feita às carreiras, e quando já me achava enfêrmo. Sinto sòmente que ela se deva a um motivo, que tanto desgôsto lhe terá causado. Perdi meu pai; ainda criança, deixou-me êsse acontecimento uma impressão tal que me faz bem compreender o que será tal [sic] golpes para aquêles que, por desgraça, melhor podem avaliar quanto perderam. *

Aceite os meus sinceros pêsames, e acredite-me

De V. Ex.ª

muito afeiçoado amigo e admirador

A. Gonçalves Dias.

Ceará, 27 de junho de 1860.

B.N.

Cópia

176

Il^mo^ e Ex^mo^ Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Estou em casa do Ratis — já se vê que por doente. Tive ontem febre, e não sei se já estou com ameaços dela.

Peço desculpa a V. Ex.ª de não poder ir a festa.

Se V. Ex.ª tivesse de sair de manhã, eu lhe pediria o obséquio de passar por cá — isto é — casa do Ratis. Do contrário — duas perguntas.

Tomando hoje alguns grãos de Quinino, posso amanhã, sem inconveniente tomar um vomitório, por causa de uma tosse desalmada, que não me deixa?

Posso durante a febre tomar um cozimento de cevada?

Recado do

De V. Ex.ª

Am.º e Obr.º Col.ª

A. Glz. Dias.

Fortaleza, junho de 1860.

B.N.
Cópia

(*) O pai de José de Alencar, Senador José Martiniano de Alencar, falecera no Rio a 15 de março do mesmo ano.

177

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Recebi a carta que V. Ex.ª teve a bondade de escrever-me a 20 do passado, noticiando-me a sua chegada a essa côrte, o que muito estimei, — e dizendo-me na mesma ocasião o pouco que lhe constava acêrca da Comissão. Infelizmente aconteceu que V. Ex.ª não pudesse falar mais demoradamente nem com S.M. nem com o Ministro, de modo que não sei bem se há ou [não] probabilidade de que a Comissão continue ao menos até o fim do ano. As notícias que a tal respeito nos chegaram da côrte são contraditórias, — e todavia, apesar de ter passado o orçamento em 2ª discussão, com a verba dos 180 reduzidos a 130 contos, essas notícias tendem antes a nos persuadir de que ela não continuará. Estas incertezas são fatais, porque influem tanta irresolução, tantas dúvidas que os trabalhos se ressentem disso.

Por minha parte, tinha-me preparado para a partida por terra, apesar de não estar ainda completamente restabelecido para longas jornadas a cavalo: a minha seção estava pronta para isso, mas êsses arranjos, com minhas comedorias, sustento de cavalos na cidade, ordenados de cargueiros e serventes, absorveram-me, de abril para cá, nem só o conto de réis que V. Ex.ª teve a bondade de deixar-me do seu próprio orçamento, como mais a quantia de 500$rs. que o Gabaglia me mandou dar.

Assim pois a remessa de dinheiro seria para mim de urgente necessidade, e de muitas vantagens para as seções do Gabaglia e Capanema.

Há dúvida de quando se efetuará isso, não querendo ver-me em circunstâncias de não poder ir para trás nem para diante por falta de recursos, vou despedir a minha gente, — dispor dos cavalos em favor da seção Geológica, para os não pôr em leilão, que era talvez o que me restava a fazer.

Tenciono pois liquidar as minhas contas e partir para o Maranhão pelo próximo paquete, até que me veja habilitado a prosseguir nos meus trabalhos. Como é ali que alguma cousa tenho a fazer, estarei mais pronto a aproveitar o pouco tempo, que vai até o fim do ano e qualquer que seja a decisão do Govêrno, acharei mais facilidades entre comprovincianos e amigos, do que em terra estranha.

Escusado é dizer a V. Ex.ª que, sendo isso possível, só me aproveitarei do orçamento da minha seção até o fim dêste mês, e que a parte principal do meu trem, máquinas fotográficas, e os objetos que me entregou o Senhor

Dr. Lagos para Índios ficam no Liceu, entregues ao Sr. Antônio Joaquim, a fim de me serem remetidos, no caso de continuar a Comissão, ou do contrário, à disposição de V. Ex.ª

Desejarei saber notícias suas, e que passe com saúde e as felicidades que sinceramente lhe deseja o

De V. Ex.ª

Amº e obg.mo Crº

A. Gonçalves Dias

Ceará, 7 de agôsto de 1860.

B.N.

178

Amigo Henriques

Como provàvelmente do Ceará me devem remeter a quantia de quatro contos de réis, logo que a receberes, porás um conto de réis à disposição de tua Tia D. Lourença por ordem do Teófilo.

Se porventura a remessa que de lá vier não fôr menor da referida — de quatro contos, poderás dizer a D. Lourença que fica mais outro conto de réis a sua ordem, que, naquele caso, lhe entregarás logo que ela o exigir.

Em todo o caso, vê se me mandas dizer pelo paquete de Caxias do dia 20 do corrente, se essas ordens chegaram, ou se houve alguma falta, a fim de que eu possa tomar alguma providência a êste respeito.

Lembranças a tua família, a tua Senhora, e muitas saudades do

Teu do Coração
A. Gonçalves Dias

Mearim, 10 de setembro de 1860.

I.H.G.B.

179

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Itapicuru 23 de setembro de 1860

A nossa viagem até aqui foi como bem podes imaginar fatigante e incômoda. Aqui estamos desde ontem a noite, onde viemos em companhia do P.e Nina para tomar o vapor, que se espera por todo o dia de hoje. Estamos todos de saúde, mas a viagem não teve infelizmente nenhum re-

sultado. Aquêles pressentimentos e amor que levaram D. Mariquinhas, D. Inês a empreender uma jornada, que eu e todos interiormente reputavamos inútil, realizaram-se muito além de tôdas as previsões. A pobre Luzia teve uma vida de abnegação e dedicação e extremos, que Deus terá premiado no Céu. Tuas pobres Irmãs sofreram e sofrem ainda o que podes imaginar; o que tu mesmo sofrerás, meu pobre amigo, ao receberes esta minha carta. O que lhes posso fazer é acompanhá-las na sua dor, e chorando a que morreu derramar ainda mais lágrimas pelas que lhe sobrevivem. D. Mariquinhas tem mostrado uma coragem, uma fortaleza de espírito como de tôdas aquelas grandes dores que enchem no homem a capacidade do sofrimento, que Deus lhe deu ao formá-lo. D. Inês, tem também estado bastante incomodada, e mais talvez por que se não entrega àquelas ocupações de boa mãe de família, que nunca abandona a D. Mariquinhas. A necessidade de atender a tudo, êsses pequenos e fastidiosos cuidados domésticos importunam, aborrecem, são piores que a morte em ocasião semilhante a estas, mas por fim obrigam a alma a não se entregar exclusivamente a dor. Ela está resignada, nem tenhas cuidado a seu respeito. Manda-te dizer que se os teus negócios não sofrem muito com a tua ausência, que venhas pelo Pindaré. É certo que todos carecerão bem de ti, e eu penso do mesmo modo, contando que lhes venhas dar exemplo de resignação e conformidade com os decretos da Providência. Vem pois, meu bom amigo, e voltarás logo que puderes.

Inesota e Mingote vão bons, os três de D. Inês também estão bons.

Estamos hospedados em uma casa que se achava devoluta, arranjada pelo P.e Nina com o Vigário daqui.

O Teixeira Mendes ainda lá anda por cima, não se sabe com certeza se êle terá de vir agora para o Maranhão.

D. Lourença não sabemos em casa de quem estará com a tua Lolô.

O que sabemos pelo que diz o Publicador de 17 é que D. Luzia morreu ou foi sepultada no dia 14 — de um tifo.

Consola-te, amigo, lembrando-te de teus filhos que agora mais que nunca precisam de ti e de sua mãe depois que perderam a outra que está no céu. Teus filhos e tua mulher te abraçam, assim como D. Inês e filhos D. Romana e eu

do teu do Coração

Gonçalves Dias

I.H.G.B.

180

Ilmo e Exmo Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Soube pela carta de V. Ex.ª de 6 de setembro que já se achava nessa capital, de volta da sua viagem ao Rio, mas infelizmente incomodado com as constipações da terra, talvez mais freqüentes agora nesta época de ventanias.

Vejo o que V. Ex.ª me diz acêrca do orçamento da Comissão, e necessidade em que estamos de economizar, agora mais que nunca, a ver se sobra quantia bastante para a impressão dos nossos trabalhos. Calculo que no fim do ano haverá um resto de cêrca de 60 contos, e dadas certas circunstâncias, isso poderá bastar. Todavia a fazer-se isso, acho dificuldade em que uma ou duas seções continuem funcionando; por que suponho o Govêrno pouco disposto para isso. Talvez me engane.

Por minha parte desejo ver e estudar os meus caboclos, se o puder fazer independente do Govêrno. Assim pois, a minha opinião é que a Seção Etnográfica se elimine no dia em que se completarem os dois anos que lhe marcaram.

Quanto ao Abel, acho que V. Ex.ª tem razão, mas por motivos diferentes dos de V. Ex.ª — Demitir-me seria dar a essa gente mais importância do que ela merece. Resta-me o desagravo, e êsse está nas minhas mãos, quando me parecer conveniente tomá-lo, e no juízo do público que até agora me não tem querido deixar mal.

Estava aqui na minha carta, quando me comunicaram que um vapor que aqui se demorava para consêrto, se achava de saída. Farei pois a minha correspondência às pressas, e nela um ofício para V. Ex.ª em resposta ao seu de 21 de setembro.

Concluo com dizer a V. Ex.ª que estou inteiramente falto de recursos para prosseguir na minha seção, com o que nela tenho a fazer nesta Província e na do Pará. Quanto mais cedo V. Ex.ª puder enviar-mos, tanto melhor será, para que no futuro não pareça que só andei procurando pretextos de fazer cousa alguma. Devo mesmo comunicar a V. Ex.ª que tendo partido desta cidade para visitar e estudar uns índios do Mearim, voltei principalmente por falta de meios para continuar na minha excursão.

Estimando o seu completo restabelecimento tenho a honra de ser com a maior estima e consideração

De V. Ex.ª

amº e atº Crº

A. Gonçalves Dias

Maranhão, 4 de outubro de 1860

B.N.

181

Meu bom pai e amigo [Cláudio Luiz da Costa]

Maranhão, 2 novembro 1860

Chegando do Mearim, donde voltei por falta de recursos, além de outras circunstâncias igualmente imperiosas, acho as duas cartas que Vm. me escreveu a 23 de agôsto e 6 de setembro a que respondo.

Ao que mais importa.

Não tive parte no anúncio feito pelo Correio Mercantil acêrca da nova Edição dos meus Cantos, exceto se foi algum amigo meu, a quem eu tivesse mandado comunicar o fato. No mais, o anúncio é vicioso. Creio ter-lhe mandado dizer que o meu livreiro me aconselhava mandar fazer uma edição dos meus Cantos para serem vendidos na Europa, ainda quando me restassem exemplares no Brasil. Propunha-me tão bem fazer a edição por sua conta e dividirmos os lucros, — o que eu aceitei. É provável que se esteja imprimindo o livro em Leipzig, mas essa edição ficará tôda na Europa e não poderá influir na extração dos exemplares existentes, aliás em pequeno número.

Assim pois aquêle anúncio era antes de tudo uma notícia literária. Se todavia, puder haver nisso algum equívoco, peço-lhe que retifique o fato, se lhe parecer conveniente.

Uma cousa assim neste sentido pouco mais ou menos.

«Publicou-se no seu Jornal o anúncio de se estar imprimindo na Alemanha uma nova edição dos Cantos do Sr. G. D.

«O fato é verdadeiro; mas neste sentido:

«O livreiro do Sr. G. D. na Alemanha apostou com êle, sob certas condições, a reimpressão dos seus Cantos, mas edição exclusivamente européia, isto é — para ser ùnicamente vendida na Europa.

«Para o Brasil consta que o Sr. G. D. prepara uma edição, mais expurgada e acrescentada, que será publicada mais tarde.»

Isto ou cousa semilhante, suponho que será bastante. Quanto ao Presidente do Ceará, êsse homem tem mandado publicar muita cousa em muita parte, mas sempre de modo que eu só tarde posso ter conhecimento dos seus escritos. Mente quando Deus quer e calunia miseràvelmente, ou adota que êle não pode deixar de reconhecer como calúnia, — e a cataplasma do M. da Justiça (dignos um do outro) foi sòmente o que puderam fazer apesar da melhor boa vontade.

Consta-me agora que S.M. se acha sentido com o andamento dêste negócio. Eu também o sinto, mas por êle. Na posição infinitamente subalterna em que Deus me pôs neste mundo, não conheço alegações, respei-

tos, nem motivos que me tenham feito faltar à justiça, quando a devo a terceiro, e todavia, estou bem longe de ser algum Catão. É verdade que a justiça parece ser uma cousa relativa: Entre iguais é política, para os grandes é dever, para os menores favor e graça, que é facultativo fazer-se sem que devam nascer queixas da sua denegação.

Também enjoei-me tanto de tais misérias, que já me não lembra, nem me quero lembrar mais de semilhante cousa.

Apesar de se terem votado fundos para a continuação dos trabalhos da Comissão, não me parece que tão cedo possamos começar com êles por falta de meios. Ao menos até agora ainda não há dinheiro.

Queixe-se quem quiser, que eu não me importo muito com isso, ainda que não considerei bem os meios que tenho para sair de dificuldades. Estou porém tranqüilo, porque, segundo parece a questão é de tempo.

Passando a eleições. A minha candidatura não encontraria nenhuma dificuldade, a se fazerem ainda as eleições por círculos. No de Caxias poderia ter votos dos saquaremas e dos liberais em maioria mais que bastante, — e votos não de partido mas de afeição ou de simpatia. Não julgo mesmo que eu tivesse de despender grande cousa com isso. Os *triângulos* porém *talvez* me desmanchem a Igrejinha. Não me apresentei ainda de modo definitivo, mas um dos meus Irmãos, foi, por amizade, um pouco além das minhas insinuações e propôs-me em uma reunião de saquaremas que me aceitaram, «ainda que se dizia ter eu mudado de partido». Não sei bem a que ponto chegarão as cousas, nem se me será dado recuar ainda. Verei isso em indo a Caxias.

Mas aqui para nós: não se me dá de ser eleito, e quase estou arrependido de me haver metido em semilhante alhada. O Brasil parece-me que se aproxima de uma crise, e muito breve e eu não lhe vejo remédio. Que vou fazer às Câmaras?

É certo que até hoje é a Providência que nos tem governado, só ela, apesar do nosso govêrno. Continua ela a proteger-nos ou já se aborreceu de se... [ilegível] de gente que não vale dez réis de cominhos? Eis aí a questão.

Enfim, sòmente de Caxias é que lhe poderei dizer alguma cousa de mais terminante.

O meu bom amigo Teófilo acabou de sofrer uma perda a de uma cunhada que era tudo para a sua família. Como êle se achasse montando uma máquina a vapor para a moagem de cana e antes de lá se saber que a cunhada estava morta, mas sòmente enfêrma, pediu-me, que de sua Fazenda, onde eu me achava, viesse acompanhar para o Maranhão sua mulher e filhos. Esta a razão porque aqui me acho.

Além disso, também não podia continuar na minha excursão por falta de fundos.

Meus companheiros se acham no Ceará, e parece que vão bons, exceto o Conselheiro, e Coutinho, môço que comecei a apreciar durante a nossa excursão pelo Ceará. *

B.N.
Cópia

182

Meu bom amigo do Coração [Teófilo]

Maranhão, 19 de janeiro de 1861

Creio que sempre partirei amanhã, ainda de pescoço torto, por que o diabo não tem querido ceder à nada: é uma inflamação das parótidas, e tais inflamações levam tempo, e mais ainda porque sendo êsse incômodo produzido pela umidade, como aconteceu comigo, tenho de andar agora viajando por água, e em tempo de chuvas e umidades.

O Fileno não sei se poderá ir na minha companhia; com esta minha enfermidade, foi hoje o primeiro dia em que saí a visitas com a infelicidade de não encontrar em casa o chefe de polícia, a quem ia falar sôbre as facilidades ou dificuldades que há na Província para dela se tirar um escravo, ainda mesmo com promessa de volta. Se não puder arranjar isso amanhã, pois que é provável que o vapor chegue e parta no mesmo dia, não haverá remédio senão deixá-lo para subir com esta pelo Mearim, em vez de ir matar praga a Manaus. Far-me-á falta; por que o meu Sr. Joaquim foi-se, e enquanto lá me espera pelo Ceará, por ali se diverte a comer carne gorda.

Quanto ao Ceará, pois que falamos nêle, seria talvez conveniente que eu fôsse assistir à reunião ou congresso magno de meus companheiros, agora em fins de janeiro: as cartas que eu de lá tiver amanhã, pode ser que me resolvam a isso, ainda que não seja muito provável. Mas é possível que eu tenha de voltar ao Ceará, *quod Deus avertat*.

A minha pequena está ainda desmamada de fresco, e segundo me diz o Coutinho, não muito em circunstâncias de suportar a viagem. Diz a minha boa Comadre D. Mariquinhas que fica para logo essa maçada; não perde em esperar esteja certa disso.

Meu Mano João talvez venha por êste paquete para ver a nossa família, e voltar de nôvo para o Rio ou para Europa. Suponho que começa a sofrer do peito.

Um sobrinho meu, que está no Colégio do Temístocles, Manuel Odorico Dias de Mesquita, ficou sem correspondente com a morte de um fulano Guimarães, e levou-me com as suas mensalidades e cousas de que precisava, enquanto meu Cunhado não toma as suas providências, uns 200$. Não pude por isso entregar a D. Lourença senão uns 800$. Pagaram-se as

---

(*) Carta aparentemente incompleta.

contas do João Pedro, — compras e letra do Doyle, Montepio, uma conta de um fulano da Lajem etc. Mas é preciso ainda pagarem se os juros do banco.

Mandei pedir a minha conta corrente ao meu correspondente do Rio, e ainda a não recebi, nem sei quando receberei: devo ainda ter uns cobres na mão dêle. No entanto se te vires apoquentado para satisfação do compromisso que tomares para pagamento do Banco, manda-me dizer para o Pará, que talvez por lá se arranje isso.

A letra para o teu Ricardinho foi bem endereçada, segundo me diz D. Lourença.

Teu Tio Alexandre, a quem falei do teu engenho e do futuro que êle promete, confessa que as suas terras não prestam para nada; mas no meio disso, percebi não sei que hesitações que me obstaram a lhe eu falar com tôda a franqueza sôbre o assunto da tua carta. Depois entendo que farás melhor em trabalhar só com a tua gente, tomando trabalhadores livres para o arado, e gente nossa, se a achares, quando fôr tão abundante a tua safra, que careças disso.

Mas convém-te ser feitor dos outros? Diz lá de quantos escravos precisas! É a história do ôvo de Colombo.

Adeus — um abraço em cada um dos teus; muitas saudades a minha Comadre e D. Romana, e aceita o coração

do sempre teu

Gonçalves Dias

I.H.G.B.

183

Amigo do Coração [Teófilo]

Acabo de receber uma carta do Ricardinho, tôda cheia de Senhor Dias, desde o princípio até o fim. Vê-se que há nêle muito entusiasmo, — muito contentamento sobretudo por ter recebido uma carta minha. O essencial é que está bom; como provàvelmente êle te haverá escrito na mesma ocasião, ou a minha boa Comadre, escuso de ser mais extenso a êste respeito. Acrescentarei só que êle me recomenda um Frederico Augusto da Silva Guimarães, que não sei quem é, nem o que faz, nem onde está. Diz-me que aquêle seu amigo tem muito jeito para a Poesia; ou então que o aconselhe a não fazer senão poesias americanas, ou sendo outras que as faça por *morte* ou *casamento* de algum amigo. Esta morte ou casamento caiu-me no goto: é uma espécie do «casamento e mortalha» do rifão.

Estimarei que já estejas de volta do teu engenho, e que sempre tenhas conseguido aprontar as seis mil arrobas de açúcar. Como porém é possível que te tenhas deixado ficar no Pixanuçu, lá vão algumas notícias a meu respeito.

O meu pescoço não tem querido ficar bom; pelo contrário a engurgitação tornou-se mais saliente, rubra, e como que ameaça vir a furo. Infelizmente não tenho podido seguir tratamento regular.

Apesar disso parto no dia 10 para Cametá: no dia 17 para Manaus — em princípios do mês próximo para o Peru. Não sei quando estarei de volta. É cousa de dois meses, pelo menos; mas pode ir a 4 ou 6.

Dá lembranças a minha Comadre, a Inesota, Lolô, ao filósofo Mingote, a D. Inês e a todos. Aceita muitas saudades do

Teu do Coração

Gonçalves Dias

Pará, 8 de fevereiro de 1861.

I.H.G.B.

184

Ilmo Sr. Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

[Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro]

Na Secretaria do Govêrno do Alto Amazonas acha-se uma coleção de mapas dos diferentes rios desta Província (cópias e originais) que talvez o Instituto ache conveniente que sejam publicados.

Se assim fôr, digne-se V. Sª, comunicar-mo para que eu me apresse a remetê-los. Fica entendido que à Província caberão trinta ou cinqüenta exemplares dos que se mandarem imprimir ou litografar.

Deus Guarde a V. Sª

A. Gonçalves Dias.

Manaus, 25 de fevereiro de 1861.

B.N.

Cópia

185

Amigo Teófilo

Manaus!! 25 de fevereiro [1861]

Enfim estou em Manaus! Cheguei anteontem. Ontem tomei uma dose de Le Roy, que me pôs a alma em frangalhos. Hoje estou de pernas fracas que me não posso ter em pé. Também o dia está chuvoso; o vapor do Pará parte amanhã; assentei-me à mesa para escrever.

Onde estás tu metido que, [h]á três séculos não tenho cartas tuas? E a tua gente? E Inesota, e minha afilhada, e o filósofo Mingote?

O meu pescoço inchou, inchou, e tornou a inchar até que domingo de entrudo levou uma lancetada para criar juízo. Embarquei logo para Cametá, depois para aqui, de tal sorte que poucas melhoras tenho tido. Felizmente a moléstia não me incomoda muito, e por isso também não me dá muito cuidado, nem mesmo que se transforme em escrófula, o que é bem provável. No século em que vivemos, todo o fiel cristão tem a sua boa dose de sífilis, que é o pecado original de nossos dias.

Embarco no dia 1º para o Peru — isto é — vou acima de Nanta, até a Laguna. Se tivesse um par de *onças*, mas um par bons, ia dar uma vista de olhos ao Pacífico, — não os tendo, volto para matar praga por êstes rios e igarapés. Todavia não é pequena viagem, 18 dias pelo rio acima, e em bom vapor. Na volta faz-se isso por metade, tendo-se visto todo o Amazonas, todo o Solimões e parte do Marañon, — três nomes diferentes para um só rio verdadeiro. O Amigo Fileno não terá remédio senão ficar em Manaus, por causa da *igualdade* e *fraternidade* das repúblicas nossas irmãs.

Adeus, até a volta. Muitas saudades a minha boa Comadre a D. Inês a D. Lourença. Um abraço do

Sempre teu do Coração

Gonçalves Dias

I.H.G.B.

186

Meu bom pai e amigo [Cláudio Luiz da Costa]

Manaus, 8 de abril de 1861

Recebi neste momento a sua de 6 de março, respondo-lhe já, porque não sei que demora terá depois. Sinto que Vm.^cê^ tenha sofrido dos incômodos da quadra; mas felizmente nem Olímpia nem Nhanhã sofreram com isso

Quanto a mim vou bem, exceto da engurgitação, que tenho [h]á tanto tempo, o que com imensa facilidade se transforma em escrófula. A minha já veio a furo. Agora que isso deixe, como é certo, costuras e cicatrizes já não estou em idade de me importar com isso.

Quanto ao anúncio, relativo a reimpressão de minha obra, vejo que Vm.^{cê} o mandou publicar, o que muito lhe agradeço; lá se é útil ou inútil, isso fica por minha conta. Se a condição de não ser vendida uma obra no Brasil, é pueril e se mais convinha outra cousa, é negócio que o Senhor Brandão, ou quem quer que seja que os venda no Rio, não decide por si.

Que êle os comprasse a êste ou aquêle, tanto melhor, prova que êle os não furtou. Se foi fulano quem os imprimiu, ainda mesmo quer isso dizer que êles não cairam do céu.

Mas quando o Govêrno apanha um contrabando, não vai perguntar ao contrabandista se êle comprou ou furtou os objetos da presa.

Tira-lhos e multa-o.

No meu caso, qualquer livreiro da Alemanha pode imprimir as minhas obras.

Moré compra-lhas em Paris, e êsse vem vendê-las no Brasil, onde há uma lei de propriedade literária?!

E diz que as vende, porque as comprou! E esta?

Nada tenho com Brockhaus, porque não há convenção literária com o Brasil. Quando a houvesse, isso ainda não me tirava a minha propriedade.

Nada tenho com Moré, que negocia em França; mas, no Brasil, sou o dono do que produzi, isso é meu, faz parte da minha herança, ninguém mo tira.

E note mais, essa condição que lhe parece pueril, era absolutamente encerrada, o livreiro da Alemanha pode imprimir o que quiser, do Brasil, com quem não há convenção. Se um dêles, se Brockhaus, por ex. me pediu licença para fazer uma edição, que só fôsse e pudesse ser vendida, na Europa — isso não quis dizer, que êle não pudesse dispensar a minha permissão.

Suponha que êle fizesse tal edição sem minha permissão, no Rio a podia vender a pretexto de que a comprou a Moré? A alguém, sem dúvida, o havia de ter comprado, senão é dono de uma tipografia.

Brockhaus pediu-me essa permissão, porque é meu impressor, e eu lhe tenho dado bastante a ganhar, e êle espera ainda mais: é livreiro do Instituto Histórico e do Imperador e deve-me êle isso, por linhas tortas ou direitas. Podia dispensar a permissão; não o quer por conveniência.

Eu lha concedi, por que lha não podia negar; mas a condição de que tais exemplares não poderiam ser vendidos no Brasil, quer dizer, que lhe neguei aquilo que lhe podia conceder a introdução de exemplares no Brasil.

Todavia, como Vm.^{cê} pensa diversamente, ao que transluz da sua carta; como outras ocupações lhe podem obstar a se ocupar dêste negócio, peço-lhe que confie esta carta ao Dr. Macedo, para que êle consulte e veja o que há a fazer-se. Literato também, êste negócio não é meu, é de ambos, é de todos. Tinha-lhe eu escrito esta carta, na incerteza da partida do vapor agora a releio, e se me sobrasse tempo, escrevia-lhe outra em vez dessa. Peço-lhe pois que no que diz respeito «à nova Edição», considere como nula esta carta, nem fale nisso a Macedo.

Quanto a comissão, Coutinho sabia que eu estava nela como um forçado. Comprometemo-nos pòr êstes dois anos; findos êles, a continuação depende da fôrça de vontade, da robustez da saúde, da necessidade de concluir certos trabalhos, e também da coadjuvação do Govêrno.

O Conselheiro quer dar por finda, pelo que lhe toca, ou o Govêrno lhe permite que venha até ao Amazonas, onde tem decerto muito que fazer. Gabaglia pretende ir à côrte, representar acêrca do estado dos seus trabalhos, *da necessidade de os continuar*, e a *nova tabela ferraz corta as mãos*, e as vêzes os pés à Comissão. Lagos e Capanema, não sei o que pensam. Por mim não quero dar exemplo, mas logo que sair um dos chefes adeus — sou o segundo. *

B.N.

Cópia

187

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Recebi a carta de V. Ex.ª, datada de 19 do passado, e na mesma ocasião outra do Sr. Oliveira, remetendo-me a quantia de dois contos de réis, deduzido um, do orçamento anterior, que eu devia a Seção Geológica.

Quanto à nova tabela, tenho conhecimento dela; mas não me posso cingir a ela. V. Ex.ª se convencerá disso, se vem ao Pará, o que muito e muito estimarei. Mas dirigir-me ao Govêrno seria com uma daquelas, que fazem de um *João ninguém*, como o amigo Marcelino, comendador da Rosa, ou de Cristo, ou de não sei que, e Presidente de não sei donde.

O Govêrno, no meu entender, andou mal: era acabar como ia começando: dar tudo para ter o direito de exigir muito. Estas paradas de Sendeiro, estas Marcelinadas de cima, — estas peias, dão pretexto, se não são motivo de desculpas.

(*) Carta aparentemente incompleta.

Não falo por mim: tem-me sido preciso mais coragem para ficar, do que careceria para retirar-me. Como V. Ex.ª, estou farto disto. Assim quando se resolver a fazer ponto final, peço-lhe que ponha um cento dêles, milhões, por minha conta.

Venha V. Ex.ª para o Amazonas, que tem aqui muito que fazer: «tout est perdu, fors l'honneur» — dizia Francisco 1º. Com a nossa gente, não se pode aspirar a mais do que isso — salve-se quem puder!

A ocasião é favorável, por que vem um vapor, para ficar à disposição do Presidente desta Província. Sem êle, são muito morosas as viagens, neste imenso território: porém com êle, aproveitando-se as comissões a que fôr mandado, pode-se ir, no Rio Negro, até S. Isabel — no Madeira até as Cachoeiras — enfim a muitos rios, a que só se poderia chegar com viagens de anos.

Venha pois, e quanto antes.

Quanto a *ardente* questão da Presidência, saindo V. Ex.ª, não vejo para o substituir senão Gabaglia; mas não lho desejo. Se eu caísse na asneira de ficar, e a questão se decidisse por votos, teríamos uma boa comédia — talvez. Lagos, se não votar em si, vota no Capanema, — êste no Lagos: eu no Gabaglia, — o Gabaglia talvez em mim, na falta de melhor. Aí teríamos 4 votos singulares — 4 presidentes de pancada!

Que se arranjem e componham, se não querem parecer feios!

Perdoe-me V. Ex.ª *esta imensa maçada: e disponha de quem* com tôda a consideração tem a honra de ser

De V. Ex.ª

amº e obr^{mo} Crº

A. Gonçalves Dias

Manaus, 8 de abril de 61.

B.N.

188

Amigo Teófilo

Ainda tenho demora por aqui; mas se passar de junho, quero ver se te mando o teu Fileno. É um excelente escravo, e a prova é que ainda não está de todo perdido.

Mas estas republiquetas não querem escravos, de modo que o tenho sempre de deixar atrás de mim, como ultimamente quando fui ao Peru.

A mãe da minha pequena, quando soube que eu mandava dar 20$ mensais ao dono da casa em que ela estava, pôs-se a fazer barulho, a querer negociar.

Escrevo agora a Pompeu e a Gabaglia para que se houver lá uma pessoa de confiança que a queira trazer com as condições que lhes parecer, com tanto que a tal pessoa volta — te remeto a pequena comunicando-te com antecedência. Se houver despesa, paga e manda-me dizer. Se saires do Maranhão, pede a A. Henriques que se encarregue da despesa, e a D. Inês, da trouxa.

Minha boa Comadre que tenha paciência. Alguma vez suponha que ela deu o cavaco comigo, ouvindo-me fazer uma ou outra reflexão acêrca dos teus filhos. Ela bem sabe que isso era menos malcriação da minha parte, do que interêsse e amor para com êles. Com a minha porém, posso assegurar-lhe que não terei nada, nada que dizer. Se eu pudesse ter a êsse respeito algum receio, conheço-o por mim, é que se eu me encarregasse de algum de teus filhos, como talvez aconteça, creio, Deus me perdoe, que ainda havia ser mais bonachão do que Vocês ambos juntos.

Assim pois, lá te irá essa enjeitada que já tem a fortuna de ter o que eu nunca tive, o que não hei de ter nunca — família. Mas é melhor não pensar nisso.

Adeus, amigo. Um abraço e o coração do

Sempre teu

G. Dias

Manaus, 25 de abril 61.

I.H.G.B.

189

Amigo Capanema

Acabo decididamente por carbonizar-me! Se desta feita não tenho pelo menos — antracita, não a verei mais em dias da minha vida! É uma amostra que hoje me deram, e lá vou a ver se descubro mel de pau. Mais denso do que a água, arde com dificuldade, ao maçarico sem fumaça nem cheiro: côr prêta, lustrosa, com um brilho metálico. Pela minha descrição, o Coutinho julgou que poderia ser Turmalina semelhante a uma que achaste no Ceará. Já vês que sou forte nas descrições! Depois que a viu ficou perplexo; mas, pendendo para o carvão. E se há carvão, entre o Solimões e Rio Negro?! com transporte facílimo para as margens de ambos — com o Madeira à porta... Que dizes tu? Estou desconfiado de tanta fortuna!

Parto por êstes dias para o Madeira, porém é excursão rápida, ainda que vamos até ao Crato. O Chefe de Polícia vai lá acomodar uns patuscos que estão brigando por causa de borracha. Acompanho-o para ver êsse Rio, de que a Bolívia tanto espera. Uns Peruanos vieram de Quito, deram em um rio que chamaram *Madre de Diós*, e vieram sair no Madeira. Estou vendo que até algum dos filhos de Pó-de-Fé ou de Li divindades monossilábicas e circunflexas, embarcando-se no Yodo-Gavva, vem ter ao Mamoré e Beni, estabelecendo assim uma comunicação direta entre o celeste Império, e êste nosso quase infernal.

Vês tu, por estas alturas, e havendo tanto que ver e examinar seria uma tolice ir-me agora: nas minhas circunstâncias isso seria uma cubação de asneira, e eu sempre me conheci com pouco jeito para estereomêtra.

Há aí porém uma cousa que me incomoda: a prestação de minhas contas. O que mais avulta são os 10 contos recebidos para as despesas de ambas as seções — não as dei logo por falta de um recibo, que ainda não tenho; mas fiz asneira — e agora não posso mandar êsses documentos, com temor de algum descaminho. Quanto a despesas feitas depois que saí do Ceará, essas muito provàvelmente não me serão abonadas, por que não estão autorizadas por nenhuma tabela.

Outro assunto.

Respondendo a tua última carta, esqueceu-me o tópico relativo aos Golfinhos, ou a môças honestas com saídas pelo quintal. O negócio foi pouco mais ou menos o que dizes exceto que fui um imenso pedaço d'asno — quero dizer, que não foi preciso empregar-se, nem, pelo que me diz

respeito, havia necessidade das maravilhas do cabaceiro. As cousas ficaram no mesmo pé no mesmo estado, que eram dantes.

Escreve-me pois. Dá-me sobretudo notícias do Rio e crê-me

Sempre teu do Coração

Gonçalves Dias

Manaus, 25 de maio de 1861.

B.N.

190

Ilmo e Exmo Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Contava com V. Ex.ª por estas paragens, e ainda penso que teria aproveitado imensamente com a viagem; como porém não se realizou essa minha esperança, e contando com a retirada da Comissão do Ceará, vou rogar a V. Ex.ª o obséquio de levar ao conhecimento do Govêrno Imperial o conteúdo do ofício incluso: tenho ainda que fazer e não pouco, mas prefiro ter as mãos desatadas, e ficar ao menos de junho em diante como o «Feliz Independente» da Comissão e dos Ministros.

Queira V. Ex.ª recomendar-me ao Dr. Manuel, e dispor de quem é com tôda a maior consideração

De V. Ex.ª

am.º e obr.mo Cr.º

A. Gonçalves Dias

Manaus, 25 de maio de 1861.

B.N.

191

Meu bom Teófilo

Acabo de receber cartas do A. Henriques. No último correio te mandei uma poesia à morte de minha filha. Mil vêzes tinha tentado erguer essa primeira pedra do seu monumento: nunca pude fazer nada. Vinha-me logo as lágrimas, e a dor, o sentimento do nada que é o homem neste

mundo, me impediram principiar. Enfim pude vencer-me! Seria acaso um presentimento da tua dor? Ontem à noite não pude fazer nada. Pus-me a escrever-te: vê o que te escrevia.

Pobre Teófilo, tens ùltimamente sofrido grandes golpes; mas coragem, meu amigo. A vida do homem não se prolonga neste vale de lágrimas, se não para que êle veja a pouco e pouco, soltos ou despedaçados todos os laços que nos prendem a vida. Projetos, ilusões, esperanças, afetos, tudo isso se parte de nossa alma para que o mundo nos pese, para quem a morte não venha aborrecida, mas antes desejada.

Pobre Ricardinho! ainda ontem me escrevia êle com tanto entusiasmo, com tanta vida! Serás homem! disse-lhe eu, quando êle era ainda criança: *findará teu sonho então!* — *findou-se antes,* — *não chegou a ser homem,* não chegou a conhecer o que há de misérias ocultas, de tormentos ignorados, naqueles mesmo que talvez são invejados, eu, tu por exemplo! Deus o não quis na sua misericórdia!

Há tanta gente sem esperanças na vida! e dêsses Deus se esquece, ou os castiga conservando-os no mundo!

Chora, amigo: sei que essa dor é eterna: quando vivas a idade dos rochedos, *sempre te lembrarás* dêsse filho, e êsse, mesmo porque o perdeste, te parecerá sempre o melhor. — O melhor!... vês tu? — isso não é tanto como perder-se o único; ficar-se na vida como uma sombra, sem coração, sem gôsto, sem futuro, como uma planta sem raízes! — Mas por muito longa que seja a vida, meu Teófilo, é sempre muito curta, muitíssimo curta em comparação da eternidade. A eternidade é Deus, é o amor infinito, é a reunião de quanto amamos na vida. Infeliz daquele que ali chega como o viajante inesperado em terra estrangeira. Feliz quem lá vai, e entra como um amigo íntimo, esperado em dia de festa! Pai! Mãe! Irmã, Filho, Parentes, e quais os teus, meu Teófilo!... ver tudo isso outra vez!... Até eu, meu Teófilo, até eu que não pertenço a tua família senão pelo coração, julgarei bem comprados todos os momentos de amargura, e sabe Deus quantos e qual tenho tido, para os ver também.

Eis a bem aventurança! Vê se merece alguns dias mais de sofrimento. Aqui e lá

Sempre teu

G. Dias

Manaus, maio 25 de 61.

I.H.G.B.

192

Amigo A. Henriques.

Pelo paquete passado te remeti uns números de artigos acêrca da questão americana e algodões, e agora vai a continuação e o resto. Esqueci-me dizer-te que os primeiros artigos desta série são tirados da Revista dos dois mundos: o que é meu é a aplicação — isto é, mais de metade. — Quero ver se tenho ou me sobra tempo para te escrever alguns artigos sôbre devastação de florestas e Itapicuru — assim como sôbre a agricultura, em geral, bem que eu, seja quase leigo nessas matérias; mas, enfim, há por lá e *no Brasil, mais* cegos do que sou.

Se o Norberto te remeter algumas quantias para mim, remete-as, logo que te fôr possível a D. Manoel Onety, no Pará. Estou morto, e só a espera disso para ir a Lima, e voltar pela Bolívia e Madeira.

Recebeste as sementes? as mâquinas? Se o Fileno puder ir agora lá te remeterei nova porção das primeiras: as sorvas estão no *statu quo*. Mas irão, sem falta.

Estou a espera do vapor para concluir esta, e ir-me para o Madeira.

Remeto-te o 1º número de um nôvo jornal O *Manaus* — Lê no *13 de Maio* dêste ano um artigo do Quevedo, em espanhol, sôbre a navegabilidade do Madeira, e comunicação com a Bolivia.

11 de junho

Estava aqui com a minha carta para continuar com a chegada do vapor; mas infelizmente há 3 dias, indo a uma ilha da foz do rio Negro, aconteceu-me um pequeno desastre um pau por um ôlho, mas à fôrça de escalda-pés, purgantes, escuxo, e zinco — estou melhor.

Chegaram aqui da Bolivia uns pedaços de homens como a Tôrre da sé — bonitos, fortes, enfim caboclada de espavento. Logo te direi mais a seu respeito. São de umas 50 léguas acima da nossa Fortaleza do Príncipe Imperial — chamam-se «Bahules» *

Adeus

do teu do Coração

Glz. Dias

[10 de junho de 1861]

I.H.G.B.

(*) Bahures.

193

Amigo Capanema

Tinha pedido ao Coutinho que te escrevesse duas linhas, porque me achava muito mal dos olhos: amanheci hoje melhor, mas ainda não estou para muitos comprimentos.

Dá-me notícias tuas, e dize-me o que se faz.

A viagem ao Madeira tem estado demorada, não sei por quê. Sempre: vapor de guerra e negócios do govêrno.

Adeus. Muitas saudades do

Sempre teu do Coração

G. Dias

Manaus, 11 de junho [1861]

B.N.

194

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conselheiro [Francisco Freire Alemão]

Tenho a honra de passar as mãos de V. Ex.ª o ofício junto, que não é pròpriamente um ofício, visto levar alguns borrões e entrelinhas. Eu o substituirei por outro, quando nos encontrarmos; mas não quis deixar de responder a V. Ex.ª, e a próxima partida do vapor combinada com a minha saída para o Madeira, não me deixa tempo para mais.

Desculpe-me V. Ex.ª e creia-me com a maior consideração e respeito

De V. Ex.ª

am.º e at.^{mo} V.^{or}

Antônio Gonçalves Dias

Manaus, 25 de junho de 1861.

B.N.

195

Amigo A. Henriques

Não tenho tido cartas tuas, mas como já me chegou segunda dose de «progressos» é sinal de que estás vivo.

Nos últimos artigos que te remeti — escapou-me um êrro, que tencionava verificar antes de os fechar, mas o vapor chegou quando eu estava doente dos olhos, e foi sem que eu refletisse nisso. É uma redução de graus do termômetro centígrado para os de Farenheit. Eis cá o último, o pr.º está exato.

Em um dos teus progressos, dizes que a Companhia do Amazonas tem 400 contos de subvenção — tem 900, se se conta com o subsídio do Peru, que o nosso govêrno garantiu: — subvenção imensa — pois a Companhia tem o fundo de 3 milhões apenas, e os seus vapores precisam de reforma. Sem tanto barulho, sem tanta proteção, a companhia de navegação maranhense talvez já é cousa muito superior.

As *tuas sementes* chegaram?

Em outra carta, eu te havia recomendado a leitura do artigo de Quintino Quevedo, sôbre a navegação do Madeira, publicado no «*Treze de Maio*» de 27 de abril último. Êsse homem é um deportado político, que os atuais dominadores da Bolívia mandaram largar além das suas fronteiras, sem meios nem recursos, e que conseguiu chegar ao Pará a salvamento.

O Madeira é um rio que se vai povoando ràpidamente por causa da riqueza *de suas drogas e principalmente pela extração da seringa*. Os Seringueiros estão já além do Crato, e consta que o rio se torna mais rico, quanto mais se sobe por êle acima: é saudável, fértil, piscoso, e por enquanto ainda abundante de caça. O que porém muito o recomenda é a possibilidade de navegar-se até as novas Províncias sertanejas de Goiás e Mato Grosso, e a comunicação com Bolívia, muito superior, apesar de tudo ao contestado respiradouro que tem esta República para o lado do Pacífico. Quevedo diz que em 54 chegou à capital do Beni, uma embarcação brasileira que calava mais de 8 pés de água.

Estas comunicações se vão tornando cada vez mais freqüentes, principalmente por parte dos Bolivianos. Já êste ano chegaram duas partidas *dêles a* Manaus e *temos outra no* pôrto, e espera-se ainda outra antes do fim do ano.

A que aqui se acha veio dirigida por um Boliviano Juan de tal Parada: veio a negócio trazendo por mercadorias — charutos, rêdes como as que chamamos de tunga, mas coloridas, — um tecido que aqui comprarão para toalhas, chapéus de palha — mas de qualidade inferior, e algumas curiosidades. Êstes desceram de um lugar acima — (8 dias de viagem do nosso Forte do Príncipe da Beira), perderam uma canoa e dois homens, e gastaram dois meses na viagem, — Em tôda a parte os índios se mostraram pacíficos, segundo dizem.

Os índios bolivianos que desceram com Parada aí uns 12 ou mais. pertencem aos «Mahules». * São homens alentados, corpulentos e trabalhadores, — a côr dos nossos, mas as feições muito mais regulares: homens que carecem de muito alimento, são também muito ativos e parecem tratáveis. — Falam sòmente a sua língua «a dos Mahules», * pôsto que um ou outro compreenda alguma cousa do espanhol.

Sabes quanto ganha cada um por mês? Cousa de 4$ r.s — e comida — isto é — farinha, de que não gostam muito, bananas, quando há, e o mais de caça e pesca, que, já se vê, há de correr por conta dêles.

A sua linguagem não tem semilhança nem com a dos nossos nem com o *Quichua* ou Inca. Rica de sons e variada na acentuação, quase se carece um alfabeto para cada palavra, por que é preciso combinar letras a fim de representar sons (ilegível) que parecem intraduzíveis. Todavia é sonora e agradável. Um som que lhe é particular é o —tl — e também *qtl:* lê isso como quiseres, que a tal cousa se não pode escrever de outro modo. Tomei dois para *Mestres,* e no fim de meia dúzia de lições estou cada vez mais gago com êles, por ir conhecendo melhor a dificuldade de escrever as suas palavras. Enfim tenho um vocabulário tão *bahul,* como êles.

Nestes exercícios tive ocasião de ver como êles tem a inteligência fácil, — e de mais como são bem criados. Repetindo eu duas, três e muitas vêzes a palavra que êles me davam, acreditas que nenhum dêles, nem pestanejava! Pois de certo eu havia de dizer muita barbaridade, e êles nem se riam! São bem criados, ou não? Quando acertava, então êles me aprovavam com certa expansão, como quem dizia; Sim, Senhor: Vmcê era bem capaz de vir um dia a falar língua de gente!

As canoas ou *ubás,* são de um toro de madeira, fundo de prato, profundas e imensamente compridas: os remos como os de voga, porém de haste menor; remam em pé — dois Jacumaúbas em pé no *castelo de popa,* e voam e não caem dentro d'água.

Vestem umas túnicas que vai do pescoço até abaixo dos joelhos, feitas de estopa de madeira, mas algumas de um trabalho delicado. Atam na cintura, e abrem para dar lugar aos braços, e nas pernas para não lhes embaraçarem os movimentos. Assim vestidos, figuram ser ainda mais altos do que são — uns Machabios da Bolívia. Um sacerdote, homem chão e verdadeiro que tenho por amigo me assevera que os nossos índios do Uaupés são ainda mais alentados. Desta forma, amigo, estamos cercados de Patagões, ou então, são êstes gigantes que vem emigrando para o norte. São como os alemães e já não é dizer pouco.

(*) Bahures, indios bolivianos da família pampeana.

Basta de maçada. Como parto amanhã para o Madeira, verei que informações obtenho do rio, dos lugares onde não posso chegar.

Lembranças aos teus e um abraço do

Teu do Coração

G. Dias

Manaus, 25 de junho 61.

I.H.G.B.

196

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Enfim depois de quase intermináveis delongas, parece que sempre partirei para o Madeira no dia 26 do corrente. Chegaremos até a primeira cachoeira, suponho, e estaremos de volta no fim de 15 dias, viagem a vapor. É um calhambeque de guerra "o Pirajá" que está ao serviço da Província, mas sem orçamento — ou antes, sem dinheiro para as suas despesas. Vai o chefe de Polícia, em comissão do Govêrno geral, — eu, Coutinho e Canavarro, com diferentes encargos.

O govêrno mandou que a Comissão se retirasse para a Côrte, e neste sentido me veio agora comunicação do Freire Alemão: respondia que tinha ainda muito a fazer, como de fato, e que suponho não ir de encontro às ordens do Govêrno, pois que continuo sem ônus de nem um cofre. Todavia veremos o que êle me responde, e se tem alguma cousa que dizer a isso.

Junto acharás um pedaço do Jornal do Pará, o *Diário do Grão Pará* — de 7 dêste mês em que acharás alguma cousa de mais positivo acêrca da — árvore da vaca — de que há tempos me pediste informações. Êsse leite passa por muito peitoral, tomam-no com café, ou comem com farinha e água. Uns o fervem com o café, por ex. — mas os caboclos que não usam de muita cerimônia, cortam a cortiça da árvore e aparam o leite em uma cuia com água e farinha, mexem com o dedo — e Viva o Brasil!

Êste maldito vapor veio complicar-se com a minha viagem para o Madeira. Parto amanhã.

Lembranças a D. Mariquinhas, aos teus filhos a D. Romana, se a vires, a D. Lourença e D. Inês, se já chegaram. Abraça-te o

Sempre teu do Coração

Glz. Dias

I.H.G.B.

Manaus, 25 de junho 61.

197

Amigo Capanema

Manaus, 25 de junho 61.

Recebi a tua carta datada de Pacatuba de 28 de maio, e muito te agradeço as expressões de que usas para comigo. Quanto a tua boa amizade, aprecio-a e conto com ela. Uma prova disso, foi a carta que te escrevi e a que nesta me respondes.

Quanto a mim, não sou nada; mas sei que poderia ser alguma cousa; — estava, estou preparado para isso: um pouco de gôsto, de hábito de estudo, — tal qual facilidade de inteligência ou de compreensão, vontade que não era das mais frouxas, e saúde que tem resistido a quanto despropósito me tem passado pela cabeça, — tudo isso eram condições de sucesso. Hoje porém, dado o caso, que eu não tivesse encetado essa carreira, era provável que eu preferisse não ser coisa nenhuma a ser o que sou até agora; isto é — a ter-me revelado por um modo que talvez com demasiado orgulho, julgo muito incompleto. Pudesse eu apagar da minha vida ou pelo menos da minha memória muita miséria e desgôsto, como na pedra se passa a esponja sôbre o desenvolvimento de um cálculo, que se errou! Isso seria muito bom, meu Capanema; mas se o ferro deixa uma cesura eterna no corpo, acredita que há desgostos que deixam traços indeléveis n'alma — creio que para esta vida e para a outra e para a eternidade, E o que foram os meus, não imaginas. Não me deixaram ódio, não; mas tédio, nojo e excessiva irritabilidade.

Evito, quero evitar todo o escândalo, quaisquer que sejam os resultados e amargores que daí me venham. Hão de ser imensos, por que não conheces com quem estou metido: porque a sua desculpa, não pode ser senão a calúnia (verás isso!) e por que os desafetos e os falsos amigos lançarão mão de tôdas essas armas do arsenal do diabo. E como defender-se a gente de golpes atirados por mãos invisíveis? — Como se o que se poderia alegar em defesa é para fazer corar, e calar?

Espero em Deus que ainda algum dia te poderei contar essa longa Ilíada de misérias e indignidades! No entanto, faz de conta que nada sabes. Escaparam-te em França, quando me supunhas, e eu me fazia ignorante por que me chamava pai, escaparam-te algumas chicotadas em plena face, recebidas sem pestanejar. Daí tôda a sacra família te *odeia* apenas um pouco menos do que a mim. Portanto de nada sabes! Observa, escuta, e vê se compreendes aquilo! Estou certo que te encherão de indignação; mais ainda se eu te pudesse contar tudo: contar posso, escrever é que não.

O que me aconselhas, está feito: sòmente, posso ainda evitar escândalos, e evito. Desde que vieram de França — considerei-me livre e senhor de mim diante de Deus e em minha consciência. Não fiz quanto quis, em atenção para comigo mesmo. Todavia há por lá umas cartas que me vieram dirigidas, da Europa em pêso, creio eu, e que é o grande cavalo de batalha, como se tudo isso não fôsse posterior à estada em Lisboa e Paris!

Pois era uma fortuna se se pudesse conseguir o que quer aquela boa criatura quer (escândalo, já se vê); dou-te a minha palavra que se isso bastasse para a tranqüilidade de ambos — deixava-lhe tôdas as honras da campanha!

Deixemos porém essas coisas que me fazem febre.

Sòmente uma observação. Educação de mulheres que se casam inexperientes aos 16 anos: as de 32 (pôsto que convirás que ainda hoje não tem essa idade) com hábitos feitos, educadas livremente em uma sociedade livre, e sabidas na arte de fazer maridos: dessas nada se faz. O marido é um chaperon, a convivência um pretexto — os filhos *un passe partout*.

A essas pois, quando ouvires lamúrias, lamentações, saudades, ternuras, carinhos, dedicações, que trazem sempre a virtude na bôca, por que lhes fugiu do coração — a essas não creias — é tudo mentira, astúcia, fingimento, hipocrisia, mas em algum momento de verdade, na cólera por exemplo e Deus sabe quanto fel cabe na alma de uma romântica — ficarás sabendo que a diferença que há entre uma das tais e uma quitandeira — é que a última tem chicote, e a primeira sabe que o marido, apesar de vil, miserável, indigno, canalha, e o mais que ela bem sabe, tem todavia educação bastante para a considerar como inviolável e sagrada!

Pela segunda vez, deixemos isso.

Êsse amor extraordinário de servir ao país combinado com a pouca vontade de aceitar o quer que seja do Govêrno; — essa resolução que sabes — da linha divisória — com o receio do escândalo, dão em resultado a contradição que notas de ir e demorar-me.

Sim, a razão principal da demora já a sabes; mas o desejo de fazer alguma coisa, também não é pretexto, é motivo. Só é de notar que como é isso o que alego, fica sendo não sòmente o motivo principal, mas único.

Ficar por aqui, não. Há infelicidades grandes que não são opróbio; mas demoro-me enquanto carecer disso, por que até lá talvez haja alguma alteração na minha vida. Se isso acontecer antes de feito o que pretendo, então desaparecerá o amor da pátria, neste ponto.

Lê o ofício que mando ao Conselheiro. Instas porém que eu vá! Sou muito e muito preciso lá! — Há as minhas contas e o pequeno material da minha Seção, tudo isso liquido e entrego a um aceno da Comissão; mas a

minha vida e os meus projetos exigem que fique. A minha ida já e já não é por um lado profícua a ninguém: por outra não é prudente. Com o teu gênio impetuoso, não és mais violento, mais pertinaz do que eu, quando consigo pôr de parte dúvidas e hesitações. Teremos trovoada tanto mais forte, que me supõe medroso de trovões: com o pouco nome que tenho, isso sempre faz barulho; e o quer que seja que resulte de desagradável — há de misturar-se com negócios da Comissão, — isso quero e devo evitar.

Perguntarás talvez como é que isso pode acontecer?! Eu sei lá. O Gaioso matou-se em conseqüência de uma fístula no ânus, de hemorróides que lhe atacavam o cérebro, de abuso do ópio, e resmungou-se que foi desinteligência, desgostos na comissão, ou enfim por que tinha quebrado uma agulha!

Mando-te esta sem a ler, porque do contrário ficarias sem carta minha. Amanhã parto para o Madeira.

Escreve-me. Muitas saudades a essa boa gente o Pacatuba, inclusive Juvenal, — e aceita-as do

Sempre teu do coração

Glz. Dias

B.N.

198

A. Henriques.

Preciso de saber o que diz o N.° 16 da *Semana Ilustrada*. É um negócio de «Trovador e Traviata». — Quero a verdade nua e crua. Parece que há aí uns caracteres gregos, que dizem tudo. O Rêgo que te explique isso.

Quero a verdade, e espero-a de um amigo.

do teu do Coração

G. *Dias*

Manaus, 31 de junho. [sic] [1861]

I. H. G. B.

199

Amigo A. Henriques

O Norberto me escreveu em 5 do mês passado, dizendo-me que nessa data te remetia a quantia de dois contos de réis por minha conta. Recebe e guarda-me isso até a minha ida.

Estava pronto a partir agora, com pressa de ir ao Rio, mas o presidente pede-me que vá ao Cucuí, e eu mesmo tenho vontade de fazer essa viagem.,

Partiremos no dia 15 do corrente: só poderei estar de volta no fim de 30 ou 40 dias. Em fins de setembro estou no Pará, em princípios de outubro no Maranhão.

Tenho passado mal depois da minha volta do Madeira; mas não será coisa de cuidado. Adeus, lembranças a todos os teus, e ao Rêgo,

do sempre teu do coração

G. Dias

Manaus, 11 de agôsto de 1861.

Muitas saudades a D. Inês Vale, ao T. Mendes e filhos — Enfim, tens pés de sorva. Irão comigo. Preciso de uma dúzia de camisas com que se possa andar de casaca. Não sei se as haverá feitas, em Maranhão, que me sirvam. Se não houver compra elefante, — peitos, punhos e colarinhos feitos, como para ti, e pede a D. Rosa, ou a D. Alexandrina, que me mande fazer uma dúzia delas por uma das tuas, e paga o que fôr. Quero que os punhos peitos e colarinhos sejam de Bretanha de linho, e o corpo da camisa de algodão. Tem paciência, e manda-me arranjar isso.

do amigo teu

G. Dias.

I.H.G.B.

200

[Amigo Capanema]

Recebi a tua carta de Pernambuco: vejo por ela a amizade que me tens, porque nunca escreveste nada de tão prudente, refletido e sensato.

Não te posso escrever muito e desejava poder confiar-te muita coisa: seria uma imprudência, e já o não tenho sido pouco, — mas aquêle a quem se arranca um dente, tem desculpa se grita: — quem perde mais do que isso quase se lhe perdoa que incomode a vizinhança.

Ditos teus de Paris, enganei-me, pois que o dizes; mas olha que eram tão frisantes, davam tanto em cheio, que, acredita-me bem, por isso te odeiam. Uma por que entendia como eu, e o outro por que acredita no que a primeira lhe quer fazer acreditar.

Depois dessa carta que tanto te impressionou, havias de ficar estupefato recebendo logo em seguida outra minha em que te pedia notícias de um jornal do Rio. Julgaste-me louco? — Provàvelmente. Mas viste isso? — Houve interêsse em que eu soubesse, que não pudesse duvidar que isso era comigo. — Queres ver? A primeira letra está partida ao meio, só a *última metade* é que pertence ao que se segue. Essa gente tem muito espírito: a segunda é uma letra pequena. Lê depois o resto.

Um sujeito que parece *falar em verso*, descobriu o segrêdo de ser feliz! Uma letra o qualifica. Isso deve ser um retrato; de quem não sei; não desejo, não quero saber.

O resto adivinha.

Êsse sopapo em um pelourinho, dado *por pessoa a quem de certo não* ofendi gravemente porque não me recorda de o ter feito a ninguém, produzia o efeito contrário daquele que talvez se esperava.

Ia para o Peru, para Índia, para o Inferno, — mudei de tenção, volto para o Rio. "Una salus — nullam sperare salutem! (*) Os melhores anos da vida perdi-os, vida, posição, futuro, foram-se, esperanças... Sem dúvida. Parto no dia 15 para o Rio Negro vou até o Cucuí; andam por lá umas febres perniciosas, que bem me poderiam poupar infinitos dissabores. Mas o tifo em Lisboa, cólera em Londres, malária em Roma, o Parnaíba, o Solimões, o Madeira, não quiseram saber de mim. Sòmente uns escarros de sangue em agôsto passado, — e neste ano. Verás que não é nada. Deus me tinha dado vida para um século, e apesar de quanto tenho feito, ainda tenho saúde, isto é, não estou de cama: tinha me dado uma cabeça muito bem organizada, pois que ainda não tomei domicílio nos casarões do falecido José Clemente, apesar de quanto me têm feito.

Não, — está tranqüilo, — tenho que tomar a minha desforra, e sinto, tenho consciência que hei de viver até lá. Mas não te assustes, levei muitos anos a pensar, — serei prudente, e ao mesmo tempo firme no que decidir. Sei o que é generosidade, e que ela tanto mais se exalta quando empregada com os que menos a merecem: sei que çertos princípios de pundonor e de honestidade são mal cabidos na côrte e nos tempos em que vivemos: sei enfim que as extravagâncias constituem as vêzes um defeito amável, e que quem tem os foros de poeta tem carta para irregularidades. Não o quis entender nunca assim, mas é preciso agora.

Eis o que há!

A outra parte *deseja, quer* (já mo disse) pôr-se fora de todo o compromisso e relação comigo, — tem provas, documentos, o diabo. Faça isso, — é um conselho de amigo, que lhe dou. — Não o quer alegar em juízo, faz bem; espalhe-o pela bôca pequena, diga-o a seus amigos e conhecidos, — não me quer nem ver. Assim, fica da outra parte tôda a virtude, todo o pundonor, tôda a simpatia, — e eu serei um vil, indigno, miserável. Vamos, seja assim, direi que assim é, e ainda ganho na troca por dois lados.

Não quer ainda isto? Bem. Saia do Rio por 6 meses, pretextos não lhe faltam para isso. Vou e volto, não haverá escândalo, escondo-me,

(*) Verso de Virgílio truncado pelo poeta. «Una salus victis nullam sperare salutem!»

desapareço... não posso prometer mais, não devo, suponho eu, fazer mais do que isso.

Não me agradeçam, porque não compreendem isso, — não mo agradeçam, porque não o faço por amor dêles: faço-o por mim, faço-o por que há uma criança, amanhã uma mulher, cujo futuro poderá sofrer com isso. Não me agradeçam com quinze mil diabos, mas vejam o que lhes convém. Se me querem coagir, por que sabem que temo o escândalo, enganam-se. Já não temo nada.

Julgas-me precipitado?! Faço-te juiz na minha causa. Ouvirás tudo, e julga depois.

Estava com as minhas coisas prontas para seguir neste paquete, isto é, no que hoje sai de Manaus para o Pará, mas acabou-se de armar uma viagem para as cabeceiras do rio Negro, e o Presidente tem empenho em que eu vá, suponho, que para dar ânimo ao engenheiro, que pouco acostumado a tais maçadas, não compreende como se sujeita a gente a uma perniciosa, sem ser militar, e sem ordem do Govêrno. Creio que vou — ou antes irei, se o vapor que parte para S. Isabel realizar a sua viagem até o dia 15 do corrente. do contrário, alego moléstia e parto para o Pará: neste caso, a minha demora será apenas de mais 15 dias. Também para o que vou fazer ao Rio, sempre chegarei cedo demais.

A nossa viagem a Silves e Madeira foi interessante. Suponho que a do Rio Negro ainda o será mais. É muitíssimo urgente o estudo dêstes rios — o Madeira por causa do comércio com Bolívia, — o Rio Negro por causa de Venezuela, donde ainda ontem nos chegou um barco. O rio Branco pelos campos de criar, suscetíveis de considerável aumento. Todos êstes rios têm cachoeiras, que não impossibilitam de todo, mas dificultam muito a navegação.

Circunstâncias políticas financeiras etc. persuadem com mais veemência tal estudo. Madeira é um rio fértil, infinitamente produtivo. donde se extrai muitas drogas, e em muita quatidade, apesar dos seus 12$ habitantes. A Bolívia não nos via lá por cima roubando terreno? Dizem que sim.

O rio Negro dá passagem a imensos índios nossos, que vão procurar domicílio e abrigo em Venezuela, que lhes dá terras, e não os incomoda. A Diretoria dos Índios e a lei das terras produzem entre nós o efeito oposto. As antigas povoações e florescentes outrora, de Tomar, Barcelos, Carvoeiro, Lama Longa, S. Isabel, tudo está caindo em ruínas. Por que motivo?

O rio Branco tem cachoeira, além das quais se estendem os campos de criar e as fazendas do Estado: é preciso facilitar a navegação por que os inglêses e holandeses devem ter lá para cima imenso comércio com a nossa

gente. Não vem canoa de cima que não traga armas de fogo, holandesas e inglêsas, aqui muito apreciadas, e baratas. Calcula um milheiro delas que entram no Rio Negro por ano. Como vêm essas armas senão por comêrcio? Ora inglêses no Rio Branco, quer dizer que adquirem o direito da navegação do Amazonas, e perdemos por aquêle lado a divisa natural — a serra.

Por outro lado, com tanta abundância de gado lá, aqui em Manaus se morre de fome. Passaram 20 dias (até 5 ou 6 dêste mês) em que não pude obter carne para comer — por qualquer preço. Sêca, não se encontra. Bacalhau faltou alguns dias — peixe nada, — tartaruga mesmo não era abundante e deixo-as aos freqüentadores do Pharoux. Em suma, furtei galinhas.

Ao fechar esta, me aparece aqui um amigo, empregado na Tesouraria, que me comunica haver o Govêrno de S.M., por uma reminiscência inesperada, mandado um aviso para que se me desse passagem e comedoria, até o Pará. É provável que no Pará haja ordem semilhante para o Rio. Estou quebrando a cabeça para saber donde partiu tão feliz lembrança.

Adeus, amigo. Que tenhas chegado bom, e que estejas descansando das tuas lidas. Invejo a quem depois delas, tem pressa de chegar.

Quanto a teus trabalhos, não te apresses em os publicar, — pensa muito, revê cinqüenta vêzes, e quando enfim supuseres que está tudo corrente, lê mais uma vez.

Tens um nome bonito, e escrevendo em alemão, o teu juiz não somos nós, é a Europa. De lá nos vem o sol.

Adeus. Muitas lembranças aos teus e um abraço do

Teu do Coração

G. Dias

Manaus, 11 de agôsto de 1861.

B.N.

201

Amigo Teófilo

Cheguei um pouco incomodado do Madeira, e mal restabelecido ainda, parto para o Rio Negro, até a nossa fronteira com Venezuela. Estarei de volta no fim de trinta dias.

Embarcarei daqui em fins de setembro — estarei em Maranhão em *princípios de outubro.* Negócios um pouco sérios e tristes me chamam ao Rio.

Já vês que é negócio grave, desejaria consultar-te. Se estiveres em Maranhão, bem: se não lá irei passar dois dias no teu Mearim.

Como foste de safra? Não tenho tido cartas tuas; suponho-te muito atarefado com sacos de açúcar.

Adeus. Muitas lembranças a minha boa Comadre, a Imesota, a Mingote, a minha afilhada, a D. Romana, se te estiver fazendo companhia. Aceita o coração

do sempre teu do Coração

A. Gonçalves Dias

Manaus, 11 de agôsto de 1861.

I.H.G.B.

202

Amigo [A. Henriques]

Recebi a tua carta e muito te agradeço o que vinha incluso. Tens razão em parte; aquilo é ou antes *são* retratos. O Rêgo equivocou-se — o y é um g pequeno. Agora adivinhas a charada.

Adiante.

Cheguei ontem do Rio Negro, e não tenho tempo para me arranjar e seguir neste vapor. Em novembro estarei em Maranhão: tenho pressa de chegar ao Rio, para voltar, já se vê. Poderia talvez ir para a Europa, mas sinto-me incapaz de tudo: prefiro acabar (e Deus o permita) junto aos meus bons amigos do Maranhão.

Tens tido muito incômodo com meu sobrinho? Tem paciência, que talvez terás ainda os mesmos comigo. Não te agradeço, mas escrevendo a minha Irmã sempre lhe digo que ela não trataria melhor a um filho meu se eu tivesse a ventura de o ter, como o dela será tratado, e foi de certo, em tua casa. Ora minha irmã é uma feia que me estima como o não sei que diga.

Adiante.

Então o Marcelino está feito Augusto o Digníssimo! Decididamente levo-te a Imprensa ainda que vá o Tito embrulhado nela.

Já sabes das misérias dos nossos arremedos de exposição?!

Assenta no teu canhenho que a Província do Amazonas tem 200$. e um mês para comprar, mandar preparar e remeter os seus produtos! E fazem-se dêstes que tais Ministros, quando os sapatos estão pela hora da morte!

Gostei muito do Rio Negro, apesar que não estava muito em disposição de espírito para gostar de coisa alguma. Terras magníficas para algodão, café, anil, — madeiras, o diabo. Hoje fabricam um pouco de farinha. Gente excelente! não há melhor que o caboclo do Pará, e dentre todos sobressaem os do Uaupês: *gente para tudo, sempre alegre, sempre pronta para o trabalho*, contente e satisfeita com qualquer coisa.

Acreditas tu que um índio no alto Rio Negro, remando como cristão em galé de mouro, trabalha cinco dias para ganhar uma vara de pano americano?! E que dêstes cinco dias lhes pode resultar trabalho para mais 10 ou 15, como acontece, *sem que recebam nem salário, nem canoa para o regresso, nem* mesmo farinha para seu sustento, como também acontece?

Eu trouxe uma meia dúzia dêsses marmanjos que não se fartam de me chamarem entre si «Cariüa écatú» o que vem a dizer em língua de prêto «Branco bom mesmo» isto a trôco de um pouco de fumo, distribuído com jeito, de condescendência a tempo, e que hoje iriam comigo para o fim do mundo! Ótima gente! por fim de contas apaixono-me dêles, ponho *cuêio*, (uma espécie de suspensório de escrotos, que *abafa tudo*), e vou para o mato traduzir os meus indignos versos em língua de caboclo. O mais para mais logo. Adeus.

do teu do coração

G. *Dias*

10 de outubro de 61 [Manaus],

I.H.G.B.

203

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Com receio de que a maldita barca se ponha a caminho, e me deixe aqui a escrever-te estas garatujas, desembarquei todavia para tas escrever — e mandar-te a carta que te entregarão com esta, que me deu não sei quem no dia da minha partida.

Estimo de coração que tu e os teus D. Lourença, D. Inês, e todos tenham passado sem novidade, mas estimo mais que tudo que te aches completamente restabelecido. Eu contava em parte com a mudança de lugar, e ocupações do assentamento do vapor para te distraires e melhorares.

O cabeça chata do Joaquim ficou em Maranhão para embarcar para o Ceará. O meu pescoço embirrou com o Itapicuru — estou outra vez doente dêle, e sem Iodureto. É negócio de 3 ou 4 dias.

Os candidatos andam assanhados pelo Itapicuru acima. Os dois Sousas andam de chapéu na mão a fazerem continências. O Cândido Mendes

descobriu que a mulher é Prima do Juiz de Direito do Itapicuru. Se êle descobre semilhante parentesco comigo, dou também o meu voto á Prima.

Demoro-me 1 ou 2 dias do [sic] Codó — e depois Caxias. O Teixeira Mendes deve estar lá ou perto disso.

Não me permitem ser mais extenso; todavia duas palavras mais. Por qualquer coisa te entusiasmas, exageras até mesmo êsses pequenos serviços que eu me tive por mais feliz de te poder prestar, do que tu de os receberes.

Lembranças a todos. Mil e mil saudades do

Teu do coração

G. *Dias*

Candiba, 4 de novembro [1861]

I.H.G.B.

204

Ilmo e Exmo Sr. [Manoel Clementino Carneiro da Cunha] *

A província do Amazonas, tendo dez dias para colecionar os seus artefatos e produtos naturais, e 200$000 para a sua Exposição, quando um ano de tempo e meia dúzia de contos de réis e muita boa vontade, seriam apenas suficientes para isso, teve o mau gôsto de nomear-me presidente da comissão para isso criada, e a felicidade de conseguir uma Exposição, imperfeitíssima e incompleta, sem dúvida, nem poderia ser de outra forma com aquêles elementos, mas ainda assim importante.

Mas, para que semelhante importância apareça, é preciso que a expliquem, que a demonstrem; e V. Exa já conjectura que não houve e nem podia haver tempo para isso. Tomei sôbre mim êsse encargo, que também reverte em favor da província do Pará; mas para o desempenhar na côrte, como prometi, será preciso tempo e eu só posso seguir no paquete que lá deverá chegar no dia 9 ou 10 do próximo futuro.

Em favor, pois, destas províncias, tão pouco atendidas pelo govêrno imperial, eu rogaria a V. Exa o obséquio de prorrogar por mais uma semana a abertura da Exposição, no caso de não haver nisso o mínimo inconveniente.

Sei que peço muito a V. Exa, mas tenho quase certeza de que me desculpará, atendendo que não peço para mim senão um acréscimo de trabalho, quando aliás não me falta que fazer.

Tenho a honra de ser, com tôda a maior consideração e respeito.

De V. Exa

amigo e obrigadíssimo criado,

Antônio Gonçalves Dias

Maranhão, 11 de novembro de 1861.

B.N.

Cópia

(*) Presidente da Província do Amazonas.

205

Amigo A. Henriques

Parto para a Côrte com a intenção de voltar muito breve; mas como em tôdas as coisas dêste mundo pode haver alguma fatalidade.

Neste caso, aliás pouco provável, entregarás a teu Primo Teófilo a quantia de quinhentos mil réis para saldo de minhas contas com êle.

Teu Mano Pedro *recebeu trezentos mil réis para as mesadas de meu* Sobrinho no corrente ano: e poderás despender mais com as suas despesas até a quantia de cem mil réis, independente da sua ida a Caxias, e passagens de Fileno de ida até lá, e volta até a fazenda do teu pai, ou até o Maranhão, e Mearim, como julgares melhor.

Tôda essa trapalhada *de máquinas e pertences são do Govêrno, assim* como duas espingardas [ilegível] que estão em casa de D. Lourença.

Isto é uma espécie de testamento. Como porém me acho pouco disposto a deixar-me morrer, espero em Deus que dentro em pouco te virei dar um abraço. No entanto guarda esta carta para a rasgares na minha volta, ou quando eu te comunicar outra coisa.

do sempre teu do Coração

Gonçalves Dias

Maranhão, 23 de novembro de 1861.

I.H.G.B.

206

Amigo [A. Henriques]

Não *te esqueças dos meus caixões* que estão na Alfândega antes que percas novamente o *conhecimento* dêles.

As cuias ficaram, tanta foi a atrapalhação com que embarquei: Guarda-as, se vierem.

Estou com uma pressa de 15.000 diabos. Lembranças aos teus tutti *quanti*.

do teu do coração

Glz. Dias

Diz ao Dr. Furtado que entreguei o teu *baulito* ao Silveira. Êste está doente talvez lhe não escreva.

Lembranças ao Teixeira, se já voltou.

29 novembro Recife, [1861]

I.H.G.B.

207 *

Antônio Henriques

Manaus, 20 de dezembro [?] de 1861.

Principio agora com uma série de cartas, tão longas cada uma delas, que o nosso correio, segundo desconfio, tas não deixará chegar às mãos, senão por intermitências. Se te chegarem constantemente, é que êle o fará de velhaco, pelo gôsto de me dar um desmentido perante o respeitável, tão pouco respeitado. Ainda bem se o fizer!

As nossas coisas te interessam na dupla qualidade de brasileiro e investigador assíduo de tudo quanto respeita à nossa pátria. Aí vão pois umas «*notícias curiosas e necessárias* , como as batizaria o Padre Simão de Vasconcelos: coisas que a uma te mortifiquem e consolem, como a lança d'Abraão, que ao mesmo tempo levava á bôca o mel e o ferro — receita a que teu colega Willis deu modernamente a designação de *xarope cholybeado*. Vende-se na botica, e tanto basta para ser abominável.

Todavia, apesar destas reminiscências bíblico-farmacêuticas, vai isto escrito ao que a pena dá, sem veleidade científica, e sem pretensões *au grand jour de la publicité*.

O Amazonas!

Ao pronunciar esta palavra todo o coração brasileiro estremece. Os que o tem visto sabem que a seu respeito se tem escrito mais ou menos do que a verdade; os que o não viram ainda conservam e guardam lá em um dos escaninhos d'alma o desejo de o avistar ainda algum dia. Pois, no meio de tudo, crê que o Amazonas nada mais é do que um rio. Vê-se e admira-se, mas é só com o auxílio da reflexão que êle se torna assombroso. Navega-se por um imenso lençol d'água, onde o vento levanta tempestades perigosas, — onde a onça e a cobra se afogam por não poderem cortar a corrente, e como que o espírito se satisfaz pensando ter já contemplado o Amazonas! — mas o que se vê de um lado e de outro são ilhas — e além destas ilhas outros canais tão volumosos como êstes, e além dêstes novas ilhas. A alma então se abisma não podendo fazer uma idéia perfeita do que é esta imensidade.

Supõe tu pois um imenso arquipélago, porque de cada um dos seus grandes confluentes podes dizer que tem ainda para mais de mil ilhas e nêle despejam alguns milhões de braças cúbicas d'água por hora! Terra firme chama-se sòmente a que não é alagadiça: as margens chamam-se praias, as águas elevam-se em ondas e o vento conhece-se no seu elemento. Os têrmos mesmos da navegação de longo curso, quero dizer — do alto-mar, não se estranham, antes parecem aqui necessários.

(*) *In Obras Póstumas de Gonçalves Dias*, 3º vol , Antônio Henriques Leal, p. 179.

Queres ouvir?

Um dia, em viagem do Pará para o Rio Negro, navegávamos com mar um pouco picado no magnífico vapor *Manaus* da companhia do Alto-Amazonas. Seriam duas horas da tarde, e estavamos todos sôbre a tôlda, quando de repente brada uma voz não sei donde: — "*homem no mar!*" Inquietos e sobressaltados, corremos todos à amurada, tripulação e passageiros, e viu-se uma cabeça de prêto, que fugia, rápida como uma seta, pela pôpa do barco fora.

Ver naquele oceano uma pobre criatura lutar com o terrível elemento — o perigo em que estava, — a incerteza de salvação, a impressão daquele espetáculo assustador, — tudo estava de acôrdo com o grito de "*homem no mar*"; porque no mar, onde quer que fôsse, não seria maior o perigo. Mas o o que ali se não veria, era que, logo atrás, uma cobra imensa arrastada pela corrente lutava também com as ondas, e fatigava-se com esforços inúteis. O vapor que já então recuava, deu-lhes felizmente outra direção de modo que os dois companheiros d'infortúnio ficaram longe um do outro. O coitado do prêto, no entanto, gritava como um possesso, e quase a afogar-se, ainda cometia barbarismos sem nenhum temor de Deus. Êste, porém foi servido que êle não morresse duas vêzes afogado, pois iria com alguns erros de gramática atravessados na garganta! *Mi acudi, gentis*!

Êste espetáculo acrescentou certas idéias de alta consideração e profundo respeito, como se diz na secretaria de estado dos negócios, a admiração que eu já sentia pelo Amazonas.

Ia eu porém tratando das suas ilhas. São elas no meu entender uma das maravilhas do Pará. Multiplica o curso dos rios pela extensão das suas margens, toma o circuito (!) dêstes milhares de ilhas; considera quantos rios há ainda de curso menos conhecido, os quais todos com raras exceções correm por um declive suave, os furos que encurtam as distâncias, os igarapés que em diferentes alturas comunicam os grandes rios entre si; — considera a preciosidade das suas drogas, a fertilidade incrível do solo, favorecida pelo calor e pela umidade, e verás que nenhum país é tão próprio para a agricultura, nenhum tão favorável ao comércio, — nenhum que tenha tanta quantidade de terras em contato com água navegável. — E logo o Baixo-Peru, que morre asfixiado se lhe tapamos o Amazonas, — a Bolívia que tudo espera do Madeira, e que pode ser muito por meio dêle, — e Venezuela, e Nova-Granada que nos estendem os braços do Japurá e do rio Negro, ao passo que se temem naquele perigoso mar das Antilhas — e as nossas províncias de Goiás e Mato Grosso?... Amigo, seremos alguma coisa algum dia, se os nossos vindouros valerem mais que os Fer... e Mar... de hoje — *duo magna luminaria* — Não lhes acho outro ponto de contato, senão serem ambos luminarias (S. Exas. me perdoem) — conselheiro ou comendador, ministro ou presidente, — o que fôr um — o que tiver sido outro *duo magna luminaria*. É a

Bíblia quem mo diz e fico nisso: — (Et Deus facit) porque, se Deus os fêz, ficaram feitos por todo o sempre.

Pasmado quando entra no grande leito do Amazonas, perdido nesta imensidade, o viajante pensa consigo: "Lá mais em cima, estas águas se hão de tornar menos volumosas, hão de estreitar-se estas margens, êste colosso há de enfim cair debaixo da ação e compreensão dos sentidos humanos!"

Nesta esperança passa o Xingu, o Tapajós, Trombetas, Madeira (gigantes também), e o rio é sempre o mesmo.

Deixa atrás o imenso cabedal do Rio Negro, com as suas águas que espantam pela côr, — o Japurá semelhante ao Nilo com as suas sete bôcas, o Purus, Ucaiale, Uallaga, e entre êstes, o Coari, Tefé, Javari, Napo, centenas de outros; e o eterno rio, na distância de oitocentas e novecentas léguas ainda *parece* o mesmo!

Sem dúvida que as águas diminuíram; mas é que há menos ilhas, menos *paranás*, eis tudo. O que se vê é, com diferença pouco sensível, a mesma coisa. A sua fôrça é ainda a mesma, as suas transformações têm ainda a mesma intensidade; porque o Amazonas, o Solimões e o Marañon, esta trindade fluvial num só corpo, é um grande destruidor; mas também um criador por excelência, ilhas e praias faz êle ou desmancha com assombrosa facilidade.

Alguma vez, a canoa dirigida por um hábil prático, aporta a uma ilha que ali existe, diz êle — desde que a gente é gente, ou, por outros têrmos, des que se viu admitido às honras, prós e precalços de tão penosa profissão.

É lisa a superfície das águas; o céu sereno se retrata nelas como num espelho, as fôlhas não remexem, os animais bravios pastam descuidados, as aves contemplam pasmadas os novos hóspedes que lhes chegam, — tão patetas uns como outros. Nada revela perigo, nem à inteligência do homem, nem ao instinto do irracional.

Nesta paz, neste ao que parece, remansear das fôrças da natureza, ouve-se de repente um rugido como se os céus desabassem — árvores colossais oscilam, vergam, tombam como castelos de cartas! — a terra falta, desaparece, — a canoa não desamarra, nem tem tempo, arrebenta-se-lhe o cabo, — as águas repelidas pela queda das barreiras e das árvores repelem-na também para o largo; — e antes que os viajantes possam tornar a si do assombro, — antes que saibam e conheçam o que foi, — antes que o mestre possa comandar alguma manobra, voltam elas pujantes, furiosas, redemoinhando, e num vórtice — canoa, árvores, ilha — tudo desaparece e se esvai como por encanto. Boiam sòmente algumas dessas árvores monstros, que tornam perigosa a navegação do Solimões e do Amazonas, e cujas raízes sobrenadam sobranceiras como ilhas flutuantes sôbre a superfície das águas; fogem, grasnando algumas aves, lastimando a perda de seus ninhos, — e o rio cobre majestosamente aquêle espaço, aquêles destroços, aquele *ubi Troja*, mostrando apenas naquele lugar uma lar-

ga mancha côr de terra; porque a ilha se submergiu num abismo tão completo e quase tão instantaneamente como um homem se afoga!

Mas êstes destroços — terra e troncos — mais abaixo se aglomeram, se acumulam, acrescentando noutra parte o continente ou formando alicerce para novas ilhas. Depois a aninga surgirá dentre as águas com as suas fôlhas em forma de coração e o fruto a semelhança de um ananás inculto, — e mais acima, em terra já mais descoberta, vingará a canarana, pasto do herbívoro peixe-boi, perseguido na terra pelas onças, nos rios pelos jacarés, e pelo homem em tôda a parte.

Infindas palmeiras, cujas raízes procuram e se nutrem de umidade, levantam os leques e as palmas, matizadas com as côres vivas das araras e papagaios, que folgam de pousar nelas.

Logo mais a embaúba, virá ao sôpro da brisa curvar as fôlhas esbranquiçadas, figurando um bando de garças pousadas à margem da corrente; e como coroa de tudo, a sumaumeira eleva e alarga a copa imensa e majestosa, cuja sombra ao meio dia cobre, segundo se crê, a circunferência das raízes.

Enfim, á sombra desta vegetação vigorosa e rica, vem a baunilha encrustar-se nos troncos de superfície rugosa, embalsamando os ares: o cacaueiro pouco amigo do sol virá ocultar-se sob estas ramagens frondosas, — enquanto para se tornarem deliciosos mil frutos silvestres, e entre êles novas espécies dos já domesticados, — a sôrva, o auixi, o araçarana — só esperam a mão do homem para o recompensarem de seus desvelos.

Acrescente-se a isto milhares de parasitas, infinitas trepadeiras que se emaranham pelos troncos, debruçam-se dos ares, estrelam a paisagem e matizam o panorama, acariciando a vista e o olfato ao mesmo tempo; mas com côres tão finas que se não desmancharam ainda na palheta de pintor; mas com olores tão suaves, que os não descobriram ainda os nossos perfumistas de agora. Aqui, quer ao clarão da lua, quer no remansear de uma noite serena dos trópicos, respira-se às largas, em ondas, a plenos pulmões, como se tôda a atmosfera não bastasse para satisfazer a sêde do olfato, que se desperta sôfrega, que é poesia ainda, que se converte em amor! — amor por todos quantos respiram sob êste céu abençoado, e cujos peitos, se alguns tendes perto, arfam acordes convosco num sentimento invisível de amor da pátria e de benevolência recíproca.

Vós que, semelhantes a mim e a muitos outros, talvez sem razão, vos entristeceis ou irritais com o jeito que as nossas coisas vão tomando, acaso porque se vos tornou menos risonho o céu da vossa imaginação, — vós que, num acesso de hipocondria, chegastes a desamar a terra de que sois filhos e a descrer dos homens de que sois irmãos, vinde-me aqui passar um quarto de hora em noite de luar sereno, ou nessas noites de escuro, ainda mais belas e mais serenas do que as outras, em que milhões de estrêlas se refletem nas águas, e no es-

curo transparente do céu e do rio desenham o duplicado perfil dessas florestas imóveis e gigantescas: respirai-me êstes aromas, que se elevam suavemente combinados, como de um vaso de flôres colhidas de fresco, e haveis de achar-vos outro, e, como nos tempos felizes da juventude, capaz ainda das ilusões floridas, da confiança ilimitada, da fé robusta, nos sucessos, nos homens, no futuro, e, se quer por alguns momentos podereis sentir, haveis de sentir orgulho de vos chamardes "*brasileiro*" também.

Eis que obras perfaz o gigante em alguns anos! É a ilha de Calipso sem a deusa, e sem as ninfas que a serviam, — um ninho de fadas, que se desencantraram, um paraíso, mas visto de longe. Perto!... Tôda a luz projeta sombra, diz um colega, tôda a medalha tem reverso! Sentem-se logo os meruins, os micuins, os piuns, os mosquitos, as motucas e os carapanãs, — as aranhas, os lacraus, as cobras, todo o arsenal do diabo em número infinito de instrumentos, — uns na terra, outros nos ares, — uns que mordem pela manhã, outros à tarde, outros de noite, já êstes que ferram cantando, já outros que mordem pouco aproveitamos. Infelizmente porém os males como as sardinhas, andam à surdina, com rostro ou mandíbulas, com a bôca ou com o abdômen, — êstes aqui, aquêles mais longe, — em uma palavra, há de tudo, para todos os tempos, para todos os lugares, para todos os gostos!

Nesta Babel de pragas, a poesia, como passarinho ao cair da tarde, esconde-se, que ninguém sabe mais notícias dela. Engano-me: a poesia do naturalista, botânico ou zoólogo, principalmente se é alemão, resiste a tudo. Martius no Japurá ou Grão-Caquetá, como melhor se chame, fêz um poema à solidão das florestas. Está manuscrito o poema, e talvez morra nos limbos, mas eu que te falo, isto é, que te escrevo — *egomet luisec occulis vidi!* [sic]

Falei acaso ligeiramente da musa alemã? Praguento será quem no suspeite. Não mais, e acaso melhor que ninguém me deixei apaixonar por ela.

A musa Alemã?!

Lá vai uma profissão-de-fé do que julgo e creio a seu respeito, pôsto que não faça muito ao caso.

É uma dessas donzelas, um pouco inteiriças, mas cheias de poesia e dignas de acatamento, atravessando as vastas salas de um antigo castelo feudal, entre retratos que amedrontam, e amplos rases, * que movidos ao sôpro de vento frígido numa noite de inverno, dão vida e movimento a um mundo fantástico, ideal e para sempre desvanecido!

É uma dessas figuras de anjos, que vemos e admiramos iluminadas nos antigos missais e velhos livros de orações com fisionomia de expressão celeste; mas os pés e as formas envolvidas numa densa nuvem de brocados, de veludos, de damascos, figuras que não pousam, antes que parece que aspiram, e que de fato remontam aos céus.

(*) Rases, plural de *Râs*, o mesmo que *Arrás*, s.m. Tapeçarias antigas e valiosas fabricadas em Arrás, França. *P.D.B.L.P.*

Impressione-se embora das nebulosidades de Kant, de Fichte e de Schelling — de vez em quando lhe ouvireis um ai, um grito, como se conjuntamente se rompessem uma corda à lira e uma artéria ao coração: é o mundo real, a alma, a humanidade, — é a natureza que fala, a natureza pura, grande e tão nobre, que quase parece ideal, — a natureza manifestando-se num dêsses belos idiomas, que por si honram os que o falam, dão testemunho de suas largas concepções, e prognosticam as suas conquistas nos domínios infinitos da inteligência e da imaginação.

Mas ...

Eu que cometo insano e temerário?

Musa, onde me sobes?! — Desce, vadia, senta-te com propósito, e conta-nos .. .

Ai! ... Já me esquecia que se tratava de pragas, micuins, e miudezas quejandas!

Dizia eu pois que, se fôssem sòmente elas, a musa, mesmo a do naturalista, teria desculpa, cantando os enlevos desta terra, que zelamos tanto, e tão em cardumes, e mais infelizmente ainda os cardumes de pragas fazem súcia com boa meia dúzia de enfermidades, das melhores que temos registradas nos *Memoriais patológicos*.

Mas não o querem crer, bem que mais alguém o tenha dito.

Entre êsses, um homem, tão distinto pelas suas luzes, como pelos seus sentimentos representou êste Pará e Amazonas, como um inferno em miniatura, as terras desertas, inabitadas, e quase inabitáveis, — a zona tórrida dos antigos como um dilúvio de todos os anos, — enfim só real e verdadeiro país de *Cocagne* para os *flibusteiros do Norte*, para os médicos que não têm que fazer na côrte, e para os boticários, sem papeluxo de vendedores de drogas. Homem, que tal disseste! Caíram-lhe logo em cima desafetos em barda!

Por experiência própria bem deves saber, que, onde aparece incontestável merecimento nasce logo esta mostarda, como cogumelos em tempo de chuva. Criaturas a quem nunca vistes, que não conheceis, a quem nunca fizeste mal, de quem nunca se vos dará o valor de um cominho, — muitos, a maior parte dêsses, e o que é mais — os que alguma coisa vos devem, os que vos devem muito, êstes principalmente, — logo que tendes verdadeiro merecimento são vossos desafetos: é o burguês de Atenas, votando no ostracismo de Aristides; mas os nossos burgueses de hoje, graças ás luzes do século, não se satisfazem com escrever na concha a letra nefasta! Atiram com ela, em vez de pedra, à cabeça do pobre Aristides, para que tome juízo e se contenha nos limites estreitos, na senda trilhada do vulgar vulgacho. Digo-o sem aplicações, e passo adiante.

Ora, como ia dizendo, a chusma dos desafetos caiu-lhe em cima como uma nuvem de gafanhotos. "Vejam, que administrador, diziam! Que juízo de homem!

Dizer aquilo do Grão-Ducado, que é o único Grão-Ducado que há em todo o Brasil, que é o único Brasil, que há em todo o mundo!"

Perdão, meus amigos!

Lá quanto a administrador não digo nada. Desde que a lei criou, ou vai criar uma classe dêles, é da maior evidência que todo o *civis romanus* se deve sujeitar à lei, e não há de manifestar talentos que a mesma lhe não reconhece. Se não está feita ainda a estatística dêstes nossos grandes homens, paciência! — esperemos sem aventurar juízos temerários!

Negar-se porém inteligência e critério a uma inteligência daquelas, só porque disse, pouco mais ou menos, que isto é um charco e como tal doentio, ides mais longe do que êle. Houve exageração no seu dizer, exageração intencional, manifesta, provada; mas falsidade, não.

E se não, vede:

Desembarca um homem no Pará, no comêço das chuvas, ou no princípio do ano, com a intenção de seguir para o interior. Se tem alguma alma caritativa que por êle se interesse, pergunta-lhe logo até onde pretende chegar na sua excursão.

Eu, responde-lhe o outro, desejo visitar certos rios e lagos, andar por furos e igarapés, cantos e recantos, té onde os fados mo permitirem.

Mas nesta estação? replicará a caritativa.

Sem dúvida. De caminho...

Sim, abandonado! Povoações outrora florescentes, prósperas, cheias de vida, — tôdas as do Rio Negro, por exemplo, tudo isto está hoje despovoado. Cultivavam outrora o anil, o café, o arroz, a farinha; — tinham olarias, faziam cordoalhas, extraíam drogas em abundância, — e hoje ... vivem de esmolas! O Pará, que não é pròpriamente uma província agrícola, que o não será tão cedo — o Pará fornece farinha a Tabatinga! e em todo o Amazonas, em todo o Solimões, o arroz, como trigo em certas partes da Rússia, dá duas colheitas por ano, e a mandioca e a macaxêra amadurecem em seis meses.

Índios, que é dêles! Pois contavam-se então às centenas, por milhares!

E pois cheguei aos índios, faço aqui ponto para tomar fôlego, e continuar mais descansado.

Teu do Coração

G. *Dias*.

208

Amigo A. Henriques

[Ilegível] Manoel Onety te remeterá um caixote com [original rasgado] e sementes. As sorveiras (grande e pequena) estão encomendadas; mas quero planta e é preciso que peguem primeiro.

Às máquinas são para ti e Teófilo, tirando uma para D. Alexandrina, e outra para a Sra. do Fábio. Pergunta-lhes o que querem do Pará; pois terei de remeter o Fileno, visto a expiração do prazo.

A Comissão no Ceará se está esbandalhando miseràvelmente, mas sem unidade e sem dignidade. De junho em diante deixo de fazer parte dela.

Tenho-me demorado por causa de um infame vapor de guerra, que aqui está, mas sem fundos, nem mesmo para combustível. Pretendia ou ainda pretendo ir nêle ao Rio Branco, Negro e Madeira.

[Original rasgado] estou em maré de poesia. Tenho [inutilizado] Sátiras!... Lá vai uma. Lê-a, tira [original rasgado] imprime-a, se a quiseres, mas dá depois... Teófilo. Em viagens, além do tempo o que [original rasgado] se perde são papéis. Vai mais um artigo [original rasgado] queria mandar ao Pompeu, mas arrepen [original rasgado]. Estou com a minha *Noiva de Messina* as voltas. Está-se enfeitando muito, o ladrão; [original rasgado] como é noiva desculpa-se.

Os «Progressos» ficarão no Pará ou em Mar [original rasgado]. Só com o título embirram os nossos correios. Adeus.

do sempre teu do Coração

G. Dias.

A propósito. Apareceu pai a *minha filha* do Ceará. Lembra-me a anedota do Guarda Nacional de Paris, que encontrando a mulher com um *quidam* puxou do chanfalho para o varar de parte a parte. A mulher perde a cabeça, e grita-lhe desesperada. "Tem-te! desgraçado, que matas o pai de teus filhos!"

Vão também as panelas do veneno = O = Urari — ou Curare, como os franceses. O antídoto é pura e simplesmente — sal comum desfeito em água e bebida. Uma pedra na bôca faz o mesmo efeito, mas não é bom fazer a experiência.

Como está o nosso Rêgo? Teu Mano, que nova [original rasgado].

I.H.G.B.

[1861]

209

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Com que então o teu pobre Ricardinho estêve a morte! Fizeste muito bem em o mandar buscar, se com a mudança, êle se pode restabelecer. Pouco tempo antes dessa moléstia, êle me tinha escrito algumas linhas cheias de entusiasmo, como te mandei dizer. Provàvelmente, logo depois caiu com êsse ataque. Esperemos em Deus que não tenha outro resultado.

Pelo paquete passado te escrevia a carta junta, que ficou por não ser já tempo, quando a mandei com outras ao Correio. Lê-a, e lê depois a carta do Pompeu que também vai junta. Quando soube disso, não pude deixar de me

rir, lembrando-me de uma anedota, que a propósito disto, conto ao A. Henriques. — Um digno Guarda Nacional, entrando em casa, de volta do serviço, encontrou um sujeito com a mulher. Passa-se a cena em Paris de França, e não no Ceará, do Brasil. O homem puxou da Durindana para varar o sujeito intruso de parte e parte, quando a mulher perdendo a cabeça, se lança no meio dos dois, a bradar com desespêro para o marido — "Tem-te, desgraçado, que matas o *pai de teus filhos!*" Não sei ainda qual é o meu número no rol dos pais *de minha filha*.

Mando nesta ocasião a D. Manuel para que remeta ao A. H. — umas máquinas, e sementes que tu e êle me pediram. Vão bastantes e demais para serem distribuídas por dois!

Vou fazer a encomenda da Bombanassa, castanha, sorvas, e o mais que pedes. A árvore do leite, é provável que se encontre, mas lá para Macapá e confins da Guiana. Verei sempre, se há por aqui quem me dê notícia dela.

Não sei qual o tratamento que se deva dar as sementes que te mando. São do Solimões, Rio Negro e Peru. As terras baixas, frescas ou antes quase alagadiças, e imensa quantidade de detritos vegetais e húmus. Aqui produzem, devem também vingar na tua Fazenda, se as plantares em terras frescas, fofas, úmidas, com estrume vegetal.

Estás desgostoso e aborrecido da vida, meu Teófilo? Se nos virmos algum dia, e espero em Deus que assim aconteça, terei muita cousa para te contar, e verás que por grandes que sejam os sofrimentos por que passamos, pode haver ainda muito maiores, muito mais incuráveis.

Com que então D. Inês foi para o Rio? e D. Lourença? Estás bem só agora, tu e D. Mariquinhas, sempre acostumados a essa roda larga de família.

Todavia, não te aconselho que vivas na Roça senão o menos que puderes. Fígado e intermitentes é coisa séria, — e teus filhos precisam ainda muito e muito de ti. Não barateeis, pois, com a tua saúde.

Tenho continuado a minha tradução da *Noiva*, escrito sátiras — (o A.H. te dará uma) — poesias á morte de minha filha, e aí vai a primeira delas — artigos avulsos etc. Mas para concluir os meus estudos aqui, preciso de mais algum tempo. A Comissão acaba-se, ou eu saio dela em junho: fico mais livre de concluir, como entender, o que me parecer dever fazer. Estou por conseqüência prêso até junho — daí por diante fico fôrro. Dize pois ao Teixeira que eu não posso dispor de mim, por enquanto.

Os negócios de minha família, complicam-se. Meu mano quer e deve ir para Europa, e com mais de 20 bons escravos não tem rendimento para isso. Minha família paterna pode ajuntar 100 escravos e não fazem para viver! Se não me meter nisso estão mal. Infelizmente por êstes tempos mais próximos, tenho de deixar os meus próprios negócios correrem a revelia. Depois, no Rio, será possível, suponho eu, arranjar na praça uns 20 ou 30 contos,

e dar comêço a um estabelecimento em regra, ajudado com a tua experiência. Se conseguir isso, apenas as cousas começarem a andar regularmente, meto-me no meu canto, e poderei fazer alguma cousa.

Eis aí os meus projetos! Para os desvanecer basta uma jararaca, uma flecha ervada, uma malígna — um torpor, nadando — um jacaré mesmo com quanto eu não esteja em Marajó, onde êles são "De grossura capaz e bom tamanho". Faria muito bem a sua obrigação.

Adeus. Como está D. Mariquinhas? E Inesota, Lolô, Mingote etc.? muitas e muitas saudades do

Sempre teu

Glz. Dias

Atenção.

O que aqui chamam árvore do leite, ou vaca, é a *Maçarandubal* ferem o tronco, de que recolhem abundante leite, que desfazem em farinha, e bebem: dizem ser excelente para o peito. — Também comem o leite da sorva grande (por incisão no tronco) a que chamam *Cumã;* mas êste leite que parece conter muita albumina vegetal, ao fogo, transforma-se em matéria viscosa, que serve em vez de *breu*. A de Caiena, isto é — *l'arbre vache*, não sei se será a mesma cousa. Persuado-me que sim.

[1861]

I.H.G.B.

210

A. Henriques

Acabo de ler às carreiras o relatório do Ministério *fomento*. No meio de muita patetice, há muito esquecimento.

Não se fala na companhia de navegação do Maranhão, e todavia bem merecia de ser lembrada. A Navegação dupla do Itapicuru e Mearim, — a do Pindaré e no futuro, a de Grajaú, as linhas do Ceará e Pará, recomendam-na muito particularmente, por que nenhuma outra tem feito tanto no Brasil com tão poucos recursos. E a fundição?! e a preparação de maquinistas, cousa que Vocês devem ter muito em vista. Não sou nenhum provincial exagerado, mas convém mostrar ao Brasil que nas ciências, nas letras como já na agricultura, também na indústria, o Maranhão se vinga nobremente do menosprêzo da côrte, fornecendo-lhe modelos, ilustrações, operários.

S. Exa. Felizarda não fala da nossa escola agrícola. Lembra-lhe isso, e que o *fundador* dos tais Institutos se lembre dêste, que teve a desgraça de nascer antes da idéia e das criações imperiais.

Há outros pontos, que mais tarde me encarrego de discutir, tenha ou não tempo para isso.

Vê o anexo (E) do tal Relatório, e reimprime-o, se queres.

No primeiro parágrafo, alínea põe o verbo no presente = parece = e não = pareceu.

No último «a eqüação da libra» passa a primeira decimal para a casa das unidades, por ex.

[ilegível] igual a 458, 92 gramas

ou segundo C. Batista

igual a 471.82 gramas.

Creio que o Fileno irá agora, mas D. Manuel te escreverá nesse caso.

do teu do Coração

G. Dias

[1861] I. H. G. B.

211

Amigo Pôrto Alegre.

Escrevi-lhe pelo paquete inglês, dando-lhe notícias da minha preciosa saúde, e incomodando-o ao mesmo tempo com um pedido.

Quero imprimir uma coleção de traduções poéticas; quero fazer a coisa no formato dos *Suspiros [do] Magalhães*, edição de Paris, com papel e encadernação do meu Dicionário caboclo — dois mil exemplares, de 300 páginas cada um.

Poderia V. ver quem por aí ou pela Saxônia me faz isso por preço mais razoável?

Quereria V. encarregar-se de rever as provas, condição, *sine qua non*?

Desculpe a letra que eu depois que vim dos caboclos, já não sei mais escrever.

O pobre Joaquim Caetano está-se vendo apertado! Pois o Varnhagen creio que vai também sofrer algum desafôro. É desenganar, que nesta terra não se precisa de gente de merecimento.

Muitas lembranças a todos os seus, e muitas saudades

do sempre seu

G. Dias.

Rio, 25 de janeiro de 1862. B. N.

212

Amigo [Teófilo]

Não sei se te escrevi já depois da minha chegada: desculpa-me que não sei bem onde tenho a cabeça.

Estou vivendo *pro forma*, isto é, procurando salvar as aparências que de nenhum modo se salvam, com o inconveniente [de que] me põe em um estado de irritação e de suscetibilidade difícil de descrever-se. Fui a isso obrigado por causa da apresentação dos primeiros trabalhos da Comissão, que nunca a tivesse eu aceitado. O primeiro folheto, contendo o histórico da Comissão, da excursão de seus membros, e resumo de todos os trabalhos, deve estar impresso para a abertura das Câmaras. Em maio ou junho poderei já sair daqui, querendo Deus, e permitindo-o os meus incômodos, porque sabes ou ficarás sabendo que estou um poço de moléstias e portanto nas melhores disposições de corpo, assim como de espírito para escrever. O que mais me incomoda é a tosse e as pernas inchadas, sintomas e efeitos de outras moléstias: — do fígado, dos rins e do coração, de uma de duas ou das três coisas. O que Deus quiser, e seria muito bom que êle quisesse para muito cedo.

O Imperador tratou-me bem e fala-me muito em versos, como se eu estivesse de cabeça para os fazer. Teríamos é verdade uma contas velhas que ajustar acêrca do meu emprêgo ou antes da minha preterição, mas felizmente não me importo com isso.

Sinto-me com necessidade de trabalho e de trabalho material, ou quase. Entro neste mesmo mês para a imprensa com o volume de traduções de Maranhenses; a continuação, que talvez seja feita em Maranhão, começará com as traduções de outros brasileiros. Creio que não ficará de leitura muito enfadonha.

Tenho visto o J[e] Vale e está bom, assim como a Sra. e filhos. Segundino e D. Vitória te mandam lembranças a ti e a D. Mariquinhas.

Não te posso mandar as poesias por enquanto, nem as tuas sementes. Irão talvez pelo próximo paquete.

Lembranças e saudades a D. Mariquinhas, Inesota, Mingote[,] Lolo, e a tôda a miuçalha de D. Inês. Lembranças também a D. Lourença e Maria Teodora. Goza saúde e desfruta quantas venturas de coração te deseja.

Teu mano e amigo

G. Dias.

Rio, 5 de fevereiro de 1862. I. H. G. B.

213

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Estou, segundo dizem os médicos, com uma inflamação crônica do fígado, uma lesão incipiente do coração, pernas inchadas em conseqüência do fígado, donde pode resultar uma anasarca, e a voz rouca e presa, em conseqüência de desordem do pulmão, que se desordena com a desordem do supradito fígado.

Apesar dêste almanaque de coisas ruins não te dê isso cuidado. Deus me deu vida para cem anos, e a prova é que desde os 15 anos que a ando esbanjando, tola, estúpida, insipidamente como faz de sua fortuna mal adquirida o herdeiro de casa milionária. Não te assustes: por meu castigo, só morterei quando desejar a vida, e isso, por enquanto ainda me não parece coisa muito ambicionável.

Recebi a receita do Maia, e fico-te muito obrigado por ela, a ti e a êle.

Trato de concluir ou antes de atamancar os trabalhos preliminares da Comissão, e depois ponho-me daqui para fora antes que me sobrevenha a máxima de tôdas as infelicidades — cair de cama no Rio! — Morrer lá, no meio de meus amigos ou no seio de minha família.

A propósito de família, parece que não lêste a minha carta. Enquanto eu fôr vivo, não te incomodes com os negócios de minha mãe. Escusas de lhe remeteres nada por êste ano, que isso ficou arranjado.

O retrato para Inesota levo-to ou mando-to, ainda que estou com cara de defunto.

Do teu negócio de exposição, em que me dizes que não fales, pouco também havia a fazer. Desta vez caiu isso em mãos de meia dúzia de patetas ou espertalhões, que lá vão a Londres representar a fase cômica do Brasil.

Dizem e o Govêrno tem espalhado e feito um espalhafato de meus pecados com a idéia de uma revolução no dia 25. Os ânimos estão tão excitados que se nesse dia, e na reunião para a inauguração da estátua — houver um sôco, pode bem ser que a coisa pegue.

Adeus. Muitas saudades do

Teu mano e Amigo

G. Dias

Rio, 23 de março de 62. I. H. G. B.

214

Amigo Mota [João Pereira da Costa Mota]

A bordo do Grand Condé.

Não sei se chegarei a Marseille, porque me sinto ir caindo aos pedaços.

Diga ao Capitão que no caso de morte, *quod Deos avertat,* disponha como lhe parecer da minha bagagem. Só tenho de preço um relógio com as iniciais — J. H. X. M. e uns 200$. Diga ao Cônsul em Marseille, que recolho e lhe mando isso, assim como papéis e manuscritos — que o Capitão lhe entregar.

O relógio é para o *Telasco* filho do Segundino. O que fôr cartas queime. O resto da bagagem, que é roupa, eu digo ao Capitão que a dê a quem lhe parecer.

Mais um abraço e adeus
do seu

G. Dias.

21 de abril [1862]

B. N.

215

Ao Ministro José Marques Lisboa (*)

Cheguei a 14, e vejo-me desde já forçado a ir importunar a V. Exª.

Sofrendo do fígado e do coração embarquei no Rio de Janeiro a 7 de abril para vir ao Maranhão tratar da minha saúde; porém no mar a minha moléstia se agravou por tal forma, que chegando a Pernambuco tomei o primeiro navio que saía para França. Passei pois de bordo do *Apa* para o *Grand Condé* no dia 20 d'abril, e aqui chegamos com 55 dias de viagem.

Marcaram-nos ao princípio 5 dias de quarentena, depois 7 que se findariam amanhã, ùltimamente ordenam que antes de se conceder prática ao navio proceda êle à sua descarga, negócio de mais vinte dias, e que nesse intervalo fique o passageiro, pois sou o único, de quarentena, e isso porque em viagem e há perto de dois meses atrás morreu de cólica um marujo por imprudência de não querer agasalhar-se com o mau tempo que fazia.

Ora em Marselha não há Lazareto, não há uma choupana para receber os passageiros de quarentena e com as comodidades que exige o meu estado.

(*) Ministro Plenipotenciário do Brasil na França — 1851 — 1866.

Mandei ao Diretor da Saúde o meu passaporte, no qual se dizia que vinha para tratar da minha saúde — e o atestado do médico no qual se diz qual é a enfermidade, que é incompatível com o menor germe de febre amarela, porque a existir já se teria manifestado de modo fatal.

Pedi-lhe que a não ser possível o meu desembarque, me fôsse permitido tomar qualquer vapor, que saísse de Marselha, para portos do estrangeiro.

Vou piorando de dia para dia, e perdendo todo o benefício que me fêz a viagem, porque não posso seguir meu tratamento, sem facultativo nem os medicamentos precisos, nem cômodo a bordo do nosso navio em descarga e cheio de desinfetantes!

Esta minha carta tem por fim rogar a V. Exª se digne dizer duas palavras a meu respeito, ponderando que depois que parti de Pernambuco já saíram dali dois paquetes da companhia carregados de passageiros que chegaram a Bordeaux, sem que a febre amarela se tenha manifestado. Se há diferença entre os que navegam a vapor ou à vela, deve ser neste caso em favor dos últimos que têm muito mais dias de viagem.

Considerando que tenho quase dois meses de viagem — que a resposta de V. Exª por breve que seja não me poderá fazer sair com menos de 8 ou 10 dias de quarentena — que não há Lazareto em Marselha, que o passageiro nada tem que ver com o porão do navio, se acaso alí existe algum foco de infecção — que não parece humano deixarem-me sem recursos com a moléstia que sofro, eu rogaria a V. Exª de ver se é possível, ou que se me dê desembarque, ou que se me permita sair de Marselha para ir tratar da saúde fora dela.

Sou de V. Exª, etc.

Antonio Gonçalves Dias.

Marselha, 20 de junho de 1862. B. N.

Cópia

216

Paris, 7 de julho de 1862.

Amigo Vasconcelos [José Vasconcelos]

Graças a Você estou na Europa! não bom de todo, mas muito melhor.

Devo partir quanto antes para as águas de Vichy, para onde me mandam os médicos.

Já vê que cheguei muito melhor; mas o ventre e (coisa notável) a cabeça ainda estão um pouco inchados. Estou magro como um espetro, sem fôrças mas sinto-me melhor e posso andar.

Antes de partir, porém, preciso esperar cartas, porque penso que todos já me não contam no rol dos vivos!

Graças às suas recomendações devo muitas atenções ao capitão do *Grand Condé*. Mas, dois meses de viagem! e 13 a 14 dias a passar a linha!... Quase fico no mar; mais dois ou três dias de calma nas costas do Brasil... e *era uma vez um poeta...*

Seu do Coração

G. Dias.

B.N.

Cópia

217

Vichy, 5 de agôsto de 1862.

Amigo A. Henriques

Escrevo-te em papel bonito, a ver se te não zangas muito comigo.

O Segundino me escreveu dizendo-me que só mais tarde lhe poderias mandar dinheiro. O que devo ter de saldo em tua mão será segundo suponho, bagatela tal que não vale a pena tratar-se disso. Tanto mais que estou endinheirado — talvez para um ano, se não fizer muita asneira.

Quero ver se pelo próximo paquete francês te remeto os autores para as nossas traduções. O Ferdinand Denis está publicando o Ives d'Evreux, o que é uma fortuna, visto que dessa obra só consta existir o exemplar de que êle se serve para a sua reimpressão.

Agora — o que mais importa, e que me embaraça sofrìvelmente.

Não sei se foi em Maranhão que deixei umas poesias, de que ia fazendo coleção e assim também a primeira metade da tradução da *Noiva de Messina.* conclui a tradução em viagem, e pôsto que se ressinta do estado em que me via quando a concluí, — ainda assim pode servir.

Se por lá deixei isso, preciso, não do original que se pode perder, mas de uma cópia que terás a bondade de tirar ou de mandar tirar. Nesse caso, remete-as para o Segundino, no Rio, — ou para Antônio Marques Soares, em Pernambuco.

Se ficaram no Rio, darei ordem, ou antes vou dar por êste mesmo paquete para que mas remetam.

Sôbre o meu estado, continuam as melhoras; mas a voz é que não quer voltar. Estou com uma voz fraca e surda que a mim próprio me incomoda; por isso também falo o menos que posso.

Não sei ainda onde irei passar êste inverno; provàvelmente onde se me oferecer mais facilidades para as minhas impressões. Enquanto trabalho para o Govêrno, dou em negociante de livros. O negócio dava-me para passar, se os tais livreiros não fôssem uns malandros entre nós. Verdade seja que cá e lá más fadas há: o que é de certo uma grande consolação, porque ao menos vê-se a gente roubado por todos os lados.

Adeus — como estão os teus pequenos?

Lembranças a tua Sr[a] e Sogra, e a teu pai, e família.

Um abraço e muitas saudades do

Sempre teu do Coração

G. Dias.

I. H. G. B.

218

Vichy, 5 de agôsto de 1862.

Amigo Capanema

Tenho proibição de escrever muito. Começo por aí para que te não queixes e não me suponhas engolfado nas delícias de Capua. O que estou é afogado em banhos termais, e de ácido carbônico, douchez e beberagens que a Ana Teresa esguicha no seu laboratório por 6 o u 8 orifícios, em Vichy. Sinto-me muito melhor, é quanto posso dizer. Também o efeito destas águas é lento e só daqui a três meses é que sentirei todos os seus bons ou maus resultados. Sinto-me fraco e sem voz, e com disposição para criar carnes, pois que já não tenho mais do que peles e ossos.

Não escrevo ainda nem ao Conselheiro, nem ao Govêrno, e isso por uma razão muito simples é que mal posso comigo. Tenciono trabalhar êste inverno como um desesperado, e não convém perturbar a marcha do tratamento. Desconfio que cá por dentro desta humanidade há o quer que seja que estalou: quero verificar isso. O Médico diz-me que é coração deslocado: pode ser, mas também pode ser que arrebentasse a bexiga do fel. Nesse caso ponho-me a fazer pastéis em verso — com açúcar por cima.

Notícias acharás nos jornais. As beatas estão zangadas com o casamento do rei de Portugal. Uma delas diz: Comment donc?! Ce jeune homme vá se marier avec cette *pie*... *voleuse* etc.

Acho melhor imprimir aqui as traduções de poesias. Preciso de imprimir o grande diabo e o pequeno também, a fim de ajuntar dinheiro. Ajuntar —

não digo bem. Ignoro as intenções do Govêrno a meu respeito, e antes de me resolver a ir plantar couves o que me é soberanamente indiferente, quero ver se tenho saída por outro caminho, embora estreito e difícil. Os meus livros é que me fazem muita falta; mandá-los vir, não posso; d'abord por que a minha vida não está assentada, e depois por que os fretes custam caro. Não poder consultar a coleção do Instituto e a nossa Biblioteca é uma perda irreparável para mim. Se de mais a mais não tenho a mão os meus livros e papéis — estou de pernas quebradas. Enfim, verei se as muletas têm algum préstimo.

Adeus. Muitas saudades aos teus, e um abraço do

Sempre teu do Coração

B. N.

G. Dias

219

Paris, 23 de agôsto de 1862.

Amigo Capanema.

Vi nos jornais que eu tinha morrido, li as minhas necrologias! Estou morto! Não há dúvida mais certa. Atiraram-me às ondas. O oceano é o único túmulo digno de um poeta, que não foi muito d'água doce. Deus lhe fale n'alma. Requiescat in pace.

Se eu tiver tempo e pachorra, sempre escreverei duas linhas para algum jornal. Eu tas mandarei com esta.

Estou melhor depois da minha morte. Aconselham-me os banhos de Marienbad: partirei um dêstes dias para a Alemanha. Em podendo começar com trabalho, vou cuidar da impressão das minhas obras póstumas.

Como vão as publicações da Científica? e o Fleuiss! Anda ou desanda? Convém que êles se não descuidem das minhas estampas por uma infinidade de boas razões.

Não te escrevo muito, por que estás um preguiçoso intolerável.

Não posso ainda desta vez escrever nem ao Conselheiro, nem ao Govêrno, nem ocupar-me de negócios.

Lembranças a tua Srª — aos teus dois anjinhos e um abraço do

Sempre teu do Coração

G. Dias

B. N.

220

Paris, 23 de agôsto de 1862.

Amigo Teófilo

É coisa inapreciável andar a gente morta entre os vivos!

Bem devia eu desconfiar de alguma coisa semelhante, quando via todos olharem-me de certo modo, como se eu acabasse de chegar de *Orizaba*, no México, ou dos Campos Elíseos, no Paraíso!

Morto e amortalhado em uma grande fôlha do *Jornal do Comércio*, com ares de quem recita o — *Ó vós omnis qui transitis, etc.*, — mesmo êstes superficialíssimos franceses deviam olhar-me como coisa muito séria! Já me não admiro de nada.

O coitado do negociante de Marseille não tem desculpa. A quarentena do *Grand Condé* custou-lhe aí uns vinte mil francos (cêrca de 7:000$): ora um negociante que perde vinte mil francos se enternece a ponto de chorar até pela morte de um poeta. Pobre homem! Eu imagino a dor que êle teve com êsse prejuízo, pela choradeira e lástima do meu passamento. Havia de ser coisa para derreter penhascos.

O fato é que entre as singularidades da minha vida terei de mais a mais o prazer singular e esquisito de ler as minhas necrologias.

V. não se esqueça de recolher tudo o que tiver aparecido nesse gênero e mande-me. Quero fazer um álbum — uma caveira, dois fêmures em cruz, e por legenda — História de minha morte.

V. tem razão. Os ditados representam a sabedoria das nações multiplicada pelos séculos da criação do mundo.

E mesmo, quando assim não fôsse, é claro que só se morre uma vez. Ora, eu já morri, não tenho mais que morrer. Resta-me agora viver desencadernadamente até a consumação dos séculos.

Suponho que irei passar o inverno na Alemanha, porque me recomendam os banhos hidroterápicos de Marienbad.

Vichy fêz-me bem, mas a moléstia já estava muito adiantada, e não estou de todo restabelecido, mas não obstante estou engordando.

Adeus, dê-me notícias suas, e creia que, apesar de necrologiado, conservo os mais sinceros e vivos sentimentos de amizade a seu respeito.

Do seu do Coração

O falecido G. Dias.

B.N.

Cópia

221

Paris, 23 de agôsto de 1862

Amigo A. Henriques

É mentira! não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais — Non omnis moriar! — como diz o mestre Horácio.

Tenho jornais do Rio, Bahia, e Pernambuco, que me emprestaram, e segundo todos êles — Mortuus est pintus in casca!

E necrológios então?!... Um colega escreveu:

> Deus num acesso d'amor,
> Ao poeta soberano,
> Deu-lhe por berço o equador
> E por túmulo o oceano!

Fichtre! Trata-se da minha defuntíssima pessoa! Passa fora!

O caso é que depois do meu infausto passamento, vou passando sem maior novidade. Aconselham-me que vá para o estabelecimento hidroterápico de Marienbad. Partirei breve. No entanto, escreve-me, quando não tiveres muita preguiça para qualquer das nossas Legações em Paris ou Bruxelas.

Desejo muito a coleção mais completa que se puder arranjar de notícias fúnebres, necrologias etc. o que se tiver publicado acêrca de minha morte. Corta o que me disser respeito, escreve à margem o nome do jornal, dia e lugar da publicação, e sobrescrito com tudo isso para minha falecida pessoa. Quero fazer um álbum-negro.

Lembranças aos teus, dá-me notícias tuas, e se não tens mêdo d'almas d'outro mundo, aceita um abraço

Do teu do Coração

G. Dias

B. N.

222

Agôsto. 1862

Sr. José de Vasconcelos, diretor do *Jornal do Recife*

Li no seu acreditado jornal, em um dos números do mês passado, a infausta notícia do meu prematuro falecimento.

Se de qualquer conhecido ou amigo meu me anunciassem tão desgraçado acontecimento, eu me encheria de profunda mágoa, e pronunciaria algumas palavras de comiseração segundo os estilos dessa — não vale, senão pròpriamente — bola de lágrimas. O negócio, porém, é mais sério: não se trata do meu vizinho Ucalegon que arde, sou eu próprio que por um lance caprichoso da fortuna, me vejo reduzido a terra e pó e cinza e nada. Posso asseverar a S. Sa. que o meu amor do próximo não é de tal quilate que eu sinta mais a morte de outro qualquer do que a minha própria. Ponho a

modéstia à parte, e concordo ingênuamente com todos que isso foi grandíssima perda para o orbe terráqueo em geral, e para a minha pessoa em particular. Diria mesmo — grandíssima, porque a extensão da perda bem pode tolerar uma exageração gramatical de superlativo!

Todavia êsse infeliz anúncio não me apanhou de todo desapercebido, tão certo é que as más notícias voam. Ainda o vapor que trouxe as malas do Rio se achava fundeado no Tejo, e já em Paris, quando alguma vez me acontecia sair, olhavam-me todos com curiosidade e admiração, e como que queriam perguntar-me as últimas notícias da *Orizaba* do México ou dos *Campos Eliseos* ou do *Paraíso*. Hoje compreendo o que foi. Deveria ter seguramente a minha fisionomia o quer que fôsse de extracomum, de sepulcral como a de D. João de Maraña acompanhando o seu enterramento com desleixo.

Mas D. João era um réprobo, e eu não fui senão um pecador da espécie comum, com o defeito de tratar sèriamente das coisas sérias.

Foi êsse o motivo por que estando eu convidado para uma reunião, no dia em que me chegaram as malas do *Navarre*, deixei de comparecer por parecer-me desatenção comigo, e carência de dignidade mortuária, o apresentar-me em público no próprio dia em que recebia a notícia do meu falecimento.

Não, Sr. — Retirei-me ao meu aposento, tranquei portas e janelas, fiz noite e pus-me de nojo. Vi porém com certo pasmo que não se apressavam a desanojar-me, e isso me começou a enjoar. E de repente... por um movimento maquinal, quis bater com a mão na testa a modo dos vivos! — voltavam-me em charrua as idéias inatas: percebi com os olhos do espírito que eu não podia lògicamente ser desanojado, visto que o morto era eu em pessoa!

Ora à semelhança desta, me tem acontecido uma infinidade de displicências, de sensaborias que tornam a morte tão aborrecida como a própria vida. Já pela terceira vez repetia a minha memória de cabo a rabo os *Elementos de Civilidade*, que na minha infância me puseram nas mãos, e que por castigo me fizeram copiar, e decorar tantas vêzes. Pois neste livro precioso, nesse código da gente bem nascida, acabo de descobrir lacuna irreparável = o capítulo = de como se hão de portar os finados que se divertem em passar por entre os vivos. Não sei, por exemplo, se como bom cristão devo encomendar alguma capela de missas por minha alma; não sei se devo trazer fumo no chapéu, porque parece que há para isso maioria de razão; não sei enfim se me será permitido fazer versos profanos com a restrição mental de algumas aleluias para penitência dêste pecado venial. Em suma nada sei, estou no reino das sombras. Ainda ontem encontrei-me com D. João de Maraña, que anda cá por cima de Herodes para Pilatos, mas sempre tão endiabrado que o não querem receber em parte alguma.

Perguntei-lhe de que modo se tinha êle saído dêstes mil e um embaraços, e o nobre hidalgo.

Responde-me com gesto irado

Como quem da pergunta...

— No me hable usted desso, hombre, que me dá fastidio!

Tôdas estas contrariedades me vão enfastiando por tal modo que eu daria com o basta à própria morte, à inamolgável, à fatal, à descaroável morte, se para isso me não fôsse de absoluta imprudência dar um desmentido a jornais tão conceituados como o seu, e sobretudo se não fôsse preciso renunciar aos efeitos da bondade divina que me concedeu a graça especial, com que poucos dos seus eleitos se têm benzido, de ler as minhas necrologias, de admirar-me do grande homem que fui no século, sem me sentir.

Mas a propósito de necrologias é justamente a êsse respeito que me dirijo a S. Sa. porque quanto à minha morte já passou em caso julgado, ficariam prejudicadas as reclamações. Permita-me S. Sa. dizer-lhe com a franqueza de quem já não tem contemplações com êste mundo, que o seu artigo necrológico foi de uma parcimônia, de uma somiticaria, de uma avareza inqualificável.

Como! Pois nem ao menos depois de morto me permite S. Sa. que eu tenha no seu jornal mais espaço, de que ocupei no mundo em que vivi?! Então de que serve deixar-se a gente morrer? Por muito pouco exigentes que sejamos nós outros os defuntos, isso só bastaria para nos ressuscitar à fôrça de pura indignação.

Tacit indignatio vivos.

Sempre supus menos mesquinheza da sua parte em favor de um colamorador do seu jornal. Supus que generosamente econômico, S. Sa. me concedesse ao menos uma página tôda inteira para mim só! — aos lados umas tarjas pretas, no alto um *hodie mihi,* coroado dessas lágrimas que se vêem nas cartas de convite a entêrro da côrte com uma forma tão esquisita quanto parece que cheiram mal. Mas é moda, e os meus restos mortais se enterrariam sem dúvida com essas três lagriminhas de pós de sapatos, arrojadas à feição de pão-de-açúcar. Mais em baixo um *Ecce-pacit!* e no corpo da página nos tipos chamados *Cícero* (invocação simbólica à deusa da eloqüência!) muita cousa bonita, verdades de epitáfios e os merecimentos que teve, e os que não chegou a ter por falta de tempo, e que não morreu do fígado, por que sempre foi uma pomba sem fel, mas sufocado por uma súcia de timbiras que se lhe atravessaram na garganta, e outras delicadezas a êste modo, tôdas tocantes, sentimentais, patéticas, de fazer rebentar em água os paralelepípedos da rua do *Ouvidor!* Bem em baixo um *Domino plaudo,* para variar êsse *requiem eternam* que já fatiga, e no fim Gonçalves Dias.

Cante-me disso! Assim qualquer cristão se pode deixar morrer, e menos descontente embrulha-se na sua mortalha-cartaz e deita-se no sepulcro à espera do dia do julgamento final.

Se a um coração tão bem formado como o de S. Sa. eu fôsse porém citar exemplos dêsse mundo, eu lhe lembraria daquele honrado negociante de Marselha, dono ou proprietário do *Grand Condé*, que apesar do G e C (tem três metros!) foi pôsto de quarentena como um simples borda d'água que tivesse na proa a figura de ninfa, aclavancada pelo capataz dos carpinteiros da ribeira! Em desrespeito aos grandes homens históricos da França custou ao pobre diabo nada menos de 20.000 francos, e é bem sabido que um negociante que acaba de sofrer um prejuízo dêsses é capaz de atos do mais inexplicável desespêro, e chega até a lastimar a morte de um poeta!

Assim, matou-me, mas tem desculpas: sem condoer-se dos meus respectivos infortúnios, êle se lembrou de mim, espalhou no meu sepulcro goivos fúnebres, coroou-me a gélida fronte de perpétuas imarcessíveis com lamentos e suspiros arrancados de uma alma pasmada de esvoaçar pela primeira vez sôbre campos da poesia. Fi-lo poeta com a minha morte. Pobre negociante! Foi o derradeiro entremez da minha vida. Deus me perdoe! como perdoa também a S. Sa. o seu defunto amigo

Gonçalves Dias

B.N.
Cópia

223

Mana do Coração [Joana Gonçalves Dias] *

Vichy (França) de agôsto de 1862.

Como mais velho dos nossos irmãos, quase que bato a bota! Uma moléstia de fígado acompanhada de fortes palpitações de coração, e de inchação por todo o corpo, desencadeou-se sôbre a minha pobre humanidade, quando eu voltava para o Maranhão, como uma tempestade. Sempre julguei que me lançariam ao mar com uma pedra ao pescoço para evitar despesas de entêrro. Felizmente resisti até chegar a França, e agora estou melhor, — ou antes estou salvo. Todavia, só poderei obter restabelecimento completo, mais tarde. Carecerei de pousar, pelo menos mais um ano em França ou na Europa. Voltar já, já seria sujeitar-me a uma recaída sem remédio.

Não sei ainda como arranjarei os meus negócios; porque deixei ir tudo pela água abaixo. Hoje que já a minha cabeça vai tornando ao seu antigo lugar, preciso de cuidar disso. Mas é cousa que só se pode fazer com muita demora, visto depender de cartas que devo escrever para o Brasil e de esperar respostas de lá.

(*) Irmã de Gonçalves Dias, por parte de pai. Casou-se com Odorico Antônio de Mesquita e foi mãe do poeta Teófilo Dias de Mesquita.

Como vai o teu Manuel? — Já voltou para o Maranhão? Diz ao Odorico que as mesadas dêle ficaram pagas, se faltar alguma coisa, isso são contas minhas que eu liquidarei depois. O colégio para onde eu desejava que êle fôsse é do irmão do Dr. Leal — Pedro Nunes Leal. Se êle voltou para o Maranhão, como espero que terá ido, há de estar nesse colégio. Está aí muito bem, porque o Pedro foi meu condiscípulo em Coimbra, e ainda hoje é um dos meus bons amigos. O Manuel estará aí como em tua casa.

Adeus, dá-me notícias da tua saúde, dos teus meninos e de todos os nossos. Aceita um abraço do

Teu do Coração

Antônio

B. N.

224

Amigo Capanema

Dresde, 20 de setembro de 62.

Estou melhor e não acabo nunca de ficar bom. O Sampaio passou por Paris e rebocou-me para Dresde, onde vim para tomar banhos hidropáticos. Há um belo estabelecimento dêsses, aqui perto, em Schweizermüller, nas imediações de Königstein, Suiça Saxônia. O outono tem corrido bem, mas já começa a fazer frio, e como me dizem que o princípio do inverno é o melhor tempo para tais banhos, por êstes dois dias parto para Schweizermüller.

Não me tens escrito há muito tempo nem tu, nem o Macedo. Não sei como vão os meus negócios por lá, nem que resolução devo tomar. Já to disse. Se puder ficar por cá, ficarei, e verei se ainda sou bom para alguma coisa. Ora para ficar, ser-me-ia preciso ou uma licença para trabalhar aqui com ordenado suficiente para não pensar muito em dinheiro, — ou que me dessem um lugar qualquer. Êsse lugar é que é a coisa.

Todavia o Rocha, nosso Cônsul em França, desejaria retirar-se, se lhe dessem no Brasil um lugar equivalente ao seu. O meu lhe poderia servir. O Cônsul de Hamburgo está morrendo, dizem-me, para servir em França, e o lugar de Hamburgo me conviria. Mas infelizmente isso não se arranjará tão cedo; e eu mesmo nem ao Rocha falei, estando com êle muitas vêzes.

Em suma — que se arranjem os meus negócios de qualquer modo que seja, ou que não tenham nenhum arranjo, que eu fique até me restabelecer, ou que me vá para o meu Maranhão, tudo me é altamente indiferente. Sòmente no caso de ficar, desejaria que me mandassem os meus livros e papéis, que deixei no Rio: os do Maranhão, virão mais tarde. No caso de haver de me retirar, desejaria sabê-lo também. Com moléstias o dinheiro voa, e a ter de pedir esmolas, prefiro pedi-las aos meus e na minha terra.

Assim, pois, peço-te muito que não te esqueças de me avisares em tempo do que se decidir a meu respeito. Em caso de dúvida, quando apareçam dificuldades, delongas e êsses mil embaraços que sobrevêm, quando se não quer servir, dá de mão a tudo, e o Macedo que faça o mesmo.

Deixemos de parte êstes aborrecimentos.

O Pôrto Alegre está em Viena, não o vi; mas a família. D. Paulina está menos mudada do que a Sinhá. A velha vai bem. O Paulo está alemão por 3/4. A mais nova está uma mocetona de trus. Todos vão bem e começam a afazer-se à terra, pelo que me pareceu.

Ah! Já me esquecia.

Na primeira remessa de livros que o Garnier receber da Europa, ou que já terá recebido quando esta te chegar às mãos, vai uma remessa de não sei quantos centos de exemplares do *Cantos* meus que o Irmão em Paris me disse com tôda a sem-cerimônia, que tinha ordem de lhos mandar. Depois do meu anúncio parece que isso não deveria mais ser permitido; mas êsse senhor conhece melhor do que nós, a polícia do Brasil.

O Schulze (lembras-te dêle?) está tratando da impressão dos seus trabalhos. Diz-se que êle só se ocupa de matérias científicas. Se assim fôr, será um dos poucos de quem em vez de agradecimentos, não tenhamos descomposturas. O hábito da roca que lhe deram servirá ao menos para que êle *generosamente* nos poupe com o seu silêncio. Em todo o caso, quando me escreveres, diz-me que asneiras fizemos em favor dêsse Ilmo. Alferes.

Adeus. Muitas lembranças a D. Amélia, e aos teus dois anjinhos. Estás em véspora de 3?! Ao menos queira Deus que não seja fêmea. Lembranças a tua sogra e aceita um abraço e muitas saudades do

Sempre teu do Coração

G Dias.

Se me escreveres, seja sempre para Bruxelas ao cuidado do Mota, — a Paris — Legação do Brasil — Londres — idem — ao cuidado do Visconde de Carvalho — como quiseres. Dá-me notícias do folheto da Comissão, e do que mais se tem feito. E os desenhos do Fleiuss?

B. N.

225

Amigo Pôrto Alegre

Schweizermüller não sei quantos de setembro [1862]

Aqui estamos, — frio como rabo de gato; o médico compadeceu-se de mim e mandou-me começar com banhos tépidos. Enquanto o pau vai e vem folgam as costas.

Os passeios são belos e variados, há magníficos pontos de vista, enfim já se está na Suíça Saxônia que V. terá já visitado.

A viagem é agradável, mas longa. De Dresde à Königstein 3/4 de hora pela Posta. De Königstein até aqui hora e meia: é comprido para quem quer vir e voltar no mesmo dia. Vim com o comboio das 3/4 para 1 da tarde. Não sei se haverá mais cedo de lá para cá, ou à noitinha, daqui para lá. Se não houver correio a essas horas, e V. apesar de tudo quiser sempre vir, resolva-se a passar cá a noite. Há aqui hospedaria tolerável.

Não há diligência nem ônibus de Königstein para cá; porém carruagens que fazem êsse trânsito a trôco de 2 1/2 táleres. Suponho que o preço para vinda e volta será o mesmo, com pouca diferença. Qualquer dos serventes do caminho de ferro se encarrega a trôco aí de 2 grosches de ir ver o carro, e trazê-lo a saída da estação.

Já se vê que isto é só viagem para se fazer, quando V. se quiser maçar e distrair ao mesmo tempo.

Lembranças a sua gente. Se escrever para o Brasil pelo paquete inglês dê notícias minhas ao Capanema e Macedo. Desta vez não escrevo.

Um abraço do

Seu amigo do Coração

B. N.

G. Dias.

226

Amigo Capanema

Graças a Deus. Três cartas tuas de pancada! O tratante do correio de Paris esperou que eu de lá saísse para ter o gostinho de mandar-me avisar que a Seção posta-restante estava atravancada de cartas para mim. Era aí um cento delas, que me escrevem de todo o Brasil.

Sabes que estou com os banhos frios — três por dia, e nesta estação, e neste país — estou á dar parte de pronto só para me escapar dêste infernal tratamento.

A minha convalescença será demorada pelo que vejo: a voz não voltou, a tosse continua, e lá de vez em quando algumas sombras de vertigens. O pior é que me aconselham de evitar todo o trabalho intelectual. Escrevo-te pois as carreiras — e pouco. *O mais fica para outra vez.*

Não posso ainda escrever ao Freire nem ao Ministro, nem a Instituto, nem a Ninguém.

Só pelo próximo paquete responderei ao Fleiuss. Diz-lhe isso. As estampas o teu instrumento etc. estão na Legação em Paris. Já os mandei buscar e espero de os receber qualquer dia.

Desejaria também agradecer a S. M. por causa da Sessão do Instituto. Penhorou-me infinitamente aquêle ato, e eu não sei como lhe agradeça. Nos Manuais diplomáticos e nos Secretários modernos (apesar de serem do século 18) não acho o modêlo para esta *espécie*.

Desculpa-me que não posso ser longo, e só te escrevo para te não deixar de escrever.

Como vão as tuas pequenas? E minha comadre? Lembranças a todos e ao Silveira e Pertence, Muzios & Cia.

De Pernambuco mandaram-me o temível discurso do Saldanha sôbre as Alfândegas! Bater assim, e nunca as mãos lhe doam.

Aceita um abraço do

Teu do Coração

G. Dias.

B. N.

Dresde, 23 outubro 62.

227

Amigo A. Henriques

Depois dos banhos de Vichy — vim para os afamados estabelecimentos hidroterápicos da Alemanha. Acho-me num logarejo perto de Saxe e proibido de escrever, de ler, de ocupar o espírito de qualquer modo que seja.

Vê se tomas um correspondente em Pernambuco. Do contrário te queixarás, sem razão, de falta de cartas minhas.

Espero poder escrever-te mais longamente pelo próximo paquete francês — e nessa ocasião Rêgo e Pedro terão o seu quinhão.

Como não sei que tempo me demorarei por aqui, escreve-me para Paris ou Londres — Legação do Brasil.

Lembranças aos teus e nossos amigos e aceita um abraço do sempre teu — ainda depois de morto

G. Dias

I.H.G.B.

Dresde, 23 de novembro de 62.

228

Amigo A. Henriques

Dresde, 21 de novembro 62.

Parece que também me fiz médico, por que também te não escrevo senão ás carreiras.

Vou indo, nem bem nem mal; mas felizmente com o espírito tranqüilo, que é o essencial. A voz foi-se, a tosse não quer ir-se, — um pouco de fraqueza, e uma dorzinha na espádua direita que me ficou como um ponto de interrogação sôbre o meu fígado. Sòmente os banhos de Carlsbad me poderão atirar com isto para fora. Não estou ainda muito em estado de trabalhar: mas vou sempre fazendo alguma cousa, pôsto que pouco, sem muito prazer e com largos intervalos.

O meu impressor creio que se quer portar como um Catão. Dá-me tôdas as facilidades para as minhas impressões — presentes e futuras — isso não muito caro e a crédito.

Vou reimprimir os meus *Cantos*, pois que me estão roubando no Rio.

Depois continuo com a impressão das traduções em verso — (o 2.° volume). O primeiro deve ter já aparecido no Rio. Infelizmente os meus papéis me fazem muita falta.

A *Noiva de Messina* sará também para fora, querendo Deus. Essa é tua: podes tomar nota do oferecimento.

Não sei por que via me remeteste o *Tancredo*; não tenho notícias dêle. Vê quem o mandou e como. — Devo dizer-te que o Vice-Cônsul do Brasil em Bordéus tem ordens de receber o que me vier e de o remeter ao nosso Cônsul em Paris. Êsse meio é seguro.

Tenho projetos de um horror de cousas, se me voltar a saúde; mas todos tão colossais que eu próprio desconfio que ainda aí anda moléstia.

Dei já há muito tempo ordem para que se comprem e remetam as obras que temos de traduzir. Êles lá te irão ter mas com alguma demora, — em todo o caso partirão antes do fim dêste ano, segundo me prometem.

Não sei bem como andam os meus negócios pelo Rio, e também não me importo muito com isso.

Tem-se ali tirado muitas estampas de objetos — caboclos para a minha obra.

Escreve-me e dá-me notícias tuas e dos nossos amigos. Se escreveres ao G.U.dA. Braga dá-lhe recomendações minhas, e que lhe escreverei, logo que poder.

Já viste a «Urânia» do Magalhães?

O Pôrto Alegre está fazendo coleção das suas poesias.

Adeus. Lembranças aos teus e aceita um abraço do

Sempre teu

G. *Dias*.

I.H.G.B.

229

Amigo Capanema

Dresde, 21 de novembro de 62.

Muitos e muitos parabéns pelo nascimento do teu Morgado. Vejo pela tua carta que estás contentíssimo com êle, e tens razão. Se não fôssem essas pequenas criaturas que pesam tão pouco e que tanto enchem o coração e a vida do homem, a comédia humana seria ainda mais triste do que é na realidade. Deixá-los vir com a benção de Deus e felicita da minha parte a minha Comadre. Sempre a tive por uma senhora de muito juízo, e a prova aí está.

Quanto a mim por aqui me vou arrastando: a voz não quer voltar e a tosse não se quer ir. Não será nada, por que os pulmões nada sofrem; mas perturba-me o sono e cansa-me sofrìvelmente.

Já te disse que o Brockhaus parece querer emendar a mão pelo que me diz respeito. Posso imprimir 4 volumes e mais se quiser, sem lhe dar dinheiro senão no fim do ano próximo. Ora, como êsses volumes devem estar prontos em junho, tenho 6 meses para ver o que rendem e por-me em estado de saldar essa conta para começar *nova vida* e nova lida.

Reimprimo as minhas poesias, e aproveito uns dois ou três desenhos do Fleiuss que são ótimos — 2 volumes.

O 2.° volume das traduções, de que já lhe mandei os primeiros manuscritos.

O 4.° não sei ainda o que será. Dramas? — *A Noiva de Messina?* — Novas poesias? — Não sei. Qualquer dessas coisas, depende da chegada dos meus livros. E a remessa de meus livros que aliás me vão fazendo uma falta de 15 mil diabos, depende do modo por que se arranjarem os meus negócios por lá.

A propósito de meus negócios, parece que na Secretaria do Império se entende que eu estou desligado da Comissão Científica e reduzido á magra sopa da Secretaria de Estrangeiros. O meu correspondente nada me diz a êste respeito; mas do Império me escrevem nesse sentido.

Dos meus projetos te escreverei logo mais largamente. É cousa que te ando prometendo por todos os paquetes, sem que me tenha sobrado espaço ou fôrças para isso. Escrevo aproveitando uns intervalos que me deixa para respirar mais livre uma dorzinha na espádua direita que aí se pôs de aposentadoria, como um ponto de interrogação sôbre o meu fígado.

Pôrto Alegre e família vão bons.

O teu termômetro se está consertando. A tua máquina tenciono entregá-la ao Dr. Borja, que está de partida para Paris por êstes dias. Êle a mandará consertar em casa do fabricante — Place Dauphine.

Os jornais de Dresde têm feito barulho com a minha chegada — Amém! Decididamente me vou tornando um grande homem! Traduzi a *Noiva de Messina*. Faz idéia, o que é isto na Alemanha. Compor a *Iliada* isso não é nada, qualquer Homero faz; mas andar por meio de selvagens, e traduzir a *noiva*, isso só eu!

Adeus. Escreve-me. Lembranças aos teus. Notícias de todos e parabéns ao Burlamaqui.

Um abraço do

Sempre teu mesmo obrigado do Coração

G. Dias.

B.N.

230

Amigo Capanema

Como vai o teu morgado? Na última que me escreveste em P. S. de casa do Macedo, dizias-me que êle se achava adoentado, sendo provável que com êsse motivo também tu não andasses muito com a cabeça em seu lugar. Espero em Deus que ao receber esta já êle se ache restabelecido.

Sabes que esta gente anda-me atrapalhando o capítulo, atrás de informações da nossa Comissão. Prometi alguma cousa neste sentido ao Ferdinando Denis e a Associação Geográfica de Gotha; mas ao mesmo tempo que me sinto muito pouco disposto para fazer qualquer cousa, acontece de mais, neste caso, que eu na falta dessa espécie de relatório que publicamos no Rio, só poderia falar de mim, o que daria muito mal ver. Se eu pudesse apanhar êsse folheto, a coisa mudava um pouco de figura, e bastar-me-iam aí uns três dias de menos incômodo para encher algumas fôlhas de papel, e com elas esta grande gente escreveria volumes sôbre volumes. Veremos o que sai daí.

A entrada do inverno alterou o meu estado; mas passada esta crise espero que me irei aguentando até a estação de banhos em Carlsbad. Se êles não completarem o milagre, posso amarrar uma pedra ao pescoço, é *fiat lux* como dizia o Cônego Felipe ao apagar da candeia.

Por cá tem havido grandes novidades. O Borja pediu D. Carlota em casamento. O Pôrto Alegre, que retocava o seu *Colombo,* enquanto imprime em Viena as suas poesias sôltas, tem tido alguns ataques de fígado; mas não é cousa de cuidado.

O meu livreiro ainda se não desemburrou com as minhas impressões. Também não tem feito mal; porque, bem que eu não tenha muito a fazer, não o poderia acompanhar, por enquanto, se êle se desse muita pressa. Desconfio que êle não pegará com fôrça nessas impressões senão para o princípio do ano: que faça o que quiser, contanto que segundo o nosso ajuste, os meus volumes estejam prontos e possam partir até fins de junho. Por motivos de economia não farei edições maiores de 1.200 exemplares.

Eu tinha uma idéia de encher os intervalos do meu tempo com a impressão de traduções de obras antigas e modernas relativas ao Brasil, para o que conto com a minha rapaziada maranhense, que já me prometeu isso — e uma outra edição de clássicos portuguêses — negócio que talvez me daria dinheiro. Todavia para tentar isso sem imprudência, precisava do Govêrno; mas o Govêrno não parece que se ocupe demasiadamente com a língua portuguêsa.

Já vês que me não faltam projetos. Infelizmente êsses e outros que tenho de longa data, ficarão talvez todos no tinteiro.

Manda-me notícias tuas, dos teus, e dos amigos. Lembranças a minha Comadre, a Quêta, Amélia, e aceita um abraço do

Sempre teu do Coração

Glz. Dias.

Dresde, 4 de dezembro de 1862.

B. N.

231

Amigo Capanema

Como vai o teu morgado? No *Post scriptum* que me escreveste em uma carta do Macedo, dizias-me que êle se achava incomodado, e eu entendi que o incômodo não te parecia cousa muito ligeira, por isso que me escrevias apenas essas duas linhas, como se não tivesses cabeça para mais. Confio que ao receber desta já êle se ache de todo restabelecido e tu e D. Amélia tranqüilizados dêsse susto.

Os teus daqui vão bons — mais ou menos, exceto D. Paulina filha, que sofre de nervos, do estômago e de uma multidão dessas pequenas enfermidades de que as mulheres sofrem, quando não têm que fazer. Essa mesma vai muito melhor.

O Mursa, que daqui partiu [h]á dias e que segundo parece lá chegará com esta, te darás notícias mais circunstanciadas. Êle te levará a tua máquina, já consertada. O termômetro não estava ainda pronto, nem em Dresde se achava outro do mesmo autor para te remeter. Recebeste já os aparelhos fotográficos que encomendaste para Viena? Que tais sairam?

O Brockhaus vai lentamente com as minhas impressões: suponho que não lhe dará tôda a pressa, senão passado êste ano. Contanto que em junho esteja tudo pronto, é tudo o que exijo. Assim é possível que eu me não veja por demais atrapalhado para liquidar as minhas contas com êle no fim do ano próximo. Como se queixam do tipo da 1ª edição alemã, aumentei-o agora, e com as poesias que eu havia deixado de fora, não há remédio senão fazer dois volumes, em vez de um, para que o bacamarte não fique muito grande.

Os meus negócios por lá não sei como andam. Sòmente o Jorge, que aliás deve saber disso, me escreveu que eu tinha deixado de fazer parte da Comissão Científica. Contraria-me isso, de certo; mas enfim êles lá o lêem, lá o entendem: por minha parte, digo a tudo — Amém! Reduzido aos ordenados da Secretaria, com licenças já findas quando tenho notícia delas, não tenho coragem nem possibilidade de empreender coisa alguma. Também não estou muito em estado de me importar com isso. O que não desejo é ver-me aqui sem meios de partir nem de demorar-me. O quer que seja me é preferível à dúvida e incerteza. O meu Maranhão lá está a minha espera, e se o clima é desfavorável para moléstias do fígado, estarei ao menos tranqüilo de espírito — e isso é quanto desejo.

Escrevo pois ao Macedo como a ti agora para saber o que se decide a meu respeito, ou o que já estará decidido. O quer que seja não me incomodará senão por horas. No fim delas tomo uma resolução e fico tranqüilo. Licenças por trimestre me são inúteis daqui em diante. Ou fico ou volto — não há nisso meio têrmo e eu tenho saudades dos meus livros e papéis.

Todavia, está me parecendo que julgas muito simples, muitíssimo natural que eu volte para o Rio, e que lá me apresente com uma cara deslavada e sem vergonha. Se assim pensas, conheces-me mal. Voltar ao Rio seria procurar a morte em dois meses, em três quando muito. Não estou resolvido a semelhante asneira — por enquanto, nem queira Deus que o esteja nunca.

Ergo rosas: saindo daqui — Maranhão me fecit, e toca a plantar batatas: há profissões mais gloriosas e lucrativas, de certo; mas nenhuma há mais inocente.

Não julgues porém pelo teor desta epístola que estou cheio de idéias negras e melancólicas: pelo contrário — rio-me, se não posso falar —

divirto-me quando posso, tusso como gente, e tomo pílulas de ferro como um bárbaro — utile dulci.

Adeus — Lembranças a D. Amélia, a tua sogra, a Queta, a Amélia e aceita um abraço do

Sempre teu do Coração

G. Dias

Dresde, 22 de dezembro de 62

Neve como o diabo, mas está isto muito bonito

B. N.

232

Amigo A. Henriques

As tuas últimas cartas de 27 de setembro e outra que não acho à mão me chegaram com alguma demora, mas enfim chegaram o que prova que êstes correios por cá andam um pouco mais regulares do que os nossos por lá.

Mandei comprar a Paris os livros, que me pediste sôbre cólera, pedi a um engenheiro, nosso patrício, que em Freiberg estudava *Minas* que tas levasse, pois que partiu com o projeto de seguir por êste paquete. Escrevi ao Vasconcelos que as recebesse e tas remetesse por via pronta e segura. Suponho que as receberás dentro em pouco. Os outros relativos ao Brasil, estão encomendados [h] á dois meses ou [há] não sei quanto tempo; mas são obras raras, que nem sempre se encontram à venda. Não tem aparecido até agora.

Não sei que voltas tem dado o *Tancredo*, que me remeteste. Se êle se demora, atrapalha-me, porque não poderei concluir o 2º volume dos *Ecos d'além mar* ou traduções de poetas estrangeiros. O primeiro volume já deve ter saído à luz. O Fontenele se devia ter encarregado disso; mas até a data desta, não recebi nenhuma linha dêle.

O meu livreiro anda lentamente com as minhas impressões. Suponho que êle quererá dar-lhes todo o impulso ao entrar do nôvo ano. Por minha parte também lhe não tenho dado muita pressa, por que apesar de muito boa vontade, sinto-me ainda incapaz de qualquer trabalho intelectual e seguido.

Alegra-me o que me dizes da impressão causada pela 1ª carta do "Mundus alter". O que eu desejava é que elas não passassem desaper-

cebidas. A 2ª está pronta há muito tempo: a 3ª em comêço. As três primeiras são como uma introdução a essa série de cartas que se podem transformar em capítulos, contendo idéias gerais. Nas seguintes eu pretendia entrar em particularidades, que não suponho sem interêsse, mesmo para o vulgo profano, que odeio a quanto cheira a poesia. Infelizmente — livros, manuscritos, notas, deixei tudo no Rio, pois que mos deviam remeter para o Maranhão. Dei ordem a que mos remetessem para a Europa, logo que se pudesse conjecturar que a minha demora na Europa se teria de prolongar. Isso porém está ainda no ar; concedem-me licenças por três ou seis meses, e supõem que me devo dar por muito satisfeito com isso.

No entanto, nada posso fazer por falta dos meus papéis, e nada posso empreender na incerteza em que vivo. Veremos o que êles decidem; para mim tudo me é indiferente; aceito tudo contanto que não volte ao Rio.

O meu estado é tolerável: a prisão da voz e a tosse é o que me incomoda. Tenho ainda uns sobressaltos de coração, mas menos freqüentes do que eram e muito menos intensos. O fígado se manifesta por acessos de malcriações. Tranqüilidade de espírito é o de que careço, e isso tenho ou me esforço para o conseguir. As águas de Carlsbad farão, querendo Deus, o resto. É negócio de tempo; mas já tenho perdido tanto, que alguns meses mais pouco importa.

Como vais tu? E o Pedro? E os teus meninos? Lembranças a todos os teus e a quantos perguntarem por mim.

Um abraço do

Teu do Coração

G. Dias

Dresde, 23 dezembro 62.

I. H. G. B.

233

Amigo Capanema

Na tua última me falavas das ocorrências do Amazonas com o Peru. Veio-me logo a idéia de escrever-te uma longuíssima epístola a respeito do Peru d'aquém dos Andes — do nosso tratado de limites com aquela República etc. — Meti mãos à obra porém com tanta infelicidade que logo dois dias depois me veio notícia de uma trantada [sic] dos Srs. Garniers,

propondo o Brockhaus um convênio para acautelar seus mútuos interêsses, pelo que se refere às minhas obras! Nota que aquêle tratante tendo remetido algumas centenas de exemplares, que não podem ser lá introduzidos, achou prudente, quando me falou em Paris, demorar o ajuste do contrato feito em meu nome pelo nosso Macedo. Nada mais se passou entre nós. No entanto êle quer acautelar os seus interêsses com a venda de minhas obras.

O meu fígado tomou logo o freio nos dentes: ruminava a idéia de uma catilinária impressa do modo que êsses francelhos ainda me ficassem devendo alguma coisa. Porém resfrio-me e o negócio, conquanto nada *tenha por ora de sério, pareceu-me tampouco de brincadeira, que vim com* a trouxa para casa do Pôrto Alegre, antes que a coisa passasse a mais.

Quando te digo francamente que estou incapaz de trabalho, supões que é exageração da minha parte. Não, é possível que me restabeleça, e depois de me restabelecer, é também possível que ainda venha a fazer muita coisa que também não é muito do meu gênio estar sem fazer nada. Mas por enquanto, isso é uma imprudência, que pago caro e a bôca do saco.

Ergo — Amazonas e Garnier — ficarão para uma banda; mas não será por muito tempo. Êle que se prepare. Os livreiros têm por ofício de viver à custa dos Autores; uma vez, por exceção da regra, se não viver, quero ao menos divertir-me à custa dêle. Uma inflamação do fígado é excelente para uma descompostura aguda.

Todos por aqui vão sem novidade.

Sabes que êste paquete inglês é um tratante que leva por cada epístola — 17 grosch. — só — motivo por que vai dentro desta uma para o Macedo que lhe mandarás entregar.

Pela minha letra vês que outra vez já não vou sendo gente; mas desta feita é coisa muito ligeira.

Não me esquecerei dos teus recados, quando eu puder sair à rua. Por enquanto estou proibido disso.

Boas festas e felizeses anos a ti e aos teus; e um abraço

do teu amigo do Coração

Glz. Dias

Dresde, 4 de janeiro 63.

B. N.

234

Amigo A. Henriques

Não sei se as minhas cartas te chegam às mãos, tendo de passar por tantas estações de correios antes de irem ao Maranhão. O meio que oferece mais segurança é de as mandar sem franquia.

Não tenho passado bem, desde que o inverno se tem adiantado: apanhei um resfriamento ou defluxeira, que tem reagido sôbre o meu fígado e tosse; mas não é coisa de cuidado, visto que tenho uns pulmões de ferro. Conto com a primavera, e com os banhos de Carlsbad para de uma vez levantar a cabeça.

Não sei como andam os meus negócios no Rio: suponho que nada se tem arranjado, de modo que me seja permitido contar com uns dois anos de demora pela Europa. Talvez que ainda isso se arranje, porém mais tarde. No entanto, dá-me cuidado a bagagem que deixei no Rio: são livros e papéis, que constituem hoje tôda a minha riqueza, e que eu não quereria perder.

Dei ordem ao Norberto Lopes, meu Correspondente, que te remeta tudo o que deixei no Rio, quando êle tiver ocasião de o fazer por intermédio de um comandante amigo, a quem êle possa recomendar todo o cuidado com a arrumação dêsses caixotes, a bordo do vapor, de modo que se não avariem em viagem.

Recebendo isso, podes, e farás bem em desencaixotar tudo, para arejar, e guarda-me isso, que ainda não perdi a esperança de voltar ao Maranhão.

Sabes que o *Tancredo* ainda me não chegou?

As minhas reimpressões vão muito lentamente; nem posso dar muita pressa ao livreiro, porque também não posso ainda ter muita regularidade no trabalho.

Lembranças ao Pedro e Rego — a tua família de ambos os lados, e escreve-me

do sempre teu do Coração

G. Dias

Dresde, 20 de janeiro 63.

I. H. G. B.

235

Amigo A. Henriques

Desde o começo dêste ano que estou lutando com um indigno ataque de reumatismo, que me tem feito ver as estrêlas e esgotado a pouca soma de paciência com que Deus foi servido dotar-me. Há 2 dias que me levanto, mal posso andar de fraqueza e escrevo com dificuldade.

Assim pois, antes de partir para Carlsbad a fim de consertar o meu fígado e a ver se desaparece um resto de ascite que me ficou, tenho de ir aos banhos de *Teplitz*, aqui nas vizinhanças de Dresde, pôsto que já na Boêmia, a ver se as minhas juntas querem tomar juízo.

Os apontamentos que me pedes para a minha Biografia não tos posso mandar por enquanto. É-me dificílimo escrever. O mais que posso fazer é ir começando êsses apanhados para tos mandar em tempo oportuno.

Todo o ano passado foi perdido para mim e êste vai indo pelo mesmo teor: levanto-me da cama agora, maio passo em Teplitz. — junho e julho em Carlsbad depois, mais um ou dois meses de resguardo, lá se vai o ano!

Quando me convencer de que isto não ata, nem desata, tomo uma resolução e adeus. Vou-me para o meu Maranhão = até que os tempos mudem, se mudarem.

Escuso dizer-te que as minhas impressões ficarão paradas com a minha moléstia. Causa-me isso um transtôrno de mil diabos — ainda agora; mas não lhe posso dar jeito.

Adeus, dá-me sempre notícias tuas e da tua gente. — Lembranças ao Pedro e aos nossos amigos e aceita muitas saudades

do Sempre teu do Coração

G. Dias

Dresde, 21 de abril 63.

I. H. G. B.

236

Meu caro Sr. F. Denis

Desculpe-me não ter ainda cumprido com o dever de procurá-lo. Não tem sido negligência, mas quase impossibilidade. Apesar de falar no ouvido aos cocheiros, êles, ou não me querem, ou apesar de boa vontade, não me podem compreender. Prefiro esperar algumas melhoras na minha voz: o tratamento em que já entrei, e a estação que continua a correr favorável, hão-de trazer-me isso, mais dia, menos dia.

Tratarei então, e com infinito prazer, de reparar esta falta. Mandei buscar a *História* de A. Herculano. Temos portador lá para fins de maio, e espero em Deus que ela nos chegará a salvamento.

Recado e cumprimentos do

De V. Sª

Amº admirador e Crº

A. Gonçalves Dias.

B. N.

Sua Casa 28 de abril. [1863]

237

Meu bom Amigo [Pôrto Alegre]

Acabo de receber a sua carta de ontem, e sôbre o que me diz, dou-lhe razão: louça quebrada não tem consêrto.

O Borja estava à sua espera ou antes à espera de uma palavra sua, porque de certo não podia partir sem isso. Vai-se um dêstes dias, — é provável que tenha já partido, quando V. receber esta; mas, como V. tem tôda a razão em não querer entrar em explicações, espere mais alguns dias, *se isso lhe não faz transtôrno, até que eu lhe mande dizer que êle efetivamente* partiu.

Ainda uma palavra. Quando na minha última lhe escrevi que não *tinha ouvido senão de um lado,* exprimi-me talvez de modo muito vago. V. há de supor sem dúvida, como é fato, que êle me não poderia dizer cousas que D. Carlota, seu irmão ou V. mesmo não pudessem ouvir.

Cifrava-se tudo em queixas de indiretas que ouvia de carapuças que êle tomava para *si*. *Fiz-lhe ver que isso não era possível; mas como êle* insistisse cada vez mais de dia para dia, conclui naturalmente que assim como êle via epigramas ou o quer que fôsse em cada palavra que ouvia, ela por seu lado tinha razão para fazer outro tanto, de modo que já se não entendiam. Chegados a êsse ponto, tudo estava desfeito, quando principalmente, da parte dela a afeição, para resistir a tais sobressaltos, precisava ainda de muito tempo para se fortalecer.

Não aconteceu, por que não tinha de acontecer.

Adiante.

V. tem em meu poder 600 fr. em ouro e 2 th (que correspondem a 7f.50c — soma 607 fr. 50 c. — Mande dizer o que quer que faça dêles).

Quando ao meu estado, ainda não presto para nada: tenho as juntas dos braços e dedos como que tolhidas: talvez tenha de pagar amanhã o escrever esta carta. Se a coisa continua assim, não terei remédio senão ir passar uns 15 dias a Teplitz antes de ir para Carlsbad.

Assim pois demore-se por lá e trate da sua saúde. Eu lhe mandarei dizer com tempo o que os médicos me aconselham.

Mande-me notícias do Rio, quando as tiver.

Muitas saudades

Do Sempre Seu do Coração

G. Dias.

Lembranças ao Paulo e faça-me o favor de lhe perguntar se êle entregou a *Constituição ao nosso amigo* Castro, a quem me recomendara. — Lembranças ao Sampaio.
Desde, abril 18.63.

B. N.

238

Amigo A. Henriques

Teplitz (Boêmia), 19 de maio 63.

Não te posso escrever muito que o meu reumatismo ainda me não quer dar licença para longa correspondência. Todavia depois de uns 16 ou 18 banhos que já tenho tomado (Teplitz é recomendado para esta moléstia, como são os banhos de Bizella e as Caldas em Portugal) já me vou sentindo mais livre de dores, mais desembaraçado da prisão das articulações, e mais forte.

Daqui irei a Carlsbad, onde me encontrarei com o Magalhães e Pôrto Alegre. Veremos se o meu fígado quererá acabar por tomar juízo.

Escrevo ao Norberto e recomendo-lhe pela centésima vez que te remeta os meus livros.

Deixa estar por enquanto os objetos fotográficos. Trataremos disso mais tarde, quando o Govêrno tiver decidido alguma coisa a meu respeito, ou quando eu me vir forçado a tomar alguma resolução: — bem cedo.

Vejo o que me dizes do Pobre Luís Quadros!... Faz muito mal em querer voltar à antiga. Louça quebrada, ainda que se conserte — mesmo bem — fica sempre porcaria; mas se êle não compreende isso, é inútil fazer-lhe pregações.

Ainda não tive, nem sei quando terei tempo de me ocupar com os apontamentos biográficos, que me pediste.

O V.or escreveu-me que me tinha remetido o Tancredo. O Cônsul em Bordéus remeteu-me uma grande quantidade de porcarias, que lá tinha para mim; mas o Tancredo ficou pelas custas, por isso mesmo que não era porcaria.

Manda-me essa carta para Caxias.

Adeus. Lembranças ao Rêgo, dize-lhe que ainda estou levado do diabo — ao Pedro, a todos. Lembranças aos teus.

Do Sempre teu do Coração

G. Dias.

I. H. G. B.

239

Meu bom amigo [Pôrto Alegre]

O Cotrim, que aqui se acha, me entregou a sua carta da semana passada: não acuso a data, por que não sei por onde ela se meteu.

Não sei também quando concluirei os meus banhos; ainda sinto ligeiras dores pelo corpo, e o médico não se mostra muito apressado de me dar alta. Contudo eu quero supor que, o mais tardar, lá por meados de junho estarei em Carlsbad.

Diz-me o Cotrim que sua Senhora também tenciona ir àqueles banhos. Se já lá há muita freqüência d'enfermos, não será bem fácil achar casa, conveniente para família. Se porém ela quer ir, V. bem sabe que pouco me custará voltar a Dresde para a acompanhar. Disponha de mim.

Eu lhe avisarei da minha ida com uma semana de antecedência, a fim de ter, em chegando a Carlsbad, um buraco em que entoque.

Que notícias trouxe o paquete de Bordeaux? Continua a azáfama bélica a esquentar as cabeças dos nossos políticos? E a Câmara será certo que se dissolve? E o Olinda consolida-se eternamente.

Diga-me o que souber, e quando parte, e dê-me as suas ordens.

Lembranças aos seus, e aceite muitas e sinceras saudades do

Seu de Coração

G. *Dias*

Sampaio, Ratmanoff e mr. Cotrim lhe mandam lembranças

Teplitz, 24 de maio 63.

B. N.

240

Monsieur F. A. Brockhaus

Monsieur

Teplitz, 30 Mai de 1863

Je viens de recevoir votre lettre du 26 de ce mois, dans laquelle vous me demandez des informations sur les Portugais et les Brésiliens illustres, que meriteraient d'avoir une place dans votre excellent Dictionnaire de conversation.

Malgré l'état de ma santé, que ne s'est pas encore retablie tout à fait, c'est avec le plus grand plaisir que me chargerai de vous faire parvenir les notes, dont vous aurez besoin pour la biographie et bibliographie brésilienne. Je pense qu'il y aura de place dans votre recueil pour les auteurs et personnages vivants. Dans le cas contraire ma tache sera bien plus facile. Le Brésil est entré depuis peu de temps, dans la carriére scientifique et littéraire, en sorte que ses grands-hommes dans l'une ou l'autre de ces specialités sont nos contemporains.

Quant à mes publications, nous les reprendrons à mon retour des bains.

A present, je voudrais savoir si les livres de Mr. le Docteur de Capanema sont déjà partis pour le Brésil. Dans le cas contraire, je vous prierais de me les envoyer à Dresde — Hôtel de Paris. J'ai dans ce moment des facilités pour les faire parvenir à destination.

J'ai l'honneur, Monsieur, de vous saluer avec la plus haute consideration.

Votre affectionné Serviteur

A. Gonçalves Dias.

B. N.

241

Amigo A. Henriques.

Tenho-me dado bem com os banhos de Teplitz — acho-me muito melhor, mas desconfio que as melhoras não são muito estáveis. Estas águas são boas para o reumatismo, mas principalmente para facilitar o jôgo das articulações: nisso fazem milagres; mas é uma espécie de cura externa, — o princípio da moléstia fica no corpo. Para combater o mal interiormente é que são aconselhados os banhos de Carlsbad, — e tanto mais, quanto, como no meu caso, se supõe que o reumatismo é apenas um resultado da moléstia do fígado.

Como já tenho 30 banhos na pele, vou descansar uma semana, e o mais tardar a 12 ou 15 dêste, devo estar em Carlsbad: lá estarão também Pôrto Alegre e Magalhães: é uma reunião do Parnaso brasileiro reumático-hepático.

A estas horas já terás recebido os meus livros; tem-me cautela com êles, que são hoje tôda a minha riqueza; tem todo o cuidado principalmente com papéis velhos: deve entre êles haver muita coisa inútil; mas muitos me causariam um prejuízo irremediável. Mais tarde, quando puder, ou talvez mesmo mais cedo do que eu próprio penso dou um pulo ao Maranhão. Sem alguns dêsses livros e papéis, — pelo menos sem verificar o que me resta, o que se extraviou — estou de pernas quebradas.

Dá lembranças a todos os nossos bons amigos.

Não recebi a Gramática de Sotero; mas conheço-o bastante para saber que temos mais uma obra de bom cunho.

Que faz o Teófilo? Como vai a família? E Teixeira Mendes, e D. Inês? Adeus, que a escrita ainda me custa. Um abraço

Do teu do Coração

G. Dias.

Teplitz, 2 de junho de 1863.

I. H. G. B.

242

Monsieur F. A. Brockhaus

Teplitz a 9 Juin 1863

Monsieur

Je viens de recevoir votre lettre du 6 du mois courant, à l'aquelle je responds.

D'abord, quant aux livres de Mr de Capanema, comme vous avez opportunité de les envoyer ce mois, à Rio, avec les autres, qui ont eté comandés pour l'usage de la Commission Scientifique, il vaut bien mieux de les envoyer tous ensemble.

Dans la nouvelle édition de votre Dictionnaire, je me charge avec plaisir, non seulement des personnages du Brésil, mais aussi de revoir les *biographies des portugais illustres*.

Cependant, pour le Brésil, je vous dois rapeller qu'il y a à Dresde, Monsieur de Porto Alegre, notre Consul en Saxe et en Prusse, homme de letres, artiste d'un grand mérite, et membre de l'Institut Historique. C'est um homme trés serviable, et qui me serait bien utile dans ce travail, que nous tacherons de partager entre-nous. Je suis sur qu'il se chargera très volontiers, d'accord avec moi, d'une partie de cette besogne, si vous lui addressiez deux mots à ce sujet.

Nous avons bien peu de noms, à ce que je puis m'en souvenir, pour les lettres A et B. — A la lettre C il y aura quelques uns; mais ce sera après le L qu'ils deviendront plus nombreux. Cela me convient; parce que ce sera seulement après ma saison de Carlsbad, en Juillet, que je pourrai vous envoyer ces notices. Mr de Pôrto Alegre, qui lui même partira un de ces jours pour Carlsbad, se trouve dans les mêmes circonstances.

Encore un mot et voyez si cela vous conviente. — Pourquoi ne pas dédier cette nouvelle édition de votre Dictionnaire à l'Empereur du Brésil? Il le mérite, comme une personne, a qui on ne flate pas, en disant que c'est un bon souverain, une haute capacité, et un homme de coeur et de moeurs. Cela ne vous raporterait plus d'argent; mais il y aurais toujours quelque chose à gagner — un ruban, une condecoration — d'autant plus que vous étes son Libraire depuis bien long temps.

En tout cas Mr de Pôrto Alegre se chargera de sa biographie et de celles de nos personnagens politiques.

Ci joint vous trouverez quelques notices sur les *Andradas.* Selon vos désirs, je me suis beaucoup occupé avec la partie bibliographique.

Agreez l'assurance de mes respects.

A. Gonçalves Dias.

B.N.

Cópia

243

Meu bom amigo [Pôrto Alegre]

Teplitz 11 junho 63

Recebi a sua de 2ª feira com a nota das publicações dos Andradas: mil vêzes obrigado.

Escrevo hoje ao Brockhaus acêrca do seu Dicionário no sentido da nossa conversa; que o ofereça ao nosso Homem, (*) no caso de lhe convir isso, e que lhe escreva acêrca dos apontamentos que êle deseja para a biografia dos nossos homens.

É-me desagradável ter ainda de encontrar mau tempo em Carlsbad; mas considerando que nada faço aqui, que aquêle mau tempo não será de muita dura, à vista da quadra em que estamos, resolvo-me sempre a partir; mas para isso preciso de saber quem é lá o seu médico, e qual o seu hotel; para não ter de fazer mudanças com a sua chegada.

O tempo aqui corre às mil maravilhas; espera-se por dias o Grão Duque Constantino. Como não me importa muito de lhe ver a cara, irei andando meu caminho, se êle não chegar cedo.

(*) D. Pedro II. Vide carta nº 242, de 9-6-1863 a F. A. Brockaus.

M.[r] e M.[me] de Ratmanoff lhe mandam lembranças. Tencionam partir para essa no sábado próximo.

Como vai sua Senhora? Deus queira que ela se restabeleça prontamente.

Muitas lembranças a todos e um abraço do

Seu amigo do Coração

G. Dias.

P. S.

Quando digo que partirei para Carlsbad é no caso de achar aqui lugar na diligência, e que ela parta cedo pela manhã. Quanto a viajar de noite, temos conversado: em tal caso, volto a Dresde e visto que V. não vem, iremos ambos por Schwarzemberg.

B. N.

244

Amigo [Capanema]

Ainda Dresde?! Não te admires; acabo de chegar de Teplitz [há] algumas horas, e em chegando sei, com grande pasmo meu, que hoje é 20, e que só me resta esta noite para escrever pelo Paquete de Bordéus. Afogado nas águas anti-reumáticas de Teplitz, julgava-me ainda a 17, ou 18.

Os banhos fizeram-me bem; mas aquela tosse manhosa que me ficou desde a nossa residência na lagoa funda, continua no mesmo pé, e teima em não deixar descansar-me. Estou fraco como um pinto molhado, e sem vontade para nada. Veremos se Carlsbad completa o milagre, ainda que já começo a duvidar disso. Partirei para ali um dêstes dias, — com o Pôrto Alegre, se êle me puder acompanhar, ou sòzinho, no caso de que os incômodos da Senhora continuem. Parece que ela estêve sèriamente doente, hoje fizeram-lhe junta; mas junta de médicos na Alemanha, tu sabes, as mais das vêzes não quer dizer que o estado do doente seja melindroso; é o costume, senão bandalheira do ofício. A prova é que êles *nemine discrepante* decidiram que por êstes quatro dias ela se poderá levantar.

Pelo paquete inglês te escrevi, conquanto não seja muito de hábito da minha parte ocupar êsses *God-dame*. Agora menos que nunca. Mandei dizer e repito que as tuas objetivas deverão seguir por êste mesmo paquete, se não houve algum transtôrno pelo caminho. Acompanha essa encomenda

uma suponho que câmara obscura para o estereoscópio. O Glasl, que por fim, e felizmente se achou envolvido nesse negócio, conseguiu do fabricante que êle te mandasse isso de *quebra*, — isto é — sem te custar nada.

Estou morto por saber notícias do Brasil depois que aí se soube do *rompimento das nossas relações com a Inglaterra*. Temo sobretudo que a oposição nas Câmaras não seja neste ponto de acôrdo, como deve ser, *com o Govêrno. Não poderemos livrar-nos dos insultos da inglaterra*; (*) mas o Brasil compreenderá que pode haver dignidade no sofrimento. Com *o abuso da fôrça insulta-se, mas não se desonra nem a um indivíduo*, e menos a uma nação. Que abusem, e a tal ponto, que se rasgue nas *ruas a casaca ao brasileiro que trouxer objeto de fabricação inglêsa*. Fique em boa hora essa semente de ódios para o futuro: nem sempre seremos *o que somos, nem êles o que são; e da inglaterra* (*) *tudo é preferível* a sua amizade.

Agora reparo que o meu fígado começa a intumescer-se: façamos ponto.

Já te disse que só havia recebido a remessa das estampas de índios, que acompanharam o teu termômetro quebrado. Depois disso parece que já mandaste outras, — mas não sei que caminho levaram. Que se conclua isso o mais cedo que puder ser; em eu podendo mexer-me, o grosso das despesas de impressão já estará feito: o resto será tolerável mesmo a pouca vontade dos nossos.

Manda-me notícias tuas, — muitas lembranças aos teus, — desculpa-me com o Fleiuss de lhes não ter ainda escrito e aceita um abraço e muitas saudades do

Sempre teu

G. Dias.

Dresde, 21 de junho de 1863.

B. N.

245

Amigo A. Henriques

Escrevo-te em papel bonito, com que escuso dizer-te onde me acho. As águas não me têm feito nem bem nem mal, mas dizem os médicos da terra que só no fim de 4 e de 6 meses e talvez mais tarde é quando se come-

(*) Com inicial minúscula no original.

çam a manifestar os seus efeitos. Todavia já não é o fígado o que mais me atrapalha, — é a tosse, que me aborrece enormemente, e que se não fôr embora, pode degenerar em alguma tísica do laringe, o que não é pequeno castigo para um tão grande falador, como fui sempre. O médico porém me promete maravilhas do uso destas águas. Deus permita que êle fale pela bôca de um anjo, que eu preciso bem de meia dúzia de anos de saúde.

Parece que o Govêrno se resolve a me empregar pela Europa; mas nada sei de positivo por enquanto. Contudo isso é coisa que se há de resolver dentro de muito pouco tempo, ou então não se resolverá mais.

Se isso tiver demora, não sei ainda o que farei em acabando com a minha estação em Carlsbad. O clima da Alemanha parece que não quer saber de mim, enquanto não melhorar de saúde: Bélgica, ou antes, Bruxelas, Paris, Londres é mais úmido do que Dresde, e a umidade me é mais nociva do que o frio. Ir esperar melhoras em climas mais temperados, na Itália por exemplo ou em Portugal, isso é aborrecido. Estou mesmo persuadido que a companhia de meus amigos me faria mais bem do que alguns meses de águas minerais. No entanto não sei ainda o que decida.

Adeus. Dá-me notícias tuas e recomenda-me aos nossos amigos.

Do sempre teu do Coração

Glz Dias.

Carlsbad, 20 de julho de 63.

I. H. G. B.

246

Amigo [Capanema]

Por um dos últimos paquetes te dei notícia da tua encomenda fotográfica. Não me têm escrito de Viena acêrca das despesas do transporte dêsse pequeno volume; mas é muito de crer que êle te fôsse remetido pelo paquete de Bordeaux do mês passado. Ao menos, o que me escreveram foi que não haveria nisso dificuldade.

Como não sei se te chegaram umas vistas do teu aparelho que há tempos te remeti, mando-te essa, que reservei para te mandar por 2ª via.

Acho-me há três semanas em Carlsbad, e por enquanto nada de melhoras; não me sinto nem pior, nem melhor; mas dizem os médicos que só no fim de 3 ou 6 meses, e às vêzes mais tarde é quando se começam a sentir os efeitos das águas. Pôrto Alegre e Magalhães aqui se acham também. Se cá estivesse o Macedo também, constituíamo-nos em Parnaso Brasileiro. Triste Parnaso — de hepáticos, reumáticos, sorumbáticos!

Pelo último paquete, noticiaste ao Pôrto Alegre o passamento do nosso excelente companheiro — o Freire Jr. Pobre môço! Perdemos muito com essa morte e perdeu muitíssimo o Brasil. Eu desejaria escrever duas linhas ao velho Freire, que deve ter sentido imensamente a morte dêsse discípulo e quase filho. Infelizmente o meu reumatismo não me deixa ainda escrever livremente: ficará para mais tarde.

Tens lido as porcarias e bandalheiras que o Steirtz vai publicando em Berlim? Lá tens o teu quinhão, e a Comissão Científica, e quantos no Brasil o protegeram — àquele estupendo maluco: fizeram-no Cônsul na Prússia de que não sei qual das Republiquetas do Rio da Prata, e à sombra dêsse emprêgo êle se julga autorizado a ir descompondo o mundo inteiro, até que o metam em algum hospital de alienados.

Que impressão causou por lá a decisão do Rei dos Belgas? Foi uma grande vitória para nós; mas quem decerto vai lucrar no negócio é um filho do Marques Lisboa — o Secretário da nossa Legação em Bruxelas [original rasgado] se o [original rasgado]. É um pedaço d'asno, que se introduziu no corpo diplomático com uma carta do Rostock (custa 600 francos). Foi nomeado Oficial da Rosa por ter sido P.^{or} da convenção Postal: vai ser nomeado comendador, por levar a decisão da Bélgica. Quando se vêm tantos dêstes exemplos, deve a gente dar graças à misericórdia divina de se ver longe e bem longe das nossas porcarias de cada dia. Ao menos o fígado repousa.

Que fazes tu? Quais são os teus projetos? Que notícias me dás do Macedo, que não se lembra dos amigos?

O Glasl vai enfim para o Brasil!... Já era bem tempo disso. Vamos lucrar imensamente com êle, se o não desgostarem por lá. Homem inteligente, trabalhador, versado em matérias agrícolas, — pode datar dêle a reforma da nossa lavoura — o futuro do país.

Adeus. O Pôrto Alegre para te dar notícias das suas «Brasilianas». Escreve-me, dá-me notícias tuas, recomenda-me a todos os teus.

Do sempre teu do Coração

G. Dias.

Carlsbad, 20 de julho de 63.

N. B.

Tinha concluído esta, quando entrou o Médico, e noticia-me que devo pôr-me em *caminho para o Pirenêus — considerando* que um sabiá sem voz pouco difere de um melro. Decididamente, por enquanto, a Europa Central não me convém muito.

Em que ficou a Comissão de Lisboa? Se isso se arranja (e convém-me por mil e uma razões) vê se ao mesmo tempo me mandam pagar na Europa os meus vencimentos, como de costume.

Pôrto Alegre não te escreve: manda-te lembranças. Os seus volumes, já partiram para Hamburgo, donde te serão remetidos.

B. N.

247

Amigo Pôrto Alegre

O Unglambe e Senhora, com os quais me encontrei algumas vêzes, e que me parecem excelentes pessoas, partem hoje para Berlim. Todos os seus vão sem novidade.

Cotrim partirá amanhã também para Berlim, e eu o acompanharia, ou antes talvez o acompanhe a fim de consultar o médico das gargantas, que me recomendou o Dr. Östreich, apesar de lhe não saber o nome. Löwin ou Lävin ou Läwine, não sei bem o que êle disse; mas enfim lá se há de achar.

A minha dor de costas vai descendo pouco a pouco e requintando cada vez mais. É de esperar que venha a ter algum paradeiro.

Falei com o nosso Sampaio acêrca da *Chancelaria*: êle ficou muito satisfeito. Era natural. Os alemães gostam disso, e a gente de ordinário não estima senão aquilo de que os outros em tôrno de nós, fazem aprêço. Assim, quando lhe parecer oportuno, proponha-o e arranje isso.

O Tôrres Homem veio? O Werneck deixou-se ficar por Viena?

Muitas recomendações ao Magalhães e Senhora — e Adeus

Do Seu amº m.ᵗº obrº

Gonçalves Dias.

Dresde, 31 de julho de 63.

B. N.

248

Amigo A. Henriques

Ias ficando desta vez sem carta. O Correio está a partir, e neste momento me entra o carteiro pela porta dentro para me entregar a tua carta de 25 de junho.

É verdade, não recebi o Tancredo, nem a Gramática do Sotero, nem coisa alguma: desconfio que o mesmo destino terão as coisas que me remeteste para Paris ùtimamente. Êstes nossos Patrícios em chegando a Paris são como prêtos da roça em cidade, perdem a cabeça e atrapalham-se com o que há de mais simples no mundo.

Parece-me incrível a notícia que me dás. Pois morreu o Teixeira Mendes?! pobre môço. Quem havia de supor, vendo-o tão forte e cheio de vida, que êle acabaria tão cedo! Não tenho tempo para escrever à viúva, nem mesmo ao Furtado, a quem já deveria ter escrito, se porventura não tivesse sempre andado com a cabeça tão fora do seu lugar, quando não seja com falta de saúde. Dize ao Rêgo que se não zangue comigo: doentes devem ao menos ter o privilégio de serem caprichosas de quando em quando. Em compensação, quando no ano passado recebi a última carta dêle, chamei um homeopata. Infelizmente o reumatismo atacou-me em seguida: e ou fôsse do clima, ou seja que a homeopatia presta sobretudo nas moléstias crônicas, o certo é que o reumatismo não se foi senão com banhos minerais.

Carlsbad não me fêz nem bem nem mal. Aconselham-me para a garganta as águas d'Ems e de Weilbach. Fico hidrófobo, de certo.

Não me esqueci da Gramática Italiana; mas sempre de Herodes para Pilatos o meu livreiro não me escreve, não sabendo para onde.

Adeus. Muitas lembranças aos teus

Do teu do Coração

G. Dias.

Dresde, 20 de agôsto 63.

I. H. G. B.

249

Exmª Srª D. Paulina [Ana Paulina de Araújo Pôrto Alegre] *

Tôda a noite passada me comeram as solas dos pés, — é sinal de que o fado ordena que eu me ponha novamente à caminho. No entanto não é

(*) D. Ana Paulina de Araújo Pôrto Alegre, mulher de Manuel de Araújo Pôrto Alegre, em solteira Ana Paulina Delamare.

possível retirar-me de Dresde sem lhe dizer adeus ao menos de longe, e agradecer-lhe ainda uma e muitas vêzes os seus obséquios durante todo o tempo que aqui nos vimos.

Agora vou-me por êsse mundo de Deus fora a ver se encontro outras almas de Cristo que me queiram aturar no caso de me sobrevir outra macacoa, como é provável.

Os seus estão bons, e provàvelmente já terá tido notícias dêles, como êles já tiveram suas. Divirtam-se e restabeleçam-se, que é o essencial. Nós por cá fazemos outro tanto. O Castro, por exemplo, para afogar as suas grandes mágoas, anda numa roda vida: não pára, nem se lembra mais de Berlim. Não sei notícias dêle há coisa de não sei quantos dias: desconfio que êle deu em fazer versos; por que não há môça em que êle não repare se vai assim ou assado — se é elegante, se é chique, — se é o que êle bem quer que ela seja.

O Cotrim não voltou ainda da nova Polônia onde êle se foi meter lá para as bandas de Chemnitz. O Paulo está com saudades de Freiberg — e eu — dos que andam ausentes.

Já me esquecia. Peço-lhe o favor de dizer à DD. Paulina e Carlota — que o bilhete saiu branco desta feita. O Panzig já me deu o nôvo da que vem, e se puder irá dentro desta. Poder pode; mas tenho receio que a carta por qualquer acidente se desencaminhe e com ela a sorte grande, que desta vez ou da outra não há de falhar de certo.

Muitas saudades a ambas, e creia-me com todo o respeito

Seu m.^{to} obgr.º V.^{or} e Cr.º

A. Gonçalves Dias

B.N.

Dresde, 22 de agôsto de 63.

250

Ems 31 — agôsto de 1863. [Ana Paulina de Araújo Pôrto Alegre] *

Tenho tão boas esperanças de que esta ainda a vá encontrar em Franzensbad, como que essas águas lhe tenham sido favoráveis, e às suas filhas, as quais muito e muito me recomendo.

Por mim, nenhum dúvida teria em para lá ir também se já me não achasse em Ems, donde lhe escrevo esta. Apesar porém do que diz o seu médico, o fato é que, se êsses banhos aproveitam aos cantores engasgados, a mim não me seriam de grande préstimo; porque, como se sabe, o meu *sabiá* morreu há já tempo, e até as palmeiras em que êle cantava, secaram também.

(*) Vide nota anterior (Carta nº 249).

Quanto tempo me demoro por aqui? não sei; mas como, ainda em Dresde, havia já duas semanas que eu tomava estas águas, e não careço de mais de três, o meu tempo está a findar. Um dêstes dias lanço ao ar uma rama de pena, e para onde a levar o vento, vou eu também. Deus terá cuidado do resto.

Diga a D. Paulina e a D. Carlota que a 3ª série do seu bilhete de loteria, saiu branco. Os bilhetes da 4ª, que vai correr agora, ficarão com o Cotrim. Da 5ª, que é a bolada grande, o Panzig lhos mandará à casa ou entregará ao Cotrim. Contudo como o Cotrim anda com a cabeça pelos caminhos de ferro da Polônia — como o Panzig se pode fazer esquecido, ainda que não tenha costume disso, é bom, quando fôr tempo, mandar lembrar-lhe os últimos bilhetes. Deus lhe ponha a virtude e uma porção de mil táleres em cima de cada um dêles.

E agora — até a vista — para a primavera, se nós viva fôr, como cantam os nossos pretinhos pela festa do rosário.

Muitas e bem sinceras saudades
dêste sempre seu m.^{to} obgrº cr.º

A. Gonçalves Dias

B.N.

251

Amigo Pôrto Alegre

24 — Rue des deux Églises.

Bruxelas, 5 de setembro de 1863.

Aqui estou enfim ! Saindo da Alemanha, senti a necessidade urgente de andar por êste mundo de Cristo atrás de saúde, a ver se a encontro em alguma parte.

As águas de Ems não me fizeram nem bem nem mal. Estava para começar com as de Weilbash, mas julguei prudente não o fazer sem a assistência de um médico. O *cujo*, que hoje me veio ver, achou que antes de tudo eu tinha uma *campainha* desalmada, e que era preciso cortá-la. Depois de amanhã terá lugar a operação.

Estou pois de Oratório.

Para que a coisa se não tornasse por demais incômoda estabeleci os meus quartéis em casa do Mota, donde lhe escrevo.

Que notícias da sua gente de Franzensbad? Lembranças quando lhes escrever, e ao Paulo e à Sra. D. Francisca e ao amigo Inácio.

252

Amigo Capanema

Como pelo último paquete, não tive notícias tuas, suponho que terás ido a S. Paulo, no que fizeste muito bem.

Não te admires de receberes carta minha de Bruxelas. Vim aqui para fazer uma ligeira operação — a amputação da campainha. Está feita e a ferida cicatrizada; mas não obtive as melhoras que esperava quanto à clareza da voz. Um dia dêstes ponho-me ao fresco daqui para fora: o inverno se aproxima, e outra camada de reumatismo não é coisa que me tente. Quanto ao resto — vou menos mal.

O Werneck, adido à nossa Legação em Viena, me escreveu dizendo-me que o Glasl parte para o Brasil — um dêstes dias. Como há uns 20 dias que eu fiz a encomenda do nôvo estereoscópio, de que me falaste, é de supor que êle to leve. Havia ao que me parece um *deficit* para saldar a conta de encomendas tuas com o Glasl: para isso vou remeter para Viena uns 200 florins que ainda havia em ser. Eu havia mandado dizer ao Werneck que se o *deficit* fôsse maior — isso se arranjaria de algum modo; porque em vésporas de partida era natural que o Glasl não andasse com as algibeiras muito recheadas. Êle recebeu essa carta, quando já havia ajustado contas com o Glasl, de modo que se não aproveitou da minha oferta.

Como te deste por S. Paulo?

O Jorge me escreveu no mês passado dizendo-me que o Marquês d'Olinda parece ignorar completamente que se trate da Comissão de Lisboa. Como também não devemos contar com favores da parte de S. Exª — a notícia não me surpreendeu. Depois da questão com o Pôrto Alegre, êle ficou de uma vez escabreado com tudo quanto cheira a poeta.

Aconselham-me escolher um clima mais temperado, para ali passar o inverno. Estou de partida para Paris. Em ali chegando é que me hei de decidir.

Lembranças a todos os teus, e aceita muitas saudades

Do teo amº m.to obrº

Gonçalves Dias.

B. N.

[1863]

Há cartas para mim? Nesse caso mande-mas. As inclusas peço-lhe o obséquio de as mandar entregar ou pôr no correio, que é mais simples.

Dê-me notícias suas, e desculpe-me, se por êstes tempos mais próximos não tiver com mais freqüência notícias minhas. Não sei em que estado me deixará a operação, bem que seja coisa ligeira, nem por quantos *dias me impossibilitará* de escrever.

Muitas saudades
do sempre seu do coração

G. Dias

B.N.

253

Amigo A. Henriques

Acabo de receber a tua última, em que me comunicas a remessa de alguns manuscritos meus por intermédio de um comprovinciano nosso, que vem estudar engenharia — a Paris. Deus queira que êle não perca a cabeça como os outros nossos Patrícios, que ali chegam e que ao menos se lembre de ir dar o nome na Legação para poder ser procurado.

Em todo o caso — muito e muito obrigado, tanto por isso, como pela recomendação que, segundo uma das tuas últimas cartas ias fazer aos nossos Deputados por meu respeito.

Os *meus negócios do Rio tem andado até hoje muito incertos; mas nem* por isso me tem corrido de todo mal, — principalmente quando não sei pedir para mim, — e não o fazendo eu, entendo que não posso exigir dos meus amigos que sejam mais ciganos do que eu.

No entanto, ainda que eu lhes agradeça a boa vontade que neste particular êles te hajam mostrado, — parece-me que um requerimento qualquer para coisa que me diga respeito, pode ter o inconveniente de me colocar em circunstâncias piores do que aquelas em que atualmente me acho.

Por isso pois — se lhes escreveres, dize-lhes que por enquanto nem se ocupem, nem tratem disso.

Tenho andado por águas e banhos desde não sei quando; mas vindo à Bruxelas em princípios dêste mês, fiz aqui a amputação da campainha, que os médicos acharam por demais crescida: a ferida cicatrizou já, — mas apesar disso, nem sinto menos tosse, nem mais clareza na voz.— Apesar de que

nenhuma das duas cousas seja de perigo, tenciono evitar o rigor do inverno, passando-o em clima mais temperado. Aconselham para isso tantos lugares dentro e fora da Europa, que a dificuldade está na escolha.

Adeus. Muitas e muitas saudades
do teu do Coração

G. *Dias*

Bruxelas, 22 — setembro 63.

I.H.G.B.

254

D. Inês [Vale Teixeira Mendes] *

Não sei por onde comece esta carta. Os jornais, do Rio, as cartas do A. Henriques, e posteriormente as do Teófilo, trouxeram-me a triste notícia do falecimento de seu marido. Como Maranhense, como amigo que sou seu, e que fui dêle, como de uma pessoa que eu desde a infância conheci e tratei, senti êsse inesperado acontecimento. Mas em tais casos, a infelicidade não é de quem morre, senão do que sobrevive: é o luto de tôda a vida, a orfandade dos filhos — um desgôsto sem consolação de todos os momentos, até que a fôrça de tempo e de lágrimas a dor se abrande e dê lugar à consolação.

Aprecio quanto êsse golpe lhe terá sido doloroso. Sei bem que em semelhantes circunstâncias tudo se esquece e perdoa, e que só nos fica a lembrança do que havia de bom e de estimável na pessoa cuja perda choramos.

Escrevo-lhe não para a consolar, senão para lhe dizer que sinto a sua dor e lastimo a sua infelicidade. Lembre-se porém que é mãe, que seus filhos órfãos de pai, na idade tenra em que se acham, carecem do amor, dos cuidados, da solicitude, que um filho só em sua mãe pode encontrar.

Resigne-se com a vontade de Deus, minha amiga, e viva para êles, e para os seus que tão deveras a amam e para aquêles que desde muito lhe votam amizade leal e sincera, como êste

Seu amigo do Coração

A. Gonçalves Dias

Bruxelas, 22 de setembro de 1863.

B.N.
Cópia

255

Amigo [Pôrto Alegre]

Aqui estou por alguns dias: parto não sei bem quando, — não sei ainda para onde. O reumatismo começa a incomodar-me a mão direita: escrevo-lhe antes que fique tolhido.

(*) Inês Leal Vale, aliás Inês Vale Teixeira Mendes, prima e cunhada de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal. Casou-se com o engenheiro Raimundo Teixeira Mendes, tendo sido, portanto, mãe do conhecido positivista Teixeira Mendes.

O Odorico está em Paris 42 R. du Dragon: forte, robusto, bem disposto, engorda com a idade, remoça com o trabalho. A *Iliada* está completa, a *Odisséia* no último canto. Decididamente a raça humana se abastarda. Veja o Odorico! Dêle e doutros poucos privilegiados falava de certo o velho Horácio — Nec turpem senectam degere, nec cithara carentem — poisa uma velhice não inglória no comércio das Musas.

O que o atrapalha agora é saber como há de imprimir as suas obras — não pequena dificuldade para quem vive tão estreitamente como êle. Obras dessa natureza não acham senão raros compradores, e tão raros, que êle da sua *Eneida* ainda se acha em débito de uns mil francos ao nosso Sampaio.

Êle carece de 10$ francos pelo menos: pobre diabo como sou meteu-se-me em cabeça resolver essa dificuldade, sem contudo lhe dar esperanças, que podem ainda, e até certo ponto é mesmo provável que venham a falhar.

Aqui estão Sales, Ferraz, Carvalho Moreira, o Barão de Quaraim — enfim — uma súcia de grandalhões.

Escreva-me para casa do Odorico — R. du Dragon 42.
Adeus — muitas e muitas saudades a todos os seus.

Correm boatos de novas mudanças no corpo consular e diplomático — Amaral, da Bélgica iria para Londres. Peçanha para Lisboa — cônsul, — um cunhado ou genro do Limpo para Paris — outro Amaral para Liverpool — demitidos ou postos em disponibilidade os correspondentes. Não se fala em V., nem tenha receio disso.

Adeus, muitas saudades do

Seu amigo do Coração

G. *Dias*

Paris — 29 setembro 63

B.N.

256

Amigo A. Henriques

Cheguei a Paris nos últimos dias do mês passado, e para não perder o costume, fui-me logo entregando nas mãos de uma celebridade para as moléstias do laringe — o Dr. Fauvel. O nosso Ministro, Marques Lisboa, teve a bondade de me acompanhar até a casa do homem, e de me apresentar como seu colega. Desconfio que pagarei estas honrarias caro como todos os diabos.

O médico, como todos os que até aqui tenho consultado, me promete maravilhas; mas o que mais me agrada é dizer-me êle que isso é negócio de um mês. Se no fim dêsse tempo eu não me achar restabelecido, desde já me

previne que não estará nas suas mãos obter outros resultados. Assim — não terei de esperar muito para o desengano. Concluída essa tentativa, coroada ou não de resultado, ponho-me daqui para fora. Paris não é o meu paraíso, como da maior parte dos nossos patrícios: o clima não me convém, nem o meu reumatismo se acomoda com êstes nevoeiros e umidades.

Capítulo II

Na nossa Legação me entregaram uma latinha, que me remeteste não sei se ùltimamente, ou se há tempos atrás. Voltei para casa cheio de contentamento, julgando-me de posse da *Noiva de Messina* — que ao menos escaparia do naufrágio. Tinhas-me comunicado que isso e alguma coisa mais havia sido confiado a um fulano Brandão — engenheiro ou o quer que seja. A lata que recebi só continha as fôlhas impressas e provas das traduções poéticas, algumas outras que descobriste por lá (do Serra) e para compensação a biografia do Lisboa.

Não sei se o Brandão me trouxe outra lata. Na nossa legação não há notícia de semelhante engenheiro, e de igual nome acho ali uns 6, porém nenhum dêles com fisionomia acadêmica.

Se porém não veio isso, não o mandes por enquanto. Não sei ainda que resolução tomarei; e isto de encomendas arrisca não chegarem a seu destino, como cartas no correio do Brasil.

Capítulo III

Li e muito me interessou a biografia do Lisboa: pela abundância vê-se que é um amigo quem a escreve, — que é um Maranhense quem lastima essa grande perda.

Pedes-me alguma coisa a tal respeito, — não me esquecerei disso, apenas me voltem as Musas. É um dever para todos os Brasileiros, mas cabe mais particularmente aos filhos da Província pugnar pelas suas glórias. O Maranhão que tão dignamente figura na República das letras deve dar o exemplo de como se estimar os bons engenhos, de como se zela a fama própria, de como se respeitam êsses grandes vultos que entram no Panteon da Posteridade.

Tratemos porém dos vivos (Entre parêntesis o Fr. Custódio, de quem vocês nunca falam, não será também maranhense?)

Capítulo à parte, ainda que deixe a Fr. Custódio envolto no seu grande merecimento e incomparável modéstia.

Odorico está de volta da Itália — forte, bem disposto, robusto, engorda com o trabalho. Os livros são a sua distração; a poesia lhe aformosea o verdor de uma velhice robusta e produtiva. É o pôr do sol de um belo dia. Não o vejo, sem que me recordem os versos d'Horácio que parecem escritos para êle: no comércio das Musas, passa a velhice não inglória. «Nec turpem senectam degere, nec cithara carentem!» *

(*) *Odes*, Lib. I, od. *XXXI*.

A *Ilíada* está completa, a *Odisséia* no último canto. Quando receberes esta, estarão já concluídos os dois poemas e a literatura brasileira se poderá com razão ufanar de mais dos primores.

Odorico é um grande mestre da língua portuguêsa; não sei quem a maneja melhor — quem seja mais variado, mais enérgico, mais conciso do que êle. Após Filinto ninguém terá levantado um brado tão alto em favor da pureza da linguagem. Esta só diferença acho entre os dois — é que Odorico metrifica como um rei.

Acêrca da pureza da linguagem, e quanto ao que a tal respeito escreveu o Lisboa na biografia do O., tenho minhas reflexões, que ficam para melhor ocasião. Lembra-me se me esquecer disso — por que agora não pode ser. Tratamos de *negócio sério*.

Odorico vê-se abarbado e sem saber como imprima o seu trabalho. Da primeira edição da *Eneida* ainda êle deve cêrca de mil francos a um amigo nosso, que lhe facilitou essa impressão. Não sei quem o favoreceu na Edição do *Virgílio*. Não são obras que todos leiam, não lhe pode dar interêsse, — o lucro que daí lhe resulta não é senão o prazer de se ver impresso e bonito. O Brasil porém êsse lucra mais um volume para a biblioteca dos seus autores.

A impressão dessas obras importará em 10$ francos, nada menos — coisa de 4 contos. Lembrou-me de uma subscrição pelos filhos da Província, mas isso é mesquinho. A Província e só ela é que poderia auxiliá-lo de modo igualmente honroso para ambos.

Que dizes tu?

Pode o Maranhão fazer alguma coisa por êle? A Assembléia Provincial não compreenderá que se honra com êsse auxílio? Pois que vocês estão em maioria, essa maioria, e minoria mesmo não quererá começar por um ato, que será tão duradouro como a memória do nosso Grande Poeta? homem honesto por excelência, que fêz Regente e Ministros, e retirou-se modestamente fugindo ovações, para dar lições de latim numa casa socrática, atulhada de hóspedes?

Não estou bem certo se eram lições de latim, que êle dava. Seja dito por amor da exatidão.

Como porém isto já paira a maçada — concluo.

Se nada se puder fazer, seria bom que até março próximo, o mais tardar, se tivesse aqui decisão.

O que o Odorico me incumbiu de saber é sòmente isto: Que facilidades pode êle obter no Maranhão para a impressão de suas obras completas, sem texto grego nem latino? Em quanto lhe poderá importar um volume como o último Virgílio? Poderá êle obter alguma folga para o pagamento, porque para isso, êle mais deve contar com as suas economias, do que com o produto da venda.

Êle conta igualmente contigo para a revisão.

Êle quer e teima em voltar para o Maranhão. Aflige-me isso, pois que em tal idade, vem de ordinário a nostalgia, quando se adivinha a sepultura.

Eu também, sem nenhum desejo de morrer, ando com umas cócegas de mil diabos de rever as palmeiras onde canta o sabiá!

Adeus. Lembranças aos teus e nossos
do seu do Coração

G. Dias

Paris, 5 outubro de 1863.

Odorico — 42 R. du Dragon

B.N.

257

Amigo Pôrto Alegre.

Recebi ontem a notícia da minha nomeação. A Comissão, felizmente, compreende — Lisboa, Espanha, *Itália* e Holanda; eu porém começo ou antes, continuo, por Lisboa.

Escreva ao Rocha, veja o que se pode arranjar por intermédio do Vice-Cônsul de Bordeaux para a nossa correspondência. Êle nada poderá recusar a um colega e amigo e com recomendação dêle, é mais provável que as remessas que eu lhe tiver de fazer, lhe cheguem com mais segurança.

Diga pois o que quer.

Estou queimando todos os dias a minha garganta. Como dizia o oculista ao cego, o meu médico acha que a cousa vai muito bem.

Tenciono partir por êstes dez dias.

Lembranças a todos os seus, e até a vista, mais breve do que parece, visto que não se pode ir a Holanda nem a Itália sem passar por Dresde,

do seu amº m.to obrº

G. Dias

Paris, 7 de outubro 63.

49. R. Vivienne.

B.N.

258

Ilmo. Am° e Sr. F. Denis

Paris, 13 de outubro de 63.

Muito de coração lhe agradeço a sua boa carta de 8 do corrente, e as informações que me dá acêrca do clima de Hyères. Recobre V. Sª as suas fôrças nesse paraíso; pois que bem precisará delas para a multiplicidade e constância de seus importantes trabalhos literários.

Vou indo, nem mal, nem bem, da minha garganta; o médico me promete maravilhas, mas a cura já me vai impacientando, porque as melhoras não se apresentam de modo bem caracterizado.

O Govêrno do Brasil acaba de me dar uma pequena comissão para Lisboa. Todavia ainda hesito: convinha-me tratar primeiro da minha saúde; mas convém-me igualmente ganhar alguma coisa, pois que a cêrca de dois anos, não faço senão gastar, e gastar como um doente.

Quando V. Sª voltar já terei tomado alguma resolução; no entanto a minha ida a Hyères está sobremodo comprometida.

Dei as suas lembranças ao Sr. Drumond e família. O nosso excelente Sampaio me escreve de Dresde e lhe manda muitas e bem sentidas saudades.

Recomende-me a seu bom irmão, cuja obra tenho lido e estudado com prazer.

À vista conversaremos mais largamente. No entanto disponha de quem é com tôda a consideração

De V. Sª

am° e obr° V.or

A. Gonçalves Dias

B.N.

259

Amigo Capanema

O Marquês d'Olinda, digam lá o que quiserem, é sempre um grande homem e a prova é que me vai mandar, ou antes já me mandou pôr todos êsses arquivos — a moda de traça — cousa de que eu sumamente precisava, porque tenho uns bicos d'obra a concluir, e fora dêles me seria isso difícil, senão impossível. Quero ver se consigo partir por êste mesmo paquete que te há de levar esta, conquanto o meu médico, o Dr. Fauvel, insta e teima comigo que fique, que com mais alguns dias me põe pronto da garganta. Desconfio muito de tanta esmola, porque há um mês que ando com cáusticos e

cauterizações, e as melhoras — pôsto que alguma cousa sensíveis, — não são muito consideráveis. O que porém eu temo é a volta do meu reumatismo, que já me anda a fazer negaças, e como isso não é coisa de brincadeira safo-me durante o inverno.

Saberás que a minha *Noiva de Messina* salvou-se do naufrágio, e que a trancos e barrancos — está completa, ainda que a última parte me parece um pouco hidrópica. Vou ver isso em Lisboa.

O grande Odorico concluiu a tradução da *Ilíada* e *Odisséia*. Ouvi-lhe já ler os primeiros XIV cantos da *Ilíada* pareceu-me excelente. No mais aquêle corneta sabe português como um homem e metrifica como um rei. Êstes últimos trabalhos não desmentem os primeiros. Como porém não há contentamento perfeito neste mundo, vê-se o pobre diabo atrapalhado para a impressão de suas obras — nova e última edição, *correctior et auctior*. É negócio de uns dez mil francos, mas para quem vive, tão parcamente como êle, essa quantia representa os tesouros da Índia.

Do Pôrto Alegre sei que ainda está em maré de pintura. Não me tem escrito, mas o Sampaio me diz que todos em casa dêle estão bons.

F. Denis te manda saudades.

Adeus. Lembranças a D. Amélia, — manda-me dizer como te achas de saúde, e que proveito tiraste de São Paulo. Muitos beijinhos aos teus três representantes, e muitas saudades do teu do coração

G. *Dias*

Paris, 22 de outubro 63.

B.N.

260

Amigo A. Henriques

Como o nosso Teófilo anda sempre d'Herodes para Pilatos, peço ao José de Vasconcelos de Pernambuco que te remeta um Atlas monstro, devidamente recomendado ao Comandante que o levar a fim de não sofrer avaria no caminho. Entrega-lhe isso, ou a D. Mariquinhas.

O Govêrno determinou que eu continuasse na Comissão de exame de Arquivos. Tenciono partir d'aqui por êste mesmo paquete, ainda que talvez me conviesse demorar-me por mais algum tempo a ver se a minha garganta desemburra. Desconfio que não.

O Brandão portou-se como um herói: recebi todos os papéis em boa e devida forma. Muito obrigado.

Agora — outra cousa. Eu não sei se meu mano João quererá vir para Europa, — se êle puder vir que venha. Nesse caso vê como lhe arranjas

uma passagem até Pernambuco, com algum dinheiro para o caminho. De Pernambuco a Lisboa algum negociante que lhe empreste dinheiro, e saque sôbre mim em Lisboa a 3 dias de vista. Na Legação do Brasil saberão dizer onde moro. Haverá algum traste em Maranhão que se encarregue disso? Devo-te dizer que a segunda classe nos paquetes franceses é boa, e que eu mesmo, em falta de primeira, terei agora de seguir na segunda para Lisboa.

Em Pernambuco êle pode ir para casa do Bandeira de Melo, filho, — ou do Vasconcelos. Não falo do nosso Fábio, por que êle provàvelmente estará ausente.

Pelo João, se êle vier, me podes mandar tudo quanto fôr papelada, que houveres encontrado nos meus caixões. Suponho que tenho alguma cousa nesse gênero em casa do Teófilo.

Se êle não vier, mais tarde veremos como se há de arranjar isso.

Adeus. Lembranças ao Rêgo, e Pedro — e escreve

ao teu do Coração

G. Dias

Paris 22 outubro 63.

I.H.G.B.

261

Amigo Henriques

Lisboa, 28 novembro 63

Aqui cheguei em princípios dêste mês, e como o inverno vai correndo catòlicamente, também vou indo sem novidade de maior, e com a lisongeira esperança de escapar ao reumatismo por êste inverno. Lá quanto à garganta, vou-me desenganando que não acho clima para ela pelo menos, como é êsse um mal de que todos aqui se lastimam, é bem de ver que quem já dêle padecesse, mais há de sofrer aqui.

Quanto a poesia que me pedes à memória do Lisboa, tem isso todo o lugar; mas, a falar a verdade ainda não tenho o espírito tão nos seus [ilegível] que disso me possa ocupar sem produzir alguma colossal sensaboria. Lá virá a seu tempo.

E o que se pode arranjar acêrca das impressões do Odorico, negócio acêrca do qual te escrevi ùltimamente de Paris. Lembra-te que êle já é entrado em anos, e que anda com suas veleidades de voltar ao Maranhão. Naquela idade, e depois de tão larga ausência, dizem as velhas que isso é mau sinal. Todos os seus desejos e aspirações — concentram-se hoje em ver-se impresso — *omnibus operibus* — é para quem tanto tem trabalhado e ilustrado o seu Maranhão, êsse um desejo sumamente razoável.

À propósito de ilustrações maranhenses, tem-me esquecido falar-te dos artigos poliglotos do Dr. *Cesar bunda — Marques*. É uma crítica de bom gôsto e que me fêz rir. Aquele cardeal que estropia latim de modo tão bàrbaramente cômico — aquêle célebre escritor de Mandingas, são impagáveis. Um artigo espanhol no meio daqueles outros, faria um efeito maravilhoso.

Li a tua biografia do Lisboa: serve-me, e agradeço-te a remessa.

Que notícias me dás do João? — Vem ou não. No caso de vir seria conveniente que êle tomasse as suas medidas para chegar aqui em março ou abril. Assim não estranhará tanto a mudança, rebentando por aqui com a fôrça do inverno; mais tarde também me faria transtôrno, porque conto sair daqui em maio, a ver se as águas dos Pirenéus me restituem a voz. Escreve-me logo que tenhas alguma notícia dêle.

Chega o paquete, e tenho de concluir esta com mais pressa do que desejava. Também só me esquecia dizer-te que os meus trabalhos e projetos de impressões, tanto na Alemanha, como aqui, ficarão parados até que eu veja se o inverno me faz ou não muito transtôrno.

Adeus. Essa carta ao Rêgo — e aceita muitas e muitas saudades.

do teu do Coração

Gonçalves Dias

I.H.G.B.

262

Amigo A. Henriques

Lá vai uma carta à tua moda — quatro linhas muito atrapalhadas, para desculpa da preguiça, fingindo que tenho muito que aviar, e que mal me chega o tempo para dizer que estou bom, ou coisa semilhante.

Essas cartas ao Pedro e Teófilo.

Estou à espera de alguma novidade para o inverno — a minha garganta continua no *statu quo*, senão pior, e o reumatismo já vai dando sinal de si. Nesta incerteza nada tenho empreendido. Com tudo, ainda sem fazer grande coisa, desejaria passar toleràvelmente êste inverno, porque então daria fundo em Lisboa a fim de concluir alguns bicos d'obra, que estão há muito na forja.

Já se vê que isto não é notícia para Jornal.

Manda-me dizer em que ponto estava o Lisboa com a Vida do Padre Vieira, e se é que êsses papéis te chegaram às mãos.

E o negócio do Odorico? Nem por meio da Assembléia Provincial, — nem por subscrição se poderá fazer alguma cousa?

Lembranças. Muitas saudades

do teu do Coração

Gonçalves Dias

Lisboa, 12 de dezembro 63.

I.H.G.B.

263

Amigo A. Henriques

Lisboa, 20 de dezembro de 1863.

Acabo de receber de Paris, recambiada pelo Odorico, a carta que me escreveste acêrca dos seus negócios. Imediatamente lhe mandei o trecho da carta que lhe dizia respeito. O vate deve ter saltado de contente e vai ter os melhores anos bons, que não tem tido [há] um par de tempos a esta parte. Duvido porém que êle tenha tanto prazer com a notícia, como tiveste de a poder dar, e eu de ver realizados os seus desejos.

Era isso uma questão grave para o pobre Odorico: os seus desejos cifravam-se nisso. A Irmã com a sua dedicação nunca desmentida, oferecia-lhe, instava, apertava com êle para que aceitasse umas quatro apólices, que lhe restavam no Rio. O Odorico recusava nobremente, mostrando, se era possível, ainda mais generosidade na recusa do que havia na oferta. Era uma luta de delicadeza e de extremos entre aquelas duas belas almas; mas luta que entristecia. Pois aquêle bom velho, verde n'alma e no corpo e nas ilusões, levara a tarde dos seus dias a trabalhar com o ardor do jornaleiro, que porque quer e por fôrça há de acabar a tarefa, e sente o aproximar da noite, votara-se ao estudo e reaprendizagem do Grego como uma criança, como nem o Alfieri se atreveria, se tivesse a mesma idade, e sai da luta glorioso e triunfador! Luta grande e maior que grande — homérica. A língua mais harmoniosa que os homens nunca falaram, — o maior poeta que Deus criou, no meio das mais favoráveis circunstâncias preparadas e como predispostas para o seu aparecimento e dêste grande Poeta, a obra por excelência. Aquela linguagem, filha da Pátria dos Deuses, dessa terra eternamente jovem, como a sua Hebe, terra que se abre e de tôdas as partes se esborda sôbre o oceano, como uma flor,, para beber tôdas as brisas e respirar todos os perfumes — oponha-se lá a nossa língua, que apesar de ter aspirado os odores das florestas virgens da América, e de se ter largamente perfumado com as essências balsâmicas do oriente, ressente-se ainda do ciciar dos ventos nos cabos alcatroados, do gôsto penetrante do sal das ondas e daquelas máquinas rudes e pesadas, que se moviam com a majestade tardia dum elefante

a carregar a camilha de uma princesa, e lançavam enormes balas de pedra para defender as custosas especiarias do Ceilão, e de Ormuz! E lutem essas duas línguas! e lutem êsses dois poetas.

E lutou! Ao través dos séculos os grandes espíritos d'Homero acharam um que os compreendeu: venceram os dois sem dúvida. Mas o arrôjo da luta já não era pequena glória, e nas alternativas do combate, mesmo o vencido pôde colhêr mais do que uma palma imorredoura.

E havia o poeta de ficar com a sua obra nas mãos, — a reler o seu trabalho, a deslavá-lo à fôrça de correções, quando o gôsto se fôsse embotando com a velhice! E morra sem ter coragem sequer para imaginar uma nova ocupação! Era duro e triste.

Bem fêz, ou *antes, fará excelentemente a Assembléia Provincial* do Maranhão concedendo êsse ligeiro subsídio a um dos seus beneméritos. Em favor dêsse ato, podem dar quantas cabeçadas quiserem, que de tôdas serão absolvidos em nome das Musas! Amém.

Escrevi ao Odorico e pedi-lhe que te mandasse quanto antes a Procuração. Malhar o ferro enquanto está quente.

Quero ver também se o resolvo a mudar-se para Lisboa. A impressão poderá talvez sair-lhe mais barata em Paris, — aqui mais cara, porém mais correta, tanto mais quanto o seu revisor de Paris, o Lexicógrafo Fonseca, levou não sei que caminho ou sumiço. Em todo o caso, e é isso o essencial, o clima é aqui muito mais benigno e favorável para um homem da sua idade. Tenho esperança que êle há de remoçar e atira-se a qualquer outra coisa — ao persa por exemplo — para nos fazer admirar o Firdusi.

Mas o que quero é que êle escreva as suas memórias: há uma época, e das mais notáveis da nossa história sôbre a qual êle pode lançar muita luz.

Escrevi ao Pôrto Alegre, pedindo-lhe apontamentos sôbre *Fr. Custódio*. Escrevo para o Rio ao Capanema e Freire, no mesmo sentido, não esquecendo a fotografia que dêle pedes.

Recebi os papéis que me trouxe o Brandão, e já te agradeci a remessa.

A minha garganta vai sempre no mesmo estado, ou talvez um pouco melhor; mas qualquer aplicação — escrever-te por exemplo esta carta, causa-me um prurido nas mucosas, donde vem uma tosse inextinguível. O corpo vai tomando fôrças; mas a cabeça está ainda muito fraca.

Não me esqueci da poesia a Lisboa — dos apontamentos biográficos (meus) — das considerações acêrca da língua portuguêsa; mas isso — mais tarde.

Ocupo-me agora — isto é — quando posso trabalhar com a tua *Noiva de Messina*. Está completa, mas a última parte como te disse ficou-me seu tanto hidrópica, para se harmonizar com o estado em que me achava, quando

a conclui — à bordo do «Condé». Como porém o trabalho na pasta é uma espécie de corcoma — ou de rémora, que se apega ao espirito, — vou pô-la fora, apenas se me desvaneço os receios de uma nova camada de reumatismo.

Dize ao Pedro que já visitei a D. Rita; uma de suas meninas, a mais velha, suponho, tinha não sei que ligeiro incômodo; mas cousa leve.

Lembranças ao Rêgo — a todos os teus.
do sempre teu

G. Dias

Lisboa, 28 de dezembro 63

B.N.

264

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Tenho a minha pequena mesa abarrotada de papéis, e eu atrapalhado com a partida do correio. Não estou ainda em estado de escrever muito, mas por pouco que seja, sempre venho a ter uma boa meia dúzia de cartas de cumprimentos ou de negócios, o que é bastante e de mais para me abarrotar.

Na confusão dos meus papéis, não posso achar a tua última carta, que me veio recambiada de Paris ou de Dresde, não sei já donde; mas em todo o caso de data muita atrasada — de agôsto, suponho.

De Paris te mandei um Atlas para o Mingote. Já o recebeste? Quanto a vinda dêle para a Europa, lembro-me disso muitas vêzes: mas na incerteza em que eu estava, nada te podia dizer a êsse respeito. Agora mesmo, apesar do meu lugar de Comissão, e pôsto que muito melhor de saúde, não me atrevo a aconselhar-te que o mandes, por que me pode voltar o meu reumatismo, ou *agravar-se-me o incômodo da garganta*. Sendo assim, terei de recomeçar a minha eterna romaria de Herodes para Pilatos, e eu só o desejaria ter aqui, quando a distância que nos separasse fôsse uma simples questão de horas.

Vejamos *como passo êstes dois meses próximos — de janeiro e fevereiro*. Está nêles todo o busilis. No entanto sempre é bom que estejas preparado para o mandares na próxima primavera. Roupa de viagem e nada mais, e isso mesmo cousa simples e pouca.

Mandei falar ao A. Henriques acêrca da impressão das traduções do Odorico, Vergilio, e Homero — por conta da Assembléia Provincial. Êle já me respondeu a isso, dando-me muito boas esperanças. Se êle consegue isso da Provincia — brilha.

Quanto ao meu estado, vejo que te persuades que estou muito e muito *desanimado, desgostoso e cheio de tristezas*. Sem dúvida, há em mim o quer

que seja de tudo isso, mas não tanto como te persuades. Distraio-me, não quero pensar em *coisas* que me *afligem* — *consigo não pensar nisso, e para* os que me não conhecem continuo a ser uma criatura de caráter invejável — o que porém não quer voltar é a facilidade de trabalho, a imaginação, nem mesmo a capacidade de longa reflexão e estudo. Virá com o tempo, espero em Deus.

Adeus, meu bom Teófilo. O vapor está a chegar por momentos, e eu *tenho ainda que escrever muito para* o Rio.

Muitas e muitas saudades a D. Mariquinhas. Dá-me notícias dos teus filhos, e saudades a todos os teus
do *teu Mano* e *Amigo*

Gonçalves Dias

Lisboa, 28 de dezembro 63.

I.H.G.B.

265

Amigo Capanema

As *tuas cartas me têm ùltimamente chegado muito demoradas, porque* vêm de torna viagem — da Alemanha. Têm ao menos a vantagem de me trazerem de pancada notícias do Pôrto Alegre e da tua gente de ambas as partes. Estimarei que os ares de Ipanema completem o teu restabelecimento, e que, quando voltares seja de tão perfeita saúde e robustez como as de que careces para tantos e tais trabalhos, que trazes sempre entre mãos. Aquela atmosfera do Rio, aquêle *medium* em que ali se vive é tão fatal para o coração como para a inteligência. A fôrça de vontade, a disposição para o trabalho, para empreender cousas grandes, desaparece e mirra-se como planta arrancada e exposta ao sol dos trópicos. Demora-te pois, quanto mais puderes, por êsses desertos, que vivificam, em vez de esterilizarem. Pergunta ao Mursa, e êle que te diga se as beldades ultra-românticas de Freiberg, valem os torrões de açúcar-cândido [sic], que se encontram nos cascalhos d'Ipanema! Felíz aquêle a quem as tempestades da vida desnudaram o crânio, sem desfolhar-lhe as flôres do coração.

Agora vejo que dei na poesia contra o vento. Orça o nôvo assunto.

Como se poderia obter uns apontamentos para a Biografia de Fr. Custódio, e um retrato fotográfico do nosso distinto Maranhense. Tenho nisso o máximo empenho, e se alguma cousa obtiveres dêle ou de alguém neste sentido, remete tudo ao Dr. Antônio Henriques Leal, do Maranhão.

O A. Henriques é um grande homem, e a prova é que se propõe a obter da Assembléia Provincial quatro contos para a impressão das traduções do

Odorico — gregas, latinas e francesas. À vista do exposto, as Musas tôdas do Parnaso Brasileiro se apresentam, humildes requerentes, à porta do laboratório do sábio modesto, para que defira a súplica daquele Mecenas Maranhense. Pede-lhe notas biográficas e um retrato. E. R. M.

Cá vou indo mal e porcamente, porém, apesar de tudo, melhor do que esperava com o chegar do inverno.

Boas festas e melhores anos

do sempre teu do Coração

Gonçalves Dias.

Lisboa, 28 de dezembro de 63.

B. N.

266

Meu bom amigo [Manoel de Araújo Pôrto Alegre]

Gato escaldado etc. — chove, vou pôr-me ao fresco, não há remédio, que ainda tenho horrar às recaídas. Parto às 11 1/2.

De Teplitz escreverei ao Brockhaus; mas para lhe dar sinal de vida, antes de podermos entrar em trabalho, — para não demorá-lo muito na sua impressão, peço-lhe que me veja, quando vier o seu Inocêncio, que obras imprimiram os três irmãos.

Avise-me com um dia de antecedência, quando vai para Teplitz, se fôr; ou quando parte para Carlsbad.

Lembranças aos seus, — estimarei sobretudo que D. Paulina se restabeleça prontamente.

Recado do

Seu do Coração

G. *Dias*

Lembranças ao Cotrim.

[1863]

B. N.

267 *

Amigo A. Henriques

Lisboa de janeiro 64.

Bom ano e ótimas festas. Nós ao menos começamos pela compadragem. Aí te remeto a procuração que me pedes. O nome de Alice me soa melhor. Deus abençoe a senhora afilhada, e lhe dê melhores venturas que as que lhe mereceu o Padrinho.

Há tempos te escrevi largamente acêrca do Odorico, e em tão boa hora foi que o grande vate estará a pular de contente com a tua resposta. Provàvelmente receberás por êste mesmo paquete procuração dêle para tratar dos seus negócios.

Mas não é disso que trato agora, senão de uma promessa que ia caindo em comisso, se na tua última me não viesses lembrar êsse pecado velho.

Tratando do Odorico, abri aos ventos tôdas as velas do meu barco, considerando o mérito daquele muito ilustre Maranhense: lembra-me que elogiei muito e muito a pureza do seu português, confessando que de quantos hoje vivemos, não sei de nenhum, nem em Portugal nem no Brasil, que o escreva melhor.

Lembrou-me nessa mesma ocasião o que por lá e por cá se diz de como menosprezamos a boa linguagem.

Elogiei o Odorico por ser abundante, conciso, enérgico, mas também não concordo com os daquela opinião, tomada em absoluto, por me parecer que vai nisso excesso de lusitanismo. O Lisboa mesmo não o diz; se acaso repreendi êsses descuidos nossos, censura em Portugal, e com muitíssima razão — a idolatria viciosa da frase, fotografando em duas palavras o caráter literário do cego Castilho. Quase que bastava dizer simplesmente Castilho, porque dos outros é que se poderia dizer com o Evangelho «Occulos habent et non videbunt.»

Se admitíssemos aquela censura, sem nenhuma atenuação, não resultaria daí grande mal, visto que entre nós se abusa da facilidade, quase vulgar, de se escrever com certo jeito e graça artiguinhos e correspondências de Jornal. Mas para os que não fazem parte do vulgacho literário, para aquêles aos quais se pode falar tôda a verdade, sem temor de que venham a abusar dela, a questão tem outra face. Pergunta-se:

«Os 8 ou 9 milhões de Brasileiros terão o direito de aumentar e enriquecer a língua portuguêsa, e de acomodá-la as suas necessidades, como os 4 milhões de habitantes que povoam Portugal? Pois se queremos introduzir

(*) Publicada na Revista da Academia Brasileira de Letras. Vol. 38, nº 121, págs. 104/111, jan. 1932.

qualquer indústria no Brasil, havemos de esperar que daqui nos batizem as mil idéias que ela suscita?»

A pergunta já em si envolve a resposta; mas por que lhe podem dar mais latitude que a justa, lá vai a minha profissão de fé.

O conhecimento da própria língua é sem dúvida uma grande vantagem: escrevê-la bem, qualquer que ela seja só é dado aos grandes engenhos. Convençam-se pois aquêles, que aspiram a imortalidade das letras, que não há obra alguma que se recomende à imaginação, sem o estilo.

E isso assim foi, e é, e há de ser por séculos de séculos porque a língua é a parte material, mas indispensável, das concepções do espírito. E assim como o operário não fará nenhuma obra perfeita, se não tem os seus instrumentos, ou se mal sabe manejar os que possui, o escritor não atingirá nunca o belo da forma se se não tiver preparado de antemão com o estudo e com o exercício do mais rebelde, do mais intratável de todos os instrumentos — a língua.

Instrumento, a arte, o engenho, eis as três condições essenciais, mas ao passo que o engenho vem de Deus, — o instrumento e a arte, isto é, o estudo da língua e o estilo, aquêle mais ou menos completo, êste mais ou menos aprazível e formoso, está ao alcance de qualquer de nós.

Longe de me opor a semilhante estudo, sou de opinião que se atenda mais e que os literatos se dediquem mais profundamente aos bons autores, gregos e latinos como o complemento da língua pátria: — sou de opinião que o Govêrno do Brasil, seguindo os princípios da nossa constituição, tão liberal em matérias de ensino, devia mandar reimprimir e vender pelo custo da impressão os bons escritores portuguêses, — pô-los ao alcance de todos, espalhá-los por todos os recantos do Império, de modo que Vieira, Fernão Mendes e o Padre Godinho e outros fôssem por êsses centros substituir os exemplares surrados e puídos do Carlos Magno.

Tudo porém tem seu têrmo. Abjure-se a idolatria da forma, e acreditemos que só se podem chamar clássicas as obras dos grandes engenhos — obras que primem pela idéia, conquanto revestidas de tôdas as louçanias de estilo. Bons cerzidores de palavras de lei apenas servem para complemento dos bons dicionários. Chamem-se embora clássicos, muitos dêles, — são intoleráveis. Eu de mim o confesso que os leio a boa soma dêles como por castigo, e confiado na infinita misericórdia divina que me levará em conta esta penitência voluntária.

Apesar de tôdas estas cláusulas e reservas, fica ainda muito para a minha profissão de fé, quanto a ortodoxia de linguagem. Repito-a para que não vá alguém supor que falo com menos reverência de cousas que merecem respeitadas. Pôsto o que, entremos em matéria. Se estou fora dela, já vai sendo tempo disso.

Em primeiro lugar a nossa língua é riquíssima mas até a sua idade d'ouro; mas daí por diante não acompanhou os progressos do século, nem mesmo os desta nação, de modo que há dificuldade suma se temos a mania de parecer clássicos (no sentido luso da palavra) há muitas vêzes impossibilidade absoluta em se exprimir cousas, que aliás são vulgares. Para dizer o que hoje se passa, para explicar as idéias do século, os sentimentos desta civilização, será preciso dar nôvo jeito à frase antiga, e é êsse o grande merecimento do Garrett.

Odorico, porém, traduzindo Homero e Virgílio, achou-se no veio mais rico do ouro português: no seu caso seria imperdoável esmolar.

Mas os nossos rapazes estão noutro caso. Se não fazem do português o seu estudo único e quase que exclusivo, também não se contentam, os bons, que temos, — com a frandulagem de maus romances franceses. Lêem mais do que isso; estudam as literaturas inglêsa e alemã, e da espanhola e italiana encontras mais de dez no Brasil por um que em Portugal se aplica a tais literaturas.

Menos leitura do Português, — mais e muito mais lição dos outros autores, — dão-lhes mais idéias e no mesmo ponto os acanham menos por deficiência do conhecimento da língua, como porque esta está mui longe dessa presumida riqueza, de que falamos tanto, à fôrça de o ouvirmos repetido. Fê-lo o Od[orico], e pelo que êle fêz acham que a língua é opulenta: é-o decerto, para traduzir clássicos gregos e latinos, ou para quem marcha sob as suas pegadas. Porém já Garrett (e o testemunho não é suspeito) não sei em que passagem das viagens a minha terra incomoda-se de ouvir falar em tanta riqueza, quando êle lhe sentia tantas faltas. E de feito três ou quatro têrmos para exprimir a mesma idéia, que se diga — por ex. *leme*, como todos dizem, ou se escreva *gubernalho* como Lucena, são como outras tantas vias da mesma letra de câmbio. Uma ou tôdas têm o mesmo valor. O verso ùnicamente é que se pode acomodar com isso, e dá-se bem com a diferença dos sons para variar as cadências e o ritmo.

Os nossos, dizia eu, lêem mais que os portuguêses, e acrescento que viajam incomparàvelmente mais do que êles. Há bem pouco tempo, mesmo na Espanha, era raro encontrar um português longe da raia. Em Paris ainda há alguns fora dêsses dois países, quando ouvires português, quase que é escusado perguntar quem o fala.

Além do estudo e das viagens temos ainda a educação. Em tôda a Europa *há estudantes do Brasil: eu os calculo em dois mil* — êsse barro! (Sobretudo na Alemanha, encontras em muitíssimos colégios umas cabeças loiras e caras tedescas que são uns alemãezinhos chapados: fala-lhes e êles te respondem em português. São os filhos dos nossos colonos alemães).

Se êstes querem dizer cousas que não há em Portugal, que se não lê em seus dicionários, como diabo se hão de exprimir? Havemos de ficar

eternamente na História de S. Domingos, sem ousar admitir uma palavra, que não tenha o contraste de S. Luís?

Mais ainda.

Bom ou mau grado, a língua tupi lançou profundíssimas raízes no português que falamos, e nós não podemos, nem devemos atirá-los para um canto a pretexto de que a outros parecem bárbaros e mal soantes. Contra isso protestaria a nossa Flora, a nossa Zoologia, a nossa Topografia. Clássico ou não clássico, Pernambuco é Pernambuco, Cajá, Pará e outros semelhantes, não têm outro nome. Se isso desagrada a Portugal é grande pena, mas não tem remédio.

Agora se alguma dessas palavras são realmente mal soantes, e se não são absolutamente indispensáveis, rejeitem-nas dos escritos sérios, ou sòmente se aproveitem delas, como fêz o Gregório de Matos, para a sátira ou no ridículo.

O que porém acontece é o contrário é que tais palavras na sua imensa maioria são eufônicas; mas assim como há ruins versejadores, que, até no italiano, fazem péssimos versos, há ouvidos rebeldes, homens de mau gôsto que a trouxe-mouxe foram encaixando nas suas composições palavras tupis ou tapuias, sem atenderem a cousa alguma. Poderia citar os Tamoios, se o contágio fôsse de recear. Como não é — *parce sepultis*.

Quanto a escolha de palavras indígenas e a sua introdução no nosso idioma, ter-me-ia lembrado *arredondar* algumas delas das mais ásperas ou das menos sonoras, se eu não soubesse que isso há de ser elaboração lenta do povo e obra do tempo. Em tais casos, a multidão tem mais gôsto que um colégio de modistas, — mais ouvido que todos os Rossinis, e mais filosofia que os doutos Kants da Germânia, e independente da Botânica, Geografia, e Zoologia (o que todavia já não é mau contingente) temos uma imensa quantidade de têrmos indígenas ou sejam africanos, que até nos dicionários se introduzirão, mas que na maior parte só aparecem na conversação — nomes de comidas, têrmos de pesca, de lavoura etc. que não são clássicos, mas indispensáveis.

Acontece também que em distâncias tão consideráveis como são as do Brasil, o teor de vida muda; e os homens que adotam esta ou aquela maneira de viver ,formaram uma linguagem própria sua, mas expressiva e variada. Os vaqueiros, os mineiros, os pescadores, os homens de navegação fluvial, estão neste caso. Pois o romance brasileiro não há de poder desenhar nenhum dêstes tipos, porque lhe faltam os têrmos próprios no português clássico?

Pelo contrário escrevam tudo, que tudo é bom, — e quando vier outro Morais, tudo isso ficará clássico. Vieira por que fala em *pocemas e taperas* ficou menos Vieira? Odorico por ter escrito *perão* ficou sendo um mau

escritor? — Bem haja o Amazonas, quando no seu Romance (Simá?) descreve o rio Negro com os têrmos que ali aprendeu.

Convém todavia notar que o que mais ofende o ouvido e gôsto português não são tanto os têrmos forasteiros, como muitas e a maior parte das vêzes, o modo e o sentido em que empregamos vocábulos e frases que são rigorosamente seus. A causa é que o nosso povo tem outro fraseado, os seus têrmos vulgares são diferentes, donde pode acontecer que a palavra portuguêsa, aqui muito vulgar e baixa, lá pode entrar em discurso sem produzir má impressão, porque o desuso a enobrece.

Vês tu o nosso Macedo? O seu merecimento não é ser clássico, mas ser brasileiro; e êle não seria tão estimado, tão popular, se andasse alambicando frases, que os poucos conhecedores da língua mal compreenderiam a sopapo de dicionário. O que o simples bom senso diz é que se não repreenda de leve num povo o que geralmente agrada a todos. Nem se diga que o nosso ouvido, é pouco musical, e a prova é que não há brasileiro, nem mesmo surdo, que tolere a rima de *Mãe* com *também*, como aqui fazem os bons rimadores, ou que admitisse um *tambaim* impossível, como a gente culta de Lisboa.

Em resumo.

A minha opinião é que ainda sem o querer, havemos de modificar altamente o português.

2º — que uma só cousa fica e deve ficar eternamente respeitada — a gramática e o gênio da língua.

3º — que se estude muito e muito os clássicos, porque é miséria grande não saber usar das riquezas que herdamos.

4. Mas que, nem só pode haver salvação fora do Evangelho de S. Luis, como que devemos admitir tudo o de que precisamos para exprimir cousas ou novas ou exclusivamente nossas.

E que enfim o que é brasileiro é brasileiro, e que *cuya* virá a ser tão clássica como *porcelana*, ainda que a não achem tão bonita.

E com isto, dou fim a esta epístola. Está-me parecendo que se o O[dorico] a visse, fazia-me uma pregação interminável, rejeitando-me tudo de pancada, e admitindo-me depois, parcialmente, a mais do que aí vai escrito. Felizmente êle está longe, e eu cansado.

Adeus. Muitas saudades do

Teu do Coração

G. Dias.

B. N.

268

Amigo Pôrto Alegre

Acabo de receber a sua carta de ...... do passado e como eram justamente horas de um passeio higiênico, acabando de a ler, fui dar uma vista de olhos pelos ferros-velhos da rua do Ouro, e deparei logo com algumas das suas encomendas. — Um exemplar menos mal conservado, da *Côrte na Aldeia*, — e de envolta com êle, uma *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel [de Melo]. O Fr. Bartolomeu é que terá mais dificuldade em se apanhar uns dois volumes homogêneos; mas há aqui um caga-sebo que tem os 2 volumes em edições diferentes. Dei ordem para que os embargassem. A feira da ladra não é cousa com que se possa contar, quando se quer fazer uma compra determinada. À ventura, ainda lá se acha alguma cousa; mas depois que vim, ainda lá não vi nada que prestasse.

Não me esquecerei dos Anexins, Lendas, Revistas, pulseiras, rapé etc. Sòmente noto que V. não diz se quer também as obras de Antônio José. De Teatros não há nada, nem sei ainda quem me dará os apontamentos que me pede. Talvez o Felhner ou Viale. Veremos isso.

Do Rio nada sei, nem me escrevem. Corre por aqui que o ministério será dissolvido, o que aliás é muito de supor, — mas acrescentam que o Olinda será incumbido de organizar o nôvo Gabinete. Desconfio muito dessas bombas e remendos postos com cabedal velho.

O tempo continua aqui magnífico, pôsto que com suas nortadas, que escandalizam. — Ao menos desconfio que se me rachou a garganta, de sêca, porque a respeito de voz temos conversado. Há bons dez dias, que ando como frangó com gôgo, que apenas pode chilrear um kirikiquiqui desengraçado e risível. O reumatismo êsse é que apesar de alguns ameaços vagos e ligeiros parece que me deixará em paz êste inverno. Mas a garganta e a tosse é que m'incomodam e aborrecem como quinze mil demônios, e tenho reparado que de quantas extravagâncias me passam pela cachola, nenhuma me faz tanto mal como o estudo. Acode-me logo o sangue a cabeça, e produz-se uma espécie de congestão nos vasos da garganta, que é um desconsôlo.

No meio de tudo isto, me escrevem do Rio que S. Majestade está ansioso por ver cousa minha. Segundo suponho, êle achará lá de si para si, que sou um grande vadio, e que devo estar cheio e farto de divertimentos. Pois S. Majestade que tenha santa paciência. Não sei se voltarei jamais ao meu antigo estado, ou cousa que a isso se aproxime; mas se é possível, não estou muito disposto a arriscar essa mesma possibilidade com azáfama inútil e pouco produtiva.

Pelo que vejo, V. está nem sòmente com febre poética, mas em maré de economia. Venham as Comédias, que serão sempre bem-vindas; mas os cigarros é que podem fazer dano para uso diário e contínuo. Ora, quanto não seria eu feliz se aqui apanhasse dêsses charutos do Panzig — a 6 pfenings — cada um? Para poder fumar alguma cousa, que me não arranhasse a garganta, pedi ao Peixoto de Brito que me mandasse uns centos de Cadix — importunei o contrato para que nos deixasse sair (pagos os direitos, já se vê) — e saíram-me toleráveis, mas por um preço exorbitante — cousa de 80 rs. fortes cada um. Por êsse preço, no Rio, tinha eu um Havana, com que se não benze aqui S. M. que Deus guarde.

Em compensação o contrato vai acabar; mas êstes grandes homens, arranjaram as cousas de tal forma que há bem fundados receios de que se venha a fumar pior e mais caro. Era um problema dificílimo, mas no meu entender êles resolveram isso com suma felicidade.

O Magalhães parece que se vai dando maravilhosamente bem por Viena, pois que êle não esmorece de poetar. Dê-lhe lembranças minhas em lhe escrevendo.

O Cotrim lembrou-se por fim de me dar notícias suas: está muito contente com Viena, mas eu também desconfio que êle trocou o vestuário polaco pelo magiar.

Grande novidade! Domingo d'entrudo, haverá na *Côrte* um baile de *máscaras;* é o primeiro que ela dá neste gênero, e suponho mesmo que lá por fora não há precedentes.

E com isto não o incomodo mais.

Lembranças a sua Mãe, e Senhora e filhos, e se se esqueceu de alguma cousa, acuse-me em tempo.

Mil saudades e um abraço do

Seu amigo do Coração

Gonçalves Dias.

Lisboa, 1 de fevereiro 64.

A propósito de anexins — parece-me que não há repertório mais completo do que o D. Quixote (a tradução sabe que é boa).

B. N.

269

Amigo A. Henriques

Já me ia esquecendo de te chamar compadre. Pois Sr. Compadre, a *procuração para o batizado da Srª afilhada, já lá foi a dois paquetes.*

Empresta-me um abraço a minha nova Comadre, que eu te pagarei isso à vista, pois que, segundo espero, nos veremos ainda.

Divido a minha carta em pontos para que me não escape nenhum sacramento.

I — Qual é o meu parecer acêrca do estilo do Lisboa? Que demônio queres que te diga? ou o que é que se pode dizer em matéria tão vasta, quando o espaço é tão resumido, como o que tenho diante de mim? Acho que é excelente, que êle prima no epigrama, naquele dizer faceto, alegre, espirituoso, um pouco chasqueador, no qual se desmandava algumas vêzes, *falando, mas na escrita irrepreensível* .*A êle com tôda a propriedade* (que há bem poucos exemplos tais na língua portuguêsa) se pode aplicar o dito de Rodrigues Lôbo, quando quer caracterizar umas das suas figuras da *Côrte n'Aldeia* — É muito natural de uma murmuração que fica entre o couro e a carne, sem dar ferida penerante. E porque isto nêle é o que mais me cativa, acho incomparàvelmente superiores aos outros, os seus primeiros folhetos, quando trata dos costumes políticos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e, mudadas as cenas, de muitos países, onde prevalece o regime constitucional.

Não quero negar com isto os outros dotes que êle vai revelando na *continuação do seu Timon* — *há mais* placidez, mais reflexão, mais pausa: vê-se que viu e observou mais, que alargou os seus horizontes além do perfil das terras do Bacanga e das últimas vagas da baía de S. Marcos. Medita mais, escreve mais senhor de si, os seus toques são mais firmes; e com isto, quando a matéria é espinhosa, — quando êle não quer, ou não sabe muito bem, — ou não se atreve a dizer claramente o que pensa, — é de ver a arte com que êle *expõe*, como lhe lembram tôdas as tricas de rábula, como previne e se furta às objeções, parecendo dizer tudo, e nada lhe ficar por dizer. Nestas pequenas cousas, que são como a acentuação nas pessoas que falam, é êle dificílimo de ser refutado, como a ironia do gesto, a que se não pode responder com palavras. Compreenda-se belamente o que êle quer; mas dizê-lo por outras palavras para o combater, é foro de impossíveis. Eu o comparo ao veludo furta-côres ou à pele de lontra. Diz-se: É dêste matiz! mas com qualquer imperceptível mudança em relação à luz, com um ligeiríssimo toque, já se diz: a côr é outra.

Vês tu aquela passagem da biografia do Odorico! Parece criticar a linguagem do Brasil, e critica de fato a Portugal — a idolatria da forma! — eis a fotografia do Castilho. Aqui êle não podia dizer outra cousa — e o Castilho não se deu nem se podia dar por achado. Lá, misturou êle um quantum satis de xarope ao amargo da crítica — é a linguagem obsoleta do tempo de Camões! Há nisso sua verdade. Entendam-no como quiserem que êle já disse o que tinha a dizer.

Em suma é um prosador de finos quilates, bom crítico muitas vêzes, espirituoso, quando o quer ser; mas sofrendo da bexiga, de hemorróides e do fígado — defeitos e achaques do homem de estudo, cousas estas que se não transmitem a posteridade; mas que os homens da ciência, como tu, acham tão natural, que o contrário seria inexplicável.

Em resumo dos resumos: foi felicidade do Maranhão e parecia complemento necessário de um poeta e mestre como o Odorico um prosador como o Lisboa.

O Odorico *é a minha canseira, e pois que falei nêle entremos no* Cap. II — que já era tempo.

Vejo pelas tuas últimas cartas que as cousas aí se tem de certa forma modificado, talvez melhor consideradas as circunstâncias do Tesouro Provincial. Na primeira dessas cartas, a que respondi, e que deu os mais felizes anos ao Odorico — fala-se dos 4 contos integrais. Na 2ª — desceu a cousa de 3 a 4 — Nesta última — de 2 a 3. Se V. assim forem cerceando aquela subvenção poética, quando êle a chegar a receber, estará reduzida a uma quarta-feira de cinza — Pulvis et cinis et nihil.

Esporeia-me o velho Sotero, que êle suba mais alguns furos na escala do entusiasmo e da eloqüência e nos grangeie êsses 4 contos por inteiro. A amizade antiga, o aprêço do Homero como quem me fêz mimo do primeiro Monti, que possui (em 1846) a glória da Província exigem isso dêle. Não sei que Francês disse que a França era bastante rica para pagar a sua glória. Ora o Maranhão não é provincia tão de cacaracá, que não possa satisfazer aos deveres do seu nome.

Ora, êsses contecos são, resvés a importância de suas impressões, quando êle as faça em Paris. Acresce porém que o clima da França vai principiando a ser-lhe nocivo. Já neste inverno passou êle muito mal de umas sufocações, que os médicos dali qualificaram de asma. Ora para tais enfermidades, a verdadeira espécie de *strychnos* são os climas temperados. Aconselho-o a que venha para Lisboa por mil e uma razões, e é possivel que o resolva a isso. Ora em Lisboa são mais caras as impressões do que em França, e quantia inferior a 4 contos, pondo-nos em embaraços, aumenta com tôda a certeza as sufocações do Poeta. Fala aos amigos e prova-lhes *auctoritati Hypocratis*, que isso é sumamente higiênico, além de cristão.

O Odorico já te há de ter escrito; mas pelo que me escreve, vejo que o homem está em cólicas, receando que a subvenção lhe venha a título de empréstimo, quando lhe falta o recurso legal da falência. Aponta o exemplo do Coqueiro a quem a Assembléia Provincial concedeu suponho que uns dois contos para a impressão da sua aritmética — sub conditione de uns tantos exemplares à Província, não sei para quê. Quando houveres de lhe escrever, tranquiliza-o a êsse respeito. Dito isto, passemos adiante.

3º Os prelos mecânicos que aqui se usam são franceses: têm pois um direito de importação: de modo que a ter de se comprar algum em bom uso, equivalerá a mandá-lo ir nôvo e diretamente de Paris. De mais que a não serem vendidos por alguma circunstância extraordinária, quem dêles se desfaz ê por lhes conhecer defeito que de certo não vai revelar ao nôvo comprador. Quero supor que um prelo nôvo, do melhor fabricante (Nicolas) nas condições da tua encomenda, pode importar em 100 Libras ou talvez menos — 2.500fr.

Mandei pedir informações a Paris.

Quanto a instrução e o mais de que me falas, fica para outra vez, que isto já não é carta.

Escrevi ao Teofilo; mas esqueci-me de lhe mandar dizer que o João vem em março. Dize-lhe isso. Lembranças ao Rêgo, Pedro e um abraço

do teu Comp.e Amº

Gonçalves Dias

Lisboa, 12 de fevereiro 64.

B. N.

270

Amigo Capanema

Não sei por onde andas, nem como te achas de saúde. O essencial que já estejas restabelecido. Não tenho tido há muito notícias tuas. O Pôrto Alegre mesmo, quando me escreve nos intervalos lúcidos do seu Colombo e no meio do afã de suas comédias, pouco me diz a teu respeito, e isso nem sempre. Está me parecendo que ainda te conservas pelos montes e vales, donde ùltimamente me escreveste, atrás de bichinhos e de cousas miúdas! Sabes tu, meu Capanema, que fazemos, nós os dois — um só homem! ou antes dois poetas (Já se vê que dois poetas dão um homem) — tu, como verdadeiro naturalista, sempre extasiado para a terra, e eu sempre a olhar para o céu como um verdadeiro pedaço d'asno! Entre mim e ti, passam graves, circunspectos, nédios, barrigudos — os homens práticos, realistas, que sobem com apetite insaciável da cebola à carne sêca, e desta a *mayonnaise*: êsses tais, não se importam com *flôres*, senão com frutos, — nem com os astros, só com êste globo terráqueo, donde a imaginação não teve nunca fôrça de os arrancar nem por sonhos.

Que lhe havemos nós fazer? Melhor era o outro caminho; mas falta-nos a mim jeito, e a ti paciência e caráter para êle. Hás de morrer d'indigestão de algas: tem isso por certo.

Visto porém que estamos em plena botânica, lembra-me um assunto que muito me interessa. O nosso Govêrno consta-me que favorece a impressão das obras do Martius; e eu preciso muito de um exemplar dessas obras como legítimo cantor das palmeiras. O Martius, quando Deus quer, mente como um dentista alamoda [sic]; mas careço dêle para os meus Índios, se é que não fiz bancarrota poética.

Lembro-me que não há nenhum exemplar dessas obras, nem na Biblioteca real, nem na das Ciências. Se o Govêrno me quiser encarregar de receber um dêsses exemplares, para o entregar em qualquer daqueles estabelecimentos, quando eu os puder dispensar! Como te parece que se possa isso arranjar?

Agora, se também me pudesses mandar uma pequena porção de extrato de jucá, fazias-me muito favor. Aquela célebre tosse continua a apouquentar-me e eu estou persuadido que enquanto ela persistir, como me cansa e excita a garganta, não fico bom da voz. E eu sem voz — não canto: é claro.

Adeus — que isto também já é escrever de mais para quem anda como frangão com gôgo.

Lembranças a D. Amélia e notícias do teu rancho. Muitas saudades

do teu do Coração

G. Dias

P.S. — Se vier o jucá, quem o trouxer que o deixe na nossa Legação. para me ser entregue.

Lisboa, 14 de fevereiro 64.

B. N.

271

Ao Marquês de Abrantes *

Ex.mo Sr.

Quando homens como V. Exa cheios de glória, e mais ainda de longos e valiosos serviços se retiram momentâneamente da gerência dos negócios públicos, convém dar-se-lhes emboras de quanto bem mereceram do país assim como da tranquilidade a que muito por seu grado voltam. Bem sei que para V. Exa não há ócio, e que aquilo que para outros seria folga, se transforma em mudança de ocupações e de encargos, que absorvem a atenção e o tempo.

Num ou noutro estado, servem sempre ao seu país, bem merecem dêle, e dão o bom exemplo de uma atividade invejável e de boa vontade que nunca esmorece. Como porém essa mesma mudança lhes seja descanso, pois que nem podem ter, nem sofrem outro, os parabéns não me parecem, nem que sejam mal cabidos, nem que venham a ser mal aceitos.

(*) Na ocasião deixara a pasta dos Negócios Estrangeiros, que exercia desde 1862.

Sirva-se pois V. Exª de aceitá-los benignamente de uma pessoa que cheio de reconhecimento pelas bondades de V. Exª, e de respeito pelo seu nome e serviços, ainda de longe o acompanha com seus votos pela saúde e prosperidade de V. Exª.

De V. Exª.

Il.mo e Ex.mo Sr. Marquês de Abrantes

m.to at.o V.or e Cr.o

Lisboa, 28 de fevereiro de 1864.

Antônio Gonçalves Dias

B.N.

Cópia

272

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Sabes tu que quantas vêzes te escrevo, vêm-me logo saudades dêsse remanso pacífico e perdido nas margens do Mearim, que se chama Pixanuçu. Está me parecendo que se ainda me fôsse dado empreender algum trabalho mais sério, havia de ser aí, e não em outra parte. E se não fizesse nada já não seria pequena fortuna acabar a gente como quer e onde quer. De certo que uma bala doida n'um campo de batalha, um ataque de boa apoplexia, ou a lanceta indiscreta de um sangrador de má morte, leva o seu homem com admirável facilidade. Parece-nos a nós que quem assim morre instantâneamente nada sofre, e eu mesmo me tenho algumas vêzes surpreendido a invejar os bem-aventurados, que vão-se desta para melhor, como o jumento do Cônego Felipe, sem terem tempo de dizerem — ai Jesus! Hoje penso de outro modo. Quer parecer que o homem ferido de morte no meio do mais profundo sono, acorda ao menos em espírito para morrer. É o relâmpago que fuzila no meio das trevas para alumiar a estrada que deixamos, e o abismo sôbre o qual já temos o pé alevantado. Pois se assim é, melhor será chegar a gente a êsse têrmo, legando as últimas palavras, o último riso, a última lágrima àqueles que amou na vida, discorrendo filosofias como Mestre Sócrates, ou poetando no leito da morte com o imortal D. Quixote. «Vês tu, amigo Sancho, aquela pobre avezinha que naquele tosco ramo tinha posto o ninho, foi-se e abandonou-o, e não voltará mais!» E aquêle grande coração loucamente generoso, ao despedir-se da vida, já não via mais gigantes, nem dulcinéias, nem castelos de vento, senão o ninho abandonado, e o passarinho que se não sabe aonde foi!

Disparatada imaginação que é esta minha. Num banquete, fico triste, — num entêrro aparece-me sempre alguma ponta de ridículo, que me faz rir por dentro. Agora que aí vem chegando a primavera, quando tenho esperanças de me ver desengasgado dentro em pouco, lembram-me Sancho Pança e os

castelos de vento, e as pobres aves, que morrem longe do ninho. Pois se deixou no buraco a prole implume, levou a coruja ou a criança travessa em hora de desfastio, e leve o demo poesias!

Melhor é falar de outro assunto: quanto a êste de que iamos falando, ou antes pelo que toca e diz respeito a minha importante saúde, fique dito e escarrapachado que faço e farei todo o possível para a reaver, ou pô-las em muletas que a estirem por mais alguns anos. Preciso dêles, mas com alguma saúde, e no estado de gente. A não ser assim, não. Espero só a chegada do João, para ir aos Pirinéus e queira Deus, que êle se não demore muito por que isso me faria grande desarranjo. Não sei se me bastará uma estação de águas, ou se conviria repetir. No último caso seria melhor ir duas vêzes no mesmo ano na primavera e no outono: mas se êle se demora, estou mal.

No entanto, apesar de sempre mais ou menos adoentado e aborrecido, alguma cousa tenho feito neste inverno; mas são trabalhos preparatórios, que só poderão servir quando me achar com mais fôrça. São os apontamentos para os meus Jesuítas: faltam-me muitos livros, com os quais nunca me importei demasiadamente por que sabia que os tinha e onde os tinha no Rio. Aqui são raros, e muitos só de nome conhecidos, se é que o são.

Mas para atamancar o negócio é quanto basta com os livros e apontamentos que lá devem estar no Maranhão.

Recebi de D. Inês uma cartinha respondendo-me aos pêsames * que lhe mandei pela morte do marido. Pobre senhora, como não se verá ela agora aflita com aquêles quatro filhos, que por assim dizer, não conheceram o pai! Quatro filhos? não sei se sonhei que ela teve outro depois da minha saída do Maranhão. — Se foi sonho, tanto melhor, que para incomodar mesmo a um homem, bastam três, que é também a tua conta.

Por falar nêles, lembra-me o Atlas do Mingote. De Pernambuco me escrevem que êle ainda ali não chegara; que o correspondente de Paris tinha demorado essas e outras encomendas que tinha para aquêle pôrto, pelo volume que faziam. Ora o tal Correspondente é um fabricante de pianos, muito em voga em Pernambuco: as suas remessas são pianos, e nos caixotes destes monstros da harmonia é que êle enfardela o mais que tem a remeter. Parece que tinha muita quinquilheria, e daí tem resultado a demora. Dos Pirenéus terei ocasião de me informar dêsse desgraçado Atlas. Em todo o caso, se eu o tivesse trazido comigo para Lisboa, é provável que já lá estivesse há muito tempo.

13 de março

Comecei anteontem esta, e deixei-a ficar para fechá-la com a chegada do Paquete. Caiu porém o dia em domingo, que é quando faço alguma visita, e hoje de mais a mais tenho que ouvir uma missa de finados, por implicâncias

(*) Ver Carta nº 254.

de relações sociais. Ergo rosas. Concluo que não há tempo para mais. Não me esqueci o teu pedido de não sei que preparador de Garapa. Tenho o nome na carteira. Muitas e muitas saudades a D. Mariquinhas, Inesota, Lolô e Mingote. Um abraço do

Teu do Coração

G. Dias

[11 de março de 1863]

I.H.G.B.

273

Amigo e Compadre [Antônio Henriques]

Recebeste a procuração, mandei-ta pelo primeiro paquete que daqui partiu, depois de recebida a tua carta. Por sinal que nem foi reconhecida, o que nem só não é necessário em documento dessa natureza; mas até o próprio documento se dispensa, bastando que o padrinho de fato — alegue que assiste ao ato por procuração, — procuração neste caso é a simples autorização, dada como quer que seja. Mas pode ser que os ponta-baixas daí, entendam do riscado tão pouco como eu, e por isso te mandei a procuração. Por causa das dúvidas tratarei de ver se o paquete me permite mandar-te outra nesta ocasião.

O bom tempo ainda agora começa. Passei um mês entre quatro paredes, pois que a chuva me não permitia sair; iludido com o cariz risonho do céu, tentei sair umas duas vêzes nesse intervalo; mas parece que bastou a intenção, pura e simples, para me sentir com um pigarro-garrotilho de meus pecados. Imagina um pato que engoliu um anzol, e o tem fisgado na garganta! Eis o teu compadre. Dá-lhe um nome científico, mas a cousa era essa. Digo era, porque já estou mais aliviado.

Os teus colegas de Bruxelas e Paris fizeram de mim gato-sapato. Fiquei escabreado, e homeopatizei-me! Andava um tantinho melhor quando me constipei e foi-se tudo quanto Marta fiou. Desesperei e fiz-me Médico, — Raspail é um grande homem, disse eu com os meus botões. Ergo água sedativa e gargarejos d'água salgada — e continuar-se-á. Dir-te-ei todavia em abono da ciência, e por que vejas que não é à toa que eu engraço com a douta Alemanha, que eu devia ter seguido a prescrição do Dr. Traube, de Berlim. 3 semanas d'água — tal de *Ems*, disse-me êle, e logo depois, em seguida, 4 semanas d'águas sulfurosas de Weilbach, (perto de Francfort). Fui a Ems, e não segui até Weilbach. Ora as águas sulfurosas me devem ser muito úteis, e as dos Pireneus para onde agora vou, têm a mesma compo-

sição, e aplicam-se nos mesmos casos. Se o Traube errou, compro fumo e deito luto por tôda a Medicina — Hanhemann, Raspail e tutti quanti; e emendo o luto por êles com o dó pelo meu órgão parlatório «et Requiescat in pace!»

Negócios.

Já te falei do teu prelo mecânico? Em segunda mão, se encontra aqui pelo preço que queres. Aí com 100 libras — se poderá obter algum em bom uso; mas com êsse dinheiro ou pouco mais, está-me parecendo que se compra em Paris um dos melhores fabricantes, encaixotado e pôsto a bordo de algum navio para o Brasil.

Na hipótese que se possa arranjar isso, queres que to mande? Mas era melhor ter uma pessoa em Pernambuco que o recebesse e remetesse para o Maranhão. Os navios não são freqüentes de França para o Maranhão, e a demora no pôrto do embarque poderia ser desanimadora.

Em todo o caso, como é em Paris que eu preciso de saber o que resolves a êste respeito, — e como a tua carta já talvez me não encontrasse aqui, escreve-me para Paris — 49. r. Vevienne — ou Poste restante, uma das duas cousas.

De lá te escreverei sôbre a Instrução pública, e verei as obras de que careces para poderes escrever sôbre a matéria. É matéria vasta e os franceses não são os mais adiantados nesse ramo.

Adeus. Muitas saudades do

Teu do Coração

Gonçalves Dias

Lisboa, 13 de março 64.

I.H.G.B.

274

Amigo Capanema

A tua última carta me veio deixar inquieto porque eu não sei por que, contava que voltarias da tua excursão perfeitamente restabelecido. Vejo porém agora que me enganei e que chegando ao Rio te achavas de nôvo acometido de não sei que catarral, que te anda perseguindo por intermitências. Tem cautela com isso, e essa cautela não pode ser outra senão que te ponhas daí para fora, ao menos por algum tempo. Com a mudança de ares, de regime, com menos ocupações e cuidados, e longe dessas impertinências do Rio, é mais que provável que te restabeleças dentro em pouco e que possas voltar com fôrças e disposição para aguentar trabalho e aturar os nossos

amigos. Não faças como eu, que deixei as cousas chegarem as do cabo, e agora me arrependo: lá isso de morrer é uma história; enforcado ou asmático, a cousa se conclui em minutos. O que é o grande diabo é moléstia, é chegar a gente àquele estado do prédio velho, que fende e desaba por todos os lados, e que só a custo de sacrifícios e de incrível paciência se vai aguentando nos espiques. Aqui estou eu, há dois anos, como um palerma, sem saber o que faça nem o que deva acudir primeiro, porque tudo urge, e como diz, o rifão, que parece ter sido feito ad usum Delfini, i.e — para meu uso particular — o que faz bem ao fígado, prejudica ao baço. A minha garganta tem continuado levada de 15 mil demônios, e parece-me grande marvilha que eu ainda não tenha espichado a canela com algum garrotilho de marca grande. Qualquer mudança de atmosfera — constipação! e logo a constipação me sobe à garganta.

Cautela pois contigo, lança barro à parede, e vê se te despegas dessa ostreira do Rio, para qualquer parte; mas para a Europa seria inquestionàvelmente melhor.

Tenho pena do que me dizes da oposição que se vai formando contra o bom Glasl, que no meu conceito é um homem sério e de mérito real. Se êle fôsse algum trampolineiro científico, algum destes vendedores de bulas falsas, teria sido acolhido pelos nossos pequenos grandes homens como o salvador da pátria. Verás que se não tivermos boa colheita de café, será dêle a culpa! Lá quanto a Botânica, não me parece que para as aplicações e necessidades da ciência agrícola, seja preciso mais daquela que sabe um bom jardineiro da Europa, e em todo o caso, por muito pouco que seja o seu pecúlio neste ramo, sempre há de ser mais opulento que o que no Rio se encontra, salvas umas 3 ou 4 exceções. Corto largo, para que me não chamem pouco patriota. O essencial no meu entender são as aplicações da química à nossa Agricultura — e Liebig não que seja botânico de grande nomeada. Pobre Glasl! tenho pena dêle, e mais pena dos nossos.

Adiante.

Saberás que com imensa pachorra e tenacidade, consegui concluir a cópia da *N[oiva] de Messina,* — fazendo-lhe algumas ligeiras correções. Não me parece má de todo; mas não me meto noutra por êstes tempos mais próximos.

Adeus. Há um mês que chove aqui como nos trópicos e eu, como leão em jaula (comparando mal) passeio de um lado a outro do meu quarto a ver se uma réstea de sol me consente algum desafôgo ao ar livre. Desejos vãos até agora.

Resolve-te, põe-te daí para fora.

Muitas e muitas lembranças a D. Amélia e tua sogra. Aposto eu em como a Quêta e a outra já se não lembram de mim. Um abraço do

Teu do Coração

G. *Dias*

Lisboa, 13 de março [1864]

B. N.

275

Amigo Capanema

Há dois paquetes que não tenho recebido cartas tuas, estimarei que isso não seja devido a alguma nova carregação de erisipelas que de tempos em tempos te visitam, mas que ùltimamente segundo me parece, se vão repetindo com intervalos menos largos. Não há para êsses demônios senão mudança de ar; resolve-te, e põe-te daí para fora, que tudo será ganho para o físico como para o moral. O negócio não me parece sumamente difícil, uma vez que o queiras deveras e com constância.

Eu cá vou indo, resolvido a ir por êstes 15 ou 20 dias, tentar o meu último recurso nas águas dos Pirenéus; mas disso não dou parte ao Govêrno, porque, primo, os trabalhos continuarão na minha ausência, ainda que eu os tenha de rever e conferir na minha volta; e depois porque nem é do meu gênio, nem me parece convir muito andar a quebrar a paciência dos nossos Ex.[mos] com notícias minhas e boletins de saúde. Se melhorar ou me restabelecer, muito que bem; senão — veremos ainda ao que me resolverei. É o terceiro inverno de engasgação, e ainda que no resto, o estado geral da minha saúde não seja de todo mau, sempre é moléstia tão má que se agrava ou complica, em menos de 24 horas! Era uma vez um poeta!

Do Pôrto Alegre não tenho tido notícias senão raras, principalmente depois do comêço dêste ano. Não sei se com o inverno êle ou alguém do seu hospital começou a sofrer, ou se já me supõe a sorver águas sulfurosas nos Pirenéus. Quando da última vez me escreveu, estava-se êle ocupando com apontamentos ou notícias para uma História do Teatro português. O *Colombo* estava ou concluído ou quase, pois que êle o recopiava. Há de ser um poemazarrão de légua e meia: tanto melhor.

Eu tentei outro dia fazer versos; mas ainda não estou muito em maré disso. Em Dresde ainda me saiam *hidrópicos*, agora saem-me estílicos, [sic] mirrados e *tísicos*. Suponho que lhes perdi a bitola.

Adeus. Muitas e muitas saudades a D. Amélia, muitos beijos nas tuas pequenas. Do Morgado não se fala, por que ainda não é gente.

Do sempre teu do Coração

Gonçalves Dias

Lisboa, 28 de março 64.

B. N.

276

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Paris, 21 abril 64.

Os primeiros dias de abril em Lisboa me puseram em petição de miséria. O clima é péssimo para moléstias de garganta, isso com a mudança de estação, trouxe-me uma angina ou garrotilho ou o quer que foi complicado com uma inflamação de estômago, que me pos a caldos de galinha por quase quinze dias. Como porém a moléstia não queria obedecer aos médicos, tomei o primeiro paquete que saia de Lisboa, e aqui cheguei, mais felizmente do que eu próprio esperava. Como ainda é cedo para as águas, cuja estação começa a 15 de junho, pouco mais ou menos, entrei em tratamento, sem esperança de restabelecimento, mas para ir entretendo a imaginação. Se as águas me não restituirem a voz, será escusado tratar mais disso.

Não me tenho esquecido das tuas encomendas. Cheguei aqui anteontem. Ontem fui á casa do Serafim e aí te mando o desenho do aparelho Grimart. Não te posso dar largas informações a êsse respeito; por que êles mesmo entendem pouco dêsse riscado, e eu pela minha parte falo com extrema dificuldade e com voz que mal se ouve. Eis os preços.

Um aparelho de 10 metros de comprimento, que basta para a evaporação de 8.000 quilogramos de açúcar, diz êle, (mas eu suponho que é de garapa) por dia de serviço de 15 horas — 9.500 francos.

Um aparelho para 12 mil quilogramos diários, custaria 13,500 francos. Tem 6 caldeiras, porque já suprimiram uma dos antigos aparelhos, que então eram 7. Quanto ao elixir Perier & — só hoje é que poderei tratar disso, porque se vende em outra parte. Aqui fico por agora.

23 de abril

É preciso mandar para o correio as cartas do Brasil, e M.rs Carl & C.º, os vendedores do tal famoso elixir ainda me não responderam, e já agora parece que a resposta não virá a tempo de te ir por êste paquete.

Não sei também que embaraços tem havido na expedição do Atlas, nem tenho tido tempo de procurar o negociante que se encarregou de mandar essa encomenda para Pernambuco. Hei de procurá-lo um dêstes dias, mas está-me parecendo que o mais seguro é mandar-te outro.

É pena que haja tão pouca comunicação da França para o Maranhão. As encomendas ou se extraviam ou chegam com extrema demora. Se ao menos o Fábio estivesse mais de assento em Pernambuco, ainda me poderia valer dêle e as cousas correriam mais regularmente. Como me dizem que êle obteve licença das câmaras para se retirar a Pernambuco, vou-me aproveitar disso no caso de desencaminho do Atlas.

Esquecia-me dizer-te quanto a minha preciosa saúde, que os médicos depois de terem andado as apalpadelas, atribuindo o princípio do meu incômodo de garganta — já ao fígado, já ao baço, e já ao resultado da hidropisia, outros a uma moléstia local etc., agora achei 2 que o atribuem a sífilis! Pela novidade, de se encontrarem dois na mesma opinião, (cousa rara!) escolherei alguma das águas que sejam ao mesmo tempo medicamento para a afonia, e sirvam de revelar o princípio gálico, no caso de existir. Aix, na Saboia, está no caso. Na Alemanha existem outras da mesma natureza, e o que é ainda melhor, médicos que melhor têm observado o efeito das águas.

Como vai o Mingote? E a Inesota, e Lolo? — Lembranças a todos, e aos teus do Maranhão.

Um abraço e infinitas saudades

do teu do Coração

Gonçalves Dias

Paris, 23 de abril de 64.

I.H.G.B.

277

Amigo A. Henriques

Compadre.

Saberás que nos primeiros dias do mês de abril, soltou-se uma legião de demônios na minha garganta, e sobreveio-me uma angina ou gripe, ou o quer que era, que ainda não sei bem o que foi, e privou-me de comer, de falar e de tudo. Supus que o negócio se ia tornar grave, porque tendo passado 15 dias neste estado, as urinas estavam côr de café, o ventre resistindo a mezinhas, pouco sono e nenhum apetite. Era talvez uma gastrite que se complicava com a inflamação da garganta. Os meus médicos não me queriam deixar partir;

mas eu que feliz ou infelizmente tenho estudado um pouco essa chamada ciência, tomei o primeiro paquete que largou de Lisboa para França, e fiz muito bem. A viagem fêz-me bem: a língua limpou, e a garganta se *desobstruou*.

Não te zangues de eu dizer da Medicina que é uma *chamada* ciência. Não estou bom com dois anos de tratamento, e ainda mais, quando a moléstia é alguma cousa menos vulgar ou mais resistente, difícil será encontrar dois que concordem. Tenho consultado a uma duzia de oráculos, não por vontade, mas por satisfazer a pedidos e a exigências de amigos e por fim seria isso negócio de perder a cabeça. Um diz que o princípio do mal está no *fígado*, outro que é no baço, e receita-me quinino, — outro que a tosse e afonia resultava da campainha, e cortou-ma, outro que é um simples resultado da hidropisia que me deixou as mucosas em miserável estado, por fim dizem-me outros que é sífilis e que tome quanto antes mercúrio e iodureto. Esta é a última edição de Paris. Ora para as águas ainda é cedo, por que elas só começam aqui em meados de junho. Notável coisa! Na Alemanha, onde começou e onde melhor se conhece êste tratamento de águas minerais, começam com a estação em abril e maio. Aqui, com um clima mais temperado, só em meados de junho.

Como estou fatigado de medicamentos, entreguei-me, para matar o tempo, a um dos principais homeopatas da terra. Não confio muito nisso, e queira Deus que me engane; mas é para encher o tempo pois estou persuadido que todos êstes achaques ou se irão com águas, ou ficarão para todo o sempre «quod Deus avertat».

Encontrei o Odorico muito satisfeito com o bom jeito que vão tomando os seus negocios no Maranhão. Passou mal o inverno, porém aos primeiros raios do sol da primavera, enrijeceu de nôvo, e vim encontrá-lo mais têso e duro e bem disposto do que eu.

Quero ver se carrego com êle daqui para passarmos o inverno em Lisboa.

Entre parênteses. Eu não disse ao nosso Govêrno que saía de Portugal, tanto mais que essa gente não gosta de inválidos. Basta-me que *lá por cima* se saiba. Portanto, fica esta notícia entre os nossos amigos.

O Ives de Evreux está a sair por dias. Vi já as provas da última fôlha. É uma daquelas obras preciosas para o Brasil como o Léry, e mais ainda para Maranhão de que trata. O F. Denis é inquestionàvelmente o literato francês, que mais tem merecido do Brasil. A Espanha deu-lhe uma comenda, Portugal um hábito [h]á não sei quantos anos. Há pouco tempo deu-lhe o Brasil um hábito da Rosa e isso não por serviços literários.

Esquecia-me dizer-te que vim no paquete francês do Brasil, com mais 4 maranhenses! Um cego, suponho que ainda tão parente a quem não falei, porque só falo por acenos, — o Roxo, um médico etc.

A tua idéia da Biblioteca é boa: vê se a levas a efeito, e se alcanças do Govêrno Geral isenção de direitos para os livros que lhe mandarem ou ela mandar comprar na Europa. É cousa que fica, e no fim de anos, essa despesa avulta, porque é uma cousa estúpida nas nossas tarifas semelhantes direitos sôbre livros! Poderei ser de algum préstimo neste sentido.

Consegue isso, quanto antes, e manda-mo dizer. Tenho por exemplo uns 16 retratos grandes de Bispos do Brasil, e missionários do Maranhão. Comprei-os da Biblioteca pública de Lisboa. Como obras d'arte não valem um diabo, pôsto que se intitulem «vera efigies» isto é, que fôssem retratados do vivo. Como coleção histórica será a única no Brasil. Decidam-se pois, que do contrário mando-a para o Instituto.

A coleção de documentos relativos ao Maranhão fácil será de arranjar, por que estou com a mão na massa. Um conto de réis basta e talvez sobeje; mas isso não posso afirmar. Calculo que um volume de 25 cadernos de papel almaço grande, pode importar em 80$rs. pouco mais ou menos. Com um conto lá te mando 12 volumes. Há muita matéria. Ao sair de Lisboa estava eu conferindo «a História dos Tumultos do Maranhão» — Revolução de Beckman que é um trabalho indigesto, prenhe de citações latinas, mas curioso. A Biblioteca d'Évora está cheia dêsses documentos relativos a Maranhão, ainda que o mais completo seja a História dos Jesuítas, que eu mandei e o Cândido Mendes imprimiu para filar uns tantos réis da Província, sem mesmo me dizer: muito obrigado.

O essencial porém é que V. tomem conta da Biblioteca.

O primeiro fabricante de prelos mecânicos — Nicolas, tem andado em mudanças de domicílio. Já o procurei em cascos de rôlha, e quero ver se o descubro para te dizer o preço de uma das suas máquinas nas dimensões que pedes (tiragem de fôlha de metro de largo).

Assim pois, ficamos aqui por enquanto.

23 abril.

O Correio está a partir e fecho a carta. O maquinista a quem escrevi, perguntando-lhe os preços dos seus prelos, não me respondeu ainda. Só pelo próximo vapor irá a solução.

Não me esqueço também dos livros e informações acêrca da instrução. Lá terás tudo a seu tempo.

Muitas lembranças aos da tua família e nossos amigos
do teu do Coração

Gonçalves Dias.

Paris, 23 abril. [1864]

B.N.

278

Amigo [Capanema]

Decididamente Vocês se persuadem que eu sou ou estou um grande vadio! Não, volte-me a saúde, e acredita que não precisarei de outro incentivo para trabalhar, mais que o desejo de encher o tempo que me restar de vida, como quem nada mais tem que esperar dela e de concluir uns tantos bicos de obra que esperam por mim.

Estou apenas capaz de ler alguns papéis velhos por dia e de conferir alguns poucos de cadernos de papel. É a minha comissão, que desempenho; mas por enquanto não exijam mais de mim, porque não chego a mais.

A Comissão que espere, o Fleiuss que tenham paciência, até que eu torne a ser gente, se isso acontecer. Se não «ite: missa est.»

Na verdade que se êste tempo lhes parece longo, e é de certo, imagina se a mim me deve parecer muito breve, que há 2 anos que me ando encharcando o estômago com quanta cousa ruim se lê nos formulários.

Nos primeiros dias de abril, o meu incômodo de garganta complicou-se com uma angina, e gastrite; perdi a fala, o sono, o apetite, e passei 15 dias a caldos, e êsses mesmos levados com extrema dificuldade. Resolvi a mudar de ares, e justamente no momento em que embarcava para França, me entregaram a tua carta em que me lembras o que tenho a fazer. Não me ri, porque o caso não era para isso; mas o meu estado era tal, que alguns passageiros, nossos patrícios, e entre êles o Laemmert que não é de muitos cumprimentos me vieram oferecer o camarote e serviços etc. Cheguei melhor da angina e gastrite; mas quero me aproveitar da estação para combater êste indigno mal, que me impossibilita de trabalhar, e pode, agravando-se, levar-me desta para melhor em menos de três dias.

Não dei parte ao Govêrno da minha viagem, nem era preciso por que os trabalhos continuam em Lisboa com quatro copistas (de 8 que ali tinha) e porque a minha comissão não se limita a Portugal.

Estou em tratamento, mas dentro de 15 ou 20 dias é provável que me mandem para as águas. Farei por combinar as cousas de modo que essas águas fiquem dentro do meu distrito.

Se o *nosso homem* te perguntar notícias minhas, dize-lhe francamente o que há. Não seria honesto nem prudente fazer-lhe eu um segrêdo de que trato da minha saúde. Com bom ou mesmo com nenhum resultado, é possível que seja a minha última tentativa. Não me agrada andar doente por terras estranhas a aborrecer pessoas que mal conheço; e se estou condenado a vegetar inutilmente daqui por diante, prefiro que seja isso na companhia dos meus bons amigos do Maranhão e da minha família de Caxias.

Mandaste-me o jucá, mas não me disseste em que porções se toma e como se prepara. Como é remédio violento, e dias depois me sobreveio a gastrite e angina, deixei-o de parte, á espera de informações tuas.

Adeus, que a tosse não me deixa continuar. Lembranças aos teus e muitas saudades do

Sempre teu do Coração

Gonçalves Dias

Paris, 23 de abril 64.

B. N.

279

Amigo Capanema

Contas-me na tua última carta a bandalheira do Ministro do Império a propósito de um *hábito* com que enfim vão ser *remunerados condignamente* os teus serviços!

Êle me escreve na mesma ocasião, dizendo-me oficialmente que a minha Comissão cessa no fim do corrente mês.

Pessoa bem informada me diz que o Ilmo. Sr. Dr. Cláudio anda metido neste negócio. Êle tem não sei que relações com José Bonifácio, e por fim é capaz de tudo.

Houve tempo, quando êle vivia do jôgo, encarapitado num 2º andar da Rua Direita, em que eu me fazia tolo, importunando, escrevendo e apouquentando a meio mundo, para que lhe dessem um emprêgo, que êle com 50 anos de idade não tinha podido ou sabido arranjar. Hoje, quando eu precisaria de ver se me restabeleço, usa êle da sua influência noutro sentido! — Ficamos pagos.

Desconfio porém que êle, por amor de mim, já se vê, também meteu o bedelho no teu negócio. Não o posso afirmar, mas conjecturo. Por lá, podes mais fàcilmente chegar ao conhecimento dêstes manejos pela parte que te toca.

Os médicos em Paris aconselharam-me uma estação termal em Aix na Saboia. Vim, e não consegui melhoras, porque êles se enganaram como uns pedaços d'asnos. Toda a minha canseira são os Pirinéus e a ter de ficar bom será lá. Mas o velho Drumond e sua digna família insistem comigo que vá a *Allevard*, que fica próximo de Chambery, águas que também se recomendam para a minha enfermidade. Em atenção áquele santo e digno varão a quem devo tantos obséquios, parto para Allevard um dêstes dias, donde estarei de volta a Paris em fins de junho corrente, para dali tomar vôo. Se a algibeira me der licença, e no caso de não terem produzido efeito as águas de Alle-

vard, sempre tentarei os Pireneus. No caso contrário, compro um alfabeto dos mudos, e vou-me para o meu Maranhão. Arrebanho o Odorico, e os dois econômica e poèticamente em um navio de vela, do Havre talvez, lá nos iremos por êsse mar fora a ler o velho Homero e a repetir com Heine

Und ich las das Lied von Odisseus,
Las alte, das ewig junze Lied
Aus dessen meerdurchrainschten Blattern
Mir frendig entgeyenstieg
Der Athem der Götter &
Não me lembra o resto.

Quanto à nossa política e em geral ao que se chama política, nunca lhe achei graça, e tenho muito respeito ao meu fígado para não querer azedar a bílis importando-me com ela.

Quanto à nossa política e em geral ao que se chama política, nunca lhe te mandam lá. Há ali umas minas d'ouro — mal exploradas, e dizem-me que a parte mais rica fora da estúpida doação que delas quiseram fazer — há outra de cobre mal conhecida — pedra litográfica; e talvez carvão de pedra, — mármore etc. Já vês que vale bem uma excursão de dois ou 3 meses.

Lembranças aos teus e muitas saudades do

Teu do coração

Gonçalves Dias

Aix-les-Bains, 2 de junho de 64.

B. N.

280

Amigo A. Henriques

Eis-me aqui de nôvo metido em águas, a ver se a minha negregada voz me volta; mas quase que já estou desesperando.

Passei o mês de maio, quase todo em Aix, na Saboia, para onde os médicos de Paris me mandaram; mas desta feita, como de outras muitas espicharam-se como uns camelos. Imaginaram que eu tinha sífilis, e mandaram-me para estas águas, que têm a propriedade, como quase tôdas as águas minerais sulfurosas, de revelar o vírus latente. Felizmente não apareceu nada; mas perdi o meu tempo.

Nisto que êles se enganam, quis eu também enganar-me por conta própria, e passei-me para as águas de *Allevard*, que ficam perto de Chambery — caminho de Turim. Não te posso dizer como me vou com elas, por que ainda não comecei com o tratamento. O meu grande recurso porém são as águas dos Pìreneus: reservo-as para a última de espadas, quando estiver desenganado com as outras e em vésporas de partida.

Recebi a carta, que me mandaste do *Lisboa;* de volta a Paris darei cumprimento ao teu pedido.

Agora — grande novidade, que já o não deve ser para ti. O Govêrno dá por finda a minha Comissão, visto que tem muita necessidade de fazer grandes economias! Ergo rosas. Enquanto espero que os meus negócios se arranjem de nôvo, volto para o Maranhão, e isto apenas tiver tentado êstes diferentes meios para ver se me restabeleço.

Vê pois se queres mais alguma cousa destas Europias, por que se a tua carta não ficar prisioneira em caminho, é bem provável que ainda me apanhe por cá.

Quanto ao João, está-me êle dando cuidado. Deus queira que êle se tenha demorado por lá, pois que a vir agora, quando eu estou para voltar, pouco lhe aproveita a êle, ao passo que me obriga a despesas, quando não estou muito por cima. Se já veio, que venha muito embora, pois que se não pode remediar. Se não, que tenha paciência, visto que o Govêrno nos não quer por cá.

Êsse negregado *Atlas* já chegou? O Odorico está com imensa vontade de voltar, e quanto antes. Desconfio que iremos juntos — poética e econômicamente.

Adeus — e até a vista, que estou com saudades tuas e dos meus livros. Um abraço do

Teu do Coração

G. Dias

Allevard, 3 de junho 64.

281

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

Acabo de chegar das águas sulfurosas de Aix-les-bains e de Allevard onde passei dois meses nada menos do que agradáveis. Por ora nada sinto senão o despliciente [sic] excitamento que deixam aquelas águas: tudo o mais — tosse, salivação, afonia, bronquites et magna commetante [sic] continua no mesmo pé, senão pior que dantes. Dizem-me que só no fim de dois ou três meses é que os efeitos das águas se manifestam. Queira Deus que sejam bons por que já basta de moléstia, e não me sinto com paciência para mais.

O Capanema me escreveu do Rio ùltimamente, dizendo que não obstante se ter dado por finda a minha Comissão os meus negócios se tinham arranjado de forma que eu poderia continuar a estar por êstes climas. Até agora porém não sei que arranjo foi êsse, e não me consta oficialmente nada. Ora como eu não quereria que o inverno me apanhasse por cá abanando com as mãos — abanando visto que o inverno não permite tão útil entretenimento,

nem há môscas que apanhar — estou vai — não vai — a decidir-me e a fazer companhia ao Odorico em viagem para o Maranhão. A viagem do mar, em navio de vela, me há de fazer bem: a estada em Maranhão ainda melhor; e quando os meus negócios se consertarem deveras, e por um vez, será ocasião de tomar uma medida salutar.

Sabes que depois que de Pernambuco segui para a Europa, abandonando a minha viagem para o Maranhão, ficou-me esta mania, envolta na esperança longínqua de que lá me poderei restabelecer. Aquela mania, desejos, saudades, ou como lhe quiserem chamar, tem ùltimamente tomado mais vulto. A isso acresce que o Odorico tenciona também retirar-se, evitando passar cá outro inverno, e esta ida me tem feito suas cócegas.

De mais, que faço eu aqui? Levo a aborrecer-me de manhã até de noite, — e a tossir de noite até pela manhã, e nos intervalos, como nas saídas dos paquetes do Brasil, levo a escrever cartas de lamúrias, como se eu não soubesse fazer outra cousa. Ora, nem isto é vida, nem tem jeito. Sofrer, sofrer, antes no meio de gente que me entenda, e a ter de bater a bota com [sic] cedo, prefiro o meu *tumulo de cespidis* nas margens do Bacanga, ou em qualquer riacho de nonada da Província. Se ela nunca me fêz bem, também não me fêz mal nunca, e eu, além disso, não me chamo Cipião.

Deixemos porém estes assuntos de mau agouro.

Cheguei hoje mesmo das minhas águas, e vim encontrar em Paris um dia tão aborrecidamente chuvoso, que não posso sair de casa.

É êste o motivo porque não te dou solução dos teus negócios pendentes. Nem se já foi ou onde pára o Atlas do Mingote.

Nem quais são as condições da venda do elixir Poirson, ou como é a sua graça.

A quase impossibilidade que tenho de falar não concorre pouco para êstes embaraços. Parece que não é nada! pois muitas vêzes desisto de pedir água ou fogo, ou outra bagatela, quando não me percebem os meus resmungados, e eu não me faço compreender por acenos.

Nossa Senhora da Ajuda se meterá nesse negócio, e eu lá te levarei — ou lá te mandarei dizer o que há.

Se me tens escrito nestes últimos tempos, la estará isso em depósito na nossa Legação em Lisboa. Pedi que me guardassem a minha correspondência enquanto andei como um Valdevinos a beber quanta água chôca se tem descoberto na Europa. Agora que me deixarei ficar de assento por três ou quatro semanas, vou mandar buscar tudo. Se da tua parte me tiver vindo alguma cousa que precisar de aviamento, podes ficar descansado.

Como vai a Inesota, o Mingote, e Lolo de quem tão pouco me falas nas tuas cartas?

E D. Inês e o seu ranchinho?

E a tua gente do Maranhão, D. Lourença e D. Maria Teodora.

Decididamente é preciso que eu lá vá saber notícias de todos.

Muitas e bem sentidas saudades a D. Mariquinhas. Dize-lhe que se já lá se foi foi o tempo das histórias e gracejos, estou persuadido que em voltando hei de ao menos rir-me como se nada fôsse comigo.

Adeus, meus bons amigos. Um abraço e muitas saudades do

Sempre teu do Coração

Gonçalves Dias

I.H.G.B.

Paris, 23 de junho de 64.

282

Amigo Capanema

Acabo de chegar das águas: estive em Aix e em Allevard, que é o Ipanema do Isese (mas Ipanema em mãos de gente). Dizem-me que só mais tarde começarei a experimentar os bons feitos das águas: os maus, êsses não se fizeram esperar muito, bem que Allevard passe por fonte *calmante*. Macacos me mordam, se êstes sabichões franceses sabem o que dizem.

O fato é que no fim de 7 semanas de vida mais que de pato, sentindo-me cada vez pior, retirei-me em boa ordem e sem formalidades. A viagem também não me fêz bem. Isto de casa que peca pelos alicerces é melhor não lhe mexer.

Saberás que D. Paulina foi o ano passado aos banhos de Franzensbad, e que chegando a Dresde deitou logo o seu barquinho no Estaleiro: quero dizer que tens mais um suplemento de sobrinho. Desconfiado com a graça, o Pôrto Alegre, êste ano fêz um dia de juízo com a redução dos emolumentos (pois parece que também lhe chegarão por casa). Mas fôsse isso ou não, havia de haver sempre uma razão para que êle não permitisse que a mulher fôsse a tal *Bubenquelle*. Chama-se assim uma fonte de Ems, que goza da fama de muito filhareira. Quando lá estive o ano passado, vi como era freqüentada. Môças e velhas brigavam para chegarem á bica, e saboreavam sem vergonha nenhuma aquêle licor de S. Hilário, ás barbas do respeitável.

Deixando de parte as lamúrias acêrca desta safada de vida, que não sei que nome lhe dê em direito, recebi a tua carta em que me comunicas o resultado da intervenção lá de cima em favor dos meus negócios. Deus pague áquele santo homem tantas e tantas seguidas bondades par acom um pobre diabo como eu.

Parece-me porém que me fazem bandalheira na Secretaria do Império. Os três contos de réis que davam para o Instituto chegariam mal e porcamente para se viver por cá, em estado de saúde; mas quem tem de andar

sempre de Herodes para Pilatos, sempre com um médico a marcar visitas e conta aberta na Botica, e mil despesas que traz a moléstia, — isso seria o diabo. Felizmente êles suponho que cortaram o nó górdio por lá. Desconfio que o Ministro arbitrara não 3, mas 2 contos ao Instituto. A estas horas já estarás informado disso.

Mas vamos adiante.

Tu que tens ou vais ter uma licença por 6 meses para andares por êsses matos e pedregulhos, por que não dás uma chegada ao Piauí e Maranhão. O Piauí é o Ceará da Serra Grande — mas com água. Do Maranhão não te digo nada, que é a minha gloriosa província. Ora parece-me já que queres acabar de estragar essa saúde de ferro que Deus te deu, que a empregues ao menos em vida menos incômoda do que a que levas por êsses Órgãos e porventura com mais proveito. Tomara eu que me achasse em estado de poder continuar com essa vida apesar de quantas bronquites lá se apanham desgarradas.

Adeus.

Esquecia-me dizer-te que o nosso Pôrto Alegre apenas lhe constou que eu estava demitido ofereceu-me logo a sua casa e boa companhia. Receio porém o clima no inverno, ainda que para moléstias da garganta nada há pior que a Lisboa amada.

Lembranças aos teus. Que faz o Macedo?

Do teu do Coração

Gonçalves Dias

Paris, 23 de junho de 64.

B. N.

283

Amigo A. Henriques

Compadre. Enviaste-me a carta do Lisboa de 2 de maio, para que eu aqui lhe mandasse tirar o fac-simile; mas não me disseste o nº de exemplares de que precisavas. Mandei tirar *mil*, e queira Deus que bastem.

Como me dizes que isso é negócio de impressor, e que desejavas saber a importância dessa despesa, digo-te que andou o negócio por 40$rs pouco mais ou menos. Quando houver ocasião de te remeter os exemplares que já estão em meu poder, te mandarei a conta circunstanciada. Ai vai a amostra. O homem que a fêz sabe tanto de português que supunha estar copiando espanhol. Não alindou a cópia, mas no mais *como fac-simile* é perfeito, no meu entender.

Passemos a outro assunto.

Que me dizes do Prelo? Decide enquanto ando por êstes bairros, nem te importes com a remessa de dinheiro, pois é possível que eu tenha mais necessidade dêle no Maranhão do que aqui. Assim — podes fazer a tua encomenda.

Quanto a minha preciosa saúde, vou desconfiando que isto é remar contra a maré. Espero ainda os bons efeitos das águas; por que os maus, êsses manifestaram-se logo, e ainda se não quiseram pôr ao fresco. — Veremos como me acho até fins de setembro. — Se não tiver obtido melhoras, apelarei para uma viagem de mar, e lá te vou dar um abraço.

Escrevo-te as carreiras, não de Paris, mas de S. Germain en Laye, onde vim dar com os ossos a ver se com os ares do campo melhorava. Histórias!

Já lá terá chegado o negregado Atlas, que há perto de um ano mandei para D. Mariquinhas? Desconfio que em Pernambuco o acharam bonito e se deixaram ficar com êle.

Adeus — muitas saudade do

Teu do Coração

Gonçalves Dias

I.H.G.B.

S. Germain, 23 julho 64.

284

Meu bom amigo [Pôrto Alegre]

Conto que a estas horas, já V. está suficientemente *sprudelado* e de volta de Carlsbad. Escrevo-lhe pois estas duas linhas para Dresde e estimarei que o encontrem em melhor estado de saúde, e com o espírito tranquilizado depois das últimas noticias do Rio.

De fato aquêles nossos grandes homens tinham bem necessidade de fazer ou pregar economias. A missão ao Rio da Prata devia ser pinguemente favorecida, e era conveniente que ela lá fôsse para dar um exemplo novo em Diplomacia. No estado em que estão as nossas relações com a Inglaterra, aceitou-se a intervenção ou, como dizem, os bons ofícios do Ministro Inglês no Rio da Prata para se comporem os negócios do Brasil e daquela República. Mais uma vez aquêles gaúchos se ficaram rindo de nós, e Lord Palmerston pode continuar as suas insolências no Parlamento, porque isso e ainda mais merecemos nós com as paradas e saídas de sendeiro do nosso Govêrno.

Sabe mais que a companhia *inglêsa* dos caminhos de ferro de Pernambuco alegou a despesa, excedente dos seus cálculos, de 4.000 e tantos contos

e pediu garantias de juros para essa quantia despendida, dizem os da Bahia, em jantares, pagodes e *arranjos*? Êsses juros em 99 anos gravam as receitas do país em cêrca de 20 mil contos!

Já vê que as economias são muito bem entendidas.

Por mim — vou remando, e suponho que contra a maré. Aqui estou em *Ems*, e como vejo que o meu estado se vai tornando sério demais, é provável que lá para setembro faça ablativo de viagem para o meu Maranhão.

Mas, antes disso, lhe darei notícias minhas.

Recebeu V. a carta do nosso Macedo, que lhe mandei pelo correio?

Os restos mortais do J. F. Lisboa chegaram a Maranhão e foram recebidos com pompa extraordinária. Decididamente aquêles Maranhotos vão mostrando que prestam para alguma cousa mais do que para escaroçar algodão.

Adeus, que não posso escrever muito. Lembranças a todos os seus, e dê-me notícias suas. Muitas saudades do

Seu do Coração

Gonçalves Dias

Hotel de Russie

Ems, 27 de julho de 64.

B. N.

285

Meu bom amigo [Pôrto Alegre]

Como já me vai sendo preciso esperar por maré para escrever, mesmo aos amigos, aproveito a alegre excitação que me trouxe a sua cartinha, e vou procurar combater alguns dias de dieta a caldo, mas caldo como o fazem nos Hotéis — uma água chilra e abominável que custa o preço dum bom *beefsteak*.

Encontrei-me em Paris com o Marcos e ainda que lhe não falei em mudanças diplomáticas, disse-me posteriormente o Drummond que êle não se reputa seguro. O lugar pois virá a ser preenchido por algum que venha de fora. Assim ao menos não se descontenta a um, senão a ambos.

Não sei se o nosso Amigo Capanema faz bem em se meter de nôvo com fábricas. No caso dêle, não me metia de nôvo no cipoal, ainda que me prometessem milagres de favores.

Quanto a meu estado, desconfio que a cousa vai mal, e muito mal; mas com 3 anos de uma vida pior que morte macaca, vou pensando como os nossos velhos — que — por pouca saúde mais vale nenhuma.

Quando vejo os médicos apalparem-me gravemente os metacarpos, e aconselharem-me depois — ir passar o inverno em Veneza, Nice, Pau, ou onde lhes lembra, conjecturo que já tenho a tísica nos ossos, e que é tempo de tomar uma resolução.

Aguas sulfurosas, alcalinas, o demo, nada me tem feito bem, — a tosse continua e uma salivação abundantíssima, que só por si e independente de mais ingredientes, basta para dar cabo de uma humanidade, como a minha. Penso pois com os meus botões se eu não faria bem em meter-me em um calhanbeque á vela e de me ir — mar em fora — até o Grande Maranhão! Está-me sorrindo essa idéia, e depois, como não me chamo Cipião, não quereria privar a pátria da relíquia do meu somítico esqueleto.

O negócio do Instituto — arranja-se talvez; mas quando? O que sei é que não posso esperar muito, e que isto de promessas de ministros tem sempre o seu *quid* de sapato de defunto.

Como a tosse me avisa que não continue — Adeus. Lembranças a todos os seus, e muitos parabéns pelo seu nôvo título de paternidade. Estou persuadido que o russo de Carlsbad levou por essa causa descompostura caucásica.

Muitas saudades do

Sempre teu do Coração

G. *Dias*

Ems, 3 de agôsto [1864]

Hotel de Russie

Estava já escrita há 2 dias, mas só agora me lembra de a mandar para o Correio. Quando começam as férias do amigo Paulo? Mande-lhe saudades minhas.

B. N.

286

Amigo [Antônio Henriques]

O Brasil acaba de sofrer uma perda irreparável. Odorico faleceu em Londres a 17 do corrente!

Há meia dúzia de dias, havíamos ajustado partirmos ambos a 25 para Lisboa, e dali para o Maranhão. Voltar para o Maranhão era o seu desejo

mais fundo: já êle tinha arranjado a sua casa, o seu modo de vida, — o seu cômodo para morrer. Quis porém ver Londres antes de dizer o último adeus á Europa, e ali fica sepultado.

Não te posso dizer quanto sinto essa morte. O Odorico mesmo nunca soube quanto eu o estimava.

Fico aqui. Estou a espera de minha boa Comadre, Dona Militina, que há de estar, e com razão, inconsolável com a morte do irmão. Eram tão unidas aquelas duas almas, que eu desconfio, não hão-de-estar por muito tempo separadas — ainda mal.

Eu tencionava partir daqui no dia 25 para Lisboa, e de lá tomar um navio de vela para o Maranhão — por que me está parecendo que uma longa viagem me faria bem. Agora — não sei o que farei.

Em todo o caso — vou ver se salvo os manuscritos do Odorico. De qualquer modo que seja, lá os havemos de imprimir.

Esta maldita notícia me pôs a cabeça tonta, de modo que mal sei o que escrevo.

Do teu do Coração

Gonçalves Dias

Paris, 23 de agôsto. [1864]

I.H.G.B.

287

Ilm° Am° e Sr. [sem destinatário]

Desculpe-me por quem é; mas enquanto eu me achar tão incomodado, como estou, fujo de aparecer por não estar capaz de me apresentar diante de gente.

Sabe o que aconteceu ao nosso bom Odorico? — A minha viagem fica demorada até que eu veja como se arranjam os negócios de Dona Militina, e o que querem fazer dos manuscritos daquele grande homem.

E o P.e Ives? Parece ser certo que os alemães inventaram a palavra *Halte!* e que ainda se não acostumaram com a outra mais moderna, de origem francesa — Marche!

Mil recados do

De V. Sa

Am° e Obr° Cr°

Gonçalves Dias

Uma pergunta.

Haverá na sua Biblioteca uma obra alemã

«Allgemeiner Welt-Bott

«Stocklein (ou) Stöcklein?

Paris, 23 de agôsto. [1864]

B. N.

288

Mano e Amigo do Coração [Teófilo]

O Lisboa morreu em Portugal, o Odorico acaba de morrer há meia dúzia de dias na Inglaterra, e eu não quero estirar a canela em Paris, nem mesmo para seguir o exemplo de gente tão recomendável.

Ergo — rosas. Parto para o Maranhão — não sei se do Havre ou de Lisboa, porém em todo o caso preferiria uma navegação mais demorada, indo em barco de vela.

O Pobre Odorico queria que fôssemos ambos para Lisboa no dia 25 (amanhã). Estava isso justo — de lá — *Maranhão me fecit*. Foi ver Londres, e não voltou. Forte, robusto, teve a fortuna invejável de acabar sem longas moléstias, fazendo projetos e com esperanças no futuro. Morreu, sem o esperar.

Deixemos os mortos.

A minha garganta vai mal: tenho uma tosse que me aborrece, e uma salivação de todos os momentos, que é o incômodo mais porco que Deus ou o demo trouxeram a êste mundo. Dizem que nada tenho nos pulmões: — mas se esta salivação continua, é o que basta para felicitar [sic] a um filho de Deus.

Assim pois — até breve. Estou ardendo em desejos de te dar um abraço — de te ver e me ver no nosso Pixanuçu — e leve o demo paixões. Só isso me porá bom.

Se não recebeste o atlas do Mingote, já cá está outro comprado e no fundo da mala para te levar. Foi o que achei de melhor.

Lembranças a minha boa Comadre. Dize-lhe que agora tem ela que me aturar, ainda que não seja por muito tempo. Estas moléstias decidem-se depressa; mas conto restabelecer-me que ainda me restam uns bicos de obra.

Por assim dizer, vou lá buscar o Mingote.

E Inesota? e Lolô? Lembranças a todos e um abraço do

Teu do Coração

Gonçalves Dias

Paris, 24 de agôsto 64

Não parto amanhã para Lisboa, como tencionava, por que com a morte do Odorico, quero ver o que fazem dos seus manuscritos.

I.H.G.B.

289

Amigo A. Henriques

Persuadido de que uma longa viagem por mar, me há de ser dalgum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre.

Dizem-me que há um navio a sair no dia 10 do corrente. Se há, vou nêle. Em princípios de outubro devo lá estar, se não ficar no mar.

O nosso Secretário em Lisboa — Costa Mota te há de remeter umas malas com roupa minha e uns caixotes com livros e retratos de alguns pais da Patria.

Irá também a ti ou a tua ordem uma letra de 2 contos e tantos. Manda-a receber e guarda-me isso. No caso de alguma catástrofe, *quod absit*, o dinheiro é para o Teófilo, que já sabe o destino que lhe há de dar. Os Retratos ficam para a Biblioteca. Os Ms. (*cópias*) manda-os para o Instituto.

Tenho, não sei por quê, boas esperanças, que a viagem me fará bem: mas quando mesmo me dê mal e muito mal, ainda assim é mais que provável que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.

Adeus. Lembranças ao Teófilo, Rêgo, Pedro e mil saudades do

Teu do Coração

Gonçalves Dias

Paris, 6 de setembro de 64.

O Imperador mandou uns 3.000 fr. ao Odorico para ajudá-lo na sua impressão. O pobre Odorico nem mesmo teve conhecimento disso!

A Irmã parte em outubro para o Brasil, levando os manuscritos. A Impressão provavelmente se fará no Maranhão. Conversaremos a êsse respeito.

I.H.G.B.

290

[Destinatário desconhecido]

[Fragmento não datado]

....

Vi a Ristori em três papéis — *Judith, Medéia, Maria Stuart.*

Três mulheres, três maravilhas, três revelações, qual mais esplêndida.

Que lágrimas, que doçuras, que encantos naquela voz.

E o gesto, e a expressão do rosto? Não se descreve, nem se pinta, sente-se e admira-se!

Saí louco do teatro; são passadas muitas horas, muitos dias, e ainda não posso dizer o que sinto e o que senti.

G. Dias

Cópia

291

Amigo Antônio Henriques [sem data]

Ia tratar de mim, no Maranhão; mas o diabo me não dá licença para isso. Partirei talvez para Europa e sem dinheiro.

Vê que saldo tenho em teu poder, e remete-o por êste mesmo paquete para o nosso amigo Segundino.

Diz ao Luís Lopes que se tiver alguma ordem para mim — de Segundino, Norberto etc. — que as recambie também quanto antes para donde tenham vindo.

Se te chegarem caixas com livros e papéis para mim, podes abri-las; mas guarda-as como ouro. Creio que será preciso procuração para as receberes da Alfândega. Junto acharás uma.

Não te posso escrever mais.

Adeus. Lembranças aos teus. Até à vista do sempre

Teu do Coração

Glz. Dias

Muitas saudades ao Pedro a teu pai família etc.

P.S. vai um lata para ti — contendo objetos para todo mundo — que encontrarás na Agência em casa do Santos (não tem bilhete). Ainda o eterno Tancredo. Se descobrires um exemplar dêle, remete ao José de Vasconcelos no Recife, a fim de que êle com todo o cuidado o dirija para França a me ser entregue pelo seu correspondente de Paris.

I.H.G.B.

292 *

Amigo A. Henriques

Guarda-me lá essa papelada, que eu te mandarei logo os apontamentos do que me lembrar a respeito.

Na confusão em que se acham meus papéis, tenho receio de não saber onde param, quando dêles precisar.

Recado do

Teu do Coração

Glz. Dias

I.H.G.B.

293 *

Amigo Antonio Henriques

Achei aqui um inferno! Procuram indispor-me com pessoas que estimo, arrastar para a lama o meu nome, e no meio de tudo isto reflito na minha vida e na reputação que de antes tive e me tenho esforçado por conservar.

Como! eu perco meu pai, quando apenas contava treze anos. Acho-me aos quatorze, uma criança, sem ter quem olhe por mim, mas também sem dever satisfações a ninguém, só, sem meios nem recursos, quase a mendigar, e tenho a imensa fortuna de sair dessa posição socorrido pelos meus primeiros e bons amigos que datam dêsse tempo, mas que eu não conhecera dantes, Teófilo, Serra, Lapa, Rêgo, Pedro, Morais, Virgílio, Jacobina, maranhenses e aquêles três últimos fluminenses que então estudavam em Coimbra e alguns outros que são hoje dos primeiros homens em Portugal.

Aos vinte e um anos volto ao Brasil, sem fortuna e sem proteção: percorro em 1851 as províncias do norte, e deixo por tôdas elas simpatias!

Chego em 1846 ao Rio com 200$000 réis no bôlso, vivi sempre de cabeça erguida, não cometi nunca uma indignidade, não tinha de que me envergonhar diante dos homens e tenho a dita de grangear outros amigos, Segundino, Macedo, Pôrto Alegre, Capanema e todos os membros dessa boa família de Lopes e Gomensoro, e na Europa deixo Odorico, Sampaio, Mota, Drumond, Ferdinand Denis, A. Herculano, Martius, e na Comissão Científica, Gabaglia, Freire Alemão, Coutinho, e no Ceará, Ratisbona, Pompeu e Juvenal.

Vou aqui, ou antes ia, como tu tiveste ocasião de ver, aos bailes mascarados de cara descoberta para que todos me conhecessem, e no meio das folias do carnaval, nessa turba multa de um baile público, ninguém tinha senão lisonjas para me dizer.

(*) Não datadas.

E êsse homem, isto é, eu, vivi dos quatorze aos trinta e oito anos de idade, sem manha, sem torpeza, sem que tivesse que fazer reparo na minha vida! E na idade em que nos outros se acalma o fogo da juventude, quando o bom senso começa a predominar sôbre o ímpeto e cegueira das paixões, é então que eu, transtornando o curso normal da natureza, me havia de tornar mau, péssimo, indigno e debochado! Isso é estupendo! E merece bem a pena que se tome nota!

E como todos êsses amigos, e sabes que não barateio o apelido, cismei venturas, e a mim só me coube desenganos! Imagina para o fim de meus dias um modo de viver...

Já que me falta tudo, foi Deus servido dar-me amigos bem sinceros, amigos para quando dêles preciso, que êsses são os verdadeiros. E enquanto me restar um só que seja, não me queixarei da sorte!

E todos êsses amigos, dizia eu, homens de bem, como os que o são, ciosos de sua reputação e de seu nome, não me repelem, não me abandonam quando me torno indígno dêles!!

Para consolar-me de tantas injustiças, muitas vêzes digo comigo mesmo que se pudesse haver alguma verdade no que se espalha, a conclusão seria que fui bom em outro tempo e que deixei agora de o ser!

Esta atmosfera do Rio pesa-me, sufoca-me, e estou vendo a hora e o momento em que estalo de dor! e só peço a Deus que isso aconteça bem cedo!

E apesar de tudo, sem que eu comunicasse a minha chegada, sem dizer onde morava, fui procurado e visitado. Um Marechal, Conselheiros, Ministros, Senadores, Deputados e muitos, quase todos os que entre nós figuram na tribuna, na imprensa e nas letras, — procuraram-me no hotel de S. Paulo. Da Paraíba, de Nova Friburgo, do Maranhão, do Ceará, tem-se-me escrito instando comigo para que eu aceite a hospitalidade que êles de bom grado me oferecem para o meu tratamento e convalescença. A imprensa festeja-me não como a um amante que volta, mas acaricia-me como se acaricia um amigo que sofre.

Nas ruas, quando eu passeio arrastando-me enfêrmo e desanimado, sinto o calor vivificante de olhos compadecidos que me acompanham. Essa mocidade inteligente e benévola do Rio, que me aprecia muito além do que valho, parece compreender, vendo-me, que há em mim o quer que seja que me alquebra o corpo, depois de me ter acabrunhado o espírito. S.M. mesmo, com uma bondade, de que me não esquecerei nunca, recomendou a um amigo meu que me meta em um carro e me leve para fora do Rio.

Chego a pensar com amargura que eu já vivi muito e vejo com satisfação que já é tempo de morrer!

Sei que a minha moléstia é grave, e nunca me tratei. Precisava descanso e alegava necessidade de trabalho! Precisava sobretudo sair do Rio e procurar em outra parte algum alívio, e deixo-me ficar aqui até hoje! Podia medicar-me, trabalhando, e tão longe estou disso que o meu médico desconfiou já que eu tomasse cousas que me fizessem mal! Não; não preciso disso. Eu bem sei que tenho dentro em mim melhor veneno do que as drogas que se vendem nas boticas!

Outro médico deu-me um mês apenas para me ter de pé, e no fim de mês e meio admira-se que eu seja tão forte, porque ainda não estou de cama!

Seu do Coração

G. Dias

B.N.

Cópia

294 *

Minha boa amiga [Paulina Pôrto Alegre]

Esta é mais para lhe escrever em papel bonito de Carlsbad, do que para lhe falar do que mais lhe interessa.

Não tenho falado a seu Pai a tal respeito, ou para melhor dizer, tem-me faltado a coragem para isso. Êle apenas deu princípio ao seu tratamento, mas acha-se tão tranquilo, tão sossegado, numa paz de espírito tão bem-aventurada, que me pareceria impiedade arrancá-lo dêsse bem estar, que vale por meia saúde.

Por outro lado, V. está certa que ninguém deseja mais, ninguém toma mais a peito a sua felicidade do que êle. Quando os negócios do *Pretendente* se arranjarem será então ocasião de lhe manifestar os seus sentimentos: então, ponha tudo em pratos limpos, e está-me parecendo que tudo se há de arranjar sem grande dificuldade. Mas antes disso para que perturbar o seu descanso, se a cousa não é possível, se V. mesma não o deve querer.

Dê tempo ao tempo, e creia em Deus que o que tiver de ser, há de acontecer por fôrça. Contudo V. tem bastantes desgostos para que eu lhos não queira aumentar, repetindo-lhe cousas que, pôsto que razoáveis, ou por isso mesmo que são razoáveis não servem de consolação alguma.

Passemos pois a outro assunto. Como está? e D. Carlota? e a minha apaixonada do passarinho verde? E o sobredito cujo?

Quase que me arrependo de lhe fazer tôdas estas perguntas, porque seu pai está sempre presente quando o correio me vem trazer cartas. Se êle reconhece a sua letra no sobrescrito de alguma, temos todo o caldo entornado.

(*) Não datada.

Isto por aqui é de uma insipidez atroz: desejarei que Franzensbad lhe proporcione mais distrações.

Adeus — muitas e muitas saudades a D. Carlota, e aceite as do

S. am° m^to^ obr°

Gonçalves Dias

B. N.

295 *

Amigo Pavano

A Lucy escreveu à família, dizendo-lhe que tinha recebido o dinheiro que V. mandou que lhe remetesse.

Anteontem lhe remeti pelas Messageries os 200 fr. que V. me escreveu que lhe mandasse. Se elas se portarem como costumam, V. os terá já recebido, ou os receberá conjuntamente com esta.

Nesse mesmo dia (8) recebi a Farmácia que me mandaram do Hotel Camões, mas sem chave, — se lha mandaram, ou o que fizeram dela, não sei. Como era impossível remeter-lha sem ser acondicionada, mandei fazer a caixa em que ela vai, onde V. achará alguns dos seus livros — e tudo quanto é folheto pertence a meu sogro, a quem lhe peço o favor de os mandar entregar, em chegando ao Rio. — Antes de pôr esta no Correio vou passar pelas Messageries para saber em quantos dias lhe poderá chegar isso às mãos, a fim de que não haja algum transtôrno.

Quanto ao negócio dos 2$ francos, está feito. V. entenda-se no Rio com o seu sôgro acêrca do pagamento, e mande-me dizer o que quer que faça dessa quantia.

Continuo.

Dizem-me nas Messageries que a sua caixa poderá partir hoje, e lhe chegará às mãos depois de amanhã, — com tudo isso depende ainda de que ma venham buscar.

Adeus. Saudades do

Seu am°

G. Dias

B. N.

11 maio.

(*) Sem data e sem indicação de local.

ÍNDICE